



Kate
MORTON

*A Casa das
Lembranças
Perdidas*

ROCCOBOOKS



KATE MORTON

*A Casa das
Lembranças
Perdidas*

Tradução de Léa Viveiros de Castro

ROCCO

*Para Davin,
que segura a minha mão na montanha-russa*

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

PARTE 1

Despertando fantasmas
A sala de visitas
O quarto das crianças
Esperando pelo recital
Todas as coisas boas
Saffron High Street
No oeste
Até a vista

PARTE 2

O dia 12 de julho
A queda de Ícaro
A fotografia
Banqueiros
O jantar
Um marido conveniente
O baile e depois

PARTE 3

Caçando borboletas
Entrando no buraco do coelho
Nas profundezas
Ressurreição
A escolha

PARTE 4

A história de Hannah

O começo do fim

Riverton revisitada

Escorregando para fora do tempo

O fim

A fita

A carta de Hannah

Agradecimentos

Nota da autora

Créditos

Sobre a autora

PARTE 1

Despertando fantasmas

Em novembro eu tive um pesadelo.

Era 1924 e eu estava outra vez em Riverton. Todas as portas escancaradas, seda ondeando na brisa do verão. Havia uma orquestra no alto da colina, sob o velho bordo, violinos tocando preguiçosamente no calor. Risos e cristais ressoavam no ar, e o céu tinha aquele tom de azul que todos pensávamos que a guerra destruíra para sempre. Um dos lacaios, elegante em preto e branco, despejava champanhe sobre uma torre de taças e todo o mundo aplaudia, deliciando-se com aquele esplêndido desperdício.

Eu vi a mim mesma, do jeito que acontece em sonhos, movendo-me no meio dos convidados. Movendo-me lentamente, muito mais lentamente do que é possível na vida real, os outros um borrão de seda e lantejoulas.

Eu procurava alguém.

Então a cena mudou e eu estava perto da casa de verão, só que não era a casa de verão de Riverton – não podia ser. Não era aquele bela construção nova que Teddy tinha projetado e, sim, uma estrutura velha, com hera subindo pelas paredes, entrando pelas janelas, estrangulando as colunas. Alguém estava me chamando. Uma mulher, uma voz que eu reconheci, vindo de trás da casa, da beira do lago. Eu descii pela encosta, roçando a mão nos bambus mais altos. Havia uma figura agachada na margem.

Era Hannah, com seu vestido de noiva, sujo de lama na frente, a lama grudada nas rosas aplicadas. Ela olhou para mim, o rosto pálido onde emergia da sombra. A voz dela congelou o meu sangue.

– Você chegou tarde demais. – Ela apontou para as minhas mãos. – Você chegou tarde demais.

Eu olhei para as minhas mãos, mãos jovens, cobertas da lama escura do rio, e, nelas, o corpo frio e rígido de um perdigueiro morto.

Eu sei o que provocou isso, é claro. Foi a carta da cineasta. Eu não recebo muitas cartas hoje em dia: um ou outro cartão-postal de um amigo fiel, em férias; uma carta formal do banco onde tenho uma poupança; um convite para o batizado de uma criança, cujos pais, fico chocada ao perceber, não são mais crianças.

A carta de Ursula tinha chegado numa terça-feira de manhã em meados de novembro, e Sylvia a trouxera quando veio fazer minha cama. Ela erguera as sobrancelhas pintadas e sacudira o envelope.

– Chegou uma carta. Pelo selo, parece ser dos Estados Unidos. Seu neto, talvez? – A sobrancelha esquerda arqueada, um ponto de interrogação, e a voz um sussurro rouco. – Uma coisa terrível, aquela. Simplesmente terrível. Um rapaz tão simpático como ele.

Enquanto Sylvia sacudia a cabeça, eu lhe agradei pela carta. Eu gosto de Sylvia. É uma das poucas pessoas capazes de enxergar além das rugas no meu rosto e ver a jovem de vinte anos que mora lá dentro. Mesmo assim, eu me recusei a ser arrastada a uma conversa sobre Marcus.

Pedi que abrisse as cortinas, e ela franziu os lábios um momento antes de passar para outro de seus temas favoritos: o tempo, a possibilidade de haver neve no Natal, a calamidade que isto seria para os residentes que sofriam de artrite. Eu respondia adequadamente, mas minha mente estava no envelope no meu colo, admirando a caligrafia elaborada, os selos estrangeiros, as margens macias que falavam de longas viagens.

– Olha, por que a senhora não me deixa ler isso – Sylvia disse, dando uma última e esperançosa sacudidela no travesseiro – para não cansar seus olhos?

– Não. Obrigada. Mas você pode me passar meus óculos?

Depois que ela saiu, prometendo voltar para me ajudar a me vestir depois de terminar sua ronda, eu tirei a carta do envelope, com as mãos tremendo, como sempre, imaginando se ele finalmente estaria voltando para casa.

Mas a carta não era de Marcus. Era de uma jovem que estava fazendo um filme sobre o passado. Ela queria que eu visse suas locações, para lembrar coisas e lugares de antigamente. Como se eu não tivesse passado uma vida inteira fingindo esquecer.

Eu ignorei aquela carta. Dobrei-a cuidadosa e silenciosamente, enfiei-a dentro de um livro que havia muito desistira de ler. E então expeli o ar. Não era a primeira vez que me lembravam o que tinha acontecido em Riverton, com Robbie e as irmãs Hartford. Uma vez eu vi o final de um documentário na televisão, alguma coisa a que Ruth estava assistindo sobre poetas do tempo da guerra. Quando o rosto de Robbie apareceu na tela, seu nome impresso embaixo numa letra despretensiosa, eu fiquei arrepiada. Mas nada aconteceu. Ruth não se mexeu, o narrador prosseguiu, e eu continuei secando a louça.

Em outra ocasião, ao ler os jornais, meu olhar foi atraído por um nome familiar, escrito numa chamada no guia de televisão; um programa comemorando setenta anos de filmes ingleses. Eu anotei o horário, com o coração agitado, imaginando se teria coragem de assistir. No fim, caí no sono antes de o programa terminar. Havia muito pouco sobre Emmeline. Umas poucas fotos de publicidade, nenhuma delas retratava sua verdadeira beleza, e um clipe de um dos seus filmes mudos, *The Venus Affair*, em que sua aparência era estranha: faces encovadas; movimentos desconjuntados como uma marionete. Não havia referência aos outros filmes, os que fizeram tanto furor. Suponho que não valham uma menção nestes tempos de promiscuidade e permissividade.

Embora eu já houvesse sido confrontada com estas lembranças, a carta de Ursula foi diferente. Era a primeira vez em mais de setenta anos que alguém *me* associava aos acontecimentos, que alguém tinha lembrado que uma jovem mulher chamada Grace Reeves estivera em Riverton naquele verão. Isto fez com que, de certa forma, eu me sentisse vulnerável, destacada. Culpada.

Não. Eu estava decidida. Aquela carta não seria respondida.

E não foi.

Mas começou a acontecer uma coisa estranha. Lembranças, há muito guardadas nas profundezas escuras da minha mente, começaram a sair pelas fendas. Imagens surgiam intactas, perfeitas, como se nesse meio-tempo não houvesse transcorrido uma vida inteira, depois das primeiras gotas de chuva, o dilúvio. Conversas inteiras, palavra por palavra, nuance por nuance; cenas completas como em um filme.

Eu surpreendi a mim mesma. Embora as traças tenham feito buracos nas minhas lembranças recentes, descubro que o passado distante está nítido e claro. Eles aparecem com frequência ultimamente, aqueles fantasmas do passado, e fico surpresa ao ver que não me importo muito com eles. Não tanto quanto pensei que me importaria. Na realidade, os espectros dos quais passei a vida inteira fugindo tornaram-se quase um consolo, algo que recebo com prazer, que aguardo com ansiedade, como um dos seriados que Sylvia está sempre comentando, correndo com o trabalho para poder assistir no salão. Acho que eu tinha esquecido que havia lembranças luminosas no meio das trevas.

Quando a segunda carta chegou na semana passada, com a mesma letra rabiscada no mesmo papel macio, eu soube que ia dizer sim, que aceitaria ir examinar as locações. Eu estava curiosa, uma sensação que não experimentava havia muito tempo. Não há muita coisa que desperte a curiosidade quando se tem noventa e oito anos, mas eu queria conhecer essa Ursula Ryan, que está planejando trazer todos eles de volta à vida, que é tão apaixonada pela história deles.

Então eu escrevi para ela, mandei Sylvia pôr a carta no correio e marcamos um encontro.

A sala de visitas

Meu cabelo, sempre claro, está agora branco e muito, muito comprido. Também está ralo, e parece que fica mais ralo a cada dia. Ele é minha única vaidade – Deus sabe que não tenho muito com o que me envaidecer. Não tenho mais. Ele está comigo há muito tempo – desde 1989, este corte de cabelo. Tenho muita sorte de Sylvia gostar de escová-lo para mim, com muita delicadeza; de trançá-lo, entra dia, sai dia. Isto está acima e além do seu rol de tarefas, e eu me sinto muito grata. Preciso lembrar-me de dizer isso a ela.

Perdi a oportunidade esta manhã, eu estava excitada demais. Quando Sylvia trouxe o meu suco, mal consegui tomá-lo. Os cabos de energia nervosa que tinham me insuflado a semana inteira deram um nó. Ela me ajudou a vestir um vestido novo cor de pêssego – o que Ruth me deu de presente de Natal – e trocou meus chinelos pelo par de sapatos de sair que normalmente fica esquecido no meu guarda-roupa. O couro estava duro e Sylvia teve que empurrá-los para entrar, mas este é o preço da respeitabilidade. Estou velha demais para aprender costumes novos, e não consigo aprovar a tendência dos mais jovens de usar chinelos para sair.

Um pouco de maquiagem deu vida ao meu rosto, mas eu tive o cuidado de não deixar que Sylvia exagerasse. Tenho medo de parecer um manequim de agente funerário. Não é preciso muito ruge para passar do ponto: o resto de mim é tão pálido, tão pequeno.

Com algum esforço, eu pendurei o medalhão de ouro no pescoço, sua elegância do século XIX incompatível com minhas roupas casuais. Eu o ajeitei, espantada com minha ousadia, imaginando o que Ruth diria quando visse.

Olhei para baixo. O pequeno porta-retrato na minha penteadeira. Um retrato do dia do meu casamento. Eu não me importaria se ele não estivesse ali – o casamento foi há tanto tempo e durou tão pouco, pobre John –, mas é minha concessão a Ruth. Ela fica feliz em pensar, eu acho, que eu sofro por ele.

Sylvia me ajudou a ir até a sala de visitas – ainda me irrita chamá-la assim – onde estavam servindo o café da manhã e onde eu ia esperar por Ruth, que tinha concordado (contrariando sua opinião, ela disse) em me levar de carro até os Estúdios Shepperton. Pedi a Sylvia que me deixasse sozinha numa mesa de canto e pegasse um copo de suco para mim, e então reli a carta de Ursula.

Ruth chegou às oito e meia em ponto. Ela pode ter achado que esta excursão não era aconselhável, mas ela é, e sempre foi, irremediavelmente pontual. Já ouvi dizer que crianças que nascem em tempos de estresse nunca perdem o ar de tristeza, e Ruth, uma filha da Segunda Guerra, confirma esta regra. Tão diferente de Sylvia, apenas quinze anos mais moça, que anda de um lado para outro com suas saias justas, ri alto demais e muda a cor do cabelo cada vez que muda de namorado.

Esta manhã, Ruth atravessou a sala, bem-vestida, imaculadamente penteada, porém mais dura que um poste.

– Bom-dia, mamãe – ela disse, roçando os lábios frios no meu rosto. – Já terminou de tomar café? – Ela olhou para o copo quase vazio na minha frente. – Espero que você tenha comido mais do que isso. É provável que tenhamos de enfrentar o tráfego da manhã no caminho e não vamos ter tempo de parar para nada. – Ela consultou o relógio. – Você precisa ir ao banheiro?

Eu sacudi a cabeça, imaginando quando me teria tornado a filha.

– Você está usando o medalhão de papai; faz anos que não o vejo. – Ela estendeu a mão para endireitá-lo, balançando a cabeça em sinal de aprovação. – Ele tinha um olho para joias, não tinha?

Eu concordei, tocada pela forma como pequenas inverdades contadas às crianças são tão implicitamente aceitas. Senti uma onda de afeição por aquela filha irritadiça, reprimi rapidamente a velha culpa materna que sempre vem à tona quando olho para o seu rosto ansioso.

Ela pegou o meu braço, colocou-o sobre o seu e pôs a bengala na minha outra mão. Outros preferem andadores ou até mesmo aquelas cadeiras motorizadas, mas eu ainda me arranjo muito bem com minha bengala, e sou uma criatura de hábitos arraigados que não vê motivo algum para mudar.

Ela é uma boa menina, a minha Ruth – firme e confiável. Tinha se vestido formalmente hoje, como se fosse visitar o advogado ou o médico. Eu sabia que faria isso. Ela queria causar uma boa impressão; mostrar a essa cineasta que não importa o que a mãe tivesse feito no passado, Ruth Bradley McCourt pertencia à respeitável classe média, muito obrigada.

Viajamos em silêncio por algum tempo, então Ruth começou a sintonizar o rádio. Seus dedos eram de velha, com as juntas inchadas por onde forçara seus anéis a entrar naquela manhã. É surpreendente ver uma filha envelhecer. Então eu olhei para as minhas mãos, cruzadas no colo. Mãos tão ocupadas no passado, realizando tarefas tanto servis quanto complexas; mãos que agora estavam ali, cinzentas, flácidas e inertes. Ruth finalmente parou num programa de música clássica. O locutor falou por algum tempo, de modo um tanto insensato, sobre o seu fim de semana, e então começou a tocar Chopin. Uma coincidência, é claro, que logo hoje eu fosse ouvir a valsa em dó sustenido menor.

Ruth estacionou na frente de diversos prédios brancos, enormes, quadrados como hangares de avião. Desligou o motor e ficou ali sentada por um momento, olhando para a frente.

– Não sei por que você tem de fazer isto – ela disse baixinho, com os lábios comprimidos. – Você fez tanta coisa na vida. Viajou,

estudou, criou uma filha... Por que quer que a façam se lembrar do que você foi?

Ela não esperava uma resposta, e eu não respondi nada. Suspirou, saltou do carro e tirou minha bengala da mala. Sem uma palavra, ela me ajudou a descer.

Uma jovem esperava por nós. Um fiapo de garota de cabelos muito louros e compridos até as costas, com uma franja grossa na testa. Era o tipo de moça que se teria rotulado de feia se não fosse por aqueles maravilhosos olhos escuros. Eles pertenciam a um quadro a óleo, redondos, profundos e expressivos, da cor de tinta fresca.

Ela correu para nós, sorrindo, e tirou minha mão do braço de Ruth.

– Sra. Bradley, estou tão feliz por a senhora ter podido vir. Eu sou Ursula.

– Grace – eu disse, antes que Ruth pudesse insistir em “doutora”.
– Meu nome é Grace.

– Grace. – Ursula sorriu radiante. – A senhora não imagina como fiquei excitada ao receber sua carta. – O sotaque dela era inglês, uma surpresa depois do endereço americano na carta. Ela se virou para Ruth. – Muito obrigada por servir de motorista hoje.

Senti o corpo de Ruth retesar-se do meu lado.

– Eu não podia simplesmente colocar a mamãe num ônibus, não é?

Ursula riu e eu fiquei feliz pelo fato de os jovens serem tão rápidos em interpretar antipatia como ironia.

– Bem, vamos entrar, está congelando aqui fora. Desculpe a pressa. Nós começamos a gravar na semana que vem e estamos atolados tentando aprontar tudo. Eu queria que a senhora conhecesse a nossa designer, mas ela teve de ir a Londres pegar uns tecidos. Talvez se ainda estiver aqui quando ela voltar... Entre com cuidado, tem um degrau aí na porta.

Ela e Ruth entraram num saguão e atravessaram um corredor escuro ladeado de portas. Algumas estavam abertas e eu espiei para dentro, avistando sombras diante de telas brilhantes de computador. Nada disso se parecia com nenhum outro set de filmagem em que eu estivera com Emmeline, tantos anos atrás.

– Aqui estamos – Ursula disse quando chegamos à última porta.
– Entrem, eu vou pedir um chá para nós. – Ela abriu a porta e eu entrei no meu passado.

Era a sala de visitas de Riverton. Até o papel de parede era o mesmo. Silver Studios' art nouveau cor de vinho, “Tulipas flamejantes”, tão novo quanto no dia em que os instaladores tinham vindo de Londres. Um sofá de couro estava pousado no centro, ao lado da lareira, coberto de sedas indianas como as que Hannah e o avô de Emmeline, Lord Ashbury, tinham trazido do estrangeiro quando ele era um jovem oficial. O relógio de navio estava onde sempre esteve, sobre a prateleira da lareira ao lado dos candelabros Waterford. Alguém tivera muito trabalho para acertá-lo, mas ele se revelava um impostor a cada tique-taque. Mesmo agora, oitenta anos depois, eu me lembro do som do relógio da sala de visitas. O modo insistente e calmo com que ele marcava a passagem do tempo: paciente, exato, frio – como se de alguma forma ele soubesse, mesmo então, que o tempo não era amigo daqueles que viviam naquela casa.

Ruth me acompanhou até o sofá e me ajeitou no canto dele. Percebi uma grande movimentação atrás de mim, pessoas arrastando luzes enormes com pernas como de insetos, alguém, em algum lugar, rindo.

Pensei na última vez em que eu tinha estado na sala de visitas – na verdadeira, não nesta fachada –, no dia em que soube que ia deixar Riverton e nunca mais voltar.

Foi para Teddy que eu contei. Ele não ficou satisfeito, mas nessa época já tinha perdido a autoridade que tivera antes, os

acontecimentos o tinham feito perdê-la. Tinha a palidez um tanto perplexa de um capitão que sabia que seu navio estava afundando, mas que era incapaz de salvá-lo. Ele me pediu para ficar, me implorou, por lealdade a Hannah, ele disse, se não a ele. E eu quase fiquei. Quase.

Ruth me cutucou.

– Mamãe? Ursula está falando com você.

– Desculpe, eu não ouvi.

– Mamãe está um pouco surda – disse Ruth. – É natural na idade dela. Tentei levá-la para fazer um exame, mas ela é muito teimosa.

Teimosa, eu sou. Mas não estou surda e não gosto que as pessoas achem que estou – enxergo mal sem óculos, canso-me facilmente, não tenho mais dente algum meu e sobrevivo graças a um coquetel de pílulas, mas escuto tão bem quanto antes. Só que, com a idade, aprendi a só prestar atenção nas coisas que quero ouvir.

– Eu estava dizendo, Sra. Bradley, Grace, que deve ser estranho estar de volta. Bem, estar de volta de certa forma. Isso deve reavivar muitas lembranças, não é?

– Sim. – Pigarreei. – É verdade.

– Estou tão contente – Ursula disse, sorrindo. – Tomo isto como um sinal de que acertamos.

– Ah, sim.

– Tem alguma coisa aqui que pareça fora do lugar? Alguma coisa que tenhamos esquecido?

Tornei a examinar o cenário. Meticuloso em cada detalhe, até no conjunto de brasões montado perto da porta, o do meio um cardo escocês que combinava com a gravação no meu medalhão.

Mesmo assim, estava faltando alguma coisa. Apesar da precisão, o cenário estava estranhamente desprovido de atmosfera. Era como uma peça de museu: interessante, mas sem vida.

Era compreensível, claro. Embora os anos 1920 estejam bem vivos em minha memória, essa década é, para os cenógrafos, “os

tempos antigos”. Um cenário histórico cuja réplica exige tanta pesquisa e atenção a detalhes quanto o pátio de um castelo medieval.

Eu podia sentir Ursula olhando para mim, aguardando ansiosamente o meu pronunciamento.

– Está perfeito – eu disse, finalmente. – Está tudo em seu lugar.

Então ela disse algo que me surpreendeu:

– Exceto pela família.

– Sim – eu disse. – Exceto pela família. – Pisquei os olhos e por um momento pude vê-los: Emmeline estirada no sofá, só pernas e cílios, Hannah de testa franzida sobre um dos livros da biblioteca, Teddy andando de um lado para outro sobre o tapete persa...

– Emmeline parece ter sido muito divertida – disse Ursula.

– Foi, sim.

– Ela foi fácil de pesquisar. Consegui achar seu nome em quase todas as colunas de fofoca que já foram publicadas. Sem falar nas cartas e diários de metade dos melhores partidos da época!

Eu concordei.

– Ela sempre foi popular.

Ela olhou para mim por baixo da franja.

– Entender a personalidade de Hannah não foi tão fácil.

Eu pigarreei.

– Não?

– Ela era mais misteriosa. Não que não fosse mencionada nos jornais: ela era. Também tinha a sua cota de admiradores. Parece, no entanto, que pouca gente a conhecia realmente. Eles a admiravam, até mesmo reverenciavam, mas não a *conheciam* de verdade.

Eu pensei em Hannah. Linda, inteligente, nostálgica Hannah.

– Ela era complexa.

– Sim, foi essa a impressão que tive.

Ruth, que estava ouvindo, disse:

– Uma delas se casou com um americano, não foi?

Eu olhei para ela, espantada. Ela sempre fizera questão de *não* saber nada sobre os Hartford.

Ela percebeu o meu olhar.

– Andei lendo um pouco.

Como era típico de Ruth, preparara-se para a nossa visita, por mais desagradável que este assunto fosse para ela.

Ruth desviou novamente sua atenção para Ursula e falou cautelosamente, com medo de errar.

– Ela se casou depois da guerra, eu acho. Qual delas foi?

– Hannah. – Pronto. Eu tinha conseguido. Tinha pronunciado o nome dela em voz alta.

– E quanto à outra irmã? – Ruth continuou. – Emmeline. Ela chegou a se casar?

– Não – respondi. – Ela esteve noiva.

– Um bocado de vezes – afirmou Ursula, sorrindo. – Parece que ela não conseguia se fixar em um homem só.

Ah, mas ela conseguiu. No fim, ela conseguiu.

– Acho que nunca vamos saber exatamente o que aconteceu naquela noite – comentou Ursula.

– Não. – Meus pés cansados começavam a protestar contra o couro dos meus sapatos. Eles ficariam inchados esta noite, e Sylvia iria reclamar, e depois insistir em colocá-los de molho. – Acho que não.

Ruth se endireitou na cadeira.

– Mas sem dúvida *você* deve saber o que aconteceu, Srta. Ryan. Afinal de contas, *você* está fazendo um filme sobre isso.

– Claro – disse Ursula –, eu sei o básico. Minha bisavó estava em Riverton naquela noite; tinha laços de parentesco com as irmãs pelo casamento, e isso se tornou uma espécie de lenda familiar. Minha bisavó contou para vovó, que contou para mamãe, e mamãe contou para mim. Diversas vezes, aliás: o caso causou uma impressão enorme. Sempre soube que um dia eu o transformaria num filme. – Ela sorriu, sacudiu os ombros. – Mas sempre há

lacunas na história, não é? Eu tenho pastas e mais pastas de pesquisa, os relatórios policiais e os jornais estão cheios de fatos, mas é tudo de segunda mão. Altamente censurado, eu acho. Infelizmente, as duas pessoas que testemunharam o suicídio morreram há muitos anos.

– Tenho que dizer que o assunto é um tanto mórbido para um filme – comentou Ruth.

– Ah, não; é fascinante – retrucou Ursula. – Um astro em ascensão da poesia inglesa se mata na beira de um lago escuro na noite de uma grande festa. As únicas testemunhas são duas lindas irmãs que nunca mais falam uma com a outra. Uma era sua noiva, a outra dizem que era sua amante. É incrivelmente romântico.

O nó no meu estômago afrouxou um pouco. Então o segredo deles ainda está a salvo. Ela não conhece a verdade. Não sei por que eu tinha imaginado outra coisa. E me perguntei que lealdade era essa que fazia com que eu me importasse com isso. Por que, depois de tantos anos, eu ainda me importava com o que as pessoas pudessem pensar?

Mas eu sabia por quê. Eu tinha nascido ali. O Sr. Hamilton tinha me dito no dia em que parti, enquanto ficava ali parada no último degrau da entrada de serviço, minha mala de couro arrumada com meus poucos pertences, a Sra. Townsend chorando na cozinha. Ele tinha dito que estava no meu sangue, como tinha estado no de minha mãe e no dos seus pais antes dela, que eu era uma tola em partir, em jogar fora um bom emprego com uma boa família. Ele tinha condenado a falta de lealdade e de orgulho que se generalizara na nação inglesa, e tinha jurado que não permitiria que isto se infiltrasse em Riverton. A guerra não tinha sido enfrentada e vencida só para perdermos nosso modo de ser.

Eu sentira pena dele: tão rígido, tão certo de que ao largar o emprego eu estava entrando num caminho de desgraça financeira e moral. Foi só bem mais tarde que eu comecei a entender o quanto ele devia estar amedrontado, como as rápidas mudanças sociais lhe

devem ter parecido impiedosas, rodopiando em torno dele, mordendo seus calcanhares, e quão desesperadamente ele queria se agarrar aos velhos hábitos e certezas.

Mas ele estava certo. Não inteiramente, não a respeito da desgraça – nem minhas finanças nem minha moral ficaram arruinadas por eu ter deixado Riverton –, mas uma parte minha nunca saiu daquela casa. Ou melhor, uma parte daquela casa nunca me deixou. Durante muitos anos, o cheiro da cera Stubbins & Co., o barulho de pneus no cascalho, um certo tipo de campainha me faziam ter catorze anos de novo, cansada depois de um dia de trabalho, tomando chocolate quente perto do fogo na sala dos empregados, enquanto o Sr. Hamilton lia trechos escolhidos do *The Times* (aqueles que pareciam apropriados aos nossos ouvidos impressionáveis), Nancy franzia a testa ao ouvir algum comentário irreverente de Alfred, e a Sra. Townsend roncava baixinho na cadeira de balanço, com o tricô caído no seu colo avantajado...

– Aqui estamos – disse Ursula. – Obrigada, Tony.

Um rapaz surgira ao meu lado, carregando uma bandeja com canecas avulsas e um velho pote de geleia cheio de açúcar. Pousou a bandeja na mesinha lateral e Ursula começou a distribuir as canecas. Ruth me passou uma.

– Mamãe, o que foi? – Ela pegou um lenço e alcançou meu rosto.
– Você não está se sentindo bem?

Senti que meu rosto estava molhado.

Foi o cheiro do chá que fez isso. E o fato de estar ali, naquela sala, sentada naquele sofá. O peso das lembranças distantes. De segredos guardados há tanto tempo. O choque entre passado e presente.

– Grace? Quer que eu pegue alguma coisa para você? – Esta foi Ursula. – Quer que eu diminua a calefação?

– Vou ter que levá-la para casa. – Ruth de novo. – Eu sabia que não era uma boa ideia. Isto é demais para ela.

Sim, eu queria ir para casa. Estar em casa. Alguém me puxou para cima, enfiou a bengala na minha mão. Vozes rodopiavam em volta de mim.

– Sinto muito – eu disse, para ninguém em especial. – Só estou cansada. – Tão cansada. Tanto tempo.

Meus pés estavam doendo: protestando contra aquele confinamento. Alguém – Ursula, talvez – estendeu a mão para eu me firmar. Um vento frio bateu no meu rosto molhado.

Então eu estava no carro de Ruth, com árvores, casas e placas passando.

– Não se preocupe, mamãe, já acabou. A culpa é minha. Eu nunca devia ter concordado em trazer você.

Eu pus a mão no braço dela, senti que estava tensa.

– Eu devia ter confiado nos meus instintos – ela disse. – Foi burrice minha.

Eu fechei os olhos. Fiquei ouvindo o zumbido do radiador, o pulsar dos limpadores de para-brisa, o barulho do tráfego.

– Isso mesmo, descanse um pouco – Ruth disse. – Você está indo para casa. Nunca mais você vai ter que voltar.

Eu sorri, me senti indo embora.

É tarde demais, eu estou em casa. Estou de volta.

O quarto das crianças

A manhã está agradável, já anunciando a primavera, e eu estou sentada no banco de ferro do jardim, debaixo do olmo. Faz bem para mim tomar um pouco de ar fresco (é o que diz Sylvia), então estou aqui sentada, brincando de esconder com o tímido raio de sol, as bochechas frias e murchas como um par de pêssegos que ficou tempo demais na geladeira.

Tenho pensado no dia em que comecei a trabalhar em Riverton. Posso vê-lo claramente. Os anos intermediários fecham-se como uma sanfona e estamos em junho de 1914. Eu tenho catorze anos outra vez: tímida, desajeitada, apavorada, subindo lance após lance de degraus de madeira encerada atrás de Nancy. As saias dela assobiam eficientemente a cada passo, cada *assobio* uma acusação da minha inexperiência. Eu vou me esforçando atrás, com a alça da mala me ferindo os dedos. Perco Nancy de vista quando ela vira para subir mais um lance, confio no assobio para me mostrar o caminho...

Quando Nancy chegou lá no alto, ela prosseguiu por um corredor escuro, de teto baixo, parando finalmente, com um estalo decidido de calcanhares, diante de uma pequena porta. Ela se virou e franziu a testa enquanto eu mancava em sua direção, seu olhar tão negro quanto seus cabelos.

– O que há com você? – perguntou, sem conseguir disfarçar seu sotaque irlandês. – Eu não sabia que era tão lenta. Tenho certeza de que a Sra. Townsend nunca mencionou isso.

– Eu não sou lenta. É a minha mala. Está pesada.

– Bem. Nunca vi tanta confusão. Não sei que tipo de arrumadeira vai ser se não consegue carregar uma mala de roupas sem se arrastar. É melhor para você que o Sr. Hamilton não a veja arrastando o aspirador de pó como se fosse um saco de farinha.

Ela abriu a porta. O quarto era pequeno e modesto, e cheirava, estranhamente, a batata. Mas metade dele – uma cama de ferro, uma cômoda e uma cadeira – ia ser meu.

– Pronto. Aquele é o seu lado – ela disse, indicando o lado do outro lado da cama. – Eu estou deste lado, e agradeceria se você não tocasse em nada. – Ela passou os dedos pelo tampo da sua cômoda, onde havia um crucifixo, uma Bíblia e uma escova de cabelo. – Dedos engordurados não são permitidos aqui. Agora arrume suas coisas, vista o uniforme e desça para iniciar suas tarefas. Nada de perder tempo e, pelo amor de Deus, não saia da sala dos empregados. O almoço é ao meio-dia hoje porque os filhos do patrão vão chegar, e nós já estamos atrasadas com os quartos. A última coisa que eu quero é ficar procurando por você. Espero que não seja preguiçosa.

– Não, Nancy – eu disse, ainda ofendida com a ideia de que eu pudesse mexer nas coisas dela.

– Bem, vamos ver. – Ela sacudiu a cabeça. – Não sei. Eu digo que preciso de outra moça, e o que eles me mandam? Alguém sem experiência, sem referências e, ao que tudo indica, uma preguiçosa.

– Eu não sou...

– Shhh – ela disse, batendo com o pé no chão. – A Sra. Townsend diz que a sua mãe era rápida e competente, e que a maçã não cai muito longe da árvore. Tudo o que posso dizer é que é melhor que seja assim. A patroa não vai tolerar preguiça, nem eu. – E com um último e desaprovador meneio de cabeça, ela deu meia-volta e me deixou sozinha no quartinho escuro no alto da casa.

Assobio... assobio... assobio.

Eu escuto, prendendo a respiração.

Finalmente, sozinha com os gemidos da casa, eu vou na ponta dos pés até a porta e fecho-a, virando-me para examinar meu novo lar.

Não havia muito o que ver. Passei a mão pelo pé da cama, baixando a cabeça onde o teto inclinava-se seguindo o traçado do

telhado. Havia um cobertor cinzento dobrado em cima do colchão, com um dos cantos remendado por mãos habilidosas. Na parede, estava pendurada uma gravura pequena, o único sinal de decoração do quarto: uma cena primitiva de caçada, um veado empalado, com sangue escorrendo de um ferimento no flanco. Desviei rapidamente os olhos do animal moribundo.

Cuidadosa e silenciosamente, eu me sentei, com medo de amassar o lençol. As molas da cama rangeram e eu dei um pulo, assustada, com o rosto ruborizado.

Uma janela estreita lançava um raio de luz empoeirado no quarto. Fiquei de joelhos na cadeira e espiei para fora.

O quarto ficava nos fundos da casa e era muito alto. Eu podia ver além do roseiral, por sobre as treliças, até a fonte no lado sul. Mais adiante, eu sabia, estava o lago e, do outro lado, a aldeia e o chalé no qual eu tinha passado os meus primeiros catorze anos de vida. Imaginei mamãe, sentada ao lado da janela da cozinha, onde a luz era melhor, as costas curvadas sobre as roupas que estava cerzindo.

Imaginei como ela estaria se arranjando sozinha. Mamãe tinha piorado ultimamente. Eu a tinha ouvido gemer à noite, muitas vezes, de dor nas costas. Algumas manhãs, seus dedos estavam tão duros que precisava mergulhá-los em água quente e esfregá-los entre os meus para poder pegar um carretel de linha na caixa de costura. A Sra. Rodgers, que morava na aldeia, tinha combinado passar por lá diariamente, e o homem dos retalhos passava duas vezes por semana, mas, mesmo assim, ela ficaria um bocado de tempo sozinha. Era pouco provável que pudesse continuar cerzindo sem a minha ajuda. E como conseguiria ganhar dinheiro? Meu magro salário ia ajudar, mas não teria sido melhor se eu tivesse ficado lá com ela?

Entretanto, foi ela que insistiu que eu me candidatasse ao emprego. Recusara-se a ouvir meus argumentos contrários àquela ideia. Apenas sacudia a cabeça e dizia que sabia o que era melhor.

Ouvira dizer que eles estavam procurando uma moça, e tinha certeza de que eu seria a pessoa certa. Não disse como tinha ficado sabendo. Típico de mamãe e seus segredos.

– Não é longe – ela disse. – Você pode vir para casa e me ajudar nos seus dias de folga.

Meu rosto deve ter revelado minha aflição, porque ela estendeu a mão e o tocou. Um gesto incomum, que eu não estava esperando. A surpresa de suas mãos ásperas, as pontas dos dedos espetados de agulha, fez com que eu me encolhesse.

– Ora, ora, menina. Você sabia que alguma hora ia ter que arranjar um emprego. É para o seu bem: uma boa oportunidade. Você vai ver. Poucos lugares aceitam uma moça tão jovem. Lord Ashbury e Lady Violet não são más pessoas. E o Sr. Hamilton pode parecer severo, mas é apenas justo. A Sra. Townsend também. Se você trabalhar bastante e for obediente, não terá problemas. – Ela apertou com força a minha bochecha, com os dedos trêmulos. – E, Gracie... Não esqueça o seu lugar. Há muitas garotas que ficam encrocadas quando se esquecem disso.

Eu tinha prometido fazer o que ela disse, e no sábado seguinte subi a colina que ia dar no imponente solar, usando meu traje de domingo, para ser entrevistada por Lady Violet.

Ela me disse que aquela era uma casa tranquila, com pouca gente, só seu marido, Lord Ashbury, que estava sempre ocupado com a propriedade e seus clubes, e ela. Seus dois filhos, major Jonathan e Sr. Frederick, eram ambos adultos e moravam em suas casas, com suas famílias, embora às vezes fossem lá visitar, e eu com certeza iria conhecê-los se trabalhasse direito e permanecesse lá. Como só havia eles dois morando na casa, não precisavam de uma governanta, ela disse, e quem dirigia a casa era o Sr. Hamilton, ficando a cozinha a cargo da Sra. Townsend. Se os dois ficassem satisfeitos comigo, essa recomendação seria o bastante para eu permanecer no emprego.

Ela então parou e me olhou atentamente, de um jeito que fez com que eu me sentisse acuada, como um camundongo dentro de um jarro de vidro. Na mesma hora eu pensei na bainha do meu vestido, marcada pelas frequentes tentativas de adequar seu comprimento à minha altura, no pedacinho da minha meia que roçava no sapato e que estava ficando puído, no meu pescoço comprido e nas minhas orelhas grandes.

Então ela piscou e sorriu: um sorriso contido que transformou seus olhos em dois arcos gelados.

– Bem, você parece limpa, e o Sr. Hamilton me disse que sabe costurar. – Eu concordei com a cabeça e ela se levantou, foi até a escrivaninha, passando a mão de leve pelo alto da poltrona. – Como vai sua mãe? – ela perguntou, sem se virar. – Você sabia que ela também trabalhou aqui? – E eu disse que não sabia e que mamãe estava bem, obrigada por perguntar.

Eu devo ter dito a coisa certa, porque em seguida ela me ofereceu quinze libras por ano para começar no dia seguinte e tocou a sineta para Nancy me levar até a porta.

Eu me afastei da janela, limpei a marca que a minha respiração tinha deixado no vidro e desci da cadeira.

Minha mala estava onde eu a tinha deixado, próxima ao lado da cama que pertencia a Nancy, e a arrastei para perto da cômoda que ia ser minha. Tentei não olhar para o veado ensanguentado, congelado no seu último instante de terror, enquanto arrumava minhas roupas na primeira gaveta: duas saias, duas blusas e um par de meias pretas que mamãe tinha me mandado cerzir para que durassem até o fim do inverno. Então, com um olhar para a porta e o coração acelerado, eu tirei da mala meu tesouro secreto.

Havia três volumes ao todo. Livros de capa verde com letras douradas, já muito manuseados. Eu os guardei no fundo da última gaveta e os cobri com meu xale, tendo o cuidado de escondê-los completamente. O Sr. Hamilton tinha sido claro. A Bíblia Sagrada era aceitável, mas qualquer livro além desse devia ser ofensivo e

precisava ser submetido à sua aprovação, senão correria o risco de ser confiscado. Eu não era rebelde – na realidade, naquela época eu tinha um grande senso de dever –, mas viver sem Holmes e Watson era impensável.

Guardei a mala debaixo da cama.

Havia um uniforme pendurado no gancho atrás da porta – vestido preto, avental branco, touca franzida –, e eu o vesti, sentindo-me como uma criança que descobre o guarda-roupa da mãe. O vestido era áspero e a gola me arranhou o pescoço, moldada por longas horas de uso por alguém bem maior do que eu. Enquanto eu amarrava o avental, uma pequena traça branca voou à procura de um novo esconderijo nas vigas do teto, e eu tive vontade de me juntar a ela.

A touca era de algodão branco, engomada de modo que a abaficasse levantada na frente, e usei o espelho sobre a cômoda de Nancy para ver se estava direita e para alisar meu cabelo por cima das orelhas como mamãe tinha me ensinado. A moça no espelho olhou rapidamente para mim, e eu pensei no quanto o seu rosto era sério. Dá uma sensação estranha se olhar em repouso. Um momento de descuido, desprovido de artifício, quando a pessoa se esquece de enganar até a si mesma.

Sylvia me trouxe uma xícara fumegante de chá e uma fatia de bolo de limão. Ela se senta ao meu lado no banco de ferro e, dando uma olhada na direção do escritório, tira do bolso um maço de cigarros. (É incrível como a minha aparente necessidade de ar fresco parece coincidir com sua necessidade de fazer uma pausa para fumar um cigarro.) Ela me oferece um. Eu recuso, como sempre faço, e ela diz, como sempre:

– Na sua idade, talvez seja mesmo melhor. Eu fumo o seu para você, tudo bem?

Sylvia está bonita hoje – ela fez alguma coisa diferente com o cabelo –, e eu lhe digo isso. Ela assente com a cabeça, sopra um

anel de fumaça e vira a cabeça, mostrando um longo rabo de cavalo.

– Coloquei um aplique. Há tempos que eu queria fazer isso e então pensei, Garota, a vida é curta demais para você não ser glamourosa. Parece de verdade, não é?

Eu demoro a responder, então ela toma isso como concordância.

– É porque é mesmo. Cabelo de verdade, do tipo que usam em celebridades. Pegue só aqui.

– Puxa – digo, passando a mão no rabo de cavalo –, cabelo de verdade.

– Hoje em dia eles conseguem fazer qualquer coisa. – Ela balança o cigarro e eu noto o anel roxo que seus lábios deixaram na ponta. – É claro que você tem que pagar por isso. Por sorte, eu tinha um dinheiro guardado para qualquer necessidade.

Ela sorri, brilhando como uma ameixa madura, e eu compreendo o motivo desta reinvenção. Tiro e queda, um retrato se materializa do bolso da sua blusa.

– Anthony – ela diz, com um sorriso radiante.

Faço questão de colocar os óculos e examinar a imagem de um homem de meia-idade, com um bigode grisalho.

– Ele parece simpático.

– Ah, Grace – ela diz com um suspiro de felicidade. – Ele é mesmo. Saímos só algumas vezes para lancha, mas estou com uma expectativa boa em relação a este. Ele é um verdadeiro cavalheiro, sabe? Não é como alguns dos outros vagabundos que vieram antes dele. Ele abre portas, me traz flores, puxa a cadeira para eu sentar quando saímos juntos. Um verdadeiro cavalheiro de antigamente.

A última frase, eu percebo, foi em minha homenagem. Uma suposição de que os velhos não conseguem deixar de ficar impressionados pelo que é antigo.

– O que ele faz?

– É professor da escola municipal. História e inglês. Ele é muito inteligente. Preocupado com a comunidade também; faz trabalho voluntário para a sociedade histórica local. Ele diz que é um hobby, todas aquelas damas e cavalheiros e duques e duquesas. Ele sabe uma porção de coisas sobre aquela família, aquela que morava na casa imponente no alto da colina. – Ela para e olha na direção do escritório, depois revira os olhos. – Céus! É a enfermeira Ratchet. Eu devia estar servindo o chá. Sem dúvida Bertie Sinclair tornou a reclamar. Na minha opinião, ele estaria fazendo um favor a si mesmo se passasse sem um biscoito de vez em quando. – Ela apaga o cigarro e enfia a guimba na caixa de fósforo. – Bom, os maus não têm descanso. Quer que eu pegue alguma coisa para você antes de servir os outros, benzinho? Você mal tocou no seu chá.

Eu afirmo que estou bem e ela atravessa rapidamente o gramado, com os quadris e o rabo de cavalo balançando em harmonia.

É bom ter quem cuide de você, quem lhe sirva o chá. Eu gosto de pensar que fiz por merecer este pequeno luxo. Deus sabe quantas vezes eu servi chá para os outros. Às vezes eu me divirto imaginando como Sylvia teria se dado trabalhando em Riverton. Ela não tem a deferência silenciosa e obediente da empregada doméstica. Ela é muito franca; não foi intimidada com constantes declarações acerca do seu “lugar”, com instruções bem-intencionadas para baixar suas expectativas. Não, Nancy não teria tido em Sylvia uma aluna tão obediente quanto eu.

Eu sei que esta não é uma comparação justa. As pessoas mudaram muito. O século nos deixou machucados e esgotados. Até os jovens e privilegiados usam, hoje em dia, o seu cinismo como um distintivo, os olhos vazios e as mentes cheias de coisas que eles nunca quiseram saber.

Esta é uma das razões pelas quais eu nunca falei dos Hartford e de Robbie Hunter e do que aconteceu entre eles. Houve ocasiões

em que pensei em contar tudo, para me livrar do peso. Para Ruth. Ou mais provavelmente para Marcus. Mas eu sabia, antes mesmo de começar minha história, que não conseguiria fazê-los entender. Por que terminou daquele jeito. Fazê-los ver o quanto o mundo mudou.

É claro que os sinais do progresso já tinham nos alcançado naquela época. A Primeira Guerra – a Grande Guerra – mudou tudo, de cima a baixo. Como ficamos chocados quando a criadagem nova começou a entrar (e sair, geralmente) depois da guerra, cheia de ideias típicas das agências sobre salário mínimo e folgas. Antes disso, o mundo parecera, de certa forma, completo, as distinções simples e intrínsecas.

Na primeira manhã que passei em Riverton, o Sr. Hamilton me chamou até a copa, no fundo da sala dos empregados, onde estava curvado passando a ferro o *The Times*. Ele ergueu o corpo e ajeitou os óculos finos e redondos no nariz comprido e adunco. A minha apresentação aos “costumes” era tão importante que a Sra. Townsend tinha tirado uma rara folga da cozinha, onde preparava a galantina do almoço, para assistir. O Sr. Hamilton examinou meu uniforme meticulosamente e então, parecendo satisfeito, começou sua aula sobre as diferenças entre nós e eles.

– Nunca se esqueça – ele disse com uma voz séria – de que você tem muita sorte em ser convidada a servir numa casa importante como esta. E com a sorte vem a responsabilidade. A sua conduta se reflete diretamente na família, e você tem que fazer justiça a ela: guardar seus segredos e merecer sua confiança. Lembre-se de que o patrão tem sempre razão. Considere a ele, e sua família, como um exemplo. Sirva-os silenciosamente... atenciosamente... com gratidão. Você vai saber que fez um bom serviço quando ele não for notado, que você teve sucesso quando você não for notada. – Ele então ergueu os olhos e examinou o espaço acima da minha cabeça, com o rosto vermelho de emoção.

– E mais uma coisa, Grace, nunca se esqueça da honra que eles estão lhe concedendo, permitindo que você trabalhe na casa deles.

Eu posso apenas imaginar o que Sylvia teria dito ao ouvir isso. Com certeza ela não teria recebido o sermão como eu recebi, não teria contraído o rosto de gratidão, nem sentido aquela sensação vaga, indefinível, de ter subido um degrau no mundo.

Eu me ajeito no assento e noto que ela esqueceu o retrato: este novo homem que a corteja com assuntos históricos e que tem como hobby a aristocracia. Eu conheço esse tipo de homem. Eles são daqueles que fazem álbuns de recortes de jornal e fotografias, que desenham complicadas árvores genealógicas de famílias com as quais não têm relação alguma.

Eu pareço arrogante, mas não sou. Interessa-me – intriga-me até – o modo como o tempo apaga as vidas reais, deixando apenas impressões vagas. O sangue e o espírito desaparecem, e só nomes e datas permanecem.

Torno a fechar os olhos. O sol mudou de lugar e agora meu rosto está quente.

As pessoas de Riverton já morreram há muito tempo. Enquanto a idade me fez murchar, elas permanecem eternamente jovens, eternamente belas.

Chega. Estou ficando romântica e sentimental. Pois eles não são nem jovens nem belos. Estão mortos. Enterrados. Não são nada. São meros fragmentos que esvoaçam pela memória daqueles que os conheceram.

Mas é claro que aqueles que estão vivos na lembrança de alguém nunca estão realmente mortos.

A primeira vez que vi Hannah, Emmeline e seu irmão David, eles estavam discutindo os efeitos da lepra no rosto humano. Já estavam em Riverton havia uma semana – para sua visita anual de verão –, mas até então eu só tinha ouvido algumas risadas, sons de pés correndo no meio dos ossos artríticos da velha casa.

Nancy insistira que eu era inexperiente demais para lidar com gente de sociedade – por mais jovens que fossem – e só tinha me passado tarefas que me deixavam bem longe das visitas. Enquanto os outros empregados preparavam a casa para a chegada dos hóspedes adultos, em quinze dias, eu fiquei encarregada do quarto das crianças.

Estritamente falando, elas eram velhas demais para precisar de um quarto de crianças, Nancy disse, mas era uma tradição, e assim o grande quarto do segundo andar, no final da ala leste, precisava ser arejado e limpo, e as flores deviam ser substituídas diariamente.

Eu posso descrever o quarto, mas temo que nenhuma descrição consiga capturar o estranho apelo que ele exercia sobre mim. O cômodo era grande, retangular e triste, e tinha a palidez do abandono. Dava a impressão de deserção, de um feitiço de contos de fada. Ele dormia o sono de cem anos da maldição. O ar era pesado e frio; e, na casa de bonecas ao lado da lareira, a mesa de jantar estava posta para uma festa cujos convidados jamais chegariam.

As paredes eram cobertas por um papel que um dia pode ter sido azul de listras brancas, mas que o tempo e a umidade tinham deixado cinzento, manchado e descascado. Cenas desbotadas de Hans Christian Andersen estavam penduradas numa das paredes; o corajoso soldadinho de chumbo no alto da fogueira, a linda moça de sapatinhos vermelhos, a pequena sereia chorando por seu passado perdido. Ele cheirava a mofo, a fantasmas de crianças e a poeira antiga. Vagamente vivo.

Havia uma lareira cheia de fuligem e uma poltrona de couro num canto, enormes janelas em arco na parede próxima. Se eu subisse no assento de madeira escura da janela e olhasse para baixo através da pesada vidraça, poderia avistar um pátio onde dois leões de bronze montavam guarda, vigiando o cemitério que ficava no vale abaixo.

Um cavalo de balanço já bem gasto ficava ao lado da janela: cinzento, com bondosos olhos pretos que pareciam gratos pela esfregada que lhe dei. E ao lado dele, em silenciosa comunhão, estava Raverley. O perdigueiro preto e marrom tinha sido de Lord Ashbury quando ele era menino; ele tinha morrido depois de prender a perna numa armadilha. O embalsamador fizera uma boa tentativa de remendar o estrago, mas nenhum forro podia esconder o que havia por baixo. Eu passei a cobrir Raverley enquanto trabalhava. Com um pano de pó estendido sobre ele, eu quase conseguia fingir que ele não estava lá, olhando para mim com seus olhos vidrados, a ferida aberta sob o retalho.

Apesar de tudo isso – de Raverley, do cheiro de decadência, do papel descascado –, o quarto das crianças tornou-se o meu aposento favorito. Dia após dia, como tinha sido previsto, eu o encontrava vazio, as crianças ocupadas em outro lugar da propriedade. Passei a cumprir minhas tarefas regulares mais depressa para ter uns poucos minutos de folga, sozinha. Longe das constantes correções de Nancy, do ar de reprovação do Sr. Hamilton, da camaradagem rude dos outros empregados, que me faziam sentir que eu ainda tinha muito que aprender. Eu parei de prender a respiração, comecei a ter certeza da solidão. A achar que aquele quarto era meu.

E havia os livros, tantos livros, mais do que eu jamais havia visto em um mesmo lugar ao mesmo tempo: aventuras, histórias, contos de fadas, reunidos em enormes estantes de cada lado da lareira. Uma vez eu ousei apanhar um, escolhido apenas por ter uma lombada especialmente bonita. Passei a mão pela capa empoeirada, abri e li o nome cuidadosamente impresso: TIMOTHY HARTFORD. Então virei as páginas, respirei poeira e mofo e fui transportada para outro tempo e lugar.

Eu tinha aprendido a ler na escola da aldeia, e a minha professora, Srta. Ruby, imagino que satisfeita por encontrar uma aluna tão interessada, começara a me emprestar livros da sua

própria coleção: *Jane Eyre*, *Frankenstein*, *O castelo de Otranto*. Quando eu os devolvia, nós conversávamos sobre nossos trechos favoritos. Foi a Srta. Ruby quem sugeriu que eu poderia tornar-me professora. Mamãe não ficou muito satisfeita quando contei a ela. Ela disse que a Srta. Ruby podia enfiar ideias de grandeza na minha cabeça, mas que ideias não punham comida na mesa. Pouco tempo depois, ela me despachou para Riverton, para Nancy e o Sr. Hamilton, e para o quarto das crianças...

E por algum tempo o quarto das crianças foi o *meu* quarto, os livros foram os *meus* livros.

Certo dia, porém, uma névoa caiu e começou a chover. Eu andava depressa pelo corredor pensando em dar uma olhada numa enciclopédia ilustrada para crianças que tinha descoberto na véspera, quando parei de repente. Havia vozes lá dentro.

Eu disse a mim mesma que era o vento, carregando as vozes de outro lugar qualquer da casa. Uma ilusão. Mas quando abri a porta e espiei para dentro: choque. Havia gente lá. Pessoas jovens que se encaixavam perfeitamente naquele quarto encantado.

E, naquele instante, sem aviso nem cerimônia, ele deixou de ser meu. Eu fiquei parada, paralisada pela indecisão, sem saber se devia continuar com minhas obrigações ou voltar mais tarde. Tornei a espiar, intimidada com as risadas deles. Com suas vozes claras e confiantes. Com seus cabelos brilhantes e laços de fita ainda mais brilhantes.

Foram as flores que me fizeram decidir. Elas estavam murchando no vaso sobre a lareira. Pétalas haviam caído durante a noite e agora estavam ali jogadas, censurando-me. Eu não podia me arriscar a deixar que Nancy as visse; ela fora muito clara em relação às minhas obrigações. Tinha se certificado de que eu entendera que, se não obedecesse aos meus superiores, minha mãe ficaria sabendo.

Lembrando-me das instruções do Sr. Hamilton, eu apertei o espanador e a vassoura de encontro ao peito e fui na ponta dos pés

até a lareira, tentando ficar invisível. Eu não precisava ter me preocupado. Eles estavam acostumados a dividir a casa com um exército de pessoas invisíveis. Eles me ignoraram enquanto eu fingia ignorá-los.

Duas meninas e um menino: a mais moça com cerca de dez anos, o mais velho com menos de dezessete. Todos três tinham o colorido típico dos Ashbury – cabelos dourados e olhos azuis como safiras –, o legado da mãe de Lord Ashbury, uma dinamarquesa que (assim informou Nancy) tinha se casado por amor e sido deserdada, seu dote tinha sido retirado. (Mas foi ela quem riu por último, disse Nancy, quando o irmão do marido morreu e ela se tornou Lady Ashbury do Império Britânico.)

A menina mais alta estava no centro do quarto, segurando um punhado de papéis enquanto descrevia detalhadamente a lepra. A mais moça estava sentada no chão, de pernas cruzadas, observando a irmã com os olhos azuis arregalados, o braço passado distraidamente pelo pescoço de Raverley. Fiquei surpresa, e um tanto horrorizada, ao ver que ele tinha sido arrastado do seu canto e que desfrutava um raro momento de inclusão. O menino estava ajoelhado no assento da janela, olhando através da neblina na direção do cemitério.

– E aí você se vira para contemplar a plateia, Emmeline, e seu rosto está coberto de lepra – a menina mais alta disse alegremente.

– Não vejo por que eu tenho que ser a leprosa – disse Emmeline.

– Pergunte a Deus – disse Hannah. – Foi ele que escreveu isto.

– Mas por que eu tenho que representar o papel de Miriam? Não posso representar outro?

– Não há outros papéis – respondeu Hannah. – David tem que ser Aaron, porque ele é o mais alto, e eu vou representar Deus.

– Eu não posso ser Deus?

– É claro que não. Eu achei que você queria o papel principal.

– Eu queria – disse Emmeline. – Eu quero.

– E então. Deus nem mesmo aparece em cena – disse Hannah.
– Eu tenho que recitar minhas falas de trás de uma cortina.

– Eu podia representar Moisés – sugeriu Emmeline. – Raverley pode ser Miriam.

– Você não vai representar Moisés – retrucou Hannah. – Nós precisamos de uma Miriam de verdade. Ela é muito mais importante do que Moisés. Ele só tem uma fala. Por isso é que Raverley está entrando na peça. Eu posso dizer a fala dele de trás da cortina, posso até cortar Moisés completamente.

– Então talvez a gente possa fazer outra cena – Emmeline disse, esperançosa. – Uma com Maria e o menino Jesus?

Hannah fez um muxoxo de desprezo.

Eles estavam ensaiando uma peça. Alfred, o lacaio, tinha me dito que ia haver um recital da família no fim de semana do feriado bancário. Era uma tradição: alguns membros da família cantavam, outros recitavam poesia, as crianças sempre representavam uma cena do livro favorito da avó.

– Nós escolhemos esta cena porque ela é importante – disse Hannah.

– Você escolheu a cena porque ela é importante – disse Emmeline.

– Exatamente – disse Hannah. – É sobre um pai que tem dois conjuntos de regras: um para os filhos e outro para as filhas.

– Isso me parece perfeitamente razoável – disse David ironicamente.

Hannah ignorou-o.

– Tanto Miriam quanto Aaron são culpados da mesma coisa: de falar sobre o casamento do irmão...

– O que eles estavam dizendo? – perguntou Emmeline.

– Isso não é importante, eles estavam apenas...

– Eles estavam dizendo coisas ruins?

– Não, e esse não é o problema. O importante é que Deus decidiu que Miriam devia ser punida com a lepra, enquanto Aaron

recebe apenas uma repreensão. Isso parece justo para você, Emme?

– Moisés não se casou com uma mulher africana? – Emmeline perguntou.

Hannah sacudiu a cabeça, exasperada. Eu notei que ela fazia muito isso. Uma energia feroz animava seus movimentos, levava-a facilmente à frustração. Emmeline, ao contrário, tinha a postura estudada de uma boneca de carne e osso. Suas feições, parecidas quando consideradas separadamente – narizes perfeitos, intensos olhos azuis, duas belas bocas – se manifestavam de forma única no rosto de cada menina. Enquanto Hannah parecia uma fada rainha – apaixonada, misteriosa, poderosa –, a beleza de Emmeline era mais acessível. Embora ainda fosse uma criança, havia algo no modo como seus lábios se entreabriam em repouso que me fez lembrar uma fotografia glamourosa que eu tinha visto uma vez, quando ela caiu do bolso de um caixeiro-viajante.

– Bem? Ele casou, não casou? – Emmeline insistiu.

– Sim, Emme – David disse, rindo. – Moisés casou-se com uma etíope. Hannah só está frustrada porque não compartilhamos sua paixão pelo voto feminino.

– Hannah! Ele não está falando sério, está? Você não é uma defensora do voto feminino, é?

– É claro que sou – Hannah disse. – E você também.

Emmeline baixou a voz.

– Papai sabe disso? Ele vai ficar muito zangado.

– Ora – disse Hannah. – Papai é um gatinho.

– Um leão, eu acho – disse Emmeline, com os lábios tremendo. – Por favor, não o deixe zangado, Hannah.

– Eu não me preocuparia com isso, Emme – disse David. – O voto está na moda entre as mulheres da sociedade.

Emmeline pareceu na dúvida.

– Fanny nunca disse nada.

– Toda moça que seja alguém vai usar um terno a rigor no seu debut este ano – disse David.

Emmeline arregalou os olhos.

Eu fiquei escutando perto da estante, imaginando o que significaria tudo aquilo. Eu não sabia ao certo o que era voto, mas tinha uma vaga ideia de que poderia ser uma espécie de doença, do tipo que a Sra. Nammersmith, que morava na aldeia, tinha apanhado quando tirou o corpete no desfile de Páscoa e seu marido teve que levá-la para o hospital em Londres.

– Você é um implicante – Hannah disse. – Só porque papai é injusto e não permite que eu e Emmeline frequentemos a escola, não significa que você pode aproveitar qualquer oportunidade para tentar nos fazer parecer ignorantes.

– Eu não preciso tentar – David disse, sentando-se na caixa de brinquedos e afastando dos olhos uma mecha de cabelo. Eu preendi a respiração: ele era tão louro e bonito quanto suas irmãs. – De qualquer maneira, vocês não estão perdendo muita coisa. A escola é superestimada.

– Ah, é? – Hannah ergueu uma sobrancelha, desconfiada. – Geralmente você fica feliz em me dizer exatamente o que eu estou perdendo. Por que essa mudança súbita de opinião? – Ela arregalou os olhos. Duas luas de um azul quase transparente. Havia excitação em sua voz. – Não me diga que você fez alguma coisa horrível e foi expulso?

– É claro que não – David disse depressa. – Eu só acho que há mais coisa para se fazer na vida além de estudar. Meu amigo Hunter diz que a própria vida é a melhor escola...

– Hunter?

– Ele só foi para Eton neste semestre. O pai dele é uma espécie de cientista. Aparentemente ele descobriu algo que provou ser muito importante, e o rei fez dele um marquês. Ele é meio louco. Robert também, se você acreditar nos outros rapazes, mas eu o acho demais.

– Bem – Hannah disse –, esse seu maluco Robert Hunter tem sorte de poder se dar ao luxo de desprezar sua educação, mas como eu vou me tornar uma autora dramática respeitada se papai insiste em me conservar ignorante? – Hannah suspirou de frustração. – Eu queria ser um menino.

– Eu odiaria ir para a escola – Emmeline disse. – E odiaria ser um menino. Nada de vestidos, os chapéus mais sem graça, ter que conversar sobre esporte e política o dia inteiro.

– Eu adoraria conversar sobre política – disse Hannah. Ela falou com tanta veemência que alguns cachos se libertaram da prisão do seu penteado. – Eu começaria obrigando Herbert Asquith a permitir que as mulheres votassem. Até mesmo as mais jovens.

David sorriu.

– Você poderia ser a primeira autora dramática a se tornar primeira-ministra na Grã-Bretanha.

– Sim – disse Hannah.

– Eu achei que você ia ser arqueóloga – Emmeline disse. – Como Gertrude Bell.

– Política, arqueóloga. Eu podia ser as duas coisas. Nós estamos no século XX. – Ela fez uma careta. – Se ao menos papai me deixasse ter uma educação adequada.

– Você sabe o que papai diz sobre educação feminina – disse David. Emmeline cantarolou a frase tantas vezes repetida: “A ladeira escorregadia que vai dar no voto das mulheres.”

– Papai diz que a Srta. Prince está nos dando toda a educação de que precisamos – comentou Emmeline.

– É o que ele diria mesmo. Ele quer que ela nos transforme em esposas chatas de homens chatos, falando um francês passável, tocando um piano passável e perdendo educadamente no bridge. Vamos dar menos trabalho desse jeito.

– Papai diz que ninguém gosta de uma mulher que pensa demais – Emmeline disse.

David revirou os olhos.

– Como aquela canadense que o levava da mina de ouro para casa, falando o tempo todo de política. Ela prestou um desserviço a todo mundo.

– Eu não quero que todo mundo goste de mim – declarou Hannah, com uma expressão de rebeldia. – Eu cairia no meu próprio conceito se não houvesse alguém que não gostasse de mim.

– Então anime-se – David disse. – Eu sei de fonte limpa que *um monte* de amigos nossos não gostam de você.

Hannah franziu a testa, expressão que foi suavizada por um sorriso involuntário.

– Bem, eu não vou fazer nenhuma das lições nojentas dela, hoje. Estou cansada de recitar *A dama de Shalott* enquanto ela funga no lenço.

– Ela chora por seu amor perdido – disse Emmeline, com um suspiro.

Hannah revirou os olhos.

– É verdade! – Emmeline disse. – Eu ouvi vovó dizer a Lady Clem. Antes de vir morar conosco, a Srta. Prince estava noiva.

– Criou juízo, eu suponho – disse Hannah.

– Ele se casou com a irmã dela – revelou Emmeline.

Isto calou a boca de Hannah, mas só por um instante.

– Ela devia tê-lo processado por quebra de promessa.

– Foi isso que Lady Clem disse, e pior, mas vovó disse que a Srta. Prince não quis causar problemas para ele.

– Então ela é uma tola – sentenciou Hannah. – Ela está melhor sem ele.

– Como você é romântica – David disse ironicamente. – A pobre dama está perdidamente apaixonada por um homem que não pode ter e você se recusa a ler para ela um poema triste de vez em quando. Crueldade, seu nome é Hannah.

Hannah fincou o pé.

– Não sou cruel, sou prática. Romance vira a cabeça das pessoas, leva as pessoas a cometer tolices.

David estava sorrindo: o sorriso divertido de um irmão mais velho que acreditava que o tempo iria mudá-la.

– É verdade – Hannah disse, teimosamente. – A Srta. Prince devia parar de choramingar e começar a encher sua mente, assim como as nossas, de coisas interessantes. Como a construção das pirâmides, a cidade perdida de Atlantis, as aventuras dos vikings...

Emmeline bocejou e David ergueu as mãos num gesto de rendição.

– Mas nós estamos perdendo tempo – Hannah disse, tornando a pegar seus papéis. – Vamos prosseguir da parte em que Miriam fica leprosa.

– Nós já ensaiamos isso cem vezes – Emmeline disse. – Não podemos fazer outra coisa?

– Como o quê?

Emmeline sacudiu os ombros, indecisa.

– Não sei. – Ela olhou de Hannah para David. – Não podemos jogar O Jogo?

Não. Não foi O Jogo naquele dia. Foi simplesmente o jogo. Emmeline poderia estar se referindo a *conkers*, *jacks* ou bola de gude naquela manhã. Foi só algum tempo depois que O Jogo passou a ter letras maiúsculas na minha mente. Que eu passei a associá-lo com segredos, fantasias e aventuras inimagináveis. Naquela manhã úmida e sem graça, enquanto a chuva batia nas vidraças do quarto das crianças, mal prestei atenção nele.

Escondida atrás da poltrona, varrendo as pétalas murchas, eu fiquei imaginando como seria ter irmãos. Eu sempre quisera um. Tinha dito isso a mamãe uma vez, tinha perguntado se podia ter uma irmã. Alguém com quem fofocar e tramar, cochichar e sonhar. Mamãe tinha rido, mas não de um jeito alegre, e tinha dito que não costumava cometer o mesmo erro duas vezes.

Como deve ser, eu imaginei, fazer parte de alguma coisa, encarar o mundo como membro de uma tribo, com aliados naturais? Eu estava pensando nisso, tirando distraidamente o pó da poltrona,

quando algo se mexeu sob o meu espanador. Um cobertor balançou e uma voz feminina resmungou: O quê? O que está havendo? Hannah? David?

Ela era o retrato da velhice. Uma mulher muito velha, recostada nas almofadas, fora do alcance da vista. Esta, eu sabia, devia ser Babá Brown. Eu ouvira falar dela em tons baixos e respeitosos, tanto no andar de baixo quanto no de cima: ela cuidara do próprio Lord Ashbury quando ele era criança, e era uma instituição familiar, tanto quanto a casa.

Fiquei paralisada onde estava, com o espanador na mão, sob o olhar de três pares de olhos azuis.

A velha tornou a falar.

– Hannah? O que está havendo?

– Nada, Babá Brown – respondeu Hannah, encontrando a língua.
– Estamos só ensaiando para o recital. Vamos ficar mais quietos agora.

– Cuidado para o Raverley não ficar muito levado, preso aqui dentro – Babá Brown disse.

– Não, Babá Brown – Hannah disse, a voz revelando uma sensibilidade comparável ao seu ardor. – Nós vamos cuidar para ele ficar quietinho. – Ela se aproximou e tornou a cobrir a velhinha com o cobertor. – Pronto, Babá Brown, minha querida, pode descansar.

– Bem – Babá Brown disse, com uma voz sonolenta –, só um pouquinho. – Ela fechou os olhos e logo depois sua respiração ficou mais profunda e regular.

Eu preendi a respiração, esperando que uma das crianças dissesse alguma coisa. Elas ainda estavam olhando para mim, de olhos arregalados. Um momento passou lentamente, durante o qual eu me imaginei sendo arrastada até diante de Nancy, ou pior, do Sr. Hamilton; chamada a explicar como pude espanar a Babá Brown; o aborrecimento no rosto de mamãe quando eu voltasse para casa, despedida sem referências...

Mas eles não ralharam comigo nem me acusaram. Fizeram algo muito mais inesperado. Começaram a rir ao mesmo tempo, às gargalhadas, caindo uns por cima dos outros, como se fossem uma coisa só.

Eu fiquei parada, olhando e esperando, achando aquela reação mais inquietante do que o silêncio que a precedera. Não consegui controlar o tremor em meus lábios.

Finalmente, a menina mais velha conseguiu falar.

– Eu sou Hannah – ela disse, enxugando os olhos. – Nós nos conhecemos?

Eu soltei o ar, fiz uma reverência. Minha voz era um sopro.

– Não, milady. Eu sou Grace.

Emmeline riu.

– Ela não é sua dama. Ela é só senhorita.

Eu fiz outra reverência. Evitei seu olhar.

– Eu sou Grace, senhorita.

– Você parece familiar – comentou Hannah. – Tem certeza de que não estava aqui na Páscoa?

– Sim, senhorita. Eu acabei de entrar. Está fazendo um mês.

– Você não parece ter idade para ser uma criada – Emmeline disse.

– Eu tenho catorze anos, senhorita.

– Pronto – Hannah disse. – Eu também. E Emmeline tem dez e David é praticamente um ancião, ele tem dezesseis.

Então, David falou:

– E você sempre espana pessoas adormecidas, Grace? – Ao ouvir isso, Emmeline começou a rir de novo.

– Não. Não, senhor. Foi só desta vez.

– Que pena – David disse. – Seria muito conveniente nunca mais ter que tomar banho.

Eu estava chocada; com o rosto vermelho. Nunca tinha conhecido um cavalheiro de verdade antes. Não um da minha idade, não do tipo que fazia o meu coração bater de encontro ao peito com

aquela conversa de banho. Estranho. Eu sou uma velha agora, porém, quando penso em David, encontro os ecos daqueles sentimentos antigos. Então ainda não estou morta.

– Não ligue para ele – Hannah disse. – Ele se acha muito engraçado.

– Sim, senhorita.

Ela me olhou intrigada, como se fosse dizer mais alguma coisa. Mas antes que pudesse abrir a boca, passos rápidos e leves soaram no corredor. Estavam se aproximando. *Clipe, clipe, clipe, clipe...*

Emmeline correu para a porta e espiou pelo buraco da fechadura.

– É a Srta. Prince – ela disse, olhando para Hannah. – Está vindo para cá.

– Rápido! – Hannah disse num sussurro determinado. – Ou morram de Tennyson.

Com um tamborilar de passos e um rugir de saias, os três desapareceram. A porta abriu de supetão, deixando entrar uma lufada de ar frio e úmido. E apareceu uma figura empertigada.

Ela examinou o quarto, pousando finalmente o olhar em mim.

– Você – ela disse. – Você viu as crianças? Elas estão atrasadas para as lições. Fiquei esperando dez minutos na biblioteca.

Eu não era mentirosa, e não sei o que me fez fazer aquilo. Mas não pensei duas vezes ao ver a Srta. Prince olhando para mim por cima dos óculos.

– Não, Srta. Prince – respondi. – Já faz algum tempo que as vi.

– É mesmo?

– Sim, senhorita.

Ela me encarou.

– Eu estava certa de ter ouvido vozes aqui dentro.

– Só a minha, senhorita. Eu estava cantando.

– Cantando?

– Sim, senhorita.

O silêncio pareceu durar para sempre, interrompido apenas quando a Srta. Prince bateu três vezes com seu ponteiro na palma

da mão e entrou no quarto; ela começou a caminhar lentamente por toda a sua extensão. *Clipe... Clipe... Clipe... Clipe.*

Ela alcançou a casa de bonecas e eu percebi que a ponta da faixa da cintura de Emmeline estava aparecendo. Eu engoli em seco.

– Eu... Pensando bem, as vi mais cedo, senhorita. Pela janela. Na velha casa de barcos. Perto do lago.

– Perto do lago – a Srta. Prince repetiu. Ela havia chegado na janela e estava olhando para o nevoeiro, uma luz esbranquiçada iluminando o seu rosto pálido. – Onde salgueiros branqueiam, álamos tremulam, brisas entardecem e ondulam...

Eu não conhecia Tennyson naquela época, e fiquei imaginando apenas que ela fizera uma descrição bem bonita do lago.

– Sim, senhorita – confirmei.

Após alguns instantes, ela se virou.

– Vou mandar o jardineiro chamá-los. Como é o nome dele?

– Dudley, senhorita.

– Vou mandar Dudley chamá-los. Não devemos esquecer que a pontualidade é uma virtude sem igual.

– Não, senhorita – eu disse, fazendo uma reverência.

E ela se retirou friamente, fechando a porta do quarto.

As crianças surgiram como que por um passe de mágica de baixo de panos de pó, de dentro da casa de bonecas, de trás das cortinas.

Hannah sorriu para mim, mas eu não me demorei. Não conseguia entender o que tinha feito. Por que agira daquela forma. Eu estava confusa, envergonhada, alegre.

Fiz uma reverência e saí depressa, com o rosto ardendo enquanto atravessava o corredor, louca para me ver mais uma vez na segurança da sala dos empregados, longe daquelas estranhas e exóticas crianças adultas e dos sentimentos confusos que provocavam em mim.

Esperando pelo recital

Ouvi Nancy chamando meu nome quando desci correndo as escadas que iam dar na escura sala dos empregados. Parei no final da escada, deixando meus olhos se adaptarem à escuridão, depois fui depressa para a cozinha. Um caldeirão de cobre fervia no fogão enorme e o ar estava salgado com o suor do presunto cozido. Katie, a copeira, estava esfregando panelas na pia, contemplando a janela embaçada. A Sra. Townsend devia estar tirando o seu cochilo da tarde, antes que a patroa tocasse a sineta para pedir o chá. Encontrei Nancy na mesa da sala de jantar dos empregados, cercada de vasos, candelabros, travessas e copos.

– Aí está você, finalmente – ela disse, franzindo tanto a testa que seus olhos tornaram-se duas fendas escuras. – Eu estava começando a achar que ia ter que sair para procurá-la. – Ela indicou a cadeira em frente. – Bem, não fique aí parada, menina. Pegue um pano e venha me ajudar a limpar.

Eu me sentei e escolhi uma jarra de leite que não via a luz do dia desde o verão anterior. Esfreguei as manchas, mas minha mente continuava lá em cima, no quarto das crianças. Eu podia imaginá-las rindo juntas, brincando, implicando umas com as outras. Eu tinha a sensação de ter aberto a capa de um livro lindo, colorido, e de ter me perdido na magia da sua história, só para ser obrigada a largá-lo logo em seguida. Está vendo? Eu já tinha sido enfeitiçada pelas crianças Hartford.

– Cuidado – Nancy disse, arrancando o pano da minha mão. – Esta é a melhor prata de milorde. É melhor que o Sr. Hamilton não a veja arranhando-a desse jeito. – Ela ergueu o vaso que estava limpando e começou a esfregá-lo com movimentos circulares. – Preste atenção. Está vendo como eu faço? Com delicadeza? Sempre na mesma direção?

Assenti com a cabeça e comecei a limpar a jarra de novo. Eu tinha tantas perguntas acerca dos Hartford: perguntas que eu tinha certeza de que Nancy poderia responder. Mas relutava em perguntar. Eu sabia que ela possuía o poder, e suspeitava de que tivesse a inclinação, de me dar tarefas que me afastassem do quarto das crianças, caso achasse que eu estava tendo algum prazer além da satisfação do trabalho bem-feito.

Entretanto, da mesma forma que alguém que se apaixona atribui um sentido especial a objetos comuns, eu ansiava por qualquer informação relativa a eles. Pensei nos meus livros, guardados no esconderijo deles no sótão; o modo como Sherlock Holmes conseguia fazer as pessoas dizerem a última coisa que estavam esperando por meio de um interrogatório engenhoso. Eu respirei fundo.

– Nancy...?

– Humm?

– Como é o filho de Lord Ashbury?

Seus olhos escuros brilharam.

– Major Jonathan? Ah, ele é um ótimo...

– Não – eu disse –, não o major Jonathan. – Eu já sabia muito sobre o major Jonathan. Não se passava um dia em Riverton em que não se ouvisse falar no filho mais velho de Lord Ashbury, o mais recente numa longa linhagem de Hartford a frequentar Eton e depois Sandhurst. Seu retrato estava pendurado ao lado do retrato do pai (e de todos os pais que os antecederam) no alto da escadaria, vigiando o hall, lá embaixo: cabeças erguidas, medalhas cintilando, frios olhos azuis. Ele era o orgulho de Riverton, tanto no andar de cima quanto no andar de baixo. Um herói da Guerra dos Boers. O próximo Lord Ashbury.

Não. Eu me referia a Frederick, o “pai” de quem eles falavam no quarto das crianças, que parecia inspirar um misto de afeição e medo. O segundo filho de Lord Ashbury, cuja simples menção fazia

as amigas de Lady Violet sacudirem carinhosamente as cabeças e milorde resmungar dentro do cálice de *sherry*.

Nancy abriu a boca e tornou a fechar, como um peixe lançado na margem do lago por uma tempestade.

– Não me faça perguntas e eu não lhe direi mentiras – ela disse finalmente, erguendo o vaso contra a luz para examiná-lo.

Eu terminei de limpar a jarra e passei para uma travessa. Nancy era assim. Caprichosa ao jeito dela: às vezes incrivelmente franca, outras vezes absurdamente reservada.

Com toda a certeza, apenas pelo fato de o relógio na parede ter marcado a passagem de cinco minutos, ela cedeu.

– Suponho que você tenha ouvido um dos lacaios conversando, não é? Alfred, eu garanto. Os lacaios são uns fofoqueiros. – Ela começou a esfregar outro vaso. Olhou para mim, desconfiada. – Sua mãe nunca lhe falou sobre a família?

Eu sacudi negativamente a cabeça, e Nancy ergueu uma sobrancelha, incrédula, como se fosse quase impossível que as pessoas pudessem falar de outras coisas que não da família de Riverton.

De fato, mamãe fora sempre extremamente reservada acerca da casa. Quando eu era mais jovem e fazia perguntas, louca para ouvir histórias sobre a imponente casa da colina. Havia muitas histórias sobre ela na aldeia, e eu queria ter o que contar às outras crianças. Mas ela sacudia a cabeça e me dizia que a curiosidade matou o gato.

Finalmente, Nancy falou:

– O Sr. Frederick... por onde começar com o Sr. Frederick? – Ela voltou a limpar a prata e disse, com um suspiro: – Ele não é mau sujeito. Mas não se parece nada com o irmão, fique sabendo, não tem nada de herói, mas não é um mau sujeito. Para falar a verdade, quase todo mundo aqui embaixo tem uma queda por ele. Pelo que diz a Sra. Townsend, ele foi sempre um garoto malandro, cheio de

histórias e ideias esquisitas. Sempre muito gentil com os empregados.

– É verdade que ele trabalhou com mineração de ouro? – Aquela me parecia uma profissão excitante. De certa forma, parecia correto que as crianças Hartford tivessem um pai interessante. O meu tinha sido sempre uma decepção: uma figura sem rosto que desapareceu antes de eu nascer, reaparecendo apenas nas conversas exaltadas, em voz baixa, entre mamãe e sua irmã.

– Por algum tempo – respondeu Nancy. – Ele experimentou tantas coisas que eu já perdi a conta. Nunca se fixou em nada, o nosso Frederick. Nunca se apegou a ninguém. Primeiro, foi a plantação de chá no Ceilão, depois a mineração de ouro no Canadá. Então, ele decidiu que ia fazer fortuna publicando jornais. Agora são automóveis, que Deus o guarde.

– Ele vende automóveis?

– Ele os fabrica, ou as pessoas que trabalham para ele fazem isso. Ele comprou uma fábrica lá para os lados de Ipswich.

– Ipswich. É lá que ele mora? Ele e a família? – perguntei, desviando a conversa para as crianças.

Ela não mordeu a isca: estava concentrada em seus pensamentos.

– Se tiver sorte, desta vez ele vai conseguir. Deus sabe que milorde iria gostar de ter um retorno do seu investimento.

Eu não entendi o que ela estava dizendo, mas, antes que pudesse perguntar, ela continuou.

– Bem, você irá conhecê-lo logo. Ele chega na terça-feira, junto com o major e Lady Jemima. – Um raro sorriso, de aprovação mais do que de prazer. – A família sempre se reúne para o jantar do meio do verão.

– Mas, Nancy – eu disse; aquilo tinha me incomodado a semana inteira –, nós estamos em agosto. Não estamos no meio do verão.

Ela olhou para mim como se eu tivesse acabado de declarar que um ovo cozido não era quadrado.

– Ora, é claro que estamos em agosto. Você é retardada, menina? E o jantar do meio do verão vai ser comemorado no fim de semana do feriado bancário como sempre foi. É melhor para você que o Sr. Hamilton não ouça essas bobagens.

Eu sacudi depressa a cabeça.

– As comemorações são um pouco menores hoje em dia, já faz algum tempo que não dão um baile, mas ninguém da família sonharia em faltar ao jantar. É uma tradição, junto com as outras festas.

– Como o recital – eu disse, atrevidamente, evitando o seu olhar.

– Então alguém já cochichou para você a respeito do recital, não foi? – Nancy disse, erguendo a sobrancelha.

Eu ignorei o tom rabugento. Nancy não estava acostumada a participar de fofocas.

– Alfred disse que os empregados são convidados a assistir ao recital – eu disse.

– Lacaios! – Nancy sacudiu a cabeça. – Nunca preste atenção ao que diz um lacaio se você quiser saber a verdade, menina.

Convidados, francamente! Os empregados têm *permissão* para ver o recital, e isto é muita bondade da parte do patrão. Ele sabe o quanto a família significa para todos nós aqui embaixo, como nós gostamos de ver os jovens crescendo. – Ela dirigiu sua atenção momentaneamente para o vaso que estava limpando e eu preendi a respiração, esperando que ela continuasse. Após alguns segundos que pareceram séculos, ela continuou: – Este vai ser o quarto ano que eles representam uma cena teatral. Desde que a Srta. Hannah tinha dez anos e pôs na cabeça que queria ser diretora de teatro. – Nancy balançou a cabeça. – A Srta. Hannah é uma figura. Ela e o pai têm a mesma forma.

– Como assim? – perguntei.

Nancy fez uma pausa, refletindo.

– Os dois adoram viajar – ela disse finalmente. – Os dois são cheios de novidades e fantasias, cada um mais teimoso que o outro.

– Ela falou vagarosamente, acentuando cada descrição, como um alerta para mim de que estes traços, embora fossem idiossincrasias aceitáveis no andar de cima, não seriam tolerados em gente como eu.

Eu já tinha ouvido lições como esta, da minha mãe, a vida inteira. Assenti sabiamente enquanto ela prosseguia.

– Eles se dão muito bem na maior parte do tempo, mas, quando se desentendem, não há quem não fique sabendo. Ninguém consegue irritar mais o Sr. Frederick do que Hannah. Mesmo quando era uma garotinha, ela sabia como irritá-lo. Ela era uma coisinha feroz, birrenta como ela só. Uma vez, eu me lembro, ela estava uma fera com ele por algum motivo e resolveu dar-lhe um susto.

– O que foi que ela fez?

– Deixe-me pensar...O senhorzinho David estava na aula de equitação. Foi o que começou tudo. A Srta. Hannah não ficou satisfeita de ser deixada de fora, então agasalhou a Srta. Emmeline e fugiu da Babá Brown. Foram até os confins da propriedade, elas duas, lá onde os fazendeiros colhiam maçãs. – Ela sacudiu a cabeça. – A Srta. Hannah convenceu a Srta. Emmeline a se esconder no celeiro. Imagino que não tenha sido muito difícil convencê-la; a Srta. Hannah sabe ser muito persuasiva, e, além disso, a Srta. Emmeline estava muito contente com todas aquelas maçãs para comer. Logo em seguida, a Srta. Hannah voltou para casa, ofegante como se tivesse corrido desabaladamente, chamando pelo Sr. Frederick. Eu estava pondo a mesa para o almoço na sala de jantar e ouvi a Srta. Hannah contar a ele que dois estrangeiros de pele escura as tinham visto no pomar. Disse que eles tinham comentado que a Srta. Emmeline era muito bonita e haviam prometido levá-la numa longa viagem pelos mares. A Srta. Hannah disse que não tinha certeza, mas que achava que eram mercadores de escravas brancas.

Eu engasguei, chocada com a ousadia de Hannah.

– O que aconteceu então?

Nancy, um prodígio de segredos, animou-se com a história.

– Bem, o Sr. Frederick sempre tivera medo de mercadores de escravas brancas, e primeiro, seu rosto ficou branco, depois vermelho, e, antes que se pudesse contar até três, ele ergueu a Srta. Hannah nos braços e correu na direção do pomar. Bertie Timmins, que estava colhendo maçãs naquele dia, disse que o Sr. Frederick chegou num estado horrível. Começou a berrar para eles formarem uma equipe de busca, que a Srta. Emmeline tinha sido raptada por dois homens de pele escura. Eles procuraram por toda parte, espalhando-se em todas as direções, mas ninguém tinha visto dois homens de pele escura e uma criança de cabelos louros.

– Como foi que a encontraram?

– Eles não a encontraram. No fim, foi ela que os encontrou. Depois de mais ou menos uma hora, a Srta. Emmeline, cansada de se esconder e enjoada de tanta maçã, saiu do celeiro, sem entender toda aquela confusão. Por que a Srta. Hannah não tinha ido buscá-la...

– O Sr. Frederick ficou muito zangado?

– Ah, se ficou – Nancy disse com naturalidade, esfregando com força. – Mas não por muito tempo: ele nunca conseguiu ficar muito tempo zangado com ela. Eles têm uma ligação muito forte, aqueles dois. Ela teria que fazer mais do que isso para fazê-lo brigar com ela. – Ela ergueu o vaso cintilante, depois colocou-o ao lado dos outros itens que já tinham sido limpos. Pôs o pano em cima da mesa e baixou a cabeça, esfregando o pescoço. – Aliás, pelo que eu sei, o Sr. Frederick estava provando do próprio remédio.

– Por quê? – perguntei. – O que foi que ele fez?

Nancy deu uma olhada na direção da cozinha, para ter certeza de que Katie não poderia ouvir. Havia uma hierarquia muito severa no andar de baixo de Riverton, refinada e impregnada por séculos de serviço. Eu podia ser a arrumadeira mais humilde, merecedora apenas das tarefas menos importantes, mas Katie, uma copeira,

estava abaixo da linha do desprezo. Eu gostaria de poder dizer que esta maldade sem fundamento me aborrecia; que a injustiça me incomodava. Mas, se eu fizesse isso, estaria atribuindo ao meu eu jovem uma compaixão que ele não possuía. Na verdade, eu adorava qualquer privilégio que o meu lugar me concedesse – Deus sabe quantos havia lá acima de mim.

– Ele deu muito trabalho aos pais quando era pequeno, o nosso Frederick – ela disse com os lábios apertados. – Ele era tão travesso que Lord Ashbury mandou-o para Radley, só para ele não prejudicar o nome do irmão em Eton. E não o deixou fazer prova para Sandhurst, quando chegou a hora, embora ele quisesse muito entrar para o exército.

Eu digeri esta informação enquanto Nancy prosseguia.

– Isto é compreensível, é claro, considerando que o major Jonathan estava indo tão bem no exército. Não é preciso muito para manchar o bom nome de uma família. Não valia a pena arriscar. – Ela parou de esfregar o pescoço e agarrou um saleiro manchado. – Mas está tudo bem quando acaba bem. Ele tem seus automóveis e três ótimos filhos. Você vai ver no dia do recital.

– Os filhos do major Jonathan também vão representar junto com os filhos do Sr. Frederick?

Nancy fechou a cara e baixou a voz.

– Que ideia é essa, menina?

A atmosfera ficou pesada. Eu tinha dito algo inconveniente. Nancy me olhou zangada, obrigando-me a desviar os olhos. A travessa que eu segurava estava brilhando, e nela eu pude ver refletido o meu rosto ficando vermelho.

Nancy sussurrou, com raiva:

– O major não tem filhos. Não tem mais. – Ela arrancou o pano da minha mão; seus dedos longos e finos roçaram nos meus. – Agora anda logo. Estou cansada de tanta conversa.

Nas duas semanas seguintes, eu evitei Nancy tanto quanto se pode evitar alguém com quem se mora e trabalha. À noite, enquanto ela se preparava para deitar, eu ficava deitada, imóvel, virada para a parede, fingindo estar dormindo. Era um alívio quando ela soprava a vela e o quadro do veado moribundo desaparecia na escuridão. Durante o dia, quando nos cruzávamos no corredor, Nancy erguia o nariz desdenhosamente e eu olhava para o chão, com um ar arrependido.

Felizmente, havia muito que fazer para receber os convidados adultos de Lord Ashbury. Os quartos de hóspedes da ala oeste tiveram de ser abertos e arejados, as cobertas retiradas e a mobília lustrada. Os melhores lençóis precisaram ser retirados de enormes baús no sótão, examinados e depois lavados e passados. A chuva não parava e os varais de roupa nos fundos da casa não podiam ser usados, então Nancy me disse para pendurar os lençóis nos cabides da rouparia do andar de cima.

E foi lá que aprendi mais sobre O Jogo. Pois, como a chuva não parava e a Srta. Prince continuava determinada a instruí-las acerca de Tennyson, as crianças Hartford buscaram esconderijos cada vez mais no fundo da casa. O armário da rouparia, enfiado atrás da chaminé, foi o mais longe que eles puderam encontrar da sala de estudos da biblioteca. E foi lá que se instalaram.

Eu nunca os vi jogar, quero deixar bem claro. Regra número um: O Jogo é secreto. Mas eu ouvia e, uma ou duas vezes, sem conseguir resistir à tentação, e como o caminho estava livre, eu espiei dentro da caixa. O que fiquei sabendo foi o seguinte.

O Jogo era antigo. Eles o vinham jogando havia anos. Não, jogando não. Este é o verbo errado. Vivendo; eles vinham vivendo O Jogo havia anos. Pois O Jogo era mais do que o nome sugeria. Era uma fantasia complexa, um mundo alternativo para o qual fugiam.

Não havia roupas, nem espadas, nem chapéus de plumas. Nada que o caracterizasse como um jogo. Porque isso fazia parte da sua natureza. Ele era secreto. Seu único acessório era a caixa. Uma

caixa laqueada de preto trazida da China por um dos antepassados deles; um dos espólios de uma viagem de exploração e pilhagem. Ela era quadrada, do tamanho de uma caixa de chapéu – nem grande nem pequena demais –, e a tampa era enfeitada com pedras semipreciosas, formando um cenário: um rio com uma ponte atravessada, um pequeno templo numa das margens, um salgueiro-chorão na encosta. Havia três figuras na ponte, e sobre elas voava um pássaro solitário.

Eles guardavam a caixa com todo o cuidado, já que ela continha tudo o que havia de material no Jogo. Pois embora O Jogo exigisse que corressem, se escondessem e lutassem um bocado, seu verdadeiro prazer estava em outra coisa. Regra número dois: todas as viagens, aventuras, explorações e observações tinham de ser registradas. Eles corriam para dentro de casa, afogueados do perigo, para registrar suas recentes aventuras: mapas e diagramas, códigos e desenhos, brincadeiras e livros.

Os livros eram miniaturas, presos com barbante, escritos numa caligrafia tão pequena e bem-feita que era preciso olhar bem de perto para decifrar. Eles tinham títulos: *Fugindo de Koshchei, o Imortal*; *Encontro com Balam e seu urso*; *Viagem ao país dos mercadores de escravas brancas*. Alguns estavam escritos num código que eu não consegui decifrar, embora a chave, se eu tivesse tido tempo de procurar, sem dúvida estivesse anotada num pergaminho guardado dentro da caixa.

O Jogo em si mesmo era simples. Na realidade, ele era uma invenção de Hannah e David, e, sendo os mais velhos, eram os seus principais animadores. Eles decidiam que lugar merecia ser explorado. Os dois tinham reunido um ministério com nove conselheiros – um grupo eclético que misturava eminentes vitorianos com antigos reis egípcios. Só podia haver nove conselheiros de cada vez, e quando a história fornecia uma figura nova, atraente demais para ter sua entrada negada, um membro original morria ou era deposto. (A morte era sempre no cumprimento

do dever, registrada solenemente em um dos livrinhos guardados dentro da caixa.)

Além dos conselheiros, cada um tinha o seu próprio personagem. Hannah era Nefertite e David era Charles Darwin. Emmeline, que só tinha quatro anos quando as regras foram estabelecidas, tinha escolhido a rainha Vitória. Uma escolha boba, na opinião de Hannah e David, compreensível dada a idade limitada da irmã caçula, mas com certeza uma companheira de aventura que não combinava nem um pouco. Mesmo assim, Vitória foi acomodada no Jogo, normalmente escalada como uma vítima de sequestro cuja captura dava origem a um resgate perigoso. Enquanto os outros dois escreviam seus relatos, Emmeline tinha licença para colorir os diagramas e mapas: azul para o oceano, roxo para o fundo, verde e amarelo para a terra.

Ocasionalmente, David ficava indisponível – a chuva parava por uma hora e ele saía para jogar bola de gude com os outros rapazes do lugar, ou então ia estudar piano. Então Hannah retomava seus elos de lealdade com Emmeline. As duas se escondiam no armário da rouparia com um estoque de cubos de açúcar da despensa da Sra. Townsend, e inventavam nomes especiais numa linguagem secreta para descrever o traidor ausente. Entretanto, por mais que quisessem, nunca jogavam O Jogo sem ele. Seria impensável fazer isso.

Regra número três: só três podem jogar. Nem mais, nem menos. Três. Um número favorecido tanto pela arte quanto pela ciência: cores primárias, pontos necessários para localizar um objeto no espaço, notas para formar um acorde musical. Três pontas do triângulo, a primeira figura geométrica. Um fato irrefutável: duas linhas retas não podem fechar um espaço. As pontas do triângulo podem mover-se, alterar sua lealdade, a distância entre duas desaparece quando elas se afastam da terceira, mas, juntas, sempre definem um triângulo. Independente, real, completo.

As regras do Jogo eu aprendi porque as li. Escritas numa caligrafia bem-feita mas infantil, em papel amarelado enfiado sob a tampa da caixa. Eu vou me lembrar delas para sempre. Cada um tinha escrito seu nome sob estas regras. *Com a concordância de todos, neste terceiro dia de abril de 1908. David Hartford, Hannah Hartford* e por último, numa letra maior e mais abstrata, as iniciais *E. H.* Regras são uma coisa séria para crianças, e O Jogo exigia um sentimento de dever que os adultos não entendem. A menos, é claro, que fizessem parte da criadagem, pois, neste caso, dever era algo que conheciam muito bem.

Então é isso. Era apenas um jogo infantil. E não era o único que eles jogavam. Com o tempo, eles o esqueceram, deixaram para trás. Ou acharam que tinham deixado. Quando eu os conheci, O Jogo já estava nos seus estertores. A história estava prestes a intervir: aventura real, fuga real e idade adulta estavam à espreita, rindo, logo ali, virando a esquina.

Apenas um jogo infantil e no entanto... O que aconteceu no fim, sem dúvida, não teria acontecido sem ele.

O dia da chegada dos hóspedes amanheceu e eu recebi a permissão especial, desde que minhas tarefas estivessem terminadas, de assistir da sacada do primeiro andar. Ao cair da noite, eu me espremi junto ao balaústre, com o rosto apertado entre duas grades, aguardando ansiosamente o ranger dos pneus do carro no cascalho da frente da casa.

A primeira a chegar foi Lady Clementine de Welton, uma amiga da família com a nobreza e a melancolia da falecida rainha, e sua pupila, Srta. Frances Dawkins (chamada por todos de Fanny): uma moça magra, falante, cujos pais tinham afundado junto com o *Titanic* e que, aos dezessete anos, tinha a fama de estar buscando energicamente um marido. Segundo Nancy, o maior desejo de Lady Violet era que Fanny se casasse com o Sr. Frederick, que era viúvo, embora ele não se mostrasse nada entusiasmado com a ideia.

O Sr. Hamilton levou-as à sala de visitas, onde Lord e Lady Ashbury aguardavam, e anunciou a sua chegada com toda a pompa. Eu fiquei olhando, lá de trás, a entrada delas na sala – primeiro Lady Clementine, seguida de perto por Fanny –, o que me fez lembrar a bandeja de copos do Sr. Hamilton, na qual copos redondos de conhaque e taças de champanhe brigavam por espaço.

O Sr. Hamilton retornou ao saguão e estava endireitando os punhos – um gesto habitual nele –, quando o major e a esposa chegaram. Ela era uma mulher baixa, gorducha, de cabelos castanhos, cujo rosto, embora simpático, era marcado pelo sofrimento. É claro que a descrevo assim olhando para trás, embora mesmo na época eu tenha achado que ela devia ter sido vítima de algum infortúnio. Nancy podia não estar disposta a divulgar o mistério dos filhos do major, mas minha imaginação jovem, saturada de romances góticos, era um lugar fértil. Além disso, as nuances da atração entre um homem e uma mulher eram desconhecidas para mim na época, e eu calculei que só uma tragédia poderia explicar por que um homem tão alto e bonito quanto o major tinha casado com uma mulher tão sem graça. Imaginei que um dia ela deveria ter sido bonita, até que alguma tragédia se abateu sobre eles e a privou de todo traço de beleza e juventude que porventura tivesse possuído.

O major, ainda mais severo do que no quadro, perguntou educadamente sobre a saúde do Sr. Hamilton, lançou um olhar de proprietário pelo saguão, e conduziu Jemima até a sala de visitas. Quando eles desapareceram atrás da porta, eu vi que a mão dele estava carinhosamente pousada nas costas dela, um gesto que de certa forma contrastava com sua postura severa, e do qual nunca me esqueci.

Minhas pernas já estavam duras de ficar ali agachada quando, finalmente, o automóvel do Sr. Frederick se aproximou da casa. O Sr. Hamilton olhou com um ar de censura para o relógio do saguão, e em seguida abriu a porta da frente.

O Sr. Frederick era mais baixo do que eu esperava, não era alto como o irmão, e, de suas feições, pude ver pouco mais do que um par de óculos. Porque, mesmo depois de tirar o chapéu, ele não ergueu a cabeça. Apenas passou a mão na cabeça para alisar seu cabelo louro.

Só quando o Sr. Hamilton abriu a porta da sala de visitas e anunciou sua chegada é que a atenção do Sr. Frederick pareceu voltar-se para o seu objetivo. Ele relanceou os olhos pelo aposento, reparando no mármore, nos retratos, no lar da sua juventude, antes de fitar, finalmente, a sacada onde eu me encontrava. E no breve instante antes de ele ser tragado pela sala barulhenta, seu rosto empalideceu como se ele tivesse visto um fantasma.

A semana passou depressa. Com tantas pessoas a mais na casa, eu estava sempre ocupada arrumando quartos, carregando bandejas de chá, servindo almoços. Isto não me incomodou, porque eu não tinha medo de trabalho – mamãe tinha se encarregado de garantir isso. Além disso, eu estava aguardando ansiosamente o fim de semana e o recital que ocorria durante o feriado. Enquanto o resto da criadagem se preocupava com o jantar de gala, eu só conseguia pensar no recital. Eu mal tinha visto as crianças desde a chegada dos adultos. O nevoeiro sumiu com a mesma rapidez com que tinha chegado, deixando em seu lugar um ar morno e um céu claro, bonito demais para ser desperdiçado dentro de casa. Todo dia, quando eu descia o corredor a caminho do quarto das crianças, prendia a respiração, cheia de esperança, mas o bom tempo continuaria e eles não usariam mais o quarto naquele ano. Levaram seu barulho e suas travessuras e seu Jogo para o ar livre.

E, junto com eles, o encantamento do quarto se foi. O silêncio se transformou em vazio, e a pequena chama de prazer que eu tinha cultivado se apagou. Eu agora cumpria rápido os meus afazeres, arrumava as estantes sem olhar o que continham, não fitava mais os olhos do cavalo; só pensava no que eles estariam fazendo. E,

quando terminava, não ficava por ali, saía logo para completar minhas obrigações. Uma vez ou outra, quando estava retirando uma bandeja de café de um quarto de hóspedes no segundo andar ou esvaziando bacias, o ruído de risos ao longe atraía o meu olhar para a janela e eu os avistava, lá longe, indo na direção do lago, descendo a ladeira da entrada da casa, duelando com varas compridas.

No andar de baixo, o Sr. Hamilton fazia a criadagem trabalhar sem parar. Servir uma casa cheia de hóspedes era um teste para uma boa equipe, ele dizia, para não falar da prova que significava para a competência de um mordomo. Nenhum pedido era exagerado. Nós tínhamos que trabalhar como uma locomotiva muito bem lubrificada, vencendo cada desafio, excedendo as expectativas do patrão. Aquela precisava ser uma semana de pequenas vitórias, culminando com o jantar de verão.

O fervor do Sr. Hamilton era contagiante; até Nancy sofreu uma elevação de ânimo e decretou uma trégua, propondo, mal-humorada, que eu a ajudasse a limpar a sala de visitas. Ela me lembrou de que, em ocasiões normais, não seria meu papel limpar as salas principais, mas, em virtude da visita da família do patrão, eu teria o privilégio – sob severa vigilância – de praticar estas tarefas avançadas. Assim, eu acrescentei esta dúbia oportunidade à minha carga já pesada de tarefas, e diariamente acompanhava Nancy até a sala de visitas, onde os adultos tomavam chá e debatiam assuntos que me interessavam muito pouco: festas de fim de semana no campo, política europeia e um austríaco infeliz que fora assassinado em um lugar remoto.

O dia do recital (domingo, 2 de agosto de 1914 – eu me lembro da data, mas não por causa do recital e, sim, pelo que aconteceu depois) coincidiu com minha tarde de folga e minha primeira visita a mamãe desde que eu começara a trabalhar em Riverton. Após terminar minhas tarefas matutinas, troquei o uniforme pelas minhas roupas comuns, estranhamente duras e esquisitas no meu corpo.

Escovei o cabelo – ressequido e marcado pela trança – e em seguida tornei a trançá-lo, prendendo-o em um coque na nuca. Será que eu estaria diferente?, pensei. Será que mamãe me acharia diferente? Só fazia cinco semanas que eu tinha saído de casa, entretanto, eu me sentia inexplicavelmente mudada.

Ao descer a escada de serviço e entrar na cozinha, encontrei a Sra. Townsend, que me entregou um pacote.

– Leve isto. É uma coisinha para o chá da sua mãe – ela disse em voz baixa. – Um pouco da minha torta de limão e duas fatias do bolo Vitória.

Eu dei uma olhada na direção da escada e falei sussurrando:

– Mas a senhora tem certeza que a patroa...

– Não se preocupe com a patroa. Ela e Lady Clementine não vão ser privadas de nada. – Ela passou a mão no avental, endireitou os ombros redondos, o que fez seu peito parecer ainda mais volumoso do que normalmente. – Não se esqueça de dizer a sua mãe que estamos tomando conta de você aqui. – Ela sacudiu a cabeça. – Uma ótima moça, a sua mãe. Não foi culpada de nada que já não tivesse sido feito mil vezes antes.

Então ela deu meia-volta e desapareceu na cozinha tão depressa quanto tinha saído de lá. Deixou-me sozinha no meio do hall, imaginando o que ela teria querido dizer.

Fui pensando naquilo durante todo o caminho até a aldeia. Não era a primeira vez que a Sra. Townsend me deixava espantada com uma demonstração de carinho por minha mãe. Minha perplexidade me fez sentir um pouco culpada, mas suas reminiscências pouco tinham a ver com a mãe que eu conhecia. Mamãe com seus humores e silêncios.

Ela estava esperando por mim nos degraus da frente. Levantou-se assim que me viu.

– Eu estava começando a achar que você tinha me esquecido.

– Desculpe, mamãe. Fiquei presa com minhas obrigações.

– Espero que você tenha tido tempo de ir à igreja esta manhã.
– Sim, mamãe. A criadagem assiste ao culto na igreja de Riverton.

– Eu sei disso, minha filha. Frequentei o culto naquela igreja muito antes de você nascer. – Ela fez um sinal para as minhas mãos. – O que você tem aí?

Eu lhe entreguei o embrulho.

– Da parte da Sra. Townsend. Ela perguntou por você.

Mamãe espiou dentro do pacote, mordeu a parte interna da bochecha.

– Vou ter azia esta noite. – Ela tornou a fechar o embrulho, e disse, mal-humorada: – Mas foi muita bondade dela. – Ela então abriu a porta para mim. – Entre. Você pode fazer um bule de chá e me contar as novidades.

Não me lembro bem da nossa conversa, pois, naquela tarde, minha mente não estava com mamãe na sua cozinha apertada e triste, e sim no salão de baile no alto da colina, onde mais cedo eu tinha ajudado Nancy a arrumar as cadeiras em fileiras e a pendurar cortinas douradas na frente do palco.

Eu já estava atrasada quando nos despedimos. Ao chegar aos portões de Riverton, o sol estava baixo no céu. Eu subi a estrada estreita que ia dar na casa. Árvores magníficas, o legado dos antepassados de Lord Ashbury, ladeavam o caminho, seus galhos inclinando-se para juntar-se em arco, formando um túnel escuro e farfalhante.

Quando irrompi de novo na luz da tarde, o sol estava atrás do telhado e a casa em eclipse, o céu atrás dela brilhando com uma luz rósea e alaranjada. Atravessei o terreno, passando pela fonte de Eros e Psique, cruzando o jardim de rosas cor-de-rosa de Lady Violet, até a entrada de serviço. A sala dos empregados estava vazia e meus sapatos ecoaram quando eu desobedeci à regra de ouro do Sr. Hamilton e corri pelo corredor de pedra. Entrei na

cozinha, passei pela bancada de trabalho da Sra. Townsend, cheia de pães doces e bolos, e subi a escada.

A casa estava envolta num silêncio misterioso, todos já sentados. Quando alcancei a porta dourada do salão de baile, alisei o cabelo, endireitei a saia e entrei no salão escuro; tomei meu lugar junto à parede lateral, ao lado dos outros empregados.

Todas as coisas boas

Eu não imaginara que o salão estaria tão escuro. Era o primeiro recital a que assistia na vida, embora já tivesse visto parte de um espetáculo de marionetes quando mamãe me levou para visitar a irmã dela, Dee, em Brighton. Cortinas pretas tinham sido penduradas nas janelas, e a única luz da sala vinha de quatro holofotes trazidos do sótão. Eles brilhavam com uma luz amarela na frente do palco, lançando claridade para cima e cobrindo os atores com uma luminosidade fantasmagórica.

Fanny estava no palco, cantando as últimas estrofes de “The Wedding Glide”, piscando os olhos e fazendo trinados. Ela alcançou o sol final com um fá estridente, e a plateia aplaudiu educadamente. Ela sorriu e fez uma reverência tímida, sua faceirice um tanto prejudicada pela cortina que se mexia excitadamente com os cotovelos e objetos que pertenciam ao número seguinte.

Enquanto Fanny saía do palco pela direita, Emmeline e David – vestindo togas – entravam pela esquerda. Traziam com eles três longas varinhas de metal e um lenço, que arrumaram rapidamente, formando uma tenda passável, embora um tanto torta. Eles se ajoelharam lá dentro, mantendo suas poses enquanto a plateia fazia silêncio.

Uma voz veio do outro lado: “Senhoras e senhores, uma cena do Livro dos Números.”

Uma murmúrio de aprovação.

A voz: “Imaginem por favor, em tempos muito antigos, uma família acampada na encosta de uma montanha. Uma irmã e um irmão reunidos para discutir o casamento recente de seu irmão.”

Alguns aplausos.

Então Emmeline falou, a voz carregada de presunção:

– Mas, irmão, o que foi que Moisés fez?

– Ele tomou uma esposa – disse David, de um jeito meio engraçado.

– Mas ela não é uma de nós – disse Emmeline, olhando para a plateia.

– Não – disse David. – Você tem razão, irmã. Porque ela é uma etíope.

Emmeline sacudiu a cabeça, adotando uma expressão de preocupação exagerada.

– Ele se casou fora do clã. O que será dele?

De repente, uma voz alta e clara vindo de trás da cortina, amplificada como se tivesse viajado pelo espaço (mais como se tivesse viajado por um pedaço de cartolina enrolado).

– Aarão, Miriam!

Emmeline fez sua melhor cara de atenção temerosa.

– Aqui é Deus. Seu pai. Saiam daí e venham para o tabernáculo da congregação.

Emmeline e David obedeceram, saindo de baixo da tenda e indo para a frente do palco. O brilho cintilante dos holofotes lançou um exército de sombras no pano atrás deles.

Meus olhos tinham se ajustado à escuridão e eu consegui identificar certos membros da plateia pela forma dos seus corpos. Na primeira fila de damas lindamente vestidas, as bochechas caídas de Lady Clementine e o chapéu de plumas de Lady Violet. Umas duas fileiras atrás, o major e a esposa. Mais perto de onde eu estava, o Sr. Frederick, de cabeça erguida, pernas cruzadas, olhando atentamente para a frente. Estudei o seu perfil. Ele parecia diferente. A luz cintilante dava ao seu rosto uma aparência cadavérica e aos olhos uma aparência de vidro. Seus olhos. Ele não estava usando óculos. Eu nunca o tinha visto sem eles.

O Senhor começou a proclamar sua sentença, e eu tornei a prestar atenção ao palco.

– Miriam e Aarão. Vocês não têm medo de criticar o meu servo Moisés?

– Sentimos muito, Pai – disse Emmeline. – Só estávamos...

– Chega! Minha ira foi acesa contra vocês!

Houve um trovão (um tambor, eu acho) e a plateia levou um susto. Uma nuvem de fumaça saiu de trás da cortina, espalhando-se pelo palco.

Lady Violet soltou uma exclamação e David disse, num cochicho teatral:

– Está tudo bem, vovó. Isto faz parte do espetáculo.

Todo mundo riu.

– Minha ira foi acesa contra vocês! – A voz de Hannah soou feroz, fazendo a plateia calar-se. – Filha – ela disse, e Emmeline virou-se e fitou a nuvem de fumaça que se dissipava. – Você! Está! Leprosa!

Emmeline cobriu o rosto com as mãos.

– Não! – ela gritou. Ela fez uma pose dramática, antes de se virar para a plateia para mostrar o seu estado.

Um susto coletivo; eles tinham resolvido não usar máscara, optando por um punhado de geleia de morango com creme, espalhada no rosto, causando um efeito tenebroso.

– Aqueles safados – a Sra. Townsend cochichou, indignada. – Eles me disseram que queriam a geleia para passar nos bolinhos.

– Filho – disse Hannah após a pausa dramática necessária –, você é culpado do mesmo pecado, entretanto, não consigo ficar zangado com você.

– Obrigado, Pai – disse David.

– Você nunca mais fará comentários sobre o seu irmão?

– Nunca mais, senhor.

– Então pode ir.

– Por favor, senhor – disse David, disfarçando um sorriso ao estender um braço na direção de Emmeline. – Eu imploro, cure a minha irmã.

A plateia ficou em silêncio, aguardando a resposta de Deus.

– Não, acho que não farei isso. Ela ficará sete dias banida do acampamento. Só então tornará a ser recebida.

Enquanto Emmeline caía de joelhos e David pousava a mão em seu ombro, Hannah entrou no palco pela esquerda. A plateia, prendeu a respiração em uníssonos. Ela estava inteiramente vestida com roupas masculinas: um terno, cartola, bengala, relógio na lapela, e, na ponta do nariz, os óculos do Sr. Frederick. Ela se dirigiu ao centro do palco, girando a bengala como um dândi. Sua voz, quando falou, era uma excelente imitação da voz do pai.

– Minha filha vai aprender que existe uma regra para meninas e outra para meninos. – Ela respirou fundo, ajeitando o chapéu. – Agir de outra forma é começar a descer a ladeira escorregadia que vai dar no voto feminino.

A plateia se manteve num silêncio carregado de eletricidade, todos boquiabertos.

Meus olhos buscaram o Sr. Frederick. Imóvel no seu assento, ele estava rígido como um poste. Enquanto eu olhava, seus ombros começaram a tremer, e eu tive medo de que ele estivesse prestes a ter uma daquelas crises de raiva que Nancy mencionara. No palco, as crianças estavam imóveis, observando a plateia enquanto por ela eram observados.

Hannah era um modelo de compostura, com a inocência estampada no rosto. Por um momento, pareceu que o seu olhar tinha cruzado com o meu, e avistei a sombra de um sorriso em seus lábios. Não consegui evitar e sorri de volta, com medo, só parando quando Nancy olhou para o lado no escuro e me deu um beliscão.

Hannah, radiante, deu a mão a Emmeline e a David, e os três foram até a frente do palco e se curvaram, agradecendo. Quando fizeram isto, uma gota de geleia e creme caiu do nariz de Emmeline e pousou, com um chiado, num holofote próximo.

– Foi assim mesmo – uma voz esganiçada falou na plateia, Lady Clementine. – Um sujeito que eu conheço conhecia alguém na Índia

que tinha lepra. O nariz dele caiu exatamente assim sobre sua tigela de barbear.

Foi demais para o Sr. Frederick. Ele olhou para Hannah e começou a rir. Uma gargalhada como eu nunca tinha ouvido antes: contagiante por ser tão sincera. Um por um, os outros começaram a rir também, embora, como pude notar, Lady Violet não estivesse entre eles.

Eu também não consegui deixar de rir, um riso de alívio, até que Nancy murmurou, zangada, no meu ouvido:

– Chega, senhorita. Pode vir me ajudar com a ceia.

Eu ia perder o resto do recital, mas já tinha visto tudo o que queria. Quando saímos da sala e atravessamos o corredor, ouvi os aplausos diminuindo, o recital prosseguindo. E me senti tomada de uma estranha energia.

Depois de carregarmos a bandeja com a ceia preparada pela Sra. Townsend e as bandejas de chá para a sala de visitas, e de termos afofado as almofadas, o recital tinha terminado e os convidados começavam a chegar, de braços dados, em ordem de importância. Primeiro vieram Lady Violet e o major Jonathan, depois Lord Ashbury e Lady Clementine, em seguida, o Sr. Frederick com Jemima e Fanny. As crianças Hartford, eu imaginei, ainda estavam no andar de cima.

Enquanto eles se acomodavam, Nancy ajeitou a bandeja de chá para que Lady Violet pudesse servir. Enquanto os convidados conversavam animadamente em volta dela, Lady Violet inclinou-se na direção da poltrona do Sr. Frederick e disse, com um sorriso seco:

– Você mima demais aquelas crianças, Frederick.

O Sr. Frederick apertou os lábios. Dava para perceber que esta crítica não era novidade.

Com os olhos no chá que estava servindo, Lady Violet disse:

– Você pode achar as travessuras deles divertidas agora, mas um dia vai se arrepender da sua indulgência. Você deixou que eles crescessem livremente, Hannah em especial. Nada prejudica mais a beleza de uma moça do que a impertinência do intelecto.

Depois de lançar sua injúria, Lady Violet endireitou o corpo, assumiu uma expressão de cordialidade e passou uma xícara para Lady Clementine.

A conversa tinha se dirigido, como era de se prever, para o conflito na Europa e a possibilidade de que a Grã-Bretanha entrasse em guerra.

– Vai haver guerra. Sempre há – Lady Clementine disse, com naturalidade, aceitando a xícara e enterrando mais suas nádegas na poltrona favorita de Lady Violet. Sua voz subiu um tom. – E vamos todos sofrer. Homens, mulheres e crianças. Os alemães não são civilizados como nós. Eles irão saquear o campo, assassinar as crianças em suas camas e escravizar as boas mulheres inglesas para que elas gerem pequenos alemães para eles. Tomem nota do que estou dizendo, pois raramente me engano. Antes do fim do verão estaremos em guerra.

– Você está exagerando, Clementine – sentenciou Lady Violet. – A guerra, se vier, não poderá ser tão ruim assim. Afinal de contas, estes são tempos modernos.

– Isso mesmo – Lord Ashbury retorquiu. – Serão armamentos do século XX; algo muito diferente. Sem mencionar que não existe um único alemão que seja páreo para um inglês.

– Talvez não fique bem dizer isto – disse Fanny, encarapitada numa ponta da *chaise-longue*, sacudindo animadamente os cachos –, mas eu torço para que haja guerra. – Ela se virou depressa para Lady Clementine. – Não que eu deseje todos esses saques e matanças, é claro, titia, nem a propagação da raça; eu não gostaria disso. Mas adoro ver os cavalheiros usando uniformes. – Ela lançou um olhar furtivo na direção do major Jonathan, depois retornou sua

atenção para o grupo. – Recebi hoje uma carta da minha amiga Margery... A senhora se lembra da Margery, não é, tia Clem?

Lady Clementine tremelicou as pálpebras.

– Infelizmente. Uma garota tola com hábitos provincianos. – Ela se inclinou para Lady Violet. – Criada em Dublin, sabe. Católica irlandesa, nada menos.

Eu olhei para Nancy, que estava oferecendo cubos de açúcar, e notei que suas costas enrijeceram. Ela percebeu e me lançou um olhar zangado.

– Bem – Fanny continuou –, Margery está passando as férias com a família na praia e disse que, quando se encontrou com a mãe na estação, os trens estavam abarrotados de reservistas voltando para os quartéis. É muito excitante tudo isso.

– Fanny, querida – Lady Violet disse –, eu acho de mau gosto desejar uma guerra simplesmente por excitação. Você não concorda, meu caro Jonathan?

O major, parado ao lado da lareira apagada, endireitou o corpo.

– Embora eu não concorde com a motivação de Fanny, devo dizer que compartilho do sentimento dela. Eu, de minha parte, espero ir para a guerra. O continente todo se meteu numa encrenca *infernai*, perdoem-me a expressão forte, mamãe, Lady Clem, mas é verdade. Precisam que a velha Britânia vá até lá e dê um jeito nas coisas. Dê uma boa sacudidela naqueles alemães.

Todos na sala aplaudiram, e Jemima agarrou o braço do major, fitando-o com um olhar de adoração, os olhos brilhando.

O velho Lord Ashbury soprou animadamente o seu cachimbo.

– Um pouco de recreação – ele disse, recostando-se na cadeira.
– Nada como uma guerra para separar os homens dos meninos.

O Sr. Frederick se mexeu na cadeira, aceitou o chá que Lady Violet ofereceu e começou a encher o cachimbo de fumo.

– E quanto a você, Frederick? – Fanny perguntou timidamente. – O que vai fazer se a guerra chegar? Você não vai parar de fabricar automóveis, vai? Seria uma pena se não houvesse mais esses

belos carros só por causa de uma guerra boba. Eu não gostaria de voltar a andar de carruagem.

O Sr. Frederick, envergonhado com o flerte de Fanny, arrancou um pedacinho de fumo da perna da calça.

– Eu não me preocuparia com isso. Os automóveis são o veículo do futuro. – Ele tapou o cachimbo e murmurou para si mesmo: – Deus me livre que uma guerra possa causar inconveniências a damas desmioladas que não têm o que fazer.

Nesse momento, a porta se abriu e Hannah, Emmeline e David entraram na sala, ainda com os rostos afogueados de excitação. As meninas tinham tirado a fantasia e estavam vestidas com roupas iguais, vestidos brancos com gola marinheira.

– Ótimo espetáculo – cumprimentou-os Lord Ashbury. – Não consegui ouvir uma só palavra, mas foi um ótimo espetáculo.

– Parabéns, crianças – Lady Violet disse. – Mas, quem sabe, vocês deixam a vovó ajudar na seleção no ano que vem?

– E você, pai? – Hannah perguntou, com ansiedade. – Você gostou da peça?

O Sr. Frederick evitou o olhar da mãe.

– Vamos discutir as partes mais criativas mais tarde, certo?

– E quanto a você, David? – A voz de Fanny soou acima das outras. – Estávamos falando da guerra. Você vai se alistar se a Inglaterra entrar na guerra? Acho que seria um soldado muito corajoso.

David aceitou uma xícara de chá da mão de Lady Violet e se sentou.

– Eu não tinha pensado nisso. – Ele franziu o nariz. – Acho que sim. Dizem que é a única chance que um cara tem de viver uma grande aventura. – Ele olhou para Hannah com um brilho travesso nos olhos, percebendo a oportunidade de implicar com ela. – Estritamente para rapazes, eu acho, Hannah.

Fanny caiu na gargalhada, fazendo tremer as pálpebras de Lady Clementine.

– Ah, David, que bobagem. Hannah não iria querer ir para a guerra. Que ridículo.

– Eu ia querer, sim – Hannah disse impetuosamente.

– Mas, minha querida – Lady Violet disse, perplexa –, você não teria roupas adequadas.

– Ela poderia usar calças e botas de montaria – disse Fanny.

– Ou um terno – sugeriu Emmeline. – Como o que usou na peça. Talvez sem o chapéu.

O Sr. Frederick viu o olhar de censura da mãe e pigarreou.

– Embora o dilema de Hannah em relação à indumentária dê margem a especulações, devo lembrar que isto não está em discussão. Nem ela nem David irão para a guerra. Meninas não lutam e David ainda não terminou seus estudos. Ele vai encontrar uma outra maneira de servir ao rei e ao seu país. – Ele se virou para David. – Depois que você se formar em Eton e tiver passado por Sandhurst, então será outra questão.

David endureceu o rosto.

– Se eu terminar Eton e se eu for para Sandhurst.

Fez-se silêncio na sala e alguém pigarreou. O Sr. Frederick bateu com a colher na xícara. Depois de uma pausa prolongada, ele disse:

– David está brincando. Não está, rapaz? – O silêncio se prolongou. – Hein?

David piscou devagar os olhos e eu notei que seu queixo estava tremendo, bem de leve.

– Sim – ele disse finalmente. – É claro que estou. Só estava tentando alegrar um pouco o ambiente; depois de toda essa conversa sobre guerra. Mas acho que não teve graça. Desculpe, vovó, vovô. – Ele acenou com a cabeça para cada um, e eu notei que Hannah apertou-lhe a mão.

Lady Violet sorriu.

– Concordo inteiramente com você, David. Não vamos mais falar de uma guerra que talvez não chegue nunca. Experimentem mais

uma das deliciosas tarteletes da Sra. Townsend. – Ela fez um sinal para Nancy, que tornou a passar a bandeja.

Eles ficaram ali sentados por alguns momentos, mordiscando tarteletes, o relógio de navio em cima da lareira marcando o tempo até que alguém surgisse com outro assunto tão atraente quanto a guerra. Finalmente, Lady Clementine disse:

– Esqueçam as batalhas. As doenças é que matam de verdade durante a guerra. Nos campos de batalha, é claro, terrenos férteis para todo tipo de peste estrangeira. Vocês vão ver – ela disse sinistramente. – Quando a guerra chegar, ela vai trazer a varíola com ela.

– Se a guerra chegar – completou David.

Lord Ashbury engoliu uma tartelete inteira.

– Um dos sujeitos lá do clube disse que vai haver um anúncio qualquer dia destes.

– Eu me sinto como uma criança na véspera do Natal – disse Fanny, estalando os dedos. – Esperando amanhecer, louca para acordar e abrir os presentes.

– Eu não ficaria excitada demais – disse o major. – Se a Inglaterra entrar na guerra, ela deverá terminar em uma questão de meses. No máximo até o Natal.

– Mesmo assim – disse Lady Clementine. – A primeira coisa que vou fazer amanhã é escrever para Lord Glifford, informando-o das minhas preferências para o meu enterro. Sugiro que vocês façam o mesmo. Antes que seja tarde demais.

Hannah arregalou os olhos, fingindo estar ofendida.

– A senhora está querendo dizer que não confia em nós para organizar tudo da melhor maneira possível para a senhora, Lady Clementine? – Ela sorriu docemente e segurou a mão da velha senhora. – Eu ficaria honrada em providenciar o enterro que a senhora merece.

– Realmente – Lady Clementine bufou. – Se você mesma não organiza essas coisas, você nunca sabe em que mãos a tarefa será

confiada. – Ela olhou de propósito para Fanny e fungou, fazendo tremer suas largas narinas. – Além disso, eu sou muito exigente com esses eventos. Venho planejando o meu há anos.

– É mesmo? – Lady Violet perguntou, genuinamente interessada.

– Ah, sim – Lady Clementine disse. – Esta é uma das mais importantes cerimônias públicas da vida de uma pessoa, e a minha não vai ser nada menos que espetacular.

– Vou aguardar ansiosamente – Hannah disse, secamente.

– É bom mesmo – Lady Clementine disse. – Não se pode correr o risco de fazer feio hoje em dia. As pessoas não são tão complacentes quanto costumavam ser, e ninguém quer ser alvo de um necrológio malfeito.

– Eu achava que a senhora não aprovava resenhas de jornal, Lady Clementine – Hannah disse, recebendo um olhar de advertência do pai.

– Via de regra, eu não aprovo – Lady Clementine disse. Ela apontou o dedo cheio de anéis para Hannah, em seguida para Emmeline, depois para Fanny. – Fora o casamento, o obituário é a única vez que o nome de uma dama deve aparecer no jornal. – Ela revirou os olhos para cima. – E Deus a ajude se o seu funeral for deturpado pela imprensa, porque ela não terá uma segunda chance na temporada seguinte.

Depois do triunfo teatral, só faltava o jantar de gala para que a visita pudesse ser declarada um sucesso estrondoso. Ele seria o clímax das atividades da semana. Uma última extravagância antes que os hóspedes partissem e o sossego voltasse a Riverton. Os convidados do jantar (inclusive, Lord Ashbury anunciou, Lord Ponsonby, um dos primos do rei) vinham até de Londres, e Nancy e eu, sob a supervisão atenta do Sr. Hamilton, tínhamos passado a tarde toda arrumando a mesa da sala de jantar.

Pusemos a mesa para vinte pessoas, com Nancy anunciando cada item à medida que o ia colocando: uma colher de sopa, garfo e

faca de peixe, duas facas, dois garfos grandes, quatro taças de vinho de cristal de tamanhos variados. O Sr. Hamilton ia nos acompanhando ao redor da mesa, com sua fita métrica e pano, para assegurar que cada lugar estivesse a trinta centímetros do outro, e que seu reflexo distorcido pudesse ser visto em cada colher. No centro da toalha de linho branco, nós espalhamos hera e arrumamos rosas cor-de-rosa ao redor de fruteiras de cristal cheias de frutas. Estes enfeites me agradavam; eram muito bonitos e combinavam perfeitamente com o melhor aparelho de jantar de milady – um presente de casamento, Nancy disse, dos Churchill, nada menos.

Nós posicionamos os cartões, escritos com a bela letra de Lady Violet, de acordo com seu cuidadoso planejamento dos lugares. A disposição dos lugares, Nancy disse, é extremamente importante. Realmente, segundo ela, o sucesso ou fracasso de um jantar dependia inteiramente da disposição dos convidados à volta da mesa. É evidente que a reputação de Lady Violet de anfitriã “perfeita” e não meramente “boa” vinha da sua habilidade, em primeiro lugar, de convidar as pessoas certas e, em segundo lugar, de dispô-las de forma prudente ao redor da mesa, misturando os engraçados e inteligentes com os chatos, mas importantes.

Sinto dizer que não assisti ao jantar de 1914, porque se limpar a sala de visitas era um privilégio, então servir a mesa era a mais alta das honrarias, e certamente muito acima do meu modesto lugar. Nesta ocasião, para tristeza de Nancy, até a ela seria negado este prazer, porque Lord Ponsonby detestava criadas mulheres servindo a mesa. Nancy se consolou um pouco com a ordem do Sr. Hamilton de que ela serviria lá em cima, permanecendo escondida no vão da sala de jantar para receber os pratos que ele e Alfred retirassem, levando-os em seguida para a copa. Isto, Nancy raciocinou, iria ao menos garantir um acesso parcial às fofocas da festa. Ela ouviria o que estivessem dizendo, mesmo sem saber quem estava falando.

Minha tarefa, o Sr. Hamilton disse, era posicionar-me no andar de baixo, ao lado da copa. Eu fiz isso, tentando não ligar para as insinuações de Alfred acerca da adequação desta parceria. Ele estava sempre fazendo piadas: elas eram bem-intencionadas e os outros criados costumavam rir, mas eu não estava acostumada com tais brincadeiras, era sempre muito calada. Sentia-me intimidada quando voltavam as atenções para mim.

Eu observava maravilhada enquanto um prato atrás do outro de comidas maravilhosas era despachado lá para cima – sopa de tartaruga, peixe, miúdos, codorna, aspargos, batatas, tortas de damasco, manjar branco – e desciam pratos sujos e travessas vazias.

Enquanto lá em cima os convidados brilhavam, abaixo da sala de jantar, a Sra. Townsend fazia a cozinha apitar e soltar vapor como uma daquelas locomotivas novas que tinham começado a passar pela aldeia. Ela se movimentava pelas bancadas, deslocando o seu corpanzil com uma rapidez extraordinária, avivando o fogo até o suor escorrer pelo rosto afogueado, apertando as mãos e criticando, num espetáculo bem ensaiado de falsa modéstia, a massa dourada e crocante de suas tortas. A única pessoa que parecia imune a toda aquela excitação era a pobre Katie, que tinha a infelicidade estampada no rosto: a primeira metade da noite ela passou descascando um número incontável de batatas, a segunda, esfregando um número incontável de panelas.

Finalmente, quando os jarros de café, as jaras de creme e as bacias de açúcar cristalizado já tinham sido enviados para cima numa bandeja de prata, a Sra. Townsend tirou o avental, um sinal para o resto de nós de que o trabalho estava quase terminado. Ela o pendurou num gancho ao lado do fogão e enfiou de volta os fios grisalhos de cabelo que tinham se soltado no coque impressionante que usava no alto da cabeça.

– Katie? – ela chamou, enxugando a testa. – Katie? – Ela sacudiu a cabeça. – Eu não sei! Essa garota está sempre debaixo

dos meus pés, mas eu nunca consigo encontrá-la. – Ela foi até a mesa, sentou-se e deu um suspiro.

Katie apareceu na porta, segurando um pano molhado.

– Sim, Sra. Townsend?

– Katie – a Sra. Townsend ralhou, apontando para o chão. – O que você está pensando, menina?

– Nada, Sra. Townsend.

– Nada mesmo. Você está molhando tudo. – A Sra. Townsend sacudiu a cabeça e suspirou. – Vá buscar um pano para enxugar isso. O Sr. Hamilton vai torcer o seu pescoço se vir esta bagunça.

– Sim, Sra. Townsend.

– E, quando terminar, você pode preparar um chocolate quente para nós.

Katie voltou para a cozinha, quase trombando com Alfred que descia a escada, todo exuberante.

– Opa, cuidado, Katie, você teve sorte de eu não ter tropeçado em você. – Ele entrou, sorrindo, o rosto franco e ansioso como o de um bebê. – Boa-noite, senhoras.

A Sra. Townsend tirou os óculos.

– E então, Alfred?

– E então o quê, Sra. Townsend? – ele disse, arregalando os olhos.

– Então? – Ela estalou os dedos. – Não nos deixe em suspense.

Eu me sentei no meu lugar, tirando os sapatos e esticando os dedos. Alfred tinha vinte anos – magro, com belas mãos e uma voz simpática – e estava a serviço de Lord e Lady Ashbury desde que começara a trabalhar. Acredito que a Sra. Townsend tivesse um carinho especial por ele, embora ela nunca tenha dito nada a respeito e eu nunca tenha tido a ousadia de perguntar.

– Suspense? – Alfred disse. – Não sei do que a senhora está falando, Sra. Townsend.

– Não sabe uma ova. – Ela sacudiu a cabeça. – Como foi tudo? Eles disseram alguma coisa que possa interessar-me?

– Ah, Sra. Townsend – Alfred disse –, não posso dizer nada enquanto o Sr. Hamilton não descer. Não seria correto, seria?

– Escuta aqui, rapaz – a Sra. Townsend disse –, eu só estou perguntando se os convidados de Lord e Lady Ashbury gostaram do jantar. O Sr. Hamilton não vai se importar com isso, vai?

– Não sei dizer, Sra. Townsend. – Alfred piscou os olhos para mim, fazendo-me corar. – Embora eu tenha realmente notado que Lord Ponsonby repetiu suas batatas.

A Sra. Townsend sorriu e balançou a cabeça.

– A Sra. Davis, que cozinha para Lord e Lady Bassingstoke, me disse que Lord Ponsonby gosta muito de batatas à *la crème*.

– Só gosta? Os outros tiveram sorte de ele ter deixado um pouco para eles.

A Sra. Townsend bufou, mas seus olhos brilharam.

– Alfred, você não deve dizer uma coisa dessas. Se o Sr. Hamilton ouvisse...

– Se o Sr. Hamilton ouvisse o quê? – Nancy apareceu na porta e foi sentar-se, tirando a touca.

– Eu só estava dizendo à Sra. Townsend o quanto as damas e os cavalheiros gostaram do jantar – disse Alfred.

Nancy revirou os olhos.

– Eu nunca vi as travessas voltarem tão vazias; Grace pode confirmar isto. – Eu assenti e ela continuou: – Quem deve dizer isto é o Sr. Hamilton, é claro, mas eu diria que a senhora se superou, Sra. Townsend.

A Sra. Townsend alisou a blusa sobre o busto.

– Bem, cada um faz a sua parte – ela disse, vaidosa. Um barulho de louça atraiu a atenção para a porta. Katie estava chegando, segurando com força uma bandeja com xícaras. A cada passo que dava, o chocolate derramava por cima das xícaras, acumulando-se nos pires.

– Katie – Nancy disse quando a bandeja foi colocada com força em cima da mesa. – Você fez uma bagunça. Olhe só o que ela fez,

Sra. Townsend.

A Sra. Townsend revirou os olhos.

– Às vezes eu acho que estou perdendo o meu tempo com essa garota.

– Ah, Sra. Townsend – Katie gemeu. – Eu me esforço ao máximo, de verdade. Eu não tive intenção de...

– Não teve intenção de quê, Katie? – o Sr. Hamilton disse, descendo a escada e entrando na sala. – O que foi que você fez agora?

– Nada, Sr. Hamilton, eu só queria trazer o chocolate.

– E você trouxe, garota boba – a Sra. Townsend disse. – Agora volte e termine de lavar aquelas travessas. Vê se você não deixou a água esfriar.

Ela sacudiu a cabeça quando Katie desapareceu no corredor, depois virou-se para o Sr. Hamilton e sorriu.

– Bem, todos eles já foram, Sr. Hamilton?

– Sim, Sra. Townsend. Acabei de levar os últimos convidados, Lord e Lady Denys, até o carro.

– E a família? – ela perguntou.

– As damas foram dormir. Milorde, o major e o Sr. Frederick estão terminando seu vinho do Porto na sala de visitas e vão subir logo. – O Sr. Hamilton descansou as mãos nas costas da cadeira e fez uma pausa, fitando o espaço como sempre fazia quando estava prestes a dar uma informação importante. O resto de nós ficou esperando.

O Sr. Hamilton pigarreou.

– Vocês devem ficar orgulhosos. O jantar foi um grande sucesso e o patrão e a patroa estão muito contentes. – Ele sorriu afetadamente. – Na realidade, o patrão deu sua permissão para nós abirmos uma garrafa de champanhe. Um símbolo do seu apreço, ele disse.

Todos aplaudimos, excitados, enquanto o Sr. Hamilton ia buscar uma garrafa na adega e Nancy pegava os copos. Fiquei sentada, bem quieta, com a esperança de me deixarem tomar um copo. Tudo

isso era novidade para mim: mamãe e eu nunca tínhamos tido motivos de comemoração.

Quando chegou na última taça, o Sr. Hamilton olhou para mim por cima dos óculos.

– Sim – ele disse finalmente. – Acho que até você pode tomar um pouco de champanhe esta noite, jovem Grace. Não é toda noite que o patrão recebe com tanta pompa.

Eu aceitei a taça com gratidão enquanto o Sr. Hamilton erguia a dele.

– Um brinde – ele disse. – A todos que moram e trabalham nesta casa. Uma vida longa e agradável para todos.

Nós erguemos nossas taças e eu me recostei de volta na cadeira, bebendo champanhe e saboreando o gosto forte das bolhas nos meus lábios. Durante toda a minha longa vida, sempre que tive oportunidade de tomar champanhe, recordei aquela noite na sala dos empregados em Riverton. Havia aquela energia peculiar que acompanha um sucesso compartilhado, e o elogio de Lord Ashbury estava simbolizado naquelas bolhas de champanhe que explodiram sobre nós, deixando nossos rostos quentes e nossos corações alegres. Alfred sorriu para mim por cima da sua taça e eu sorri timidamente de volta. Fiquei escutando enquanto os outros rememoravam os eventos da noite em detalhes: os diamantes de Lady Denys, a visão moderna de Lord Harcourt a respeito do matrimônio, a queda de Lord Ponsonby por batatas à *la crème*.

Um ruído estridente me tirou daquela contemplação. Os outros fizeram silêncio em volta da mesa. Nós nos entreolhamos, espantados, até que o Sr. Hamilton deu um pulo da cadeira.

– Ora. É o telefone – ele disse, e saiu rapidamente da sala.

Lord Ashbury tinha um dos primeiros telefones domésticos da Inglaterra, um fato que causava grande orgulho a todos que trabalhavam na casa. O aparelho principal ficava guardado na saleta do Sr. Hamilton para que, nas ocasiões trepidantes em que tocasse, ele pudesse atender e transferir a ligação para o andar de cima.

Apesar do sistema bem organizado, essas ocasiões eram raras, porque, infelizmente, poucos amigos de Lord e Lady Ashbury tinham telefone. Mesmo assim, o telefone era motivo de uma admiração quase religiosa, e empregados em visita eram sempre levados à saleta para que pudessem observar em primeira mão o objeto sagrado e, forçosamente, apreciar a superioridade da família que morava em Riverton.

Então, não é de espantar que o telefone nos tenha deixado mudos. O fato de ser tão tarde transformou a surpresa em apreensão. Nós ficamos ali sentados, imóveis, com os ouvidos atentos, prendendo a respiração.

– Alô? – o Sr. Hamilton disse. – Residência de Lord Ashbury.

Katie apareceu na sala.

– Eu acabei de ouvir um barulho engraçado. Uhh, vocês estão todos tomando champanhe...

– Shhh – todos responderam ao mesmo tempo. Katie sentou-se e começou a roer as unhas.

Na saleta, nós ouvimos o Sr. Hamilton dizer:

– Sim, aqui é a casa de Lord Ashbury... major Hartford? Sim, o major Hartford está aqui visitando os pais... Sim, senhor, agora mesmo. Quem eu digo que quer falar?... Um momento, capitão Brown, eu vou passar a ligação.

A Sra. Townsend murmurou:

– É alguém para o major. – E voltamos a escutar. De onde eu estava sentada, podia avistar o perfil do Sr. Hamilton pela porta aberta: pescoço duro, lábios caídos.

– Alô, senhor – o Sr. Hamilton disse. – Sinto muito interromper a sua noite, senhor, mas é telefone para o major. É o capitão Brown, ligando de Londres, senhor.

O Sr. Hamilton ficou calado, mas permaneceu no telefone. Ele tinha o hábito de segurar o fone por um momento, para ter certeza de que a pessoa tinha atendido e de que a ligação não caíra.

Enquanto ele esperava, ouvindo, eu vi que apertou o aparelho com força. Seu corpo ficou tenso e sua respiração mais acelerada.

Ele desligou silenciosa e cuidadosamente, e endireitou o paletó. Voltou devagar para o seu lugar na cabeceira da mesa e ficou ali de pé, segurando as costas da cadeira. Ele olhou em volta da mesa, para cada um de nós. Finalmente, com ar grave, ele disse:

– Nossos piores temores se confirmaram. Desde as onze horas desta noite que a Grã-Bretanha está em guerra. Que Deus nos proteja a todos.

Eu estou chorando. Depois de todos estes anos comecei a chorar por eles. Lágrimas quentes escorrem dos meus olhos, acompanhando as rugas do meu rosto, até o ar secá-las, grudando-as na minha pele.

Sylvia está aqui comigo de novo. Ela trouxe um lenço de papel e enxuga o meu rosto, animadamente. Para ela, estas lágrimas são apenas uma questão de encanamento defeituoso. Mais um sinal inevitável, inofensivo, da minha velhice.

Ela não sabe que eu choro pela mudança dos tempos. Que assim como releio os meus livros favoritos e uma parte de mim torce por um final diferente, eu alimento a esperança impossível de que a guerra não venha nunca. Que desta vez, de algum modo, ela irá deixar-nos em paz.

Saffron High Street

A chuva está chegando. Minhas costas são muito mais sensíveis do que qualquer equipamento meteorológico e, na noite passada, eu fiquei acordada, com os ossos gemendo, murmurando histórias da flexibilidade de outrora. Curvei e estiquei o meu velho corpo: o aborrecimento se transformou em frustração, a frustração virou tédio, e o tédio se tornou terror. Terror de que a noite nunca terminasse e que eu ficasse presa para sempre em seu túnel longo e solitário.

Mas já chega. Eu me recuso a continuar reclamando das minhas fragilidades. E no fim devo ter adormecido, porque esta manhã acordei, e, até onde posso dizer, uma coisa não pode acontecer sem a outra. Eu ainda estava na cama, com a camisola enrolada na cintura, quando uma garota com as mangas da blusa dobradas e uma trança comprida (embora não tão comprida quanto a minha) entrou no meu quarto e abriu as cortinas, deixando entrar a luz. A garota não era Sylvia, e então eu soube que devia ser domingo.

A garota – Helen, estava escrito no crachá – me levou para o chuveiro, segurando-me pelo braço para me ajudar, unhas cor de cereja enterradas em pele branca e flácida. Ela jogou a trança por cima de um dos ombros e começou a ensaboar meu torso e meus membros, esfregando para tirar a película deixada pela noite, cantarolando uma canção que eu não conheço. Quando eu já estava suficientemente limpa, ela me ajudou a sentar no banquinho de plástico e me deixou sozinha sob a água morna do chuveiro. Eu agarrei o suporte inferior com as duas mãos e me curvei para a frente, suspirando enquanto a água aliviava a dor das minhas costas endurecidas.

Com a ajuda de Helen, eu estava seca, vestida, inteiramente produzida e acomodada na sala de estar às sete e meia. Consegui

comer uma torrada dura e tomar uma xícara de chá antes que Ruth chegasse para me levar à igreja.

Eu não sou muito religiosa. Na realidade, houve épocas em que a fé me abandonou completamente. Mas fiz as pazes com Deus há muito tempo. A idade é uma grande moderadora. Além disso, Ruth gosta de ir; e este é um gesto que está ao meu alcance fazer.

Estamos na Quaresma, o período de meditação e arrependimento que precede a Páscoa, e esta manhã o púlpito da igreja estava coberto por um pano roxo. O sermão foi bastante agradável, teve como tema a culpa e o perdão. (Adequado, considerando a missão que resolvi realizar.) O padre leu o Evangelho de São João, pedindo à congregação que resista aos alarmistas que pregam a perdição do milênio e que busque a paz interior por meio de Cristo. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, ele leu. E então nos convidou a tomar como exemplo a fé dos Apóstolos de Cristo na aurora do primeiro milênio. Com a exceção de Judas, é claro.

É nosso hábito, depois da igreja, caminhar a curta distância até a High Street, para tomar chá na Maggie’s. Nós sempre vamos à Maggie’s, embora a própria Maggie tenha deixado a cidade com uma mala e o marido de sua melhor amiga, muitos anos atrás.

Nós descansamos por um momento no banco de madeira que fica sob o olmo centenário, cujo tronco enorme forma a junção da Church com a Saffron High Street. O sol de inverno brilhava por entre o emaranhado de galhos nus, derretendo minhas costas. São estranhos estes dias claros e ensolarados do final do inverno, em que se pode sentir frio e calor ao mesmo tempo.

Quando eu era menina, cavalos, carruagens e troles passavam por estas ruas. Automóveis também, depois da guerra: Austins e Tin Lizzies, com seus motoristas de óculos e suas buzinas. As ruas eram empoeiradas, cheias de buracos e esterco de cavalo. Velhas senhoras empurravam carrinhos de bebê com grandes rodas

raíadas, e garotinhos de olhos vazios vendiam jornais em caixas de papelão.

A vendedora de sal ficava na esquina, onde agora há um posto de gasolina. Vera Pipp: uma figura magra e musculosa, que usava um gorro de pano, e trazia um cachimbo de barro permanentemente pendurado na boca. Eu costumava me esconder atrás da saia de mamãe, observando de olhos arregalados enquanto a Sra. Pipp enchia-lhe o carrinho de mão com grandes placas de sal, com a ajuda de um gancho enorme, e depois usava um serrote e uma faca para cortá-las em pedaços menores. Tive muitos pesadelos com ela, com seu cachimbo de barro e seu gancho enorme.

Ruth bateu no meu braço e me ajudou a ficar de pé, e nós continuamos a descer a Saffron em direção ao toldo desbotado, de lona vermelha e branca, da Maggie's. Pedimos o mesmo de sempre – duas xícaras de chá inglês e um bolinho para dividir – e nos sentamos à mesa ao lado da janela.

Tomamos nosso chá no silêncio habitual até que finalmente Ruth deslizou seu prato em minha direção.

– Pode ficar com a minha metade também. Você está muito magra.

Pensei em lembrá-la do conselho da Sra. Simpson, de que uma mulher nunca pode ser rica demais nem magra demais, mas achei melhor não fazê-lo. Seu senso de humor, nunca abundante, tinha desaparecido por completo, ultimamente.

Ruth limpou a boca no guardanapo, caçando uma migalha invisível sobre os lábios, em seguida pigarreou, dobrando o guardanapo ao meio e depois ao meio de novo, enfiando-o debaixo da faca.

– Estou precisando comprar um remédio na farmácia – ela disse.
– Você se importa de me esperar aqui?

– Um remédio? Por quê? Qual é o problema? – Ela tem mais de sessenta anos, é mãe de um homem já adulto, e meu coração ainda treme.

– Nada. Nada de mais. – Ela ficou dura e disse em voz baixa: – É só uma coisinha para me ajudar a dormir.

Eu balancei a cabeça, concordando; nós duas sabemos por que ela não dorme. Ela, ou ele, está ali entre nós, uma tristeza compartilhada, que nos recusamos a discutir.

Ruth falou depressa, preenchendo o silêncio.

– Você fica aqui me esperando, eu não demoro. Lá fora o sol está muito quente. – Ela pegou a bolsa e o casaco e se levantou, examinando-me por um segundo. – Você não vai sair daqui, vai?

Sacudi negativamente a cabeça e ela saiu com pressa. Ruth tem pavor que eu desapareça se ela me deixar sozinha. Fico imaginando aonde ela acha que eu estou tão ansiosa em ir.

Pela janela, eu a vejo desaparecer no meio das pessoas que caminham apressadamente. De todos os tamanhos e formas. E que roupas! O que a Sra. Townsend diria?

Uma criança de bochechas coradas passou, toda encasacada, andando com dificuldade atrás da mãe apressada. A criança – ele ou ela, era difícil dizer – olhou para mim com grandes olhos redondos, sem aquela compulsão social de sorrir que aflige a maioria dos adultos. De repente eu tive um flash de memória. Eu fui aquela criança um dia, há muito tempo, arrastando-me atrás da minha mãe enquanto ela andava depressa pela rua. A lembrança ficou mais clara. Nós tínhamos passado por esta mesma loja, embora, à época, ela não fosse um café e, sim, um açougue. Peças de carne, sobre placas de mármore alinhadas na vitrine, e carcaças de boi balançando sobre o chão coberto de serragem. O Sr. Hobbins, o açougueiro, tinha acenado para mim, e eu me lembro de ter desejado que mamãe parasse, que pudéssemos levar para casa um belo pedaço de presunto para pôr na sopa.

Eu me demorei perto da vitrine, esperançosa, imaginando a sopa – presunto, alho-poró e batata – fervendo sobre nosso fogão a lenha, enchendo a nossa pequena cozinha com seu vapor salgado. A imagem era tão real que eu podia sentir o cheiro da sopa.

Mas mamãe não parou. Ela nem mesmo hesitou. À medida que o tipe-tape dos seus saltos ia se afastando, eu fui tomada de uma vontade avassaladora de assustá-la, de castigá-la por sermos pobres, de fazê-la achar que eu estava perdida.

Eu fiquei onde estava, certa de que logo ela iria perceber que eu tinha desaparecido e voltaria correndo. Talvez, quem sabe, ela ficasse tão aliviada que resolvesse comprar o pernil...

De repente, eu fui agarrada e arrastada na direção de onde tinha vindo. Levei alguns instantes para perceber que o botão do meu casaco tinha ficado preso na bolsa de uma senhora bem-vestida, e que eu estava sendo levada embora. Eu me lembro nitidamente da minha mãozinha se erguendo para bater no seu amplo traseiro, mas a timidez me fez recolhê-la, enquanto meus pés se esforçavam para acompanhar seu passo. Então a senhora atravessou a rua, e eu junto com ela, e aí eu comecei a chorar. Eu estava perdida, e cada passo me deixava ainda mais perdida. Nunca mais eu ia ver mamãe. Eu ficaria à mercê dessa estranha senhora, com suas roupas elegantes.

De repente, do outro lado da rua, avistei mamãe caminhando no meio das outras pessoas. Alívio! Eu quis gritar por ela, mas estava sem fôlego de tanto soluçar. Sacudi os braços, engasgada, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Então mamãe se virou e me viu. Seu rosto congelou, ela pôs a mão no peito, e em segundos estava ao meu lado. A outra senhora, que até então não sabia que estava levando uma passageira clandestina, foi alertada pela confusão atrás dela. Ela se virou e nos viu: minha mãe, alta, com seu rosto tenso e sua saia desbotada, e a garota maltrapilha, em prantos. Ela sacudiu a bolsa, depois agarrou-a contra o peito, horrorizada.

– Sai daqui! Sai de perto de mim ou então vou chamar o guarda.

Algumas pessoas farejaram a confusão e começaram a formar um círculo ao redor de nós. Mamãe pediu desculpas à senhora, que olhou para ela como se estivesse vendo um rato na despensa.

Mamãe tentou explicar o que tinha acontecido, mas a mulher continuou a recuar. Eu não tinha escolha a não ser acompanhá-la, o que a fez gritar ainda mais alto. Finalmente, apareceu o guarda, que perguntou que confusão era aquela.

– Ela está tentando roubar a minha bolsa – a senhora disse, apontando um dedo trêmulo para mim.

– É mesmo? – o guarda disse.

Eu sacudi a cabeça, ainda sem voz, certa de que seria presa.

Então mamãe explicou o que tinha acontecido, que o meu botão tinha ficado preso na bolsa, e o guarda balançou a cabeça e a senhora franziu a testa, desconfiada. Então eles olharam para a bolsa e viram que o meu botão estava mesmo preso, e o guarda disse à mamãe para me soltar.

Ela soltou o botão, agradeceu ao guarda, tornou a pedir desculpas à senhora, e olhou zangada para mim. Eu esperei para ver se ela ia rir ou chorar. Ela acabou fazendo as duas coisas, mas não naquela hora. Agarrou meu casaco marrom e me levou para longe da multidão que se dispersava, só parando quando viramos a esquina da Railway Street. Quando o trem com destino a Londres saiu da estação, ela se virou para mim e disse:

– Menina malvada. Eu achei que tinha perdido você. Você ainda vai me matar, sabia? É isso que você quer? Matar sua própria mãe?

– Então ela endireitou o meu casaco, sacudiu a cabeça e me deu a mão, segurando-a com tanta força que até doeu. – Às vezes eu gostaria de ter feito aceitarem você no Foundling Hospital, afinal, que Deus me perdoe.

Este era um refrão comum quando eu fazia alguma travessura e, sem dúvida, a ameaça revelava um sentimento verdadeiro. Muita gente concordaria que ela estaria em melhor situação se me tivesse deixado no Foundling. Não havia nada tão certo quanto uma gravidez para fazer uma mulher perder o seu emprego de doméstica, e a vida de mamãe, desde a minha chegada, tinha sido um calvário.

Eu ouvi a história da minha fuga do orfanato Foundling tantas vezes que chegava a acreditar que já nascera sabendo aquela história. A viagem de trem de mamãe até a Russell Square em Londres, comigo embrulhada e enfiada dentro do seu casaco para ficar aquecida, se tornara uma espécie de lenda para nós. A caminhada pela Grenville Street, entrando depois na Guilford Street, com as pessoas sacudindo as cabeças, sabendo muito bem para onde ela estava indo com aquele pequeno embrulho. Como ela reconheceria o prédio da Foundling pela multidão de outras moças como ela, amontoadas do lado de fora, embalando, perplexas, seus bebês que choramingavam. Então, o mais importante, a voz súbita, clara como o dia (Deus, disse mamãe; besteira, disse minha tia Dee), dizendo a ela para dar meia-volta, que era seu dever ficar com seu bebezinho. O momento, segundo a tradição familiar, pelo qual eu deveria ser eternamente grata.

Naquela manhã, no dia do botão preso na bolsa, quando mamãe mencionou o Foundling Hospital, eu calei a boca. Mas não, como ela deve ter pensado, porque estivesse refletindo sobre a sorte que tive em ter sido poupada daquela prisão. Eu estava mesmo era mergulhando numa das minhas fantasias infantis favoritas. Eu adorava imaginar a mim mesma no coral do Foundling Hospital, cantando no meio das outras crianças. Eu teria tido um monte de irmãos e irmãs para brincar, não apenas uma mãe cansada e mal-humorada, cujo rosto estava marcado pelas decepções. Uma das quais eu temia que fosse eu.

Uma presença ao meu lado me puxou de volta para a realidade. Eu me virei e olhei para a jovem que estava ali. Levei alguns instantes para reconhecer a garçonete que nos servira chá. Ela estava olhando para mim, cheia de expectativa.

Eu pisquei o olho para ver melhor.

– Acho que minha filha já pagou a conta.

– Ah, sim – disse a moça, com um doce sotaque irlandês. – Ela já pagou, sim. Pagou quando fez o pedido. – Mas ela continuou ali.

– Falta alguma coisa? – perguntei.

Ela engoliu em seco.

– É que a Sue, que trabalha na cozinha, disse que a senhora é avó de... quer dizer, ela disse que o seu neto é... é Marcus McCourt, e eu sou realmente, de verdade, a maior fã dele. Eu simplesmente amo o inspetor Adams. Já li todos os livros da série.

Marcus. A mariposinha da tristeza bateu asas no meu peito, como sempre faz quando alguém pronuncia o nome dele.

– É bom ouvir isso. Meu neto ficaria muito contente.

– Fiquei muito triste quando li sobre a esposa dele.

Eu balancei a cabeça.

Ela hesitou, e eu me preparei para as perguntas que sabia que viriam, que sempre vinham: ele estava escrevendo um novo livro do inspetor Adams? Ele seria publicado em breve? Fiquei surpresa quando a decência, ou a timidez, venceu a curiosidade.

– Bem... foi um prazer conhecê-la – ela disse. – É melhor eu voltar, senão Sue vai ficar uma fera. – Ela fez menção de sair, então se virou de novo para mim. – A senhora vai dizer a ele, não vai? Vai dizer o quanto os livros dele significam para mim, para todos os seus fãs?

Eu lhe dei minha palavra, embora não saiba quando poderei cumpri-la. Como a maioria das pessoas da sua geração, ele está correndo mundo. Ao contrário dos seus contemporâneos, não é aventura que ele busca, e, sim, distração. Ele desapareceu dentro de uma nuvem de sofrimento, e eu não sei onde ele está. A última vez que soube dele foi meses atrás. Um cartão-postal da Estátua da Liberdade, com um carimbo do correio da Califórnia, com data do ano passado. A mensagem dizia apenas: *Feliz Aniversário, M.*

Não, não é algo tão simples quanto sofrimento. É a culpa que o persegue. A culpa infundada pela morte de Rebecca. Ele culpa a si mesmo, acredita que, se não a tivesse deixado, as coisas talvez fossem diferentes. Eu me preocupo com ele. Entendo bem a culpa especial dos sobreviventes de tragédias.

Pela janela, eu podia ver Ruth do outro lado da rua; ela ficara conversando com o pastor e a mulher dele e ainda não tinha chegado à farmácia. Com grande esforço, eu fui chegando até a beirada da cadeira, pendurei a bolsa no braço e agarrei minha bengala. Com as pernas tremendo, fiquei de pé. Eu tinha uma missão a cumprir.

O comerciante, Sr. Butler, tem uma lojinha na rua principal; um toldinho listrado, enfiado entre a padaria e uma loja que vende velas e incenso. Mas atrás da porta de madeira vermelha, com sua aldrava de metal e sua sineta de prata, uma riqueza de artigos desmente a entrada modesta. Chapéus masculinos e gravatas, pastas escolares e malas de couro, caçarolas e bastões de hóquei, tudo isso briga por espaço na lojinha estreita e comprida.

O Sr. Butler é um homem baixo, com cerca de quarenta e cinco anos, um início de calvície e, como pude notar, um início de barriga. Eu me lembro do pai dele, e do pai do pai dele, embora nunca diga isso. Os jovens, eu aprendi, ficam envergonhados com histórias de antigamente. Esta manhã, ele sorriu por cima dos óculos e me disse que eu estava com uma aparência muito boa. Quando eu era mais jovem, ainda na casa dos oitenta, a vaidade me teria feito acreditar nele. Agora encaro estes comentários como expressões delicadas de surpresa por eu ainda estar viva. Agradei mesmo assim – o comentário foi bem-intencionado – e perguntei se ele tinha um gravador.

– Para ouvir música? – o Sr. Butler quis saber.

– Eu quero falar nele – respondi. – Gravar minhas palavras.

Ele hesitou, provavelmente imaginando o que eu estaria querendo contar ao gravador, depois tirou um pequeno objeto preto de dentro do mostruário. – Este aqui deve servir. Chama-se Ditafone.

– Sim – eu disse, animada. – Parece ser isso mesmo.

Ele deve ter percebido a minha inexperiência, porque começou a explicar.

– É fácil. A senhora aperta este botão, depois fala aqui. – Ele se inclinou para a frente e indicou um pedaço de tela de metal do lado do aparelho. Eu quase pude sentir o gosto de cânfora no seu terno. – Isso aí é o microfone.

Ruth ainda não tinha voltado da farmácia quando eu cheguei de volta à Maggie's. Para não arriscar mais perguntas por parte da garçonete, me enrolei bem no meu casaco e desfaleci no banco do ponto de ônibus do lado de fora. O esforço tinha me deixado sem fôlego.

Um vento frio trouxe com ele um monte de coisas abandonadas: um papel de bala, algumas folhas secas, uma pena de pato marrom e verde. Elas dançaram pela rua, descansando e rodopiando ao sabor do vento. Em um determinado momento, a pena saiu dançando nos braços de um parceiro mais vigoroso do que o anterior, que a ergueu e a fez voar por cima dos telhados das lojas até desaparecer.

Eu pensei em Marcus, dançando ao redor do mundo, preso a alguma melodia incontrolável da qual não consegue escapar. Espremido, como uma exausta flor de verão, entre imagens de Hannah e Emmeline e Riverton: meu neto. Fora de época e fora de lugar. Num momento, um garotinho de pele macia e olhos bem abertos, no momento seguinte, um homem adulto, devastado pelo amor e sua perda.

Eu quero ver o rosto dele de novo. Tocar nele. Seu rosto bonito, familiar, cinzelado como todos os rostos pelas mãos eficientes da história. Colorido pelos antepassados e por um passado do qual ele sabe muito pouco.

Um dia ele vai voltar, não tenho dúvidas quanto a isso, pois o lar é um ímã que atrai de volta até mesmo os filhos mais distraídos. Mas não sei se amanhã ou daqui a muitos anos. E não tenho tempo

para esperar. Eu estou na fria sala de espera do tempo, tremendo, enquanto fantasmas e vozes se afastam.

Foi por isso que resolvi gravar uma fita para ele. Talvez mais de uma. Vou contar a ele um segredo, um velho segredo, guardado há muito tempo.

No caminho de volta para Heathview, eu fiquei olhando pela janela, enquanto as ruas ladeadas de chalés de pedras cinzentas iam passando. Numa delas, no meio do caminho, aninhada entre outras duas, idênticas, está a casa em que nasci. Eu olhei para Ruth, mas, se ela notou, não disse. Não havia motivo algum para isso, é claro. Passamos por ali todos os domingos.

À medida que avançávamos pela estrada estreita e a aldeia virava campo, eu prendi a respiração – só um pouco – como sempre faço.

Logo depois de Bridge Road, nós fizemos uma curva, e lá estava ela. A entrada de Riverton. Os portões trabalhados, da altura de um poste de luz, portas de entrada para o túnel de árvores centenárias. Os portões foram pintados de branco, não são mais prateados como antigamente. Agora há uma placa ao lado dos caracóis de ferro batido que soletram “Riverton”. Ela diz: *Aberto ao público. Março-outubro. 10am-4pm. Entrada: adultos 4 libras, crianças 2 libras. Proibido ultrapassar.*

O gravador exigia certa prática. Sylvia, felizmente, estava ali para ajudar. Ela segurou o aparelho diante da minha boca enquanto eu falei, a um sinal dela, a primeira coisa que me veio à mente.

– Alô... alô. Aqui é Grace Bradley falando... Testando. Um. Dois. Três.

Sylvia examinou o Ditafone e riu.

– Muito profissional. – Ela apertou um botão e se ouviu um chiado. – Estou só rebobinando para podermos ouvir.

Ouviru-se um clique quando a fita chegou ao começo de novo. Ela apertou “play” e nós duas esperamos.

Era a voz da velhice: fraca, cansada, quase invisível. Uma fita desbotada, esgarçada, apenas com alguns fios inteiros. Apenas vestígios de mim, da minha voz verdadeira, daquela que eu ouço na minha cabeça e nos meus sonhos.

Sylvia fez menção de sair e eu fui tomada, repentinamente, por uma sensação de expectativa nervosa.

– Sylvia...

Ela se virou.

– O que foi, benzinho?

– O que eu vou dizer?

– Bem, eu não sei, não é? – Ela riu. – Finja que ele está aqui sentado com você. E diga a ele o que lhe vier à cabeça.

E foi o que eu fiz, Marcus. Imaginei você aos pés da minha cama, deitado ao comprido como gostava de fazer quando era pequeno, e comecei a falar. Conteí o que tenho feito, sobre o filme e Ursula. Referi-me cuidadosamente a sua mãe, dizendo apenas que ela sente saudades suas. Que deseja muito vê-lo.

E conteí sobre as lembranças que tenho tido. Não todas elas; eu tenho um objetivo, e este não é aborrecê-lo com histórias do passado. Mas falei sobre a sensação curiosa de que elas estão se tornando mais reais para mim do que minha própria vida. De como fico ausente de repente e me desaponto ao abrir os olhos e ver que estou de volta a 1999; do modo como a textura do tempo está mudando, e eu estou começando a me sentir em casa no passado e uma visitante neste lugar estranho e empalidecido a que chamamos de presente.

É uma sensação engraçada ficar sentada, sozinha, no quarto, conversando com uma caixinha preta. No início eu sussurrava, com medo de que os outros ouvissem. Que a minha voz e seus segredos pudessem flutuar pelo corredor até a sala, como a buzina de um navio que flutua, perdido, num porto estrangeiro. Mas quando a

enfermeira-chefe entrou com meus comprimidos, seu olhar de surpresa me tranquilizou.

Ela já foi. Eu deixei as pílulas no peitoral da janela ao meu lado. Vou tomá-las depois, por ora eu preciso ter a mente clara.

Estou vendo o sol se pôr no horizonte. Gosto de acompanhar sua trajetória quando ele desaparece silenciosamente atrás da faixa de árvores. Hoje eu pisquei e perdi seu último adeus. Quando abri os olhos, o momento final tinha passado e o arco cintilante desaparecera, deixando o céu vazio: um azul, claro e frio, rasgado por listras brancas. O próprio bosque estremece com a sombra súbita, e ao longe um trem se arrasta no meio da neblina do vale, seus freios elétricos gemendo quando ele entra na aldeia. Eu olho para o meu relógio de parede. É o trem das seis horas, cheio de gente voltando do trabalho em Chelmsford e Brentwood e até mesmo Londres.

Eu imagino a estação. Não como ela é, talvez, mas como era. O grande relógio redondo pendurado sobre a plataforma, seu rosto decidido e suas mãos ágeis um lembrete severo de que o tempo e os trens não esperam por ninguém. Ele já deve ter sido substituído por um desses com mecanismos digitais. Eu não saberia dizer. Já faz muito tempo que não vou à estação.

Eu a vejo como ela era naquela manhã em que nos despedimos de Alfred, que estava partindo para a guerra. Fileiras de triângulos de papel, vermelhos e azuis, flertando com a brisa, crianças correndo para cima e para baixo, entrando e saindo, soprando apitos de metal e sacudindo bandeiras da Inglaterra. Homens jovens – tão jovens – engomados e ansiosos nos seus novos uniformes e botas engraxadas. E, parado no trilho, o trem faiscante, ansioso para partir. Para carregar seus passageiros inocentes para um inferno de lama e morte.

Mas chega disso. Estou me adiantando demais.

No oeste

Mil novecentos e catorze caminhava na direção de 1915, e a cada dia que passava desaparecia qualquer chance de que no Natal a guerra já tivesse terminado. Um tiro numa terra distante tinha enviado tremores pelas planícies da Europa e o gigante do rancor, adormecido há vários séculos, tinha despertado. O major Hartford foi convocado, despachado junto com outros heróis de campanhas há muito esquecidas, enquanto Lord Ashbury se mudava para o seu apartamento em Londres e se juntava ao Bloomsbury Home Guard. O Sr. Frederick, impossibilitado de lutar por causa de uma pneumonia que teve no inverno de 1910, trocou os automóveis por aviões de guerra e ganhou uma condecoração do governo por sua valiosa contribuição à indústria bélica. Um frio consolo, segundo Nancy, que sabia dessas coisas, uma vez que o Sr. Frederick sempre sonhara em entrar para o Exército.

A história diz que, ao longo de 1915, a verdadeira natureza da guerra começou a revelar-se. Mas a história é um narrador infiel, pois enquanto na França os jovens enfrentavam terrores nunca sonhados, em Riverton, 1915 transcorreu do mesmo modo que 1914. Nós sabíamos, é claro, que o Front Ocidental tinha chegado a um impasse – o Sr. Hamilton nos mantinha atualizados com seu zeloso relato das atrocidades que saíam nos jornais – e, sem dúvida, havia pequenas inconveniências que faziam as pessoas sacudir a cabeça e reclamar da guerra, mas estas eram abrandadas pela agitação e o novo sentido que o conflito proporcionou àqueles cuja vida diária se tornara estagnada.

Lady Violet organizou inúmeros comitês: desde a localização de alojamentos adequados para refugiados belgas, até a organização de excursões de automóvel para oficiais convalescentes. Por toda a Inglaterra, jovens mulheres (e alguns dos rapazes mais moços

também) ajudavam a defesa nacional, empunhando agulhas de tricô contra um mar de problemas, produzindo um dilúvio de cachecóis e meias para os rapazes no front. Fanny, incapaz de tricotar, mas ansiosa para impressionar o Sr. Frederick com seu patriotismo, dedicou-se à coordenação destes trabalhos, providenciando para que as mercadorias tricotadas fossem embaladas e despachadas para a França. Até Lady Clementine mostrou um raro espírito comunitário, alojando um dos belgas que passaram pelo crivo de Lady Violet – uma senhora idosa que falava mal inglês, mas que disfarçava isso com seus modos finos –, a quem Lady Clementine passou a interrogar sobre os mais terríveis detalhes da invasão.

À medida que dezembro se aproximava, Lady Jemima, Fanny e as crianças Hartford foram chamadas a Riverton, onde Lady Violet estava determinada a celebrar um Natal tradicional. Fanny teria preferido ficar em Londres – muito mais excitante –, mas não podia recusar o chamado de uma mulher com cujo filho tinha esperanças de se casar. (Não importa que o filho estivesse situado em outro lugar e firmemente disposto contra ela.) Ela não teve outra escolha a não ser preparar-se para passar longas semanas de inverno em Essex. Ela conseguiu fazer um ar de tédio que só os muito jovens conseguem, e passava o tempo indo de sala em sala, fazendo belas poses, na esperança de que o Sr. Frederick aparecesse de surpresa em casa.

Jemima sofria com a comparação, parecendo mais gorda e mais feia do que no ano anterior. Entretanto, havia uma arena na qual ela derrotava sua oponente: não só ela era casada, mas era casada com um herói.

Enquanto isso, no andar de cima, o tempo se arrastava para Hannah e Emmeline. Elas já estavam em Riverton havia quinze dias, e com o tempo horroroso obrigando-as a ficar dentro de casa e sem aulas para distraí-las (a Srta. Prince estava engajada no esforço de guerra), já não tinham mais o que fazer. Tinha jogado todos os jogos que conheciam – cama de gato, dados, garimpeiro

(que, pelo que pude perceber, exigiam que uma arranhasse o braço da outra até que o sangue ou o tédio as fizesse desistir) –, tinham ajudado a Sra. Townsend a preparar a ceia de Natal até ficarem doentes de tanta massa roubada, e tinham obrigado Nancy Brown a destrancar o depósito do sótão para poderem andar no meio dos tesouros esquecidos e empoeirados. Mas era O Jogo que elas queriam jogar. E para isso precisavam de David, que só chegaria de Eton em uma semana.

No andar de baixo, como sempre, nossas vidas eram espelhos turvos das do andar de cima.

Certa noite, quando toda a família já tinha ido para a cama, a criadagem reuniu-se ao redor da lareira da sala dos empregados. O Sr. Hamilton e a Sra. Townsend formaram duas muralhas, uma de cada lado, enquanto Nancy, Katie e eu ficávamos aconchegadas ali no meio, sentadas nas cadeiras de jantar, tricotando cachecóis à luz trêmula do fogo. Um vento frio balançava as vidraças, e correntes de ar rebeldes faziam os potes da Sra. Townsend tiritar na prateleira da cozinha.

O Sr. Hamilton sacudiu a cabeça e largou o *The Times*. Ele tirou os óculos e esfregou os olhos.

– Mais notícias ruins? – A Sra. Townsend ergueu os olhos do cardápio de Natal que estava planejando, com as bochechas vermelhas por causa do fogo.

– As piores, Sra. Townsend. – Ele tornou a colocar os óculos. – Mais perdas em Ypres. – Ele se levantou da cadeira e foi até o aparador, onde tinha aberto um mapa da Europa, cheio de soldadinhos (um velho conjunto de David, eu acho, retirado do sótão) representando diferentes exércitos e diferentes campanhas. Removeu o duque de Wellington de um local na França e o substituiu por dois corsários alemães. – Eu não gosto nada disto – ele disse para si mesmo.

A Sra. Townsend suspirou.

– E eu não gosto nada *disso*. – Ela bateu com a caneta no cardápio. – Como vou preparar a ceia de Natal para a família sem manteiga, sem chá e sem peru?

– Sem peru, Sra. Townsend? – Katie perguntou, espantada.

– Nem uma asa.

– Mas o que a senhora vai servir?

A Sra. Townsend sacudiu a cabeça.

– Não precisa ficar nervosa. Eu vou dar um jeito, menina.

Sempre dou um jeito, não é?

– Sim, Sra. Townsend – Katie disse com um ar grave. – Tenho que dizer que sim.

A Sra. Townsend olhou desconfiada para ela, certificou-se de que ela não tinha tido a intenção de fazer ironia e tornou a se concentrar no cardápio.

Eu estava tentando me concentrar no meu tricô, mas quando perdi o terceiro ponto em três fileiras, larguei-o de lado, frustrada, e me levantei. Alguma coisa me incomodara a noite inteira. Algo que eu presenciara na aldeia e que não tinha entendido direito.

Eu endireitei o avental e me aproximei do Sr. Hamilton, que, na minha opinião, sabia tudo.

– Sr. Hamilton? – balbuciei.

Ele se virou para mim, espiou por cima dos óculos, com o duque de Wellington ainda preso entre dois dedos compridos e finos.

– O que é, Grace?

Eu olhei para onde estavam as outras, conversando animadamente.

– E então, menina? – disse o Sr. Hamilton. – Um gato comeu sua língua?

Limpei a garganta.

– Não, Sr. Hamilton – eu disse. – É só que... Eu queria perguntar uma coisa para o senhor. Uma coisa que eu vi na aldeia hoje.

– Sim? – ele disse. – Fale, mocinha.

Eu olhei para a porta.

– Onde está o Alfred, Sr. Hamilton?

Ele franziu a testa.

– Lá em cima, servindo *sherry*. Por quê? O que o Alfred tem a ver com tudo isso?

– É só que, bem, eu vi o Alfred hoje, na aldeia...

– Sim – o Sr. Hamilton disse. – Ele foi fazer uma compra para mim.

– Eu sei, Sr. Hamilton. Eu o vi. No McWhirter's. E vi quando ele saiu da loja. – Comprimi os lábios. Uma resistência estranha me fez odiar dizer o resto. – Deram uma pena branca para ele, Sr. Hamilton.

– Uma pena branca? – O Sr. Hamilton arregalou os olhos e o duque de Wellington foi atirado, sem cerimônia, em cima da mesa.

Eu assenti, recordando a mudança que ocorreu em Alfred: a forma como ele tinha parado de repente. Tinha ficado imóvel, tonto, com a pena na mão, enquanto os transeuntes diminuía o passo para cochichar uns com os outros. Ele tinha baixado os olhos e se afastado apressadamente, de cabeça baixa e ombros caídos.

– Uma pena branca? – Para minha tristeza, o Sr. Hamilton disse isso alto o suficiente para atrair a atenção dos outros.

– O que foi, Sr. Hamilton? – A Sra. Townsend espiou por cima dos óculos.

Ele passou a mão no rosto. Sacudiu a cabeça, incrédulo.

– Deram uma pena branca para o Alfred.

– Não – a Sra. Townsend disse, levando ao peito a mão gorducha. – Não é possível. Não uma pena branca. Não o nosso Alfred.

– Como o senhor sabe? – Nancy perguntou.

– Grace viu – o Sr. Hamilton disse. – Esta manhã, na aldeia.

Eu confirmei com a cabeça, meu coração começando a bater mais depressa com a sensação desagradável de ter aberto a caixa de Pandora do segredo de outra pessoa. E não poder mais fechá-la.

– Isso é ridículo – o Sr. Hamilton disse, ajeitando o colete. Ele voltou ao seu lugar e prendeu os óculos nas orelhas. – Alfred não é um covarde. Ele está trabalhando no esforço de guerra todos os dias quando ajuda a manter esta casa funcionando. Ele tem um emprego importante com uma família importante.

– Mas não é a mesma coisa que lutar, é, Sr. Hamilton? – Katie disse.

– É claro que é! – exclamou o Sr. Hamilton. – Cada um de nós tem um papel a desempenhar nesta guerra, Katie. Até você. É nosso dever manter os hábitos deste nosso belo país para que, quando os soldados voltarem vitoriosos, a sociedade da qual se lembram esteja esperando por eles.

– Então, mesmo quando estou lavando panelas estou ajudando o esforço de guerra? – Katie disse, maravilhada.

– Não do jeito que você lava – a Sra. Townsend disse.

– Sim, Katie – o Sr. Hamilton disse. – Cumprindo as suas obrigações e tricotando seus cachecóis, você está fazendo a sua parte. – Ele lançou olhares para Nancy e para mim. – Nós todos estamos.

– Não me parece suficiente, se o senhor quer saber – Nancy disse, de cabeça baixa.

– O que você disse, Nancy? – o sr. Hamilton disse.

Nancy parou de tricotar e descansou as mãos ossudas no colo.

– Bem – ela disse cautelosamente –, vejam Alfred, por exemplo. Ele é um rapaz jovem e saudável. Com certeza seria mais útil ajudando os outros rapazes que estão na França. Qualquer um pode servir *sherry*.

– Qualquer um pode servir...? – O Sr. Hamilton empalideceu. – Ninguém melhor do que você devia saber que o serviço doméstico é uma habilidade para a qual nem todos foram feitos, Nancy.

Nancy corou.

– É claro, Sr. Hamilton. Nunca pensei em sugerir o contrário. – Ela mexeu nos nós dos dedos. – Eu... eu acho que tenho me

sentido um tanto inútil ultimamente.

O Sr. Hamilton estava prestes a discordar quando, de repente, Alfred desceu a escada e entrou na sala. O Sr. Hamilton calou a boca e nós caímos num silêncio coletivo, conspiratório.

– Alfred – a Sra. Townsend disse finalmente –, o que houve para você descer a escada correndo desse jeito? – Ela percorreu a sala com os olhos e me encontrou. – Você deu um susto na pobre da Grace. A pobre menina quase caiu da cadeira.

Eu sorri sem graça para Alfred, porque não tinha levado susto algum. Tinha apenas ficado surpresa, como todo mundo. E com pena dele. Eu nunca deveria ter perguntado ao Sr. Hamilton sobre a pena. Eu estava me afeiçoando a Alfred: ele era bondoso e tinha se esforçado várias vezes para me tirar da minha concha. Discutir a vergonha que ele tinha passado pelas costas dele, de certo modo, o fazia passar por bobo.

– Desculpe, Grace – Alfred disse. – É só que o patrãozinho David chegou.

– Sim – o Sr. Hamilton disse, consultando o relógio –, como já esperávamos. Dawkins ia buscá-lo na estação, ele vinha no trem das dez horas. A Sra. Townsend já preparou a ceia dele, se você quiser levar lá para cima.

Alfred assentiu, prendendo a respiração.

– Eu sei disso, Sr. Hamilton... – Ele engoliu em seco. – É só que... o patrãozinho David trouxe alguém com ele. De Eton. Acho que é o filho de Lord Hunter.

Estou fazendo uma pausa. Uma vez você me disse, Marcus, que há um ponto na maioria das histórias do qual não se pode voltar.

Quando todos os personagens centrais já se apresentaram no palco e a cena está pronta para o drama se desenrolar. O narrador perde o controle da história e os personagens começam a agir de acordo com sua própria vontade.

A entrada de Robbie Hunter traz esta história para a beira do Rubicon. Será que vou atravessá-lo? Talvez ainda não seja tarde demais para desistir. Para guardá-los, delicadamente, entre camadas de papel fino nas caixas da minha memória.

Eu sorrio, pois não sou mais capaz de interromper esta história do que sou capaz de fazer parar a marcha do tempo. Não sou romântica o suficiente para imaginar que ela quer ser contada, mas sou honesta o suficiente para reconhecer que eu quero contá-la.

Bem cedo na manhã seguinte, o Sr. Hamilton me chamou na sua saleta, fechou a porta com cuidado e me conferiu uma honraria duvidosa. Todo inverno, cada um dos dez mil livros, revistas e manuscritos abrigados na biblioteca de Riverton eram removidos, limpos e recolocados nas estantes. Este ritual anual era uma tradição desde 1846. Esta regra foi criada pela mãe de Lord Ashbury. Ela odiava poeira, Nancy disse, e tinha seus motivos para isso. Pois uma noite, no final do outono, o irmãozinho de Lord Ashbury, um mês antes de completar três anos e adorado por todos que o conheciam, adormeceu e nunca mais acordou. Embora não encontrasse médico algum que a apoiasse, a mãe estava convencida de que seu filho mais moço tinha apanhado a doença que o matou na poeira velha que pairava no ar. Ela culpou particularmente a biblioteca, pois foi lá que os dois meninos passaram aquele dia fatídico – brincando de faz de conta no meio dos mapas e gráficos que descreviam as viagens de velhos antepassados.

Lady Gytha Ashbury não era de brincadeira. Ela deixou a dor de lado e foi beber do mesmo poço de coragem e determinação que a viu abandonar sua terra, sua família e seu dote, por amor. Ela declarou guerra imediatamente; reuniu suas tropas e comandou-as para exterminar os insidiosos adversários. Passaram dia e noite limpando, durante uma semana, até que ela finalmente se deu por

satisfeita ao ver que o último vestígio de poeira tinha desaparecido. Só então é que chorou pelo meninozinho.

Depois disso, todos os anos, quando as últimas folhas coloridas caíam das árvores lá fora, o ritual era escrupulosamente reencenado. Mesmo depois de sua morte, o hábito permaneceu. E no ano de 1915 eu é que fui encarregada de honrar a memória da antiga Lady Ashbury. (Em parte, tenho certeza, como castigo por ter observado Alfred na aldeia, na véspera. O Sr. Hamilton não me agradeceu por ter trazido o espectro da vergonha para dentro de Riverton.)

– Você vai ser liberada mais cedo das suas obrigações habituais esta semana, Grace – ele disse, com um leve sorriso, de trás da sua mesa. – Toda manhã, você irá diretamente para a biblioteca, onde começará na galeria e irá trabalhar até chegar às estantes que estão ao nível do chão.

Depois ele mandou que eu me equipasse com um par de luvas de algodão, um pano úmido e uma paciência compatível com o tédio da tarefa.

– Lembre-se, Grace – ele disse, com as mãos firmemente pousadas na mesa, os dedos separados. – Lord Ashbury leva a poeira muito a sério. Você está assumindo uma grande responsabilidade e deve sentir-se grata por isso...

Sua homilia foi interrompida por uma batida na porta da saleta.

– Entre – ele disse, franzindo a testa.

A porta se abriu e Nancy entrou de supetão, seu corpo magro nervoso como o de uma aranha.

– Sr. Hamilton – ela disse. – Venha depressa, tem uma coisa lá em cima que precisa de sua atenção imediata.

Ele se levantou imediatamente, tirou o paletó preto do cabide atrás da porta e subiu apressadamente. Nancy e eu fomos atrás dele.

Lá, no saguão de entrada, estava Dudley, o jardineiro, passando o seu chapéu de lã de uma mão para outra. A seus pés, ainda cheio

de seiva, estava um enorme pinheiro, recém-cortado.

– Sr. Dudley – o Sr. Hamilton disse. – O que o senhor está fazendo aqui?

– Eu trouxe a árvore de Natal, Sr. Hamilton.

– Estou vendo isso. Mas o que o senhor está fazendo *aquí*? – Ele indicou o saguão imponente, baixando os olhos para contemplar a árvore. – E o que é mais importante, o que é que *isso* está fazendo aqui? É enorme.

– É, é uma beleza – disse Dudley com toda a seriedade, olhando para a árvore como se olha para uma amante. – Estou de olho nela há anos, só estava esperando, deixando que ela alcançasse toda a sua glória. E neste Natal ela está crescida. – Ele olhou solenemente para o Sr. Hamilton. – Um pouco crescida demais.

O Sr. Hamilton virou-se para Nancy.

– O que está acontecendo, em nome de Deus?

Nancy estava com os punhos fechados, os lábios apertados de irritação.

– Não cabe, Sr. Hamilton. Ele tentou colocá-la na sala de visitas, onde ela sempre fica, mas ela teria que ter menos trinta centímetros.

– Mas o senhor não a mediu? – o Sr. Hamilton perguntou ao jardineiro.

– Ah, sim, senhor – disse Dudley. – Mas eu nunca fui muito bom em aritmética.

– Então pegue o seu serrote e corte trinta centímetros, homem.

O Sr. Dudley sacudiu tristemente a cabeça.

– Não posso, senhor, acho que não sobraram trinta centímetros para serem removidos. O tronco já está curto demais, e eu não posso cortar nada do topo, não é? – Ele olhou para nós, com candura. – Onde ficaria o lindo anjo?

Nós ficamos ali parados, refletindo sobre o problema, os segundos se arrastando no saguão de mármore. Cada um de nós ciente de que a família ia aparecer em breve para tomar café.

Finalmente, o Sr. Hamilton fez um pronunciamento.

– Suponho que não haja nada a fazer, então. Para não cortar o topo e deixar o anjo sem poleiro nem propósito, vamos ter que quebrar a tradição, só desta vez, e erguê-la na biblioteca.

– Na biblioteca, Sr. Hamilton? – surpreendeu-se Nancy.

– Sim. Debaixo da abóbada de vidro. – Ele lançou um olhar feroz para Dudley. – Onde ela terá a certeza de atingir sua plena capacidade postural.

E foi assim que, na manhã de 1º de dezembro de 1915, enquanto eu me empoleirava no alto da galeria da biblioteca, na pontinha da última prateleira, preparando-me para uma semana de poeira, que um pinheiro precoce ergueu-se, glorioso, no centro da biblioteca, com seus galhos mais altos apontando em êxtase para o céu. Eu estava no mesmo nível de sua copa, e o cheiro de pinho era forte, impregnando a atmosfera carregada de poeira da biblioteca.

A galeria da biblioteca de Riverton corria no sentido do comprimento, bem acima da sala propriamente dita, e era difícil não ficar distraída. Relutância em começar rapidamente combina com demora, e a visão da sala lá embaixo era formidável. É uma verdade universal que, não importa o quanto se conheça um cenário, observá-lo de cima é uma espécie de revelação. Fiquei parada perto do corrimão, espiando para baixo, para além da árvore.

A biblioteca – normalmente tão grande e imponente – parecia um palco de teatro. Itens comuns – o piano de cauda Steinway & Sons, a escrivaninha de carvalho, o globo de Lord Ashbury – ficaram subitamente menores, versões artificiais de si mesmos, e davam a impressão de terem sido arrumados para acomodar um elenco que ainda não tinha entrado em cena.

A área das cadeiras, especialmente, tinha um ar teatral de expectativa. O sofá no centro do palco; uma poltrona de cada lado, bonitas com suas bordas William Morris; o retângulo de sol invernal que caía sobre o piano e descia até o tapete persa. Acessórios teatrais, todos eles: aguardando pacientemente que os atores

tomassem seus lugares. Que tipo de peça encenariam, eu pensei, num cenário como este?

Eu poderia ter adiado o trabalho o dia inteiro, se não fosse uma voz insistente em meu ouvido, a voz do Sr. Hamilton, lembrando-me da reputação que Lord Ashbury tinha de fazer inspeções de poeira sem avisar. Então, com muita relutância, abandonei esses pensamentos e tirei o primeiro livro. Limpei a poeira dele – frente, costas e lombada – depois tornei a colocá-lo no lugar e retirei o segundo.

No meio da manhã, eu já tinha terminado cinco das dez prateleiras da galeria e estava pronta para iniciar a seguinte. Uma pequena graça: tendo começado nas prateleiras mais altas, eu tinha finalmente chegado nas mais baixas e poderia trabalhar sentada. Depois de tirar o pó de centenas de livros, minhas mãos tinham adquirido prática, desempenhando a tarefa automaticamente, o que era ótimo, porque minha mente ficara entorpecida.

Eu acabara de tirar a sexta lombada da sexta prateleira quando uma nota impertinente de piano, aguda e súbita, quebrou o silêncio da sala. Virei-me involuntariamente, e espiei para baixo.

Parado junto ao piano, com os dedos roçando silenciosamente a superfície de marfim, estava um jovem que eu nunca tinha visto antes. Entretanto, eu sabia quem ele era. Era o amigo do patrãozinho David, de Eton. O filho de Lord Hunter, que tinha chegado durante a noite.

Ele era bonito. Mas que jovem não é? Entretanto, ele tinha algo mais, a beleza da imobilidade. Sozinho na sala, seus olhos escuros e sérios sob sobrancelhas escuras, dava a impressão de um sofrimento passado, profundo e mal curado. Era alto e magro, mas sem aparência alguma de fraqueza, e seu cabelo castanho era mais comprido do que se costumava usar, com algumas pontas caindo sobre o colarinho, outras roçando-lhe o rosto.

Eu o vi examinar a biblioteca, devagar, com atenção, de onde estava. Finalmente, seu olhar parou num quadro. Tela azul

desenhada em preto, mostrando a figura agachada de uma mulher, com as costas voltadas para o artista. O quadro estava pendurado numa parede do fundo, entre duas urnas chinesas em azul e branco.

Ele se aproximou para examiná-lo de perto, e lá ficou. Sua total concentração o tornou fascinante, e meu senso de decoro não era páreo para a minha curiosidade. Os livros da sexta prateleira ficaram ali, as lombadas cobertas por um ano de poeira, enquanto eu olhava.

Ele se inclinou para trás, quase imperceptivelmente, depois para a frente de novo, totalmente concentrado. Seus dedos, eu notei, pendiam ao lado do corpo, longos e silenciosos. Inertes.

Ele permanecia parado, com a cabeça virada para um lado, analisando a pintura, quando atrás dele a porta da biblioteca se abriu e Hannah apareceu, segurando a caixa chinesa.

– David! Finalmente! Tivemos uma ótima ideia. Desta vez nós podemos ir para...

Ela parou, espantada, enquanto Robbie se virava para olhar para ela. Ele abriu lentamente um sorriso, mas, quando este se formou, todo traço de melancolia desapareceu tão completamente que eu me perguntei se a teria imaginado. Sem o ar de seriedade, seu rosto era jovial, liso, quase bonito.

– Desculpe-me – ela disse, com o rosto vermelho de surpresa, o cabelo louro escapando da fita. – Eu achei que você era outra pessoa. – Ela pousou a caixa no canto do sofá e ajeitou o avental branco.

– Está desculpada. – Um sorriso, mais fugaz que o anterior, e ele tornou a dirigir sua atenção para o quadro.

Hannah ficou olhando para as costas dele, confusa. Ela estava esperando, como eu, que ele se virasse. Para estender a mão para ela, dizer-lhe seu nome, como a educação mandava.

– Imagine transmitir tanto com tão pouco – foi o que ele finalmente disse.

Hannah olhou para o quadro, mas as costas dele estavam na frente e ela não pôde dar sua opinião. Ela respirou fundo, confusa.

– É incrível – ele continuou. – Você não acha?

A impertinência dele não deu a ela outra escolha a não ser concordar, e ela se juntou a ele perto do quadro.

– Vovô jamais gostou muito dele. – Uma tentativa de parecer jovial. – Ele o acha triste e indecente. É por isso que o esconde aqui.

– Você o acha triste e indecente?

Ela olhou para o quadro, como que pela primeira vez.

– Triste, talvez. Mas não indecente.

Robbie concordou com a cabeça.

– Nada tão honesto poderia ser indecente.

Hannah o olhou de soslaio e eu imaginei quando ela ia perguntar quem ele era, o que estava fazendo ali, admirando um quadro na biblioteca do avô dela. Ela abriu a boca, mas não encontrou palavras para falar.

– Por que seu avô pendurou o quadro se o acha indecente? – quis saber Robbie.

– Foi um presente – Hannah respondeu, contente por ele fazer uma pergunta que ela sabia a resposta. – De um importante conde espanhol que veio aqui para caçar. É espanhol, você sabe.

– Sim – ele disse. – Picasso. Eu já vi o trabalho dele.

Hannah ergueu uma sobrancelha e Robbie sorriu.

– Em um livro que minha mãe me mostrou. Ela nasceu na Espanha; tinha família lá.

– Espanha – Hannah disse, com um ar sonhador. – Você já esteve em Cuenca? Sevilha? Já visitou o Alcazar?

– Não – disse Robbie. – Mas, com todas as histórias da minha mãe, eu sinto como se conhecesse o país. Prometi que iremos lá, juntos, algum dia. Como os pássaros, vamos fugir do inverno inglês.

– Não este inverno? – Hannah disse.

Ele olhou para ela, espantado.

– Desculpe, eu achei que você soubesse. Minha mãe está morta. Eu senti um nó na garganta, então a porta se abriu e David entrou.

– Estou vendo que vocês já se conheceram – ele disse, com um sorriso.

David tinha crescido desde a última vez que eu o vira, ou será que não? Talvez não fosse nada assim tão óbvio. Talvez fosse o jeito de ele andar, sua postura, que o fazia parecer mais velho, mais adulto, menos familiar.

Hannah assentiu, se afastou um pouco. Ela olhou para Robbie, mas se tinha a intenção de dizer alguma coisa, de esclarecer as coisas entre eles, o momento passou. A porta tornou a se abrir e Emmeline entrou na sala como um furacão.

– David! – ela disse. – Finalmente. Nós estávamos tão entediadas. Estávamos loucas para jogar O Jogo. Hannah e eu já decidimos onde. – Ela ergueu os olhos e viu Robbie. – Olá! Quem é você?

– Robbie Hunter – David disse. – Você já conheceu Hannah; esta é a minha irmã mais moça, Emmeline. Robbie veio de Eton.

– Você vai passar o fim de semana aqui? – Emmeline perguntou, lançando um olhar para Hannah.

– Um pouco mais do que isso, se vocês concordarem – respondeu Robbie.

– Robbie não tinha planos para o Natal – disse David. – Eu achei que ele poderia passá-lo aqui, conosco.

– *Todo* o período de Natal? – disse Hannah.

David assentiu.

– Estamos precisando de companhia, presos aqui do jeito que estamos. Senão vamos ficar malucos.

Pude sentir a irritação de Hannah de onde estava. Suas mãos estavam pousadas na caixa chinesa. Ela pensava no Jogo – regra número três: só três podem jogar. Episódios planejados, aventuras

antecipadas que estavam indo embora. Hannah olhou para David, com um olhar de acusação que ele fingiu não ver.

– Vejam o tamanho dessa árvore – ele disse com uma animação forçada. – É melhor começarmos a decorá-la se quisermos terminar antes do Natal.

Suas irmãs permaneceram onde estavam.

– Venha, Emme – ele disse, tirando a caixa de enfeites de cima da mesa e colocando-a no chão, evitando olhar para Hannah. – Mostre a Robbie como se faz.

Emmeline olhou para Hannah. Eu podia notar que ela estava arrasada. Compartilhava a decepção da irmã, também estava louca para jogar O Jogo. Mas era também a mais jovem dos três, tinha crescido fazendo papel de coadjuvante para os dois irmãos mais velhos. E agora David a tinha escolhido para ajudá-lo. A oportunidade de formar um par às custas da terceira foi irresistível. A afeição de David, sua companhia eram coisas preciosas demais para serem recusadas.

Ela olhou rapidamente para Hannah, depois sorriu para David, aceitou o pacote que ele lhe entregou e começou a desembulhar pingentes de vidro, entregando-os a Robbie para ele pendurar.

Hannah sabia reconhecer uma derrota. Enquanto Emmeline soltava exclamações de prazer ao ver enfeites dos quais não se lembrava, Hannah endireitou os ombros – dignidade na derrota – e saiu da sala levando a caixa chinesa. David a viu sair e teve a decência de ficar sem graça. Quando ela voltou, de mãos vazias, Emmeline disse:

– Hannah, você não vai acreditar nisso. Robbie disse que nunca viu um querubim de porcelana de Dresden!

Hannah caminhou empertigada até o tapete e se ajoelhou; David sentou-se ao piano, sacudiu os dedos alguns centímetros acima do teclado. Baixou-os devagar sobre as teclas, fazendo o instrumento ganhar vida com alguns acordes suaves. Só quando o piano e nós que estávamos ouvindo nos aquietamos é que ele começou a tocar.

Uma peça de música que eu considero uma das bonitas que já foram escritas. A valsa em dó sustenido menor de Chopin.

Por mais incrível que isso pareça agora, aquele dia na biblioteca foi a primeira vez que eu ouvi música. Quer dizer, música de verdade. Eu tinha algumas vagas lembranças da minha mãe cantando para mim quando eu era muito pequena, antes de ela ter dores nas costas e as canções secarem, e o Sr. Connelly, que morava em frente, costumava pegar a flauta e tocar melodias irlandesas sentimentais quando bebia demais no pub nas noites de sexta-feira. Mas nunca tinha sido assim.

Encostei o rosto no corrimão e fechei os olhos, deixando-me levar pelas notas tristes, gloriosas. Não sei dizer se ele tocava bem; eu não tinha com o que compará-lo. Mas para mim foi perfeito, como são todas as lembranças.

Enquanto a última nota ainda vibrava no ar ensolarado, eu ouvi Emmeline dizer:

– Agora deixe-me tocar alguma coisa, David; isso não é música de Natal.

Eu abri os olhos e ela começou a tocar uma versão de “O Come, All Ye Faithful”. Ela tocava bastante bem, mas o encantamento tinha sido quebrado.

– Você sabe tocar? – Robbie perguntou, olhando para Hannah, sentada de pernas cruzadas no tapete, quieta demais.

David riu.

– Hannah tem muitas habilidades, mas a musicalidade não está entre elas. – Ele sorriu. – Embora, quem sabe, depois de todas as aulas secretas que eu soube que você tem tido na aldeia...

Hannah olhou para Emmeline, que ergueu os ombros, culpada.

– Eu deixei escapar.

– Eu prefiro as palavras – Hannah disse calmamente. Ela desembulhou um conjunto de soldadinhos de chumbo e colocou-os no colo. – Elas costumam atender melhor aos meus pedidos.

– Robbie também escreve – David disse. – Ele é um poeta. E muito bom. Alguns poemas dele foram publicados no *College Chronicle* este ano. – Ele ergueu uma bola de vidro, que lançou faíscas de luz no tapete. – Como era aquela que eu gostei? Aquela sobre o templo em ruínas?

A porta tornou a se abrir, abafando a resposta de Robbie, e Alfred apareceu, carregando uma bandeja cheia de biscoitos de gengibre, balas e cornucópias de papel cheias de nozes.

– Com licença, senhorita – Alfred disse, pondo a bandeja sobre a mesinha. – A Sra. Townsend mandou isto aqui para a árvore.

– Ahh, ótimo – Emmeline disse, interrompendo a música no meio e correndo para pegar uma bala.

Ao se virar para sair, Alfred olhou disfarçadamente para cima e me viu na galeria. Quando os Hartford voltaram sua atenção novamente para a árvore, ele deu a volta e subiu a escada em espiral.

– Como está indo?

– Tudo bem – murmurei, minha voz soando estranha pela falta de uso. Lancei um olhar culpado ao livro que estava no meu colo, ao lugar vazio na prateleira, seis livros depois.

Ele acompanhou meu olhar e ergueu as sobrancelhas.

– Então é bom que eu esteja aqui para ajudar.

– Mas o Sr. Hamilton não vai...

– Ele não sentirá a minha falta por uma meia hora. – Ele sorriu e apontou para a outra ponta. – Vou começar de lá e podemos nos encontrar no meio.

Alfred tirou um pano do bolso do paletó e um livro da prateleira, e se sentou no chão. Eu olhei para ele, aparentemente atento ao que estava fazendo, virando o livro metodicamente, tirando toda a poeira, depois devolvendo-o à prateleira e pegando outro. Ele parecia uma criança, que, num passe de mágica, tinha adquirido o tamanho de um adulto, ali sentado de pernas cruzadas, o cabelo

castanho, normalmente tão arrumado, acompanhando o movimento do seu braço.

Ele olhou para o lado e me viu bem na hora que eu estava virando a cabeça. Sua expressão causou um estremecimento sob a minha pele. Eu fiquei vermelha, sem querer. Será que ele ia achar que eu estava olhando para ele? Será que ainda estava olhando para mim? Não ousei checar para que ele não interpretasse mal minha atenção. Mas minha pele ficou arrepiada sob seu olhar imaginado.

Isso já estava acontecendo fazia dias. Havia alguma coisa entre nós que eu não sabia descrever direito. A sensação de camaradagem que eu tinha sentido ao lado dele tinha desaparecido, substituída por um mal-estar, uma tendência a desencontros e mal-entendidos. Eu imaginei se não seria por causa do episódio da pena branca. Talvez ele me tivesse visto xeretando na rua; pior, talvez soubesse que fui eu que contei ao Sr. Hamilton e aos outros lá embaixo.

Eu esfreguei com força o livro que estava no meu colo e fiquei olhando acintosamente para o outro lado, para o palco lá embaixo. Talvez, se eu ignorasse Alfred, o desconforto passasse tão cegamente quanto o tempo.

Ao olhar de novo para os Hartford, eu me senti deslocada; como uma espectadora que tivesse cochilado durante uma apresentação e, ao acordar, tivesse visto que o cenário tinha mudado e o diálogo tinha prosseguido. Eu prestei atenção nas vozes deles, que subiam pela luz diáfana do inverno, estranhas e distantes.

Emmeline estava mostrando a Robbie a bandeja de doces da Sra. Townsend e os irmãos mais velhos estavam conversando sobre a guerra.

Hannah ergueu os olhos da estrela de prata que estava prendendo num galho da árvore de Natal, espantada.

– Mas quando é que você parte?

– No início do ano que vem – David respondeu, com o rosto vermelho de excitação.

– Mas quando foi que você...? Há quanto tempo você...?

Ele sacudiu os ombros.

– Eu venho pensando nisso há séculos. Você me conhece, adoro uma boa aventura.

Hannah fitou o irmão; ela ficara desapontada com a presença inesperada de Robbie, com a impossibilidade de jogar O Jogo, mas esta nova traição calou muito mais fundo. Ela disse friamente:

– Papai sabe?

– Não exatamente – disse David.

– Ele não vai deixar você ir. – A voz dela soou aliviada, segura.

– Ele não vai ter escolha – retorquiu David. – Só vai saber quando eu estiver são e salvo em solo francês.

– E se ele descobrir? – Hannah disse.

– Ele não vai descobrir – David disse – porque ninguém vai contar a ele. – Ele olhou significativamente para ela. – De qualquer maneira, ele pode argumentar o quanto quiser, mas não pode me impedir. Eu não vou deixar. Não vou ficar de fora só porque ele ficou. Eu sou dono da minha vida, e já está na hora de papai entender isso. Só porque ele teve uma vida infeliz...

– David – Hannah disse severamente.

– É verdade – insistiu David. – Mesmo que você não queira ver isso. Ele viveu a vida inteira sob as ordens de vovó, casou com uma mulher que não o tolerava, todos os seus negócios fracassaram...

– David! – Hannah disse, e eu senti sua indignação. Ela olhou para Emmeline, satisfeita por ela não estar perto o suficiente para ouvir. – Você não tem lealdade alguma. Devia ter vergonha.

David olhou para Hannah e baixou a voz.

– Eu não vou deixar que ele desconte sua amargura em mim. É de dar pena.

– O que é que vocês dois estão falando? – Era Emmeline, voltando com um punhado de nozes. Ela franziu a testa. – Vocês

não estão brigando, estão?

– É claro que não – disse David, conseguindo dar um sorriso sem graça enquanto Hannah fechava a cara. – Eu só estou dizendo a Hannah que vou para a França. Para a guerra.

– Que excitante! Você vai também, Robbie?

Robbie assentiu.

– Eu devia ter adivinhado – disse Hannah.

David ignorou-a.

– Alguém tem que tomar conta deste cara. – Ele sorriu para Robbie. – Não posso deixar que ele fique com toda a diversão. – Percebi algo no olhar dele quando ele falou: admiração, talvez? Afeto?

Hannah também notara. Ela comprimiu os lábios. Tinha decidido a quem culpar pela deserção de David.

– Robbie vai para a guerra para escapar do pai – disse David.

– Por quê? – Emmeline perguntou. – O que foi que ele fez?

Robbie sacudiu os ombros.

– A lista é longa e seu guardião amargo.

– Dê só uma pista – Emmeline disse. – Por favor? – Ela arregalou os olhos. – Já sei! Ele ameaçou cortar você do testamento dele.

Robbie riu, uma risada seca, sem alegria.

– Dificilmente. – Ele rolou entre os dedos um pingente de vidro. – Exatamente o oposto.

Emmeline franziu a testa.

– Ele ameaçou pôr você no testamento dele?

– Ele gostaria que brincássemos de família feliz – Robbie disse.

– Você não quer ser feliz? – Hannah perguntou calmamente.

– Eu não quero pertencer a uma família – Robbie disse. – Prefiro ser sozinho.

Emmeline arregalou os olhos.

– Eu não aguentaria ser sozinha, sem Hannah e David. E papai, é claro.

– É diferente para vocês – Robbie disse baixinho. – Sua família não fez mal algum a vocês.

– A sua fez? – Hannah disse.

Prendi a respiração. Eu já sabia do pai de Robbie. Na noite da chegada inesperada de Robbie a Riverton, enquanto o Sr. Hamilton e a Sra. Townsend se apressavam em preparar a ceia e um quarto para ele, Nancy tinha contado o que sabia.

Robbie era filho de um cavalheiro que acabara de receber um título de nobreza, Lord Hasting Hunter, um cientista que tinha feito fama e fortuna ao descobrir um novo tipo de vidro que podia ir ao forno. Ele tinha comprado uma mansão enorme nos arredores de Cambridge, reservado uma sala para os seus experimentos, e ele e a esposa começaram a levar uma vida de aristocratas rurais. Este menino, disse Nancy, era o resultado de um caso com a arrumadeira. Uma moça espanhola que mal falava inglês. Lord Hunter tinha se cansado dela à medida que sua barriga crescia, mas tinha concordado em ficar com a criança e educá-la em troca do silêncio dela. Mas o silêncio a tinha feito enlouquecer, e, finalmente, a cometer suicídio.

Foi uma vergonha, Nancy disse, sacudindo a cabeça, uma empregada maltratada, um menino crescendo sem mãe. Quem não teria pena deles? Mesmo assim, ela dissera, milady não vai gostar deste hóspede inesperado.

O que ela quis dizer foi: havia títulos e títulos, aqueles que eram de sangue e aqueles que brilhavam como um carro novo. Robbie Hunter, filho (ilegítimo ou não) de um lorde que acabou de receber seu título de nobreza, não era bom o bastante para os Hartford e, portanto, não era bom o bastante para nós.

– Então? – disse Emmeline. – Conte para nós! Você tem que contar! O que foi que o seu pai fez de tão terrível?

– O que é isso – David disse, sorrindo –, a Inquisição? – Ele se virou para Robbie. – Minhas desculpas, Hunter. Elas são um par de enxeridas. Não estão acostumadas a ter companhia.

Emmeline sorriu e jogou um monte de papel em cima dele. O papel caiu antes do alvo e voou de volta para a pilha que tinha se formado debaixo da árvore.

– Tudo bem – Robbie disse, endireitando o corpo. Ele afastou uma mecha de cabelo dos olhos. – Desde a morte da minha mãe, meu pai tem tentado me recuperar.

– Recuperar? – Emmeline disse, franzindo a testa.

– Depois de me abandonar a uma vida de desonra, ele agora acha que precisa de um herdeiro. Parece que a esposa dele é incapaz de dar-lhe um.

Emmeline olhou de David para Hannah, em busca de tradução.

– Então Robbie vai para a guerra – disse David. – Para ficar livre.

– Sinto muito sobre sua mãe – Hannah disse, contrariada.

– Ah, sim – Emmeline completou, seu rosto infantil um modelo de compaixão. – Você deve sentir uma falta horrível dela. Eu sinto terrivelmente a falta da minha mãe e nem cheguei a conhecê-la; ela morreu quando eu nasci. – Ela suspirou. – E agora você vai para a guerra para fugir do seu cruel pai. Parece um romance.

– Um melodrama – disse Hannah.

– Um romance – Emmeline insistiu. Ela desembulhou um pacote e um conjunto de velas caiu no seu colo, liberando um perfume de canela e ervas. – Vovó diz que todos os homens têm a obrigação de ir para a guerra. Ela diz que os que ficam em casa são relapsos.

No alto da galeria, eu fiquei arrepiada. Olhei para Alfred, depois virei rapidamente o rosto quando nossos olhares se encontraram. Ele estava com o rosto vermelho, os olhos arregalados de vergonha. Como naquele dia na aldeia. Ele se levantou repentinamente, largou o pano de limpeza, mas quando estendi a mão para devolvê-lo, ele sacudiu a cabeça, sem me encarar, e murmurou algo sobre o Sr. Hamilton, que devia estar imaginando onde ele estaria. Eu fiquei olhando, impotente, enquanto ele descia apressadamente a escada e saía da biblioteca, sem que as crianças Hartford percebessem. Então censurei a mim mesma pela minha falta de controle.

Emmeline virou-se e olhou para Hannah.

– Vovó está desapontada com papai. Ela acha que ele foi beneficiado.

– Ela não tem nada que ficar desapontada – Hannah disse, zangada. – E papai não foi nada beneficiado. Ele estaria lá, se pudesse.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala e eu tomei consciência da minha própria respiração, que tinha se acelerado, em solidariedade a Hannah.

– Não fique zangada comigo – Emmeline disse, aborrecida. – Foi vovó quem disse isso, não eu.

– Bruxa velha – Hannah disse com raiva. – Papai está fazendo o que pode nesta guerra. Isso é só o que todos nós podemos fazer.

– Hannah gostaria de ir conosco para o front – David disse a Robbie. – Ela e papai não querem entender que a guerra não é lugar para mulheres e velhos com pulmões fracos.

– Isso é bobagem, David – disse Hannah.

– O quê? – ele disse. – Que a guerra não é para mulheres e velhos ou que você gostaria de ir lutar?

– Você sabe que eu seria tão útil quanto você. Sempre fui boa em tomar decisões estratégicas e...

– Isto é real, Hannah – David disse bruscamente. – É uma guerra: com armas de verdade, balas de verdade e inimigos de verdade. Não é um faz de conta; não é uma brincadeira de criança.

Eu preendi a respiração; parecia que Hannah tinha levado uma bofetada.

– Você não pode viver num mundo de fantasia a vida inteira – David continuou. – Não pode passar o resto da vida inventando aventuras, escrevendo sobre coisas que nunca aconteceram de verdade, representando um personagem inventado...

– David! – Emmeline exclamou. Ela olhou para Robbie, depois de novo para David. Seu lábio inferior tremia quando ela disse: – Regra número um: O Jogo é secreto.

David olhou para Emmeline e seu rosto se suavizou.

– Você tem razão. Desculpe, Emme.

– Ele é secreto – ela murmurou. – É importante.

– É claro que é – David disse. Ele desarrumou o cabelo de Emmeline. – Vamos, não fique chateada. – Ele se inclinou para olhar para dentro da caixa de enfeites. – Ei! – ele gritou. – Veja o que encontrei. É Mabel! – Ele ergueu um anjo de cristal Nuremberg, com asas reviradas, uma saia dourada amassada e um rosto cheio de devoção. – Ela é a sua favorita, certo? Vamos colocá-la no topo?

– Posso fazer isto este ano? – Emmeline perguntou, enxugando os olhos. Por mais chateada que estivesse, ela não ia perder esta oportunidade.

David olhou para Hannah, fingindo examinar a palma da mão dela.

– O que você diz, Hannah? Alguma objeção?

Hannah olhou friamente para ele.

– Por favor? – Emmeline disse, ficando em pé de um salto, numa confusão de saias e papel de embrulho. – Vocês dois sempre a põem lá no alto, eu nunca tive chance. Eu não sou mais um bebê.

David fingiu que estava refletindo.

– Quantos anos você tem mesmo?

– Onze – disse Emmeline.

– Onze... – repetiu David. – Praticamente doze.

Emmeline balançou a cabeça ansiosamente.

– Está bem – ele disse finalmente. Ele fez um sinal para Robbie, e sorriu. – Você me dá uma ajuda?

Eles carregaram a escada até a árvore, firmaram a base no meio dos papéis amassados espalhados pelo chão.

Emmeline riu e começou a subir, segurando o anjo.

– Eu pareço com Jack, subindo no pé de feijão.

Ela continuou até alcançar o penúltimo degrau. Estendeu a mão que segurava o anjo, tentando alcançar o topo da árvore, que ainda estava longe.

– Puxa – ela disse baixinho. Ela olhou para baixo, para os três rostos virados para cima. – Quase. Só mais um degrau.

– Cuidado – David disse. – Tem alguma coisa para você se segurar?

Ela ergueu a mão livre e segurou um galho frágil de pinheiro, depois fez o mesmo com a outra. Muito devagar, ela ergueu o pé esquerdo e pousou-o no último degrau.

Eu prendi a respiração quando ela ergueu o direito. Ela estava com um sorriso triunfante no rosto, erguendo a mão para colocar Mabel no seu trono, quando de repente nossos olhos se encontraram. O rosto dela, espiando por cima da árvore de Natal, demonstrou surpresa e, em seguida, pânico, quando seu pé escorregou e ela começou a cair.

Eu abri a boca para gritar, mas era tarde demais. Com um berro que me deixou arrepiada, ela caiu no chão como uma boneca de pano, uma pilha de saias brancas no meio do papel fino.

A sala pareceu expandir-se. Por um momento, tudo e todos ficaram imóveis, em silêncio. Depois, a inevitável contração. Barulho, movimento, pânico.

David ergueu Emmeline nos braços.

– Emme? Você está bem? Emme? – Ele olhou para o chão onde estava caído o anjo, a asa de cristal vermelha de sangue. – Meu Deus, ela se cortou.

Hannah se ajoelhou.

– É o pulso dela. – Ela procurou alguém, deu com Robbie. – Vá buscar ajuda!

Eu descii correndo a escada, com o coração batendo violentamente.

– Eu vou, senhorita – eu disse, saindo pela porta.

Corri pelo corredor, sem conseguir tirar da cabeça o corpo imóvel de Emmeline, acusando a mim mesma. Ela caíra por minha culpa. A última coisa que ela esperava ver ao chegar ao topo da árvore era o meu rosto.

Na curva da escada, eu dei um encontro em Nancy.

– Cuidado – ela ralhou.

– Nancy – eu disse, sem fôlego. – Socorro. Ela está sangrando.

– Não consigo entender uma palavra do que você está dizendo – Nancy disse, zangada. – Quem está sangrando?

– A Srta. Emmeline – eu disse. – Ela caiu... na biblioteca... da escada... O patrãozinho David e Robert Hunter...

– Eu devia ter sabido! – Nancy girou nos calcanhares e correu para a sala dos empregados. – Aquele rapaz! Eu tive uma sensação ruim. Chegando daquele jeito, sem ser esperado. Não se faz isso.

Tentei explicar que Robbie não tinha tido culpa pelo acidente, mas Nancy não quis ouvir. Ela desceu a escada, entrou na cozinha e tirou do armário a caixa de remédios.

– Na minha experiência, sujeitos como ele sempre causam problemas.

– Mas, Nancy, a culpa não foi dele...

– Não foi? – ela disse. – Ele só está aqui há uma noite e veja o que aconteceu.

Eu desisti. Ainda estava sem fôlego de tanto correr, e nada que eu pudesse dizer iria fazer Nancy mudar de opinião.

Nancy tirou da caixa desinfetante e ataduras e correu para cima. Eu fui atrás dela, correndo para alcançá-la enquanto seus sapatos pretos ecoavam no chão do corredor, com um toque zangado.

Nancy ia dar um jeito; ela sabia consertar coisas.

Mas, quando chegamos à biblioteca, já era tarde.

Instalada no sofá, com um sorriso corajoso no rosto pálido, estava Emmeline. Seus irmãos estavam sentados junto dela, um de cada lado, David acariciando seu braço bom. O pulso machucado tinha sido enrolado firmemente num pedaço de pano branco – rasgado do avental dela, eu pude notar – e estava pousado em seu colo. Robbie Hunter estava perto, mas à parte.

– Eu estou bem – disse Emmeline, olhando para nós. – O Sr. Hunter cuidou de tudo. – Ela olhou para Robbie com os olhos

vermelhos. – Estou muito agradecida.

– Estamos todos agradecidos – Hannah disse, ainda olhando para Emmeline.

David assentiu.

– Foi impressionante, Hunter. Você devia ser médico.

– Ah, não – Robbie disse calmamente. – Eu não gosto de sangue.

David olhou para os panos sujos de sangue no chão.

– Mas você disfarçou muito bem. – Ele se virou para Emmeline e acariciou seus cabelos. – Por sorte você não é como os primos, Emme; um corte feio como esse.

Mas, se Emmeline ouviu, não deu sinal. Ela estava olhando para Robbie do mesmo jeito que o Sr. Dudley tinha olhado para a sua árvore. Esquecido, a seus pés, o anjo de Natal padecia: rosto estoico, asas de vidro quebradas, saia dourada vermelha de sangue.

Até a vista

Aquela noite, no sótão, Nancy e eu nos enroscamos uma perto da outra, numa tentativa desesperada de escapar do ar gélido. O sol de inverno já tinha se posto havia muito tempo, e do lado de fora um vento zangado sacudia o telhado e entrava pelas frestas da parede.

– Dizem que vai nevar antes do fim do ano – Nancy murmurou, puxando o cobertor até o queixo. – E devo dizer que acredito nisso.

– O vento parece o choro de um bebê – eu disse.

– Não parece não – Nancy retrucou. – Pode parecer muita coisa, mas não isso.

E foi nessa noite que ela me contou a história dos filhos do major e de Jemima. Os dois meninos cujo sangue não coagulava, que tinham morrido, um depois do outro, e que agora jaziam lado a lado no chão frio do cemitério de Riverton.

O primeiro, Timmy, tinha caído do cavalo, quando estava cavalgando com o major pela propriedade.

Ele durara quatro dias e quatro noites, Nancy disse, até o choro finalmente parar e sua alma pequenina alcançar algum descanso. Ele estava branco como um papel quando morreu, todo o seu sangue tinha ido para o ombro machucado, tentando escapar. Eu pensei no livro do quarto das crianças, com sua bela lombada, onde estava escrito Timothy Hartford.

– O choro *dele* era difícil de suportar – Nancy disse, mexendo com o pé e deixando escapar uma lufada de ar frio. – Mas não era nada comparado com o dela.

– De quem? – perguntei baixinho.

– Da mãe dele. De Jemima. Começou quando eles levaram o pequenino embora e continuou por uma semana. Se você ouvisse aquele som. Uma dor de cortar o coração. Ela não comia nem bebia; ficou tão pálida quanto ele, que sua alma descanse em paz.

Eu estremeci; tentei combinar esta imagem com a mulher gorda e sem graça que parecia normal demais para sofrer de forma tão espetacular assim.

– Você disse “filhos”? O que aconteceu com os outros?

– Outro – disse Nancy. – Adam. Ele viveu mais do que Timmy, e nós pensamos que tivesse escapado da maldição. Pobre menino, não tinha. Ele fora criado com mais vigilância do que o irmão. Sua mãe não deixava que fizesse nada mais agitado do que ler na biblioteca. Ela não queria cometer o mesmo erro duas vezes. – Nancy suspirou, apertou mais os joelhos de encontro ao peito para se aquecer. – Ah, mas não há mãe que consiga evitar que o filho faça uma travessura.

– Qual foi a travessura que ele fez? O que foi que o matou, Nancy?

– No fim, só o que ele fez foi subir as escadas – Nancy disse. – Aconteceu na casa do major, em Buckinghamshire. Eu mesma não vi, mas Sarah, que é arrumadeira lá, viu com os próprios olhos, porque estava tirando o pó do hall. Ela disse que ele estava correndo muito e escorregou. Nada mais. Não deve ter se machucado muito, porque se levantou, lépido e fagueiro, e continuou. Foi naquela noite, Sarah disse, que o joelho dele inchou como um melão maduro, exatamente como o ombro de Timmy, e mais tarde ele começou a chorar.

– Foram dias? – perguntei. – Como da vez anterior?

– Não com Adam. – Nancy baixou a voz. – Sarah disse que o pobre menino gritou de agonia a noite inteira, chamando pela mãe, pedindo para ela fazer parar a dor. Ninguém naquela casa pregou olho aquela noite, nem mesmo o Sr. Barker, o cavaleiro, que era quase surdo. Ficou todo mundo deitado, ouvindo o sofrimento do menino. O major ficou parado do lado de fora da porta a noite toda, corajoso como só ele, não derramou uma lágrima.

Então, um pouco antes do amanhecer, segundo Sarah, o choro parou, repentinamente, e a casa caiu num silêncio profundo. De

manhã, quando Sarah foi levar o café do menino, encontrou Jemima deitada na cama dele, e nos braços dela, com o rosto tranquilo como um anjo de Deus, o filho, parecendo estar dormindo.

– Ela estava chorando, como antes?

– Não dessa vez, Sarah disse que ela parecia quase tão em paz quanto ele. Contente por ele ter parado de sofrer, eu acho. A noite tinha terminado e o tinha levado para um lugar melhor, onde sofrimentos e tristezas não podiam mais encontrá-lo.

Eu fiquei pensando. No choro que parou tão bruscamente. No alívio da mãe.

– Nancy – eu disse lentamente –, você não acha?

– Eu acho que foi uma bênção aquele menino ter morrido mais depressa do que o irmão, é isso que eu acho – Nancy disse.

Então fez-se silêncio, e eu pensei por um instante que ela adormecera, embora sua respiração ainda estivesse leve, o que me fez achar que estivesse fingindo. Puxei o cobertor até o pescoço e fechei os olhos, tentando não pensar em meninos chorando e mães desesperadas.

Eu estava quase dormindo quando Nancy cochichou:

– Agora ela está grávida de novo. O bebê vai nascer em agosto.

– E então ela se mostrou religiosa. – Você tem que rezar muito, está ouvindo? Especialmente agora. Ele escuta mais quando está perto do Natal. Reze para ela ter um bebê saudável desta vez. – Ela virou de bruços e puxou o cobertor junto com ela. – Um que não morra cedo de tanto sangrar.

O Natal chegou e foi embora, a biblioteca de Lord Ashbury foi declarada livre de poeira, e na manhã do dia 26 eu desafiei o frio e fui para Saffron Green fazer uma compra para a Sra. Townsend. Lady Violet estava planejando um almoço de Ano-novo, na esperança de conseguir apoio para o seu comitê de refugiados belgas. Nancy a ouviu dizendo que estava gostando da ideia de

expandir o comitê para expatriados franceses e portugueses, caso isto se tornasse necessário.

Segundo a Sra. Townsend, não havia maneira mais segura de impressionar no almoço do que com os doces gregos do Sr. Georgias. Não que eles estivessem disponíveis para qualquer um, ela acrescentou com um ar de superioridade, principalmente nestes tempos difíceis. De jeito algum. Eu deveria ir até o balcão da loja e pedir a encomenda especial da Sra. Townsend.

Apesar do frio glacial, fiquei contente em ir até a cidade. Era uma mudança bem-vinda sair, ficar sozinha, passar uma manhã longe da fiscalização de Nancy. Porque, depois de vários meses de relativa paz, ela voltara a se interessar pelos meus afazeres: observando, ralhando, corrigindo. Eu tinha a sensação inquietante de estar sendo preparada para uma mudança que iria acontecer.

Além disso, eu tinha uma razão secreta para estar satisfeita com a ida até a aldeia. O quarto livro da série de Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle, tinha sido publicado e eu tinha combinado com o caixeiro-viajante de comprar um exemplar. Levei seis meses para juntar o dinheiro, e seria a primeira vez que eu iria comprar um exemplar novinho em folha. *O vale do terror*. Só o título me deixava com uma expectativa nervosa.

O caixeiro-viajante, eu sabia, morava com a mulher e seis filhos numa casa de pedra cinzenta que fazia parte de uma fileira de casas idênticas. A rua ficava num conjunto habitacional horrível, atrás da estação ferroviária, e o cheiro de carvão queimado enchia o ar. As pedras do calçamento eram pretas, e uma camada de fuligem cobria os postes de luz. Eu bati cautelosamente à porta, depois recuei e esperei. Uma criança de uns três anos, com sapatos sujos e um suéter puído, sentou-se no degrau ao meu lado, batendo no cano com um pedaço de pau. Seus joelhos nus estavam cobertos de cascas de ferida, azuis do frio.

Eu tornei a bater, mais forte dessa vez. Finalmente, a porta foi aberta por uma mulher magra como um espeto, com uma barriga

enorme por baixo do avental e um bebê de olhos vermelhos no colo. Ela não disse nada, olhou através de mim com olhos mortos enquanto eu achava a língua.

– Olá – eu disse com uma voz que tinha aprendido com Nancy. – Grace Reeves. Estou procurando pelo Sr. Jones.

Ela continuou calada.

– Sou uma freguesa. – Minha voz falhou um pouco; um tom indesejado de interrogação se infiltrou nela. – Eu vim comprar um livro?

Os olhos dela piscaram, um sinal quase imperceptível de reconhecimento. Ela ergueu um pouco mais o bebê sobre o quadril e fez um sinal com a cabeça para um aposento atrás dela. – Ele está lá nos fundos.

Ela se afastou um pouco e eu passei, indo na única direção que a casa permitia. Do outro lado da porta tinha uma cozinha, cheirando a leite rançoso. Dois garotinhos, sujos e maltrapilhos, estavam sentados à mesa, rolando um par de pedras sobre a superfície arranhada.

O maior dos dois rolou a pedra de encontro à do irmão, depois olhou para mim, seus olhos duas luas cheias no rosto magro.

– Você está procurando o meu pai?

Eu assenti.

– Ele está lá fora, lubrificando a carroça.

Eu devo ter feito um ar perdido, porque ele apontou para uma pequena porta de madeira ao lado do fogão.

Balancei a cabeça, tentando sorrir.

– Eu vou começar a trabalhar com ele em breve, logo que eu fizer oito anos – o menino disse, tornando a olhar para a sua pedra, preparando outro arremesso.

Fui até a porta e a abri.

Debaixo de um varal cheio de lençóis e camisas manchados de amarelo, o caixeiro-viajante estava inclinado, verificando as rodas da sua carroça.

– Que porcaria – ele disse baixinho.

Pigarreei e ele se virou depressa, batendo com a cabeça na alça da carroça.

– Droga. – Ele olhou para mim, um cachimbo pendurado na boca.

Tentei recapturar o espírito de Nancy e encontrar minha voz.

– Eu sou Grace. Vim buscar o livro. – Eu esperei. – Sir Arthur Conan Doyle?

Ele se encostou na carroça.

– Eu sei quem você é. – Ele exalou e senti o cheiro doce do fumo. Ele limpou as mãos engorduradas na calça e olhou para mim.

– Estou consertando a carroça para ficar mais fácil para o garoto.

– Quando o senhor parte? – perguntei.

Ele olhou para além do varal, carregado de fantasmas amarelados, na direção do céu.

– No mês que vem. Com os fuzileiros navais. – Ele passou a mão suja na testa. – Eu sempre quis ver o oceano, desde que era menino. – Ele olhou para mim e algo em sua expressão, um sentimento de desolação, me fez desviar os olhos. Pela janela da cozinha, eu podia ver a mulher, o bebê e os dois meninos olhando para nós. O vidro sujo, coberto de fuligem, dava aos rostos deles a impressão de rostos refletidos num lago sujo.

O caixeiro-viajante acompanhou o meu olhar.

– Um sujeito pode ganhar um bom dinheiro nas Forças Armadas – ele disse. – Se tiver sorte. – Ele largou o pano e se dirigiu para a casa. – Venha. O livro está lá dentro.

Nós fizemos a transação na salinha da frente, e então ele me levou até a porta. Tive o cuidado de não olhar para os lados, de não olhar para os rostinhos famintos que eu sabia que estavam me observando. Quando estava descendo os degraus da frente, ouvi o menino mais velho dizer: – O que foi que a moça comprou, papai? Ela comprou sabão? Ela cheirava a sabão. Ela era uma moça bonita, não era, papai?

Eu caminhei o mais rápido que as minhas pernas permitiram, sem sair correndo. Queria me afastar daquela casa e das crianças que achavam que eu, uma empregada comum, era uma dama importante.

Senti-me aliviada ao entrar na Railway Street e deixar para trás o cheiro opressivo de carvão e pobreza. Eu estava acostumada com uma vida difícil – muitas vezes eu e mamãe mal conseguíamos sobreviver –, mas Riverton, como estava aprendendo, tinha me transformado. Sem perceber, tinha me acostumado ao seu calor, ao seu conforto e à abundância; eu tinha começado a esperar essas coisas. Enquanto caminhava apressada, atravessando a rua atrás da carroça puxada por um cavalo da Down's Dairies, o rosto ardendo do frio, prometi a mim mesma que nunca perderia isso. Nunca perderia o meu emprego como mamãe tinha feito.

Pouco antes da interseção da High Street, eu passei por baixo de um toldo que dava numa entradinha escura e me abriguei junto a uma porta preta com uma placa de metal. Minha respiração formava uma nuvem branca e fria no ar enquanto eu tirava do bolso o livro que comprara e removia as luvas.

Eu mal tinha olhado para o livro na casa do caixeiro-viajante, exceto para me assegurar de que o título era aquele mesmo. Ali, contemplei a capa, passei os dedos pela encadernação de couro e pelas letras cursivas gravadas na lombada, *O vale do terror*. Murmurei baixinho as palavras excitantes, depois levei o livro ao nariz para sentir o cheiro de tinta das suas páginas. O cheiro das possibilidades.

Eu guardei o objeto delicioso, proibido, dentro do forro do meu casaco e o apertei de encontro ao peito. Meu primeiro livro novo. Minha primeira coisa nova. Eu agora só tinha que escondê-lo na gaveta do sótão sem despertar as suspeitas do Sr. Hamilton, ou confirmar as de Nancy. Tornei a calçar as luvas nos dedos dormentes de frio, espiei para a rua gelada e saí, esbarrando numa jovem que entrou de repente.

– Ah, perdão! – ela disse, surpresa. – Como eu sou estabranada. Egui os olhos e meu rosto ardeu. Era Hannah.

– Espere... – Ela pensou um pouco e disse: – Eu conheço você. Você trabalha para o vovô.

– Sim, senhorita. Eu sou Grace, senhorita.

– Grace. – Meu nome deslizou em seus lábios.

Eu assenti.

– Sim, senhorita. – Por baixo do casaco, meu coração batia, culpado, contra o livro.

Ela tirou um cachecol azul, revelando um pedacinho de pele branca como um lírio.

– Uma vez você nos salvou de morte por poesia romântica.

– Sim, senhorita.

Ela olhou para a rua, onde o vento gelado transformava o ar em gelo, e estremeceu involuntariamente.

– É uma manhã inclemente para se sair de casa.

– Sim, senhorita – eu disse.

– Eu não devia ter desafiado o tempo – ela acrescentou, virando-se de volta para mim, o rosto vermelho de frio –, mas tinha marcado umas aulas extras de música.

– Eu também não, senhorita – eu disse –, mas vou buscar uma encomenda para a Sra. Townsend. Doces. Para o almoço de Ano-novo.

Ela olhou para as minhas mãos vazias, depois para a pequena entrada de onde eu tinha vindo.

– Um lugar incomum para se comprar doces.

Acompanhei o olhar dela. A placa de metal na porta preta dizia *Escola de secretariado da Sra. Dove*. Procurei uma resposta. Qualquer coisa que explicasse minha presença ali. Tudo menos a verdade. Eu não podia arriscar que ela descobrisse a minha compra. O Sr. Hamilton tinha sido claro quanto às regras a respeito de material de leitura. Mas o que eu poderia dizer? Se Hannah

dissesse a Lady Violet que eu estava tendo aulas sem permissão, eu me arriscava a perder o emprego.

Antes que eu pudesse pensar numa desculpa, Hannah pigarreou e revirou um embrulho marrom que estava carregando.

– Bem – ela disse, a palavra pairando no ar entre nós.

Eu esperei, apavorada, pela acusação que viria.

Hannah mudou de posição, esticou o pescoço e olhou diretamente para mim. Ela ficou assim por alguns instantes e, finalmente, falou:

– Bem, Grace – ela disse com firmeza. – Parece que cada uma de nós tem um segredo.

Fiquei tão perplexa a princípio que não respondi. Estava tão nervosa que não tinha reparado que ela também estava. Engoli em seco, apertando o livro que trazia escondido.

– Senhorita?

Ela balançou a cabeça, depois me deixou confusa, agarrando com força a minha mão.

– Eu lhe dou os parabéns, Grace.

– É mesmo, senhorita?

– Sim – ela disse com ardor. – Pois eu sei o que você está escondendo debaixo do casaco.

– Senhorita?

– Eu sei, porque estou fazendo a mesma coisa. – Ela mostrou o embrulho e conteve um sorriso excitado. – Isto aqui não são pautas musicais, Grace.

– Não, senhorita?

– E eu não estou tendo aulas de música. – Ela arregalou os olhos. – Aulas por prazer. Numa época destas! Você pode imaginar?

Sacudi a cabeça, perplexa.

Ela se inclinou para a frente, com um ar conspiratório.

– O que você prefere? Datilografia ou estenografia?

– Não sei dizer, senhorita.

Ela assentiu.

– Você tem razão, é claro: é bobagem falar em favoritas. As duas têm a mesma importância. – Ela fez uma pausa, sorrindo. – Embora eu deva admitir uma certa parcialidade para estenografia. Há algo de excitante nela. É como...

– Como um código secreto? – eu disse, pensando na caixa chinesa.

– Sim. – Os olhos dela brilharam. – Sim, é exatamente isso. Um código secreto. Um mistério.

– Sim, senhorita.

Então ela aprumou o corpo e fez um sinal na direção da porta. – Bem, eu tenho que entrar. A Srta. Dove deve estar esperando por mim e eu não tenho coragem de deixá-la esperando. Como você sabe, ela é muito exigente com relação à pontualidade.

Eu fiz uma reverência e saí de baixo do toldo.

– Grace?

Eu me virei, piscando os olhos para me proteger da neve.

– Sim, senhorita?

Ela encostou um dedo nos lábios.

– Nós duas temos um segredo agora.

Eu assenti, e nos olhamos por um momento, até que, aparentemente satisfeita, ela sorriu e desapareceu atrás da porta preta da Srta. Dove.

No dia 31 de dezembro, enquanto os últimos momentos de 1915 se escoavam, a criadagem se reuniu ao redor da mesa da sala de jantar dos empregados para comemorar o Ano-novo. Lord Ashbury tinha autorizado para nós uma garrafa de champanhe e duas de cerveja, e a Sra. Townsend preparara uma espécie de ceia com o que conseguira na despensa racionada. Nós fizemos silêncio enquanto o relógio marchava em direção aos últimos momentos, depois demos vivas quando ele marcou o Ano-novo. Depois que o Sr. Hamilton cantou conosco uma versão animada do “Auld Lang Syne”, a conversa se dirigiu, como sempre, para os planos e as

promessas de Ano-novo. Katie tinha acabado de nos informar da sua resolução de nunca mais roubar bolo da despensa, quando Alfred anunciou:

– Eu me alistei – ele disse, olhando diretamente para o Sr. Hamilton. – Vou para a guerra.

Eu prendi a respiração e todo mundo se calou, aguardando a reação do Sr. Hamilton. Finalmente, ele falou, com um sorriso seco:

– Bem, isso foi muito nobre de sua parte, Alfred, e vou falar com o patrão sobre isso, mas devo dizer que não creio que ele vá querer dispensar os seus serviços.

Alfred engoliu em seco.

– Obrigado, Sr. Hamilton. Mas não será necessário. – Ele tomou fôlego. – Eu mesmo falei com o patrão. Quando ele veio de Londres. Ele disse que eu estava fazendo a coisa certa, e me desejou sorte.

O Sr. Hamilton digeriu aquela atitude. Seus olhos faiscaram pelo que considerou como sendo uma traição por parte de Alfred.

– É claro. Foi a coisa certa a fazer.

– Vou partir em março – Alfred comunicou. – Primeiro, vão me mandar para o treinamento.

– E depois? – a Sra. Townsend perguntou, recuperando finalmente a voz. Suas mãos estavam firmemente plantadas nos seus quadris bem acolchoados.

– Depois... – Ele sorriu, animado. – Depois França, eu acho.

– Bem – o Sr. Hamilton disse friamente, controlando-se. – Isto merece um brinde. – Ele ergueu a taça, e nós o imitamos. – Ao Alfred. Que ele possa retornar tão feliz e saudável quanto ao partir.

– Você tome muito cuidado, meu filho – a Sra. Townsend disse, com os olhos úmidos.

Alfred virou-se para mim, enquanto os outros tornavam a encher suas taças.

– Vou fazer a minha parte para defender o país, Grace.

Eu assenti, desejando que ele soubesse que nunca tinha sido um covarde. Que eu nunca pensara isso dele.

– Você vai escrever para mim, não vai, Grace? Promete?

Tornei a assentir.

– É claro que vou.

Ele sorriu para mim e eu senti o rosto quente.

– Enquanto estamos celebrando – Nancy interrompeu, batendo na taça para obter silêncio –, eu também tenho novidades.

Katie levou um susto.

– Você não vai se casar, vai, Nancy?

– É claro que não – Nancy disse, zangada.

– Então o quê? – a Sra. Townsend disse. – Não me diga que também vai nos deixar. Acho que não vou suportar.

– Não exatamente – Nancy disse. – Eu me inscrevi para ser guarda-noturno ferroviário. Na estação de trem. Eu vi o anúncio quando fazia compras na semana passada. – Ela se virou para o Sr. Hamilton. – A patroa ficou muito contente comigo. Ela disse que refletia bem para esta casa que a criadagem estivesse fazendo a sua parte.

– Realmente – o Sr. Hamilton disse, suspirando. – Desde que a criadagem consiga fazer o seu trabalho *dentro* da casa. – Ele tirou os óculos e esfregou o longo nariz, com um ar cansado. Tornou a colocá-los e olhou severamente para mim. – É de você que eu tenho pena, garota. Você vai ter em seus ombros um bocado de responsabilidades, com a partida de Alfred e os dois empregos de Nancy. Eu não vou encontrar alguém para ajudar. Não neste momento. Você vai ter que assumir muitas tarefas no andar de cima até as coisas voltarem ao normal. Você compreende?

Eu assenti solenemente.

– Sim, Sr. Hamilton. – Eu também entendi o recente investimento de Nancy no meu aperfeiçoamento. Ela estava me ensinando para que eu pudesse substituí-la e, assim, ficasse mais fácil para ela conseguir permissão para trabalhar fora.

O Sr. Hamilton sacudiu a cabeça e esfregou as têmporas.

– Você vai ter que servir à mesa, atender a sala de visitas, servir o chá. E vai ter que ajudar as jovens damas, Srta. Hannah e Srta. Emmeline, a se vestir enquanto elas estiverem aqui...

Ele continuou a sua ladainha de tarefas, mas eu não conseguia mais ouvir. Estava excitada demais com minhas novas responsabilidades em relação às irmãs Hartford. Depois do meu encontro acidental com Hannah na aldeia, minha fascinação pelas irmãs, por Hannah principalmente, tinha aumentado. Na minha cabeça, cheia de acontecimentos terríveis e histórias de mistério, ela era uma heroína: linda, inteligente e corajosa.

Embora naquela época não me tivesse ocorrido pensar nesses termos, eu agora percebo a natureza da atração. Nós éramos duas meninas, da mesma idade, morando na mesma casa, no mesmo país, e em Hannah eu via um repositório de possibilidades maravilhosas que eu nunca poderia ter.

Com o primeiro turno de Nancy na estação marcado para a sexta-feira seguinte, havia muito pouco tempo para ela me ensinar minhas novas obrigações. Noite após noite, meu sono era interrompido por uma pancada no tornozelo, um cotovelo nas costelas e uma instrução importante demais para correr o risco de ser esquecida de manhã.

Passei boa parte da noite de quinta-feira acordada, com a cabeça a mil, sem conseguir dormir. Às cinco horas, quando coloquei os pés descalços no chão frio, acendi a minha vela e vesti calcinhas, vestido e avental, meu estômago dava voltas.

Eu praticamente voei pelas minhas tarefas habituais, depois voltei para a sala dos empregados e esperei. Fiquei sentada à mesa, com os dedos nervosos demais para tricotar, e ouvi o relógio batendo os minutos.

Às nove e meia, quando o Sr. Hamilton checkou o seu relógio de pulso com o da parede e me disse que estava na hora de recolher

as bandejas do café e ajudar as jovens damas a se vestir, eu estava borbulhando de excitação.

Os quartos delas eram no andar de cima, ao lado do quarto das crianças. Eu bati uma vez, rápida e silenciosamente – uma mera formalidade, Nancy dizia –, depois abri a porta do quarto de Hannah. Era a primeira vez que eu via o quarto Shakespeare. Nancy, relutando em passar o controle para mim, tinha insistido em entregar ela mesma as bandejas de café da manhã antes de sair para a estação.

Estava escuro, por causa do papel de parede desbotado e da mobília pesada. Os móveis do quarto – cama, mesinha de cabeceira e *duchesse* – eram de mogno trabalhado, e um tapete vermelho escuro ia quase até as paredes. Sobre a cama, estavam pendurados três quadros que davam nome ao quarto; eram todas heroínas do melhor dramaturgo inglês de todos os tempos, segundo Nancy.

Quando eu cheguei, Hannah já tinha se levantado e estava na penteadeira, vestindo uma camisola de algodão branco, os pés juntos sobre o tapete, como se estivessem rezando, a cabeça curvada sobre uma carta. Ela estava completamente imóvel. Nancy tinha aberto as cortinas e um raio de sol entrava pela janela e brincava com as tranças loiras de Hannah. Ela não notou a minha entrada.

Eu pigarreei e ela ergueu os olhos.

– Grace – ela disse com naturalidade. – Nancy disse que você ia substituí-la enquanto ela estivesse na estação.

– Sim, senhorita.

– Não é demais para você? Fazer o trabalho de Nancy além do seu?

– Não, senhorita. De jeito algum.

Hannah inclinou-se para a frente e baixou a voz.

– Você deve estar muito ocupada, com as aulas da Srta. Dove ainda por cima.

Por um momento fiquei perdida. Quem era a Srta. Dove e por que ela estava me dando aulas? Então eu me lembrei. A escola de secretariado da aldeia.

– Estou me virando, senhorita. – Eu engoli em seco, louca para mudar de assunto. – Posso começar a pentear o seu cabelo, senhorita?

– Sim – Hannah disse, com um ar de cumplicidade. – Sim, é claro. Você tem razão em não falar sobre isso, Grace. Eu tomaria muito cuidado. – Ela tentou evitar um sorriso, quase conseguiu. Depois riu francamente. – É só... É um alívio ter com quem compartilhar isso.

Assenti solenemente, enquanto, por dentro, eu estava agitadaíssima.

– Sim, senhorita.

Com um último sorriso conspiratório, ela pôs um dedo nos lábios em sinal de silêncio e voltou a ler a carta. Pelo endereço no canto, pude ver que era do seu pai. Ela se mexeu na cadeira e eu desviei os olhos, soltando suas tranças. Desfiz as tranças com os dedos e comecei a escovar o cabelo.

Hannah dobrou a carta ao meio e a guardou embaixo de uma *bombonière* de cristal sobre a penteadeira. Ela olhou para o seu reflexo no espelho, apertou os lábios e se virou para a janela.

– Meu irmão vai para a França – ela disse com amargura. – Para lutar na guerra.

– É mesmo, senhorita?

– Ele e o amigo. Robert Hunter. – O nome deste último ela disse com desagrado. Ela segurou a ponta da carta. – O pobre papai não sabe. Nós não podemos contar a ele.

Eu escovava o cabelo ritmadamente, contando silenciosamente cada escovadela. (Nancy tinha dito cem, que ela saberia se eu pulasse alguma.) Então Hannah disse:

– Eu queria ir também.

– Para a guerra, senhorita?

– Sim. O mundo está mudando, Grace, e eu quero conhecê-lo. – Ela olhou para mim pelo espelho, seus olhos azuis iluminados pela luz do sol, e então ela falou como se recitasse uma frase que tinha decorado. – Eu quero saber como é ser modificada pela vida.

– Modificada, senhorita?

– Transformada, Grace. Eu não quero continuar lendo e brincando e fingindo para sempre. Quero viver. – Ela tornou a olhar para mim, com os olhos brilhando. – Você nunca se sente assim? Você nunca deseja mais do que a vida lhe deu?

Fiquei olhando para ela, com a sensação vaga e gratificante de ter recebido uma confiança; desconcertada pelo fato de que aquilo parecia exigir algum sinal de amizade que eu não tinha a menor condição de oferecer. O problema era que eu simplesmente não entendia. Os sentimentos que ela descrevia eram como uma língua estrangeira. A vida tinha sido boa para mim. Como eu podia duvidar disso? O Sr. Hamilton estava sempre me lembrando do quanto eu era afortunada por ter aquele emprego, e, quando não era ele, era mamãe. Não consegui encontrar um jeito de responder, mas Hannah continuava olhando para mim, à espera. Eu abri a boca, minha língua se soltou do céu da boca com um clique promissor, mas nenhuma palavra saiu.

Ela suspirou e sacudiu os ombros, com um sorriso desapontado nos lábios.

– Desculpe, Grace, eu perturbei você.

Ela desviou os olhos e eu me ouvi dizer:

– Eu já pensei algumas vezes que gostaria de ser um detetive, senhorita.

– Um detetive? – Seus olhos encontraram os meus no espelho. – Você quer dizer, como o Sr. Bucket em *Bleak House*?

– Eu não conheço o Sr. Bucket, senhorita. Estava pensando em Sherlock Holmes.

– É mesmo? Um detetive?

Eu assenti.

– Procurando pistas e solucionando crimes?

Eu assenti.

– Bem, então – ela disse, exageradamente contente. – Eu estava enganada. Você sabe o que eu estou dizendo. – E com isso ela olhou de novo pela janela, sorrindo de leve.

Eu não sabia ao certo como aquilo tinha acontecido, por que a minha resposta impulsiva a tinha agradado tanto, e não me importei com isso. Tudo o que eu sabia era que aquela ligação que fora estabelecida me aquecia o coração.

Pousei a escova sobre a penteadeira e enxuguei as mãos no meu avental.

– Nancy disse que a senhorita ia usar o seu traje de passeio hoje.

Eu tirei o conjunto do armário e carreguei para a penteadeira. Ergui a saia para ela poder pisar lá dentro.

Nesse instante, uma porta coberta com papel de parede, ao lado da cabeceira da cama, abriu e Emmeline apareceu. De onde eu estava ajoelhada, segurando a saia de Hannah, eu a vi atravessar o quarto. A beleza de Emmeline era do tipo que camuflava a idade dela. Alguma coisa em seus grandes olhos azuis, em seus lábios carnudos, até no modo de ela bocejar, dava a impressão de uma maturidade preguiçosa.

– Como vai o seu braço? – Hannah perguntou, pondo a mão no meu ombro para se apoiar e pisar dentro da saia.

Eu mantive a cabeça baixa, torcendo para o braço de Emmeline não estar doendo muito, torcendo para ela não se lembrar do papel que eu tive na queda. Mas se ela me reconheceu, não demonstrou. Ela sacudiu os ombros, esfregou distraidamente o pulso envolto em ataduras.

– Quase não dói. Estou deixando a atadura só para causar efeito.

Hannah se virou para a parede e eu tirei sua camisola, enfiei o corpete do traje de passeio pela cabeça dela.

– Você provavelmente vai ficar com uma cicatriz – ela disse.

– Eu sei. – Emmeline sentou-se na ponta da cama de Hannah. – Primeiro eu não queria, mas Robbie disse que seria um ferimento de batalha. Que isso me daria distinção.

– É mesmo? – Hannah disse, friamente.

– Ele disse que as melhores pessoas têm um traço que as distingue.

Eu apertei o corpete de Hannah, abotoando o primeiro botão.

– Ele vai passear conosco esta manhã – disse Emmeline, tamborilando na cama. – Ele perguntou a David se poderíamos mostrar o lago para ele.

– Tenho certeza de que vocês vão se divertir muito.

– Mas você não vem? É o primeiro dia bonito em várias semanas. Você disse que ia ficar louca se tivesse que passar muito mais tempo dentro de casa.

– Mudei de ideia – Hannah disse.

Emmeline ficou alguns segundos calada, e depois disse:

– David tinha razão.

Enquanto eu continuava a abotoar, percebi que o corpo de Hannah tinha ficado tenso.

– Como assim?

– Ele disse a Robbie que você era teimosa, que você ia ficar trancada o inverno inteiro para evitá-lo, se resolvesse fazer isso.

Hannah apertou os lábios. Por um momento ela não teve o que dizer.

– Bem... pode dizer a David que ele está enganado. Eu não o estou evitando de forma alguma. Tenho coisas a fazer aqui dentro. Coisas importantes. Coisas que vocês desconhecem.

– Como ficar sentada no quarto das crianças, passando o tempo, enquanto lê de novo o que está na caixa?

– Sua espiãzinha! – Hannah disse, indignada. – Não é de estranhar que eu queira um pouco de privacidade. – Ela bufou. – Aliás, você está enganada. Eu não vou mexer na caixa. A caixa não está mais aqui.

– Como assim?

– Eu a escondi – disse Hannah.

– Onde?

– Da próxima vez que nós formos brincar eu digo.

– Mas provavelmente nós não vamos brincar este inverno todo – Emmeline disse. – Não podemos. Não sem contar a Robbie.

– Então eu digo no próximo verão – disse Hannah. – Você não vai sentir falta dela. Você e David têm muitas outras coisas para fazer, agora que Robbie Hunter está aqui.

– Por que você não gosta dele? – Emmeline quis saber.

Fez-se um estranho silêncio, uma pausa na conversa, durante a qual eu me senti estranhamente exposta, consciente dos meus batimentos cardíacos, da minha respiração.

– Não sei – Hannah disse finalmente. – Desde que ele chegou aqui, as coisas têm estado diferentes. Parece que as coisas estão indo embora. Desaparecendo antes mesmo que eu saiba o que elas são. – Ela estendeu o braço enquanto eu ajustava o punho de renda.

– Por que você gosta dele?

Emmeline encolheu os ombros.

– Porque ele é engraçado e inteligente. Porque David gosta muito dele. Porque ele salvou a minha vida.

– Isso é um certo exagero. – Hannah fungou enquanto eu abotoava o último botão do seu corpete. Ela se virou para olhar para Emmeline.

Emmeline tapou a boca com a mão e arregalou os olhos. Ela começou a rir.

– O que foi? – Hannah disse. – Qual é a graça? – Ela olhou para o espelho. – Ui – ela acrescentou, franzindo a testa.

Emmeline, ainda rindo, caiu deitada em cima dos travesseiros de Hannah.

– Você parece aquele garoto abobalhado da aldeia – ela disse. – Aquele que a mãe obriga a usar roupas muito pequenas.

– Isso é maldade, Emme – Hannah disse, mas não pôde deixar de rir. Ela se olhou no espelho, girou os ombros, tentando endireitar o corpete. – E não é verdade. Aquele pobre menino nunca pareceu *tão* ridículo. – Ela se virou para se ver de lado. – Eu devo ter crescido desde o último inverno.

– Sim – Emmeline disse, olhando para o corpete de Hannah, apertado nos seios. – *Mais alta*. Que sorte.

– Bem – Hannah disse. – Eu certamente não posso usar isto.

– Se o papai se interessasse por nós como se interessa pela fábrica – Emmeline disse –, iria perceber que precisamos de roupas novas de vez em quando.

– Ele faz o melhor que pode.

– Eu detestaria ver o pior – Emmeline disse. – Se não tivermos cuidado, vamos fazer nosso debut com vestidos de gola marinheira.

Hannah encolheu os ombros.

– Eu não ligo a mínima. Um costume fora de moda, idiota. – Ela tornou a se olhar no espelho, puxando o corpete. – Vou ter que escrever para o papai e perguntar se podemos comprar roupas novas.

– Sim – Emmeline disse. – E não aventais. Vestidos direitos, como os de Fanny.

– Bem – Hannah disse –, eu vou ter que usar um avental hoje. Isto aqui não serve. – Ela ergueu as sobrancelhas para mim. – O que será que Nancy vai dizer quando descobrir que suas regras foram desobedecidas?

– Ela não vai ficar satisfeita, senhorita – eu disse, ousando sorrir de volta enquanto desabotoava seu traje de passeio.

Emmeline ergueu os olhos; inclinou a cabeça e piscou os olhos na minha direção.

– Quem é essa?

– Esta é Grace – Hannah disse. – Lembra? Ela nos salvou da Srta. Prince no verão passado.

– Nancy está doente?

– Não, senhorita – eu disse. – Ela está na aldeia, trabalhando na estação. Por causa da guerra.

Hannah ergueu uma sobrancelha.

– Tenho pena do passageiro que perder a passagem.

– Sim, senhorita – eu disse.

– Grace vai nos vestir quando Nancy estiver na estação –

Hannah disse para Emmeline. – Não vai ser uma mudança agradável, ter alguém da nossa idade?

Eu fiz uma reverência e saí do quarto, com o coração cantando. E parte de mim torcia para a guerra não acabar nunca.

Foi numa fria manhã de março que Alfred partiu para a guerra. O céu estava claro e o ar carregado de promessas. Eu me sentia estranhamente determinada ao caminhar de Riverton até a cidade. Enquanto o Sr. Hamilton e a Sra. Townsend guardavam o forte, Nancy, Katie e eu tínhamos recebido uma licença especial, desde que nossas tarefas tivessem sido completadas, para acompanhar Alfred até a estação. Era nosso dever, o Sr. Hamilton disse, dar apoio moral aos jovens rapazes britânicos que dedicavam suas vidas ao país.

Mas o apoio moral tinha limites: sob nenhuma circunstância nós poderíamos conversar com os soldados, para quem jovens como nós eram presas fáceis.

Como eu me sentia importante, caminhando pela High Street no meu melhor vestido, acompanhada por um soldado do Exército do rei. Tenho certeza de que não era só eu que sentia esta excitação. Nancy, como percebi, tinha se esforçado para fazer um penteado diferente, seu comprido rabo de cavalo estava enrolado numa espécie de coque, parecido com o da patroa. Até Katie tinha tentado amansar seus cachos.

Quando nós chegamos, a estação estava cheia de soldados e seus acompanhantes. Namorados se abraçavam, mães endireitavam os uniformes novinhos em folha, e pais empertigados

disfarçavam o orgulho. O posto de alistamento de Saffron Green, não querendo ficar para trás, tinha organizado uma campanha de alistamento no mês anterior e cartazes do dedo apontado de Lord Kitchener ainda podiam ser vistos em cada poste. Eles iam formar um batalhão especial, Alfred disse – os Rapazes de Saffron –, e iam todos juntos. Era melhor assim, ele disse, conhecer e gostar dos companheiros com quem iria viver e lutar.

O trem brilhava, preto e dourado, pontuando a ocasião, de tempos em tempos, com um pufe impaciente de vapor. Alfred levou sua bagagem até o meio da plataforma, depois parou.

– Bem, meninas – ele disse, depositando a bagagem no chão e olhando em volta. – Aqui parece ser um bom lugar.

Nós concordamos, tontas com aquela atmosfera de Carnaval. Em algum lugar na extremidade da plataforma, lá onde estavam reunidos os oficiais, uma banda estava tocando. Nancy acenou formalmente para um condutor severo, que respondeu com um cumprimento seco de cabeça.

– Alfred – Katie disse, envergonhada –, eu tenho uma coisa para você.

– Tem mesmo, Katie? – Alfred disse. – É muita gentileza sua. – Ele aproximou o rosto do dela.

– Ah, Alfred – Katie disse, enrubescendo como um tomate maduro. – Eu não quis dizer um *beijo*.

Alfred piscou o olho para Nancy e para mim.

– Bem, isso é uma decepção, Katie. Aqui estou eu, achando que você vai me dar algo para eu me lembrar de casa quando estiver lá longe do outro lado do mar.

– Eu vou. – Katie entregou a ele um pano de prato amassado. – Aqui está.

Alfred ergueu uma sobrancelha.

– Um pano de prato? Ora, obrigado, Katie. Isso irá certamente fazer-me lembrar de casa.

– Não é um pano de prato – Katie disse. – Bem, é. Mas isso é só o invólucro. Olhe dentro.

Alfred abriu o embrulho e viu três fatias do bolo Victoria da Sra. Townsend.

– Não tem manteiga nem creme por causa do racionamento – Katie disse. – Mas não está ruim.

– E como é que você sabe, Katie? – Nancy disse. – A Sra. Townsend não vai ficar contente quando souber que você andou mexendo de novo na despensa dela.

Katie fez beicinho.

– Eu só queria dar alguma coisa para o Alfred levar.

– Sim. – A expressão de Nancy suavizou-se. – Bem, eu suponho que está bem, então. Só desta vez: pelo esforço de guerra. – Ela olhou para Alfred. – Grace e eu também temos uma coisa para você, Alfred. Não temos, Grace? Grace?

No final da plataforma eu tinha visto dois rostos familiares: Emmeline, parada ao lado de Dawkins, o motorista de Lord Ashbury, no meio de um mar de jovens oficiais, usando uniformes elegantes.

– Grace? – Nancy sacudiu o meu braço. – Eu estava falando com Alfred sobre o nosso presente.

– Ah, sim. – Eu enfiei a mão na bolsa e entreguei a Alfred um pacotinho embrulhado em papel marrom.

Ele o desembalhou cuidadosamente, sorrindo ao ver o que ele continha.

– Eu tricotei as meias e Nancy o cachecol – eu disse.

– Bem – disse Alfred, examinando os itens. – Eles parecem ótimos. – Ele segurou as meias e olhou para mim. – Vou pensar em você, em vocês três, quando estiver quentinho e todos os outros rapazes sentindo frio. Eles vão ter inveja das minhas três garotas: as melhores da Inglaterra.

Ele enfiou os presentes na mala, depois dobrou o papel e o devolveu para mim.

– Tome aqui, Grace. A Sra. T. deve estar uma fera procurando o seu bolo. Não quero que ela sinta falta também do seu papel de assar.

Eu assenti, guardei o papel na bolsa; senti os olhos dele sobre mim.

– Você não vai se esquecer de me escrever, vai, Gracie?

Sacudi a cabeça, encarando-o.

– Não, Alfred. Eu não vou me esquecer de você.

– É melhor mesmo – ele disse, sorrindo para mim. – Ou vai haver confusão quando eu voltar. – Ele ficou sério. – Vou sentir saudades de você. – Então ele olhou para Nancy e Katie. – De todas vocês.

– Alfred – Katie disse animadamente. – Veja os outros rapazes. Tão elegantes em seus uniformes novos. Eles são todos Rapazes de Saffron?

Enquanto Alfred indicava alguns dos outros rapazes que ele tinha conhecido no posto de alistamento, eu tornei a olhar para a extremidade da plataforma, e vi Emmeline acenar para outro grupo e sair correndo. Dois dos jovens oficiais se viraram para olhar para ela, e eu vi seus rostos. David e Robbie Hunter. Onde estava Hannah? Eu me virei para procurar. Ela passara o inverno inteiro evitando David e Robbie, mas sem dúvida não ia deixar de se despedir de David.

– ... e aquele é Rufus – disse Alfred, apontando para um soldado magro, de dentes grandes. – O pai dele é trapeiro. Rufus costumava ajudá-lo, mas acha que vai ter mais chance de comer regularmente no Exército.

– Pode ser – Nancy disse. – Para um trapeiro. Mas você não pode dizer que não passa muito bem em Riverton.

– Ah, não – disse Alfred. – Não tenho queixa alguma nesse departamento. A Sra. Townsend, e os patrões, eles nos mantêm bem alimentados. – Ele sorriu e acrescentou: – Mas devo confessar que fico doente de ficar fechado dentro de casa. Estou louco para passar um tempo ao ar livre.

Um avião passou, um Blériot XI-2 segundo Alfred, e a multidão soltou vivas. Uma onda de excitação varreu a plataforma, arrastando a todos na sua passagem. O condutor, um pontinho distante, preto e branco, apitou, depois anunciou a partida pelo megafone.

– Bem – disse Alfred, com um sorriso nos lábios. – Está na hora de partir.

Uma figura apareceu no final da estação. Hannah. Ela correu os olhos pela plataforma, acenou ao ver David. Atravessou a multidão, só parando ao alcançar o irmão. Ela ficou parada um instante, sem dizer nada, depois tirou uma coisa da bolsa e entregou a ele. Eu já sabia o que era. Tinha visto sobre a *duchesse* naquela manhã. *Viagem pelo Rubicon*. Era um dos livrinhos do Jogo, uma das aventuras favoritas deles, cuidadosamente descrita, ilustrada e costurada com linha. Ela colocara o livro num envelope e o amarrara com barbante.

David olhou para o livro e depois para Hannah. Ele o guardou no bolso do paletó, passou a mão sobre ele, depois apertou as duas mãos dela; ele dava a impressão de querer beijar o rosto dela, abraçá-la, mas este não era o modo como agiam. Então ele não o fez. Inclinou-se para a frente e disse alguma coisa para ela. Ambos olharam na direção de Emmeline, e Hannah assentiu.

Então David se virou e disse alguma coisa para Robbie. Ele tornou a olhar para Hannah e ela começou a procurar algo na bolsa. Ela estava procurando alguma coisa para dar a ele, eu percebi. David deve ter dito que Robbie precisava de um amuleto para lhe dar sorte.

A voz de Alfred, pertinho do meu ouvido, desviou minha atenção.

– Até logo, Gracie – ele disse, com os lábios roçando meu cabelo, próximo ao pescoço. – Obrigado pelas meias.

Eu levei a mão à minha orelha, ainda quente de suas palavras, enquanto Alfred pendurava o saco no ombro e se dirigia para o

trem. Ao chegar à porta, ele subiu no vagão e se virou, sorrindo para nós por sobre as cabeças dos outros soldados.

– Desejem-me sorte – ele disse, e então desapareceu, empurrado pelos outros soldados, ansiosos por embarcar.

Eu acenei.

– Boa sorte – gritei para as costas de estranhos, sentindo subitamente a lacuna que sua partida deixaria em Riverton.

Na primeira classe, David e Robbie embarcaram junto com os outros oficiais. Dawkins ia atrás com as malas de David. Havia menos oficiais do que soldados, e eles encontraram assentos com facilidade, cada um aparecendo numa janela enquanto Alfred brigava por um espaço, de pé, no seu vagão.

O trem tornou a apitar e expeliu fumaça, enchendo a plataforma de vapor. Seus longos eixos começaram a girar e o trem avançou lentamente.

Hannah foi andando ao lado do trem, ainda vasculhando a bolsa, aparentemente em vão. Finalmente, enquanto o trem ia ganhando velocidade, ela olhou para cima, tirou a fita de cetim branco do cabelo e a entregou para Robbie, que esperava com a mão estendida.

PARTE 2

O dia 12 de julho

Eu vou aparecer no filme. Bem, não eu, mas uma jovem fingindo ser eu. Não importa o quanto seja distante a ligação de alguém com uma catástrofe, parece que viver muito faz com que você se torne um objeto de interesse. Recebi o telefonema dois dias atrás: era Ursula, a jovem cineasta de corpo esbelto e longos cabelos claros, perguntando se eu gostaria de conhecer a atriz que teria a honra, duvidosa, de desempenhar o papel de “Arrumadeira I”, agora renomeada como “Grace”.

Elas virão aqui, em Heathview. Não é o melhor local para um encontro, mas eu não tenho nem coragem nem pernas para ir até lá, e não posso fingir que sim. Então, estou aqui sentada na cadeira do meu quarto, esperando.

Alguém bate à porta. Eu olho para o relógio – nove e meia. Chegaram na hora. Percebo que estou prendendo a respiração e me pergunto por quê.

Então elas entram no quarto, no meu quarto. Sylvia e Ursula e a moça que vai me representar.

– Bom-dia, Grace – Ursula diz, sorrindo por baixo da franja cor de trigo. Ela se inclina para beijar o meu rosto, o que me deixa muito surpresa.

Minha voz fica presa na garganta.

Ela se senta sobre o cobertor na beirada da minha cama – um ato pouco recomendável que, para minha surpresa, não me incomoda – e segura a minha mão.

– Grace – ela diz –, esta é Keira Parker. – Ela se vira para sorrir para a moça que está atrás de mim. – Ela vai representar você no filme.

A garota, Keira, se aproxima. Ela não tem mais de dezessete anos, e eu fico impressionada com sua beleza simétrica. Cabelos

louros até os ombros, presos num rabo de cavalo. Um rosto redondo, lábios grossos cobertos de brilho, e olhos azuis sob uma testa lisa. Um rosto feito para vender chocolates.

Eu pigarreio, e me lembro de ser educada.

– Não quer sentar-se? – E aponto para a cadeira de vinil marrom que Sylvia trouxe mais cedo da sala de estar.

Keira se senta rapidamente, enrosca as pernas vestidas de jeans e olha disfarçadamente para a esquerda, para a minha mesinha de cabeceira. O jeans é puído, com fiapos saindo dos bolsos. Roupa rasgada não é mais sinal de pobreza, como Sylvia me informou; é símbolo de estilo. Keira sorri, impassível, examinando minhas coisas.

– Obrigada por me receber, Grace – ela se lembra de dizer.

Eu fico irritada por ela usar o meu primeiro nome. Mas estou sendo irracional e ralho comigo mesma. Se ela tivesse me chamado pelo sobrenome, eu teria insistido na dispensa desta formalidade.

Percebo que Sylvia ainda está parada perto da porta aberta, tirando o pó do batente, numa demonstração de dever para disfarçar sua curiosidade. Ela adora artistas de cinema e craques de futebol.

– Sylvia, querida – digo –, você acha que poderíamos tomar um chá?

Sylvia olha para mim, seu rosto o retrato da dedicação.

– Chá?

– E talvez uns biscoitos.

– É claro. – Relutantemente, ela guarda o pano de pó.

Eu faço um sinal para Ursula.

– Sim, por favor – ela diz. – Puro.

Sylvia dirige-se a Keira.

– E você, Srta. Parker? – A voz dela está nervosa, o seu rosto fica vermelho, e eu percebo que ela deve conhecer a jovem atriz.

Keira boceja.

– Chá verde com limão.

– Chá verde – Sylvia repete devagar, como se tivesse acabado de conhecer a origem do universo. – Limão. – Ela continua parada na porta.

– Obrigada, Sylvia – digo. – Eu vou querer o de sempre.

– Sim. – Sylvia pisca os olhos, o feitiço é quebrado e ela finalmente sai. A porta é fechada e eu fico sozinha com minhas duas convidadas.

Eu me arrependo imediatamente de ter mandado Sylvia embora. Sou tomada por uma sensação irracional de que a presença dela poderia impedir o retorno do passado.

Mas ela saiu, e nós três compartilhamos um momento de silêncio. Eu torno a olhar para Keira, estudo o seu rosto, tento reconhecer o meu jovem eu em suas belas feições. De repente, uma música abafada quebra o silêncio.

– Desculpe – diz Ursula, mexendo dentro da bolsa. – Eu ia tirar o som. – Ela tira da bolsa um telefone celular preto e o volume aumenta, parando no meio de um acorde quando ela aperta um botão. Ela sorri, sem graça. – Desculpe. – Ela olha para o visor e uma nuvem cobre o seu rosto. – Vocês me dão licença por um instante?

Keira e eu assentimos e Ursula sai do quarto, com o telefone no ouvido.

A porta é fechada e eu me viro para a minha jovem visitante.

– Bem – digo –, acho que devíamos começar.

Ela concorda com um movimento imperceptível de cabeça, e tira uma pasta de dentro da bolsa. Abre a pasta e tira um maço de papéis presos por um clipe. Posso ver pelo layout que se trata de um roteiro – palavras escritas em letras maiúsculas seguidas por partes maiores em letra comum.

Ela vira algumas páginas e para, comprimindo os lábios.

– Eu estava querendo saber sobre seu relacionamento com a família Hartford. Com as meninas.

Eu balanço a cabeça. Já imaginava isso.

– O meu papel não é um dos grandes – ela diz. – Não tenho muitas falas, mas estou em muitas das cenas iniciais. – Ela olha para mim. – Você sabe. Servindo bebidas, esse tipo de coisa.

Eu torno a assentir.

– Bem, Ursula achou que seria uma boa ideia eu conversar com você sobre as meninas: o que você achava delas. Assim eu teria alguma ideia da minha *motivação*. – Ela enfatizou a última palavra, enunciada como se fosse um termo estrangeiro com que, talvez, eu não estivesse familiarizada. Ela endireita as costas e sua expressão assume um verniz de firmeza. – O meu papel não é um dos principais, mas mesmo assim é importante fazer uma atuação marcante. Nunca se sabe quem vai estar assistindo.

Eu concordo com um movimento de cabeça, e ela continua:

– É por isso que preciso que você me diga como se sentia. A respeito do seu trabalho e das meninas. – Ela se inclina para a frente, os olhos de um tom frio de azul, como cristal veneziano. – Eu levo uma certa vantagem pelo fato de você ainda estar... quer dizer, pelo fato de você ainda estar...

– Viva – concluo. – Sim, eu entendo. – Eu quase admiro a franqueza dela. – O que exatamente você gostaria de saber?

Ela sorri; aliviada, eu imagino, por sua gafe ter sido rapidamente disfarçada pelo fluxo da nossa conversa.

– Bem – ela diz, examinando o pedaço de papel que está em seus joelhos. – Primeiro, vou fazer as perguntas bobas.

Meu coração acelera. Fico imaginando o que ela irá perguntar.

– Você gostava de ser uma criada?

Eu solto o ar: mais um ar que escapa do que um suspiro.

– Sim, por um tempo.

Ela parece duvidar.

– É mesmo? Não consigo imaginar como se pode gostar de servir pessoas o dia inteiro, todo dia. O que você gostava nesse trabalho?

– Os outros se tornaram uma família para mim. Eu gostava da camaradagem.

– Os outros? – Ela arregalou os olhos avidamente. – Quer dizer, Hannah e Emmeline?

– Não. O resto da criadagem.

– Ah. – Ela fica desapontada. Sem dúvida, tinha vislumbrado um papel maior para si mesma, um roteiro emendado em que Grace, a arrumadeira, não é mais uma observadora externa, mas um membro secreto do círculo das irmãs Hartford. Ela é jovem, é claro, e vive num mundo diferente. Ela não entende que certas linhas não podem ser cruzadas. – Isso é bom, mas eu não tenho cenas com os outros atores que fazem papel de empregados, então não adianta muito para mim. – Ela percorre a lista de perguntas com a caneta. – Havia alguma coisa que você *não* gostasse no fato de ser uma criada?

Dia após dia acordando com os passarinhos; o sótão que era um forno no verão e uma geladeira no inverno; mãos vermelhas e em carne viva de lavar roupa; dor nas costas de limpar; um cansaço que ia até o centro dos meus ossos.

– Era cansativo. Os dias eram longos e cheios. Eu não tinha tempo para mim mesma.

– Sim, é assim que estou representando. Eu quase não preciso fingir. Depois de um dia inteiro de ensaio, meus braços estão doloridos de tanto carregar aquela maldita bandeja de um lado para outro.

– O que doía mais eram os meus pés – digo. – Mas só no começo, e só depois que fiz dezesseis anos e ganhei sapatos novos.

Ela escreve alguma coisa no verso do roteiro, com uma letra redonda, e balança a cabeça.

– Ótimo. Eu posso usar isso. – Ela continua a escrever, terminando com um floreio. – Agora as perguntas interessantes. Eu quero saber sobre Emmeline. Isto é, o que você sentia por ela.

Eu hesito, imaginando por onde começar.

– Nós temos algumas cenas juntas e eu não sei ao certo o que deveria estar pensando. Transmitindo.

– Que tipo de cenas? – pergunto, curiosa.

– Bem, por exemplo, tem uma em que ela vê pela primeira vez R. S. Hunter, perto do lago, e escorrega e quase se afoga e eu tenho que...

– Perto do lago? – Eu fico confusa. – Mas não foi lá que eles se conheceram. Foi na biblioteca, era inverno, eles estavam...

– Na biblioteca? – Ela franze o narizinho perfeito. – Não surpreende que o roteirista tenha mudado isso. Não há nada de dinâmico numa sala cheia de livros velhos. Funciona muito bem assim, já que foi no lago que ele se matou e tudo o mais. É como se o fim da história estivesse no começo. É romântico.

Vou ter que concordar com ela em relação a essa parte.

– Bem, eu tenho que ir correndo até a casa para pedir ajuda, e, quando volto, ele já a tirou da água e a fez voltar a si. Do jeito que a atriz representa esta cena, ela está tão ocupada olhando para ele que nem nota que viemos todos ajudá-la. – Ela faz uma pausa, olha para mim com os olhos bem abertos, como se tivesse sido clara. – Bem, você não acha que eu deveria, que Grace deveria, reagir um pouco?

Eu demoro a responder e ela retoma o que estava dizendo.

– Não de uma forma óbvia. Apenas uma reação sutil. Você sabe o tipo. – Ela funga, empina o nariz e suspira. Eu não compreendo que ela está representando para mim até ela mudar de expressão e tornar a me olhar com aqueles olhos bem abertos. – Está vendo?

Eu hesito, escolhendo as palavras com cuidado.

– Você é que decide, obviamente, como vai representar seu personagem. Como vai representar Grace. Mas, se fosse eu, lembre-se de que era 1915, não consigo imaginar que eu tivesse reagido... – Sacudo a mão no ar, incapaz de expressar em palavras o seu desempenho.

Ela fica me olhando como se eu tivesse perdido alguma nuance vital.

– Mas você não acha que é um tanto indelicado não agradecer a Grace por ter ido buscar ajuda? Eu me sinto estúpida de sair correndo e voltar, só para ficar ali parada de novo como um zumbi.

Eu suspiro.

– Talvez você tenha razão, mas era assim que acontecia naquela época. Teria sido estranho se ela não se comportasse daquele jeito. Entende?

Ela exhibe um ar de dúvida.

– Eu não esperava que ela agisse de outra maneira.

– Mas você deve ter *sentido* alguma coisa.

– É claro. – Eu sou tomada de um desagrado inesperado pelo fato de estar falando dos mortos. – Eu só não demonstrava.

– Nunca? – Ela nem deseja nem espera uma resposta, e eu fico contente, porque não quero responder. Ela faz um beicinho. – Toda essa coisa de criada-patroa parece muito ridícula. Uma pessoa obedecendo às ordens de outra.

– Era outro tempo – digo com simplicidade.

– É isso que Ursula também diz. – Ela suspira. – Mas não ajuda muito, ajuda? Quer dizer, representar significa reagir. É um tanto difícil criar um personagem interessante quando a ordem do diretor de cena é “não reaja”. Eu me sinto como uma boneca de papelão, só “sim, senhora”, “não, senhora”, “três sacos cheios, senhora”.

Eu concordo.

– Deve ser difícil.

– Eu fiz um teste para o papel de Emmeline – ela diz confidencialmente. – Aquele papel sim é que era um sonho. Um personagem tão interessante. E tão glamouroso, ela sendo uma atriz e morrendo daquele jeito num acidente de carro.

Eu sinto a decepção dela e não posso culpá-la; houve muitas ocasiões em que eu teria preferido ser Emmeline a ser a arrumadeira.

– Bem – ela diz, insatisfeita –, eu estou fazendo o papel de Grace e tenho que tirar o melhor proveito dele. Além disso, Ursula prometeu que eu seria entrevistada para o DVD de lançamento, uma vez que sou a única que estou tendo a oportunidade de conhecer o meu personagem na vida real.

– Fico feliz em ser de alguma utilidade.

– Sim – ela diz, sem entender a ironia.

– Você tem mais alguma pergunta?

– Vou ver. – Ela vira uma página, e alguma coisa cai, voa até o chão como se fosse uma mariposa gigante, e pousa virada ao contrário. Quando ela se abaixa para pegar, eu vejo que é uma foto, um conjunto de figuras em preto e branco, com rostos sérios. Mesmo daquela distância, a imagem me é familiar. Eu me lembro na mesma hora, da mesma forma que um filme assistido há muito tempo, um sonho, um quadro, pode ser lembrado apenas por sua forma.

– Posso ver? – pergunto, estendendo a mão.

Ela me passa a fotografia, depositando-a entre meus dedos retorcidos. Nossas mãos se tocam por um instante e ela retira a dela rapidamente, com medo de pegar alguma coisa. Velhice, talvez.

A fotografia é uma cópia. Sua superfície é lisa, fria e opaca. Eu viro a imagem na direção da janela para ela pegar a luz que entra. Aperto os olhos para ver melhor.

Lá estamos nós. Todos os moradores de Riverton no verão de 1916.

Todos os anos era feita uma foto como essa; Lady Violet fazia questão. Elas eram planejadas anualmente, o fotógrafo vinha especialmente de um estúdio em Londres, e o dia era comemorado com pompa e circunstância.

A fotografia resultante, duas fileiras de rostos sérios, olhando fixamente para a câmera encapuzada de preto, era depois entregue em mãos, ficava exposta por algum tempo sobre a lareira da sala de

visitas, em seguida era colada na página apropriada do álbum de família dos Hartford, junto com convites, cardápios e recortes de jornais.

Se fosse a fotografia de qualquer outro ano, talvez eu não soubesse a data. Mas esta imagem em particular é memorável por causa dos acontecimentos que se seguiram a ela.

O Sr. Frederick está sentado na frente e no meio, sua mãe de um lado, Jemima do outro. Esta última está com um xale preto sobre os ombros para disfarçar a gravidez adiantada. Hannah e Emmeline estão sentadas nas duas pontas, dois parênteses – uma mais alta do que a outra – usando vestidos pretos iguais. Vestidos novos, mas não do tipo que Emmeline imaginava.

Em pé, atrás do Sr. Frederick, no meio de uma fileira escura, está o Sr. Hamilton, com a Sra. Townsend e Nancy ao lado. Katie e eu estamos em pé atrás das meninas Hartford, com o Sr. Dawkins, o motorista, e o Sr. Dudley nas pontas. As filas são distintas. Só a Babá Brown ocupa um lugar intermediário, cochilando numa cadeira de junco do conservatório, nem na frente, nem atrás.

Eu contemplo o meu rosto sério, meu penteado austero que faz minha cabeça parecer um alfinete, acentuando minhas orelhas grandes demais. Estou de pé bem atrás de Hannah, com seu cabelo louro, penteado em ondas, sobressaindo contra o preto do meu vestido.

Nós todos estamos com expressões sérias, um hábito na época, mas particularmente apropriado para esta fotografia. Os criados estão de preto, como sempre, mas a família também está. Pois naquele verão ela se juntara ao luto generalizado na Inglaterra e no mundo.

Era o dia 12 de julho de 1916, o dia seguinte ao serviço fúnebre conjunto de Lord Ashbury e do major. O dia em que nasceu o bebê de Jemima, e o dia em que a pergunta que estava em todos os nossos lábios foi respondida.

Fez um calor horrível naquele verão, e no dia da fotografia eu acordei mais cedo do que de costume. O sol estava acima das bétulas que cobriam a margem do lago e entrava pela janela do sótão, caindo bem em cima da cama e batendo no meu rosto. Eu não me importava. Era agradável, para variar, acordar com luz em vez de começar o trabalho na escuridão fria da casa adormecida. Para uma criada, o sol de verão era um companheiro constante nas atividades do dia.

O fotógrafo fora marcado para as nove e meia, e, quando nos reunimos no gramado da frente, o ar estava sufocante. A família de andorinhas que considerava Riverton a sua casa buscou refúgio embaixo das calhas do sótão, observando-nos em silêncio e com curiosidade, perdendo a vontade de cantar. Até as árvores da entrada da casa estavam silenciosas. Suas copas folhosas estavam imóveis, como que para conservar energia, até que uma brisa as obrigasse a emitir um sussurro indesejado.

O fotógrafo, o rosto coberto de suor, nos arrumou, um por um, a família sentada, o resto de pé atrás. Lá ficamos nós, todos de preto, os olhos fixos na câmera e os pensamentos no cemitério.

Depois, na comparativa frescura da sala de pedra dos empregados, o Sr. Hamilton mandou Katie servir limonada enquanto o resto de nós ficava sentado apaticamente em volta da mesa.

– É o fim de uma era, e isso é um fato – a Sra. Townsend disse, enxugando os olhos inchados com um lenço. Ela passara a maior parte do mês de julho chorando, desde a notícia da morte do major, na França, fazendo uma pausa e ganhando força quando Lord Ashbury sofreu um derrame fatal na semana seguinte.

– O fim de uma era – o Sr. Hamilton disse, sentado em frente a ela. – É isso mesmo, Sra. Townsend.

– Quando eu penso em milorde... – Sua voz falhou e ela sacudiu a cabeça, descansou os cotovelos na mesa e enterrou o rosto inchado nas mãos.

– O derrame foi repentino – o Sr. Hamilton disse.

– Derrame! – a Sra. Townsend disse, erguendo o rosto. – Eles podem estar chamando disso, mas ele morreu mesmo foi de tristeza. Ouçam o que estou dizendo. Não suportou perder o filho daquele jeito.

– A senhora tem razão, Sra. Townsend – Nancy disse, amarrando no pescoço seu cachecol. – Eles eram muito unidos, ele e o major.

– O major! – Os olhos da Sra. Townsend encheram-se outra vez de lágrimas e seu lábio inferior tremeu. – Aquele querido rapaz. Pensar que ele morreu daquele jeito. Em algum lamaçal horrível na França.

– O Somme – eu disse, testando o som da palavra, seu tom de mau augúrio. Pensei na última carta de Alfred, folhas finas de papel engordurado que cheirava a lugares distantes. Chegara dois dias antes, enviada da França na semana anterior. A carta tinha um tom leve, mas havia algo nela, nas coisas não ditas, que me deixou inquieta. – É lá que Alfred está, Sr. Hamilton? No Somme?

– Eu diria que sim, menina. Pelo que ouvi na aldeia, eu diria que foi para lá que mandaram os Rapazes de Saffron.

Katie, que tinha chegado com uma bandeja de limonadas, levou um susto.

– Sr. Hamilton, e se Alfred...

– Katie! – Nancy interrompeu-a bruscamente, olhando para mim enquanto a Sra. Townsend cobria a boca com a mão. – Cuidado com a bandeja e feche a matraca.

O Sr. Hamilton comprimiu os lábios.

– Meninas, não se preocupem com o Alfred. Ele está com o moral elevado e em boas mãos. Os que estão no comando farão o que for melhor. Eles não mandariam Alfred e os rapazes para a frente de batalha se não confiassem em sua capacidade para defender o rei e o país.

– Isso não significa que ele não vá levar um tiro – disse Katie, emburrada. – O major levou, e ele é um herói.

– Katie! – O rosto do Sr. Hamilton ficou rubro e a Sra. Townsend engasgou. – Mostre algum respeito. – Ele baixou a voz e disse num sussurro trêmulo: – Depois de tudo o que a família teve que suportar nestas últimas semanas. – Ele sacudiu a cabeça e endireitou os óculos. – Não posso nem olhar para você, menina. Vá para a copa e... – Ele se virou para a Sra. Townsend em busca de apoio.

A Sra. Townsend ergueu o rosto inchado da mesa e disse, entre soluços:

– E limpe todas as minhas fôrmas e panelas. Até as velhas que eu deixei para o homem das panelas.

Nós ficamos em silêncio enquanto Katie saía de fininho para a copa. Tola Katie, com aquela história de morrer. Alfred sabia cuidar de si mesmo. Ele estava sempre falando isso em suas cartas, dizendo para eu não me acostumar com suas tarefas porque ele voltaria logo para retomá-las. Dizendo-me para manter o seu lugar aquecido para ele. Eu pensei em outra coisa que Alfred havia dito. Algo que tinha me preocupado com relação aos nossos empregos.

– Sr. Hamilton – eu disse baixinho. – Não quero faltar com o respeito, mas estava pensando no que tudo isso significa para nós. Quem dará as ordens agora que Lord Ashbury...?

– Vai ser o Sr. Frederick, sem dúvida – respondeu Nancy. – Ele é o outro filho de Lord Ashbury.

– Não – a Sra. Townsend disse, olhando para o Sr. Hamilton. – Vai ser o filho do major, não vai? Quando ele nascer. Ele é o seguinte na linha de sucessão.

– Eu diria que vai depender – o Sr. Hamilton disse, muito sério.

– De quê? – perguntou Nancy.

O Sr. Hamilton passou os olhos por nós.

– Vai depender do sexo da criança que Lady Jemima vai ter.

A simples menção do nome dela fez a Sra. Townsend voltar a chorar.

– A pobrezinha – ela disse. – Perdeu o marido. E vai ter um bebê. Isso não é justo.

– Imagino que haja outras como ela por toda a Inglaterra – Nancy disse, sacudindo a cabeça.

– Mas não é a mesma coisa – a Sra. Townsend disse. – Não é a mesma coisa quando isso acontece com uma de nós.

A terceira sineta da fileira junto à escada soou, e a Sra. Townsend deu um pulo.

– Meu Deus – ela disse, levando a mão ao peito.

– Porta da frente. – O Sr. Hamilton levantou-se e empurrou a cadeira para baixo da mesa. – Lord Gifford, sem dúvida. Veio ler o testamento. – Ele vestiu o paletó e endireitou o colarinho, olhou para mim por cima dos óculos antes de se dirigir à escada. – Lady Ashbury vai tocar para pedir o chá a qualquer momento, Grace. Depois de fazer isso, não se esqueça de levar uma jarra de limonada lá para fora, para a Srta. Hannah e a Srta. Emmeline.

Enquanto ele subia a escada, a Sra. Townsend deu uma batidinha no peito.

– Meus nervos não são mais o que eram – ela disse, triste.

– Este calor não ajuda – comentou Nancy. Ela olhou para o relógio da parede. – Veja só, são apenas dez e meia. Lady Violet só vai pedir o almoço daqui a umas duas horas. Por que a senhora não descansa mais cedo hoje? Grace pode cuidar do chá.

Eu assenti, feliz por ter o que fazer para me livrar um pouco da tristeza que se abatera sobre a casa.

Eu subi com a bandeja pela escada escura da ala dos empregados e entrei no hall principal. Fui cercada imediatamente de luz e calor. Embora todas as cortinas da casa tivessem sido fechadas por insistência de Lady Ashbury em seguir o costume do luto fechado vitoriano, não havia cortinas cobrindo o painel de vidro que ficava sobre a porta da frente, e o sol entrava livremente. Aquilo me fez pensar na câmara. A sala era um clarão de luz e vida no meio de uma caixa coberta por um pano preto.

Fui até a sala de visitas e abri a porta. O cômodo estava pesado com o ar morno e parado que tinha entrado no início do verão e ficado retido ali pela tristeza da casa. As enormes janelas francesas estavam fechadas e tanto as duas pesadas cortinas de brocado como as outras internas de seda tinham sido fechadas, penduradas ali numa atitude letárgica. Havia um clima denso que me fez hesitar em prosseguir, uma diferença que não tinha nada a ver com a escuridão ou o calor.

Quando meus olhos se acostumaram, o cenário sombrio da sala começou a se materializar. Lord Gifford, um homem de idade avançada e rosto avermelhado, estava sentado na poltrona de Lord Ashbury, com uma pasta de couro preto aberta sobre o colo. Lia em voz alta, apreciando a ressonância de sua voz no ambiente mal iluminado. Na mesa ao lado dele, um elegante abajur de bronze com uma cúpula florida lançava um círculo de luz suave.

No sofá de couro em frente, Jemima estava sentada ao lado de Lady Violet. Ambas viúvas. A segunda parecia ter diminuído de tamanho desde aquela manhã: uma figura frágil vestida de preto, o rosto oculto por um véu de renda preta. Jemima também trajava preto, o rosto muito pálido. Suas mãos, normalmente gordas, agora pareciam pequenas e frágeis enquanto ela acariciava distraidamente a barriga. Lady Clementine tinha se retirado para o quarto, mas Fanny, ainda perseguindo ardentemente a mão do Sr. Frederick em casamento, recebera permissão para assistir e estava sentada com um ar de importância do outro lado de Lady Violet, com uma expressão forçada de pesar no rosto.

Sobre a mesa que ficava próxima, as flores que eu tinha colhido no jardim aquela manhã, azaleias cor-de-rosa, clematites brancas e galhos de jasmim pendiam, tristes e desanimadas, do jarro. O cheiro do jasmim enchia a sala com uma pungência sufocante.

Do outro lado da mesa, o Sr. Frederick estava de pé com a mão sobre a lareira, alto e empertigado. À meia-luz, seu rosto parecia de cera, o olhar parado, a expressão pétrea. O clarão fraco do abajur

lançava uma sombra sobre um de seus olhos. O outro estava sombrio, fixo sobre sua presa. Enquanto eu o observava, percebi que ele também estava me observando.

Ele me fez um sinal com os dedos da mão que descansava sobre a lareira: um gesto sutil que eu não teria percebido se o resto do seu corpo não estivesse tão imóvel. Queria que eu levasse a bandeja para ele. Eu olhei para Lady Violet, insegura não só por causa desta mudança de hábito, mas também pela atenção enervante do Sr. Frederick. Ela não olhou na minha direção, então eu fiz o que ele estava mandando, evitando cuidadosamente o seu olhar. Quando pousei a bandeja sobre a mesa, ele apontou na direção do bule de chá, mandando que eu servisse, depois voltou a olhar para Lord Gifford.

Eu nunca tinha servido o chá antes, não na sala de visitas, não para a patroa. Hesitei, sem saber ao certo como proceder, então peguei a jarra de leite, feliz pela escuridão, enquanto Lord Gifford continuava a falar:

– ... na realidade, fora as exceções já especificadas, todos os bens de Lord Ashbury, junto com seu título, deveriam passar para o seu filho mais velho e herdeiro, major Jonathan Hartford...

Aqui ele fez uma pausa. Jemima reprimiu um soluço, mais triste ainda por ter sido reprimido.

Frederick emitiu um som com a garganta. Impaciência, eu deduzi, olhando rápido para ele enquanto despejava leite na última xícara. Ele estava com o queixo projetado para a frente, numa atitude severa e autoritária. Ele soltou o ar: uma expiração longa e medida. Seus dedos tamborilaram na lareira e ele disse:

– Prossiga, Lord Gifford.

Lord Gifford ajeitou-se na cadeira de Lord Ashbury e o couro suspirou, lamentando a perda do seu dono. Ele pigarreou, ergueu a voz.

– ... como não foram tomadas outras providências depois da notícia da morte do major Hartford, os bens irão passar, de acordo

com as leis da primogenitura, para o filho mais velho do major Hartford. – Ele olhou por cima dos óculos para a barriga de Jemima e continuou: – Se o major Hartford não tiver filho homem, os bens e o título passarão para o segundo filho de Lord Ashbury, o Sr. Frederick Hartford.

Lord Gifford ergueu os olhos e seus óculos refletiram a luz do abajur.

– Parece que temos de esperar.

Ele fez uma pausa e eu aproveitei a oportunidade para servir o chá para as damas. Jemima aceitou sua xícara automaticamente, sem olhar para mim, descansando-a no colo. Lady Violet não aceitou a dela. Só Fanny aceitou a xícara de chá com algum apetite.

– Lord Gifford – o Sr. Frederick disse com uma voz calma –, como o senhor prefere seu chá?

– Com leite e sem açúcar – Lord Gifford respondeu, passando os dedos pelo colarinho, afastando o pano do pescoço suado.

Ergui cuidadosamente o bule e comecei a servir, tomando cuidado para não me queimar. Entreguei-lhe a xícara e o pires, e ele aceitou sem olhar para mim.

– Os negócios vão bem, Frederick? – ele perguntou, esfregando um lábio no outro antes de tomar o chá.

Com o canto do olho, eu vi o Sr. Frederick balançar a cabeça afirmativamente.

– Muito bem, Lord Gifford – ele disse. – Meus homens fizeram a mudança da produção de automóveis para a produção de aviões e há outro contrato em vista com o Ministério da Guerra.

Lord Gifford ergueu uma sobrancelha.

– Vamos esperar que aquela companhia americana não se candidate. Dizem que eles produziram aviões suficientes para cada homem, mulher e criança da Inglaterra.

– Não vou negar que eles produziram um bocado de aviões, Lord Gifford, mas eu não voaria em nenhum deles.

– Não?

– Produção em massa – disse o Sr. Frederick, à guisa de explicação. – Gente trabalhando depressa demais, tentando acompanhar a linha de produção, sem tempo para fazer as coisas direito.

– O ministério não parece se importar com isso.

– O ministério só está preocupado com o resultado – disse o Sr. Frederick. – Mas isso vai mudar. Quando eles virem a qualidade do que estamos produzindo, não vão mais querer comprar aqueles aviões de lata. – E então ele riu alto demais.

Eu levantei os olhos, sem querer. Tive a impressão de que, para um homem que havia perdido o pai e o irmão com uma diferença de dias, ele estava enfrentando bem a situação. Bem demais, eu pensei, e comecei a duvidar da descrição carinhosa que Nancy fizera dele, da devoção de Hannah, pendendo mais para a caracterização que David fizera, de um homem mesquinho e amargo.

– Alguma notícia do jovem David? – Lord Gifford quis saber.

De repente, Jemima prendeu o fôlego, e todos olharam para ela. Ela segurou um lado da barriga, depois passou as mãos sobre a barriga retesada.

– O que foi? – Lady Violet disse por baixo do véu de renda.

Jemima não respondeu, ocupada, pelo que pareceu, em comunicar-se silenciosamente com seu bebê. Ela ficou olhando para a frente, com os olhos parados, ainda apalpando a barriga.

– Jemima? – Lady Violet tornou a falar, a preocupação deixando ainda mais gelada a sua voz.

Jemima inclinou a cabeça como se estivesse prestando atenção. Ela disse, num sussurro:

– Ele parou de se mexer. – Sua respiração estava ofegante. – Ele esteve ativo o tempo todo, mas agora parou.

– Você precisa descansar – orientou Lady Violet. – É este bendito calor. – Ela engoliu em seco. – Este bendito calor. – Ela olhou ao redor, buscando confirmação. – Isso, e... – Ela sacudiu a cabeça,

apertou os lábios, sem querer, talvez incapaz de pronunciar a última frase. – É só isso. – Ela juntou toda a sua coragem, endireitou o corpo e disse com firmeza: – Você precisa descansar.

– Não – Jemima disse, com o lábio inferior tremendo. – Eu quero ficar aqui. Por Jonathan. E por você.

Lady Violet segurou as mãos de Jemima, retirou-as delicadamente de cima da barriga dela e apertou-as entre as suas.

– Eu sei que você quer. – Ela acariciou de leve o cabelo castanho de Jemima. Foi um gesto singelo, mas que me fez lembrar que Lady Violet também era mãe. Sem se mover, ela disse: – Grace. Ajude a Sra. Hartford a subir para descansar.

– Sim, minha senhora. – Eu fiz uma reverência e me aproximei de Jemima. Ajudei-a a se levantar, feliz pela oportunidade de sair da sala e da tristeza que nela estava contida.

Ao sair, com Jemima ao meu lado, percebi o que havia de diferente na sala, além da escuridão e do calor. O relógio da lareira, que normalmente marcava cada segundo com precisão, estava silencioso. Seus ponteiros pretos paralisados, obedecendo às instruções de Lady Ashbury de parar todos os relógios do andar de cima às dez para as cinco, a hora exata da morte do marido.

A queda de Ícaro

Depois de deixar Jemima acomodada em seu quarto, eu voltei à sala dos empregados, onde o Sr. Hamilton examinava as painéis que Katie tinha esfregado. Ele ergueu os olhos da frigideira favorita da Sra. Townsend só para me dizer que as irmãs Hartford estavam na velha casa de barcos perto do lago e que eu deveria levar refrescos para elas. Eu peguei uma jarra de limonada no refrigerador, coloquei-a numa bandeja junto com dois copos e uma travessa de sanduíches e saí pela porta de serviço.

Fiquei parada no último degrau, piscando até meus olhos se acostumarem à luz forte. Depois de um mês sem chuva, tudo perdera a cor. O sol estava no meio do céu e sua luz direta branqueava tudo, dando ao jardim a aparência enevoadada de uma das aquarelas pregadas na parede do quarto de vestir de Lady Violet. Embora eu estivesse de touca, a linha no centro da minha cabeça, onde eu repartia o cabelo, ficou instantaneamente queimada.

Eu atravessei o Gramado do Teatro, recém-aparado e com o cheiro soporífero de grama seca. Dudley estava agachado ali perto, aparando os canteiros da beirada. As lâminas de sua tesoura estavam manchadas de verde, o metal brilhava.

Ele deve ter sentido a minha presença, porque se virou e apertou os olhos.

– O sol está quente – disse, protegendo os olhos com as mãos.

– Quente o bastante para cozinhar um ovo – eu disse, citando Nancy, imaginando se haveria verdade nesta expressão.

Na extremidade do gramado, uma escadaria de pedras cinzentas levava ao roseiral de Lady Ashbury. Botões cor-de-rosa abraçavam as treliças, e abelhas agitavam-se em volta de seus corações amarelos.

Passei por baixo da pérgula, abri o portão e comecei a descer o Long Walk: uma faixa de pedrinhas cinzentas no meio de um tapete de flores-do-campo brancas. No meio do caminho, a cerca viva de arbustos altos dava lugar a pequenos teixos que ladeavam o Jardim Egeskov. Eu pisquei quando dois topiários apareceram, depois sorri para mim mesma e para o par de patos indignados que tinham saído do lago e que me olhavam com seus olhinhos pretos e brilhantes.

No final do Jardim Egeskov ficava o segundo portão, a irmã esquecida (pois existe sempre uma irmã esquecida), vítima dos galhos do jasmineiro. Do outro lado, ficava a fonte de Ícaro, e, mais adiante, na beira do lago, a casa de barcos.

O fecho do portão estava começando a enferrujar, e eu precisei largar a bandeja para poder abri-lo. Depositei a bandeja no meio de uma plantação de morangos e usei os dedos para abrir o ferrolho. Abri o portão, peguei a bandeja e continuei, passando por uma nuvem de perfume de jasmim, na direção da fonte.

Embora Eros e Psique presidissem, grandes e magníficos, o gramado da frente, um prólogo para a casa imponente, havia algo de maravilhoso – um ar misterioso e melancólico – na pequena fonte, escondida na clareira ensolarada, no fundo do jardim do sul.

O tanque redondo de pedras tinha sessenta centímetros de altura e seis metros de diâmetro, no seu ponto mais largo. Era coberto de ladrilhos azuis como o colar de safiras que Lord Ashbury tinha trazido para Lady Violet depois de servir no Extremo Oriente. Do meio do tanque, saía um enorme bloco de mármore marrom dourado, da altura de dois homens, grosso na base, mas afinando na ponta. No meio do bloco, de mármore creme contrastando com o marrom, a figura em tamanho real de Ícaro tinha sido esculpida em posição reclinada. Suas asas, de mármore claro trabalhado para dar a impressão de penas, estavam amarradas nos braços estendidos e caíam para trás, por sobre as rochas. Saindo do tanque para cuidar da figura caída, havia três sereias, seus cabelos compridos e

cacheados emoldurando rostos angélicos: uma delas tinha uma pequena harpa, outra usava uma grinalda de folhas de hera, e a última estava com as mãos, brancas sob a pele cor de creme, sob o torso de Ícaro, para tirá-lo do fundo do tanque.

Naquele dia de verão, um par de martinets roxos, inconscientes da beleza da estátua, desceram voando, pousaram sobre o bloco de mármore, e tornaram a alçar voo, roçando a superfície do tanque e enchendo os bicos de água. Enquanto eu os observava, senti um calor e um forte e súbito desejo de mergulhar a mão na água fresca. Olhei para trás, na direção da casa, que, preocupada demais com sua dor, não repararia se uma criada, no fundo do parque, parasse um momento para se refrescar.

Pousei a bandeja na beira do tanque e coloquei devagar um joelho sobre os ladrilhos, quentes sob minhas meias pretas. Inclinei-me para a frente, estendi a mão, recolhendo-a de novo ao primeiro toque da água beijada pelo sol. Enrolei a manga e me preparei para mergulhar o braço.

Ouvi uma risada, um arpejo musical na imobilidade do verão.

Parei, ouvi, inclinei a cabeça e olhei para o outro lado da estátua.

Então eu as vi, Hannah e Emmeline, não na casa de barcos, mas empoleiradas do outro lado da fonte. Meu choque foi duplo: elas tinham tirado seus vestidos pretos de luto e estavam apenas de combinação, corpete e ceroulas debruadas de renda. Suas botas também estavam jogadas no caminho de pedras brancas que rodeava o tanque. Seus cabelos longos brilhavam em cumplicidade com o sol. Eu olhei de novo na direção da casa, espantada com a sua coragem. Imaginando se a minha presença me tornava, de alguma forma, cúmplice delas. Imaginando se eu tinha medo – ou desejava – que sim.

Emmeline estava deitada de costas: os pés juntos, as pernas dobradas, os joelhos, tão brancos quanto sua combinação, saudando o claro céu azul. Seu braço – de pele macia e clara, um desconhecido para o sol – estava estendido sobre a fonte, seu pulso

desenhando preguiçosamente um oito, de modo que dedos alternados tocavam na superfície do tanque. Ondas pequeninas batiam umas sobre as outras.

Hannah estava sentada ao lado, uma perna encolhida sob o corpo, a outra dobrada de modo que o queixo descansava sobre o joelho, seus dedos dos pés flertando com a água. Abraçava a perna com os braços e de uma de suas mãos pendia um pedaço de papel tão fino que era quase transparente sob o clarão do sol.

Eu retirei o braço, desenrolei a manga, me recompus. Com um último olhar de desejo para o lago, peguei a bandeja.

Ao me aproximar, pude ouvi-las conversando.

– ... Eu acho que ele está sendo muito teimoso – Emmeline disse. Havia uma pilha de morangos entre as duas, e ela enfiou um na boca e jogou o galhinho no jardim.

Hannah sacudiu os ombros.

– Papai sempre foi teimoso.

– Mesmo assim – Emmeline disse. – Recusar simplesmente é bobagem. Se David pode ter o trabalho de escrever para nós lá da França, o mínimo que papai podia fazer era ler a carta.

Hannah olhou para a estátua, inclinou a cabeça de forma que as ondinhas do tanque cintilaram, formando faixas em seu rosto.

– David fez o papai de bobo. Ele foi escondido, fez exatamente o que papai tinha dito a ele para não fazer.

– Mas isso foi há mais de um ano.

– Papai não perdoa facilmente. David sabe disso.

– Mas é uma carta tão *engraçada*. Leia de novo a parte que fala do refeitório, do pudim.

– Eu *não* vou ler de novo. Eu não devia ter lido três vezes. É muito grosseria para ouvidos jovens. – Ela estendeu a carta, que fez sombra no rosto de Emmeline. – Toma. Pode ler sozinha. Tem uma ilustração esclarecedora na segunda página. – Soprou um vento quente e o papel tremulou, permitindo que eu visse as linhas pretas de um desenho no canto superior do papel.

Meus passos ressoaram nas pedras brancas do caminho, e Emmeline ergueu os olhos e me viu parada atrás de Hannah.

– Ufa, limonada – ela disse, tirando o braço do tanque, esquecendo a carta. – Que bom. Eu estou morrendo de sede.

Hannah se virou, enfiando a carta no cinto.

– Grace – ela disse, sorrindo.

– Nós estamos nos escondendo do Velho Gropeford – Emmeline disse, sentando-se de costas para a fonte. – Uhh, este sol está delicioso. Foi direto para a minha cabeça.

– E para o seu rosto – Hannah disse.

Emmeline ergueu o rosto para o sol, fechou os olhos.

– Não faz mal. Eu queria que fosse verão o ano inteiro.

– Lord Gifford já foi embora, Grace? – Hannah perguntou.

– Não sei ao certo, senhorita. – Depositei a bandeja na beirada da fonte. – Acho que sim. Ele estava na sala de visitas quando eu servi o chá agora de manhã, e milady não disse que ele ia ficar.

– Espero que não – Hannah disse. – Já tem muita coisa desagradável acontecendo no momento para eu ter que aturá-lo tentando olhar para dentro do meu vestido a tarde inteira.

Havia uma mesinha de ferro batido ao lado de um bosque de madressilvas cor-de-rosa e amarelas e eu a carreguei até a fonte para colocar os refrescos. Enfiei seus pés curvos entre as pedras do caminho e pus a bandeja sobre ela; comecei a servir a limonada.

Entre o polegar e o indicador, Hannah rolava um galhinho de morango.

– Por acaso você ouviu alguma coisa do que Lord Gifford estava dizendo, Grace?

Eu hesitei. Eu não devia ficar escutando enquanto servia o chá.

– Sobre os bens de vovô – ela insistiu. – Sobre Riverton. – Ela não me encarou, e desconfiei que estivesse se sentindo tão sem jeito quanto eu.

Engoli em seco, pousei a jarra.

– Eu... eu não tenho certeza, senhorita...

– Ela ouviu! – Emmeline exclamou. – Eu estou vendo; ela está vermelha. Você ouviu, não foi? – Ela se inclinou para a frente, arregalando os olhos. – Então, conte. O que vai acontecer? A casa vai ficar para o papai? Nós vamos ficar aqui?

– Eu não sei, senhorita – eu disse, me encolhendo como sempre fazia quando Emmeline se dirigia autoritariamente a mim. – Ninguém sabe.

Emmeline pegou um copo de limonada.

– Alguém deve saber – ela disse com arrogância. – Lord Gifford, eu imagino. Por que ele viria aqui hoje se não fosse para falar do testamento de vovô?

– O que eu quis dizer, senhorita, é que depende.

– De quê?

Então Hannah falou.

– Do bebê de tia Jemima. – Ela olhou para mim. – É isso, não é, Grace?

– Sim, senhorita – confirmei, baixinho. – Pelo menos eu acho que era isso que eles estavam dizendo.

Emmeline disse:

– Do bebê de tia Jemima?

– Se for um menino – Hannah disse, pensativa –, então tudo pertence a ele por direito. Se não for, papai se torna Lord Ashbury.

Emmeline, que tinha acabado de abocanhar um morango, tapou a boca com a mão e riu.

– Imagine. Papai, senhor do castelo. É *muito* engraçado. – A fita cor de pêssego enfiada na cintura da sua combinação tinha ficado presa na beirada da fonte e estava saindo. Um fio comprido fazia um zigue-zague por sua perna. Eu precisava me lembrar de consertá-la mais tarde. – Você acha que ele ia querer que nós morássemos aqui?

Sim, eu pensei esperançosa. Riverton tinha ficado tão silenciosa no ano anterior. Eu não tinha nada para fazer a não ser tirar o pó de

quartos vazios e tentar não me preocupar demais com quem ainda estava lutando.

– Eu não sei – Hannah disse. – Espero sinceramente que não. Já é ruim o suficiente ficar presa aqui durante o verão. Os dias são duas vezes mais compridos no campo, e não se tem nada para fazer para preenchê-los.

– Aposto que ele ia querer.

– Não – Hannah disse com firmeza. – Papai não aguentaria ficar longe da fábrica.

– Eu não sei – Emmeline disse. – Se tem uma coisa que papai gosta mais do que dos seus motores idiotas é Riverton. É o seu lugar preferido no mundo inteiro. – Ela olhou para cima. – Embora eu não entenda por que alguém possa gostar de ficar preso no meio de lugar algum sem ter com quem conversar. – Ela parou de repente. – Hannah, você sabe o que eu acabei de pensar? Se papai se tornar um lorde, então nós teremos um título de nobreza, não é?

– Acho que sim – Hannah disse. – Grande coisa.

Emmeline deu um salto e revirou os olhos.

– Tem muito valor. – Ela pôs o copo de volta na mesa e subiu na beirada do tanque. – A Honourable Emmeline Hartford da Mansão Riverton. Soa muito bem, não acha? – Ela se virou e fez uma reverência para o seu reflexo, bateu as pestanas e estendeu a mão. – Prazer em conhecê-lo, belo senhor. Eu sou a Honourable Emmeline Hartford. – Ela riu, encantada com a própria brincadeira, e começou a saltitar pela beirada de ladrilhos, com os dois braços esticados para se equilibrar, repetindo a apresentação entre gargalhadas.

Hannah ficou olhando para ela, espantada.

– Você tem irmãs, Grace?

– Não, senhorita – respondi. – Nem irmãos.

– É mesmo? – ela disse, como se a existência sem irmãos fosse algo em que ela nunca havia pensado.

– Eu não tive tanta sorte, senhorita. Somos só mamãe e eu.

Ela olhou para mim, apertando os olhos por causa do sol.

– Sua mãe. Ela trabalhou aqui.

Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

– Sim, senhorita. Até eu nascer, senhorita.

– Você se parece muito com ela. Isto é, de rosto.

Eu fiquei espantada.

– Senhorita?

– Eu vi o retrato dela. No álbum de vovó. Uma das fotos dos moradores da casa no século passado. – Ela deve ter percebido minha confusão, porque continuou: – Não que eu estivesse procurando por ela; não foi isso, Grace. Eu estava tentando encontrar um determinado retrato da minha mãe quando vi a foto. A semelhança entre vocês duas é marcante. O mesmo rosto bonito, os mesmos olhos bondosos.

Eu nunca tinha visto um retrato de mamãe – não de quando ela era jovem –, e a descrição de Hannah era tão diferente da mãe que eu conhecia que fui tomada de um desejo súbito e irreprimível de ver aquele retrato. Eu sabia onde Lady Ashbury guardava o álbum – na gaveta da esquerda da escrivaninha. E eu ficava muitas vezes sozinha limpando a sala de visitas, quando Nancy não estava. Se eu me certificasse de que não havia alguém por perto, e se fosse bem rápida, talvez conseguisse dar uma olhada nele.

– Por que ela não voltou para Riverton? – Hannah quis saber. – Quer dizer, depois que você nasceu?

– Não era possível, senhorita. Não com um bebê.

– Tenho certeza de que vovó já teve famílias na criadagem antes.

– Ela sorriu. – Imagine só: se ela tivesse voltado, nós nos teríamos conhecido em criança. – Hannah olhou na direção da água e franziu a testa. – Talvez ela fosse infeliz aqui, e não tenha querido voltar, não?

– Eu não sei, senhorita – eu disse, inexplicavelmente sem graça de estar falando sobre mamãe com Hannah. – Ela não fala muito sobre isso.

- Ela está trabalhando em algum outro lugar?
- Ela agora faz serviços de costura, senhorita. Na aldeia.
- Ela trabalha por conta própria?
- Sim, senhorita. – Eu nunca tinha pensado nisso nestes termos. Hannah balançou a cabeça.
- Isso deve dar alguma satisfação.

Eu olhei para ela, sem saber se estava brincando. Mas seu rosto estava sério. Pensativo.

– Não sei, senhorita – eu disse, gaguejando. – Eu... eu vou estar com ela esta tarde. Posso perguntar, se a senhorita quiser.

Havia uma sombra em seus olhos, como se seus pensamentos estivessem muito longe. Ela me olhou e a sombra desapareceu.

– Não. Não é importante. – Ela brincou com a ponta da carta de David, que ainda estava enfiada na sua combinação. – Você teve notícias de Alfred?

– Sim, senhorita – eu disse, contente por ela ter mudado de assunto. Alfred era território mais seguro. Ele fazia parte daquele mundo. – Recebi uma carta dele na semana passada. Ele vai estar aqui de licença em setembro.

– Setembro. Não falta muito. Você vai ficar feliz em vê-lo.

– Ah, sim, senhorita, vou mesmo.

Hannah sorriu com um ar maroto, e eu enrubesci.

– O que eu quis dizer, senhorita, foi que todos nós do andar de baixo vamos ficar felizes em vê-lo.

– É claro que você vai ficar feliz, Grace. Alfred é um ótimo sujeito.

Meu rosto estava rubro. Porque Hannah tinha adivinhado corretamente. Embora as cartas de Alfred ainda chegassem para toda a criadagem, elas eram, cada vez mais, dirigidas unicamente a mim. O seu conteúdo também estava mudando. A conversa sobre a guerra estava sendo substituída por assuntos domésticos e outras coisas secretas. A saudade que ele sentia de mim, o quanto gostava de mim. O futuro... Eu pisquei os olhos.

– E o patrãozinho David, senhorita? – perguntei. – Ele vai voltar logo?

– Ele acha que em dezembro. – Ela passou os dedos pelo medalhão, olhou para Emmeline e baixou a voz. – Sabe de uma coisa, tenho a sensação de que esta será a última vez que ele virá para cá.

– Senhorita?

– Agora que ele escapou, Grace, que viu o mundo... Bem, ele tem uma nova vida, não é? Uma vida real. A guerra vai terminar, ele vai ficar em Londres e estudar piano e se tornar um grande músico. Vai viver uma vida cheia de excitação e aventura, como nos jogos que costumávamos jogar... – Ela olhou na direção da casa e seu sorriso desapareceu. Então ela suspirou. Um suspiro longo que a fez baixar os ombros. – Às vezes...

A expressão ficou solta no ar, entre nós: langorosa, pesada, cheia, e eu esperei pela conclusão que não veio. Não encontrei nada para dizer, então fiz o que sei fazer melhor. Fiquei em silêncio e despejei o resto da limonada em seu copo.

Então ela olhou para mim. Estendeu o copo.

– Toma, Grace. Este copo é para você.

– Ah, não, senhorita. Obrigada, senhorita. Eu estou bem.

– Bobagem – Hannah disse. – Seu rosto está quase tão vermelho quanto o de Emmeline. Toma. – Ela estendeu o copo para mim.

Eu olhei para Emmeline, que punha flores cor-de-rosa e amarelas para flutuar do outro lado da fonte.

– De verdade, senhorita, eu...

– Grace – ela disse, fingindo severidade. – Está quente e eu insisto.

Suspirei e peguei o copo. Ele estava frio, tentadoramente frio. Eu o ergui até os lábios, só um golinho, talvez...

Uma exclamação excitada, vinda de trás, fez Hannah se virar. Eu ergui os olhos e tentei enxergar contra a luz. O sol tinha começado a

baixar e o ar estava enevoadado.

Emmeline estava agachada no meio da estátua, na plataforma perto de Ícaro. Seu cabelo claro estava solto e ondulado, e ela prendera uma flor branca atrás da orelha. A barra molhada da sua combinação estava grudada em suas pernas.

Naquela luz branca e quente, ela parecia fazer parte da estátua. Uma quarta sereia, que tinha ganhado vida. Ela acenou para nós. Para Hannah.

– Vem até aqui. Dá para enxergar até o lago.

– Eu já vi – Hannah respondeu. – Fui eu que mostrei para você, lembra?

Ouviram-se um ronco no céu, e um avião passou. Eu não soube que tipo de avião era. Alfred saberia.

Hannah ficou olhando até o avião desaparecer, um pontinho no céu ensolarado. Então, ela se levantou de repente, com um ar determinado, e foi rapidamente até o banco onde estavam suas roupas. Eu larguei a limonada e fui ajudá-la a enfiar o vestido preto.

– O que você está fazendo? – Emmeline perguntou.

– Estou me vestindo.

– Por quê?

– Eu tenho uma coisa para fazer em casa. – Hannah ficou parada enquanto eu arrumava seu corpete. – Verbos franceses para a Srta. Prince.

– Desde quando? – Emmeline franziu o nariz, desconfiada. – Estamos de férias.

– Eu pedi uns exercícios extras.

– Não pediu não.

– Pedi sim.

– Bem, eu também vou – Emmeline disse sem se mover.

– Ótimo – Hannah disse calmamente. – E se você ficar entediada, talvez Lord Gifford ainda esteja lá para lhe fazer companhia. – Ela se sentou no banco do jardim e começou a amarrar as botas.

– Anda – Emmeline disse, fazendo beicinho. – Conte-me o que você está fazendo. Você sabe que eu sei guardar segredos.

– Graças a Deus – Hannah disse, olhando para ela com os olhos arregalados. – Eu não ia querer que ninguém soubesse que estou estudando verbos franceses.

Emmeline ficou olhando para Hannah e batendo com as pernas numa asa de mármore. Ela inclinou a cabeça.

– Você *jura* que é só isso que está fazendo?

– Eu *juro*. Vou fazer umas traduções em casa. – Então ela olhou rapidamente para mim, e eu compreendi a sua meia verdade. Ela ia fazer traduções, mas de estenografia e não de francês. Eu baixei os olhos, extremamente satisfeita com o meu papel de conspiradora.

Emmeline sacudiu a cabeça lentamente, apertou os olhos.

– É pecado mortal mentir, você sabe. – Ela estava desconfiada.

– Sim, menina piedosa – Hannah disse, rindo.

Emmeline cruzou os braços.

– Tudo bem. Pode guardar seus segredinhos bobos. Eu não ligo.

– Ótimo. Está todo mundo feliz. – Hannah sorriu para mim e eu retribuí o sorriso. – Obrigada pela limonada, Grace. – E então ela desapareceu, atravessou o portão e seguiu pelo atalho.

Minha visita a mamãe naquela tarde foi breve e não teria sido notável se não fosse por uma coisa.

Normalmente, quando eu ia visitar, mamãe e eu nos sentávamos na cozinha onde a luz era melhor para costurar e onde tínhamos passado a maior parte do tempo juntas antes de eu ir para Riverton. Naquele dia, entretanto, quando ela me recebeu na porta, levou-me para a salinha de estar que dava para a cozinha. Eu fiquei surpresa, e imaginei quem mais mamãe estaria esperando, pois a sala era raramente usada, fora sempre reservada para a visita de gente importante como o Dr. Arthur ou o pastor da igreja. Eu me sentei na cadeira ao lado da janela e esperei enquanto ela ia buscar o chá.

Mamãe tinha feito um esforço para a sala estar bem apresentável. Eu reconheci os sinais. Um vaso que pertencera à mãe dela, de porcelana branca com tulipas pintadas na frente, estava na mesinha do lado, ostentando orgulhosamente um ramo de margaridas cansadas. E a almofada que ela normalmente enrolava para sustentar as costas enquanto trabalhava, tinha sido alisada e arrumada no meio do sofá. Parecia uma impostora astuta, sentada ali, contemplando o mundo como se sua única função fosse decorativa.

Mamãe trouxe o chá e sentou-se defronte a mim. Eu a observei servi-lo. Só havia duas xícaras. Seríamos só nós duas, afinal. A sala, as flores, a almofada eram para mim.

Mamãe segurou a xícara com as duas mãos e eu notei que seus dedos estavam endurecidos, trepados uns nos outros. Ela não tinha mais condições de costurar naquele estado. Eu imaginei há quanto tempo ela estaria assim, como estava conseguindo viver. Eu mandava uma parte do meu salário para ela toda semana, mas certamente isso não era suficiente. Com muita cautela, toquei no assunto.

– Isso não é da sua conta – ela disse. – Eu estou me arranjando.

– Mas mamãe, você devia ter me contado. Eu poderia ter mandado mais dinheiro. Não tenho no que gastar.

O seu rosto magro vacilou entre defensiva e derrota. Finalmente, ela suspirou.

– Você é uma boa menina, Grace. Está fazendo a sua parte. A infelicidade da sua mãe não é preocupação sua.

– É claro que é, mamãe.

– Você só tome cuidado para não cometer os mesmos erros que cometi.

Eu tomei coragem e perguntei delicadamente:

– Que erros, mamãe?

Ela desviou os olhos e eu esperei, o coração batendo forte, enquanto ela mordida o lábio ressecado. Imaginando se finalmente

ela me confiaria os segredos que tinham sempre existido entre nós...

– Bobagem – ela disse por fim, virando-se para olhar para mim. E com isso a porta foi fechada mais uma vez. Ela ergueu o queixo e perguntou sobre a casa, a família, como sempre fazia.

O que eu esperava? Uma mudança súbita, incrível, de hábitos? Uma efusão de rancores do passado que explicassem a rispidez da minha mãe, que permitissem que chegássemos a um entendimento até então impossível?

Sabe, acho que talvez eu esperasse isso. Eu era jovem, e essa é minha única desculpa.

Mas isto é uma história, não uma ficção, então você não vai ficar surpreso por não ter acontecido. Engoli a minha decepção e contei a ela sobre as mortes, sem conseguir evitar um tom culpado de superioridade ao contar a recente desgraça sofrida pela família. Primeiro o major – o telegrama de tarja preta recebido pelo Sr. Hamilton, os dedos de Jemima tremendo tanto que ela quase não conseguiu abri-lo – e em seguida Lord Ashbury, poucos dias mais tarde.

Ela sacudiu lentamente a cabeça, um ato que acentuou seu pescoço longo e fino, e pousou a xícara de chá.

– Eu já tinha ouvido a respeito. Não sabia o que era boato ou não. Você sabe tão bem quanto eu como esta aldeia gosta de fofocas.

Eu assenti.

– Do que foi que Lord Ashbury morreu, então? – ela quis saber.

– O Sr. Hamilton disse que foi uma mistura. Em parte um derrame e em parte o calor.

Mamãe continuou a balançar a cabeça, mastigando a bochecha.

– E o que foi que a Sra. Townsend disse?

– Ela disse que não foi nada disso. Disse que foi o sofrimento que o matou, pura e simplesmente. – Baixei a voz, adotando o mesmo tom reverente que a Sra. Townsend tinha usado. – Ela disse

que a morte do major partiu o coração de milorde. Que quando o major foi morto, todas as esperanças e os sonhos do pai se esvaíram em sangue junto com ele no solo da França.

Mamãe sorriu, mas não foi um sorriso feliz. Ela sacudiu lentamente a cabeça, olhou para a parede com seus quadros do mar distante.

– Pobre, pobre Frederick – ela disse. Isto me surpreendeu e, a princípio, achei que devia ter ouvido mal, ou que ela tivesse cometido um erro, tivesse dito o nome errado acidentalmente, porque não fazia sentido algum. Pobre Lord Ashbury. Pobre Lady Violet. Pobre Jemima. Mas Frederick?

– Você não precisa se preocupar com ele – eu disse. – É provável que ele herde a casa.

– Riqueza sozinha não traz felicidade, menina.

Eu não gostava quando mamãe falava de felicidade. Este sentimento soava vazio em sua boca. Mamãe, com seus olhos tristes e sua casa vazia, era a última pessoa do mundo para dar conselhos sobre isso. Eu me senti de certa forma repreendida. Por uma falta que não sabia explicar. E respondi emburrada:

– Tente dizer isso a Fanny.

Mamãe franziu a testa, e eu percebi que o nome era desconhecido para ela.

– Ah – eu disse, inexplicavelmente animada. – Eu me esqueci. Você não a conhece. Ela é pupila de Lady Clementine. Ela tem esperança de se casar com o Sr. Frederick.

Mamãe olhou para mim, incrédula.

– Casar? Com Frederick?

Assenti.

– Fanny passou o ano inteiro se esforçando para isso.

– Mas ele não pediu a mão dela?

– Não. Mas é só uma questão de tempo.

– Quem foi que disse isso? A Sra. Townsend?

Sacudi a cabeça.

– Não, Nancy.

Mamãe se recuperou um pouco, conseguiu dar um sorriso.

– Ela está enganada, a sua Nancy. Frederick não se casaria de novo. Não depois de Penélope.

– Nancy não comete erros.

Mamãe cruzou os braços.

– Nisto ela está errada.

A certeza dela me irritou, como se ela soubesse melhor do que eu o que acontecia na casa.

– Até a Sra. Townsend concorda – eu disse. – Ela diz que Lady Violet aprova o casamento e que, embora o Sr. Frederick não pareça ligar para o que a mãe diz, ele nunca a contrariou nas coisas que realmente importam.

– Não – disse mamãe, seu sorriso desaparecendo dos lábios. – Não, acho que ele nunca fez isso. – Ela se virou para olhar pela janela aberta. Para o muro de pedra da casa ao lado. – Eu nunca achei que ele se casaria de novo.

A voz dela tinha perdido toda a determinação, e eu me senti mal. Envergonhada do meu desejo de colocá-la no lugar dela. Mamãe tinha gostado dessa Penélope, da mãe de Hannah e Emmeline. Ela deve ter gostado. O que mais explicaria sua relutância em ver o Sr. Frederick substituir a esposa morta? Ou sua decepção quando eu insisti que era verdade? Eu segurei a mão dela.

– Você tem razão, mamãe. Eu estava falando sem saber. Não existe nada certo sobre isso.

Ela não respondeu.

Eu me inclinei para perto dela.

– E ninguém pode acusar o Sr. Frederick de gostar de Fanny. Ele olha com mais carinho para os seus cavalos.

Minha brincadeira foi uma tentativa de agradar-lhe, e fiquei contente quando ela se virou para mim. Fiquei surpresa também, porque naquele momento, com a luz do entardecer batendo em seu

rosto e tirando reflexos verdes dos seus olhos castanhos, mamãe estava quase bonita.

Pensei nas palavras de Hannah, na conversa sobre o retrato de mamãe, e fiquei ainda mais decidida a vê-lo. Para ver o tipo de pessoa que mamãe pode ter sido. A menina que Hannah chamou de bonita e da qual a Sra. Townsend se lembrava com tanto carinho.

– Ele sempre adorou montar – ela disse, pousando a xícara de chá no peitoril da janela. Então ela me surpreendeu, segurou minha mão e acariciou os calos que eu tinha na palma da mão.

– Conte-me sobre suas novas obrigações. Pelo estado da sua mão, você tem trabalhado um bocado por lá.

– Nem tanto assim – eu disse, comovida com sua rara demonstração de afeto. – Não tenho uma predileção especial por limpar e lavar, mas há outras tarefas que não me desagradam.

– Sim? – Ela inclinou a cabeça.

– Nancy anda tão ocupada na estação que eu tenho trabalhado muito mais no andar de cima.

– Você gosta disso, minha filha? – ela perguntou com uma voz suave. – De ficar no andar de cima daquela casa grandiosa?

Eu assenti.

– E do que é que você gosta lá em cima?

De estar naquelas salas bonitas, cheias de porcelanas delicadas e quadros e tapeçarias. Ouvir Hannah e Emmeline brincando, rindo, sonhando. Eu me lembrei do sentimento anterior de mamãe, e de repente encontrei uma forma de agradar-lhe.

– Eu me sinto feliz. – E então confessei uma coisa que nunca tinha confessado nem para mim mesma. – Um dia eu espero me tornar uma boa camareira.

Ela olhou para mim, franzindo a testa.

– Tem bastante futuro na profissão de camareira, minha filha – ela disse, com um tom mais agudo na voz. – Mas felicidade... a felicidade se busca em casa – ela acrescentou. – Ela não deve ser colhida no jardim de estranhos.

Eu ainda estava pensando no comentário de mamãe enquanto voltava para Riverton no final da tarde. Ela dissera para eu não esquecer o meu lugar, é claro; eu já tinha ouvido esse sermão mais de uma vez. Ela queria que eu me lembrasse de que a minha felicidade só poderia estar no carvão da lareira da sala dos empregados, não nas pérolas delicadas do quarto de vestir de uma dama. Mas os Hartford não eram estranhos. E eu extraía um pouco de felicidade da convivência com eles, ouvindo suas conversas, cuidando de seus belos vestidos, então que mal havia nisso?

Então eu achei que ela estava com ciúmes. Ela invejava o meu lugar na casa grandiosa. Ela cuidara de Penélope, da mãe das meninas, tinha que ter cuidado dela: por isso, talvez, tenha ficado tão desapontada com a minha conversa sobre um novo casamento do Sr. Frederick. E agora, vendo-me na posição que um dia teve, ela se lembrou do mundo que foi obrigada a abandonar. Entretanto, ela não foi obrigada, foi? Hannah disse que Lady Violet já tinha empregado famílias antes. E se mamãe estava com ciúmes por eu ter tomado o lugar dela, por que tinha insistido tanto para que eu fosse trabalhar em Riverton?

Eu saí da alameda ladeada de árvores, parando por um momento para observar a casa. O sol tinha mudado de posição e Riverton estava na sombra. Um enorme besouro preto no lago da colina, curvado sob o peso do calor e da sua própria tristeza. Entretanto, ali parada, senti uma sensação reconfortante de segurança. Pela primeira vez na vida eu me senti sólida; em algum lugar entre a aldeia e Riverton eu tinha perdido a sensação de que se não me segurasse bem eu seria varrida pelo vento.

Entrei no hall escuro de serviço e atravessei o corredor. Meus passos ecoaram no chão de pedra. Quando cheguei à cozinha, estava tudo silencioso. O cheiro de ensopado de carne ainda se agarrava às paredes, mas não havia alguém ali. Atrás de mim, na sala de jantar, o relógio soava alto. Eu espiei pela porta. A sala também estava vazia. Uma solitária xícara de chá estava pousada

no pires sobre a mesa, mas seu dono não estava à vista. Eu tirei o chapéu, pendurei-o num gancho da parede e alisei a saia. Suspirei e o som resvalou nas paredes silenciosas. Sorri de leve. Eu nunca tivera o andar de baixo só para mim antes.

Olhei para o relógio. Eu só era esperada daí a meia hora. Eu ia tomar uma xícara de chá. A que tomei na casa de mamãe tinha deixado um gosto amargo em minha boca.

O bule de chá na bancada da cozinha ainda estava quente, coberto com sua capa de lã. Eu estava arrumando a xícara quando Nancy apareceu quase voando, arregalando os olhos ao me ver.

– É Jemima – ela disse. – O bebê está chegando.

– Mas ele só devia nascer em setembro – eu disse.

– Bem, ele não sabe disso, sabe? – ela disse, jogando uma toalhinha na minha direção. – Leve isto e uma tigela de água quente lá para cima. Não consigo encontrar os outros, e alguém tem que ir chamar o médico.

– Mas eu não estou de uniforme...

– Não acho que mãe e filho irão importar-se com isso – disse Nancy, desaparecendo na copa do Sr. Hamilton para usar o telefone.

– Mas o que eu vou dizer? – perguntei para o cômodo vazio, para mim mesma, para o pano que tinha na mão. – O que eu vou fazer?

Nancy enfiou a cabeça pela porta.

– Bem, eu não sei. Você vai pensar em alguma coisa. – Ela balançou o braço no ar. – Diga a ela que está tudo bem. Se Deus quiser, vai ficar tudo bem.

Eu pendurei a toalha no ombro, enchi uma tigela e subi, como Nancy tinha mandado. Minhas mãos estavam tremendo e derramei um pouco de água no tapete do corredor, deixando manchas de um vermelho mais escuro.

Quando cheguei à porta do quarto de Jemima, eu hesitei. De trás da porta pesada veio um gemido abafado. Eu respirei fundo, bati à porta e entrei.

O quarto estava escuro, com a exceção de uma pequena fresta entre as cortinas. A faixa de luz estava cheia de poeira suspensa. A cama de quatro colunas era uma massa escura no centro do quarto. Jemima estava deitada, imóvel, respirando com dificuldade.

Eu fui na ponta dos pés até a cama e me agachei ao lado dela. Coloquei a tigela sobre a mesinha de cabeceira.

Jemima gemeu e eu mordi o lábio, sem saber o que fazer.

– Pronto – eu disse baixinho, do modo que mamãe falava comigo quando eu tive escarlatina. – Calma.

Ela estremeceu, respirou ofegante. Fechou os olhos.

– Está tudo bem – eu disse. Molhei a toalha na água e a dobrei em quatro, colocando-a sobre sua testa.

– Jonathan... – ela disse. – Jonathan... – O nome dele era belo nos lábios dela.

Não havia nada que eu pudesse dizer, então fiquei calada.

Ela tornou a gemer, a reclamar. Contorceu-se, gemendo contra o travesseiro. Seus dedos buscavam consolo no lençol vazio ao seu lado.

Então ela tornou a ficar imóvel. Sua respiração ficou mais lenta.

Eu tirei o pano de sua testa. Ele estava quente e eu tornei a molhá-lo na tigela. Torci-o, dobrei-o e voltei a colocá-lo em sua testa.

Ela abriu os olhos, piscou, examinou meu rosto no escuro.

– Hannah – ela disse, suspirando. Eu fiquei espantada com o engano dela. E muito satisfeita. Abri a boca para corrigi-la, mas parei quando ela segurou minha mão. – Estou tão contente porque é você. – Ela apertou os meus dedos. – Estou com tanto medo – ela murmurou. – Não consigo sentir nada.

– Está tudo bem – eu disse. – O bebê está descansando.

Isto pareceu acalmá-la um pouco.

– Sim – ela disse. – É sempre assim, na hora de nascer. Eu só não queria... é muito cedo. – Ela virou a cabeça para o outro lado. Quando tornou a falar, sua voz estava tão baixa que tive de me

esforçar para ouvir. – Todo mundo quer que eu tenha um menino, mas eu não posso. Não posso perder mais um.

– Você não vai perder – eu disse, torcendo para ser verdade.

– Há uma maldição na minha família – ela disse, com o rosto ainda oculto. – Minha mãe me contou, mas eu não acreditei nela.

Achei que ela havia perdido a razão. A dor a dominara e ela se rendera à superstição.

– Não existe isso de maldição – eu disse baixinho.

Ela fez um ruído, uma mistura de riso e soluço.

– Ah, existe sim. É a mesma que levou o filho da nossa querida rainha. A maldição da hemofilia. – Ela ficou quieta, depois passou a mão pela barriga e se virou para olhar para mim. A voz dela era pouco mais que um sussurro. – Mas meninas... ela não pega em meninas.

A porta abriu e Nancy apareceu. Atrás dela estava um homem magro de meia-idade, com uma expressão de severidade permanente, que imaginei ser o médico, embora não fosse o Dr. Arthur, da aldeia. Travesseiros foram empilhados, Jemima foi posicionada e um abajur foi aceso. Em algum momento eu percebi que ela havia soltado a minha mão, e eu fui empurrada e mandada para fora do quarto.

Escureceu, a tarde virou noite, e eu esperava e torcia. O tempo se arrastava, embora houvesse muitas tarefas para preenchê-lo. Havia jantar para servir, camas para serem desfeitas, roupa suja a ser recolhida para lavar no dia seguinte, mas minha mente estava o tempo todo em Jemima.

Finalmente, quando o último lampejo de sol desapareceu no horizonte, Nancy desceu as escadas, com tigela e pano na mão.

Nós tínhamos acabado de jantar e ainda estávamos sentados em volta da mesa.

– E aí? – a Sra. Townsend disse, apertando ansiosamente um lenço de encontro ao peito.

– Bem – Nancy disse. – A mãe teve seu bebê às oito e vinte e seis. Pequeno mas saudável.

Eu esperei, nervosa.

– Mas não posso deixar de sentir uma certa pena dela – Nancy disse, erguendo as sobrancelhas. – É uma menina.

Eram dez horas quando acabei de recolher a bandeja da ceia de Jemima. Ela adormecera, com a pequena Gytha enrolada e aninhada em seus braços. Antes de apagar a luz do abajur, parei um momento para olhar para a garotinha: lábios enrugados, uma penugem de cabelo louro avermelhado, olhos bem fechados. Não era um herdeiro, mas era um bebê que iria viver e crescer e amar.

Saí do quarto na ponta dos pés, com a bandeja na mão. Meu candelabro era a única luz no corredor escuro, projetando minha sombra sobre a fila de retratos pendurados na parede. Enquanto o mais novo membro da família dormia profundamente atrás da porta fechada, uma linhagem de Hartford ficava eternamente de vigília, olhando silenciosamente para o hall de entrada que um dia foi deles.

Quando cheguei ao saguão, notei uma faixa de luz por baixo da porta da sala de visitas. Com todo o drama daquela noite, o Sr. Hamilton tinha se esquecido de apagar a luz. Eu agradei a Deus por ter sido eu a ver. Apesar da bênção de mais uma neta, Lady Violet teria ficado furiosa se descobrisse que suas ordens quanto ao luto tinham sido descumpridas.

Eu abri a porta e parei.

Lá, na cadeira do pai, estava sentado o Sr. Frederick. O novo Lord Ashbury.

Suas pernas compridas estavam cruzadas, seu cabeça curvada sobre uma das mãos, deixando seu rosto escondido.

Em sua mão esquerda, identificável por causa do desenho em tinta preta, estava a carta de David. A carta que Hannah tinha lido na fonte, que tinha feito Emmeline rir tanto.

As costas do Sr. Frederick estavam tremendo, e a princípio achei que ele também estivesse rindo.

Então eu ouvi um som que nunca esqueci. Um soluço. Gutural, involuntário, seco. Um lamento de dor.

Fiquei ali mais um instante, sem conseguir me mexer, depois saí, recuando. Fechei a porta atrás de mim para não ser uma espectadora involuntária de sua dor.

Uma batida à porta e eu volto. Estamos em 1999 e eu estou no meu quarto em Heathview, com a fotografia, nossos rostos sérios e inocentes, ainda na mão. A jovem atriz está sentada na cadeira marrom, examinando as pontas do seu longo cabelo. Quanto tempo eu fiquei ausente? Olho para o relógio. Passa um pouco das dez. Será possível? Será possível que os andares da memória tenham se dissolvido, que antigos fantasmas tenham revivido, e que nenhum tempo tenha passado?

A porta se abre e Ursula volta, com Sylvia atrás dela, equilibrando três xícaras de chá numa bandeja de prata. Bem mais elegante que a habitual, de plástico.

– Peço desculpas – Ursula diz, retomando a sua posição no pé da minha cama. – Normalmente eu não faço isso. Era urgente.

A princípio eu não sei ao certo do que ela está falando; então vejo o telefone celular na sua mão.

Sylvia me passa uma xícara de chá, dá a volta na minha cadeira para oferecer uma xícara fumegante a Keira.

– Espero que vocês tenham iniciado a entrevista sem mim – Ursula diz.

Keira sorri, sacode os ombros.

– Praticamente terminamos.

– É mesmo? – Ursula diz, arregalando os olhos por baixo da franja espessa. – Não posso acreditar que eu tenha perdido toda a entrevista. Eu queria tanto ouvir as lembranças de Grace.

Sylvia põe a mão na minha testa.

– Você está um pouco pálida. Está precisando de um analgésico?

– Estou muito bem – digo, com a voz rouca.

Sylvia ergue uma sobrancelha.

– Eu estou bem – repito, com toda a firmeza que consigo demonstrar.

Sylvia faz um ar de dúvida. Depois sacode a cabeça, e eu sei que ela está lavando as mãos em relação a mim. Por ora. Como quiser, eu sei que ela está pensando. Eu posso negar o quanto quiser, mas não há dúvida alguma em sua mente de que estarei pedindo meu analgésico antes mesmo que minhas visitas cheguem ao estacionamento de Heathview. Ela provavelmente tem razão.

Keira toma um gole de chá verde, depois pousa a xícara e o pires na minha penteadeira.

– Tem um banheiro aqui?

Posso sentir os olhos de Sylvia grudados em mim.

– Sylvia – digo. – Você poderia mostrar a Keira o lavatório do salão?

Sylvia mal consegue se conter.

– Certamente – ela diz, e embora eu não possa vê-la, sei que está exultante. – É por aqui, Srta. Parker.

Ursula sorri para mim quando a porta é fechada.

– Agradeço a você por ter recebido Keira – ela diz. – Ela é filha de um amigo do produtor, então sou obrigada a demonstrar um interesse especial por ela. – Ela olha para a porta e baixa o tom de voz, escolhendo cuidadosamente as palavras. – Ela é uma boa garota, mas às vezes é um tanto... sem tato.

– Eu não tinha notado.

Ursula ri.

– Isso decorre de ter pais na indústria cinematográfica – ela diz. – Essas garotas veem os pais sendo adulados por serem ricos, famosos e lindos, quem pode culpá-las por querer o mesmo?

– Tudo bem.

– Mesmo assim – diz Ursula. – Eu queria estar aqui. Para servir de acompanhante...

– Se você não parar de se desculpar, vai me convencer de que fez alguma coisa errada – digo. – Você me lembra o meu neto. – Ela fica desconcertada e eu percebo que há algo de novo naqueles olhos escuros. Uma sombra que eu não tinha notado mais cedo. – Você resolveu os seus problemas? Pelo telefone?

Ela suspira, balança a cabeça.

– Sim.

Ela faz uma pausa e eu fico calada, espero que continue. Aprendi há muito tempo que o silêncio provoca todo tipo de confidências.

– Eu tenho um filho – ela diz. – Finn. – O nome deixa um sorriso triste e feliz ao mesmo tempo em seus lábios. – Ele fez três anos no sábado passado. – O olhar dela abandona o meu rosto por um instante, pousa na borda da sua xícara, que ela revira nervosamente. – O pai dele... ele e eu nunca fomos... – Ela batuca na xícara com a unha, torna a olhar para mim. – Somos só eu e Finn. Era a minha mãe ao telefone. Ela está tomando conta de Finn durante a filmagem. Ele levou um tombo.

– Ele está bem?

– Sim. Torceu o pulso. O médico enfaixou. Ele está bem. – Ela está sorrindo, mas seus olhos se enchem de lágrimas. – Desculpe... puxa vida... ele está bem, não sei por que estou chorando.

– Você está preocupada – digo, olhando para ela. – E aliviada.

– Sim – ela diz, subitamente muito jovem e frágil. – E culpada.

– Culpada?

– Sim – ela repete, mas não explica por quê. Ela tira um lenço de papel da bolsa e enxuga os olhos. – É fácil conversar com você. Você me lembra a minha avó.

– Ela parece ser uma ótima pessoa.

Ursula ri.

– Sim. – Ela assoa o nariz no lenço. – Meu Deus, olhe só para mim. Desculpe despejar tudo isso em você, Grace.

– Você está se desculpando de novo. Insisto que pare com isso.

Há passos no corredor. Ursula olha para a porta, assoa o nariz.

– Então pelo menos deixe-me dizer obrigada. Por nos receber.

Por conversar com Keira. Por me ouvir.

– Foi um prazer para mim – digo, e fico surpreendida ao ver que isto é verdade. – Não costumo receber muitas visitas atualmente.

A porta se abre e ela fica de pé. Inclina-se e me beija no rosto.

– Vou voltar em breve – ela diz, apertando carinhosamente o meu pulso.

E eu fico imensamente contente.

A fotografia

É uma bela manhã de março. Os cravos cor-de-rosa sob minha janela estão em flor, enchendo o ar com seu perfume adocicado. Se eu me debruçar no peitoril e olhar para o canteiro, consigo ver as pétalas, brilhando ao sol. Os pessegueiros virão em seguida, depois o jasmineiro. Todo ano é a mesma coisa; e vai continuar a ser igual por muitos anos. Muito depois de eu estar aqui para me deliciar com eles. Eternamente jovens, eternamente esperançosos, sempre ingênuos.

Estive pensando em mamãe. Na fotografia do álbum de Lady Violet. Porque eu a vi, sabe. Poucos meses depois de Hannah tê-la mencionado naquele dia de verão perto da fonte.

Era setembro de 1916. O Sr. Frederick tinha herdado a propriedade do pai, Lady Violet (numa demonstração impecável de etiqueta, disse Nancy) tinha se mudado para a casa de Londres, e as meninas Hartford tinham sido despachadas indefinidamente para ajudá-la a se instalar.

Nós éramos uma equipe pequena na época – Nancy estava mais ocupada do que nunca na aldeia, e Alfred, cuja licença eu tinha esperado com tanta ansiedade, não tinha podido voltar. Aquilo nos deixou confusos na época: ele estava na Inglaterra, quanto a isso não havia dúvidas, suas cartas diziam que ele não estava ferido, entretanto, ele ia passar a licença num hospital militar. Até o Sr. Hamilton ficou sem entender. Ele pensou muito, sentou-se na sua saleta refletindo sobre a carta de Alfred, até que finalmente saiu de lá, esfregou os olhos por baixo dos óculos e fez seu pronunciamento. A única explicação era o envolvimento de Alfred numa missão secreta sobre a qual ele não podia falar. Parecia uma sugestão razoável, pois o que mais explicaria a internação em um hospital de um homem sem ferimentos?

E assim o assunto foi encerrado. Pouco mais se disse sobre isto, e no início do outono de 1916, enquanto as folhas caíam e o chão do lado de fora começava a endurecer, me vi sozinha na sala de visitas de Riverton.

Eu tinha limpado e reacendido a lareira e estava terminando de tirar o pó da sala. Passei o pano pelo tampo da escrivaninha, pelas beiradas, depois comecei a limpar os puxadores das gavetas, fazendo o bronze brilhar. Era uma tarefa regular, desempenhada a cada duas manhãs, tão certo quanto o dia se seguia à noite, e não sei dizer o que distinguiu aquele dia. Por que naquela manhã, quando meus dedos alcançaram a gaveta da esquerda, eles se tornaram mais lentos, depois pararam recusando-se a recomeçar a limpeza. Como se percebessem antes de mim o objetivo escuso que bordejava meus pensamentos.

Eu fiquei imóvel por um momento, perplexa, sem conseguir me mexer. E prestei atenção nos ruídos à minha volta. O vento lá fora, as folhas batendo nas vidraças. O relógio da lareira com seu tique-taque insistente, contando os segundos. Minha respiração acelerada pela expectativa.

Com os dedos tremendo, eu comecei a abrir a gaveta. Devagar, cautelosamente, agindo e observando a mim mesma ao mesmo tempo. A gaveta abriu até o meio e se inclinou no trilho, o conteúdo escorregando para a frente.

Eu parei. Escutei. Certifiquei-me de que ainda estava sozinha. Então espiei para dentro.

Sob um conjunto de canetas e um par de luvas, lá estava ele: o álbum de Lady Violet.

Sem tempo para hesitações, com a gaveta já aberta, o sangue pulsando em meus ouvidos, tirei o álbum da gaveta e o coloquei no chão.

Folheei as páginas – fotografias, convites, cardápios, anotações – examinando as datas: 1896, 1897, 1898...

Lá estava ela: a fotografia da família e da criadagem de 1899, sua forma familiar mas suas proporções diferentes. Duas longas fileiras de criados de rostos sérios complementando a fileira da frente onde estava a família. Lord e Lady Ashbury, o major de uniforme, o Sr. Frederick – todos muito mais jovens e menos acabados –, Jemima e uma mulher desconhecida que eu supus ser Penélope, a esposa falecida do Sr. Frederick, ambas grávidas. Uma daquelas barrigas era Hannah, eu me dei conta; a outra, um menino condenado cujo sangue um dia iria matá-lo. Uma criança solitária estava no final da fila, perto da Babá Brown (já bem velha). Um meninozinho louro: David. Cheio de vida e de luz; ditosamente ignorante do que o futuro reservava para ele.

Deixei meu olhar passear de rosto em rosto e depois sobre as fileiras de criados atrás. Sr. Hamilton, Sra. Townsend, Dudley...

Prendi a respiração. Meus olhos encontraram os de uma jovem arrumadeira. Não havia como não reconhecê-la. Não porque ela se parecesse com mamãe – longe disso. Mas porque ela se parecia comigo. O cabelo e os olhos eram mais escuros, mas a semelhança era fantástica. O mesmo pescoço comprido, o queixo com uma covinha na ponta, sobrancelhas curvadas, dando uma permanente impressão de determinação.

O mais surpreendente de tudo, porém, muito mais do que nossa semelhança: mamãe estava sorrindo. Ah, não que você percebesse a não ser que a conhecesse muito bem. Não era um sorriso de alegria ou de etiqueta social. Era um sorriso ligeiro, pouco mais do que um tremor muscular, facilmente confundido com um truque da luz por aqueles que não a conhecessem. Mas eu vi. Mamãe estava sorrindo para si mesma. Sorrindo como alguém que tem um segredo...

... Sinto muito, Marcus, pela interrupção, mas recebi uma visita inesperada. Eu estava sentada aqui, admirando os cravos, contando-lhe sobre mamãe, quando alguém bateu à porta. Eu achei

que fosse Sylvia, que tinha vindo para me contar sobre o seu amigo ou para reclamar de um dos outros residentes, mas não era. Era Ursula, a cineasta. Eu já falei nela antes, não foi?

– Espero não estar incomodando – ela disse.

– Não – eu disse, largando o gravador.

– Não vou me demorar. Eu estava aqui por perto e achei que era bobagem voltar para Londres sem dar um pulo até aqui antes.

– Você esteve na casa.

Ela assentiu.

– Nós estávamos filmando uma cena nos jardins. A luz estava simplesmente perfeita.

Eu perguntei a ela sobre a cena, curiosa em saber qual a parte da história que havia sido reconstituída.

– Foi uma cena de namoro, uma cena romântica. Na realidade, é uma das minhas favoritas. – Ela enrubesceu, sacudiu a cabeça e sua franja balançou como se fosse uma cortina. – É bobagem. Eu escrevi as falas, conhecia-as quando não passavam de linhas pretas no papel branco, reescrevi-as uma centena de vezes, entretanto, fiquei comovida ao ouvi-las hoje.

– Você é uma romântica – eu disse.

– Acho que sim. – Ela inclinou a cabeça de lado. – Ridículo, não é? Eu não conheci o verdadeiro Robbie Hunter; criei uma versão dele a partir de sua poesia, do que outras pessoas escreveram sobre ele. No entanto, eu acho... – Ela parou, ergueu uma sobrancelha, troçando de si mesma. – Acho que estou apaixonada por uma figura que eu mesma criei.

– E como é o seu Robbie?

– Ele é apaixonado. Criativo. Dedicado. – Ela descansou o queixo na mão e refletiu. – Mas acho que o que eu mais admiro nele é sua esperança. Uma esperança tão frágil. Dizem que ele foi um poeta da desilusão, mas não tenho tanta certeza. Sempre vi algo de positivo em seus poemas. O modo como ele percebeu a oportunidade no meio do horror que vivenciou. – Ela sacudiu a

cabeça, estreitando os olhos. – Deve ter sido tremendamente difícil. Um rapaz sensível no meio de um conflito tão devastador. É um espanto que qualquer um deles tenha sido capaz de retomar a vida, de continuar do ponto em que a havia deixado. Amar de novo.

– Um dia eu fui amada por um jovem assim – eu disse. – Ele foi para a guerra e nós trocamos cartas. Foi por meio dessas cartas que compreendi o que sentia por ele. E ele por mim.

– Ele estava mudado quando voltou?

– Ah, sim – eu disse baixinho. – Todos voltaram mudados.

Ela perguntou, com delicadeza:

– Quando foi que você o perdeu? O seu marido?

Eu levei alguns instantes para entender o que ela estava dizendo.

– Ah, não – eu disse. – Ele não era meu marido. Alfred e eu nunca nos casamos.

– Ah, desculpe, eu pensei... – Ela indicou o retrato de casamento em cima da minha penteadeira.

Eu sacudi a cabeça.

– Aquele não é Alfred, é John: o pai de Ruth. Ele e eu nos casamos, sim. Deus sabe que não deveríamos ter feito isso.

Ela ergueu as sobrancelhas numa interrogação.

– John dançava muito bem e era um amante fantástico, mas não era grande coisa como marido. E eu também não era grande coisa como esposa. Eu nunca pretendi me casar, sabe. Não estava preparada.

Ursula se levantou, pegou o retrato. Passou o polegar distraidamente sobre a moldura.

– Ele era bonito.

– Sim. Acho que a atração foi essa.

– Ele também era arqueólogo?

– Céus, não. John era funcionário público.

– Ah. – Ela largou o retrato. Virou-se para mim. – Pensei que vocês tinham se conhecido no trabalho. Ou então na universidade.

Eu sacudi a cabeça. Em 1938, quando John e eu nos conhecemos, eu teria chamado um médico para qualquer pessoa que sugerisse que eu um dia pudesse frequentar uma universidade. Tornar-me uma arqueóloga. Eu estava trabalhando num restaurante – o Lyons’ Corner House no Strand – servindo peixe frito para uma clientela interminável. A Sra. Havers, que dirigia o lugar, gostou da ideia de ter alguém que tinha trabalhado como doméstica. Ela gostava de dizer a quem quisesse ouvir que ninguém sabia polir os talheres como as moças que tinham trabalhado como domésticas.

– John e eu nos conhecemos por acaso. Numa boate.

Eu tinha concordado, de má vontade, em me encontrar com uma colega do trabalho. Outra garçonete. Patty Everidge: um nome que eu jamais esqueci. Estranho. Ela não significava nada para mim. Alguém com quem eu trabalhava, que evitava sempre que podia, embora fosse mais fácil dizer isso do que fazer. Ela era uma dessas mulheres que não deixavam ninguém em paz. Uma intrometida, eu acho. Tinha que saber da vida de todo mundo. Estava sempre pronta a se meter. Patty deve ter metido na cabeça que eu vivia muito isolada, que não me juntava às outras moças nas manhãs de segunda-feira, quando elas tagarelavam sobre o fim de semana, porque começou a me chamar para dançar e não desistiu enquanto eu não concordei em me encontrar com ela no Marshall’s Club na sexta-feira à noite.

Eu suspirei.

– A garota com quem eu ia me encontrar não apareceu.

– Mas John, sim? – Ursula quis saber.

– Sim – respondi, recordando o ar enfumaçado, o banquinho do canto onde eu estava desconfortavelmente empoleirada, procurando por Patty no meio da multidão. Ah, ela pediu mil desculpas quando eu tornei a vê-la, mas já era tarde demais. O que estava feito estava feito. – Eu conheci John.

– E se apaixonou?

– E engravidei.

A boca de Ursula formou um “o”.

– Eu percebi quatro meses depois de nos termos conhecido. Nós nos casamos um mês depois. Era assim que as coisas eram feitas na época. – Eu me ajeitei na cadeira para apoiar as costas na almofada. – Por sorte, a guerra interveio e nos poupou a charada.

– Ele foi para a guerra?

– Nós dois fomos. John se alistou e eu fui trabalhar num hospital de campanha na França.

Ela ficou confusa.

– E quanto a Ruth?

– Ela foi evacuada e entregue a um pastor anglicano idoso e sua esposa. Passou os anos da guerra com eles.

– Todos os anos? – Ursula disse, chocada. – Como você conseguiu suportar isso?

– Ah, eu ia visitá-la quando estava de licença, e recebia cartas regularmente: fofocas da aldeia e bobagens do púlpito; descrições um tanto cruéis das crianças locais.

Ela estava sacudindo a cabeça, as sobrancelhas juntas, consternada.

– Não consigo imaginar... Quatro anos longe da sua filha.

Eu não sabia ao certo como responder, como explicar. Como é que uma pessoa confessa que a maternidade não veio naturalmente? Que, desde o início, Ruth tinha parecido uma estranha? Que o elo inevitável, de que falam os livros e que dá origem aos mitos, nunca me pertenceu?

Minha empatia tinha se esgotado, eu acho. Com Hannah e as outras pessoas de Riverton. Ah, eu era ótima com estranhos, era capaz de cuidar deles, de apoiá-los, até mesmo de tornar mais fácil sua morte. Eu só achava difícil estabelecer um relacionamento íntimo de novo. Preferia ter conhecidos. Estava totalmente despreparada para as exigências emocionais da maternidade.

Ursula me salvou de ter que responder.

– Suponho que houvesse uma guerra acontecendo – ela disse com tristeza. – Era preciso fazer sacrifícios. – Ela apertou minha mão.

Eu sorri, tentei não me sentir falsa. Imaginei o que ela pensaria se soubesse que, longe de me arrepender da minha decisão de mandar Ruth para longe, eu tinha adorado a oportunidade de fugir. Que depois de uma década de empregos tediosos e relacionamentos vazios, incapaz de esquecer o que tinha acontecido em Riverton, eu tinha encontrado na guerra um objetivo de vida.

– Então foi depois da guerra que você resolveu ser arqueóloga?

– Sim – eu disse, com uma voz rouca. – Depois da guerra.

– Por que arqueologia?

A resposta a essa pergunta é tão complicada que eu só pude dizer:

– Eu tive uma manifestação divina.

Ela ficou encantada.

– É mesmo? Durante a guerra?

– Havia tanta morte. Tanta destruição. As coisas de certa forma ficaram mais claras.

– Sim – ela disse. – Posso imaginar.

– Eu me vi refletindo sobre a impermanência das coisas. Um dia, pensei, as pessoas terão esquecido que tudo isto aconteceu. Esta guerra, estas mortes, esta devastação. Ah, não no começo, mas no final a lembrança vai desaparecer. Vai ficar alojada no meio das camadas do passado. A selvageria e os horrores da guerra vão ser substituídos na imaginação popular por outros ainda por vir.

Ursula sacudiu a cabeça.

– É difícil de imaginar.

– Mas certo de acontecer. As Guerras Púnicas em Cartago, a Guerra do Peloponeso, a Batalha de Artemisium. Todas reduzidas a capítulos em livros de história. – Eu fiz uma pausa. A veemência me havia cansado, tirado o meu fôlego. Não estou acostumada a falar

tantas palavras em rápida sucessão. Quando falei, minha voz estava esganiçada. – Fiquei obcecada em descobrir o passado. Em enfrentar o passado.

Ursula sorriu, com um brilho em seus olhos escuros.

– Sei exatamente o que você quer dizer. É por isso que eu faço filmes históricos. Você revela o passado, e eu tento recriá-lo.

– Sim – eu disse. Não tinha pensado nisso dessa forma.

Ursula sacudiu a cabeça.

– Eu admiro você, Grace. Você realizou tanto na vida.

– Ilusão temporal – eu disse, sacudindo os ombros. – Se você der mais tempo a alguém, vai parecer que ele fez mais coisas.

Ela riu.

– Você está sendo modesta. Não deve ter sido fácil. Uma mulher nos anos cinquenta, uma mãe, tentando cursar a educação superior. Seu marido ajudou?

– Eu já estava sozinha nessa época.

Ela arregalou os olhos.

– Como você conseguiu?

– Passei muito tempo estudando em horário parcial. Ruth passava o dia na escola e eu tinha uma vizinha muito boa, a Sra. Finbar, que costumava ficar com ela algumas noites, enquanto eu trabalhava. – Eu hesitei. – Tive sorte por não ter tido que pagar os estudos.

– Uma bolsa?

– De certa forma. Eu tinha recebido uma quantia inesperada de dinheiro.

– Seu marido – disse Ursula, franzindo as sobrancelhas, em compaixão. – Ele morreu na guerra?

– Não – eu disse. – Ele não. Mas nosso casamento sim.

Ela tornou a olhar para o meu retrato de casamento.

– Nós nos divorciamos quando ele voltou para Londres. Os tempos tinham mudado. Todo mundo parecia ter visto e feito muita coisa. Parecia sem sentido uma pessoa continuar casada com

alguém a quem já não amava. Ele se mudou para a América e se casou com a irmã de um soldado que tinha conhecido na França. Pobre sujeito; morreu logo depois num acidente de carro.

Ela sacudiu a cabeça.

– Sinto muito...

– Não por mim. Foi há tanto tempo. Eu mal me lembro dele, sabe. Apenas lembranças dispersas, que mais parecem sonhos. É Ruth que sente saudades dele. Ela nunca me perdoou.

– Ela queria que vocês ficassem juntos.

Eu assenti. Deus sabe que o meu fracasso em dar a ela uma figura paterna é uma das velhas mágoas que toldam nosso relacionamento.

Ursula suspirou.

– Imagino se Finn irá sentir a mesma coisa um dia.

– Você e o pai dele...?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não teria dado certo – ela disse isso com tanta firmeza que eu achei melhor não insistir. – Finn e eu estamos melhor assim.

– Onde ele está hoje? – eu disse. – Finn?

– Minha mãe está tomando conta dele de novo. Da última vez que soube, eles tinham ido tomar um sorvete no parque. – Ela girou o relógio no pulso para ver as horas. – Nossa! Eu não sabia que já era tão tarde. É melhor eu ir, para dar um descanso a ela.

– Tenho certeza de que ela não está precisando. A relação entre avós e netos é especial. É muito mais simples.

Será que é sempre assim? Eu acho que talvez seja. Enquanto um filho tira um pedaço do seu coração para usar e abusar como quiser, um neto é diferente. Entre avós e netos não existem a culpa e a responsabilidade que sobrecarregam o relacionamento maternal. O caminho fica livre para o amor.

Quando você nasceu, Marcus, eu levei um choque. Que surpresa maravilhosa foram aqueles sentimentos. Partes minhas que estavam fechadas havia décadas, sem as quais eu já estava

acostumada a viver, foram subitamente despertadas. Eu adorei você. Eu o reconheci. Eu o amei com uma intensidade quase dolorosa.

À medida que você foi crescendo, foi se tornando meu amigo. Você me seguia pela casa, reclamava um lugar no meu escritório e explorava os mapas e desenhos que eu trazia de minhas viagens. Perguntas, tantas perguntas, e eu nunca ficava cansada de responder a elas. Na realidade, eu me permito a vaidade de achar que sou responsável, em parte, pelo homem culto e educado que você se tornou...

– Elas devem estar por aqui, em algum lugar – disse Ursula, procurando as chaves do carro na bolsa, preparando-se para partir.

Eu fui tomada de um súbito impulso para fazê-la ficar.

– Sabe, eu tenho um neto, Marcus. Ele escreve romances policiais.

– Eu sei – ela disse, sorrindo e parando de revirar a bolsa. – Eu li os livros dele.

– É mesmo? – Satisfeita, como sempre fico.

– Sim – ela disse. – Eles são muito bons.

– Você pode guardar um segredo? – perguntei.

Ela balançou a cabeça animadamente, aproximando o rosto.

– Eu não li – sussurrei. – Não até o fim.

Ela riu.

– Eu prometo não contar.

– Eu tenho tanto orgulho dele, e tentei, tentei mesmo. Eu começo cada um determinada a ler até o fim, mas, por mais que eu esteja gostando, sempre paro no meio. Eu adoro um bom mistério, Agatha Christie e outros no gênero, mas acho que tenho o estômago fraco. Não aguento as descrições sangrentas que eles fazem hoje em dia.

– E você trabalhou num hospital de campanha!

– Sim, talvez seja por isso; guerra é uma coisa, assassinato é outra.

– Talvez o próximo livro dele...

– Talvez – eu disse. – Embora eu não saiba quando isso vai acontecer.

– Ele não está escrevendo?

– Ele sofreu uma perda recentemente.

– Eu li sobre a esposa dele – Ursula disse. – Fiquei muito penalizada. Um aneurisma, não foi?

– Sim. Terrivelmente súbito.

Ursula concordou com a cabeça.

– Meu pai morreu do mesmo jeito. Eu tinha catorze anos. Estava num acampamento com a escola. – Ela suspirou. – Só me contaram quando cheguei de volta na escola. Eu tinha brigado com ele antes de viajar. Algum motivo ridículo. Nem me lembro mais. Eu bati a porta do carro e não olhei para trás.

– Você era muito jovem. Todos os jovens são assim.

– Eu ainda penso nele todo dia. – Ela fechou os olhos, depois tornou a abri-los. Afastou as lembranças. – E o Marcus? Como ele está?

– Ele aceitou muito mal. Culpa a si mesmo.

Ela assentiu, sem se espantar. Parecia entender a culpa e suas peculiaridades.

– Eu não sei onde ele está – eu disse então.

Ursula olhou para mim.

– Como assim?

– Ele desapareceu. Nem Ruth nem eu sabemos onde ele está. Já faz quase um ano que partiu.

Ela ficou perplexa.

– Mas... ele está bem? Você teve notícias dele? – Seus olhos estavam tentando ler os meus. – Um telefonema? Uma carta?

– Cartões-postais. Ele mandou alguns cartões. Mas sem endereço para resposta. Acho que não quer ser encontrado.

– Ah, Grace – ela disse, olhando-me com seus olhos bondosos. – Eu sinto tanto.

– Eu também – eu disse. E foi então que contei a ela sobre as fitas. Sobre o quanto eu preciso encontrá-lo. Eu não consigo pensar em outra coisa.

– É a melhor coisa a fazer – ela disse enfaticamente. – Para onde você está mandando as fitas?

– Eu tenho um endereço na Califórnia. Um amigo dele de anos atrás. Eu mando as fitas para lá, mas não sei se ele recebe...

– Aposto que sim – ela disse.

Eram meras palavras, bem-intencionadas, mas eu precisava ouvir mais.

– Você acha? – eu disse.

– Sim – ela disse com firmeza, com uma certeza juvenil. – Acho sim. E sei que ele vai voltar. Ele só precisa de espaço e de tempo para perceber que a culpa não foi dele. Que não havia nada que pudesse fazer para mudar o que aconteceu. – Ela se levantou e se inclinou sobre a minha cama. Pegou meu gravador e colocou delicadamente sobre o meu colo. – Continue falando com ele, Grace – ela acrescentou, e então se debruçou e me beijou no rosto. – Ele vai voltar para casa. Você vai ver.

Pronto. Eu me desviei do meu objetivo. Estou contando coisas que você já sabe. Puro egoísmo da minha parte: Deus sabe que eu não tenho tempo para essas distrações. A guerra estava consumindo os campos de Flandres, o major e Lord Ashbury ainda estavam quentes em seus túmulos, e dois anos de matança ainda estavam por vir. Tanta devastação. Jovens rapazes dos confins da terra dançando a dança sangrenta da morte. O major e, então, em outubro de 1917, em Passchendaele, David...

Não. Não tenho estômago nem desejo de revivê-los. Basta dizer que aconteceram. Vamos voltar a Riverton. Janeiro de 1919. A guerra terminou e Hannah e Emmeline, que passaram os dois últimos anos em Londres, na casa de Lady Violet, acabaram de

chegar para morar com o pai. Mas elas estão mudadas: cresceram desde a última vez que nos vimos. Hannah tem dezoito anos, está para debutar na sociedade. Emmeline, com catorze anos, pendura-se na beirada de um mundo adulto em que está impaciente para entrar. Acabaram-se os jogos do ano retrasado. Desde a morte de David, O Jogo terminou. (Regra número três: só três podem jogar. Nem mais, nem menos.)

Uma das primeiras coisas que Hannah faz quando volta a Riverton é recuperar a caixa chinesa no sótão. Eu a vejo fazer isso, embora ela não saiba. Eu a sigo quando ela a guarda com cuidado dentro de um saco de pano e a leva para o lago.

Eu me escondo onde o caminho entre a fonte de Ícaro e o lago se estreita e fico observando enquanto ela leva o saco até a velha casa de barcos na beira do lago. Ela fica ali parada por um instante, olha em volta, e me escondo mais atrás dos arbustos para que ela não me veja.

Ela vai até a beira da escarpa, fica de costas para o cume, depois alinha os pés, de modo que o calcanhar de uma bota toque na ponta da outra. Ela prossegue em direção ao lago, contando três passos antes de parar.

Ela repete isto três vezes, depois se ajoelha no chão e abre o saco. Tira de dentro uma pequena pá.

Hannah cava. É difícil no início, por causa das pedras que cobrem a margem do lago, mas ela alcança a camada de terra e consegue cavar com mais facilidade. Só para quando a pilha de terra ao seu lado tem uns trinta centímetros.

Ela tira a caixa chinesa de dentro do saco e a coloca dentro do buraco. Está prestes a cobrir a caixa de terra quando hesita. Torna a tirar a caixa, abre e retira um dos livrinhos. Ela abre o medalhão que usa em volta do pescoço e o esconde lá dentro, depois põe a caixa no buraco e acaba de enterrá-la.

Então eu a deixo sozinha na margem do lago; o Sr. Hamilton vai sentir a minha falta se eu ficar muito tempo ali, e ele não está para

brincadeiras. No andar de baixo, a cozinha de Riverton está em grande atividade. Está sendo preparado o primeiro jantar de gala desde que a guerra começou, e o Sr. Hamilton nos avisou que os convidados desta noite são muito importantes para o Futuro da Família.

E eram. Nós nunca poderíamos imaginar o quanto eles eram importantes.

Banqueiros

– Banqueiros – a Sra. Townsend disse com ar de entendida, olhando de Nancy para o Sr. Hamilton e para mim. Ela estava apoiada na mesa de pinho, usando seu rolo de mármore para abrir a massa. Ela parou e enxugou a testa, deixando um pouco de farinha de trigo grudada nas sobrancelhas. – E americanos, ainda por cima – ela acrescentou, para ninguém em especial.

– Bem, Sra. Townsend – disse o Sr. Hamilton, examinando o galheteiro de prata para ver se tinha alguma mancha. – Embora seja verdade que a Sra. Luxton é uma das Stevenson de Nova York, acho que a senhora irá achar o Sr. Luxton tão inglês quanto nós. Ele nasceu no norte, segundo o *The Times*. – O Sr. Hamilton espiou por cima dos seus óculos. – Um homem que se fez sozinho, a senhora sabe.

A Sra. Townsend bufou.

– Um homem que se fez sozinho, realmente. Não deve ter feito mal algum a ele casar-se com uma mulher rica.

– O Sr. Luxton pode ter feito um bom casamento – o Sr. Hamilton disse, empertigado –, mas contribuiu para aumentar a fortuna. Ter um banco é um negócio complicado: saber para quem emprestar e para quem não emprestar dinheiro. Não estou dizendo que eles não levem suas vantagens, mas o negócio é assim mesmo.

A Sra. Townsend fez um muxoxo.

– Vamos torcer para ele concordar em emprestar ao patrão o que ele precisa – Nancy disse. – Um pouco de dinheiro faria uma boa diferença por aqui, na minha opinião.

O Sr. Hamilton se agitou e me lançou um olhar severo, como se eu é que tivesse falado. No decorrer da guerra, Nancy passara muito tempo trabalhando fora, e isso a deixara mudada. Ela continuava eficiente como sempre no cumprimento de suas tarefas,

mas, quando nos sentávamos ao redor da mesa dos criados e falávamos sobre o mundo, ela se sentia mais à vontade em externar sua opinião, normalmente opondo-se ao modo como as coisas eram feitas. Eu, por outro lado, ainda não tinha sido corrompida pelas forças externas e, como um pastor que decide que é melhor abandonar uma ovelha perdida do que colocar em risco o rebanho, o Sr. Hamilton tinha decidido ficar de olho em mim.

– Estou surpreso com você, Nancy – ele disse, olhando para mim. – Você sabe que os negócios do patrão não são da nossa conta.

– Desculpe, Sr. Hamilton – Nancy disse, sem arrependimento na voz. – Mas eu só sei que, desde que o Sr. Frederick veio para Riverton, ele vem fechando cômodos, um atrás do outro. Sem falar na mobília da ala oeste, que foi vendida. A escrivaninha de mogno, a cama dinamarquesa de quatro colunas de Lady Ashbury. – Ela olhou para mim, por cima do pano de limpeza. – Dudley diz que a maioria dos cavalos também está sendo vendida.

– Milorde está apenas sendo prudente – o Sr. Hamilton disse, virando-se para Nancy para argumentar melhor. – Os aposentos da ala oeste foram fechados porque, com seu trabalho na estrada de ferro e com a ausência de Alfred, havia trabalho demais para a jovem Grace fazer sozinha. Quanto aos estábulos, para que milorde precisa de tantos cavalos, tendo tantos automóveis?

A pergunta, uma vez lançada, ficou pairando no ar frio do inverno. Ele tirou os óculos, soprou nas lentes e limpou-as com uma teatralidade triunfante.

– Se você quer saber – ele disse, finalizada a performance, os óculos de volta à ponta do nariz –, os estábulos vão ser convertidos numa garagem novinha. A maior de todo o condado.

Nancy não se abalou.

– Mesmo assim – ela disse, baixando a voz –, eu ouvi boatos na aldeia...

– Bobagem – replicou o Sr. Hamilton.

– Que tipo de boato? – a Sra. Townsend disse, o peito balançando cada vez que ela empurrava o rolo de massa. – Notícias dos negócios do patrão?

Na escada, surgiu uma sombra, e a figura de uma mulher magra, de meia-idade, parou na porta.

– Srta. Starling... – o Sr. Hamilton balbuciou. – Eu não tinha visto a senhora. Entre, Grace vai servir-lhe uma xícara de chá. – Ele se virou para mim, com os lábios apertados como o fecho de uma bolsinha de moedas. – Grace – ele disse, indicando o fogão. – Uma xícara de chá para a Srta. Starling.

A Srta. Starling pigarreou antes de entrar. Na ponta dos pés, ela foi até a cadeira mais próxima, com uma bolsinha de couro enfiada debaixo do braço.

Lucy Starling era secretária do Sr. Frederick, contratada, originalmente, para trabalhar na fábrica em Ipswich. Quando a guerra terminou e a família se mudou definitivamente para Riverton, ela começou a vir da aldeia, duas vezes por semana, para trabalhar no escritório do Sr. Frederick.

Ela perdera o noivo no Ypres Salient e usava o luto com naturalidade, sua dor era razoável demais para despertar grande simpatia. Nancy, que entendia dessas coisas, dizia que era uma pena ela ter perdido um homem que estava disposto a se casar com ela, pois um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, e, com sua aparência e sua idade, certamente ficaria solteirona. Além do mais, Nancy acrescentava sabiamente, era melhor prestarmos atenção para que não sumisse nada no andar de cima, já que a Srta. Starling devia estar preocupada com a velhice.

As suspeitas de Nancy não foram as únicas despertadas pela Srta. Starling. A chegada daquela mulher calada, discreta e, ao que parecia, conscienciosa, criou uma agitação no andar de baixo que agora parece inimaginável.

Era o lugar dela que causava tanta incerteza. Não era correto, a Sra. Townsend dizia, que uma jovem de classe média tomasse

certas liberdades na casa, sentando-se no escritório do patrão, andando por lá com ares de importância, incompatíveis com sua posição. E, embora fosse difícil imaginar que a Srta. Starling, com seu penteado sóbrio, suas roupas feitas em casa e seu sorriso tímido, pudesse ser acusada de ostentar ares de importância, eu compreendia a preocupação da Sra. Townsend. Os limites entre o andar de baixo e o andar de cima, que antes eram bem estabelecidos, com a chegada da Srta. Starling tornaram-se mais confusos.

Pois, embora ela não fosse um Deles, também não era uma de Nós.

Sua presença no andar de baixo naquela tarde trouxe um rubor ao rosto do Sr. Hamilton e uma animação nervosa à ponta dos seus dedos, que agora alisavam agitadamente a lapela. Esta questão confusa de papéis preocupava principalmente o Sr. Hamilton, pois ele via naquela pobre e inocente mulher uma adversária. Embora, como mordomo, ele fosse o criado mais importante, responsável pela direção da casa, como secretária pessoal ela tinha acesso aos segredos dos negócios da família.

O Sr. Hamilton tirou do bolso seu relógio de ouro e comparou ostensivamente as horas com o relógio da parede. O relógio tinha sido um presente do antigo Lord Ashbury, e o Sr. Hamilton tinha enorme orgulho dele. Ele nunca deixava de acalmá-lo, de ajudá-lo a recobrar a autoridade em situações de estresse ou aborrecimento. Ele passou o dedo sobre o mostrador do relógio.

– Onde está Alfred? – ele disse com firmeza.

– Está pondo a mesa, Sr. Hamilton – eu disse, aliviada por aquele silêncio tenso ter sido quebrado.

– Ainda? – O Sr. Hamilton fechou o relógio, encontrando um foco para a sua agitação. – Já faz quase quinze minutos que eu o mandei levar os copos de conhaque. Francamente. Aquele rapaz. Eu gostaria de saber o que foi que andaram ensinando a ele no exército. Desde que voltou, anda distraído demais.

Eu me encolhi como se a crítica tivesse sido dirigida a mim.

A Srta. Starling limpou a garganta e disse, com uma dicção cuidadosa:

– Estão chamando isso de choque pós-guerra, eu acho. – Ela olhou em volta timidamente enquanto o silêncio caía sobre a sala. – Pelo menos, foi o que eu li. Muitos homens estão sofrendo disso. Não adianta ser muito severo com Alfred.

Na cozinha, minha mão tremeu e folhas de chá caíram sobre a mesa.

A Sra. Townsend largou o rolo de massa e suspendeu as mangas até os cotovelos. O sangue lhe subira ao rosto.

– Escuta aqui – ela disse, com uma autoridade injustificada, reservada normalmente para policiais e mães. – Não vou tolerar esse tipo de conversa na minha cozinha. Não há nada errado com Alfred que a minha comida não consiga consertar.

– É claro que não, Sra. Townsend – eu disse, olhando para a Srta. Starling. – Alfred vai ficar novinho em folha depois de comer a sua comida saudável.

– Ela não se compara com a comida que eu fazia antes, é claro, por causa dos submarinos alemães e agora o racionamento. – A Sra. Townsend olhou para a Srta. Starling e sua voz tremeu. – Mas eu sei do que o jovem Alfred gosta.

– É claro – a Srta. Starling disse, com sardas surgindo no seu rosto pálido. – Eu não quis dizer... – Ela não encontrou a palavra para finalizar a frase. Esboçou um sorriso. – A senhora conhece melhor o Alfred, é claro.

Quando a guerra terminou e o Sr. Frederick e as meninas foram morar permanentemente em Riverton, Hannah e Emmeline tinham escolhido quartos novos na ala leste. Elas agora eram moradoras e não hóspedes, e era adequado, segundo Nancy, que escolhessem quartos novos para deixar isto bem claro. O quarto de Emmeline dava para a estátua de Eros e Psique, no gramado da frente,

enquanto Hannah preferiu um quarto menor, com uma vista do jardim das roseiras e o lago mais adiante. Os dois quartos eram ligados por uma pequena sala, que sempre fora chamada de sala cor de vinho, embora eu nunca tenha conseguido entender a razão, já que as paredes tinham um tom azul-claro e as cortinas eram estampadas de flores azuis e cor-de-rosa.

A sala cor de vinho tinha poucas evidências de sua recente reocupação, retendo as marcas da decoração feita por seus ocupantes anteriores. Ela era confortável, com uma *chaise-longue* cor-de-rosa sob uma das janelas e uma escrivaninha de nogueira sob a outra. Uma poltrona imponente ficava ao lado da porta que dava para o corredor. Sobre uma mesinha de mogno, com um brilho resplandecente que anunciava a sua novidade, ficava um gramofone. Essa inovação parecia fazer a velha mobília corar de vergonha.

Enquanto eu caminhava pelo corredor escuro, acordes de uma canção conhecida saíram de baixo da porta fechada, misturando-se com o ar parado e frio que envolvia o assoalho. *Se você fosse a única garota do mundo e eu o único rapaz...*

Era a canção favorita de Emmeline, em permanente rotação desde que elas tinham chegado de Londres. Nós todos a estávamos cantando na sala dos empregados. Até o Sr. Hamilton tinha sido ouvido assobiando-a para si mesmo na sua saleta.

Eu bati à porta e entrei, atravessei o tapete que já tinha visto dias melhores e comecei a separar as montanhas de seda e cetim que cobriam a poltrona. Fiquei contente por ter o que fazer. Embora eu desejasse a volta das meninas, nos dois anos que elas passaram longe a familiaridade que eu sentia antes em relação a elas desaparecera. Uma revolução silenciosa tinha ocorrido, e as duas meninas de avental e tranças tinham sido substituídas por jovens mulheres. Eu me sentia tímida em relação a elas, de novo.

E havia alguma outra coisa, algo difuso e desanimador. Onde antes havia três, agora só havia duas. A morte de David tinha

desfeito o triângulo, e um espaço antes fechado agora estava aberto. Duas pontas não são confiáveis; sem nada para ancorá-las, elas podem escorregar em direções diferentes. Se estiverem presas por um barbante, ele acabará se partindo e as pontas irão separar-se; se for um elástico, elas continuarão se separando, cada vez mais, até que a tensão chegue ao seu limite e elas sejam puxadas de volta com tanta velocidade que não consigam evitar uma colisão.

Hannah estava deitada na *chaise-longue*, com um livro na mão, uma ruga de atenção da testa. Sua mão livre estava apertando o ouvido, numa tentativa vã de bloquear o som do disco.

O livro era o mais recente romance de James Joyce: *Um retrato do artista quando jovem*. Eu percebi pela lombada, embora mal tivesse que olhar. Ela estava mergulhada nele desde que chegara.

Emmeline estava parada no meio do quarto, diante de um espelho de corpo inteiro, arrastado para lá de um dos quartos. Ela apertava contra o corpo um vestido que eu ainda não tinha visto: de tafetá cor-de-rosa com babados na saia. Outro dos presentes da avó, eu pensei, comprado com a amarga convicção de que a falta de homens casadouros iria limitar as perspectivas, favorecendo apenas as que fossem muito atraentes.

O último clarão do sol invernal entrou pela janela e lançou um brilho dourado no cabelo de Emmeline antes de cair exausto a seus pés, formando uma série de quadrados pálidos. Emmeline, que não prestava atenção a essas sutilezas, se movimentava para a frente e para trás, o tafetá cor-de-rosa sussurrando, enquanto ela cantarolava junto com o disco numa voz bonita, colorida pelo desejo de sua dona de viver um romance. Quando a última nota desapareceu junto com o último raio de sol, o disco continuou a girar sob a agulha. Emmeline jogou o vestido sobre a poltrona vazia e se virou. Ela levantou o braço da vitrola e tornou a pousá-lo no início do disco.

Hannah ergueu os olhos do livro. Seu cabelo comprido tinha desaparecido em Londres – junto com todo traço de infância – e

agora roçava seus ombros em ondas suaves e douradas.

– De novo não, Emmeline – ela disse, franzindo a testa. – Toque outra coisa. *Qualquer* coisa.

– Mas este é o meu preferido.

– Esta semana – Hannah disse.

Emmeline fez um beicinho exagerado.

– Como você acha que o pobre Stephen se sentiria se soubesse que você não quer ouvir o disco dele? Foi um presente. O mínimo que você pode fazer é apreciá-lo.

– Nós já o apreciamos o suficiente – Hannah disse. Então ela notou minha presença. – Você não concorda, Grace?

Eu fiz uma reverência e senti o rosto ficar vermelho, sem saber o que responder. Evitei uma resposta acendendo o lampião a gás.

– Se eu tivesse um admirador como Stephen Hardcastle – Emmeline disse sonhadoramente –, ouviria o disco dele cem vezes por dia.

– Stephen Hardcastle não é um admirador – Hannah disse, horrorizada com aquela sugestão. – Nós o conhecemos a vida toda. Ele é um amigo. É afilhado de Lady Clem.

– Afilhado ou não, acho que ele não ia todo dia a Kensington Place quando estava de licença só para ouvir Lady Clem se queixar de sua doença mais recente. O que você acha?

Hannah se eriçou.

– Como vou saber? Eles são muito chegados.

– Ora Hannah – Emmeline disse. – Apesar de ler tanto, você às vezes é muito boba. Até *Fanny* percebeu. – Ela girou a manivela do gramofone e baixou o braço, fazendo o disco começar de novo a tocar. Quando a música sentimental soou, ela acrescentou: – Stephen estava desejando que você fizesse uma *promessa* a ele.

Hannah dobrou o canto da página que estava lendo, tornou a desdobrar, passando o dedo pela prega.

– Sabe – Emmeline disse, impulsivamente. – Uma promessa de casamento.

Eu prendi a respiração; era a primeira vez que ouvia dizer que Hannah tinha sido pedida em casamento.

– Eu não sou idiota – Hannah disse, ainda olhando para o canto de página entre seus dedos. – Eu sei o que ele queria.

– Então por que você não...

– Eu não ia fazer uma promessa que não posso cumprir – Hannah se apressou em dizer.

– Você é tão certinha. Que mal haveria em rir das piadas dele, em deixar que ele murmurasse palavras doces no seu ouvido? Você sempre falou tanto na importância do esforço de guerra. Se não fosse tão teimosa, poderia ter dado a ele uma bela recordação para ele levar de volta para o front.

Hannah colocou um marcador de livro sobre a página que estava lendo e pôs o livro na cadeira.

– E o que eu teria feito quando ele voltasse? Teria contado a ele que não tinha sido sincera?

A convicção de Emmeline falseou um pouco, depois se recuperou.

– Mas aí é que está – ela disse. – Stephen Hardcastle não voltou.

– Mas ainda pode voltar.

Foi a vez de Emmeline sacudir os ombros.

– Tudo é possível, eu acho. Mas, se ele voltar, imagino que estará ocupado demais contando suas estrelas para se preocupar com você.

Um silêncio se fez entre elas. A própria sala pareceu tomar partido: as paredes e cortinas do lado de Hannah, o gramofone apoiando Emmeline.

Emmeline puxou o comprido rabo de cavalo por cima do ombro e passou os dedos nas pontas do cabelo. Ela pegou a escova que estava no chão ao lado do espelho e começou a escovar o cabelo com movimentos longos e vigorosos. As cerdas vibravam. Hannah observou-a por um momento, com o rosto sombreado por uma

expressão que não consegui decifrar – exasperação, talvez, ou incredulidade –, antes de retornar sua atenção para Joyce.

Eu ergui o vestido de tafetá rosa da poltrona.

– É este que a senhorita vai usar esta noite? – perguntei baixinho.

Emmeline deu um pulo.

– Você não deve aparecer assim de repente. Eu quase morri de susto.

– Desculpe, senhorita. – Senti meu rosto ficar quente. Lancei um olhar para Hannah, que parecia não ter ouvido. – É este o vestido que a senhorita gostaria de usar?

– Sim. É. – Emmeline mordeu o lábio. – Pelo menos, acho que sim. – Ela avaliou o vestido, estendeu a mão e deu um piparote no babado. – Hannah, o que você acha? Azul ou rosa?

– Azul.

– É mesmo? – Emmeline virou-se para Hannah, surpresa. – Eu pensei em rosa.

– Rosa, então.

– Você nem está olhando.

Hannah ergueu os olhos, relutantemente.

– Qualquer um. Nenhum. – Um suspiro frustrado. – Os dois são bonitos.

Emmeline suspirou.

– É melhor você trazer o vestido azul. Preciso dar outra olhada.

Eu fiz uma reverência e entrei no quarto. Quando alcancei o guarda-roupa, ouvi Emmeline dizer:

– É importante, Hannah. Hoje é o meu primeiro jantar de gala e quero parecer sofisticada. Você também devia querer. Os Luxton são americanos.

– E daí?

– Você não vai querer que eles nos achem pouco refinadas.

– Não estou ligando para o que eles pensem.

– Você devia ligar. Eles são muito importantes para a empresa de papai. – Emmeline baixou a voz e eu tive que ficar imóvel, com o rosto apertado contra os vestidos, para ouvir o que ela estava dizendo. – Eu ouvi papai conversando com a vovó...

– Bisbilhotando, ao que parece – Hannah disse. – E vovó acha que eu é que sou má!

– Tudo bem – disse Emmeline, e percebi um traço de desdém em sua voz. – Vou guardar para mim.

– Você não ia conseguir, mesmo que tentasse. Estou vendo no seu rosto, está louca para me contar o que ouviu.

Emmeline fez uma pausa para saborear sua vitória.

– Ah... está bem – ela disse –, vou contar, já que você insiste. – Ela pigarreou, com um jeito imponente. – Tudo começou porque vovó estava dizendo que a guerra tinha sido uma tragédia para esta família. Que os alemães tinham privado os Ashbury de sua descendência e que vovô iria revirar-se no túmulo se soubesse o que estava acontecendo. Papai tentou dizer a ela que as coisas não estavam assim tão desesperadoras, mas vovó não quis nem saber. Ela disse que já tinha idade suficiente para enxergar claramente, e que a situação não podia ser descrita de outra forma que não como desesperadora, uma vez que papai era o último da estirpe e que não tinha herdeiros. Vovó disse que era uma pena papai não ter feito a coisa certa e se casado com Fanny quando teve a chance de fazer isso!

“Papai ficou zangado e disse que, embora tivesse perdido o seu herdeiro, ainda tinha a fábrica, e vovó podia parar de se preocupar porque ele ia tomar conta de tudo. Mas vovó não parou de se preocupar. Ela disse que o banco estava começando a fazer perguntas.

“Então papai ficou calado por alguns instantes e *eu* comecei a me preocupar, achando que ele tinha levantado e estava indo para a porta e que eu ia ser descoberta. Quase ri de alívio quando ele tornou a falar e eu vi que ele ainda estava sentado.”

– Sim, e o que foi que ele disse?

Emmeline continuou, do jeito cautelosamente otimista de um ator que está chegando ao fim de uma fala complicada.

– Papai disse que, embora fosse verdade que as coisas estivessem difíceis durante a guerra, ele tinha desistido de aviões e estava voltando a fabricar automóveis. O *maldito* banco, palavras dele, não minhas, o *maldito* banco ia receber o dinheiro dele. Ele disse que tinha conhecido um homem no clube. Um homem de finanças. O sujeito, Sr. Simion Luxton, tinha ligações, papai disse, com empresários e com o governo. – Emmeline deu um suspiro de triunfo, depois de recitar corretamente o seu monólogo. – E isso foi tudo ou quase tudo. Papai pareceu envergonhado quando vovó mencionou o banco. Então eu resolvi que faria tudo para causar uma boa impressão ao Sr. Luxton, para ajudar papai a manter sua empresa.

– Eu não sabia que você estava tão interessada nisso.

– É claro que estou – Emmeline disse, séria. – E não precisa ficar zangada comigo só porque eu sei mais do que você desta vez.

Uma pausa, e Hannah falou:

– Suponho que sua súbita e ardente devoção aos negócios de papai não tenha nada a ver com aquele sujeito, o filho, cuja foto Fanny estava admirando no jornal?

– *Theodore* Luxton? Ele estará no jantar? Eu não fazia ideia – Emmeline disse, mas sua voz ficou mais alegre.

– Você é jovem demais. Ele tem pelo menos trinta anos.

– Eu tenho quase quinze, e todo mundo diz que pareço mais velha.

Hannah revirou os olhos.

– Eu não sou jovem demais para me apaixonar, sabe – Emmeline disse. – Julieta só tinha catorze anos.

– E veja o que aconteceu com ela.

– Aquilo foi só um mal-entendido. Se ela e Romeu tivessem se casado e aqueles pais idiotas tivessem parado de se meter com

eles, tenho certeza de que teriam vivido felizes para sempre. – Ela suspirou. – Eu não vejo a hora de me casar.

– Casamento não é simplesmente ter um homem bonito com quem dançar – Hannah disse. – É muito mais do que isso.

A música do gramofone tinha terminado, mas o disco continuava a girar sob a agulha.

– O quê, por exemplo?

O meu rosto ficou quente contra a seda dos vestidos de Emmeline.

– Coisas privadas – Hannah disse. – *Intimidades*.

– Ah – Emmeline disse baixinho. – *Intimidades*. Pobre Fanny.

Houve um silêncio no qual nós todas refletimos sobre a desventura da pobre Fanny. Recém-casada e em lua de mel com um estranho.

– Hannah – Emmeline disse. – O que são exatamente *intimidades*?

– Eu... bem... Elas são expressões de amor – Hannah disse com naturalidade. – Muito agradáveis, eu acho, com um homem que você ama apaixonadamente; extremamente desagradáveis com qualquer outra pessoa.

– Sim, sim. Mas o que são *exatamente*?

Outro silêncio.

– Você também não sabe – Emmeline disse. – Posso ver pela sua cara.

– Bem, não exatamente...

– Vou perguntar a Fanny quando ela voltar – Emmeline disse. – Nessa altura ela já vai saber.

Eu passei os dedos pela fileira de belos tecidos no guarda-roupa de Emmeline, procurando o vestido azul, imaginando se o que Hannah tinha dito era verdade. Pensei nas poucas vezes em que Alfred tinha ficado muito perto de mim na sala dos empregados, na sensação estranha, mas não desagradável, que eu tinha sentido...

– Bem, eu não disse que queria me casar *imediatamente* – Emmeline disse. – Eu só queria dizer que Theodore Luxton é muito bonito.

– Muito rico, você quer dizer – Hannah disse.

– É a mesma coisa.

– Você tem sorte de papai ter deixado que você jantasse lá embaixo – Hannah disse. – Eu nunca teria tido permissão para isso aos catorze anos.

– Quase quinze.

– Acho que ele precisou arredondar o número de pessoas.

– Sim. Graças a Deus Fanny concordou em se casar com aquele chato, e graças a Deus ele resolveu que deviam passar a lua de mel na Itália. Se estivessem aqui, eu ia ter que jantar com Babá Brown no quarto das crianças.

– Pois eu ia preferir a companhia de Babá Brown à dos americanos.

– Bobagem – Emmeline disse.

– Eu preferia ficar lendo o meu livro.

– Mentirosa – Emmeline disse. – Você separou o seu vestido de cetim cor de marfim, o que Fanny estava tão determinada que você não usasse quando nós conhecemos aquele noivo chato dela. Você não o usaria se não estivesse tão excitada quanto eu.

Fez-se um silêncio.

– Ah! – Emmeline disse. – Eu tenho razão! Você está rindo!

– Tudo bem, eu estou ansiosa pelo jantar – Hannah disse. – Mas não – ela acrescentou depressa – porque estou querendo impressionar uns americanos ricos que nem conheço.

– Ah, não?

– Não.

O assoalho rangeu quando uma das meninas atravessou a sala e o disco, que ainda girava no gramofone, foi retirado.

– Bem? – disse Emmeline. – Você não pode estar ansiosa pelo cardápio racionado da Sra. Townsend.

Houve uma pausa, durante a qual eu fiquei imóvel, esperando, ouvindo. Quando Hannah falou, sua voz estava calma, mas tinha um traço de excitação.

– Esta noite – ela disse – eu vou pedir ao papai para voltar para Londres.

De dentro do guarda-roupa, eu engasguei. Elas mal tinham chegado; era impensável que Hannah pudesse partir tão depressa.

– Para a casa de vovó?

– Não. Para morar sozinha. Num apartamento.

– Um *apartamento*? E por que você quer morar num apartamento?

– Você vai rir... Eu quero trabalhar num escritório.

Emmeline não riu.

– Para fazer que tipo de trabalho?

– Trabalho de escritório. Datilografia, estenografia, arquivo.

– Mas você não sabe estenografia. – Emmeline parou, entendendo. – Você sabe estenografia. Aqueles papéis que encontrei na semana passada: pareciam hieróglifos egípcios.

– Não.

– Você andou aprendendo estenografia. Em segredo. – A voz de Emmeline estava indignada. – Com a Srta. Prince?

– Meu Deus, não. A Srta. Prince algum dia nos ensinou alguma coisa útil? Nunca.

– Então onde?

– Na escola de secretariado da aldeia.

– Quando?

– Eu comecei há muito tempo, logo depois que a guerra começou. Eu me sentia tão inútil e me pareceu uma maneira de ajudar no esforço de guerra. Achei que quando fôssemos morar com a vovó eu iria poder trabalhar, tem tantos escritórios em Londres, mas... não deu certo. Quando eu conseguia escapar da vovó para procurar, eles não me aceitavam. Diziam que eu era jovem demais.

Mas agora que já tenho dezoito anos, acho que posso conseguir emprego. Já pratiquei tanto que fiquei muito rápida.

– Quem mais sabe?

– Ninguém. Só você.

Escondida no meio dos vestidos, enquanto Hannah continuava a exaltar as virtudes do seu treinamento, eu perdi alguma coisa. Uma pequena confiança, tão apreciada, foi abandonada. Eu a senti fugir, flutuar no meio das sedas e cetins, até pousar na poeira silenciosa do chão escuro do guarda-roupa e eu não conseguir mais enxergá-la.

– E então? – Hannah estava dizendo. – Você não acha isto excitante?

Emmeline bufou.

– Eu acho ordinário. É isso que eu acho. E bobo. E o papai também vai achar. Trabalho de guerra é uma coisa, mas isto... Isto é *ridículo*, e é melhor você tirar da cabeça. Papai jamais permitirá.

– É por isso que eu vou contar a ele no jantar. É a oportunidade perfeita. Ele vai ter que concordar, com outras pessoas em volta. Especialmente americanos com suas ideias modernas.

– Não posso acreditar que você queira fazer isso. – A voz de Emmeline estava furiosa.

– Não sei por que você está tão aborrecida.

– Porque... não é... não tem... – Emmeline procurou uma defesa adequada. – Porque você vai ser a anfitriã esta noite e, em vez de cuidar para que tudo corra bem, vai envergonhar o papai. Vai criar uma situação constrangedora na frente dos Luxton.

– Eu não vou criar uma situação.

– Você sempre diz isso e depois faz. Por que você não pode ser simplesmente...

– Normal?

– Você enlouqueceu de vez. Quem pode querer trabalhar num escritório?

– Eu quero ver o mundo. Viajar.

– Para Londres?
– É um primeiro passo – Hannah disse. – Eu quero ser independente. Conhecer pessoas interessantes.
– Mais interessantes do que eu, você quer dizer.
– Não seja boba – Hannah disse. – Eu quero dizer pessoas novas, que tenham coisas inteligentes a dizer. Coisas que eu nunca ouvi antes. Eu quero ser livre, Emme. Aberta a qualquer aventura que apareça diante de mim.

Eu olhei o relógio de parede do quarto de Emmeline. Quatro horas. O Sr. Hamilton ficaria uma fera se eu não descesse logo. Mas eu tinha que ouvir mais, saber que aventuras eram essas que interessavam tanto a Hannah. Dividida entre o desejo e a obrigação, eu cedi. Fechei o guarda-roupa, pendurei no braço o vestido azul e parei na porta.

Emmeline ainda estava sentada no chão, com a escova de cabelo na mão.

– Por que você não vai ficar com amigos de papai em algum lugar? Eu poderia ir também – ela disse. – Os Rothermere, em Edimburgo...

– E aguentar Lady Rothermere atrás de mim o tempo todo? Ou pior, me obrigando a sair com aquelas filhas horrorosas dela? – O rosto de Hannah era o retrato do desprezo. – Isso não é independência.

– E trabalhar num escritório também não é.

– Talvez não, mas eu vou precisar de dinheiro. Não vou mendigar nem roubar, e não consigo pensar em ninguém que possa me emprestar.

– E quanto a papai?

– Você ouviu a vovó. Algumas pessoas ganharam dinheiro com a guerra, mas não papai.

– Bem, eu acho que é uma ideia horrível – Emmeline disse. – Não... não é adequada. Papai jamais permitiria... e vovó... – Emmeline prendeu a respiração. Depois soltou tanto o ar que seus

ombros se encolheram. Quando tornou a falar, sua voz era jovem e frágil. – Eu não quero que você me deixe. – Ela olhou para Hannah. – Primeiro, David e, agora, você.

O nome do irmão foi um golpe físico para Hannah. Não era segredo que ela sofrera terrivelmente com a morte dele. A família ainda estava em Londres quando a temida carta com tarja preta chegou, mas as notícias chegavam logo aos alojamentos dos empregados naqueles dias, na Inglaterra, e nós todos soubemos da profunda depressão da Srta. Hannah. Sua recusa em se alimentar foi motivo de muita preocupação e fez a Sra. Townsend assar várias tortas de framboesa, o sabor favorito de Hannah desde criança, para mandar para Londres.

Quer ignorante do efeito que sua menção ao nome de David causara ou perfeitamente consciente disto, Emmeline prosseguiu:

– O que vou fazer, sozinha nesta casa enorme?

– Você não vai estar sozinha – Hannah disse calmamente. – Papai estará aqui para fazer-lhe companhia.

– Isso não serve de consolo. Você sabe que papai não liga para mim.

– Papai gosta um bocado de você, Emme – Hannah disse com firmeza. – De todos nós.

Emmeline olhou por cima do ombro e eu me encolhi contra o batente da porta.

– Mas ele não *gosta* realmente de mim – ela disse. – Como pessoa. Como ele gosta de você.

Hannah abriu a boca para argumentar, mas Emmeline continuou depressa:

– Você não precisa fingir. Eu vejo o modo como ele olha para mim quando acha que não estou vendo. Como se estivesse intrigado, como se não soubesse exatamente quem eu sou. – Seus olhos brilharam, mas ela não chorou. Sua voz era um sussurro. – É porque ele me culpa pela morte de mamãe.

– Isso não é verdade. – O rosto de Hannah tinha ficado cor-de-rosa. – Não diga uma coisa dessas. Ninguém culpa você pela morte de mamãe.

– Papai culpa.

– Não culpa não.

– Eu ouvi vovó dizer a Lady Clem que papai nunca mais foi o mesmo depois da tragédia que aconteceu com mamãe. – Então Emmeline falou com uma firmeza que me surpreendeu: – Eu não quero que você me deixe. – Ela se levantou do chão e foi se sentar ao lado de Hannah, segurando sua mão. Um gesto pouco característico, que pareceu deixar Hannah tão chocada quanto eu. – Por favor. – E então começou a chorar.

As duas ficaram sentadas na *chaise-longue*, Emmeline soluçando, aquela última palavra pairando entre elas. A expressão de Hannah tinha aquela teimosia que lhe era tão peculiar, mas por trás dos maxilares firmes, da boca voluntariosa, eu notei outra coisa. Um aspecto novo, que não poderia ser descrito apenas como resultado de ela ter alcançado a maturidade...

E então eu compreendi. Ela era a mais velha agora e tinha herdado a vaga, implacável, indesejada responsabilidade que este papel exigia.

Hannah virou-se para Emmeline e fez um ar forçado de alegria.

– Anime-se – ela disse, dando um tapinha na mão de Emmeline.

– Você não vai querer estar com os olhos vermelhos no jantar.

Olhei de novo para o relógio. Quatro e quinze. O Sr. Hamilton devia estar furioso. Eu não podia fazer nada...

Tornei a entrar no quarto, com o vestido azul pendurado no braço.

– Seu vestido, senhorita – eu disse para Emmeline.

Ela não respondeu. Eu fingi não notar que seu rosto estava molhado de lágrimas. Fiquei olhando para o vestido, ajeitei um pedacinho de renda.

– Use o cor-de-rosa, Emme – Hannah disse amavelmente. – Ele fica melhor em você.

Emmeline continuou imóvel.

Eu olhei para Hannah, para ela me esclarecer. Ela assentiu.

– O cor-de-rosa.

– E a senhorita? – eu disse.

Ela escolheu o de cetim cor de marfim, exatamente como Emmeline tinha dito que faria.

– Você estará lá esta noite, Grace? – Hannah perguntou enquanto eu tirava do guarda-roupa o belo vestido de cetim e o corpete.

– Acho que não, senhorita – eu disse. – Alfred foi desmobilizado. Ele vai ajudar o Sr. Hamilton e Nancy a servir a mesa.

– Ah – Hannah disse. – Sim. – Ela pegou o livro, fechou-o, passou os dedos de leve pela lombada. Quando ela falou, foi com cuidado. – Eu estava para perguntar, Grace. Como está o Alfred?

– Ele está bem, senhorita. Teve um resfriado quando voltou, mas a Sra. Townsend tratou dele com limão e cevada e ele ficou bom.

– Ela não quer saber como ele está *fisicamente* – Emmeline disse, inesperadamente. – Ela quer saber como está a cabeça dele.

– A cabeça, senhorita? – Eu olhei para Hannah, que estava franzindo a testa para Emmeline.

– Bem, é verdade. – Emmeline virou-se para mim, com os olhos vermelhos. – Quando serviu o chá ontem à tarde, ele se comportou de um modo muito estranho. Ele estava oferecendo uma bandeja de doces, como sempre, quando subitamente a bandeja começou a tremer. – Ela riu: um som oco, esquisito. – O braço dele estava tremendo, e eu esperei que ele parasse de tremer para pegar uma torta de limão, mas era como se ele não *conseguisse* parar. Então a bandeja escorregou e derramou uma avalanche de bolos no meu vestido mais bonito. No início eu fiquei zangada, foi muita displicência, ele poderia ter arruinado o meu vestido, mas então, como ele continuou ali parado com uma expressão muito estranha

no rosto, eu fiquei com medo. Achei que ele tinha enlouquecido. – Ela sacudiu os ombros. – Ele acabou voltando a si e limpou a bagunça. Mas o estrago estava feito. Ele teve sorte de ter acontecido comigo. Papai não teria sido tão complacente. Ele ficaria uma fera se acontecesse algo parecido esta noite. – Ela olhou diretamente para mim, com frieza nos olhos azuis. – Você acha que isso pode acontecer?

– Não sei dizer, senhorita. – Eu fiquei perdida. Era a primeira vez que eu tinha notícia da ocorrência. – Quer dizer, acho que não, senhorita. Tenho certeza de que o Alfred está bem.

– É claro que sim – Hannah disse depressa. – Foi um acidente, só isso. Voltar para casa, depois de passar tanto tempo longe, precisa de uma adaptação. E aquelas bandejas parecem ser muito pesadas, principalmente do jeito que a Sra. Townsend as enche de coisas. Tenho certeza de que ela está querendo nos engordar. – Ela sorriu, mas sua testa continuava franzida.

– Sim, senhorita – eu disse.

Hannah encerrou o assunto com um movimento de cabeça.

– Agora vamos vestir estes vestidos para representar o papel de filhas obedientes para os americanos de papai, e acabar logo com isso.

O jantar

Eu atravesssei o corredor e desci a escada pensando no relato de Emmeline. Mas, por mais que eu revirasse o evento em minha mente, chegava sempre à mesma conclusão. Alguma coisa estava errada. Alfred nunca tinha sido desajeitado antes.

Entretanto, o episódio não podia ser uma invenção – que motivo Emmeline teria para inventar uma coisa dessas? Não, aquilo devia mesmo ter acontecido, e o motivo devia ser o que Hannah tinha dito. Um acidente: um momento de distração quando o sol bateu na vidraça, um espasmo no pulso, a bandeja que escorregou. Ninguém estava livre de uma coisa dessas, especialmente, como Hannah observou, alguém que tinha passado alguns anos longe e que estava sem prática.

Mas, embora eu quisesse acreditar nesta explicação, não conseguia. Pois, num cantinho da minha mente, um conjunto de incidentes – não, nem chegava a isso –, um conjunto de observações esparsas estava se formando. Conclusões equivocadas relativas e perguntas bem-intencionadas sobre sua saúde, reações exageradas a qualquer crítica, uma cara fechada onde antes ele teria rido. Na realidade, uma espécie de irritabilidade confusa em tudo o que fazia.

Para dizer a verdade, eu tinha percebido isso desde a noite em que ele chegou. Nós tínhamos planejado uma festinha: a Sra. Townsend tinha preparado uma ceia especial e o Sr. Hamilton recebera permissão para abrir uma garrafa do vinho do patrão. Nós tínhamos passado grande parte da tarde arrumando a mesa na sala dos empregados, rindo enquanto arrumávamos tudo do jeito que Alfred gostava. Estávamos um tanto bêbados, eu acho, de felicidade aquela noite, e ninguém mais do que eu.

Quando chegou a hora esperada, nós nos posicionamos numa atitude de falsa naturalidade. Trocávamos olhares de expectativa enquanto esperávamos, prestando atenção nos ruídos do lado de fora. Finalmente, o rangido do cascalho, vozes, uma porta de carro sendo fechada. Passos se aproximando. O Sr. Hamilton se levantou, ajeitou o paletó e ficou parado ao lado da porta. Um momento de expectativa silenciosa enquanto esperávamos a batida de Alfred na porta, e então a porta se abriu e ele apareceu.

Não foi nada dramático: Alfred não se entusiasmou nem se assustou. Ele deixou que eu pegasse seu chapéu e então ficou parado, sem jeito, na porta, como se estivesse com medo de entrar. Abriu um sorriso forçado. A Sra. Townsend o abraçou, arrastando-o para dentro, como se ele fosse um rolo resistente de carpete. Ela o conduziu até o lugar de honra, à direita do Sr. Hamilton, e nós falamos todos ao mesmo tempo, rindo, relatando eventos dos últimos dois anos. Todos, exceto Alfred. Ah, ele se esforçou. Balançava a cabeça, respondia às perguntas, conseguiu até sorrir algumas vezes. Mas eram reações de um estranho, de um dos belgas de Lady Violet, tentando agradar uma plateia que estava determinada a deixá-los à vontade.

Eu não fui a única a notar. Vi o tremor das sobrancelhas do Sr. Hamilton, a expressão preocupada de Nancy. Mas nós nunca falamos sobre isso, nunca tocamos no assunto, exceto no dia em que os Luxton vieram jantar, no dia em que a Srta. Starling expressou suas opiniões indesejadas. Aquela noite e as outras observações que eu tinha feito desde a sua chegada tinham ficado adormecidas. Nós todos preferimos fazer vista grossa e nos tornamos cúmplices num pacto silencioso de não notar que as coisas tinham mudado. Os tempos tinham mudado e Alfred tinha mudado.

Na ausência de uma anfitriã adequada, Hannah, um tanto a contragosto, foi obrigada a definir os lugares na mesa. Ela rabiscou

um mapa num pedaço de papel pautado que tinha sido arrancado de um caderno.

Os próprios cartões eram muito simples: preto e branco com o brasão dos Ashbury gravado no canto superior esquerdo. Eles não tinham a elegância dos cartões de Lady Ashbury, mas cumpriam o objetivo, combinando com a mesa relativamente austera que o Sr. Frederick preferia. Na verdade, para tristeza do Sr. Hamilton, o Sr. Frederick tinha escolhido jantar *en famille* (em vez de jantar no estilo formal *à la russe* a que estávamos acostumados), e ele próprio iria trincar o faisão. Embora a Sra. Townsend tenha ficado horrorizada, Nancy, depois de ter passado tanto tempo fora da casa, aprovou a escolha, observando que a decisão do patrão tinha sido, com certeza, calculada para agradar aos convidados americanos.

Não me cabia dizer nada, mas eu preferia aquela maneira mais moderna de arrumar a mesa. Sem o enorme centro de mesa que parecia uma árvore, cheio de bandejas de doces e frutas em arranjos elaborados, a mesa tinha uma simplicidade elegante que me agradava. O branco da toalha engomada, a prata do faqueiro e o brilho das taças e dos copos.

Olhei mais de perto. A impressão de um polegar manchava a borda da taça de champanhe do Sr. Frederick. Eu soprei sobre a marca e a esfreguei rapidamente com a ponta do meu avental.

Eu estava tão atenta ao que estava fazendo que dei um pulo quando a porta da sala abriu de repente.

– Alfred! – eu disse. – Você me deu um susto! Quase deixei cair a taça!

– Você não devia estar tocando nelas – Alfred disse, com uma ruga na testa. – As taças estão sob minha responsabilidade.

– Tinha uma mancha – eu disse. – Você sabe como o Sr. Hamilton é. Ele teria arrancado suas tripas para usar como ligas. E o Sr. Hamilton de ligas é algo que espero não ver nunca!

A minha tentativa de humor fracassou completamente. Em algum lugar nas trincheiras da França a gargalhada de Alfred tinha

morrido, ele agora só conseguia fazer caretas.

– Eu ia limpá-las mais tarde.

– Bem, agora você não vai mais precisar.

– Você não precisa ficar fazendo isso – ele disse num tom de voz calculado.

– Fazendo o quê?

– Checando o meu trabalho. Seguindo-me como se fosse uma sombra.

– Eu não estou seguindo você. Só estava dispondo os cartões de marcação e vi uma impressão digital.

– E eu disse que ia fazer isso mais tarde.

– Está bem – eu disse calmamente, pondo a taça no lugar. – Vou colocar de volta.

Alfred resmungou alguma coisa e tirou um pano do bolso.

Eu ajeitei os cartões, embora já estivessem no lugar, e fingi que não estava olhando para ele.

Os ombros dele estavam curvados, o direito tão duro que seu corpo estava virado para o outro lado. Era um sinal de que queria ficar sozinho, mas o maldito sino das boas intenções soava alto em meus ouvidos. Talvez, se conseguisse saber o que o estava incomodando, pudesse ajudá-lo. Quem melhor do que eu? Pois, sem dúvida, eu não tinha imaginado a proximidade que havia crescido entre nós enquanto ele estava ausente. Eu sabia que não: ele deixara isto claro em suas cartas. Eu limpei a garganta para falar e disse baixinho:

– Eu sei o que aconteceu ontem.

Ele não deu sinal algum de ter ouvido, continuou atento à taça que estava limpando.

Um pouco mais alto:

– Eu sei o que aconteceu ontem. Na sala de visitas.

Ele parou, com a taça na mão. Ficou imóvel. As palavras ofensivas pairaram como neblina entre nós e eu tive um desejo súbito de retirar o que tinha dito.

A voz dele era mortalmente calma.

– A senhoritazinha andou contando mentiras, não foi?

– Não...

– Aposto que ela deu boas risadas.

– Não – eu disse depressa. – Não foi assim. Ela estava preocupada com você. – Eu engoli em seco e ousei dizer: – *Eu* estou preocupada com você.

Ele ergueu a cabeça abruptamente, olhando por baixo da mecha de cabelo que a esfregação tinha deslocado. Sua boca estava marcada por vincos de raiva.

– Preocupada comigo?

Seu tom estranho, esganiçado, me deixou desconfiada, mas eu queria esclarecer as coisas.

– É que você não costuma deixar cair a bandeja, e como não disse nada... Achei que você podia ter ficado com medo do Sr. Hamilton descobrir. Mas ele não ia ficar zangado, Alfred. Eu tenho certeza. Todo mundo erra de vez em quando.

Ele olhou para mim, e por um momento achei que ele ia rir. Mas, em vez disso, suas feições se contorceram numa careta de desprezo.

– Garota tola. Você acha que eu estou ligando porque uns bolos caíram no chão?

– Alfred...

– Você acha que eu não sei cumprir a minha obrigação? Depois de ter estado onde estive?

– Eu não disse isso...

– Mas é o que está pensando, não é? Eu sinto vocês todos olhando para mim, me vigiando, esperando que eu cometa um erro. Bem, vocês podem parar de se preocupar. Não há nada errado comigo, está ouvindo? Nada!

Meus olhos estavam ardendo, seu tom amargo fez minha pele ficar arrepiada. Eu murmurei:

– Eu só queria ajudar...

– Ajudar? – Ele riu com amargura. – E o que faz você pensar que pode me ajudar?

– Ora, Alfred – eu disse, insegura, sem saber o que ele estava querendo dizer. – Você e eu... nós... é como você disse... nas suas cartas...

– Esqueça o que eu disse.

– Mas Alfred...

– Fique longe de mim, Grace – ele disse friamente, voltando a olhar para as taças. – Nunca pedi a sua ajuda. Não preciso dela, nem a quero. Anda, sai daqui e me deixe trabalhar.

Meu rosto ardeu: de desilusão, do calor da discussão, mas principalmente de vergonha. Eu tinha percebido uma proximidade que não existia. Por Deus, nos meus momentos mais íntimos eu tinha até começado a imaginar um futuro para Alfred e para mim. Namoro, casamento, talvez até uma família. E agora, compreender que eu tinha confundido ausência com sentimentos mais elevados...

Eu passei o início da noite no andar de baixo. Se a Sra. Townsend imaginou de onde vinha a minha súbita vontade de aprender as minúcias de assar um faisão, ela achou melhor não perguntar. Eu bati e desossei, e até ajudei com o recheio. Qualquer coisa para não ter que voltar para cima, onde Alfred estava trabalhando.

Minha estratégia estava dando certo até o Sr. Hamilton enfiar uma bandeja de coquetéis na minha mão.

– Mas, Sr. Hamilton – eu disse, desconsolada –, eu estou ajudando a Sra. Townsend com a comida.

O Sr. Hamilton, com os olhos faiscando por trás dos óculos por causa da minha ousadia, respondeu:

– E eu estou dizendo para você levar os coquetéis.

– Mas o Alfred...

– Alfred está ocupado ajeitando a sala de jantar – o Sr. Hamilton disse. – Rápido, menina. Não deixe o patrão esperando.

Era um jantar pequeno, só seis pessoas ao todo, entretanto a sala parecia estar cheia de gente. Vozes altas e um calor sufocante. O Sr. Frederick, ansioso em causar uma boa impressão, insistira em aquecimento extra, e o Sr. Hamilton tinha alugado dois aquecedores a óleo. Um perfume feminino particularmente forte tinha florescido naquela estufa e agora ameaçava sufocar a sala e seus ocupantes.

Eu vi o Sr. Frederick primeiro, usando seu smoking, parecendo quase tão bonito quanto o major um dia foi, embora mais magro e menos empertigado. Ele estava ao lado da escrivaninha de mogno, conversando com um homem gordo e com um tufo de cabelo grisalho que pousava como uma grinalda no seu crânio lustroso.

O homem gordo apontou para um vaso de porcelana sobre a escrivaninha.

– Eu vi um desses no Sotheby's – ele disse com um sotaque do norte misturado com alguma outra coisa. – Idêntico. – Ele se inclinou para a frente. – Vale um bom dinheiro, meu velho.

O Sr. Frederick respondeu distraidamente:

– Não sei dizer, meu bisavô trouxe do Extremo Oriente. Está aí desde então.

– Está ouvindo, Estella? – Simion Luxton disse para a mulher, que estava sentada no sofá, do outro lado da sala, entre Emmeline e Hannah. – Frederick disse que está na família há gerações. Ele o está usando como peso de papéis.

Estella Luxton sorriu tolerantemente para o marido e entre eles passou um tipo de comunicação muda, nascida de anos de vida em comum. Naquele olhar eu percebi que aquele era um casamento de conveniência. Uma relação simbiótica, cuja utilidade tinha sobrevivido à paixão.

Cumprida a obrigação para com o marido, Estella voltou sua atenção para Emmeline, em quem ela encontrara uma pessoa tão entusiasmada pela alta sociedade quanto ela. O cabelo que faltava ao marido sobrava em Estella. O dela, cor de estanho, estava preso num coque esticado e elaborado, de construção curiosamente

americana. Ele me lembrou uma fotografia que o Sr. Hamilton tinha pregado no quadro de avisos do andar de baixo, um arranha-céu coberto de andaimes: complexo e impressionante, mas nada atraente. Ela sorriu de algo que Emmeline disse, e eu fiquei perplexa com seus dentes incrivelmente brancos.

Eu ladeei a sala, depusitei a bandeja de coquetéis no aparador debaixo da janela e fiz uma reverência. O jovem Sr. Luxton estava sentado na poltrona, ouvindo distraidamente Emmeline e Estella falando sobre a temporada campestre com grande entusiasmo.

Theodore – Teddy como viemos a chamá-lo – era bonito do modo como todos os homens ricos eram bonitos naquela época. Feições bem-feitas, realçadas pela confiança, criavam uma fachada de charme e elegância, dando um brilho especial aos olhos.

Ele tinha cabelo escuro, quase tão preto quanto seu smoking Savile Row, e usava um bigode elegante, que o deixava parecido com um ator de cinema. Como Douglas Fairbanks, pensei de repente, e senti o rosto ficar vermelho. Ele tinha um sorriso aberto e franco, os dentes ainda mais brancos do que os da mãe. Devia ser alguma coisa na água americana, concluí, porque os dentes deles eram brancos como o colar de pérolas de Hannah, que ela usava por cima da corrente de ouro com o medalhão.

Quando Estella iniciou uma descrição detalhada do baile mais recente de Lady Belmont, num sotaque metálico que eu nunca tinha ouvido antes, o olhar de Teddy começou a divagar pela sala. Notando a falta de ocupação do convidado, o Sr. Frederick fez um sinal tenso para Hannah, que limpou a garganta e disse, desanimada:

– Sua travessia foi agradável?

– Muito agradável – ele disse, com um sorriso simpático. –

Embora mamãe e papai pensem de outra forma. Nenhum deles gosta do mar. Os dois ficaram enjoados assim que saímos de Nova York e só melhoraram quando chegamos a Bristol.

Hannah tomou um gole do seu coquetel, depois fez mais uma tentativa educada de conversa.

– Quanto tempo o senhor vai ficar na Inglaterra?

– Vai ser uma visita curta para mim. Vou partir para o continente na semana que vem. Egito.

– Egito – Hannah disse, arregalando os olhos.

Teddy riu.

– Sim. Eu tenho negócios lá.

– O senhor vai ver as pirâmides do Egito?

– Desta vez não, infelizmente. Só vou ficar alguns dias no Cairo e depois vou para Florença.

– Lugar horrível – Simion disse alto, da poltrona em que estava sentado. – Cheio de pombos e asiáticos. Não se compara à velha Inglaterra.

O Sr. Hamilton indicou o copo de Simion, quase vazio apesar de ter sido completado pouco tempo antes. Eu levei o jarro de coquetel para perto dele.

Podia sentir os olhos de Simion em mim enquanto enchia seu copo.

– Há certos prazeres – ele disse – que só existem neste país. – Ele se inclinou ligeiramente e seu braço quente roçou a minha coxa. – Por mais que eu tentasse, não os encontrei em nenhum outro lugar.

Eu tive que me concentrar para manter uma expressão neutra no rosto, e para não servir depressa demais. Passou-se uma eternidade antes que o copo estivesse finalmente cheio e eu pudesse sair de perto dele. Quando rodeei o sofá, vi Hannah olhando com a cara fechada para onde eu tinha estado.

– Meu marido adora a Inglaterra – Estella disse, um tanto gratuitamente.

– Caça, tiro e golfe – Simion disse. – Ninguém faz isso melhor do que os ingleses. – Ele deu um gole no seu coquetel e se recostou na poltrona. – Mas o melhor de tudo é a mentalidade dos ingleses –

Simion acrescentou. – Existem dois tipos de pessoas na Inglaterra. As que nasceram para dar ordens. – O olhar dele encontrou o meu do outro lado da sala. – E os que nasceram para obedecer a elas.

Hannah fechou ainda mais o rosto.

– Isto faz com que as coisas corram bem – Simion continuou. – Mas não é assim na América, infelizmente. O cara que engraxa o seu sapato na esquina pode estar sonhando em abrir sua própria empresa. Não há nada que deixe um homem mais nervoso do que uma população inteira de trabalhadores cheia de... – ele cuspiu a palavra com todo o desprezo – *ambições* irracionais.

– Imagine – Hannah disse – um operário que espera da vida mais do que o fedor dos pés de outros homens.

– Abominável! – Simion disse, sem entender a ironia de Hannah.

– Era de se pensar que eles soubessem – ela disse, subindo um pouco o tom da voz – que só os afortunados têm o direito de ter ambições.

O Sr. Frederick lançou-lhe um olhar de advertência.

– Eles nos poupariam muitos problemas se soubessem – Simion disse. – Basta olhar para os bolcheviques para ver como essas pessoas podem ser perigosas quando começam a ter ideias que não combinam com sua posição.

– Um homem não deve tentar melhorar de vida? – Hannah perguntou.

O Sr. Luxton mais jovem, Teddy, continuou olhando para Hannah, com um leve sorriso nos lábios.

– Ah, papai aprova o desenvolvimento pessoal, não é, papai? Quando eu era pequeno, só ouvia isso.

– O meu avô saiu das minas graças à sua determinação – Simion disse. – Veja agora a família Luxton.

– Uma transformação admirável. – Hannah sorriu. – Só que não é para ser empreendida por todo mundo, Sr. Luxton?

– Isso mesmo – ele disse. – Isso mesmo.

O Sr. Frederick, louco para abandonar este tema perigoso, limpou impacientemente a garganta e olhou para o Sr. Hamilton.

O Sr. Hamilton acenou de leve e se inclinou para Hannah.

– O jantar está servido, senhorita. – Ele olhou para mim e fez sinal para eu voltar para baixo.

– Bem – Hannah disse, enquanto eu saía da sala discretamente.

– Vamos jantar?

O peixe seguiu-se à sopa de ervilhas, o faisão veio em seguida ao peixe e tudo estava indo bem. Nancy aparecia de vez em quando lá embaixo, fornecendo informações bem-vindas do decorrer da festa. Embora trabalhando numa velocidade fantástica, a Sra. Townsend nunca estava ocupada demais para uma atualização do desempenho de Hannah como anfitriã. Ela balançou afirmativamente a cabeça quando Nancy anunciou que, embora a Srta. Hannah estivesse se saindo bem, seus modos ainda não eram tão charmosos quanto os da avó.

– É claro que não – a Sra. Townsend disse, com a testa coberta de suor. – Isso faz parte da *natureza* de Lady Violet. Ela não conseguiria dar uma festa e não ser uma anfitriã perfeita, mesmo se tentasse. A Srta. Hannah vai melhorar com a prática. Talvez ela nunca vá ser uma anfitriã *perfeita*, mas com certeza vai ser boa. Está no sangue.

– A senhora provavelmente está certa, Sra. Townsend – Nancy disse.

– É claro que estou. Essa menina vai ser ótima, desde que não se deixe levar por... *ideias modernas*.

– Que tipo de ideias modernas? – perguntei.

– Ela sempre foi uma criança inteligente – a Sra. Townsend disse, suspirando. – E todos aqueles livros só podem pôr ideias na cabeça da menina.

– Que tipo de ideias modernas?

– O casamento vai curá-la. Anote o que eu digo – a Sra. Townsend disse para Nancy.

– Tenho certeza que a senhora tem razão, Sra. Townsend.

– Que tipo de ideias modernas? – repeti, impaciente.

– Há certas mocinhas que não sabem o que querem até encontrar um marido adequado – a Sra. Townsend disse.

Eu não pude mais aguentar.

– A Srta. Hannah não vai se casar – eu disse. – Nunca. Eu a ouvi dizer isso. Ela vai viajar pelo mundo e viver uma vida de aventuras.

Nancy engasgou e a Sra. Townsend arregalou os olhos para mim.

– O que é que você está dizendo, sua boba? – a Sra. Townsend disse, pondo a mão com firmeza na minha testa. – Você enlouqueceu, para dizer uma bobagem dessas? Está parecendo a Katie. É claro que a Srta. Hannah vai se casar. Este é o desejo de toda debutante: casar-se depressa e muito bem. E mais ainda, ela tem este dever, agora que o pobre patrãozinho David...

– Nancy – o Sr. Hamilton disse, descendo as escadas correndo. – Onde está o champanhe?

– Está comigo, Sr. Hamilton. – A voz de Katie precedeu seu corpo. Ela saiu do frigorífico, com as garrafas enfiadas debaixo dos braços, sorrindo satisfeita. – As outras estavam ocupadas demais discutindo, mas eu fui buscar.

– Bem, depressa, menina – o Sr. Hamilton disse. – Os convidados do patrão vão ficar com sede. – Ele se virou para a cozinha e olhou de cara feia. – Não é do seu feitio descuidar do seu trabalho, Nancy.

– Aqui está, Sr. Hamilton – disse Katie.

– Pode subir, Nancy – ele disse, zangado. – Agora que estou aqui, eu mesmo levo as garrafas.

Nancy olhou zangada para mim e subiu.

Katie depositou as garrafas na mesa da cozinha.

O Sr. Hamilton começou a abrir a primeira garrafa. Apesar da sua habilidade, a rolha estava presa, recusando-se a sair até que, quando ele menos esperava...

Bang!

Ela saltou da garrafa, quebrou o globo de luz em mil pedaços e caiu na panela de calda de caramelo da Sra. Townsend. O champanhe liberado molhou o rosto e o cabelo do Sr. Hamilton com uma efervescência triunfante.

– Katie, que estupidez! – a Sra. Townsend exclamou. – Você sacudiu as garrafas!

– Desculpe, Sra. Townsend – Katie disse, começando a rir como costumava fazer quando ficava nervosa. – Eu só estava tentando me apressar, como o Sr. Hamilton mandou.

– Mais pressa, menos velocidade, Katie – o Sr. Hamilton disse, sua advertência desmentida pelo champanhe que lhe escorria pelo rosto.

– Pronto, Sr. Hamilton. – A Sra. Townsend usou o canto do avental para enxugar o nariz dele. – Deixe-me secá-lo.

– Sra. Townsend – Katie disse, rindo. – A senhora passou farinha no rosto dele!

– Katie! – o Sr. Hamilton exclamou, zangado, limpando o rosto com um lenço que tinha aparecido no meio da confusão. – Você é mesmo uma garota *boba*. Não tem um pinga de juízo que mostre os anos que passou aqui. Às vezes eu me pergunto por que a mantemos...

Eu ouvi o Alfred antes de vê-lo.

Uma respiração áspera, sobrepondo-se às vozes do Sr. Hamilton ralhando com Katie, da Sra. Townsend querendo consertar as coisas, de Katie protestando.

Mais tarde ele me contou que tinha descido para ver o que estava retardando o Sr. Hamilton, mas naquela hora ele estava ali parado, imóvel, pálido, uma estátua de mármore de si mesmo, ou então um fantasma...

Quando meus olhos se encontraram com os dele, um feitiço foi quebrado e ele deu meia-volta e desapareceu no corredor, seus passos ecoando nas pedras, saindo pela porta e desaparecendo na escuridão.

Todo mundo ficou olhando, em silêncio. O Sr. Hamilton fez um movimento como se fosse segui-lo, mas seu dever era para com o patrão. Ele limpou o rosto com o lenço e se virou para nós, com os lábios apertados numa expressão de resignação.

– Grace – ele disse, quando eu me preparava para ir atrás do Alfred. – Ponha o seu avental de festa. Preciso de você lá em cima.

Na sala de jantar, tomei meu lugar entre o aparador e a cadeira Luís XIV. Na parede em frente, Nancy ergueu as sobrelanceiras. Sem poder contar o que tinha acontecido no andar de baixo, sem saber como explicar, ergui ligeiramente os ombros e desviei os olhos. Fiquei imaginando onde estaria o Alfred e se algum dia ele voltaria ao normal.

Eles estavam acabando de comer o faisão e o ar vibrava com o som de talheres sobre fina porcelana.

– Bem – Estella disse –, isto estava – uma pausa ligeira – simplesmente delicioso. – Ela abriu um vale entre os montinhos de restos de faisão e descansou os talheres. Deixou marcas de beijos cor de cereja no guardanapo de linho branco que eu ia ter que esfregar mais tarde, depois sorriu para o Sr. Frederick. – Deve ser difícil com a escassez.

Nancy ergueu as sobrelanceiras. Era inconcebível um convidado fazer comentários a respeito da comida. Nós íamos ter que tomar cuidado quando fôssemos relatar o fato à Sra. Townsend.

O Sr. Frederick, tão estarecido quanto nós, fez um discurso sem graça sobre o talento sem paralelos da Sra. Townsend como cozinheira de comida racionada, e Estella aproveitou a ocasião para examinar a sala. Seu olhar pousou primeiro nas cornijas de gesso que ligavam a parede ao teto, depois deslizou para o friso William

Morris no rodapé, antes de descansar, finalmente, no brasão dos Ashbury, preso na parede. O tempo todo, sua língua trabalhava metodicamente dentro da boca, tentando tirar um resto teimoso e desagradável de comida de entre seus dentes cintilantes.

Bate-papo social não era o forte do Sr. Frederick, e sua narração se transformou numa ilha isolada de conversa da qual ele não conseguia escapar. Ele começou a divagar. Percorreu a mesa com os olhos, mas Estella, Simion, Teddy e Emmeline estavam ocupados com outra coisa. Finalmente, ele encontrou uma aliada em Hannah. Eles trocaram um olhar, e enquanto ele deixava morrer sua descrição sem sentido dos bolinhos sem manteiga da Sra. Townsend, ela limpou a garganta.

– A senhora mencionou uma filha, Sra. Luxton – Hannah disse. – Ela não veio nesta viagem?

– Não – Estella disse depressa, voltando a prestar atenção nos seus companheiros de mesa. – Ela não veio.

Simion ergueu os olhos do seu faisão e grunhiu.

– Deborah não tem viajado conosco ultimamente – ele disse. – Ela tem compromissos em casa. Compromissos de *trabalho* – ele acrescentou com um jeito agressivo.

Hannah teve o seu interesse despertado.

– Ela trabalha?

– Algo a ver com publicações. – Simion engoliu uma garfada de faisão. – Não sei os detalhes.

– Deborah é a colunista de moda do *Women's Style* – Estella disse. – Ela escreve um pequeno artigo por mês.

– Ridículo. – O corpo de Simion balançou, e ele conteve um soluço antes de se tornar um arroto. – Uma bobagem sobre sapatos e vestidos e outras extravagâncias.

– Ora, papai – Teddy disse, com um sorriso. – A coluna de Deb é muito popular. Ela tem influenciado o modo de vestir das damas da sociedade de Nova York.

– Bobagem! Você tem sorte de suas filhas não o fazerem passar por essas coisas, Frederick. – Simion afastou o prato sujo de molho.
– Trabalho, realmente. As moças inglesas são mais sensatas.

Era a oportunidade perfeita, e Hannah sabia disso. Eu prendi a respiração, imaginando se o seu desejo de aventura ia falar mais alto. Torcendo para isso não acontecer. Para ela atender o pedido de Emmeline e ficar em Riverton. Com Alfred daquele jeito, eu não conseguia suportar a ideia de que Hannah também pudesse desaparecer.

Ela e Emmeline tinham trocado um olhar, e, antes que Hannah tivesse chance de falar, naquela voz límpida e musical que as moças eram incentivadas a cultivar, Emmeline disse depressa:

– *Eu* com certeza jamais faria isso. Trabalhar não é muito respeitável, é, papai?

– Eu preferia arrancar o coração do peito a ver uma das minhas filhas trabalhando – o Sr. Frederick disse com naturalidade.

Hannah apertou os lábios.

– Isso quase me partiu o coração – Simion disse. Ele olhou para Emmeline. – Se ao menos a minha Deborah tivesse a sua sensatez.

Emmeline sorriu, seu rosto brilhando com uma maturidade precoce que eu quase fiquei envergonhada de ver.

– Ora, Simion – Estella interveio. – Você sabe que Deborah não teria aceitado o emprego se você não tivesse permitido. – Ela sorriu.
– Ele nunca conseguiu dizer não a ela.

Simion resmungou, mas não negou.

– Mamãe tem razão, papai – Teddy disse. – Trabalhar está na moda entre os jovens da alta sociedade de Nova York. Deborah é jovem e ainda não está casada. Ela vai sossegar quando chegar a hora.

– Eu sempre preferi correção à inteligência – Simion disse. – Mas a sociedade moderna está assim. Todos querem ser considerados inteligentes. A culpa é da guerra. – Ele enfiou os polegares na cintura apertada demais da calça, escondida de todos mas dentro

do meu ângulo de visão, e deu à barriga um pouco de espaço para respirar. – Meu único consolo é que ela ganha um bom dinheiro. – Ao pensar no seu tópico favorito, ele se animou um pouco. – Aliás, Frederick, o que você acha das multas que estão falando em cobrar da coitada da Alemanha?

Enquanto a conversa prosseguia, Emmeline olhou disfarçadamente para Hannah. Hannah estava com o queixo erguido, os olhos acompanhando a conversa, seu rosto um modelo de tranquilidade, e eu fiquei imaginando se ela tivera a intenção de fazer aquele pedido ao pai. Talvez o apelo que Emmeline fizera mais cedo a tivesse feito mudar de ideia. Talvez eu tenha imaginado que seu leve estremecimento fosse pela perda daquela oportunidade, que desapareceu como um sopro de brisa pela chaminé.

– Dá uma certa pena dos alemães – Simion disse. – Há muito o que se admirar naquele povo. São excelentes empregados, não acha, Frederick?

– Eu não emprego alemães na minha fábrica – Frederick disse.

– Isso é um erro. Você não vai encontrar raça mais trabalhadora. Mal-humorados, é verdade, mas meticolosos.

– Estou muito satisfeito com os meus homens daqui.

– O seu nacionalismo é admirável, Frederick. Mas não às custas do seu negócio, eu imagino?

– Meu filho foi morto por uma bala alemã – o Sr. Frederick disse, com a mão aberta, tensa, sobre a mesa.

A observação foi como um vácuo que sugou toda a cordialidade. O Sr. Hamilton me lançou um olhar e fez um sinal para que eu e Nancy começássemos a recolher os pratos para distrair a atenção. Nós estávamos rodeando a mesa quando Teddy limpou a garganta e disse:

– Nossos sinceros pêsames, Lord Ashbury. Nós soubemos do seu filho. De David. Ouvimos dizer no White's que ele era um bom homem.

– Menino.

- Como assim?
- Meu filho era um menino.
- Sim – Teddy se corrigiu. – Um ótimo menino.

Estella estendeu a mão por cima da mesa e a pousou sobre o pulso do Sr. Frederick.

– Não sei como o senhor consegue suportar. Não sei o que eu faria se perdesse o meu Teddy. Agradeço a Deus todos os dias por ele ter decidido participar da guerra em casa mesmo. Ele e seus amigos políticos.

Ela olhou para o marido, que teve pelo menos a decência de parecer um tanto embaraçado.

– Nós estamos em débito – ele disse. – Rapazes como o seu David sacrificaram suas vidas. Cabe a nós provar que eles não morreram em vão. Progredir nos negócios e devolver a esta terra maravilhosa o lugar que ela merece.

Os olhos claros do Sr. Frederick pousaram em Simion e, pela primeira vez, percebi um lampejo de desagrado.

– Realmente.

Eu coloquei os pratos no elevador e puxei a corda para mandá-los para baixo, depois me debrucei no buraco, prestando atenção para ver se ouvia a voz de Alfred lá embaixo. Esperando que já tivesse voltado de onde quer que tivesse ido com tanta pressa. Pela abertura, veio o ruído distante dos pratos sendo retirados, a voz de Katie e a reprimenda da Sra. Townsend. Finalmente, com um puxão, as cordas começaram a se mover e o elevador voltou, carregado de frutas, manjar e calda de caramelo, sem rolha.

– Hoje em dia, os negócios exigem economia de escala – Simion disse, autoritariamente. – Quanto mais você produz, mais tem dinheiro para produzir.

O Sr. Frederick concordou.

– Eu tenho ótimos operários. São homens excelentes. Se treinarmos os outros...

– Perda de tempo. Perda de dinheiro. – Simion bateu na mesa com uma veemência que me fez dar um pulo, quase derramando a calda de caramelo que estava despejando em seu prato. – Mecanização! Este é o futuro.

– Linhas de montagem?

Simion piscou um olho.

– Acelerar os homens vagarosos, frear os apressados.

– Acho que não vendo o suficiente para garantir linhas de montagem – o Sr. Frederick disse. – Poucas pessoas na Inglaterra têm dinheiro para comprar os meus carros.

– Esta é precisamente a questão – Simion disse. O entusiasmo e a bebida tinham deixado seu rosto vermelho. – Linhas de montagem baixam preços. Você vai vender mais.

– Linhas de montagem não baixam os preços das peças – o Sr. Frederick retrucou.

– Use peças diferentes.

– Eu uso as melhores.

O Sr. Luxton começou a rir e parecia que não ia mais parar.

– Eu gosto de você, Frederick – ele disse finalmente. – Você é um idealista. Um *perfeccionista*. – Ele falou esta última palavra com a satisfação de um estrangeiro que conseguira recordar uma palavra pouco familiar. – Mas, Frederick – ele se inclinou para a frente, sério, com os cotovelos na mesa, e apontou o dedo gordo para o anfitrião –, você quer fazer carros ou quer fazer dinheiro?

O Sr. Frederick piscou os olhos, espantado.

– Não sei se...

– Acho que meu pai está sugerindo que o senhor tem uma escolha – Teddy interveio calmamente. Até então ele estava acompanhando a conversa com um interesse reservado, mas nesse momento ele disse, quase se justificando. – Existem dois mercados para os seus automóveis. Um pequeno grupo que pode comprar o que há de melhor...

– Ou o mercado efervescente de consumidores de classe média
– Simion interrompeu. – A fábrica é sua; a decisão é sua. Mas, do ponto de vista de um banqueiro... – Ele se inclinou para a frente, desabotoou um botão do smoking, respirou satisfeito. – Eu sei que mercado eu estaria mirando.

– A classe média – o Sr. Frederick disse, franzindo ligeiramente a testa, como se tivesse percebido pela primeira vez que este grupo existia fora das doutrinas da teoria social.

– A classe média – confirmou Simion. – Ela está crescendo e não está sendo aproveitada. Se não acharmos meios de tirar o dinheiro deles, eles vão achar meios de tirar o nosso. – Ele sacudiu a cabeça. – Como se os trabalhadores já não fossem problema suficiente.

Frederick franziu a testa, inseguro.

– Sindicatos – Simion disse, com uma careta. – Assassinos de empresas. Eles não vão sossegar enquanto não tiverem se apoderado dos meios de produção e expulsado homens como você.

– Papai aponta um quadro exagerado – Teddy disse, com um sorriso tímido.

– Eu dou nome às coisas – retorquiu Simion.

– E você? – Frederick disse para Teddy. – Você não vê os sindicatos como uma ameaça?

– Acho que eles podem ser acomodados.

– Bobagem. – Simion tomou um gole de vinho. – Teddy é um moderado.

– Papai, por favor, eu sou um membro do Partido Conservador.

– Com ideias esquisitas.

– Simplesmente proponho que todos os lados sejam ouvidos.

– Ele vai aprender com o tempo – Simion disse, sacudindo a cabeça para o Sr. Frederick. – Quando aqueles que ele é tolo o bastante para alimentar morderem sua mão.

Ele largou o copo e prosseguiu com o discurso.

– Eu acho que você não percebe o quanto está vulnerável, Frederick. Se acontecer algum imprevisto. Eu estava falando com Ford outro dia, Henry Ford. – Ele parou, não sei se por motivos éticos ou oratórios, e fez sinal para eu levar um cinzeiro para ele. – Vamos apenas dizer que, neste clima econômico, você precisa desviar o seu negócio para caminhos mais lucrativos. E depressa. – Seus olhos faiscaram. – Se as coisas forem para o lado da Rússia, e existem certos indícios, só uma margem saudável de lucro irá deixá-lo bem com o seu banqueiro. Por mais simpático que ele possa ser, o saldo não pode estar no vermelho. – Ele tirou um charuto da caixa de prata que o Sr. Hamilton ofereceu. – E você precisa se proteger, não é? Você e suas lindas filhas. Se não tomar conta delas, quem vai tomar? – Ele sorriu para Hannah e Emmeline, depois acrescentou: – Sem mencionar esta casa imponente. Há quanto tempo você disse que ela está na família?

– Eu não disse – o Sr. Frederick respondeu, e se sua voz revelava um traço de preocupação, ele se apressou em apagá-lo. – Trezentos anos.

– Bem – Estella disse docemente –, não é fantástico? Eu *adoro* a história da Inglaterra. Suas famílias antigas são tão fascinantes. Um dos meus passatempos favoritos é ler sobre isso.

Simion suspirou com impaciência, louco para voltar aos negócios.

Estella, com a prática de muitos anos de casamento, aproveitou a deixa.

– Acho que nós, garotas, podemos ir para a sala de visitas enquanto os homens continuam a conversar – ela disse. – Vocês podem me contar a história da linhagem dos Ashbury.

Hannah fez um ar educado de concordância, mas eu notei a sua impaciência. Ela estava dividida entre a vontade de ficar e ouvir mais e o seu dever de anfitriã de levar as damas para a sala de visitas e aguardar os homens.

– Sim – ela disse –, é claro. Embora não haja muito que possamos dizer que a senhora não encontre em *Debrett*.

Os homens se levantaram. Simion tomou a mão de Hannah, enquanto Frederick acompanhava Estella. Simion reparou na silhueta jovem de Hannah, sem conseguir disfarçar sua admiração grosseira. Ele beijou-lhe a mão com lábios úmidos. Ela conseguiu disfarçar o nojo. Ela seguiu atrás de Emmeline e Estella e, ao se aproximar da porta, nossos olhos se encontraram. Na mesma hora, sua fachada de adulta desapareceu e ela me deu a língua e revirou os olhos, antes de sair da sala.

Enquanto os homens retomavam seus lugares e voltavam a falar de negócios, o Sr. Hamilton se aproximou de mim.

– Você já pode ir, Grace – ele murmurou. – Nancy e eu vamos terminar aqui. – Ele olhou para mim. – E vá procurar o Alfred. Não podemos permitir que um convidado do patrão olhe pela janela e veja um empregado perambulando lá fora.

Parada na plataforma de pedra no topo da escada dos fundos, eu examinei a escuridão. A lua lançava um clarão branco, pintando a grama de prateado e transformando em esqueletos os galhos de árvore. As roseiras, gloriosas durante o dia, de noite não passavam de um conjunto de velhas magras e solitárias.

Finalmente, na escada de pedra do fundo do jardim, eu vi uma silhueta escura que não pertencia à vegetação.

Tomei coragem e mergulhei na escuridão.

O vento ficava mais frio e cortante a cada passo.

Cheguei ao alto da escadaria e parei ao lado dele, mas Alfred não deu sinal algum de ter percebido a minha presença.

– O Sr. Hamilton me mandou aqui – eu disse cautelosamente. – Você não precisa pensar que eu o estou seguindo.

Não houve resposta.

– E não precisa me ignorar. Se não quiser entrar, é só dizer que eu vou embora.

Ele continuou a fitar as árvores altas do Long Walk.

– Alfred! – Minha voz estava rachada de frio.

– Vocês todos acham que eu sou o mesmo Alfred que partiu para a França – ele disse baixinho. – As pessoas parecem reconhecer-me, então devo estar mais ou menos com a mesma aparência, mas eu sou uma pessoa diferente, Grace.

Fiquei desconcertada. Eu estava preparada para outro ataque, para ouvi-lo pedir que eu o deixasse em paz. A voz dele se transformou num sussurro e tive que me agachar para conseguir ouvir. Ele estava com o lábio tremendo, não sei se do frio ou por alguma outra razão.

– Eu os vejo, Grace. Não é tão ruim durante o dia, mas a noite inteira eu os vejo e ouço. Na sala de visitas, na cozinha, nas ruas da aldeia. Eles chamam meu nome. Mas quando eu me viro... eles não estão... eles estão todos...

Eu me sentei. A noite gelada tinha congelado os degraus de pedra e minhas pernas ficaram dormentes.

– Está tão frio – eu disse. – Vamos para dentro, eu preparo uma xícara de chocolate quente para você.

Ele pareceu não ter ouvido, continuou fitando a escuridão.

– Alfred? – Meus dedos roçaram a sua mão e, impulsivamente, pousei a minha sobre a dele.

– Não. – Ele se encolheu como se eu tivesse batido nele, e eu apertei minhas mãos junto ao corpo. Meu rosto ardia como se eu tivesse levado uma bofetada.

– Não – ele murmurou.

Os olhos dele estavam cerrados e eu fiquei observando o seu rosto, imaginando o que ele enxergava, de olhos fechados, que os fazia se mexerem tão nervosamente por trás das pálpebras banhadas pelo luar.

Então ele se virou para mim e eu levei um susto. Devia ser um truque da noite, mas eu nunca tinha visto olhos como os dele. Buracos escuros, profundos, que, de alguma forma, pareciam

vazios. Ele me olhou com aqueles olhos vazios e deu a impressão de estar procurando alguma coisa. Uma resposta para uma pergunta que ele não fizera. A voz dele era baixa.

– Eu achei que quando voltasse... – As palavras dele flutuaram na noite, inacabadas. – Eu queria tanto ver você... Os médicos disseram que se eu me mantivesse ocupado... – Sua garganta fez um som estranho.

A armadura do seu rosto se desfez, se esfarelou como um saco de papel, e ele começou a chorar. Ele tapou o rosto com as mãos, numa tentativa inútil de ocultação.

– Não, não, não... Não olhe... Por favor, Gracie, por favor... – Ele chorou desconsoladamente. – Eu sou um covarde...

– Você não é covarde – eu disse com firmeza.

– Por que não consigo tirar isto da cabeça? Eu só quero que isto saia da minha cabeça. – Ele bateu com as mãos nas têmporas com uma ferocidade que me assustou.

– Alfred! Pare com isso. – Tentei segurar as mãos dele, mas ele não as tirava do rosto. Eu esperei, vendo seu corpo tremer, maldizendo minha inépcia. Finalmente, ele pareceu se acalmar um pouco.

– Diga-me o que você vê – eu disse.

Ele se virou para mim, mas não falou nada, e por um momento percebi como ele devia me ver. O abismo que havia entre a experiência dele e a minha. E soube então que ele não ia me contar o que via. Compreendi que certas imagens, certos sons, não podem ser compartilhados e não podem ser esquecidos.

Então não perguntei de novo. Pus a mão no rosto dele e guiei delicadamente sua cabeça para o meu ombro. Fiquei ali sentada, imóvel, enquanto o corpo dele tremia ao lado do meu.

E ficamos assim, juntos, sentados na escada.

Um marido conveniente

Hannah e Teddy se casaram no primeiro sábado de maio de 1919. Foi um bonito casamento na igreja de Riverton. Os Luxton teriam preferido Londres, para que mais pessoas do seu rol de amigos importantes pudessem comparecer, mas o Sr. Frederick foi insistente, e ele já tinha sofrido tantos golpes nos meses anteriores que ninguém teve coragem de discutir. Ela se casou na igreja do vale, como seus pais e seus avós antes dela.

Choveu – muitos filhos, disse a Sra. Townsend; namorados antigos chorando, murmurou Nancy –, e as fotos do casamento estão cheias de guarda-chuvas pretos. Mais tarde, quando Hannah e Teddy estavam morando na casa de Grosvenor Square, uma foto foi colocada sobre a escrivaninha do jardim de inverno. Os seis em fila: Hannah e Teddy no meio, Simion e Estella sorrindo de um lado, o Sr. Frederick e Emmeline com os rostos sérios do outro.

Você está surpreso. Pois como pôde acontecer uma coisa dessas? Hannah estava tão decidida a não se casar, tão cheia de ambições diferentes. E Teddy: inteligente, simpático até, mas sem dúvida não o homem capaz de arrebatrar o coração de uma moça como Hannah...

Mas não foi assim tão complicado. Essas coisas raramente são. Foi simplesmente um caso de alinhamento dos astros; aqueles que não se alinharam sozinhos foram empurrados à força.

Na manhã seguinte ao jantar de gala, os Luxton partiram para Londres. Eles tinham compromissos de negócios, e nós todos presumimos – se é que pensamos a respeito – que nunca mais os veríamos.

Nosso foco, você entende, já estava no grande evento a seguir. Pois na semana seguinte um grupo de mulheres indomáveis chegou

a Riverton, encarregado da difícil tarefa de supervisionar a entrada de Hannah na sociedade. Janeiro era o auge dos bailes campestres, e a humilhação de deixar as coisas para muito tarde, de ser forçado a dividir a data com outro baile maior, era inimaginável. Assim, o dia tinha sido escolhido – 20 de janeiro – e os convites já tinham sido enviados havia muito tempo.

Uma manhã, no início do ano novo, eu estava servindo chá para Lady Clementine e Lady Ashbury. Elas estavam na sala de visitas, sentadas lado a lado no sofá, com agendas abertas no colo.

– Cinquenta devem caber com folga – afirmou Lady Violet. – Não há nada pior do que um baile vazio.

– Exceto um cheio demais – Lady Clementine disse com descontentamento. – Não que isto seja um problema hoje em dia.

Lady Violet examinou a lista de convidados, com uma expressão de abatimento.

– Minha querida – ela disse –, o que vamos fazer a respeito da escassez?

– A Sra. Townsend vai dar um jeito – Lady Clementine respondeu. – Ela sempre dá.

– Não estou me referindo à comida, Clem, e sim aos homens. Onde vamos encontrar mais homens?

Lady Clementine inclinou-se para observar a lista de convidados. Ela sacudiu a cabeça, zangada.

– É um crime. Isso é que é. Uma terrível inconveniência. A melhor semente da Inglaterra apodrecendo nos confins dos campos de batalha da França, enquanto as moças ficam abandonadas, sem ter nem um par para dançar. É uma conspiração, escute o que eu digo. Uma conspiração *alemã*. – Ela arregalou os olhos. – Para evitar que a elite da Inglaterra se reproduza!

– Mas sem dúvida você conhece alguém que possamos convidar, Clem? Você é uma casamenteira e tanto.

– Eu tive sorte de encontrar aquele tolo para a Fanny – Lady Clementine disse, esfregando a papada. – É uma pena que

Frederick não tenha se interessado por ela. As coisas teriam sido bem mais simples. Em vez disso, tive que raspar o fundo do barril.

– Minha neta não vai ter um marido desencavado do fundo do barril – Lady Violet disse. – O futuro desta família depende do casamento dela. – Ela deu um suspiro desgostoso, que se transformou em tosse, fazendo seu corpo magro se sacudir.

– Hannah vai ter mais sorte do que a pobre Fanny – Lady Clementine disse com segurança. – Ao contrário da minha pupila, a sua neta foi abençoada com inteligência, beleza e charme.

– E nenhuma inclinação para usá-las – completou Lady Violet. – Frederick mimou demais aquelas crianças. Elas tiveram muita liberdade e pouca disciplina. Hannah principalmente. Aquela menina é cheia de ideias escandalosas de independência.

– Independência... – Lady Clementine disse com desaprovação.

– Ah, ela não tem pressa alguma de se casar. Foi o que me disse quando estava em Londres.

– É mesmo?

– Ela me olhou bem nos olhos, com uma cortesia enlouquecedora, e me disse que não se importava nem um pouco que fosse dar muito trabalho apresentá-la à sociedade.

– Que ousadia!

– E disse que seria um desperdício um baile para ela, já que não tinha intenção de frequentar a sociedade nem quando fosse maior de idade. Disse que acha a sociedade... – Lady Violet fechou os olhos. – Ela acha a sociedade sem graça e inútil.

Lady Clementine engasgou.

– Não é possível.

– Foi o que ela disse.

– Mas o que ela quer fazer, então? Ficar aqui na casa do pai e virar uma solteirona?

Elas não podiam conceber que houvesse outras opções. Lady Violet sacudiu a cabeça, com os ombros curvados de desânimo.

Lady Clementine, percebendo a necessidade de melhorar o ânimo dela, deu uma batidinha em sua mão.

– Não se preocupe – ela disse. – Sua neta ainda é jovem, querida Violet. Tem muito tempo para mudar de ideia. – Ela inclinou a cabeça de lado. – Eu lembro que você também teve umas ideias de liberdade quando era da idade dela. E ultrapassou essa fase. Hannah também vai ultrapassar.

– Ela tem que ultrapassar – Lady Violet disse severamente.

Lady Clementine percebeu um certo desespero na voz de Lady Violet.

– Não existe nenhum motivo *particular* para ela se casar tão depressa... – Ela apertou os olhos. – Existe?

Lady Violet suspirou.

– Existe! – Lady Violet respondeu, arregalando os olhos.

– É o Frederick. Aqueles malditos automóveis. O banco me mandou uma carta esta semana. Ele está de novo atrasado nos pagamentos.

– E você só soube disso agora? – Lady Clementine perguntou avidamente. – Que coisa!

– Acho que ele teve medo de me contar. Ele conhece minha opinião. Hipotecou os nossos futuros por causa da fábrica. Inclusive vendeu a propriedade de Yorkshire para pagar os impostos relativos à herança.

Lady Clementine sacudiu a cabeça.

– Era preferível que ele tivesse vendido aquela fábrica. Ele recebeu algumas ofertas, sabe?

– Recentemente?

– Infelizmente não. – Lady Violet suspirou. – Frederick é um filho maravilhoso, mas, como empresário, não posso dizer o mesmo. Agora eu acho que está depositando todas as suas esperanças em conseguir um empréstimo de algum sindicato com o qual o Sr. Luxton está envolvido. – Ela sacudiu a cabeça. – Ele tem tido um fracasso atrás do outro, Clem. Não pensa nas obrigações da sua

posição. – Ela descansou as pontas dos dedos nas têmporas, tornou a suspirar. – Não posso culpá-lo. Esta posição não era para ser dele. – E então veio o lamento habitual. – Se ao menos Jonathan estivesse aqui.

– Calma – disse Lady Clem. – Frederick vai ter sucesso com o negócio dele. Automóveis estão na moda. Todo mundo está dirigindo automóveis hoje em dia. Outro dia eu quase fui atropelada ao atravessar a rua em Kensington Place.

– Clem! Você se machucou?

– Não *desta* vez – Lady Clementine disse com naturalidade. – Mas tenho certeza de que não vou ter tanta sorte na próxima. – Ela ergueu uma sobrancelha. – Uma morte horrível, posso assegurar. Conversei muito com o Dr. Carmichael sobre os tipos de ferimento que se pode sofrer.

– Terrível – Lady Violet disse, sacudindo a cabeça horrorizada. Ela suspirou. – Eu não me preocuparia tanto com Hannah se ao menos Frederick se casasse de novo.

– Você acha provável? – perguntou Lady Clementine.

– Acho difícil. Como você sabe, ele demonstrou pouco interesse em ter outra esposa. Nunca demonstrou muito interesse pela primeira esposa, tampouco, se quer saber. Estava ocupado demais – ela olhou para mim e eu ajeitei depressa a toalha da mesa – com aquele outro assunto abominável. – Ela sacudiu a cabeça e apertou os lábios. – Não. Não haverá mais filhos homens, e não adianta ter esperanças de que isso possa acontecer.

– O que nos deixa com Hannah. – Lady Clementine tomou um gole de chá.

– Sim. – Lady Violet suspirou, irritada, e alisou o cetim verde da saia. – Desculpe, Clem. Foi a gripe que me deixou abatida. – Ela sacudiu a cabeça. – Não consigo me livrar da sensação de angústia que tenho sentido ultimamente. Eu não sou uma pessoa supersticiosa, você sabe disso, mas estou com a sensação... – Ela

olhou para Lady Clementine. – Você vai rir, mas estou com a sensação de que vai acontecer alguma desgraça.

– É mesmo? – Aquele era o assunto favorito de Lady Clementine.

– Não é nada específico. É só uma sensação. – Ela cobriu os ombros com o xale e eu notei o quanto estava frágil. – Mesmo assim, não vou ficar parada vendo esta família se desintegrar. Quero ver Hannah casada, e bem casada, nem que seja a última coisa que eu faça. De preferência, *antes* de acompanhar Jemima para a América.

– Nova York. Eu tinha esquecido que você ia viajar. O irmão de Jemima foi bom em acolhê-las.

– Sim – Lady Violet disse. – Mas vou sentir saudades. A pequena Gytha é tão parecida com Jonathan.

– Nunca gostei muito de bebês – Lady Clementine disse. – Tanto choro e vômitos. – Ela estremeceu de tal forma que seu segundo e terceiro queixo balançaram, depois alisou a página da agenda e bateu com a caneta no papel em branco. – Quanto tempo nós temos, então, para arranjar um marido conveniente?

– Um mês. Nós embarcamos no dia 4 de fevereiro.

Lady Clementine anotou a data na agenda e, de repente, exclamou:

– Ora...! Sabe, Violet, eu tive uma boa ideia! Você disse que Hannah quer ser independente?

Lady Violet confirmou, com uma expressão de desgosto.

– Sim.

– E se alguém conversasse com ela...? Mostrasse a ela que o casamento pode ser o caminho para a independência...?

– Ela é tão teimosa quanto o pai – Lady Violet disse. – Acho que não vai ouvir.

– Não vai ouvir a mim ou a você, talvez. Mas eu sei de alguém a quem ela poderia ouvir. – Ela apertou os lábios. – Sim... Com um pouco de orientação, até *e/*a pode ser capaz de conseguir.

Alguns dias depois, enquanto o marido visitava, satisfeito, a garagem do Sr. Frederick, Fanny juntou-se a Hannah e Emmeline na sala cor de vinho. Emmeline, excitada com o baile que se aproximava, tinha convencido Fanny a ajudá-la a praticar passos de dança. Uma valsa estava tocando no gramofone e as duas estavam valsando pela sala, rindo e brincando. Eu tive que tomar cuidado para não esbarrar nelas enquanto arrumava a sala.

Hannah estava sentada na escrivaninha, escrevendo em seu caderno, sem prestar atenção na confusão atrás dela. Depois do jantar com os Luxton, quando ficou claro que seu sonho de arranjar emprego dependia de um consentimento paterno que não aconteceria, ela havia entrado num estado de meditação. Enquanto os preparativos para o baile se desenrolavam, ela permanecia alheia a todos.

Depois de passar uma semana calada e pensativa, ela entrou em outra fase. Voltou a praticar estenografia, traduzindo furiosamente qualquer livro que estivesse à mão, escondendo o que estava fazendo quando alguém se aproximava. Estes períodos de ocupação eram sempre seguidos de apatia. Ela largava a caneta, afastava os livros com um suspiro, e ficava sentada, inerte, esperando a hora de alguma refeição, a chegada de uma carta ou o momento de tornar a se vestir.

É claro que sua mente não ficava parada. Ela dava a impressão de estar tentando resolver a charada da sua vida. Desejava ardentemente independência e aventura, entretanto, era uma prisioneira – uma prisioneira bem tratada, mas uma prisioneira. Independência exigia dinheiro. O pai não tinha dinheiro para lhe dar e tampouco permitia que ela trabalhasse.

Naquela manhã, na sala cor de vinho, ela estava sentada à escrivaninha, de costas para Fanny e Emmeline, traduzindo a Enciclopédia Britânica para estenografia. Estava tão concentrada em sua atividade que nem se mexeu quando Fanny exclamou: – Ui! Você é um elefante!

Fanny foi mancando até a poltrona enquanto Emmeline se jogava no sofá, às gargalhadas. Ela tirou o sapato e se inclinou para examinar o dedo.

– Acho que vai inchar – ela disse com petulância.

Emmeline continuou a rir.

– Provavelmente não vou conseguir usar meus sapatos mais bonitos no baile!

Cada protesto fazia Emmeline rir ainda mais.

– Bem – Fanny disse, indignada. – Você destruiu o meu dedo. Pelo menos podia pedir desculpas.

Emmeline tentou parar de rir.

– Desculpe – ela disse, e mordeu o lábio, contendo o riso. – Mas não tenho culpa de você botar os pés no caminho dos meus. Talvez se eles não fossem tão grandes... – E ela começou a rir de novo.

– Fique sabendo – Fanny disse, com o queixo tremendo – que o Sr. Collier do Harrods diz que eu tenho pés lindos.

– É claro. Ele deve cobrar o dobro do que cobra para as outras damas para fazer seus sapatos.

– Ora...! Sua ingrata...

– Que é isso, Fanny – Emmeline disse, parando de rir. – Eu só estou brincando. É claro que sinto muito por ter pisado no seu dedo.

Fanny resmungou.

– Vamos tentar a valsa de novo. Eu prometo que vou prestar mais atenção desta vez.

– Acho que não – Fanny disse, com um ar aborrecido. – Preciso descansar o meu dedo. Não ficaria surpresa se ele estivesse quebrado.

– Não pode ser tão sério assim. Eu pisei nele de leve. Deixe-me dar uma olhada.

Fanny encolheu a perna sob o corpo, impedindo que Emmeline visse o seu pé.

– Acho que você já fez mais do que suficiente.

Emmeline tamborilou com os dedos no braço da cadeira.

– E como é que eu vou praticar os passos de dança?

– Não precisa se preocupar; o tio-avô Bernard é cego demais para notar, e o primo Jeremy vai estar muito ocupado aborrecendo você com sua conversa interminável sobre a guerra para ligar para isso.

– Nada disso. Eu não pretendo dançar com nenhum tio-avô – Emmeline disse.

– Acho que você não vai ter muita escolha – desafiou Fanny.

Emmeline ergueu as sobrancelhas com um ar arrogante.

– Vamos ver.

– Por quê? – Fanny disse, franzindo a testa. – O que você quer dizer com isso?

Emmeline abriu um largo sorriso.

– Vovó convenceu papai a convidar os Luxton.

– Theodore Luxton? – Fanny ficou vermelha.

– Não é excitante? – Emmeline agarrou as mãos de Fanny. – Papai achou que não ficava bem convidar conhecidos de trabalho para o baile de Hannah, mas vovó insistiu.

– Puxa – Fanny disse, toda agitada. – Isso é excitante. Gente sofisticada, para variar. – Ela deu um risinho, dando tapinhas no rosto. – Theodore Luxton, com efeito.

– Agora você está vendo por que eu preciso aprender a dançar.

– Você devia ter pensado nisso antes de esmagar o meu pé.

Emmeline franziu a testa.

– Se ao menos papai nos deixasse ter aulas na escola Vacani. Ninguém vai dançar comigo se eu não souber os passos certos.

Fanny esboçou um leve sorriso.

– Você não é uma exímia dançarina, Emmeline – ela disse. – Mas não precisa se preocupar. Não vão faltar pares para você no baile.

– Ah, é? – Emmeline disse, com a falta de naturalidade de alguém que está acostumada a receber elogios.

Fanny esfregou o dedo do pé.

– *Todos* os cavalheiros presentes têm que convidar as moças da casa para dançar. Até os elefantes.

Emmeline fechou a cara para ela.

Animada com seu pequeno triunfo, Fanny continuou:

– Eu me lembro do meu baile de debutante como se fosse hoje – ela disse, com a nostalgia de uma mulher com o dobro de sua idade.

– Acho que com sua graça e charme – Emmeline disse, revirando os olhos –, você teve uma fila de cavalheiros esperando para dançar com você.

– Nem tanto. Nunca vi tantos velhos esperando para pisar nos meus pés e depois poder voltar para cochilar ao lado das esposas. Fiquei muito desapontada. Todos os homens jovens e bonitos estavam na guerra. Graças a Deus, a bronquite de Godfrey não o impediu de ir ou jamais nos teríamos conhecido.

– Foi amor à primeira vista?

Fanny empinou o nariz.

– É claro que não! Godfrey passou muito mal e ficou a maior parte da noite no banheiro. Nós só dançamos uma vez, que eu me lembre. Foi a quadrilha; ele foi ficando cada vez mais verde a cada rodada e acabou pedindo licença e desaparecendo. Eu fiquei uma fera na hora. Fiquei ali sozinha, muito envergonhada. Não tornei a vê-lo durante meses. E só nos casamos um ano depois. – Ela suspirou e sacudiu a cabeça. – O ano mais longo da minha vida.

– Por quê?

Fanny pensou um pouco.

– Eu imaginava que depois do meu baile de debutante a vida seria diferente.

– E não foi? – Emmeline disse.

– Sim, mas não como eu pensava. Foi horrível. Oficialmente, eu era uma adulta, mas ainda não podia fazer nada, nem ir a lugar algum sem que Lady Clementine ou alguma outra velha se metesse

na minha vida. Nunca fui tão feliz como no dia em que George me pediu em casamento. Foi a resposta às minhas orações.

Emmeline, que não conseguia ver como Godfrey Vickers – gordo, careca e sempre doente – podia ser a resposta às orações de alguém, franziu o nariz.

– É mesmo?

Fanny olhou sutilmente para as costas de Hannah.

– As pessoas tratam você de outra forma quando se é casada. Basta eu ser apresentada como “Senhora” Vickers que todos percebem que não sou uma garota tola e, sim, uma mulher casada, capaz de pensar como um adulto.

Hannah, aparentemente indiferente, continuou a trabalhar furiosamente.

– Eu já contei sobre a minha lua de mel? – Fanny perguntou, olhando de novo para Emmeline.

– Só umas mil vezes.

Isso não impediu Fanny de continuar.

– Florença é a cidade estrangeira mais romântica que eu já conheci.

– É a única cidade estrangeira que você conhece.

– Toda noite, depois do jantar, Godfrey e eu passeávamos pela margem do rio Arno. Ele me comprou um colar lindo numa lojinha da ponte Vecchio. Eu me senti uma pessoa diferente na Itália.

Transformada. Um dia nós subimos o Forte di Belvedere e avistamos toda a Toscana. Foi tão bonito, deu até vontade de chorar. E as galerias de arte! Havia tanta coisa para ver. Godfrey prometeu que vamos voltar lá assim que for possível. – Ela deu uma olhada na direção da escrivaninha, onde Hannah continuava escrevendo. – E as *pessoas* que a gente encontra quando viaja; são fascinantes. Um sujeito no trem estava indo para o Cairo. Você nunca vai adivinhar o que ele ia fazer lá. Procurar tesouros enterrados! Eu nem pude acreditar quando ele nos contou.

Aparentemente, os antigos costumavam ser enterrados com suas

joias. Não imagino o motivo. Parece um tremendo desperdício. O Dr. Humphreys disse que tinha algo a ver com religião. Ele nos contou histórias fascinantes, até nos convidou para visitar o sítio arqueológico, se fôssemos para aqueles lados! – Hannah tinha parado de escrever. Fanny disfarçou um sorriso de vitória. – Godfrey ficou um pouco desconfiado, achou que o sujeito estava nos enganando, mas eu o achei muito interessante.

– Ele era bonito? – quis saber Emmeline.

– Ah, era – Fanny disse – ele... – Ela parou, recompôs-se e voltou ao script. – Eu tive mais animação nos meus dois meses de casada do que tinha tido em toda a minha vida. – Ela olhou para Hannah por baixo dos cílios e descartou seu coringa. – É engraçado. Antes de me casar, eu imaginava que ter um marido era uma prisão. Agora acho o contrário. Nunca me senti tão... tão independente. As pessoas respeitam você mais. Ninguém pisca quando eu resolvo sair para dar um passeio. Na verdade, provavelmente vão me pedir para servir de companhia para você e Hannah até vocês se casarem também. – Ela fez um ar importante. – Vocês têm sorte de ter alguém como eu, em vez de uma pessoa velha e chata.

Emmeline ergueu as sobrancelhas, mas Fanny não viu. Ela estava vigiando Hannah, que tinha largado a caneta.

Os olhos de Fanny brilharam de satisfação.

– Bem – ela disse, calçando o sapato com cuidado por causa do dedo machucado –, gostei muito da companhia de vocês, mas agora eu já vou. Meu marido deve ter voltado do passeio e estou louca por uma... conversa *adulta*.

Ela sorriu docemente e saiu da sala, de cabeça erguida. A pose foi um tanto prejudicada por ela estar mancando um pouco.

Enquanto Emmeline punha outro disco e saía dançando pela sala, Hannah permaneceu sentada, ainda de costas. Ela estava com as mãos cruzadas, o queixo pousado sobre elas, e olhava pela janela, para a paisagem lá fora. Enquanto eu espanava a cornija

atrás dela, podia ver, pela imagem refletida do vidro, que ela estava muito pensativa.

Os hóspedes chegaram na semana seguinte. Como era de costume, eles começaram a desfrutar imediatamente das atividades que seus anfitriões tinham organizado. Alguns passeavam pela propriedade, outros jogavam bridge na biblioteca, e os mais ativos lutavam esgrima no ginásio.

Depois do seu esforço hercúleo de organização, a saúde de Lady Violet piorou e ela ficou de cama. Lady Clementine foi procurar companhia em outro lugar. Atraída pelo brilho das espadas, ocupou uma poltrona de couro de onde podia ver as lutas de esgrima. Quando eu servi o chá da tarde, ela estava num animado tête-à-tête com Simion Luxton.

– Seu filho luta esgrima muito bem – comentou Lady Clementine, indicando um dos esgrimistas mascarados. – Para um americano.

– Ele pode falar como um americano, Lady Clementine, mas eu lhe asseguro que ele é inglês dos pés à cabeça.

– É mesmo – Lady Clementine disse.

– Ele luta esgrima como um inglês – Simion disse estrondosamente. – Com uma simplicidade enganadora. O mesmo estilo que vai fazê-lo entrar no Parlamento nas próximas eleições.

– Eu ouvi falar na indicação dele – Lady Clementine disse. – O senhor deve estar muito contente.

Simion estava ainda mais arrogante do que de costume.

– Meu filho tem um excelente futuro.

– Sem dúvida ele representa quase tudo que nós, conservadores, buscamos num membro do Parlamento. No mais recente chá de Mulheres Conservadoras, discutíamos a falta de homens bons e consistentes para lidar com gente como Lloyd George. – Ela olhou com um ar de aprovação para Teddy. – Seu filho pode ser esta pessoa, e eu vou ficar muito feliz em apoiá-lo se

minha opinião se confirmar. – Ela tomou um gole de chá. – É claro que existe o problema da esposa.

– Não há problema algum aí – Simion disse. – Teddy não tem esposa.

– É exatamente o que estou dizendo, Sr. Luxton.

Simion franziu a testa.

– Outras damas da sociedade não são tão liberais quanto eu – Lady Clementine disse. – Elas veem isto como um sinal de fraqueza de caráter. Os valores familiares são muito importantes para nós. Um homem de certa idade sem uma esposa... as pessoas começam a imaginar.

– Ele apenas ainda não encontrou a moça certa.

– É claro, Sr. Luxton. O senhor e eu sabemos disso. Mas as outras damas... Elas olham para o seu filho e veem um homem bonito, com tanta coisa a oferecer, mas sem uma esposa. O senhor não pode culpá-las por imaginarem o motivo. – Ela ergueu uma sobrancelha significativamente.

Simion ficou vermelho.

– Meu filho não é... Nenhum Luxton jamais foi acusado de ser...

– É claro que não, Sr. Luxton – Lady Clementine disse com delicadeza –, e esta não é a minha opinião, o senhor entende. Só estou passando adiante os pensamentos de algumas de nossas damas da sociedade. Elas gostam de saber que um homem é um homem. Não um esteta. – Ela sorriu de leve e ajeitou os óculos. – Mas isto é um problema secundário, e tem tempo. Ele ainda é jovem. Ele tem vinte e cinco anos, não é?

– Trinta e um – Simion respondeu.

– Ah – ela disse. – Então não é tão jovem assim. – Lady Clementine sabia quando deixar o silêncio falar por ela. Ela voltou sua atenção para a competição.

– Pode ficar sossegada, Lady Clementine. Não há nada errado com Teddy – Simion disse. – Ele é muito popular com as damas. Vai poder escolher sua noiva quando estiver preparado.

– Fico feliz em ouvir isso, Sr. Luxton. – Lady Clementine continuou a assistir à esgrima. Ela tomou um gole de chá. – Só espero, para o bem dele, que isto seja logo. E que ele escolha o tipo certo de moça.

Simion ergueu uma sobrancelha, interrogativamente.

– Nós, ingleses, somos muito nacionalistas. Seu filho tem muita coisa que o recomenda, mas algumas pessoas, sobretudo no Partido Conservador, podem achar que ele é um tanto *novo*. Espero que, quando ele se casar, escolha uma esposa que traga para o casamento mais do que sua honrada presença.

– O que pode ser mais importante do que a honra de uma noiva, Lady Clementine?

– Seu nome, sua família, sua educação. – Lady Clementine viu o oponente de Teddy acertá-lo e ganhar a luta. – Por mais que estas coisas sejam negligenciadas no novo mundo, aqui na Inglaterra são muito importantes.

– Além da pureza da moça, é claro – Simion disse.

– É claro.

– E respeito.

– Certamente – Lady Clementine disse, com menos convicção.

– Nada dessas moças modernas para o meu filho, Lady Clementine – Simion disse, passando a língua nos lábios. – Nós, os homens da família Luxton, gostamos que nossas esposas saibam quem é o patrão.

– Eu compreendo, Sr. Luxton – Lady Clementine disse.

Simion aplaudiu o final da luta.

– Se ao menos uma pessoa soubesse onde encontrar uma moça assim.

Lady Clementine manteve os olhos na quadra.

– O senhor não acha, Sr. Luxton, que quase sempre as coisas que procuramos estão debaixo do nosso nariz?

– Eu acho, Lady Clementine – Simion disse, com um sorriso contido. – Acho mesmo.

Eu não fui chamada para servir o jantar e não vi nem Teddy nem o pai pelo resto daquela sexta-feira. Nancy disse que os dois estavam mergulhados numa conversa acalorada no corredor do andar de cima, na noite de sexta-feira, mas não sei do que estavam falando. No sábado de manhã, quando fui checar a lareira da sala de visitas, Teddy mantinha o habitual ar amável. Ele estava sentado na poltrona, lendo o jornal, disfarçando o riso enquanto Lady Clementine reclamava do arranjo de flores. O arranjo acabara de chegar de Braintree, resplandecente de rosas, e Lady Clementine tinha encomendado dalias. Ela não estava satisfeita.

– Você – ela disse para mim, empunhando uma rosa –, vá procurar a Srta. Hartford. Ela tem que ver isto.

– Acho que a Srta. Hartford está se preparando para sair a cavalo, Lady Clementine – eu disse.

– Não me importa se ela está planejando montar no concurso nacional. O arranjo de flores precisa da atenção dela.

Assim, enquanto as outras jovens tomavam café na cama, pensando no baile da noite, Hannah foi chamada à sala de visitas. Eu a tinha ajudado a vestir a roupa de montaria meia hora antes, e ela parecia uma raposa encurralada, louca para fugir. Enquanto Lady Clementine vociferava, Hannah, para quem não fazia diferença se eram dalias ou rosas, só conseguia balançar a cabeça e lançar olhares furtivos para o relógio.

– Mas o que vamos fazer? – Lady Clementine disse, por fim. – É tarde demais para encomendar outro.

Hannah apertou os lábios, piscou os olhos.

– Acho que vamos ter que nos contentar com o que temos – ela disse, com uma bravura fingida.

– Mas você consegue tolerar isto?

Hannah fingiu resignação.

– Se for preciso, sim. – Ela esperou alguns segundos e disse, alegremente: – Agora, se não houver mais nada...

– Vamos até lá em cima – Lady Clementine interrompeu-a. – Vou mostrar como elas ficam horríveis no salão de baile. Você não vai acreditar...

Enquanto Lady Clementine continuava a criticar o arranjo de rosas, Teddy limpou a garganta. Ele dobrou o jornal e o colocou na mesinha ao lado da poltrona.

– Está um dia tão bonito – ele disse. – Acho que vou dar um passeio a cavalo. Para conhecer melhor a propriedade.

Lady Clementine parou no meio de uma frase, e uma luz se acendeu em seus olhos.

– Um passeio a cavalo – ela disse, sem pestanejar. – Que ótima ideia, Sr. Luxton. Hannah, não é uma ótima ideia?

Hannah ergueu os olhos, surpresa, enquanto Teddy sorria para ela, com um ar conspirador.

– Sua companhia seria um prazer.

Antes que ela pudesse responder, Lady Clementine disse:

– Sim... esplêndido. Ficaremos felizes em acompanhá-lo, Sr. Luxton. Se o senhor não se importar, é claro.

– Ficarei feliz em ter duas guias tão adoráveis.

Lady Clementine virou-se para mim, com um ar de excitação.

– Você, menina, diga à Sra. Townsend para preparar um lanche.

– Ela tornou a olhar para Teddy e disse, com um sorriso: – Eu adoro montar a cavalo.

Foi uma procissão estranha que se dirigiu aos estábulos – mais estranha ainda, segundo Dudley, depois que estavam todos montados. Ele tinha caído no chão de tanto rir, ele disse, ao vê-los desaparecer no bosque, Lady Clementine montada na velha égua do Sr. Frederick, cuja cintura era ainda maior do que a da sua amazona.

Eles passearam por duas horas e, quando voltaram para o almoço, Teddy estava encharcado, Hannah extremamente calada e Lady Clementine estava toda prosa. O que aconteceu durante o passeio, Hannah mesma me contou, mas só muitos meses depois.

Eles cavalgaram em silêncio por algum tempo: Hannah na frente, Teddy logo atrás, Lady Clementine no final da fila. Galhinhos gelados quebravam sob os cascos dos cavalos, e o rio de águas frias corria a caminho do Tâmis.

Finalmente, Teddy emparelhou seu cavalo com o de Hannah e disse, numa voz alegre:

– É sem dúvida um prazer estar aqui, Srta. Hartford. Quero agradecer-lhe por seu gentil convite.

Hannah, que estava saboreando o silêncio, disse:

– É a minha avó que o senhor deve agradecer, Sr. Luxton. Porque eu me envolvi muito pouco com o assunto.

– Ah... – Teddy disse. – Entendo. Preciso me lembrar de agradecer a ela.

Com pena de Teddy, que, afinal de contas, estava puxando conversa, Hannah disse:

– O que o senhor faz, Sr. Luxton?

Ele respondeu depressa, aliviado talvez.

– Eu sou um colecionador.

– O que o senhor coleciona?

– Belos objetos.

– Achei que o senhor trabalhava com seu pai.

Teddy jogou fora uma folha que tinha caído no seu ombro.

– Meu pai e eu não temos as mesmas opiniões em relação a negócios, Srta. Hartford – ele disse. – Ele não vê valor em nada que não esteja diretamente ligado à criação de riqueza.

– E o senhor, Sr. Luxton?

– Eu busco outro tipo de riqueza. Uma riqueza de experiências novas. O século é jovem e eu também. Há muito o que ver e fazer para eu me prender a negócios.

Hannah olhou para ele.

– Papai disse que o senhor ia entrar na política. Sem dúvida isto irá atrapalhar os seus planos, não?

Ele sacudiu a cabeça.

– A política me dá mais motivos para ampliar meus horizontes. Os melhores líderes são aqueles que trazem perspectiva à sua função, não acha?

Eles continuaram cavalgando até as campinas do fundo da propriedade, parando de vez em quando para esperar os retardatários. Quando chegaram finalmente ao velho caramanchão de mármore, tanto Lady Clementine quanto sua égua ficaram aliviadas em poder descansar as costas. Teddy ajudou-a a entrar enquanto Hannah arrumava os despojos da cesta de piquenique da Sra. Townsend.

Depois que esvaziaram a garrafa térmica de chá e comeram as fatias de bolo, Hannah disse:

– Acho que vou dar um passeio até a ponte.

– Ponte? – Teddy disse.

– Ali, depois daquelas árvores – Hannah disse, levantando-se –, onde o lago fica mais estreito e se junta ao rio.

– A senhorita se importa que eu a acompanhe? – perguntou Teddy.

– De jeito algum – Hannah disse, mas ela se importava sim.

Lady Clementine, dividida entre seu dever de acompanhante e seu dever para com suas nádegas doloridas, disse finalmente:

– Vou ficar aqui e tomar conta dos cavalos. Mas não demorem, senão vou ficar preocupada. Há muitos perigos na floresta, vocês sabem disso.

Hannah sorriu de leve para Teddy e saiu caminhando na direção da ponte. Teddy foi atrás, alcançou-a e caminhou ao lado dela, mantendo uma distância conveniente.

– Sinto muito, Sr. Luxton, que Lady Clementine o tenha forçado a aceitar nossa companhia hoje de manhã.

– De jeito algum. Eu apreciei a companhia. – Ele olhou para ela.

– Mais de uns do que de outros.

Hannah continuou olhando para a frente.

– Quando eu era mais moça – ela disse rapidamente –, meu irmão, minha irmã e eu vínhamos brincar na beira do lago. Na casa de barcos e na ponte. – Ela olhou de soslaio para ele. – É uma ponte mágica, sabe?

– Uma ponte mágica? – Teddy ergueu uma sobrancelha.

– O senhor vai entender quando a vir – Hannah disse.

– E do que vocês brincavam nessa ponte mágica?

– Nós nos revezávamos atravessando-a correndo. – Ela olhou para ele. – Sei que parece tolo. Mas ela não é uma ponte mágica qualquer. Esta aqui é governada por um demônio do lago particularmente mau e vingativo.

– É mesmo? – Teddy disse, sorrindo.

– Quase sempre nós conseguíamos atravessar, mas às vezes ele acordava.

– E o que acontecia então?

– Ora, aí acontecia um duelo de morte. – Ela sorriu. – A morte dele, é claro. Nós éramos excelentes espadachins. Felizmente, ele era imortal ou a brincadeira não teria graça.

Eles fizeram uma curva e a frágil ponte surgiu diante deles, cruzando um trecho estreito do rio. Embora o mês estivesse frio, a água ainda não tinha congelado.

– Lá está ela – Hannah disse, sem fôlego.

A ponte, que tinha caído em desuso muito tempo antes, substituída por uma mais larga, mais perto da cidade, que os automóveis podiam atravessar, tinha perdido quase toda a pintura e estava coberta de musgo. As margens do rio desciam suavemente até a beira da água, e flores silvestres floresciam ali, no verão.

– Será que o demônio do lago está aqui hoje? – perguntou Teddy. Hannah sorriu.

– Não se preocupe. Se ele aparecer, sei como enfrentá-lo.

– A senhorita já travou a sua cota de batalhas?

– Travei e venci – disse Hannah. – Nós costumávamos brincar aqui sempre que possível. Mas nem sempre enfrentávamos o

demônio do lago. Às vezes escrevíamos cartas. Transformávamos as cartas em barcos e as jogávamos na água.

– Por quê?

– Para que elas levassem nossos desejos até Londres.

– É claro. – Teddy sorriu. – Para quem a senhorita escrevia?

Hannah alisou a grama com o pé.

– O senhor vai achar tolice.

– Experimente.

Ela olhou para ele, esboçou um sorriso.

– Eu escrevia para Jane Digby. Sempre.

Teddy franziu a testa.

– O senhor sabe quem é – Hannah disse. – Lady Jane, que fugiu para a Arábia, viveu uma vida de explorações e conquistas.

– Ah – Teddy disse, lembrando. – A notória fugitiva. E o que a senhorita lhe dizia?

– Eu costumava pedir a ela para vir me salvar. Oferecia meus serviços de escrava devotada, desde que me levasse com ela em sua próxima aventura.

– Mas, com certeza, quando a senhorita era pequena, ela já estava...

– Morta? Sim. É claro. Há muito tempo. Mas eu não sabia disso.

– Hannah olhou para ele de soslaio. – É claro que se ela estivesse viva o plano teria sido perfeito.

– Sem dúvida – ele disse com uma seriedade bem-humorada. – Ela teria vindo imediatamente e levado a senhorita para a Arábia.

– Disfarçada de sheik beduíno, eu sempre achei.

– Seu pai não teria se importado nem um pouco.

Hannah riu.

– Desconfio que ele teria se importado um bocado. E se importou.

Teddy ergueu uma sobrancelha.

– Ele se importou?

– Um dos camponeses encontrou uma carta e devolveu para papai. O camponês não sabia ler, mas eu tinha desenhado o brasão da família e ele achou que devia ser importante. Acho que esperava ganhar uma recompensa pelo trabalho.

– Estou achando que ele não ganhou nada.

– Não mesmo. Papai ficou furioso. Não sei se o que o incomodou mais foi o meu desejo de me juntar a uma companhia tão escandalosa ou se foi a impertinência da minha carta. Acho que sua preocupação maior era que vovó pudesse encontrar uma dessas cartas. Ela sempre me achou uma criança atrevida.

– O que uns podem chamar de atrevida – Teddy disse –, outros podem chamar de impetuosa. – Ele olhou sério para ela. Com intenção, Hannah pensou, embora não soubesse ao certo que tipo de intenção. Ela ficou vermelha e desviou os olhos. Seus dedos buscaram os talos altos de cana que cresciam na margem do rio. Ela puxou um e, tomada de uma estranha energia, correu para a ponte. Ela atirou o caniço dentro do rio e correu para o outro lado para vê-lo emergir.

– Leve meus desejos para Londres – ela gritou, antes de ele desaparecer numa curva do rio.

– O que foi que a senhorita desejou? – Teddy perguntou.

Ela sorriu para ele e se inclinou para a frente, e, nesse momento, o destino interveio. O fecho do seu medalhão, muito gasto, soltou a corrente, que escorregou pelo seu pescoço e caiu na água. Hannah sentiu a perda de peso no pescoço, mas, quando viu o motivo, era tarde demais. Quando olhou, o medalhão estava desaparecendo sob a superfície da água.

Ela atravessou a ponte correndo e escalou a margem do rio.

– O que foi? – Teddy perguntou, espantado.

– Meu medalhão – Hannah disse. – Ele escorregou... – Ela começou a desamarrar os sapatos. – Meu irmão...

– A senhorita viu para onde ele foi?

– Foi bem para o meio do rio – Hannah disse. Ela foi andando sobre o musgo escorregadio até a beira da água, a bainha da sua saia arrastando na lama.

– Espere – Teddy disse, livrando-se do paletó, atirando-o na margem do rio e tirando as botas. Embora estreito naquele trecho, o rio era fundo e logo ele estava mergulhado até as coxas.

Hannah, apavorada, correu de volta até a ponte, procurando desesperadamente enxergar o medalhão para poder orientar Teddy.

Ele mergulhou diversas vezes, enquanto ela examinava a água, e, quando ela já estava perdendo as esperanças, ele apareceu, com o medalhão brilhando entre seus dedos.

Foi um feito heroico. Tão diferente de Teddy, um homem mais inclinado à prudência do que à valentia, apesar de suas melhores intenções. Ao longo dos anos, quando a história do noivado deles era contada em reuniões sociais, ela assumia uma qualidade mítica, mesmo quando era Teddy quem a relatava. Como se ele tanto quanto seus convidados sorridentes fossem incapazes de acreditar que aquilo tinha mesmo acontecido. Mas aconteceu. No instante certo, e diante da pessoa certa, sobre a qual o incidente iria ter um efeito fatal.

Quando Hannah me contou, ela disse que, ao vê-lo parado diante dela, encharcado, tremendo, segurando o medalhão, tomou consciência da sua presença física de uma maneira avassaladora. A pele molhada, a camisa grudada nos braços, os olhos escuros olhando para ela com um ar triunfante. Ela nunca tinha sentido aquilo antes – como poderia, e por quem? Ela desejou que ele a abraçasse com a mesma força com que estava segurando o medalhão.

É claro que ele não fez nada disso; apenas sorriu orgulhosamente e lhe entregou o medalhão. Ela o aceitou, cheia de gratidão, e se virou quando ele começou a vestir a roupa seca por cima da molhada.

Nessa altura, porém, a semente já tinha sido plantada.

O baile e depois

O baile de Hannah foi esplêndido. Os músicos e o champanhe chegaram como fora encomendado, e Dudley saqueou a estufa para melhorar os arranjos florais. As lareiras de cada lado da sala foram abastecidas para garantir o calor naquela noite de inverno.

O próprio salão estava lindo e bem iluminado. Os candelabros de cristal faiscavam, os ladrilhos brancos e pretos brilhavam e os convidados cintilavam. Agrupadas no meio do salão estavam vinte e cinco moças risonhas, todas prosas com seus vestidos delicados e luvas brancas, orgulhosas de suas belas joias de família. No centro delas estava Emmeline. Embora fosse mais moça do que a maioria das participantes, Lady Violet tinha dado a ela permissão especial para comparecer, desde que não monopolizasse os solteiros promissores e prejudicasse as chances das moças mais velhas. Um batalhão de acompanhantes cobertas de peles enfileirava-se junto às paredes, sentadas em cadeiras douradas, com sacos de água quente por baixo das mantas. As veteranas eram identificadas pelos livros e tricôs que tinham levado para passar o tempo.

Os homens formavam um grupo um tanto heterogêneo, quase uma guarda particular cumprindo o seu dever. Os poucos que podiam ser chamados de “jovens” compreendiam dois irmãos galeses, recrutados por um primo de Lady Violet, e o filho de um nobre local, prematuramente calvo. Além desse grupo de cavalheiros provincianos, Teddy, com seu cabelo preto, seu bigode de artista de cinema e seu terno americano, parecia extremamente agradável.

Enquanto o cheiro de fumaça das lareiras enchia o salão e uma ária irlandesa dava lugar a uma valsa vienense, os homens mais velhos faziam seu trabalho, conduzindo as moças ao redor do salão. Com Lady Violet presa à cama, com febre alta, Lady Clementine

assumiu o papel de supervisora e ficou atenta quando um rapaz de rosto sardento correu para convidar Hannah para dançar.

Teddy, que também tinha se aproximado, dirigiu seu sorriso largo e branco para Emmeline. Ela aceitou, com o rosto radiante. Ignorando a careta de reprovação de Lady Clementine, ela fez uma reverência, fechando rapidamente os olhos para tornar a abri-los um tanto exageradamente. Dançar ela não sabia, mas o dinheiro que o Sr. Frederick tinha sido convencido a pagar pelas aulas particulares de etiqueta fora bem aplicado. Quando eles foram para a pista, eu notei como ela ficou grudada em Teddy, atenta a cada palavra dele, rindo exageradamente quando ele fazia alguma brincadeira.

A noite prosseguiu, e o salão ia ficando mais quente a cada dança. O leve cheiro de suor se misturava ao cheiro de fumaça das lareiras, e quando a Sra. Townsend me mandou para cima com as xícaras de *consommé*, os penteados elegantes estavam começando a se desmanchar e os rostos estavam vermelhos. Aparentemente, os convidados se divertiam, exceto o marido de Fanny, para quem a festa tinha sido demais e que fora cedo para a cama, com enxaqueca.

Quando Nancy me mandou dizer a Dudley que precisávamos de mais lenha, foi um alívio escapar do calor enjoativo do salão. Ao longo do hall e pelas escadas, grupinhos de moças riam e cochichavam sobre suas xícaras de sopa. Eu saí pela porta dos fundos e já estava no meio do jardim quando notei uma figura solitária, parada no escuro.

Era Hannah, imóvel como uma estátua, contemplando o céu noturno. Seus ombros nus, pálidos e delicados sob o luar, confundiam-se com o cetim branco do seu vestido, com a seda da sua estola. Seu cabelo louro, quase prateado naquele momento, coroava sua cabeça, com alguns cachos soltos, acariciando-lhe a nuca. Suas mãos, cobertas pelas luvas brancas, pendiam de cada lado do seu corpo.

Mas ela devia estar com frio, ali parada no meio da noite de inverno, tendo apenas uma estola de seda para se aquecer. Ela precisava de um casaco – ou pelo menos de uma xícara de sopa. Eu resolvi buscar as duas coisas, mas, antes que pudesse me mover, outra figura surgiu da escuridão. A princípio achei que era o Sr. Frederick, mas quando ele saiu da sombra, eu vi que era Teddy. Ele se aproximou dela e disse algo que eu não consegui ouvir. Ela se virou. O luar bateu no rosto dela, acariciou seus lábios entreabertos.

Ela estremeceu de leve e por um momento pensei que Teddy ia tirar o paletó e colocá-lo sobre os ombros dela, como os heróis faziam nos romances de amor que Emmeline gostava de ler. Mas ele não o fez; tornou a dizer alguma coisa, algo que a fez olhar de novo para o céu. Ele segurou a mão dela delicadamente e acariciou seus dedos. Virou a mão dela, erguendo-a lentamente em direção à sua boca, inclinando a cabeça para pousar os lábios na faixa de pele entre a luva e a estola.

Ela observou a cabeça dele curvando-se para depositar o beijo, mas não tirou o braço. Eu vi que o peito dela estava arfando.

Então eu estremei, imaginando se os lábios dele eram quentes, se seu bigode espetava.

Após um longo intervalo, ele ergueu a cabeça e olhou para ela, ainda segurando sua mão. Ele disse algo e ela balançou levemente a cabeça.

E então ele se afastou.

De madrugada, depois de terminado o baile, eu ajudei Hannah a se deitar. Emmeline já estava dormindo, sonhando com sedas e cetins e valsas, mas Hannah ficou sentada em silêncio na frente da penteadeira enquanto eu tirava suas luvas, botão a botão. Quando alcancei as pérolas em seu pulso, ela puxou a mão e disse:

– Eu quero contar uma coisa para você, Grace.

– Sim, senhorita?

– Eu não contei para mais ninguém. – Ela hesitou, olhou na direção da porta fechada e baixou a voz. – Você tem que prometer que não vai contar. Nem para Nancy, nem para Alfred, nem para ninguém.

– Eu sei guardar um segredo, senhorita.

– É claro que sim. Você já guardou meus segredos antes. – Ela respirou fundo. – O Sr. Luxton me pediu em casamento. – Ela olhou para mim com ar de dúvida. – Ele disse que está apaixonado por mim.

Eu não soube o que responder. Fingir surpresa seria falta de sinceridade. Mais uma vez, eu peguei a mão dela. Desta vez não houve resistência e eu continuei o que estava fazendo.

– Que coisa boa, senhorita.

– Sim – ela disse, mordendo o lado de dentro da bochecha. – Acho que sim.

Ela olhou para mim e tive a impressão de que eu tinha falhado em algum tipo de teste. Eu desviei os olhos, tirei a luva da mão dela como se fosse uma segunda pele e comecei a desabotoar a outra. Em silêncio, ela ficou observando meus dedos. Um nervo pulsava sob a pele do seu pulso.

– Eu ainda não dei a minha resposta.

Enquanto Hannah ficava sentada na penteadeira, refletindo sobre o acontecimento inesperado, lá embaixo no escritório o Sr. Frederick estava enfrentando um outro tipo de choque. Numa demonstração de completa insensibilidade, Simion Luxton tinha desferido o seu golpe. (As engrenagens dos negócios não podiam parar para as senhoritas fazerem o seu debut, podiam?)

Enquanto os pares dançavam no salão, ele tinha dito ao Sr. Frederick que o sindicato tinha se recusado a financiar a fábrica, que passava por dificuldades. Eles não a consideraram um bom investimento. Ainda era um bom pedaço de terra, Simion o tranquilizou, e ele encontraria um comprador para ela, com rapidez

e boas vantagens financeiras, se Frederick quisesse ser poupado da vergonha de ter sua hipoteca executada pelo banco. (Ora, por coincidência, ele conhecia um americano que estava procurando terras naquela área para construir uma réplica do jardim de Versailles. Um presente para sua nova esposa.)

Foi o criado de Simion, depois de ter tomado diversos conhaques na sala dos empregados, que relatou isto para nós. Mas, apesar de ficarmos surpresos e preocupados, não havia nada que pudéssemos fazer. A casa estava cheia de hóspedes, que tinham viajado muito no meio do inverno, e que estavam decididos a se divertir. Portanto, nós continuamos a cumprir nossas obrigações, servindo chá, arrumando quartos e preparando refeições.

O Sr. Frederick, entretanto, não se sentia obrigado a continuar a agir normalmente e, enquanto seus convidados comiam sua comida, liam seus livros e desfrutavam da sua generosidade, ele permaneceu fechado em seu escritório. Só quando o último carro partiu foi que ele saiu e começou a perambulação que se tornaria um hábito até sua morte: silencioso, fantasmagórico, os nervos do rosto tensos com as quantias e os cenários que deviam atormentá-lo.

Lord Gifford começou a fazer visitas regulares e a Srta. Starling foi chamada para localizar cartas oficiais nos arquivos. Ela passava o dia inteiro fechada no escritório do Sr. Frederick, saindo horas depois, com as roupas escuras, o rosto pálido, para almoçar conosco no andar de baixo. Nós ficávamos ao mesmo tempo impressionados e aborrecidos com sua descrição, nunca revelando uma só palavra do que acontecia por trás daquela porta fechada.

Lady Violet, ainda de cama, foi poupada da notícia. O médico disse que não havia mais nada que ele pudesse fazer por ela e, se déssemos valor às nossas vidas, deveríamos nos manter afastados. Pois não era uma gripe comum o que a acometia, mas um tipo de gripe particularmente virulenta, que diziam que viera da Espanha. Era uma crueldade, o doutor resmungou, que, para milhões de

pessoas que haviam sobrevivido a quatro anos de guerra, a morte viesse junto com a paz.

Diante da gravidade do estado da amiga, o gosto que Lady Clementine tinha por desgraça e morte foi de certa forma abrandado, bem como seu medo. Ela ignorou o aviso do médico, sentando-se numa poltrona ao lado da cama de Lady Violet e conversando sobre o que acontecia fora daquele quarto escuro e quente. Ela falou do sucesso do baile, do vestido horroroso de Lady Pamela Wroth, e depois declarou que tinha motivos para acreditar que Hannah em breve estaria noiva do Sr. Theodore Luxton, herdeiro da imensa fortuna da família.

Se Lady Clementine sabia mais do que demonstrou, ou se simplesmente quis agradar à amiga numa hora de necessidade, o fato é que ela mostrou ter o dom da profecia. Pois na manhã seguinte o noivado foi anunciado. E quando Lady Violet sucumbiu à gripe, a morte levou nos braços uma mulher feliz.

Certa manhã, em fevereiro, quando eu estava ajudando Hannah a procurar o vestido de noiva da mãe, Emmeline apareceu na porta da rouparia. Sem dizer nada, ela parou ao lado de Hannah, vendo-nos desembrulhar o vestido de cetim e renda, envolto em papel fino branco.

– Antiquado – Emmeline disse. – Eu nunca usaria um vestido desses.

– Então é bom que você não tenha que usá-lo – Hannah disse, sorrindo para mim.

Emmeline resmungou.

– Veja, Grace – Hannah disse –, acho que o véu está aqui no fundo. – Ela se inclinou para dentro do grande armário de cedro. – Você consegue ver? Bem ali no fundo?

– Sim, senhorita – eu disse, estendendo a mão para apanhá-lo. – Típico da minha mãe usar um véu comprido e pesado.

Ele era lindo: de renda de Bruxelas com pérolas pequeninas enfeitando as bordas. Eu o ergui, para melhor admirá-lo.

– Você vai ter sorte se conseguir atravessar a igreja sem tropeçar – Emmeline disse. – Essas pérolas não vão deixar você enxergar nada.

– Eu vou dar um jeito – Hannah disse, estendendo a mão para acariciar o pulso de Emmeline. – Tendo você como dama de honra.

Emmeline ficou desconcertada. Ela suspirou.

– Eu não queria que você se casasse. Tudo vai ser diferente.

– Eu sei – Hannah disse. – Você vai poder ouvir o disco que quiser no gramofone, sem ninguém para mandar você parar.

– Não brinque – Emmeline disse, zangada. – Você prometeu que não ia embora.

Eu pus o véu na cabeça de Hannah, com cuidado para não puxar seu cabelo.

– Eu disse que não ia arranjar um emprego, e não arranjei – Hannah disse. – Eu nunca disse que não ia me casar.

– Disse sim.

– Quando?

– Sempre, você sempre disse que não ia se casar.

– Isso foi antes.

– Antes de quê?

Hannah não respondeu.

– Emme – ela disse –, você pode tirar meu medalhão? Eu não quero que o fecho prenda no véu.

Emmeline tirou o medalhão do pescoço da irmã.

– Por que Teddy? – ela quis saber. – Por que você tem que se casar com Teddy?

– Eu não *tenho* que me casar com Teddy, eu *quero* me casar com Teddy.

– Você não o ama – Emmeline disse.

A hesitação foi breve, a resposta improvisada.

– É claro que amo.

– Como Romeu e Julieta?
– Não, mas...
– Então você não devia se casar com ele. Devia deixá-lo para alguém que o ama assim.
– Ninguém ama como Romeu e Julieta – Hannah disse. – Eles são personagens fictícios.

Emmeline passou o dedo pela superfície trabalhada do medalhão.

– Eu amaria – ela disse.
– Então eu tenho pena de você – Hannah disse, tentando levar na brincadeira. – Veja o que aconteceu com eles!

Eu me afastei para poder arrumar a grinalda.

– Está linda, senhorita – eu disse.
– David não aprovaria – Emmeline disse de repente, balançando o medalhão como se fosse um pêndulo. – Eu não acho que ele teria gostado de Teddy.

Hannah ficou tensa ao ouvir o nome do irmão.

– Não seja infantil, Emmeline. – Ela estendeu a mão para pegar o medalhão e errou. – E pare com isso, você vai quebrar o medalhão.

– Você está fugindo – Emmeline disse, nervosa.
– Não estou, não.
– David acharia que sim. Ele diria que você está me abandonando.

Hannah respondeu baixinho.

– Quem é ele para dizer isso. – Como eu estava perto dela, arrumando o véu em seu rosto, pude ver seus olhos marejados.

Emmeline não disse nada, continuou a balançar o medalhão, formando oitos.

Houve um silêncio tenso, durante o qual eu estiquei os lados do véu, e notei um furinho que precisaria ser consertado.

– Você tem razão – Hannah disse, finalmente. – Eu estou fugindo. Como você vai fazer, assim que puder. Às vezes, quando caminho pela propriedade, quase posso sentir raízes crescendo nos

meus pés, me prendendo aqui. Se eu não for logo embora, minha vida estará terminada e serei apenas mais um nome na sepultura da família. – Estes sentimentos eram um tanto macabros para Hannah, e eu percebi o quanto ela estava infeliz. – Teddy é minha oportunidade – ela continuou. – De ver o mundo, de viajar, de conhecer pessoas interessantes.

Emmeline ficou com os olhos cheios de lágrimas.

– Eu sabia que você não o amava.

– Mas eu gosto dele; vou amá-lo.

– *Gosta* dele?

– É o suficiente para mim. Eu sou diferente de você, Emme. Não consigo me divertir com quem não gosto. Acho a maioria das pessoas da sociedade muito chatas. Se eu não me casar, minha vida vai ser uma coisa ou outra: uma eternidade de dias solitários na casa de papai ou uma sucessão de festas chatas, com acompanhantes chatas, até eu ter idade de me tornar uma acompanhante também. É como Fanny disse...

– Fanny inventa as coisas.

– Não isto. – Hannah estava firme. – O casamento vai ser o começo da minha aventura.

Emmeline tinha baixado os olhos e estava balançando distraidamente o medalhão de Hannah. Ela começou a abri-lo.

Hannah estendeu a mão para apanhá-lo no momento em que seu tesouro caiu lá de dentro. Nós todas ficamos paralisadas quando o livrinho, com a capa desbotada, caiu no chão. *Batalha com os Jacobitas*.

Fez-se silêncio. Então Emmeline falou, quase num sussurro:

– Você disse que não havia mais nenhum.

Ela jogou o medalhão no chão e saiu correndo do quarto, batendo a porta. Hannah, ainda usando o véu da mãe, abaixou-se e pegou o medalhão. Alisou o livrinho, e tornou a guardá-lo dentro do medalhão, fechando-o cuidadosamente. Mas ele não fechou. A dobradiça estava quebrada.

Emmeline não foi o único membro da família Hartford para quem o noivado não trouxe alegria. À medida que transcorriam os preparativos para o casamento, com a criadagem mergulhada em costuras, decorações e assados, o Sr. Frederick continuava muito calado, sentado sozinho no escritório, com uma expressão preocupada no rosto. Ele também parecia mais magro. A perda da fábrica e a morte da mãe tinham cobrado o seu preço. Assim como a decisão de Hannah de se casar com Teddy.

Na véspera do casamento, à noite, enquanto eu estava recolhendo a bandeja da ceia de Hannah, ele entrou no quarto dela. Sentou-se na cadeira ao lado da penteadeira, depois ficou de pé e, quase imediatamente, foi até a janela e ficou olhando para o gramado dos fundos. Hannah estava deitada, com uma camisola branca e engomada, o cabelo solto, parecendo de seda. Ela contemplou o pai e seu rosto ficou sério ao ver o corpo magro, os ombros curvados, o cabelo que ficara grisalho num intervalo de poucos meses.

– Eu não me surpreenderia se chovesse amanhã – ele disse finalmente, ainda olhando pela janela.

– Sempre gostei de chuva.

O Sr. Frederick não respondeu.

Eu terminei de colocar os pratos na bandeja.

– Deseja mais alguma coisa, senhorita?

Ela havia esquecido que eu estava ali. Virou-se para mim.

– Não, obrigada, Grace. – Num gesto impulsivo, ela segurou minha mão. – Vou sentir saudades suas, Grace, quando eu partir.

– Sim, senhorita. – Eu fiz uma reverência, o rosto vermelho de emoção. – Eu também vou sentir saudades da senhorita. – Fiz uma reverência para as costas do Sr. Frederick. – Boa-noite, senhor.

Ele não pareceu ter ouvido.

Eu imaginei o que o teria levado ao quarto de Hannah. O que ele teria a dizer que não podia ter sido dito durante o jantar ou depois, na sala de visitas. Eu saí do quarto, fechei a porta e então, tenho

vergonha de dizer, coloquei a bandeja no chão do corredor e cheguei bem perto da porta.

Houve um longo silêncio, e comecei a temer que as portas fossem grossas demais e a voz do Sr. Frederick muito baixa. Então eu o ouvi limpar a garganta.

Ele falou depressa, num tom de voz baixo:

– Emmeline eu esperava perder assim que ela atingisse a maioridade, mas você?

– Você não está me perdendo, papai.

– Estou sim – ele disse, subindo o tom de voz. – David, minha fábrica e agora você. Todas as coisas que me eram mais caras... – Ele se controlou e, quando tornou a falar, a voz era tão tensa que quase não saía. – Não sou cego para o meu papel em tudo isso.

– Papai?

Houve uma pausa e as molas da cama rangeram. A voz do Sr. Frederick, quando ele tornou a falar, tinha mudado de posição e imaginei que ele estivesse sentado no pé da cama de Hannah.

– Você não vai fazer isso – ele disse. Um rangido. Ele estava de pé de novo. – Não suporto a ideia de que você vá morar com aquelas pessoas. Eles venderam a minha fábrica à minha revelia.

– Papai, não havia outros compradores. Os que Simion encontrou pagaram um bom preço. Imagine a humilhação se o banco executasse a dívida. Eles o salvaram disto.

– Salvaram? Eles me roubaram descaradamente. Eles poderiam ter me ajudado. Eu ainda poderia estar com a fábrica. E agora você está se juntando a eles. Isto faz o meu sangue... Não, está fora de questão. Eu devia ter negado mais cedo, antes disto sair do meu controle.

– Papai...

– Eu não impedi a tempo que David partisse, mas não vou cometer duas vezes o mesmo erro.

– Papai...

– Eu não vou deixar você...

– Papai – Hannah disse, e havia uma firmeza nova em sua voz. – Eu tomei minha decisão.

– Volte atrás – ele berrou.

– Não.

Eu tive medo por ela. As crises de raiva do Sr. Frederick eram famosas em Riverton. Ele tinha recusado qualquer contato com David quando ele ousou enganá-lo. O que ele faria agora, diante da rebeldia de Hannah?

A voz dele tremia de raiva.

– Você diria não ao seu pai?

– Sim, se achasse que ele estava errado.

– Você é de uma teimosia imbecil.

– Sou igual ao senhor.

– É o que você pensa, menina. A sua força de vontade sempre me inclinou à indulgência, mas desta vez não vou tolerar.

– A decisão não é sua, papai.

– Você é minha filha e vai fazer o que eu mandar. – Ele fez uma pausa e, quando tornou a falar, foi com uma nota de desespero na voz. – Eu ordeno que você não se case com ele.

– Papai...

– Se você se casar com ele – o volume subiu assustadoramente –, não será mais bem-vinda aqui.

Do outro lado da porta, fiquei horrorizada. Pois embora eu compreendesse os sentimentos do Sr. Frederick, compartilhasse do seu desejo de manter Hannah em Riverton, também sabia que ameaças nunca foram a melhor maneira de fazer Hannah mudar de ideia.

E quando ela respondeu, sua voz tinha um tom férreo de determinação.

– Boa-noite, papai.

– Sua tola – ele disse, no tom cheio de perplexidade de alguém que não conseguia acreditar que tinha perdido o jogo. – Criança tola e teimosa.

Os passos dele se aproximaram da porta e eu me apressei em pegar a bandeja. Eu já estava me afastando da porta quando Hannah disse:

– Vou levar minha criada comigo quando partir. – Meu coração deu um salto enquanto ela acrescentava: – Nancy pode cuidar de Emmeline.

Fiquei tão surpresa, tão contente, que mal ouvi a resposta do Sr. Frederick.

– Pode ficar com ela. Deus sabe que eu não preciso dela aqui.

Por que Hannah se casou com Teddy? Não porque ela o amasse, mas, sim, porque estava pronta para amá-lo. Ela era jovem e inexperiente – não tinha termos de comparação para os seus sentimentos.

Eles se casaram num sábado chuvoso de maio de 1919, e uma semana depois nós partimos para Londres. Hannah e Teddy foram no carro da frente, e eu dividi o segundo carro com o criado de Teddy e as malas de Hannah.

O Sr. Frederick ficou parado na escadaria, rígido e pálido. De onde eu estava sentada, invisível no segundo carro, pude observar bem o rosto dele pela primeira vez. Era um rosto bonito, tipicamente inglês, mas o sofrimento o havia desprovido de expressão.

À esquerda dele estava a criadagem enfileirada, em ordem descendente de importância. Até a Babá Brown tinha sido exumada do quarto das crianças e estava parada ao lado do Sr. Hamilton, com metade da altura dele, chorando silenciosamente com um lenço branco na mão.

Só Emmeline estava ausente, tendo-se recusado a vê-los partir. Mas eu a vi, pouco antes de partirmos. Seu rosto pálido por trás de uma das vidraças góticas da janela do quarto das crianças. Pelo menos achei que a tinha visto. Pode ter sido um truque da luz. Um dos meninos fantasmas que passavam a eternidade no quarto das crianças.

Eu já tinha feito minhas despedidas. Para a criadagem, para Alfred. Desde a noite na escadaria do jardim, vínhamos tentando consertar as coisas. Éramos cerimoniais um com o outro, Alfred tratava-me com uma cautela educada, quase tão hostil quanto sua irritação. Mesmo assim, eu tinha prometido escrever. E tinha arrancado dele a promessa de fazer o mesmo.

E eu tinha visitado mamãe no fim de semana anterior ao casamento. Ela havia me dado um embrulho com diversas coisas: um xale que tricotara anos antes, e um pote cheio de agulhas e linhas para que eu pudesse continuar costurando. Quando eu agradeci, ela sacudiu os ombros e disse que não precisava mais daquilo; não ia mais usar porque seus dedos estavam inutilizados. Naquela última visita, ela me fez perguntas sobre o casamento, sobre a fábrica do Sr. Frederick e sobre a morte de Lady Violet. Ela me surpreendeu, ao receber com tanta indiferença a morte de sua antiga patroa. Eu sabia que mamãe tinha gostado do seu trabalho na mansão, entretanto, quando eu falei dos últimos dias de Lady Violet, ela não mostrou tristeza, não relembrou momentos felizes. Apenas balançou lentamente a cabeça e seu rosto mostrou uma expressão de grande indiferença.

Mas como eu já estava com a cabeça em Londres, não fiz pergunta alguma.

O soar triste de tambores ao longe. Você ouve também, ou sou apenas eu?

Você tem sido paciente. E não vai ter que esperar muito mais. Pois Robbie Hunter está prestes a retornar ao mundo de Hannah. Você sabia que ele voltaria, é claro, pois ele tem um papel a desempenhar. Isto não é um conto de fadas, não é um romance. O casamento não marca o final feliz desta história. Ele é simplesmente outro começo, o início de um novo capítulo.

Num canto cinzento de Londres, Robbie Hunter desperta. Afasta seus pesadelos e tira do bolso um pequeno embrulho. Um embrulho

que está no seu bolso desde os últimos dias da guerra e que ele prometeu a um amigo moribundo que entregaria.

PARTE 3

Caçando borboletas

Eles nos levaram à feira da primavera de micro-ônibus. Oito ao todo: seis residentes, Sylvia e uma enfermeira de cujo nome eu não me lembro – uma moça com uma trança rala caindo pelas costas até a cintura. Acho que eles pensam que um passeio nos fará bem. Embora eu não saiba qual é a vantagem de trocar uma casa confortável por um lugar enlameado, com barraquinhas vendendo bolos, brinquedos e sabonetes.

Um palco improvisado foi erguido atrás da prefeitura, como é feito todo ano, e há fileiras de cadeiras de plástico branco diante dele, mas eu prefiro ficar aqui no banquinho de ferro perto do memorial. Estou me sentindo esquisita hoje. Deve ser o calor. Quando acordei, meu travesseiro estava úmido e eu não consegui livrar-me desta sensação estranha, de perplexidade, a manhã inteira. Meus pensamentos estão patinando. Chegam rapidamente, completos, depois se afastam, deslizando, antes que eu consiga agarrá-los. É como caçar uma borboleta. É perturbador, me deixa irritada.

Uma xícara de chá vai me fazer melhorar.

Para onde foi Sylvia? Ela me disse? Ela estava aqui agora mesmo, fumando um cigarro. Conversando de novo sobre o namorado e seus planos de morarem juntos.

A pele exposta da parte da frente dos meus pés está cozinhando. Eu penso em colocá-los na sombra, mas um masoquismo irresistível me leva a deixá-los onde estão. Sylvia vai ver as manchas vermelhas mais tarde e perceber que me deixou muito tempo sozinha.

De onde estou sentada, avisto o cemitério. O lado oeste com sua fileira de papoulas, com as folhas balançando levemente neste

arremedo de brisa. Mais adiante, do outro lado da elevação, estão os túmulos, dentre eles o da minha mãe.

Nós a enterramos já faz muito tempo. Um dia de inverno em 1922, quando a terra estava dura de gelo e minha saia gelada batia nas minhas pernas, e uma figura, um homem, estava parado na colina, quase irreconhecível. Ela levou seus segredos com ela, para dentro da terra dura e fria, mas eu acabei conhecendo-os. Eu entendo um bocado de segredos; fiz deles a minha vida.

Estou com calor. Está quente demais para abril. Sem dúvida, a culpa é do aquecimento global. Aquecimento global, derretimento das calotas polares, buraco de ozônio, alimentos modificados geneticamente. Alguma outra doença da década de 1990. O mundo se tornou um lugar hostil. Nem a água da chuva é segura hoje em dia.

É isso que está corroendo o monumento de guerra. Um dos lados do rosto de pedra do soldado foi destruído, a bochecha está cheia de buracos, o nariz foi devorado pelo tempo. Como um pedaço de fruta que ficou muito tempo no lixo e foi roído por ratos.

Ele entende de dever. Apesar de suas feridas, ele está em posição de sentido no alto do monumento, e isso já faz oitenta anos, vigiando as planícies do outro lado da cidade, seu olhar vazio olhando por cima da Bridge Street, na direção do estacionamento do novo shopping center; uma terra feita para heróis. Ele tem quase a mesma idade que eu. Será que está cansado?

Ele e sua coluna estão cobertos de musgo; plantas microscópicas vivem nos nomes gravados dos mortos. O nome de David está ali, no topo, junto com os dos outros oficiais; e também o de Rufus Smith, filho do vendedor de trapos, soterrado por uma trincheira na Bélgica. Mais abaixo, Raymond Jones, o vendedor ambulante da aldeia, quando eu era menina. Aqueles garotinhos, filhos dele, já devem ser homens agora. Velhos, embora mais moços do que eu. É possível que estejam mortos.

Não surpreende que ele esteja desmoronando. É pedir demais a um único homem aguentar o peso de tanta tragédia, ser testemunha de tantas mortes.

Mas ele não está sozinho: existe um igual a ele em cada cidade da Inglaterra. Eles são as cicatrizes da nação; uma erupção de cicatrizes galantes espalhadas pela nação em 1919, um dilúvio de medidas curativas. Nós tínhamos uma fé tão extravagante na época: acreditávamos na Liga das Nações, na possibilidade de um mundo civilizado. Diante de uma esperança tão determinada, os poetas da desilusão estavam perdidos. Para cada T. S. Eliot, para cada R. S. Hunter, havia cinquenta rapazes brilhantes adotando os sonhos de Tennyson do parlamento do homem, da federação mundial.

Isso não durou, é claro. Não podia durar. A desilusão era inevitável; depois dos anos vinte veio a depressão dos trinta e em seguida outra guerra. E as coisas mudaram muito depois dela. Não surgiram novos memoriais triunfantes, desafiadores, esperançosos, depois da nuvem em forma de cogumelo da Segunda Guerra Mundial. A esperança morreu nas câmaras de gás da Polônia. Uma nova geração de feridos de guerra foi enviada para casa e um segundo conjunto de nomes foi gravado nas bases das estátuas existentes; os filhos abaixo dos pais. E, na mente de todo o mundo, a certeza de que, um dia, mais rapazes iriam perecer.

As guerras tornam a história enganadoramente simples. Elas fornecem momentos de decisão muito claros, distinções muito fáceis: antes e depois, vencedor e vencido, certo e errado. A história verdadeira, o passado, não é assim. Não é plano nem linear. Não tem contornos. É escorregadio como um líquido; é infinito e desconhecido como o espaço. E é mutável: quando você pensa que enxerga um padrão, a perspectiva muda, uma outra versão é apresentada, uma lembrança há muito esquecida vem à tona.

Eu tenho tentado me fixar nos momentos de decisão da história de Hannah e Teddy; todos os pensamentos, atualmente, levam a Hannah. Olhando para trás, parece muito claro: houve alguns

acontecimentos no primeiro ano de casamento deles que lançaram a base do que estava por vir. Eu não consegui enxergá-los na época. Na vida real, os momentos de decisão são matreiros. Eles passam por nós sem rótulos e sem chamar atenção. Oportunidades são perdidas, catástrofes são comemoradas levianamente. Os momentos de decisão só são revelados mais tarde, por historiadores que tentam ordenar uma vida feita de instantes emaranhados.

Não sei como o casamento deles vai ser tratado no filme. O que Ursula vai decidir que os levou à infelicidade? Foi a chegada de Deborah a Nova York? O fato de Teddy ter perdido a eleição? A falta de um herdeiro? Será que ela vai concordar que os sinais estavam lá desde a lua de mel – as fissuras futuras visíveis mesmo sob as suaves luzes de Paris, como pequenos defeitos nos tecidos diáfanos dos anos vinte: tecidos belos, banais, tão frágeis que não poderiam durar?

No verão de 1919, Paris deleitava-se com o otimismo da Conferência de Paz de Versailles. À noite, eu ajudava Hannah a se despir, a tirar mais um vestido de gaze verde-claro, ou cor-de-rosa, ou branco (Teddy era um homem que gostava de uísque sem gelo e mulheres puras), enquanto ela me contava dos lugares que eles tinham visitado, das coisas que ela havia visto. Eles subiram a Torre Eiffel, passearam pelos Champs-Élysées, jantaram em restaurantes famosos. Mas foi uma coisa maior, e menor, que atraiu Hannah.

– Os desenhos, Grace – ela disse uma noite enquanto eu a despia. – Quem diria que eu ia adorar tanto os desenhos?

Desenhos, artefatos, pessoas, cheiros. Ela estava faminta por novas experiências. Precisava recuperar o tempo perdido, os anos que ela considerava que tinham sido desperdiçados, contando tempo, esperando a vida começar. Havia tantas pessoas com quem conversar: gente rica que eles encontravam em restaurantes,

políticos que tinham colaborado na redação do tratado, artistas de rua.

Teddy não era cego às reações dela, à sua tendência ao exagero, à sua inclinação ao entusiasmo desenfreado, mas atribuí-a isso à sua juventude. Era um estado de espírito, ao mesmo tempo encantador e desconcertante, que ela iria superar com o tempo. Não que ele desejasse isso, não naquela época; naquele estágio, ele ainda estava apaixonado. Ele prometeu a ela uma viagem à Itália no ano seguinte, para ver Pompeia, o Uffizi, o Coliseu; não havia quase nada que ele não promettesse, à época. Pois ela era um espelho no qual ele se via refletido, não mais como o filho de seu pai – sólido, convencional, desinteressante –, mas como o marido de uma mulher charmosa, imprevisível.

De sua parte, Hannah não falava muito em Teddy. Ele era um adjunto. Um acessório que tornava possível a aventura em que ela estava mergulhada. Ah, ela gostava dele. Ela o achava divertido às vezes (embora normalmente quando ele nem tinha essa intenção), bem-intencionado e uma companhia agradável. Os interesses dele eram menos variados do que os dela, sua inteligência menos aguda, mas ela aprendeu a acariciar-lhe o ego quando necessário e a buscar estímulo intelectual em outros lugares. E se não estava apaixonada, que importância tinha isso? Ela não percebeu a ausência do amor naquele momento. Quem precisava de amor com tantas outras coisas à disposição?

Uma manhã, já no final da lua de mel, Teddy acordou com enxaqueca. Ele teria outras no período em que convivi com ele; não eram frequentes, mas eram fortes, sequelas de uma doença da infância. Ele ficava deitado no quarto escuro e silencioso e bebia pequenas quantidades de água. Das primeiras vezes, Hannah ficou nervosa; ela fora poupada, quase a vida toda, dos dissabores da doença.

Ela se ofereceu para fazer-lhe companhia, mas Teddy era um homem sensato, que não gostava de tirar proveito do sacrifício dos

outros. Ele disse que ela não podia fazer nada e que seria um crime não aproveitar seus últimos dias em Paris.

Eu fui requisitada para acompanhá-la; Teddy achava que não ficava bem uma dama ser vista desacompanhada na rua, mesmo que fosse casada. Hannah não queria fazer compras e estava cansada de ficar dentro de casa. Ela queria explorar, descobrir a sua Paris. Nós saíamos caminhando. Ela não tinha mapa, escolhia a direção que mais lhe agradava.

– Vamos, Grace – ela disse várias vezes. – Vamos ver o que tem por aqui.

Finalmente, nós chegamos a um beco, mais escuro e mais estreito do que os que tínhamos atravessado antes. Um caminho estreito entre duas fileiras de prédios cujos topos quase se encontravam para formar um túnel fechado. Ouvia-se uma música que vinha da praça. Havia um cheiro, vagamente familiar, de algo comestível ou talvez de algo morto. E havia movimento. Gente. Vozes. Hannah ficou parada na entrada, pensando, e em seguida entrou no beco. Só me restava segui-la.

Um homem, sentado em almofadas douradas e vermelhas, tocava um clarinete, embora eu não soubesse o nome do instrumento na época, um tubo de madeira comprido e preto com chaves e cavilhas de metal brilhante. Na minha mente, eu o chamei de cobra. Ele produzia música à medida que os dedos do homem o apertavam: música que eu não sabia localizar, que me deixou vagamente inquieta, que de certa forma parecia descrever coisas íntimas, perigosas. Era jazz, na verdade, e eu iria ouvir muito este tipo de música nas décadas seguintes.

Havia mesas ao longo do beco, com homens sentados, lendo, conversando ou discutindo. Eles tomavam café e bebidas coloridas e misteriosas – bebidas alcoólicas, eu tinha certeza – que vinham em estranhas garrafas. Eles olharam quando nós passamos, interessados, desinteressados, era difícil dizer. Tentei não encará-los; desejei silenciosamente que Hannah mudasse de ideia, desse

meia-volta e nos fizesse retornar à luz e à segurança. Mas enquanto minhas narinas se enchiam de uma fumaça estranha, meus ouvidos de uma música desconhecida, Hannah parecia flutuar. Sua atenção estava em outro lugar. Ao longo do beco, havia quadros pendurados, diferentes dos de Riverton. Esses eram desenhados a carvão. Rostos, membros, olhos nos fitando do meio dos tijolos.

Hannah parou diante de um quadro. Ele era grande e era o único que tinha uma pessoa inteira. Era uma mulher sentada numa cadeira. Não numa poltrona, nem numa *chaise-longue* ou um sofá. Numa cadeira simples, de madeira, com pernas pesadas. Seus joelhos estavam afastados e ela virada para frente. Estava nua e era negra, luminosa, desenhada a carvão. Seu rosto se destacava do quadro. Olhos grandes, maxilares salientes, lábios grossos. O cabelo estava preso num nó atrás da cabeça. Como uma rainha guerreira.

Eu fiquei chocada com o desenho e achei que Hannah também tinha ficado. Mas ela sentiu algo diferente. Estendeu a mão e tocou no quadro; passou os dedos pelo contorno do rosto da mulher. Inclinou a cabeça de lado.

Um homem apareceu ao lado dela.

– A senhora gosta? – ele disse, com um sotaque pesado, e pálpebras mais pesadas ainda. Eu não gostei do jeito como ele olhou para Hannah. Ele sabia que ela tinha dinheiro. Podia ver isso pelas roupas dela.

Hannah piscou os olhos, como se tivesse despertado de um feitiço.

– Gosto sim – ela disse baixinho.

– Gostaria de comprar?

Hannah comprimiu os lábios e eu soube o que ela estava pensando. Apesar do amor que dizia ter pela arte, Teddy não aprovaria. E ela estava com razão. Havia alguma coisa naquela mulher, naquele quadro, que era perigosa. Subversiva. Mas Hannah queria o quadro. Ele a fazia lembrar, é claro, do passado. Do Jogo.

Nefertite. Um papel que ela desempenhara com todo o vigor da infância. Ela balançou a cabeça. Ah, sim, ela o queria.

Eu senti um arrepio de medo. O rosto do homem permaneceu impassível. Ele chamou alguém. Como não houve resposta, ele fez sinal para Hannah segui-lo. Pareciam ter esquecido a minha presença, mas eu fiquei perto dela enquanto ela o seguia até uma pequena porta vermelha. Ele abriu a porta. Era um ateliê de artista, pouco mais que um buraco escuro na parede. As paredes eram de um verde desbotado, o papel de parede descascado. O chão – o que dava para ver por baixo das centenas de folhas soltas de papel rabiscadas com carvão – era de pedra. Havia um colchão num canto, coberto de almofadas desbotadas e uma colcha; garrafas vazias de bebida espalhadas em volta.

Lá dentro estava a mulher do quadro. Para meu horror, ela estava nua. Olhou para nós com um interesse que logo desapareceu, mas não disse nada. Ela se levantou, era mais alta do que nós, mais alta do que o homem, e foi até a mesa. Havia algo em seus movimentos, uma liberdade, um descaso pelo fato de estarmos olhando para ela, de podermos ver os seus seios, um maior do que o outro, que me deixou nervosa. Aquelas pessoas não eram como nós. Como eu. Ela acendeu um cigarro e fumou enquanto nós esperávamos. Eu afastei os olhos dela. Hannah não.

– Madame quer comprar o seu retrato – o homem disse, num inglês precário.

A mulher negra olhou para Hannah, depois disse alguma coisa numa língua que eu não conhecia. Não era francês. Era uma língua mais desconhecida.

O homem riu e disse para Hannah:

– Ele não está à venda. – Então estendeu a mão e segurou o queixo dela. Eu fiquei assustada. Até Hannah se encolheu enquanto ele a segurava com firmeza, virava seu rosto de um lado para outro, e depois soltou-a. – Só para troca.

– Troca? – Hannah disse.

– O seu retrato – o homem disse, com um sotaque pesado. Ele sacudiu os ombros. – A senhora leva o dela e deixa o seu.

Que ideia! Um retrato de Hannah – Deus sabe em que estado de nudez – pendurado ali naquele beco francês para todo mundo ver! Era inimaginável.

– Nós temos que ir, madame – eu disse com uma firmeza que me surpreendeu. – O Sr. Luxton está nos esperando.

O meu tom deve ter surpreendido Hannah também, porque, para meu alívio, ela concordou.

– Sim. Você tem razão, Grace.

Ela foi comigo até a porta, mas enquanto eu a esperava passar na frente, ela se virou para o homem e disse baixinho:

– Amanhã. Eu volto amanhã.

Nós não dissemos nada na volta. Hannah caminhava rapidamente, com o rosto decidido. Naquela noite eu fiquei deitada, sem conseguir dormir, nervosa e assustada, imaginando como eu poderia impedi-la, certa de que precisava fazer isso. Havia algo naquele desenho que me perturbava; algo que eu vi no rosto de Hannah quando ela olhou para ele. Uma chama reacendida.

Deitada na cama àquela noite, os sons da rua revestiram-se de uma malevolência que não tinham antes. Vozes estrangeiras, música estrangeira, uma gargalhada de mulher num apartamento próximo. Eu queria voltar para a Inglaterra, para um lugar onde as regras eram claras e todo mundo conhecia o seu lugar. Ela não existia, é claro, essa Inglaterra, mas a noite tem o dom de provocar exageros.

Mas, na manhã seguinte, as coisas se resolveram sozinhas. Quando fui vestir Hannah, Teddy já estava acordado, sentado na poltrona. A cabeça dele ainda doía, ele disse, mas que tipo de marido seria ele se deixasse sua bela esposa sozinha no último dia da lua de mel? Ele sugeriu sair para fazer compras.

– É o nosso último dia. Eu quero que você escolha algumas lembranças. Algo que a faça se lembrar de Paris.

Quando eles voltaram, eu notei, o desenho não estava entre as coisas que Hannah me mandou empacotar para levar para a Inglaterra. Não sei se Teddy recusou e ela cedeu, ou se ela nem pediu, mas eu fiquei contente. Teddy tinha comprado uma estola de pele para ela: de *mink*, com patinhas ligeiras e olhos pretos e embotados.

E então voltamos para a Inglaterra.

Nós chegamos a Londres no dia 19 de julho de 1919, o dia do Desfile da Paz. O motorista nos levou por entre carros e ônibus e carruagens, pelas ruas apinhadas de gente sacudindo bandeiras e flâmulas. A tinta ainda estava úmida no tratado, nas sanções que levariam ao descontentamento e à cisão, responsáveis pela próxima guerra mundial, mas o povo não sabia disso. Ainda não. As pessoas estavam felizes porque não ouviam mais o som de tiros do outro lado do Canal. Porque não havia mais rapazes morrendo pelas mãos de outros rapazes nas planícies da França.

O carro me deixou na casa de Londres, junto com as malas, e então prosseguiu. Simion e Estella estavam esperando os recém-casados para o chá. Hannah teria preferido ir direto para casa, mas Teddy insistiu. Ele disfarçou um sorriso. Estava tramando alguma coisa.

Um criado apareceu, pegou uma mala em cada mão e tornou a entrar em casa. A maleta de mão de Hannah ele deixou no chão. Eu fiquei surpresa. Não previra que já houvesse outros criados e imaginei quem o teria contratado.

Fiquei parada, respirando a atmosfera da rua. Gasolina misturada com o cheiro doce de estrume de cavalo. Inclinei a cabeça para trás para enxergar os seis andares da casa imponente. Ela era de tijolos marrons com colunas brancas de cada lado da entrada, e ficava no meio de uma fileira de casas idênticas. Numa das colunas brancas ficava o número da casa, em preto: 17.

Grosvenor Square, número dezessete. Minha nova casa, onde eu ia ser uma camareira de verdade.

A entrada de serviço era uma escadaria que corria paralela à rua, da calçada até o porão, e era ladeada por um corrimão preto de ferro batido. Eu peguei a mala de mão de Hannah e comecei a descer.

A porta estava fechada, mas vozes abafadas, nitidamente zangadas, vinham lá de dentro. Pela janela do porão, eu vi as costas de uma moça cuja postura (“saliente”, diria a Sra. Townsend), junto com os cachos vermelhos que escapavam da touca, dava a impressão de juventude. Ela estava discutindo com um homem baixo e gordo, cujo pescoço estava vermelho de indignação.

Ela finalizou enfaticamente o que estava dizendo jogando uma sacola por cima do ombro e caminhando na direção da porta. Antes que eu pudesse me mexer, ela já a tinha aberto e estávamos cara a cara, como reflexos distorcidos num espelho de parque de diversões. Ela reagiu primeiro: uma gargalhada que fez chover saliva no meu pescoço.

– E eu achei que arrumadeiras eram difíceis de achar! – ela disse. – Bem, você é bem-vinda aqui. Nem em sonhos eu vou esfregar a sujeira dos outros para ganhar salário mínimo!

Ela passou por mim e subiu a escada arrastando a mala. No alto, ela se virou e gritou:

– Diga adeus, Izzy Batterfield. Bonjour, Mademoiselle Isabella! – E com uma última gargalhada, um puxão teatral na saia, ela se foi. Antes que eu pudesse responder. Explicar que eu era uma camareira e não uma arrumadeira.

Eu bati à porta, que ainda estava aberta. Não houve resposta e eu entrei. A casa tinha o cheiro inconfundível de cera (mas não da Stubbins & Co.) e de batata, mas havia alguma outra coisa, algum outro cheiro que, embora não fosse desagradável, fazia tudo parecer estranho.

O homem estava à mesa, com uma mulher magra atrás, com as mãos pousadas nos ombros dele, mãos nodosas, pele vermelha e rachada ao redor das unhas. Eles se viraram para mim ao mesmo tempo. A mulher tinha uma verruga preta sob o olho esquerdo.

– Boa-tarde – eu disse. – Eu...

– Boa, hein? – disse o homem. – Acabei de perder a terceira arrumadeira em três semanas, temos uma festa que vai começar daqui a duas horas e você quer que eu acredite que esta é uma boa tarde?

– Calma – disse a mulher, franzindo os lábios. – Ela era uma encrenqueira, essa Izzy. Pois sim que ela vai fazer carreira como vidente. Se ela tem o dom, eu sou a Rainha de Sabá. Ela vai terminar seus dias nas mãos de algum cliente descontente. Você vai ver se eu não tenho razão!

Havia algo na forma como ela disse isso, um sorriso cruel em seus lábios, uma satisfação em sua voz, que me fez estremecer. Senti um desejo louco de dar meia-volta e sair pela mesma porta por onde eu tinha entrado, mas me lembrei do conselho do Sr. Hamilton de que eu devia me impor desde o começo. Eu limpei a garganta e disse, com toda a pose que consegui:

– Meu nome é Grace Reeves.

Eles me olharam com um ar confuso.

– A camareira da patroa.

A mulher esticou o corpo, estreitou os olhos e disse:

– A patroa nunca mencionou uma nova camareira.

Eu fiquei desconcertada.

– Não? – eu disse, gaguejando sem querer. – Eu... eu tenho certeza de que ela mandou instruções de Paris. Eu mesma despachei a carta.

– Paris? – Eles se entreolharam.

Então o homem pareceu lembrar-se de alguma coisa. Ele balançou a cabeça várias vezes e tirou a mão da mulher do ombro dele.

– É claro – ele disse. – Nós estávamos esperando a senhorita. Eu sou o Sr. Boyle, mordomo aqui do número dezessete, e esta é a Sra. Tibbit.

Eu assenti, ainda confusa.

– Muito prazer em conhecê-los. – Os dois continuaram a olhar para mim de um jeito que me fez pensar se eles seriam dois imbecis. – Estou um tanto cansada da viagem – eu disse, falando bem devagar. – Os senhores poderiam chamar uma criada para me levar até meu quarto?

A Sra. Tibbit fungou, e a pele em volta de sua verruga estremeceu.

– Não há mais criadas – ela disse. – Por enquanto. A patroa... quer dizer, a Sra. *Estella* Luxton, ainda não conseguiu nenhuma que quisesse ficar aqui.

– É – o Sr. Boyle disse, com os lábios apertados, brancos como o seu rosto. – E temos uma festa marcada para esta noite. E nada pode dar errado. A Srta. Deborah não admite imperfeições.

Srta. Deborah? Quem era a Srta. Deborah? Eu franzi a testa.

– A *minha* patroa, a *nova* Sra. Luxton, não mencionou festa alguma.

– Não – a Sra. Tibbit disse –, ela não poderia mencionar mesmo. É uma surpresa, uma festa de boas-vindas para o Sr. e a Sra. Luxton que estão voltando da lua de mel. A Srta. Deborah e a mãe dela vêm planejando esta festa há várias semanas.

A festa já estava animada quando o carro de Teddy e Hannah chegou. O Sr. Boyle tinha dado instruções para eu recebê-los e levá-los até o salão. Isto normalmente seria obrigação do mordomo, ele disse, mas a Srta. Deborah tinha dado ordens a ele que exigiam sua presença em outro lugar.

Eu abri a porta e eles entraram, Teddy sorridente, Hannah cansada, como seria de esperar depois de uma visita a Simion e Estella.

– Eu daria tudo por uma xícara de chá – ela disse.

– Ainda não, querida – disse Teddy. Ele me entregou seu casaco e deu um beijo apressado no rosto de Hannah. Ela se encolheu um pouco, como sempre fazia. – Primeiro eu tenho uma surpresa para você – ele acrescentou, sorrindo e esfregando as mãos. Hannah o viu sair, depois ergueu os olhos para examinar o hall de entrada: suas paredes recém-pintadas de amarelo, o lustre moderno, um bocado feio, pendurado sobre a escadaria, os vasos de palmeiras inclinadas sob o peso de fios de luz.

– Grace – ela disse, erguendo as sobrancelhas –, o que está acontecendo?

Eu encolhi os ombros e estava explicando quando Teddy tornou a aparecer e deu o braço a ela.

– Por aqui, querida – ele disse, conduzindo-a na direção do salão.

Quando a porta se abriu, Hannah arregalou os olhos ao ver que o salão estava cheio de gente desconhecida. Então, um clarão de luz, e quando olhei para o lustre senti um movimento na escadaria atrás. Não houve exclamação alguma de surpresa; no meio da escada estava uma mulher magra, de cabelos escuros e cacheados emoldurando um rosto anguloso. Não era um rosto bonito, mas havia algo nele que chamava atenção; uma ilusão de beleza que eu iria aprender a reconhecer como uma marca das pessoas chiques. Ela era alta e magra e estava parada de um jeito que eu nunca tinha visto antes: inclinada para a frente de modo que seu vestido de seda parecia cair dos seus ombros, deslizando por suas costas curvadas. A postura era ao mesmo tempo autoritária e natural, indiferente e estudada. Ela trazia uma pele clara pendurada no braço, que a princípio eu achei que fosse uma estola, até que um latido me fez perceber que se tratava de um cachorrinho, tão branco quanto o melhor avental da Sra. Townsend.

Eu não reconheci a mulher, mas soube imediatamente quem devia ser. Ela fez uma pausa e logo em seguida deslizou pelos

últimos degraus da escada, o mar de convidados abrindo espaço para ela passar, como se fosse uma coreografia ensaiada.

– Deb! – Teddy disse quando ela se aproximou, um largo sorriso em seu rosto simpático e bonito. Ele tomou as mãos dela, inclinou-se e depositou um beijo em seu rosto.

A mulher esticou os lábios num sorriso.

– Seja bem-vindo de volta, Gatinho. – As palavras dela eram alegres, seu sotaque de Nova York, vulgar. Não havia entonação no seu jeito de falar. Um tom nivelado que fazia o ordinário parecer extraordinário e vice-versa. – Que casa fabulosa! E eu reuni a juventude mais animada de Londres para esquentá-la. – Ela acenou com os longos dedos para uma mulher bem-vestida para a qual olhou por cima do ombro de Hannah.

– Você está surpresa, querida? – Teddy disse, virando-se para Hannah. – Mamãe e eu combinamos isto, e a querida Deb adora organizar festas.

– Surpresa – Hannah disse, olhando rapidamente para mim. – Isso é pouco para descrever como me sinto.

Deborah sorriu, aquele sorriso cruel, tão típico dela, e encostou a mão no pulso de Hannah. Uma mão comprida e branca que dava a impressão de ser de cera.

– Finalmente nos conhecemos – ela disse. – Sei que vamos ser ótimas amigas.

O ano de 1920 começou mal; Teddy perdera a eleição. Ele não teve culpa, o momento é que foi errado. A situação foi mal interpretada, tratada de mau jeito. A culpa era das classes trabalhadoras e seus jornaizinhos maldosos. Campanhas sujas feitas contra seus superiores. Os trabalhadores ganharam asas depois da guerra; esperavam demais. Iam ficar iguais aos irlandeses se não tomassem cuidado, ou aos russos. Não tinha importância. Haveria outra oportunidade; haveriam de encontrar um assento mais seguro para ele. No ano seguinte, Simion prometeu, se Teddy abandonasse

as ideias tolas que confundiram os eleitores conservadores, ele estaria no Parlamento.

Estella achou que Hannah devia ter um bebê. Seria bom para Teddy. Seria bom que seus futuros eleitores o vissem como um homem de família. Eles estavam casados, ela gostava de dizer, e em todo casamento havia um momento em que um homem merecia ter um herdeiro.

Teddy foi trabalhar com o pai. Todo mundo concordou que foi melhor assim. Depois da derrota na eleição, ele assumiu ares de quem tinha sobrevivido a um trauma, a um choque; o mesmo ar que Alfred tinha logo depois da guerra.

Homens como Teddy não estavam acostumados a perder, mas os Luxton não tinham o hábito de se lamentar; os pais de Teddy começaram a passar um bocado de tempo no número dezessete, onde Simion contava histórias sobre seu próprio pai, para mostrar que a viagem para o topo não era para fracos e fracassados. A viagem de Teddy e Hannah para a Itália foi adiada; não seria bom para a imagem de Teddy se ele fosse visto fugindo do país, Simion disse. A impressão de sucesso traz o sucesso. Além disso, Pompeia não ia sair do lugar.

Enquanto isso, eu estava fazendo o possível para me adaptar à vida em Londres. Aprendi logo minhas novas obrigações. O Sr. Hamilton tinha me dado inúmeras instruções antes de eu deixar Riverton – desde obrigações objetivas como cuidar do guarda-roupa de Hannah, até ajudá-la a resguardar sua reputação – e nisso eu me sentia segura. Na minha esfera doméstica, porém, eu estava perdida. À deriva num mar de estranheza. Porque se a Sra. Tibbit e o Sr. Boyle não eram exatamente perversos, eram certamente falsos. Tinham um jeito de se comunicar, um prazer na companhia um do outro, que era totalmente excludente. Além disso, a Sra. Tibbit, especialmente, parecia extrair grande consolo desta exclusão. A felicidade dela se alimentava do descontentamento dos outros, e ela não tinha escrúpulo algum em provocar a infelicidade

de alguma pobre alma quando sentia necessidade disso. Aprendi logo que o modo de sobreviver no número dezessete era ficar calada e estar sempre em guarda.

Em uma manhã chuvosa, eu encontrei Hannah sozinha na sala de visitas. Teddy tinha acabado de sair para o escritório no centro da cidade e ela estava observando a rua. Automóveis, bicicletas, pessoas apressadas andando de um lado para outro.

– A senhora quer seu chá, madame? – perguntei.

Nenhuma resposta.

– Ou talvez queira que o motorista traga o carro?

Eu cheguei mais perto e percebi que Hannah não tinha ouvido. Ela estava mergulhada em seus pensamentos e pude adivinhá-los sem maiores dificuldades. Ela estava entediada, seu rosto tinha uma expressão que eu identifiquei dos longos dias em Riverton quando ela ficava parada na janela do quarto de crianças, com a caixa chinesa na mão, esperando a chegada de David, louca para jogar O Jogo.

Eu limpei a garganta e ela ergueu os olhos. Quando me viu, ficou mais animada.

– Olá, Grace – ela disse.

Então tornei a perguntar se ela gostaria de tomar seu chá.

– Eu vou ler, Grace – ela disse. – Tenho um livro aqui comigo. – E ela ergueu seu exemplar já bem gasto de *Jane Eyre*.

– De novo, madame?

Ela encolheu os ombros e sorriu.

– De novo.

Não sei por que isso me perturbou tanto. Fez soar uma campainha de alarme que eu não soube explicar.

Teddy trabalhava muito e Hannah se esforçava. Ela comparecia às festas dele, conversava com as esposas dos companheiros de trabalho e com as mães dos políticos. A conversa entre os homens era sempre a mesma – dinheiro, negócios, a ameaça das classes

inferiores. Simion, como todos os homens do tipo dele, desconfiava profundamente daqueles que chamava de “boêmios”. Teddy, apesar de suas boas intenções, estava ficando igual a ele.

Hannah teria preferido conversar sobre política de verdade com os homens. Às vezes, depois que ela e Teddy haviam se retirado para seus aposentos contíguos e eu estava escovando seus cabelos, Hannah perguntava a ele o que fulano tinha dito sobre a declaração da lei marcial na Irlanda, e Teddy olhava para ela, com um ar divertido e cansado, e dizia para ela não cansar sua bela cabeça com isso. Era para isso que ele estava lá.

– Mas eu quero saber. Estou interessada.

E Teddy sacudia a cabeça.

– Política é um jogo masculino.

– Deixe-me jogar – Hannah dizia.

– Você está jogando – ele respondia. – Nós somos um time, você e eu. Seu trabalho é cuidar das esposas.

– Mas isso é chato. Elas são chatas. Eu quero conversar sobre coisas importantes. Não sei por que não posso.

– Ora, querida. Porque essas são as regras. Eu não as fiz, mas tenho que segui-las. – Então ele sorria e dava um tapinha no ombro dela. – Não é tão ruim assim, é? Pelo menos você tem mamãe para ajudar, e Deb. Ela é divertida, não é?

Hannah só pôde concordar, mal-humorada. Era verdade: Deborah estava sempre por perto para ajudar. E continuaria a estar, agora que tinha resolvido não voltar para Nova York. Uma revista de Londres tinha oferecido um emprego a ela, para escrever sobre moda, e como ela poderia resistir? Uma cidade nova, cheia de damas para enfeitar e dominar? Ela ia ficar com Hannah e Teddy até achar um lugar decente para morar. Afinal, como Estella tinha dito, não havia motivo para ela se apressar. O número dezessete era uma casa grande, cheia de quartos vazios à disposição. Especialmente enquanto não houvesse crianças.

Em novembro daquele ano, Emmeline veio passar seu décimo sexto aniversário em Londres. Era sua primeira visita desde o casamento de Hannah e Teddy, e Hannah estava ansiosa por isso. Ela passou a manhã esperando na sala de visitas, correndo para a janela toda vez que um carro diminuía a velocidade lá fora, voltando desapontada para o sofá quando via que era alarme falso.

No fim, ela ficou tão irritada que não viu o carro chegar. Só percebeu que Emmeline tinha chegado quando Boyle bateu à porta e anunciou sua chegada.

– Senhorita Emmeline para vê-la, madame.

Hannah deu um grito e ficou de pé de um pulo quando Boyle anunciou Emmeline.

– Finalmente! – ela disse, abraçando com força a irmã. – Achei que você não ia chegar nunca. – Ela deu um passo para trás e se virou para mim. – Veja, Grace, ela não está linda?

Emmeline abriu um meio sorriso, depois tornou a fazer um beicinho amuado. Apesar da expressão, ou talvez por causa dela, ela estava linda. Tinha crescido e emagrecido e seu rosto tinha ganhado novos ângulos que chamavam atenção para seus lábios cheios e seus olhos grandes e redondos. Ela já aprendera aquela atitude de desdém que se ajustava perfeitamente à idade e à época dela.

– Venha, sente-se – Hannah disse, levando Emmeline até o sofá.
– Vou pedir o chá.

Emmeline sentou-se num canto do sofá e, quando Hannah virou de costas, alisou a saia. Ela estava usando um vestido simples da temporada anterior; alguém tinha tentado reformá-lo no estilo mais solto que estava se usando, mas ele ainda tinha as marcas da sua estrutura original. Quando Hannah tornou a olhar para ela, Emmeline parou de ajeitar o vestido e lançou um olhar indiferente pela sala.

Hannah riu.

– Ah, isto é a última moda; Elsie de Wolfe escolheu tudo. É horrroso, não é?

Emmeline ergueu uma sobrancelha e assentiu vagarosamente. Hannah sentou-se ao lado de Emmeline.

– É tão bom ver você – ela disse. – Podemos fazer o que você quiser esta semana. Chá e bolo de amêndoas no Gunter's, podemos ver um show.

Emmeline sacudiu os ombros, mas eu pude ver que ela estava alisando a saia.

– Nós podemos visitar o museu – disse Hannah. – Ou dar uma olhada no Selfridge's – ela hesitou. Emmeline estava balançando a cabeça sem muita convicção. Hannah riu, meio sem graça. – Olha só como eu não paro de falar – ela acrescentou. – Você acabou de chegar e eu já estou fazendo planos para a semana. Mal a deixei falar. Nem perguntei como você vai.

Emmeline olhou para Hannah.

– Eu gosto do seu vestido – ela disse finalmente, depois apertou os lábios como se tivesse quebrado uma promessa.

Foi a vez de Hannah sacudir os ombros desdenhosamente.

– Ah, eu tenho um guarda-roupa cheio – ela disse. – Teddy me traz vestidos toda vez que viaja para o exterior. Ele acha que um vestido novo substitui a própria viagem. Por que uma mulher viajaria a não ser para comprar vestidos? Então eu tenho um guarda-roupa cheio e não tenho onde... – Ela parou, percebeu e disfarçou um sorriso. – Vestido demais para uma pessoa só. – Ela olhou para Emmeline com um ar casual. – Você gostaria de dar uma olhada neles? Ver se gosta de algum? Você estaria me fazendo um favor, me ajudando a abrir espaço no armário.

Emmeline ergueu depressa os olhos, sem conseguir disfarçar sua excitação.

– Suponho que sim. Se for ajudar.

Hannah deixou Emmeline acrescentar dez vestidos parisienses à sua bagagem, e eu comecei a reformar melhor as roupas que ela

trouxera. Senti uma súbita saudade de Riverton quando vi os pontos malfeitos de Nancy. Torci para que ela não visse como uma afronta pessoal os consertos que eu estava fazendo.

As coisas entre as irmãs melhoraram depois disso: a expressão de desagrado sumiu do rosto de Emmeline, e no fim da semana tudo já estava como costumava ser antes. Elas tinham voltado à velha amizade, cada uma mais aliviada que a outra por esta volta ao *status quo*. Eu também fiquei aliviada: Hannah andava muito deprimida ultimamente. Eu esperava que seu bom humor continuasse depois da visita.

No último dia da estadia de Emmeline, ela e Hannah sentaram-se, cada uma numa ponta do sofá da sala íntima, esperando o carro que vinha de Riverton. Deborah, a caminho de uma reunião de pauta, estava na escrivaninha, de costas, escrevendo apressadamente um bilhete de pêsames para uma amiga enlutada.

Emmeline recostou-se no sofá e suspirou.

– Eu seria capaz de tomar chá no Gunter’s todo dia e jamais me cansar do bolo de amêndoas.

– Você se cansaria assim que perdesse essa cinturinha fina – disse Deborah, arranhando o papel com sua caneta.

Emmeline bateu os cílios para Hannah, que tentou não rir.

– Tem certeza de que não quer que eu fique? – Emmeline quis saber. – Não haveria problema algum.

– Duvido que papai deixasse.

– Ora – Emmeline disse. – Ele não ia ligar a mínima. – Ela inclinou a cabeça. – Eu poderia morar confortavelmente no armário de casacos, você sabe. Você nem ia saber que eu estava aqui.

Hannah pareceu refletir sobre isso.

– Você vai ficar entediada sem mim – disse Emmeline.

– Eu sei – Hannah disse, gemendo. – Como vou conseguir arranjar alguma coisa para me distrair?

Emmeline riu e atirou uma almofada em Hannah.

Hannah agarrou a almofada e ficou ajeitando as franjas por alguns segundos. Ainda olhando para a almofada, ela disse:

– Quanto a papai, Emme... Ele está...? *Como* ele está?

Eu sabia que as relações estremecidas entre ela e o Sr. Frederick eram uma fonte constante de arrependimento para Hannah. Em mais de uma ocasião, eu havia encontrado uma carta inacabada em sua escrivaninha, mas ela nunca enviou nenhuma.

– Ele é o mesmo de sempre – Emmeline respondeu, sacudindo os ombros. – Igualzinho.

– Ah – Hannah disse, desanimada. – Ótimo. Eu não tive notícias dele.

– Não – Emmeline disse, bocejando. – Bem, você sabe como o papai é quando toma uma decisão.

– Sim – Hannah disse. – Mesmo assim, eu achei... – Ela parou e houve um silêncio entre elas. Embora Deborah estivesse de costas, pude ver que ela estava de orelhas em pé, louca por uma fofoca. Hannah também deve ter notado, porque mudou de assunto, com uma animação forçada. – Não sei se mencionei isso, Emme, pensei em arranjar um trabalho depois que você fosse embora.

– Trabalho? – disse Emmeline. – Numa loja de vestidos?

Foi a vez de Deborah rir. Ela fechou o envelope e se virou na cadeira. Parou de rir quando viu a cara de Hannah.

– Você está falando sério?

– Ah, Hannah geralmente fala sério – disse Emmeline.

– Quando estávamos na Oxford Street outro dia – Hannah disse à irmã –, e você estava no cabeleireiro, eu vi um pequena gráfica, Blaxland's, com uma placa na janela. Eles estavam procurando editores. – Ela ergueu os ombros. – Eu adoro ler, me interesso por política, minha gramática e minha ortografia são acima da média...

– Mas não seja ridícula, querida – disse Deborah, entregando-me a carta que tinha acabado de escrever. – Providencie para que seja despachada hoje de manhã. – Ela se virou para Hannah. – Eles nunca irão aceitá-la.

– Eles já me aceitaram – retorquiu Hannah. – Eu me ofereci na mesma hora. O dono disse que estava precisando urgentemente de alguém.

Deborah respirou fundo, deu um sorriso discreto.

– Mas você deve compreender que isso está fora de questão.

– Que questão? – Emmeline perguntou, fingindo preocupação.

– Uma questão de integridade – disse Deborah.

– Eu não percebi que havia uma questão de integridade – disse Emmeline. Ela começou a rir. – Qual é a resposta?

Deborah respirou fundo, encolhendo as narinas.

– Blaxland? – ela disse para Hannah. – Eles não são os editores responsáveis por todos aqueles panfletos maldosos que os soldados estão distribuindo nas esquinas? – Ela apertou os olhos. – Meu irmão teria um ataque.

– Acho que não – disse Hannah. – Teddy já expressou simpatia pelos desempregados.

Deborah arregalou os olhos: a surpresa de um predador interessado brevemente em sua presa.

– Você entendeu mal, querida – ela disse. – Gatinho sabe que não pode afastar seus futuros eleitores. Além disso... – ela parou, triunfante, na frente do espelho da lareira, enfiou um alfinete no chapéu – ... com ou sem simpatia, acho que ele não ia gostar de saber que você se juntou às pessoas que publicaram aqueles artigos imundos que o fizeram perder a eleição.

Hannah ficou de cara no chão – ela não tinha imaginado. Ela olhou para Emmeline, que ergueu os ombros, penalizada. Deborah, observando as reações delas pelo espelho, reprimiu um sorriso e se virou para olhar para Hannah, dizendo com um ar de censura:

– Mas, querida, quanta deslealdade! Gatinho vai ficar arrasado quando souber. Arrasado.

– Então não conte a ele – disse Hannah.

– Você me conhece, *eu* sou a descrição em pessoa. Mas você está se esquecendo das centenas de outras pessoas que não têm

escrúpulos. Elas vão adorar contar isto a ele quando virem seu nome, o nome *dele*, naquela propaganda.

– Eu vou dizer a eles que não posso aceitar o emprego – Hannah disse baixinho. Ela largou a almofada. – Mas pretendo procurar outra coisa. Algo mais apropriado.

– Minha querida – Deborah disse, rindo. – Tire isso da cabeça. Não existem empregos apropriados para você. Quer dizer, o que isso iria parecer? A esposa de Teddy trabalhando? O que as pessoas iriam dizer?

– Você trabalha – Emmeline disse, baixando astutamente as pálpebras.

– Ah, mas isso é diferente, querida – Deborah disse, sem piscar um olho. – Eu ainda não encontrei o meu Teddy. E largaria tudo isso num segundo pelo homem certo.

– Eu preciso fazer alguma coisa – disse Hannah. – Outra coisa a não ser ficar aqui sentada o dia inteiro, esperando para ver se aparece alguém.

– Ora, é claro – disse Deborah, pegando a bolsa em cima da escrivaninha. – Ninguém gosta de ficar à toa. – Ela ergueu uma sobrancelha. – Mas eu achava que havia muito mais coisa para fazer aqui do que ficar sentada esperando. Uma casa não funciona por si mesma, você sabe.

– Não – disse Hannah. – E eu gostaria de assumir parte da direção dela...

– É melhor fazer o que você sabe fazer bem – Deborah disse, dirigindo-se para a porta. – É o que eu sempre digo. – Ela parou, segurando a porta aberta, depois se virou, abrindo lentamente um sorriso. – Já sei – ela falou. – Não sei por que não pensei nisso antes. – Ela apertou os lábios. – Vou falar com mamãe. Você pode entrar para o grupo das Mulheres Conservadoras. Elas estão procurando voluntárias para o baile de gala que vem aí. Você pode ajudar a escrever os cartões e a pintar os enfeites, explorar o seu lado artístico.

Hannah e Emmeline trocaram um olhar quando Boyle chegou à porta.

– O carro está aqui para apanhar a Srta. Emmeline – ele disse. – Posso chamar um táxi para a senhora, Srta. Deborah?

– Não precisa, Boyle – Deborah disse alegremente. – Estou precisando de ar fresco.

Boyle assentiu e foi ajudar a colocar a bagagem de Emmeline no carro.

– Que ideia genial! – Deborah disse, sorrindo para Hannah. – Teddy vai ficar tão contente, você e mamãe passando tanto tempo juntas! – Ela inclinou a cabeça e baixou a voz. – E assim ele nunca vai precisar saber daquele fato infeliz.

Entrando no buraco do coelho

Não vou esperar pela Sylvia. Estou cansada de esperar. Vou buscar minha xícara de chá. Uma música alta e barulhenta sai dos alto-falantes no palco improvisado, e um grupo de seis meninas está dançando. Elas estão vestidas de Lycra vermelha e preta – pouco mais do que maiôs – e botas pretas até os joelhos. Os saltos são altos e eu não entendo como conseguem dançar com eles, então me lembro das dançarinas da minha juventude. O Hammersmith Palais, a Original Dixieland Band, Emmeline dançando o *charleston*.

Eu me agarro nos braços da cadeira, faço tanta força que enterro os cotovelos nas costelas e dou um impulso para cima, abraçando o corrimão. Fico um instante parada, depois transfiro meu peso para a bengala e espero a paisagem parar de balançar. Bendito calor. Apalpo o chão cuidadosamente com a bengala. A chuva recente deixou o solo macio e eu tenho medo de ficar atolada. Uso as marcas deixadas pelas pegadas de outras pessoas. É um processo lento, mas caminho com segurança...

– Saiba o seu futuro... Leia a sua mão...

Não tolero videntes. Um dia me disseram que a minha linha da vida era curta; eu só me livreí de uma vaga sensação de mau pressentimento quando já estava com mais de sessenta anos.

Eu continuo andando, não vou olhar. Estou resignada com o meu futuro. É o passado que me perturba.

Hannah consultou a vidente no início de 1921. Era uma quarta-feira de manhã; Hannah sempre recebia em casa nas quartas-feiras de manhã. Deborah ia se encontrar com Lady Lucy Duff-Gordon, no Savoy Grill, e Teddy estava no trabalho com o pai. Teddy já tinha superado o trauma nessa altura; ele tinha a aparência de alguém que despertara de um sonho estranho e percebera que ainda era a

mesma pessoa de antes. Certa noite, ele disse a Hannah, no jantar, que tinha ficado surpreso com as oportunidades oferecidas pelo setor bancário. Não só para ganhar dinheiro, ele esclareceu depressa, mas também para alimentar os interesses culturais de uma pessoa. Prometeu a ela que, em breve, quando chegasse o momento, ia pedir ao pai para criar uma fundação para ajudar pintores novos. Ou escultores. Ou algum outro tipo de artista. Hannah disse que isso era maravilhoso e tornou a se concentrar na comida enquanto ele falava de um novo cliente. Ela estava se acostumando com o abismo entre as intenções de Teddy e suas ações.

Um desfile de mulheres elegantes tinha saído do número dezessete nos últimos cinco minutos quando comecei a retirar as xícaras. (Nós tínhamos acabado de perder a quinta copeira e ainda não tínhamos conseguido outra.) Apenas Hannah, Fanny e Lady Clementine continuavam sentadas nos sofás, terminando o chá. Hannah estava batendo de leve com a colher no pires, distraída. Ela estava louca para elas partirem, embora eu não soubesse ainda por quê.

– Realmente, minha querida – Lady Clementine disse, olhando para Hannah por cima da xícara vazia –, você devia pensar em iniciar uma família. – Ela trocou um olhar com Fanny, que endireitou orgulhosamente o corpo. Ela estava esperando o segundo filho. – Filhos fazem bem ao casamento. Não é verdade, Fanny?

Fanny assentiu, mas não pôde falar porque estava com a boca cheia de bolo.

– Uma mulher casada há tanto tempo sem filhos – Lady Clementine disse, sombriamente. – As pessoas começam a comentar.

– A senhora tem toda a razão – disse Hannah. – Mas não há o que comentar. – Ela disse isso com tanta vivacidade que eu estremeci. A pessoa ficava tentada a perceber um certo conflito por

baixo do verniz. As discussões azedas que a recusa de Hannah em ceder estava provocando.

Lady Clementine trocou outro olhar com Fanny, que ergueu as sobrancelhas.

– Não há nada errado, há? No andar de baixo?

Meu primeiro pensamento foi que ela estava se referindo à nossa falta de copeiras; só percebi o que Fanny estava querendo dizer quando ela engoliu o bolo e acrescentou nervosamente:

– Existem médicos para isso. Médicos de *senhoras*.

Não havia muito que Hannah pudesse dizer quanto a isso. Bem, havia, é claro. Ela poderia ter dito a elas para cuidarem da própria vida, e antes talvez ela tivesse dito, mas o tempo havia aparado suas arestas. Então ela não disse nada. Apenas sorriu e esperou que fossem embora.

Depois que elas saíram, Hannah atirou-se no sofá.

– Finalmente – ela disse. – Achei que elas não iriam embora nunca. – Ela me viu colocar as últimas xícaras na bandeja. – Sinto muito que você tenha que fazer isso, Grace.

– Não faz mal, madame – eu disse. – Tenho certeza que não vai ser por muito tempo.

– Mesmo assim – Hannah disse. – Você é uma camareira. Vou falar com Boyle para arranjar uma substituta.

Eu continuei a arrumar as colheres.

Hannah ainda estava olhando para mim.

– Você pode guardar um segredo, Grace?

– A senhora sabe que sim, madame.

Ela tirou da cintura um pedaço dobrado de jornal e o abriu.

– Encontrei isto na última folha do jornal de Boyle. – Ela me entregou o papel.

Vidente. Renomada médium. Comunica-se com os mortos. Conheça o seu futuro.

Eu devolvi o papel depressa e limpei as mãos no avental. Eu tinha ouvido comentários sobre isso no andar de baixo. Era a nova

mania, nascida do luto e do sofrimento generalizados por toda a Inglaterra. Por todo o mundo.

– Tenho uma hora marcada hoje à tarde – Hannah disse.

Eu não soube o que dizer. Preferia que ela não tivesse me contado. Suspirei.

– Se a senhora me permite dizer isto, madame, não gosto de sessões espíritas e coisas semelhantes.

– É mesmo, Grace – Hannah disse, surpresa –, eu achei que você fosse mais aberta a novas ideias. Sir Arthur Conan Doyle acredita, sabe? Ele se comunica regularmente com seu filho Kingsley. Chega até a promover sessões em sua casa.

Ela não sabia que eu não era mais devotada a Sherlock Holmes; que, em Londres, eu tinha descoberto Agatha Christie.

– Não é isso, madame – eu disse depressa. – Não é que eu não acredite.

– Não?

– Não, madame, acredito sim. Aí é que está o problema. Isso não é natural. Os mortos. É perigoso mexer com eles.

Ela ergueu as sobrancelhas, pensando.

– Perigoso...

Aquele era o enfoque errado. Ao falar em perigo, eu tinha tornado a questão ainda mais atraente.

– Eu vou com a senhora, madame – eu disse.

Ela não esperava por isso, e não soube ao certo se ficava aborrecida ou comovida. No fim, manifestou os dois sentimentos.

– Não – ela disse, com certa severidade. – Isso não será necessário. Eu vou ficar muito bem sozinha. – Então sua voz suavizou-se. – Esta é a sua tarde de folga, não é? Você deve ter planejado algo agradável para fazer. Algo mais interessante do que me acompanhar.

Eu não respondi. Meus planos eram secretos. Depois de uma longa troca de cartas, Alfred tinha finalmente sugerido fazer-me uma visita em Londres. Os meses longe de Riverton tinham me deixado

mais solitária do que eu esperava. Apesar dos ensinamentos do Sr. Hamilton, percebi que havia certas pressões no fato de ser uma criada pessoal, que eu não tinha previsto, especialmente pelo fato de Hannah não parecer tão feliz quanto se esperaria de uma jovem esposa. E a tendência da Sra. Tibbit de causar encrenca fazia com que não se pudesse baixar a guarda nem por um instante para desfrutar de uma certa camaradagem. Era a primeira vez na vida que eu me sentia tão isolada. E, embora eu estivesse cansada de me iludir com as atenções de Alfred (eu já tinha feito isso antes), estava louca para vê-lo.

Mesmo assim, acompanhei Hannah àquela tarde. Meu encontro com Alfred ia ser só à noite; se me apressasse, teria tempo para me certificar de que ela havia chegado e partido em boas condições. Já tinha ouvido muitas histórias sobre médiuns para saber que esta era a coisa certa a fazer. A prima da Sra. Tibbit tinha ficado possuída, ela disse, e o Sr. Boyle conhecia um homem cuja esposa foi roubada e teve a garganta cortada.

Mais do que isso, embora eu não estivesse segura acerca dos meus sentimentos para com os médiuns, eu sabia o tipo de gente que era atraído por eles. Só pessoas infelizes no presente é que buscam conhecer o futuro.

Havia um denso nevoeiro lá fora: cinzento e pesado. Eu segui Hannah ao longo de Aldwych como um detetive, tomando cuidado para não ficar muito para trás, para que ela não desaparecesse no meio do nevoeiro. Na esquina, um homem de sobretudo tocava uma gaita. Eles estavam em toda parte, aqueles soldados desempregados, em todos os becos, sob cada ponte, na frente de toda estação de trem. Hannah tirou uma moeda do bolso e jogou na caneca do homem antes de prosseguir.

Nós viramos na Kean Street e Hannah parou na frente de uma elegante casa eduardiana. Ela parecia bastante respeitável, mas, como mamãe gostava de dizer, as aparências enganam. Eu a vi

consultar o anúncio de novo e em seguida tocar a campainha. A porta foi rapidamente aberta e ela desapareceu lá dentro.

Eu fiquei do lado de fora, imaginando a que andar ela estava sendo levada. Ao terceiro, com certeza. Havia algo no clarão da lâmpada que amarelava as franjas das cortinas fechadas. Eu me sentei e esperei perto de um homem de uma perna só que vendia macacos de lata que corriam para cima e para baixo num pedaço de corda.

Esperei mais de uma hora. Quando ela apareceu, o degrau de cimento em que eu estava sentada tinha congelado minhas pernas e quase não consegui me levantar. Eu me agachei, rezando para ela não me ver. Ela não me viu; não estava olhando. Permanecia parada no último degrau da escada, deslumbrada. Tinha uma expressão vazia, atônita quase, e parecia grudada no chão. Meu primeiro pensamento foi que a médium a tinha enfeitado, usando um daqueles relógios que a gente vê em fotografias, para hipnotizá-la. Meu pé estava dormente e eu não consegui correr para ela. Eu já ia chamar seu nome quando ela respirou fundo e começou a caminhar apressadamente de volta para casa.

Eu me atrasei para o meu encontro com Alfred naquela noite. Não muito, mas o bastante para ele ficar preocupado e ofendido.

– Grace. – Nós nos cumprimentamos desajeitadamente. Ele estendeu a mão ao mesmo tempo que eu. Nosso pulsos bateram um no outro, e ele segurou meu cotovelo por engano. Eu sorri nervosamente, puxei a mão e a enfiei debaixo do xale.

– Desculpe pelo atraso, Alfred – eu disse. – Eu fui fazer uma coisa para a patroa.

– Ela não sabe que esta é a sua tarde de folga? – Alfred perguntou. Ele estava mais alto do que eu me lembrava, e seu rosto, mais marcado, mas mesmo assim o achei muito bonito.

– Sim, mas...

– Você devia ter dito a ela para se virar sozinha.

O desprezo dele não me surpreendeu. As frustrações de Alfred com o serviço doméstico estavam aumentando. Em suas cartas, a distância tinha revelado algo que eu não vira antes: havia um traço de insatisfação que percorria suas descrições da vida diária. E, ultimamente, suas perguntas sobre Londres eram pontilhadas de citações de livros que ele andava lendo sobre classes sociais, trabalhadores e sindicatos.

– Você não é uma escrava – ele disse. – Podia ter dito não a ela.

– Eu sei. E não pensei que fosse... Levou mais tempo do que imaginei.

– Bem – ele disse, com uma expressão mais suave no rosto, parecendo o Alfred de antigamente –, a culpa não é sua. Vamos aproveitar o tempo até sermos obrigados a voltar para as minas de sal, certo? Que tal comer alguma coisa e depois ir ao cinema?

Eu me senti nas nuvens caminhando ao lado dele. Adulta e atrevida, andando pela cidade com um homem como Alfred. Eu queria que ele me desse o braço. Que as pessoas nos tomassem por marido e mulher.

– Eu visitei sua mãe – ele disse, interrompendo meus pensamentos. – Como você pediu.

– Ah, Alfred. Obrigada. Ela não estava muito mal, estava?

– Não muito mal, Grace. – Ele hesitou um momento e desviou os olhos. – Mas também não estava muito bem, para ser honesto. Estava com uma tosse feia. E suas costas a têm incomodado muito, segundo ela. – Ele enfiou as mãos nos bolsos. – Artrite, não é?

Eu assenti.

– Apareceu de repente quando eu era menina. Piorou bem depressa. No inverno é pior.

– Eu tive uma tia com essa mesma doença. Isso a fez envelhecer antes do tempo. – Ele sacudiu a cabeça. – Muito azar.

Nós caminhamos um pouco em silêncio.

– Alfred, quanto à mamãe... Ela pareceu... Ela tinha o suficiente, Alfred? Quer dizer, carvão, coisas assim?

– Ah, sim. Nenhum problema quanto a isso. Uma bela pilha de carvão. – Ele se inclinou e deu um encontrão no meu ombro. – E a Sra. Townsend está sempre mandando um pacote de doces para ela.

– Que Deus a abençoe – eu disse, com os olhos cheios de lágrimas de gratidão. – E a você também, Alfred. Por ir visitá-la. Eu sei que ela gosta, mesmo que não confesse nem para si mesma.

Ele ergueu os ombros, e disse:

– Eu não faço isso por sua mãe, Gracie, faço por você.

Uma onda de prazer deixou o meu rosto ruborizado. Eu encostei a mão de um lado do rosto para sentir o calor.

– E os outros, como vão? – perguntei timidamente. – Lá em Saffron? Está todo mundo bem?

Houve uma pausa enquanto ele absorvia minha mudança de assunto.

– Estão todos bem, na medida do possível. No andar de baixo, é claro. No andar de cima é bem diferente.

– O Sr. Frederick? – A última carta de Nancy sugeria que as coisas não iam bem com ele.

Alfred sacudiu a cabeça.

– Ficou muito melancólico depois que vocês partiram. Deve ter uma quedinha por você, hein? – Ele me cutucou e eu não pude deixar de sorrir.

– Ele sente saudades de Hannah – comentei.

– Mas não admite isso.

– Com ela é a mesma coisa. – Eu contei a ele sobre as cartas inacabadas que eu tinha visto. Um rascunho atrás do outro, mas ela nunca mandou nenhuma.

Ele assobiou e sacudiu a cabeça.

– E dizem que nós devemos aprender com nossos patrões. Na minha opinião, eles têm muito que aprender conosco.

Eu continuei andando, pensando na tristeza do Sr. Frederick.

– Você acha que ele e Hannah vão fazer as pazes...?

Alfred sacudiu os ombros.

– Não sei se é tão simples assim, para dizer a verdade. Ah, ele tem saudades de Hannah, sem dúvida. Mas há outras coisas também.

Eu olhei para ele.

– São os carros dele também. É como se ele não tivesse mais objetivo na vida, agora que perdeu a fábrica. Ele passa o tempo todo vagando pela propriedade. Leva a sua arma e diz que está procurando caçadores furtivos. Dudley diz que é só na cabeça dele, que não tem caçador furtivo algum, mas ele continua procurando. – Ele fitou o nevoeiro. – Eu entendo isso muito bem. Um homem precisa se sentir útil.

– Emmeline tem sido algum consolo para ele?

Ele encolheu os ombros.

– Está ficando uma mocinha, se quer saber. É ela que dirige a casa, com o patrão desse jeito. Ele não parece ligar para o que ela faz. Mal repara na presença dela, na maior parte do tempo. – Ele chutou uma pedra e a viu desaparecer no esgoto. – Não, não é mais o mesmo lugar. Desde que vocês partiram.

Eu estava saboreando este comentário, quando ele disse:

– Ah. – E enfiou a mão no bolso. – Por falar em Riverton, você nunca vai adivinhar quem foi que eu vi. Agora mesmo, quando estava esperando por você.

– Quem?

– A Srta. Starling. Lucy Starling. A secretária do Sr. Frederick.

Uma pontada de ciúme; o uso familiar do nome dela. Lucy. Um nome misterioso, escorregadio, que rugia como seda.

– A Srta. Starling? Aqui em Londres?

– Ela disse que agora mora aqui. Num apartamento na Hartley Street, logo depois da esquina.

– Mas o que é que ela está fazendo aqui?

– Trabalhando. Depois que a fábrica do Sr. Frederick fechou, ela teve que procurar outro emprego e tem muito mais emprego em

Londres. – Ele me entregou um pedaço de papel. Branco, quente, com um canto dobrado de ficar no bolso dele. – Eu anotei o endereço dela, disse que ia entregar a você. – Ele olhou para mim, sorriu de um jeito que me fez ficar vermelha de novo. – Vou ficar mais tranquilo sabendo que você tem uma amiga em Londres.

Estou fraca. Meus pensamentos flutuam. De um lado para outro, pelas marés da história.

O salão comunitário. Talvez Sylvia esteja lá. Deve haver chá lá dentro. As assistentes devem estar instaladas na pequena copa-cozinha, vendendo bolos e salgados, e chá agüado com paúinhos em vez de colheres. Eu me dirijo à pequena escada de concreto. Com toda a firmeza possível.

Piso no degrau, calculo mal e bato com o tornozelo na beirada do degrau. Alguém segura o meu braço quando falseio. Um rapaz de pele escura, cabelo verde e uma argola no nariz.

– A senhora está bem? – ele diz, com uma voz suave e gentil.

Eu não consigo tirar os olhos da argola de nariz, não consigo encontrar as palavras.

– A senhora está branca como um papel. Está sozinha aqui? Tem alguém que eu possa chamar?

– Aí está você! – É uma mulher. Alguém que eu conheço. – Vagando sozinha por aí! Achei que tinha perdido você. – Ela cacareja como uma galinha velha, põe as mãos fechadas na cintura, só que mais alto, parecendo abanar as asas. – O que você acha que está fazendo, criatura?

– Eu a encontrei aqui – diz cabelo verde. – Ela quase caiu ao subir a escada.

– Isso está certo, criatura levada – Sylvia diz. – Basta eu virar as costas por um minuto! Assim eu vou ter um ataque do coração. Não sei o que você estava pensando.

Eu começo a dizer a ela, mas paro. Percebo que não consigo me lembrar. Tenho a forte sensação de que estava procurando alguma

coisa, que queria alguma coisa.

– Vamos – ela diz, com as duas mãos nos meus ombros, levando-me para longe do salão. – Anthony está louco para conhecer você.

A tenda é grande e branca, com um pedaço suspenso para permitir a entrada. Uma faixa pintada, pendurada na entrada, diz: *Sociedade Histórica de Saffron Green*. Sylvia me leva para dentro. Lá está quente e cheira a grama recém-cortada. Um tubo de luz fluorescente foi preso no teto, e faz um zumbido enquanto lança sua luz anestésica sobre as mesas e cadeiras de plástico.

– Lá está ele – Sylvia murmura, indicando um homem com uma aparência tão comum que o torna vagamente familiar. Cabelo e bigode grisalhos, rosto vermelho. Está conversando com uma matrona usando um vestido antiquado. Sylvia se inclina para mim. – Eu disse que ele era boa gente, não disse?

Eu estou com calor e meus pés doem. Estou confusa. Não sei de onde vem o pedido petulante.

– Eu quero uma xícara de chá.

Sylvia olha para mim, disfarça o espanto.

– É claro que sim, meu bem. Vou buscar seu chá, e depois tenho uma coisa especial para você. Venha sentar-se. – Ela me faz sentar ao lado de uma tábua de madeira forrada de cânhamo, coberta de fotografias, e depois desaparece.

A fotografia é uma arte irônica, cruel. Momentos capturados no passado e arrastados para o futuro; momentos que deviam ter desaparecido no passado; que só deviam existir na lembrança, vislumbrados através do nevoeiro dos acontecimentos que vieram depois. As fotografias nos obrigam a ver as pessoas antes de elas terem sido oprimidas pelo futuro, antes de saber qual seria seu fim.

À primeira vista, elas são uma espuma de rostos e saias brancas no meio de um mar amarronzado, mas o reconhecimento coloca algumas em foco enquanto outras desaparecem. A primeira é a casa de verão, a que Teddy projetou e construiu quando eles foram

morar lá em 1924. A foto foi tirada naquele ano, julgando pelas pessoas em primeiro plano. Teddy está perto da escadaria inacabada, encostado numa das colunas de mármore da entrada. Há uma manta de piquenique sobre a grama. Hannah e Emmeline estão sentadas nela, uma ao lado da outra. Ambas com a mesma expressão distante nos olhos. Deborah está em pé na frente do retrato, o corpo alto elegantemente inclinado para trás, o cabelo escuro caindo sobre um dos olhos. Ela tem um cigarro na mão. A fumaça dá a impressão de névoa na foto. Se eu não soubesse, pensaria que havia uma quinta pessoa na foto, escondida atrás da névoa. Mas não há, é claro. Não há fotos de Robbie em Riverton. Ele só foi lá duas vezes.

A segunda fotografia não tem ninguém. É de Riverton, ou do que restou da casa depois do incêndio que a devastou antes da Segunda Guerra. Toda a ala oeste desapareceu como se uma pá gigante tivesse descido do céu e arrancado o quarto das crianças, a sala de jantar, a sala de visitas, os quartos da família. As outras áreas estão carbonizadas. Dizem que a fumaça ficou saindo durante várias semanas. O cheiro de fuligem pairou sobre a aldeia durante meses. Eu não sei dizer. Nessa época, a guerra estava começando, Ruth nasceu e eu estava no limiar de uma nova vida.

A terceira fotografia, eu evitei reconhecer, evitei situar seu lugar na história. As pessoas eu identifiquei facilmente; o fato de estarem vestidas para uma festa. Havia tantas festas naquela época, as pessoas estavam sempre se arrumando e posando para fotografias. Elas poderiam estar indo para qualquer lugar. Mas não estão. Eu sei onde elas estão, e sei o que vai acontecer. Eu me lembro muito bem de como estavam vestidas. Eu me lembro do sangue, do desenho que fez no seu vestido claro, como um jarro de tinta vermelha atirado de uma grande altura. Nunca consegui remover inteiramente a mancha; não teria feito muita diferença se eu tivesse conseguido. Eu devia ter simplesmente jogado fora o vestido. Ela nunca mais tornou a olhar para ele, e com certeza nunca mais o vestiu.

Nesta foto eles não sabem; eles estão sorrindo. Hannah, Emmeline e Teddy. Sorrindo para a câmera. Foi antes. Eu olho para o rosto de Hannah, procurando alguma pista, algum conhecimento da fatalidade que está prestes a acontecer. Mas é claro que não encontro. O que vejo nos olhos dela é expectativa. Mas talvez eu esteja só imaginando, porque sei que está lá.

Tem alguém atrás de mim. Uma mulher. Ela se inclina para olhar para a mesma fotografia.

– Elas são inestimáveis, não são? – ela diz. – Todos esses trajes ridículos que se costumava usar. Um mundo diferente.

Só eu percebo a sombra nos rostos deles. O conhecimento do que está por vir deixa a minha pele gelada. Não, não é conhecimento o que eu sinto; minha perna está gotejando onde eu bati, um líquido pegajoso escorre até o meu sapato.

Alguém bate no meu ombro.

– Dra. Bradley? – Um homem está se inclinando para mim, seu rosto sorridente próximo ao meu. Ele segura a minha mão. – Grace? Posso chamá-la assim? É um prazer conhecê-la. Sylvia me falou tanto de você. É realmente um prazer.

Quem é este homem, falando tão alto, tão devagar? Sacudindo a minha mão com tanto ardor? O que foi que Sylvia contou a ele sobre mim? E por quê?

– ... É inglês que eu ensino para ganhar a vida, mas história é a minha paixão. Eu me considero um estudioso da história local.

Sylvia aparece na entrada da tenda, com um copinho de plástico na mão.

– Aqui está.

Chá. Exatamente o que eu queria. Eu tomo um gole. Está morno; não posso mais segurar líquidos quentes. Já cochilei de repente várias vezes.

Sylvia se senta em outra cadeira.

– Anthony já contou sobre os depoimentos? – Ela bate as pestanas cheias de rímel para o homem. – Você já contou a ela

sobre os depoimentos?

– Ainda não tinha chegado lá – ele diz.

– Anthony está gravando em videotape uma coleção de depoimentos de moradores locais sobre a história de Saffron Green. É para a Sociedade Histórica. – Ela olha para mim, abre um sorriso. – Ele tem uma bolsa de custeio para isso e tudo o mais. Acabou de gravar o depoimento da Sra. Baker.

Antigamente, as pessoas guardavam suas histórias para si mesmas. Não imaginavam que elas pudessem interessar a outras pessoas. Agora todo mundo está escrevendo suas memórias, competindo para ver quem teve a infância pior, o pai mais violento.

Acho que devo me alegrar com isso. Na minha segunda vida, depois que tudo terminou em Riverton, depois da Segunda Guerra, eu passei muito tempo cavando por aí, descobrindo as histórias das pessoas. Buscando evidências, desencavando ossos. Como teria sido mais fácil se todo mundo tivesse um registro da sua história pessoal. Mas só consigo pensar em um milhão de teipes de velhos ruminando sobre o preço dos ovos trinta anos atrás. Estarão todos eles numa sala qualquer, num enorme abrigo subterrâneo, com prateleiras do chão até o teto, os teipes todos enfileirados, as paredes ecoando com lembranças triviais que ninguém tem tempo de ouvir?

Só existe uma pessoa que eu quero que ouça a minha história. Uma pessoa para quem eu a estou gravando. Só espero que valha a pena. Aquela Ursula tem razão quando diz que Marcus vai ouvir e entender. Que a minha própria culpa e a história da sua origem irão de alguma forma libertá-lo.

A luz é muito forte. Eu me sinto como uma ave num forno. Quente, depenada e vigiada. Por que eu concordei com isto? Será que eu concordei com isto?

– Você pode dizer alguma coisa para eu testar o volume? – Anthony está agachado atrás de uma coisa preta. Uma câmera de

vídeo, eu suponho.

– O que eu devo dizer? – Uma voz que não é a minha.

– Mais uma vez.

– Acho que não sei mesmo o que dizer.

– Ótimo. – Anthony se afasta da câmera. – Funcionou.

Eu sinto o cheiro da lona da tenda, assando ao sol do meio-dia.

– Eu estava ansioso para falar com você – ele diz, sorrindo. –

Sylvia me contou que você trabalhou na mansão.

– Sim.

– Não precisa se inclinar na direção do microfone. Ele pega muito bem o que você diz de onde você está.

Eu não tinha percebido que estava inclinada, e endireito o corpo para trás no assento com a sensação de que fui repreendida.

– Você trabalhou em Riverton. – É uma afirmação, não precisa de resposta, entretanto, não consigo controlar o impulso de confirmar, de especificar.

– Eu comecei em 1914, como arrumadeira.

Ele fica envergonhado, não sei se por ele ou por mim.

– Sim, bem... – ele continua rapidamente. – Você trabalhou para Theodore Luxton? – ele diz o nome com um certo nervosismo, como se ao invocar o espectro de Teddy ele pudesse ser manchado por sua desonra.

– Sim.

– Excelente! Você o via muito?

Será que ele quer saber se eu ouvia muito? Será que posso contar a ele o que se passava atrás de portas fechadas? Acho que vou desapontá-lo.

– Não muito. Eu era criada particular da esposa dele na época.

– Você deve ter participado um bocado dos acontecimentos relativos ao caso de Theodore.

– Não. Realmente não.

– Mas eu soube que os alojamentos dos criados foram o centro dos boatos. Você devia saber o que estava acontecendo, não?

– Não. – Muita coisa apareceu depois, é claro. Eu li a respeito, como todo mundo, nos jornais. Visitas à Alemanha, encontros com Hitler. Nunca acreditei nas acusações mais graves. Eles foram culpados de pouco mais do que uma admiração pela mobilização das classes trabalhadoras conseguida por Hitler, por sua capacidade em desenvolver a indústria. Sem ligar para o fato de que isto foi conseguido às custas do trabalho escravo. Poucas pessoas sabiam disso na época. A história ainda não tinha provado que ele era louco.

– O encontro de 1936 com o embaixador alemão?

– Eu não trabalhava mais em Riverton nessa época. Saí de lá dez anos antes.

Ele para; está desapontado, como eu sabia que ficaria. Sua linha de interrogatório fora cortada. Então ele recuperou parte do entusiasmo.

– Em 1926?

– Não, em 1925.

– Então você devia estar lá quando aquele cara, aquele poeta, como é mesmo o nome dele, se matou.

A luz está me deixando com calor. Eu estou cansada. Meu coração está descompassado; uma artéria tão desgastada que um pedaço se soltou, está vagando, perdido, na minha corrente sanguínea.

– Sim – ouço a minha voz dizendo.

É algum consolo.

– Tudo bem. Podemos falar sobre isso então?

Eu ouço o meu coração. Ele está batendo devagar, relutantemente.

– Grace?

– Ela está muito pálida.

Minha cabeça está leve. Tão cansada.

– Dra. Bradley?

– Grace? Grace!

Soprando como vento por um túnel, um vento zangado que arrasta com ele uma tempestade de verão, soprando na minha direção, cada vez mais depressa. É o meu passado, e ele está vindo me buscar. Ele está em toda parte; nos meus ouvidos, atrás dos meus olhos, empurrando as minhas costelas...

– Tem algum médico aqui? Alguém chame uma ambulância!

Libertação. Desintegração. Um milhão de partículas mínimas caindo através do funil do tempo.

– Grace? Ela está bem. Você vai ficar bem, Grace, está me ouvindo?

Cascos de cavalos em ruas de pedras, automóveis com nomes estrangeiros, entregadores de bicicleta, babás empurrando carrinhos, cordas de pular, amarelinha, Greta Garbo, a Original Dixieland Jazz Band, Bee Jackson, o *charleston*, Chanel Número 5, *O misterioso caso de Styles*, F. Scott Fitzgerald...

– Grace!

Meu nome?

– Grace?

Sylvia? Hannah?

– Ela simplesmente desmaiou. Ela estava sentada aqui e...

– Afaste-se por favor, madame. Deixe-nos levá-la. – Uma voz nova.

A batida de uma porta.

Uma sirene.

Movimento.

– Grace... é Sylvia. Agente firme, está ouvindo? Eu estou com você... levando você para casa... apenas segure firme...

Segurar-me? A quê? Ah... a carta, é claro. Ela está na minha mão. Hannah está esperando que eu leve a carta para ela. A rua está coberta de gelo e a neve está começando a cair.

Nas profundezas

O inverno é frio e eu estou correndo. Posso sentir o sangue, grosso e quente em minhas veias, pulsando rapidamente sob a pele fria do meu rosto. O ar gelado faz a pele do meu rosto esticar e endurecer, como se ela tivesse ficado pequena demais para a moldura dos ossos. Histérica, como Nancy diria.

A carta está bem segura entre meus dedos. Ela é pequena, o envelope tem uma pequena mancha onde o polegar do remetente esfregou a tinta ainda úmida. Ele está quente da pressão.

Ela é de um investigador. Um detetive de verdade com uma agência em Surrey Street, uma secretária na porta e uma máquina de escrever na escrivaninha. Eu fui enviada para buscá-la pessoalmente porque ela contém – se tivermos sorte – informações escandalosas demais para serem mandadas pelo correio ou ditas pelo telefone. A carta, nós esperamos, diz onde está Emmeline, que desapareceu. Isto ameaça tornar-se um escândalo; eu sou uma das poucas pessoas que sabem.

Telefonaram de Riverton há três dias. Emmeline estava passando o fim de semana com amigos da família numa propriedade em Oxfordshire. Ela fugiu quando eles saíram para a igreja, na cidade. Havia um carro esperando por ela. Estava tudo planejado. Há boatos de que há um homem envolvido.

Eu estou feliz com a carta – eu sei o quanto é importante encontrarmos Emmeline –, mas estou excitada por outro motivo também. Vou ver Alfred esta noite. Vai ser a primeira vez desde aquela noite de nevoeiro, muitos meses atrás. Quando ele me deu o endereço de Lucy Starling, quando disse que gostava de mim e, tarde da noite, me levou até em casa. Temos trocado cartas desde então, cada vez com mais confiança (e mais carinho) e agora, finalmente, vamos tornar a nos encontrar. Um compromisso de

verdade. Alfred virá a Londres. Ele economizou dinheiro do salário e comprou duas entradas para *Princesa Ida*. É um espetáculo teatral. Vai ser o meu primeiro. Eu passei pelos cartazes do show quando andei pelo Haymarket para fazer algumas coisas para Hannah, numa das minhas tardes de folga, mas nunca assisti a algum.

Isto é segredo. Eu não contei a Hannah – ela já está com muita coisa na cabeça – e não contei aos outros empregados do número dezessete. O cultivo de grosseria da Sra. Tibbit garantiu um conjunto de pessoas irônicas e que fazem troça de tudo. Certa vez, quando a Sra. Tibbit me viu lendo uma carta (da Sra. Townsend, felizmente, não de Alfred!), ela insistiu em lê-la. Disse que era sua obrigação assegurar que os criados de menor categoria (menor categoria!) não se comportassem de forma incorreta, não tivessem relacionamentos inadequados. O patrão não aprovaria isso.

Ela tem uma certa razão. Teddy anda muito severo ultimamente com a criadagem. Há problemas acontecendo, e embora ele não seja mal-humorado por natureza, até o mais calmo dos homens é capaz de ficar zangado quando provocado. Ele passou a se preocupar com germes e questões de higiene, mandou comprar frascos de antisséptico bucal para a criadagem, e insiste que o usemos; este foi um dos hábitos do pai que ele adotou.

É por isso que os outros criados não podem saber sobre Emmeline. Um deles certamente iria contar, ganhando pontos por ter sido o informante.

Quando chego ao número dezessete, entro apressada pela escada de serviço para não atrair a atenção da Sra. Tibbit.

Hannah está no quarto, esperando por mim. Ela está pálida, tem estado assim desde que recebeu o telefonema do Sr. Hamilton na semana anterior. Eu entrego a carta e ela a abre imediatamente. Lê o que está escrito. Suspira aliviada.

– Eles a encontraram – ela diz, sem erguer os olhos. – Graças a Deus. Ela está bem.

Ela continua a ler; respira fundo, sacode a cabeça.

– Ah, Emmeline – ela diz baixinho. – Emmeline.

Ela acaba de ler, larga a carta e olha para mim. Aperta os lábios e balança a cabeça.

– Preciso ir buscá-la imediatamente, antes que seja tarde demais. – Ela guarda a carta no envelope, agitadamente, amassando o papel. Nos últimos tempos, desde que foi ver os médiuns, ela anda assim: nervosa e preocupada.

– Agora, madame?

– Imediatamente. Já se passaram três dias.

– A senhora quer que eu peça ao motorista para trazer o carro?

– Não – Hannah diz depressa. – Não. Não posso correr o risco de alguém descobrir. – Ela está se referindo a Teddy e à família dele. – Eu mesma vou dirigir.

– Madame?

– Bem, não faça esse ar de espanto, Grace. Meu pai fabricava automóveis. Não é nada difícil.

– Quer que eu apanhe suas luvas e seu cachecol, madame?

Ela faz sinal que sim.

– E para você também.

– Para mim, madame?

– Você vai comigo, não vai? – pergunta Hannah, arregalando os olhos. – Nós temos mais chance de resgatá-la assim.

Nós. Uma das palavras mais doces. É claro que eu vou com ela. Ela precisa de mim. Vou voltar a tempo de me encontrar com Alfred.

Ele é um cineasta, um francês, e tem o dobro da idade dela. Pior ainda, é casado. Hannah me diz isso no caminho. Estamos indo para o estúdio de filmagem dele, no norte de Londres. O investigador disse que é lá que Emmeline está.

Quando chegamos ao endereço, Hannah para o carro e nós ficamos ali sentadas por um momento, olhando pela janela. Aquela é uma parte de Londres que nunca vimos antes. As casas são baixas e estreitas, e feitas de tijolo. Há gente na rua, jogando, ao

que parece. O Rolls-Royce de Teddy é muito chamativo. Hannah abre a carta do investigador e torna a checar o endereço. Ela se vira para mim, ergue as sobrancelhas e balança a cabeça afirmativamente.

É pouco mais que uma casa. Hannah bate à porta e uma mulher atende. Ela tem cabelo louro, cheio de rolos, e está usando um roupão de seda creme, bem sujo.

– Bom-dia – Hannah diz. – Meu nome é Hannah Luxton. *Sra.* Hannah Luxton.

A mulher muda de posição e um joelho aparece na abertura do roupão. Ela arregala os olhos.

– Claro, benzinho – ela diz com um sotaque parecido com o da amiga texana de Deborah. – Como quiser. Você está aqui para a audição?

Hannah pisca os olhos, espantada.

– Eu estou procurando a minha irmã. Emmeline Hartford?

A mulher franze a testa.

– Um pouco mais baixa do que eu – diz Hannah –, cabelo claro, olhos azuis? – Ela tira da bolsa um retrato e mostra à mulher.

– Ah, sim, sim – ela diz, devolvendo o retrato. – Essa é a Baby sim.

Hannah suspira de alívio.

– Ela está aqui? Ela está bem?

– Claro – a mulher responde.

– Graças a Deus. Bem, eu gostaria de falar com ela.

– Desculpe, docinho. Não dá. Baby está no meio de uma cena.

– Cena?

– Ela está gravando uma cena. Philippe não gosta de ser interrompido depois que começa a gravar. – A mulher muda de posição e o joelho esquerdo substitui o direito, espiando pela abertura do roupão. Ela inclina a cabeça de lado. – Vocês podem esperar lá dentro se quiserem.

Hannah olha para mim. Eu encolho os ombros, impotente, e seguimos a mulher para dentro da casa.

Atravessamos o hall, subimos a escada e entramos num quarto com uma cama desarrumada, no centro. As cortinas do quarto estão fechadas, de modo que não há luz natural. Há três abajures acesos, cada um coberto por uma echarpe de seda vermelha.

Sobre uma cadeira encostada na parede está uma mala que identificamos como sendo de Emmeline. Sobre uma das mesinhas de cabeceira há um cachimbo.

– Ah, Emmeline... – diz Hannah, sem conseguir continuar.

– A senhora quer um copo d'água, madame? – pergunto.

Ela balança a cabeça.

– Sim...

Eu não estou disposta a descer e procurar uma cozinha. A mulher que nos recebeu desapareceu e eu não sei o que pode haver por trás daquelas portas fechadas. No corredor, eu encontro um pequeno banheiro. A bancada está cheia de pincéis e lápis de maquiagem, pós e cílios postiços. O único copo que vejo é uma caneca cheia de círculos concêntricos por dentro. Eu tento lavá-la, mas as manchas são resistentes. Eu volto de mãos vazias.

– Desculpe, madame...

Ela olha para mim. Respira fundo.

– Grace, não quero chocar você, mas acho que Emmeline está vivendo com um homem.

– Sim, madame – digo, tomando cuidado para não demonstrar o meu horror. – Parece que sim.

A porta se abre e nós nos viramos depressa. Emmeline está parada na soleira. Eu fico perplexa. Seu cabelo louro está preso em cachos no alto da cabeça, emoldurando seu rosto, e longos cílios pretos deixam seus olhos enormes. Seus lábios estão pintados de vermelho, e ela está usando um roupão de seda igual ao da mulher que nos atendeu. Mesmo assim, ela parece mais jovem do que é. É

o rosto dela, sua expressão. Ela não tem o ardil de um adulto: está realmente chocada de nos ver e não consegue disfarçar.

– O que vocês estão fazendo aqui? – ela pergunta.

– Graças a Deus – Hannah diz, suspirando aliviada, correndo para Emmeline.

– O que vocês estão fazendo aqui? – Emmeline repete. Nessa altura ela já recobrou a pose, baixando os olhos e fazendo beicinho com a boca.

– Viemos buscar você – diz Hannah. – Vá se vestir logo para irmos embora.

Emmeline caminha devagar até a penteadeira, senta no banquinho. Tira um cigarro de um maço amarfanhado e o acende. Depois de soltar uma baforada de fumaça, ela diz:

– Eu não vou a lugar algum. Você não pode me obrigar.

Hannah a agarra pelo braço e a faz ficar em pé.

– Você vai e eu posso. Nós vamos para casa.

– *Esta* é a minha casa agora – diz Emmeline, soltando o braço. – Eu sou uma atriz. Vou ser uma estrela de cinema. Philippe diz que eu tenho tudo para ser.

– Tenho certeza de que ele diz isso – Hannah diz zangada. – Grace, arrume a bagagem de Emmeline enquanto eu a ajudo a se vestir.

Hannah abre o roupão de Emmeline e nós duas ficamos sem fala. Por baixo do roupão ela está usando uma camisola transparente. Os bicos dos seios cor-de-rosa aparecem por baixo da renda preta.

– Emmeline! – diz Hannah, enquanto eu me viro depressa para fazer a mala. – Que tipo de filme você está fazendo?

– Uma história de amor – responde Emmeline, fechando o roupão e dando uma tragada no cigarro.

Hannah cobre a boca com as mãos e olha para mim – olhos azuis arregalados, uma mistura de horror, preocupação e raiva. É

muito pior do que nós tínhamos imaginado. Ficamos as duas sem fala. Eu entrego a ela um vestido de Emmeline.

– Vista-se – ela consegue dizer. – Vista-se já.

Há um barulho do lado de fora, passos pesados na escada, e de repente aparece um homem na porta; um homem baixo, de bigode, forte e moreno, com um ar arrogante.

– Philippe – Emmeline diz, triunfante, afastando-se de Hannah.

– O que é isso? – ele diz com um forte sotaque francês. – O que você está fazendo? – ele pergunta a Hannah, segurando o braço de Emmeline com um ar de proprietário.

– Vou levá-la para casa – Hannah diz.

– E quem é você? – Philippe pergunta, olhando Hannah de cima a baixo.

– A irmã dela.

Isto parece agradar-lhe. Ele se senta na beira da cama, puxa Emmeline para perto dele, sem tirar os olhos de Hannah.

– Por que a pressa? – ele diz. – Talvez a irmã mais velha queira filmar junto com Baby, hein?

Hannah respira fundo para se acalmar.

– É claro que não. Nós vamos embora já.

– Eu não vou – Emmeline retruca.

Philippe ergue os ombros de um jeito bem francês.

– Parece que ela não quer ir.

– Ela não tem escolha – Hannah diz. Ela olha para mim. – Você terminou de arrumar as malas, Grace?

– Estou quase acabando, madame.

Só então Philippe percebe a minha presença.

– Uma terceira irmã? – Ele ergue uma sobrancelha e eu me encolho sob aquele olhar, sentindo-me como se estivesse nua.

Emmeline ri.

– Ora, Philippe, não brinque. Essa é apenas Grace, a criada de Hannah.

Embora eu me sinta envaidecida com o erro, fico satisfeita quando Emmeline puxa a manga do casaco dele e ele olha para ela.

– Conte a ela – Emmeline diz para Philippe. – Conte a ela sobre nós. – Ela sorri para Hannah com o entusiasmo de uma garota de dezessete anos. – Nós fugimos, vamos nos casar.

– E o que a sua esposa acha disto, *monsieur*? – pergunta Hannah.

– Ele não é casado ainda – diz Emmeline.

– Que vergonha, *monsieur* – Hannah diz, com a voz trêmula. – Minha irmã só tem dezessete anos.

Como que puxado por uma mola, o braço de Philippe se afasta do ombro de Emmeline.

– Dezessete anos é idade suficiente para uma pessoa se apaixonar – diz Emmeline. – Nós vamos nos casar quando eu fizer dezoito, não é, Philippe?

Philippe sorri constrangido, esfrega as mãos nas pernas da calça e se levanta.

– Não vamos? – Emmeline diz, sua voz subindo um tom. – Como combinamos? Diga a ela.

Hannah joga o vestido no colo de Emmeline.

– Sim, *monsieur*, diga.

Um dos abajures pisca e a lâmpada apaga. Philippe sacode os ombros.

– Eu, ah... eu...

– Pare com isso, Hannah – diz Emmeline, com a voz tremendo. – Você vai estragar tudo.

– Eu vou levar minha irmã para casa – diz Hannah. – E se o senhor tornar isto mais difícil do que já é, meu marido vai tomar providências para que o senhor nunca mais faça filme algum. Ele tem amigos na polícia e no governo. Tenho certeza de que ficarão interessados em saber sobre os filmes que o senhor está fazendo.

Philippe fica muito amável depois disso; ele vai buscar as coisas de Emmeline no banheiro e guarda na mala, embora não com o

cuidado que eu gostaria. Ele leva as malas até o carro, e, enquanto Emmeline chora e diz o quanto o ama e implora para ele dizer a Hannah que os dois vão se casar, ele fica calado. Finalmente, ele olha para Hannah, assustado com as coisas que Emmeline está dizendo, e com os problemas que o marido de Hannah pode causar a ele, e diz:

– Eu não sei do que ela está falando. Ela é maluca. Ela me disse que tinha vinte e um anos.

Emmeline chora até em casa, lágrimas quentes, de raiva. Eu duvido que ela tenha ouvido o sermão de Hannah sobre responsabilidade e reputação, e que fugir de casa não é a solução.

– Ele me ama – é tudo o que ela diz quando Hannah termina. – Por que você tinha que vir e estragar tudo?

– Estragar tudo? – Hannah diz. – Eu salvei você. Você tem sorte de eu ter chegado lá antes de se encrencar de vez. Ele já é casado. Ele mentiu para você, para obrigá-la a trabalhar naqueles filmes nojentos.

Emmeline olha para Hannah com o lábio inferior tremendo.

– Você não tolera saber que estou feliz – Emmeline diz –, que estou apaixonada. Que algo de maravilhoso me aconteceu finalmente. Que alguém gosta muito de *mim*.

Hannah não responde. Nós chegamos ao número dezessete e o motorista está vindo para estacionar o carro.

Enquanto Hannah e Emmeline entram em casa, eu desço correndo a escada de serviço. Não tenho relógio, mas sei que já deve ser quase cinco horas. O show começa às cinco e meia. Eu entro correndo, mas é a Sra. Tibbit quem está me esperando, e não Alfred.

– Alfred? – digo, sem fôlego.

– Simpático, ele – ela diz, com um sorriso matreiro no rosto. – Pena que ele tivesse que ir tão cedo.

Eu sinto um peso no coração e olho para o relógio.

- Há quanto tempo ele saiu?
- Ah, já faz algum tempo – ela diz, voltando para a cozinha. – Ficou aqui sentado um pouco, vendo as horas passarem. Até eu acabar com a agonia dele.
- A agonia?
- Eu disse que ele estava perdendo tempo. Que você tinha saído numa das suas missões *secretas* para a patroa e que não tinha hora para voltar.

Eu estou correndo de novo. Pela Regent Street na direção de Piccadilly. Se eu for depressa, talvez consiga alcançá-lo. Enquanto eu corro, vou maldizendo aquela bruxa da Sra. Tibbit. Por que ela disse ao Alfred que eu não ia voltar? E ainda por cima contou a ele que eu tinha ido fazer uma coisa para Hannah no meu dia de folga! Foi como se ela soubesse qual era a maneira de me ferir mais fundo.

Na entrada de Piccadilly, o barulho e a confusão aumentam. Os relógios Saqui & Lawrence estão marcando cinco e meia – fim de expediente –, e a praça está apinhada de gente e automóveis. Cavalheiros e negociantes, damas e entregadores brigam por espaço. Eu me espremo entre um ônibus e um táxi, e quase sou atropelada por uma carroça carregada de sacas.

Eu corro pelo Haymarket, pulando por cima de uma bengala, invocando a ira do seu dono. Fico perto dos prédios onde a calçada é mais vazia até chegar, sem fôlego, ao Teatro de Sua Majestade. Encosto-me na parede de pedra, bem debaixo do programa, examinando os rostos sorridentes que passam, esperando avistar aquela fisionomia familiar. Um cavalheiro magro e uma dama mais magra ainda sobem apressadamente a escada do teatro. Ele apresenta dois ingressos e os dois entram. Ao longe, um relógio – Big Ben? – marca o quarto de hora. Será que Alfred ainda vai chegar? Será que mudou de ideia? Ou eu estou muito atrasada e ele já entrou?

Eu espero para ouvir o Big Ben marcar a hora e mais um quarto de hora por medida de segurança. Ninguém entrou nem saiu do teatro depois do par de perdigueiros bem-vestidos. Eu agora estou sentada nas escadas. Recuperei o fôlego e estou conformada. Não vou ver o Alfred esta noite.

Quando um gari me lança um sorriso lânguido, vejo que está na hora de ir embora. Aperto o xale ao redor dos ombros, endireito o chapéu e volto para o número dezessete. Vou escrever para o Alfred. Vou explicar o que aconteceu. Sobre Hannah e a Sra. Tibbit; sou até capaz de contar toda a verdade a ele, sobre Emmeline e Philippe e o quase escândalo. Apesar de suas ideias sobre exploração e sociedades feudais, Alfred com certeza irá entender. Não é?

Hannah contou a Teddy sobre Emmeline, e ele está indignado. A hora não poderia ser pior, ele diz: ele e o pai estão prestes a assinar uma fusão com o Briggs Bank. Eles vão ser uma das maiores instituições bancárias de Londres. Do mundo. Se este escândalo for divulgado, isto irá arruiná-lo, arruinar a todos.

Hannah torna a pedir desculpas, diz a Teddy que Emmeline é jovem, ingênua e tola. Que ela vai crescer e superar isso.

Teddy resmunga. Ele anda resmungando um bocado ultimamente. Ele passa a mão pelo cabelo, que está ficando grisalho. Emmeline não teve orientação, ele diz; o problema é esse. Criaturas que crescem sem noção de limites ficam destemperadas.

Hannah lembra a ele que Emmeline está crescendo no mesmo lugar em que ela cresceu, mas Teddy apenas ergue uma sobrancelha.

Ele bufa. Não tem tempo para falar mais sobre isso; precisa ir para o clube. Ele faz Hannah anotar o endereço do cineasta e diz a ela para não esconder nada dele no futuro. Que não há lugar para segredos entre marido e mulher.

Na manhã seguinte, quando estou arrumando a penteadeira de Hannah, encontro um bilhete com o meu nome no alto. Ela o deixou para mim; deve ter posto lá depois que a ajudei a se vestir. Eu o abro, com os dedos trêmulos. Por quê? Não é medo nem qualquer das emoções que fazem uma pessoa tremer. É expectativa, excitação, surpresa.

Mas, quando abro o bilhete, ele não está escrito em inglês. Tem uma série de curvas e linhas e pontos, desenhados cuidadosamente na folha. É estenografia, eu me dou conta. Identifico os sinais por causa dos livros que achei, anos antes, em Riverton, quando estava limpando o quarto de Hannah. Ela me deixou um bilhete numa linguagem secreta, uma linguagem que eu não sei ler.

Eu guardo o bilhete o dia todo enquanto estou limpando, costurando e remendando. Mas não consigo concentrar-me no trabalho. Minha mente está ocupada imaginando o que diz o bilhete, como posso descobrir. Procuro livros que me ajudem a decodificá-lo – será que Hannah os trouxe de Riverton? –, mas não acho nenhum.

Alguns dias depois, enquanto estou tirando a bandeja de chá, Hannah se inclina para mim e pergunta:

– Você recebeu o bilhete?

Respondo que sim e meu estômago fica apertado quando ela diz:

– Nosso segredo. – E sorri. O primeiro sorriso que vejo durante algum tempo.

Então eu sei que é importante, um segredo, e eu sou a única pessoa a quem ela o confiou. Ou eu confesso ou acho um meio de ler o que está escrito.

Dias depois, eu tenho uma ideia. Tiro de baixo da cama *O retorno de Sherlock Holmes* e o abro num trecho bem marcado. Lá, entre duas das minhas histórias favoritas, é o meu lugar secreto especial. Tiro um pedacinho de papel que estava no meio das cartas de Alfred durante mais de um ano. Tenho sorte de tê-lo ainda; não o

guardei por causa daquele endereço e, sim, porque foi escrito pela mão dele. Eu costumava pegá-lo regularmente; olhava para ele, cheirava-o, recordava o dia em que ele o deu para mim, mas faz vários meses que não toco nele, desde que comecei a receber cartas mais afetuosas. No pedacinho de papel: o endereço de Lucy Starling.

Eu nunca a visitei antes, nunca precisei. Meu emprego me mantém ocupada e, quando tenho algum tempo livre, aproveito para ler ou escrever para Alfred. Além disso, alguma outra coisa me impediu de procurá-la. Uma pontinha de ciúme, ridícula mas poderosa, foi despertada quando Alfred disse o nome dela com tanta naturalidade aquela noite.

Ao chegar ao apartamento, sou tomada de dúvidas. Será que estou fazendo a coisa certa? Será que ela ainda mora aqui? Será que eu deveria ter usado o meu segundo melhor vestido? Toco a campainha e uma senhora idosa atende. Fico aliviada e desapontada ao mesmo tempo.

– Desculpe – digo –, estava procurando outra pessoa.

– Sim? – diz a senhora.

– Uma velha amiga.

– Nome?

– Srta. Starling – digo, não que seja da conta dela. – Lucy Starling.

Eu me despeço e estou me virando para ir embora quando ela diz, com uma certa malícia:

– Primeiro andar. Segunda porta à esquerda.

Eu caminho cuidadosamente pelo corredor. Está escuro. A única janela, acima da escada, está cheia de poeira da rua. Segunda à esquerda. Eu bato à porta. Ouço um ruído lá dentro e vejo que ela está em casa. Respiro fundo.

A porta abre. É ela. Exatamente como me lembrava dela.

Ela olha para mim por alguns segundos.

– Sim? Eu a conheço?

A senhoria ainda está vigiando. Ela subiu alguns degraus para me manter sob sua vista. Eu olho rapidamente para ela, e depois para a Srta. Starling.

– Meu nome é Grace. Grace Reeves. Eu conheci a senhora na Mansão Riverton.

Seu rosto se iluminou.

– Grace. É claro. Que bom ver você. – O tom de voz que ela usava para manter distância entre ela e a criadagem de Riverton. Ela sorri e me convida a entrar.

Eu não planejei nada antes. A ideia de visitá-la me veio de repente.

A Srta. Starling está em pé na pequena sala, esperando que eu me sente para ela poder se sentar também.

Ela me oferece uma xícara de chá e parece indelicado recusar. Quando desaparece no que imagino ser uma quitinete, eu examino a sala. É mais clara do que o corredor, e suas janelas, bem como o apartamento, estão escrupulosamente limpas. Ela tirou o melhor proveito que pôde de uma situação modesta.

Ela volta com uma bandeja. Bule, açucareiro, duas xícaras.

– Que bela surpresa! – No seu olhar, uma pergunta que ela é educada demais para fazer.

– Eu vim pedir um favor – digo.

Ela faz um gesto afirmativo com a cabeça.

– O que é?

– A senhora sabe estenografia?

– É claro – ela diz, franzindo de leve a testa. – Pitman's e Gregg's.

É a minha última oportunidade de recuar, de ir embora. Eu poderia dizer a ela que me enganei, largar a xícara e me dirigir até a porta. Descer a escada correndo, sair para a rua e nunca mais voltar. Mas aí eu nunca saberia. E preciso saber.

– A senhora pode ler uma coisa para mim? Pode me dizer o que está escrito aqui?

– É claro.

Eu lhe entrego o bilhete. Prendo a respiração, torcendo para ter tomado a decisão certa.

Seus olhos claros examinam o papel, linha por linha, muito devagar para a minha ansiedade. Finalmente, ela limpa a garganta.

– Está escrito: “Obrigada por sua ajuda no caso desagradável do filme. Eu não teria conseguido sem você. T. não ficou nada satisfeito... Sei que você pode imaginar. Eu não contei tudo a ele, não contei nada sobre nossa visita àquele lugar horrível. Ele não gosta de segredos. Eu sei que posso contar com você, minha fiel Grace, mais uma irmã do que uma criada.” – Ela olha para mim. – Isso faz sentido para você?

Eu balanço a cabeça, incapaz de falar. Mais uma irmã. Uma irmã. De repente, eu estou em dois lugares ao mesmo tempo: aqui na modesta sala de estar de Lucy Starling e, muito tempo atrás, no quarto das crianças em Riverton, contemplando com inveja duas meninas com os mesmos penteados e laços de fita. Trocando segredos.

A Srta. Starling devolve o bilhete, mas não faz mais comentário algum a respeito do que leu. Eu percebo, de repente, que ele pode ter despertado suspeitas, com sua menção a casos desagradáveis e segredos.

– Faz parte de um jogo – digo depressa, depois mais devagar, deliciando-me com a mentira. – Um jogo que jogamos às vezes.

– Que bom – diz a Srta. Starling, sorrindo naturalmente. Ela é secretária, está acostumada a ouvir e esquecer as confidências dos outros.

Nós terminamos o chá conversando sobre Londres e os velhos tempos em Riverton. Fico surpresa ao ouvir que a Srta. Starling sempre ficava nervosa quando tinha que ir ao andar de baixo. Que ela achava o Sr. Hamilton mais imponente que o Sr. Frederick. Nós duas rimos quando eu disse a ela que nós ficávamos tão nervosas quanto ela.

– Por minha causa? – ela diz, enxugando o canto dos olhos com um lenço. – Isso é muito engraçado.

Quando me levanto para ir embora, ela me convida para voltar lá, e eu digo que voltarei. E tenho mesmo esta intenção. Pergunto a mim mesma por que não fiz isso antes: ela é uma pessoa simpática, e nenhuma de nós tem outros contatos em Londres. Ela vai comigo até a porta e nos despedimos.

Quando me viro para sair, vejo algo na mesinha. Olho mais de perto.

Um programa de teatro.

Eu não daria maior importância a ele, mas o nome era familiar.

– *Princesa Ida?* – digo.

– Sim. – Ela olha para a mesa. – Eu assisti na semana passada.

– Ah, é?

– Foi muito divertido. Você precisa ir se tiver tempo.

– Sim. Eu tinha planejado ir.

– Pensando bem – ela diz –, foi uma coincidência você ter vindo aqui hoje.

– Uma coincidência? – Fiquei gelada por dentro.

– Você nunca vai adivinhar com quem eu fui ao teatro.

Ah, mas acho que vou.

– Alfred Steeple. Você se lembra de Alfred? Lá de Riverton?

– Sim – respondo.

– Foi inteiramente inesperado. Ele tinha um ingresso sobrando. Alguém desmarcou com ele no último minuto. Ele disse que estava preparado para ir sozinho e então lembrou que eu estava em Londres. Nós nos encontramos por acaso há mais de um ano e ele ainda se lembrava do meu endereço. Então nós fomos juntos; era uma pena desperdiçar um ingresso, você sabe o quanto eles são caros hoje em dia.

Será que é imaginação minha o tom rosado que se espalha pelo rosto pálido, sardento, deixando-a sem jeito como uma menina, apesar de ser pelo menos dez anos mais velha do que eu?

Eu disfarço e digo até logo enquanto ela fecha a porta atrás de mim. Ao longe, um carro buzina.

Alfred, o meu Alfred, levou outra mulher ao teatro. Riu junto com ela, pagou seu jantar, levou-a para casa.

Eu desço a escada.

Enquanto eu estava procurando por ele, percorrendo as ruas, ele estava aqui, convidando a Srta. Starling para acompanhá-lo. Dando-lhe o ingresso que tinha comprado para mim.

Eu paro, me encosto na parede. Fecho os olhos e aperto os punhos. Não consigo tirar esta imagem da cabeça: os dois de braços dados, sorrindo enquanto recordam os eventos da noite. Como eu tinha sonhado que nós dois faríamos. É intolerável.

Um ruído ali pertinho. Eu abro os olhos. A senhoria está parada no final da escada, com a mão nodosa no corrimão, olhando-me por trás dos óculos. Em seu rosto indelicado eu vejo uma expressão de inexplicável satisfação. É claro que ele foi com ela, sua expressão diz, o que ele ia querer com uma moça como você, quando pode ter alguém como Lucy Starling? Você está querendo demais. Devia ter escutado sua mãe e ficado no seu lugar.

Eu tenho vontade de bater naquele rosto cruel.

Desço correndo o resto da escada, passo pela velha e saio para a rua.

E juro nunca mais tornar a ver Lucy Starling.

Hannah e Teddy estão discutindo a respeito da guerra. Parece que todo o mundo em Londres está discutindo a respeito da guerra atualmente. Já se passou bastante tempo e, embora a dor não tenha passado, nunca vá passar, a distância está permitindo que as pessoas tenham uma visão mais crítica.

Hannah está fazendo papoulas com papel fino vermelho e arame preto, e eu estou ajudando. Mas minha mente não está no trabalho. Continuo pensando em Alfred e Lucy Starling. Estou confusa e zangada, mas, principalmente, magoada por ele ter transferido sua

afeição com tanta facilidade. Eu escrevi outra carta para ele, mas ainda não tive resposta. Enquanto isso, sinto-me estranhamente vazia; à noite, no quarto escuro, tenho chorado bastante. De dia é mais fácil, eu consigo controlar as emoções, colocar minha máscara de criada e tentar ser a melhor camareira possível. E tenho que ser. Porque, sem Alfred, Hannah é tudo que tenho.

As papoulas são a nova causa de Hannah. Isto tem a ver com as papoulas dos campos de Flandres, segundo ela. As papoulas de um poema escrito por um oficial médico canadense que não sobreviveu à guerra. É como vamos recordar os mortos na guerra este ano.

Teddy acha isto desnecessário. Ele pensa que os que morreram na guerra fizeram um sacrifício nobre, mas que está na hora de seguir adiante.

– Não foi um sacrifício – Hannah diz, terminando mais uma papoula –, foi um desperdício. Suas vidas foram desperdiçadas. Aqueles que morreram e aqueles que voltaram: os mortos-vivos, que ficam sentados nas esquinas com garrafas de bebida e chapéus de mendigos.

– Sacrifício, desperdício, a mesma coisa – diz Teddy. – Você está sendo pedante.

Hannah diz que ele está sendo obtuso. Ela não ergue os olhos quando diz que ele também deveria usar uma papoula. Talvez isso acabasse com o problema no andar de baixo.

Tem havido dificuldades ultimamente. Elas começaram depois que Lloyd George deu um título de nobreza a Simion por serviços prestados durante a guerra. Alguns dos criados estiveram na guerra, ou perderam pais e irmãos, e não apreciam muito a atuação de Simion durante a guerra. Eles não têm simpatia alguma por pessoas como Simion e Teddy, que eles consideram ter ganhado dinheiro às custas da morte de outras pessoas.

Teddy não responde, não completamente. Ele resmunga alguma coisa sobre as pessoas serem ingratas e que elas deviam ficar contentes de terem um emprego, mas pega uma papoula, girando-a

pela haste de arame. Ele fica calado, fingindo que está atento ao que diz o jornal. Hannah e eu continuamos a enrolar papel vermelho, a prender as pétalas nas hastes.

Teddy dobra o jornal e o joga em cima da mesinha ao lado dele. Fica de pé e ajeita o paletó. Diz que vai para o clube. Aproxima-se de Hannah e enfia-lhe a papoula no cabelo. Ela pode usá-la para ele, ele diz, a papoula fica melhor nela do que nele. Teddy se inclina e beija o rosto dela, depois atravessa a sala. Ao chegar à porta, ele hesita, como se tivesse se lembrado de alguma coisa, e se vira.

– Só existe uma maneira de esquecer a guerra – ele diz. – Substituir as vidas perdidas por novas vidas.

É a vez de Hannah ficar calada. Ela enrijece o corpo, mas de forma quase imperceptível. Ela não olha para mim. Apenas levanta a mão e tira a papoula de Teddy do cabelo.

No outono de 1921, eu sou abordada. Uma amiga de Estella, Lady Pemberton-Brown, se aproxima de mim durante um fim de semana no campo e me oferece um emprego. Ela começa elogiando a minha costura, depois diz que é difícil encontrar uma boa camareira e que ela gostaria muito que eu fosse trabalhar para ela.

Eu fico envaidecida: é a primeira vez que alguém quer os meus serviços. Os Pemberton-Brown moram em Glenfield Hall e são uma das famílias mais antigas e importantes da Inglaterra. O Sr. Hamilton costumava nos contar histórias sobre Glenfield, pois a casa era o termo de comparação para todo mordomo inglês.

Eu agradeço as suas palavras gentis, mas esclareço que não posso deixar o meu emprego. Digo a ela que conheço o meu lugar, sei a quem devo obrigações.

Semanas mais tarde, quando estamos de volta ao número dezessete, Hannah descobre sobre Lady Pemberton-Brown. Ela me chama à sala de visitas uma manhã e, assim que entro, percebo que ela não está satisfeita, embora ainda não saiba o motivo. Ela está andando de um lado para outro.

– Você pode imaginar, Grace, o que é descobrir no meio de um almoço, com sete outras mulheres querendo me fazer de tola, que alguém tentou roubar a minha criada particular?

Eu sou apanhada de surpresa.

– Estar sentada no meio de um grupo de mulheres e ouvi-las falar sobre isso, rindo, fingindo surpresa por eu não saber. Por uma coisa dessas ter acontecido bem debaixo do meu nariz? Por que você não me contou?

– Desculpe, madame.

– É bom mesmo se desculpar. Eu preciso poder confiar em você, Grace. Achei que podia, depois de tanto tempo, depois de tudo o que passamos juntas...

Eu ainda não tinha tido notícias de Alfred. O cansaço e a preocupação transpareciam na minha voz.

– Eu disse não a Lady Pemberton-Brown, madame. Não pensei em mencionar isso porque não pensei em aceitar.

Hannah para, olha para mim, suspira. Ela se senta na beirada do sofá e sacode a cabeça. Sorri de leve.

– Ah, Grace, eu sinto muito. Não sei por que falei assim com você. – Ela estava mais pálida do que habitualmente.

Ela apoia a testa numa das mãos e não diz nada por algum tempo. Quando ergue a cabeça, olha para mim e fala numa voz baixa e trêmula:

– É tão diferente do que eu tinha pensado, Grace.

Ela parece tão frágil que me arrependo imediatamente de ter falado com ela com tanta severidade.

– O quê, madame?

– Tudo. – Ela faz um gesto cansado. – Isto. Esta sala. Esta casa. Londres. A minha vida. – Ela olha para mim. – Eu me sinto tão despreparada. Às vezes tento rememorar tudo e ver quando fiz a primeira escolha errada. – Ela olha distraidamente para a janela. – Eu sinto como se Hannah Hartford, a verdadeira, tivesse fugido para viver sua vida real e me deixado aqui no lugar dela. – Após alguns

instantes, ela torna a olhar para mim. – Você se lembra de quando fui àquela médium, no início deste ano?

– Sim, madame. – Um tremor de medo.

– Ela acabou não me dizendo nada.

Alívio, mas por pouco tempo.

– Ela não conseguiu. Não quis. E pretendia dizer: ela me fez sentar, tirar uma carta. Mas quando eu lhe dei a carta, ela a enfiou de volta no baralho, embaralhou e me fez tirar outra. Eu vi pelo seu rosto que foi a mesma carta, e soube que carta era. A carta da morte. – Hannah se levanta e caminha pela sala. – Ela não quis me contar, a princípio. Tentou ler a palma da minha mão, mas também desistiu. Disse que não sabia o que aquilo queria dizer, que estava enevoado, que sua visão estava enevoadada, mas ela disse que uma coisa era certa. – Hannah se vira e olha para mim. – Disse que a morte estava me rondando e que eu devia tomar cuidado. Morte passada ou morte futura, ela não sabia dizer, mas que havia uma escuridão.

Eu faço um esforço enorme para dizer a ela que não fique nervosa com isso, que é só uma forma de tirar mais dinheiro dela, de ter certeza de que ela voltará para outras leituras. Afinal, não existe ninguém em Londres que não tenha perdido algum ente querido, e são essas pessoas que buscam o serviço de uma médium. Mas Hannah sacode impacientemente a cabeça.

– Eu sei o que ela quis dizer. Compreendi por mim mesma. Tenho lido a respeito. Era uma morte metafórica. Às vezes as cartas falam por metáforas. Sou eu. Eu estou morta por dentro; já faz tempo que sinto isso. Como se eu tivesse morrido e tudo o que está acontecendo fosse o sonho estranho e terrível de outra pessoa.

Eu não sei o que dizer. Digo que ela não está morta. Que tudo é real.

Ela sorri tristemente.

– Ah, então é pior. Se esta é a vida real, então eu não tenho nada.

Pela primeira vez eu sei a coisa perfeita a dizer. “Mais uma irmã do que uma criada.”

– A senhora tem a mim, madame.

Ela olha para mim e segura a minha mão. Aperta-a com força.

– Não me abandone, Grace, por favor, não me abandone.

– De jeito algum, madame – digo, comovida. – Nunca.

– Você jura?

– Juro.

E eu mantive minha palavra. Para o bem e para o mal.

Ressurreição

Escuridão. Imobilidade. Sombras. Isto não é Londres; isto não é a sala íntima do número dezessete de Grosvenor Square. Hannah desapareceu. Por ora.

– Seja bem-vinda de volta. – Uma voz na escuridão, alguém debruçado sobre mim.

Eu pisco os olhos. Mais uma vez, devagar.

Eu conheço a voz. É Sylvia, e, de repente, eu estou velha e cansada.

– Você passou muito tempo dormindo. Deu-nos um bom susto. Como está se sentindo?

Deslocada. Abandonada. Fora de época.

– Você quer um copo d’água?

Devo ter assentido, porque há um canudo em minha boca. Eu chupo. Água tépida. Familiar.

Sinto-me estranhamente triste. Não, não estranhamente. Estou triste porque a balança pesou, e eu sei o que vem por aí.

É sábado de novo. Já se passou uma semana desde a feira da primavera. Desde o meu episódio, como ele agora é conhecido. Eu estou no meu quarto, na minha cama. As cortinas estão abertas e o sol está se refletindo na lareira. É de manhã e há pássaros. Estou esperando uma visita. Sylvia esteve aqui e me arrumou. Estou recostada, como a boneca da Srta. Polly, num monte de travesseiros. O lençol de cima foi dobrado de modo a formar uma larga faixa sob as minhas mãos. Ela fez questão de me deixar apresentável. Deus a abençoe, ela até escovou meus cabelos. E desta vez eu me lembrei de agradecer.

Alguém bate à porta.

Ursula enfia a cabeça na porta, vê que estou acordada e sorri. Seu cabelo está puxado para trás hoje, revelando o seu rosto.

Ela agora está ao lado da cama, a cabeça inclinada, olhando para mim. Aqueles grandes olhos escuros: olhos que pertencem a um quadro a óleo.

– Como você está? – ela pergunta, como todo o mundo.

– Muito melhor. Obrigada por vir.

Ela balança rapidamente a cabeça de um lado para outro; não seja boba, seu gesto diz.

– Eu teria vindo antes. Mas só soube ontem, quando liguei para cá.

– Foi melhor não ter vindo. Eu estava bem vigiada. Minha filha se instalou aqui desde que passei mal. Eu dei um susto e tanto nela.

– Eu sei. Eu a vi no salão. – Ela sorri conspiratoriamente. – Ela me pediu para não excitar você.

– Nem pensar.

Ela se senta na cadeira ao lado dos meus travesseiros, põe a bolsa no chão.

– O filme – digo. – Como vai indo o filme?

– Está quase pronto. A edição final está pronta e estamos terminando a trilha sonora.

– Trilha sonora – digo. É claro que vai ter uma trilha sonora. A tragédia deve ter sempre um fundo musical. – De que tipo?

– Há algumas canções dos anos vinte – ela diz. – Canções para dançar, principalmente, e um pouco de piano. Triste, lindo, romântico, estilo Tori Amos.

Eu devo ter feito um ar vago, porque ela continua, desencavando músicos do meu tempo.

– Tem Debussy, Prokofiev.

– Chopin?

Ela ergue as sobrancelhas.

– Chopin? Não. Deveria ter? – Ela faz uma cara desapontada. – Você não vai me dizer que uma das meninas era louca por Chopin,

vai?

– Não. O irmão delas, David, que tocava Chopin.

– Ah, felizmente. Ele não é um personagem importante. Morreu cedo demais para afetar os acontecimentos.

Isto era discutível, mas eu não discuto.

– Como ele é? – pergunto. – É um bom filme?

Ela morde o lábio, suspira.

– Acho que sim. Espero que sim. Talvez me falte o distanciamento necessário para dizer.

– Ele é como você imaginava?

Ela reflete.

– Sim e não. É difícil explicar. – Ela torna a suspirar. – Antes de começar, quando estava tudo na minha cabeça, o projeto tinha um potencial ilimitado. Agora que está no filme, ele parece cercado de limitações.

– Acho que isso acontece com a maioria dos empreendimentos.

Ela concorda com um movimento de cabeça.

– Mas eu me sinto tão responsável por eles; por sua história. Eu queria que ela fosse perfeita.

– Nada é perfeito.

– Não. – Ela sorri. – Às vezes eu acho que sou a pessoa errada para contar a história deles. E se eu tiver me enganado? O que é que eu sei de fato?

– Lytton Strachey costumava dizer que a ignorância era o primeiro requisito de um historiador.

Ela franze a testa.

– A ignorância clarifica – digo. – Ela escolhe e omite com plácida perfeição.

– Excesso de verdade atrapalha uma boa história, é isso que você está dizendo?

– Algo assim.

– Mas a verdade não é o mais importante? Particularmente num retrato biográfico?

– O que é a verdade? – pergunto, e sacudiria os ombros se tivesse forças.

– É o que realmente aconteceu. – Ela olha para mim como se eu tivesse finalmente ficado gagá. – Você sabe disso. Passou anos escavando o passado. Buscando a verdade.

– Sim, e me pergunto se algum dia a encontrei. – Estou escorregando nos travesseiros. Ursula percebe e me ergue delicadamente pelos braços. Eu continuo, antes que ela possa discutir mais sobre semântica. – Eu queria ser um detetive. Quando era jovem.

– É mesmo? Um detetive da polícia? O que a fez mudar de ideia?

– Policiais me deixam nervosa.

Ela ri.

– Isso teria sido um problema.

– Em vez disso, eu me tornei arqueóloga. Eles não são tão diferentes assim, pensando bem.

– Só que as vítimas já morreram há mais tempo.

– Exatamente. Foi Agatha Christie quem me deu a ideia. Ou um de seus personagens. Ele disse para Hercule Poirot: “O senhor teria sido um bom arqueólogo, Sr. Poirot. O senhor tem o dom de recriar o passado.” Eu li isto durante a guerra. A Segunda Guerra. Eu tinha parado de ler histórias de mistério nessa época, mas uma das outras enfermeiras tinha o livro, e é difícil abandonar velhos hábitos.

Ursula sorri e solta uma exclamação:

– Ah! Isso me faz lembrar de uma coisa. Eu trouxe algo para você. – Ela tira da bolsa uma caixinha retangular.

Ela é do tamanho de um livro, mas range.

– É uma fita – ela diz. – De Agatha Christie. – Ela ergue os ombros, envergonhada. – Eu não sabia que você tinha se cansado de mistérios.

– Não faz mal. Foi um cansaço temporário, uma tentativa tola de me livrar do meu eu jovial. Eu o retomei assim que a guerra

terminou.

Ela aponta para o gravador na mesinha de cabeceira.

– Posso colocar a fita antes de ir embora?

– Sim. Faça isso.

Ela tira a embalagem, pega a fita e abre o gravador.

– Já tem uma fita aqui dentro. – Ela me mostra o gravador. É a fita que estou gravando para Marcus. – É para ele? Para o seu neto?

Eu confirmo com a cabeça.

– Pode deixá-la em cima da mesa, por favor; vou precisar dela mais tarde. – E vou mesmo. Meu tempo está acabando, posso sentir isso, e estou determinada a concluí-la antes de partir.

– Teve alguma notícia dele? – ela pergunta.

– Ainda não.

– Você terá – ela diz com firmeza. – Tenho certeza.

Estou cansada demais para acreditar, mas concordo assim mesmo; a convicção dela é fervorosa.

Ursula põe Agatha no lugar e devolve o gravador para a mesinha.

– Pronto. – Ela pendura a bolsa no ombro. Está saindo.

Eu estendo a mão quando ela se vira e agarro a dela. Tão macia.

– Quero pedir uma coisa. Um favor, antes que Ruth...

– É claro. Qualquer coisa. – Ela está curiosa, percebeu a urgência em minha voz. – O que é?

– Riverton. Eu quero ver Riverton. Quero que você me leve até lá.

Ela comprime os lábios. Franze a testa. Eu a deixei numa situação difícil.

– Por favor.

– Não sei, Grace. O que Ruth iria dizer?

– Ela diria não. Por isso é que não pedi a ela.

Ela olha para a parede. Eu a deixei nervosa.

– Talvez eu pudesse trazer algumas das cenas que filmamos lá para você assistir. Eu podia gravá-las.

– Não – respondo com firmeza. – Eu preciso voltar. – Ela continua olhando para o outro lado. – Logo. Eu preciso ir logo.

Ela olha para mim, e eu sei que ela vai dizer sim antes mesmo que ela o faça.

Eu agradeço com um movimento de cabeça, depois aponto para a fita que Ursula trouxe.

– Eu a conheci, sabe. Agatha Christie.

Foi no final de 1922. Teddy e Hannah estavam dando um jantar no número dezessete. Teddy e o pai tinham negócios com Archibald Christie, algo a ver com uma invenção que ele estava interessado em desenvolver.

Eles recebiam muito naqueles primeiros anos da década. Mas eu me lembro daquele jantar, especialmente, por diversas razões. Uma delas era a presença da própria Agatha Christie. Ela só tinha publicado um livro, na época, *O misterioso caso de Styles*, mas Hercule Poirot já substituíra Sherlock Holmes na minha imaginação.

Emmeline também estava lá. Fazia um mês que estava em Londres. Tinha, então, dezoito anos e comemorara o seu debut no número dezessete. Ninguém falava em arranjar-lhe um marido, como haviam feito com Hannah. Só havia passado quatro anos desde o baile em Riverton, mas os tempos tinham mudado. As moças tinham mudado. Haviam se libertado dos corpetes e se entregado à tirania das “dietas”. Tinham pernas finas, peitos achatados e cabelos lisos. Não cochichavam mais por trás das mãos nem lançavam olhares tímidos. Elas contavam piadas e bebiam, fumavam e praguejavam com os rapazes. As cinturas tinham baixado, os tecidos eram diáfanos e a moral mais diáfana ainda.

Talvez isso explicasse a conversa estranha daquela noite no jantar, ou talvez fosse a própria Sra. Christie. Para não falar da

quantidade de artigos recentes de jornal sobre o assunto.

– Ambos vão ser enforcados – Teddy disse, animadamente. – Edith Thompson e Freddy Bywaters. Igual àquele outro sujeito que matou a mulher. No início do ano, no País de Gales. Como era o nome dele? Um cara do exército, não, um coronel?

– Major Herbert Rowse Armstrong – respondeu o coronel Christie.

Emmeline sacudiu teatralmente os ombros.

– Imagine matar a própria esposa, alguém que você deveria amar.

– A maioria dos assassinatos é cometido por pessoas que dizem amar a outra – a Sra. Christie disse secamente.

– As pessoas, de forma geral, estão ficando mais violentas – comentou Teddy, acendendo um charuto. – Basta abrir o jornal para ver isso. Apesar da proibição de armas de fogo.

– Estamos na Inglaterra, Sr. Luxton – disse o coronel Christie. – O país da caça à raposa. Obter armas de fogo não é difícil.

– Eu tenho um amigo que sempre carrega um revólver – disse Emmeline levemente.

– Não tem, não – disse Hannah, sacudindo a cabeça. Ela olhou para a Sra. Christie. – Acho que minha irmã tem visto filmes americanos em excesso.

– Tenho, sim – Emmeline insistiu. – Este amigo, que não vou dizer o nome, disse que é tão fácil quanto comprar um maço de cigarros. Ele se ofereceu para me conseguir um, se eu quisesse.

– Harry Bentley, eu aposto – disse Teddy.

– Harry? – Emmeline disse, arregalando os olhos com os cílios pintados de preto. – Harry não faria mal a uma mosca! Seu irmão Tom, talvez.

– Você conhece muita gente que não presta – disse Teddy. – Será que preciso lembrar a você que revólveres são ilegais, além de muito perigosos?

Emmeline sacudiu os ombros.

– Eu sei atirar desde pequena. Todas as mulheres da nossa família sabem atirar. Vovó nos teria deserdado se não soubéssemos. Pode perguntar a Hannah: ela tentou escapar da caçada um ano, disse à vovó que não era certo matar animais indefesos. Vovó ficou uma fera, não foi, Hannah?

Hannah ergueu uma sobrancelha e tomou um gole de vinho enquanto Emmeline continuava.

– Ela disse: “Bobagem. Você é uma Hartford. Atirar está no seu sangue.”

– Que seja – disse Teddy. – Nesta casa eu não quero revólver algum. Posso imaginar o que os meus eleitores diriam se eu tivesse armas ilegais.

Emmeline revirou os olhos e Hannah disse:

– Futuros eleitores.

– Calma, Teddy – disse Emmeline. – Você não vai precisar se preocupar com armas de fogo se continuar assim. Vai acabar tendo um ataque cardíaco. Eu não disse que ia comprar um revólver. Eu só estava dizendo que uma moça tem que tomar muito cuidado hoje em dia. Com todos esses maridos matando as esposas e as esposas matando os maridos. A senhora não concorda, Sra. Christie?

Agatha Christie tinha assistido à discussão com um ar de ironia.

– Eu não tenho muita simpatia por armas de fogo – ela disse. – Gosto mais de venenos.

Mais tarde, naquela mesma noite, depois que os Christie se retiraram, eu tirei meu exemplar de *O misterioso caso de Styles* de baixo da cama. Tinha sido um presente de Alfred, eu estava tão absorta relendo sua dedicatória que mal percebi o telefone tocando. O Sr. Boyle deve ter atendido e transferido a ligação para Hannah. Eu não dei importância ao assunto. Só quando o Sr. Boyle bateu à porta do meu quarto e disse que a patroa queria me ver foi que comecei a ficar preocupada.

Hannah ainda estava usando seu vestido de seda cor de ostra. Fluido como água. Seu cabelo louro caía em ondas sobre o rosto e uma fileira de diamantes coroava sua cabeça. Ela estava de costas para mim e se virou quando entrei.

– Grace – ela disse, segurando minhas mãos. O gesto me preocupou. Era pessoal demais. Alguma coisa tinha acontecido.

– Madame?

– Sente-se, por favor. – Ela me fez sentar no sofá e então olhou para mim, com um olhar preocupado.

– Madame?

– Era a sua tia ao telefone.

Então eu soube.

– Sinto muito, Grace. – Ela sacudiu a cabeça devagar. – Sua mãe sofreu uma queda. O médico não pôde fazer nada.

Hannah conseguiu transporte para eu ir para Saffron Green. Na tarde seguinte, o carro veio e eu fui acomodada no banco traseiro. Foi muita gentileza dela, e muito mais do que eu esperava; eu estava disposta a tomar o trem. Bobagem, Hannah disse, ela só sentia não poder ir comigo, já que Teddy estava recebendo um cliente para jantar.

Eu fiquei olhando pela janela enquanto o motorista descia uma rua após outra, e Londres ia ficando menos imponente, mais velha e difusa, até desaparecer atrás de nós. A paisagem do campo voava, e quanto mais nos dirigíamos para leste, mais frio ficava. As janelas ficaram manchadas de chuva, deixando a paisagem borrada; o inverno tinha tirado toda a vitalidade do mundo. Campinas cobertas de neve dissolviam-se no céu alaranjado, dando lugar, aos poucos, à velha floresta de Essex, toda marrom acinzentada e verde.

Saímos da estrada principal e entramos no caminho para Saffron, passando pelos charcos frios e solitários. Bambus prateados tremiam em riachos congelados e barbas-de-velho pendiam como renda das árvores nuas. Eu contei as curvas e, por algum motivo,

prendi a respiração, só soltando o ar depois que tínhamos passado da bifurcação que levava a Riverton. O motorista entrou na aldeia e me levou até o chalé de pedras cinzentas de Market Street, apertado, como sempre estivera, entre suas duas casas gêmeas. O motorista abriu a porta para mim e pôs minha pequena mala sobre a calçada molhada.

– Chegamos – ele disse.

Eu agradei a ele.

– Venho buscá-la dentro de cinco dias – ele disse –, como a patroa mandou.

Eu vi o carro descer a rua, virar na Saffron High Street, e senti uma vontade enorme de chamá-lo de volta e implorar que não me deixasse ali. Mas era tarde demais para isso. Eu fiquei parada, sob a luz fraca do crepúsculo, contemplando a casa onde tinha passado os primeiros catorze anos da minha vida, o lugar onde minha mãe tinha vivido e morrido. E não senti nada.

Eu não tinha sentido nada desde que Hannah me contou o que acontecera. Durante toda a viagem de volta a Saffron, eu tinha tentado recordar. Minha mãe, meu passado, meu eu. Para onde vão as lembranças da infância?

As luzes da rua se acenderam – amarelas no ar frio – e começou a cair uma neve fininha. Meu rosto já estava dormente e vi os flocos na luz do poste antes de senti-los na pele.

Peguei minha mala, tirei a chave e estava subindo a escada quando a porta abriu. Minha tia Dee, irmã da minha mãe, apareceu. Segurava um lampião que lançava sombras em seu rosto, fazendo-a parecer mais velha e mais acabada do que, na verdade, ela era.

– Aí está você – ela disse. – Entre.

Ela me levou primeiro para a sala. Disse que estava usando a minha antiga cama, então eu teria que dormir no sofá. Eu encostei minha mala na parede e ela bufou defensivamente.

– Preparei uma sopa. Pode não ser o que você está acostumada a comer na sua elegante casa de Londres, mas sempre serviu para

gente como eu.

– Sopa está ótimo – eu disse.

Nós comemos silenciosamente na mesa de mamãe. Titia sentou-se à cabeceira com o calor do fogão atrás dela e eu me sentei na cadeira de mamãe, perto da janela. A neve estava caindo mais pesada agora, batendo na vidraça. O único outro som era o das nossas colheres raspando no prato e do fogo crepitando no fogão a lenha.

– Acho que você quer ver sua mãe – minha tia disse quando terminamos.

Ela estava deitada no colchão, com o cabelo solto. Eu estava acostumada a vê-la com o cabelo preso para trás; ele era muito comprido e muito mais fino do que o meu. Alguém – minha tia? – tinha puxado um cobertor fino até o seu queixo, como se ela estivesse dormindo. Ela parecia mais cinzenta, mais velha, mais encolhida do que eu me lembrava. Era difícil ver o contorno do seu corpo. Dava até para imaginar que não havia um corpo, que ela estava se desintegrando, pedaço por pedaço.

Nós descemos e minha tia fez um chá. Nós o tomamos na sala e falamos muito pouco. Depois eu disse que estava cansada da viagem e comecei a fazer minha cama no sofá. Estendi o lençol e o cobertor que minha tia deixara lá para mim, mas, quando procurei a almofada de mamãe, ela não estava no lugar de sempre. Minha tia estava observando.

– Se você está procurando a almofada, eu joguei fora. Estava imunda. Rasgada. Encontrei um buraco no fundo. E ela uma costureira! – Seu tom era de censura. – Eu queria saber o que ela estava fazendo com o dinheiro que eu mandava para ela!

E saiu da sala. Foi para a cama no quarto ao lado do da irmã morta. As tábuas do assoalho rangeram no andar de cima, as molas da cama gemeram e, então, fez-se silêncio.

Eu fiquei deitada no escuro, mas não consegui dormir. Fiquei imaginando minha tia olhando com olhos críticos para as coisas da

minha mãe; minha mãe que foi apanhada de surpresa, sem poder se preparar, melhorar as coisas. Eu devia ter sido a primeira a chegar. Teria arrumado tudo, não teria deixado minha mãe fazer feio. Finalmente, chorei.

Nós a enterramos no cemitério, perto da área de exposições. O vigário leu rapidamente um trecho da Bíblia, com um olho no céu – se para o Senhor ou o tempo, eu não sei dizer. Ele falou sobre dever e compromisso e o rumo que isso dá à vida de uma pessoa.

Um vento gelado fazia a saia bater nas minhas pernas. Eu olhei para o céu escuro e notei a figura na colina, perto do velho carvalho. Era um homem, um cavalheiro; eu pude ver isso muito bem. Ele usava um longo casaco preto e um chapéu-coco. Carregava uma bengala, ou talvez fosse um guarda-chuva. Eu não dei muita importância, a princípio; achei que era alguém visitando um outro túmulo. Se era estranho que um cavalheiro, que com certeza tinha seu próprio cemitério dentro de sua propriedade, estivesse no meio dos túmulos da cidade, eu não pensei nisso na hora.

Quando o vigário lançou o primeiro punhado de terra sobre o caixão de mamãe, eu tornei a olhar para a árvore. O cavalheiro ainda estava lá. Olhando para nós, eu percebi. A neve começou a cair e o homem olhou para cima, de modo que seu rosto ficou na luz.

Era o Sr. Frederick. Mas ele estava mudado. Como a vítima da maldição do conto de fadas, ele de repente estava velho.

O vigário terminou apressadamente a cerimônia e o coveiro mandou que o túmulo fosse coberto rapidamente por causa do tempo.

Minha tia estava ao meu lado.

– Que ousadia a dele – ela disse, e a princípio eu achei que estava se referindo ao coveiro ou então ao vigário. Mas, quando acompanhei seu olhar, ela estava olhando para o Sr. Frederick. Fiquei imaginando como ela sabia quem ele era. Achei que mamãe

devia ter dito a ela durante uma de suas visitas. – Que ousadia. Mostrar a cara aqui. – Ela sacudiu a cabeça e comprimiu os lábios.

As palavras dela não faziam sentido, mas quando me virei para perguntar o que estava dizendo, ela já tinha se afastado, estava sorrindo para o vigário, agradecendo-lhe pela cerimônia. Eu achei que ela culpava a família Hartford pelos problemas de saúde de mamãe, mas a acusação era injusta. Pois, embora fosse verdade que os anos de trabalho tivessem prejudicado as costas de mamãe, foram a artrite e a gravidez que a prejudicaram de vez.

De repente, eu esqueci a minha tia. Parado ao lado do vigário, com um chapéu preto na mão, estava Alfred.

Do outro lado do túmulo, seus olhos encontraram os meus, e ele ergueu a mão.

Eu hesitei, cumprimentei-o com um movimento súbito de cabeça que fez meus dentes baterem.

Ele começou a andar. Veio em minha direção. Eu fiquei olhando, com medo de desviar a vista e ele desaparecer. Ele chegou e disse:

– Como você vai indo?

Eu tornei a balançar a cabeça. Não consegui fazer outra coisa. Na minha mente, um turbilhão de palavras girava tão depressa que eu não conseguia expressá-las. Semanas esperando uma carta dele; mágoa, perplexidade, tristeza; noites sem dormir compondo roteiros imaginários de encontros e explicações. E agora, finalmente...

– Você está bem? – ele perguntou, estendendo a mão na direção da minha, depois se arrependendo e retirando-a para a aba do chapéu.

– Sim – consegui responder, a mão pesada onde ele havia tocado nela. – Obrigada por vir.

– É claro que eu viria.

– Você não precisava ter se incomodado.

– Não foi incômodo algum, Grace – ele disse, passando os dedos pela aba do chapéu.

Estas últimas palavras flutuaram solitárias entre nós. Meu nome, familiar e seco nos lábios dele. Eu deixei minha atenção desviar-se para o túmulo de mamãe; observei o trabalho apressado do coveiro. Alfred acompanhou o meu olhar.

– Sinto muito por sua mãe.

– Eu sei – respondi depressa. – Sei que você sente.

– Ela era uma batalhadora.

– Sim – confirmei.

– Eu estive com ela na semana passada...

Eu olhei para ele.

– É mesmo?

– Levei um pouco de carvão que o Sr. Hamilton disse que estava sobrando.

– Você fez isso, Alfred? – eu disse, agradecida.

– Tem feito muito frio à noite. Não me agradava pensar que a sua mãe estivesse sentindo frio.

Senti uma enorme gratidão; eu estava me sentindo culpada, achando que mamãe tinha morrido por negligência.

Uma mão agarrou o meu pulso com firmeza. Minha tia estava ao meu lado.

– Está terminado – ela disse. – E foi uma bela cerimônia. Acho que ela não teria do que reclamar.

Alfred estava nos observando.

– Alfred, esta é a minha tia Dee, irmã de mamãe.

Minha tia apertou os olhos ao olhar para ele; uma suspeita sem fundamentos que era própria dela.

– Encantada. – Ela se virou para mim. – Vamos, senhorita – ela disse, pondo o chapéu e ajeitando o xale. – O senhorio vai chegar amanhã cedo e a casa tem que estar imaculadamente limpa.

Eu olhei para Alfred, maldizendo o muro de dúvidas que ainda havia entre nós.

– Bem – eu disse –, acho melhor nós...

– Na verdade – Alfred disse depressa –, eu estava esperando... isto é, a Sra. Townsend achou que você gostaria de ir até a casa tomar uma xícara de chá.

Alfred e eu atravessamos a aldeia, lado a lado; flocos de neve, leves demais para cair, suspensos na brisa. Por algum tempo, nós caminhamos sem dizer nada. Nossos passos abafados pela terra úmida da rua. Sinetas tocando quando uma pessoa entrava ou saía de uma loja. Um automóvel ou outro passando.

Quando nos aproximamos da Bridge Road, começamos a falar de mamãe: contei o que aconteceu no dia do botão que ficou preso na bolsa; a ida ao show de marionetes tanto tempo antes; contei a ele que tinha escapado por pouco do Foundling Hospital.

Alfred balançou a cabeça.

– Sua mãe foi muito corajosa, na minha opinião. Não deve ter sido fácil para ela, sozinha.

– Ela nunca se cansou de me dizer isso – comentei, com mais amargura do que desejava.

– Uma pena o que houve com seu pai – ele disse, quando passamos pela rua de mamãe e entramos em campo aberto. – Ter que deixá-la daquele jeito.

A princípio eu achei que tinha ouvido mal.

– Meu o quê?

– Seu pai. Uma pena as coisas não terem dado certo para os dois.

Minha voz tremeu, por mais que eu tentasse controlá-la.

– O que você sabe sobre o meu pai?

Ele ergueu os ombros.

– Só o que a sua mãe me contou. Ela disse que era jovem e o amava, mas que no fim foi impossível. Algo a ver com a família dele, seus compromissos. Ela não foi muito clara.

– Quando foi que ela contou isso a você? – perguntei num fio de voz.

– O quê?

– A respeito dele. Do meu pai. – Eu estremeci sob o xale, apertei-o mais ao redor dos ombros.

– Eu passei a visitá-la recentemente. Ela estava muito sozinha, com você morando em Londres. Eu não me incomodava de fazer companhia a ela, de vez em quando. Conversar sobre uma coisa e outra.

– Ela contou mais alguma coisa a você? – Seria possível que, depois de guardar segredos de mim durante a vida toda, mamãe tivesse se aberto com tanta facilidade no fim?

– Não – disse Alfred. – Quase nada. Nada mais sobre o seu pai. Para ser franco, era eu que falava; ela gostava mais de ouvir, você não acha?

Eu não sabia ao certo o que achava. O dia tinha sido muito perturbador. Enterrar mamãe, a inesperada chegada de Alfred, saber que ele e mamãe se encontravam regularmente, que tinham conversado sobre o meu pai. Um assunto que nunca foi mencionado entre nós. Apressei o passo quando entramos nos portões de Riverton, como se quisesse me libertar daquele dia.

Eu podia ouvir Alfred tentando me acompanhar. A umidade do caminho me agradava. Cercava-me de uma força que parecia estar me empurrando inexoravelmente para a frente.

– Eu quis escrever, Grace – ele disse. Galinhos de árvores partiam-se sob nossos pés, as árvores pareciam estar escutando. – Responder às suas cartas. – Ele me alcançou. – Eu tentei várias vezes.

– E por que não escreveu? – quis saber, continuando a andar.

– Não consegui encontrar as palavras certas. Você sabe como está a minha cabeça. Desde a guerra... – Ele ergueu a mão e bateu de leve na testa. – Tem coisas que eu não consigo mais fazer. Não como antes. Palavras e cartas são uma delas. – Ele estava andando depressa para me acompanhar. – Além disso – ele acrescentou,

sem fôlego –, havia coisas que eu precisava dizer que só podem ser ditas pessoalmente.

O ar estava deixando meu rosto gelado. Passei a andar mais devagar.

– Por que você não esperou por mim? – perguntei baixinho. – No dia do teatro?

– Eu esperei, Grace.

– Mas, quando voltei, tinha acabado de dar cinco horas.

Ele suspirou.

– Eu saí às dez para as cinco. Nós nos desencontramos por pouco. – Ele sacudiu a cabeça. – Eu teria esperado mais tempo, Grace, mas a Sra. Tibbit disse que você devia ter esquecido. Que você tinha saído para fazer um serviço e que levaria horas para voltar.

– Mas isso não era verdade!

– Por que ela inventaria uma coisa dessas? – Alfred perguntou, confuso.

Eu ergui os ombros e disse:

– Ela é assim.

Nós tínhamos chegado ao alto do caminho. Lá, sobre o penhasco, estava Riverton, grande e escura, com as sombras da noite começando a envolvê-la. Nós paramos sem querer, ficamos ali um instante antes de prosseguir, rodeando a fonte e nos dirigindo para a entrada de serviço.

– Eu fui atrás de você – eu disse, ao entrarmos no jardim das rosas.

– Não – ele disse, olhando para mim. – Foi mesmo?

Eu assenti.

– Esperei no teatro até o último momento. Achei que poderia alcançar você.

– Ah, Grace – Alfred disse, parando no começo da escadaria. – Sinto tanto.

Eu também parei.

– Eu não devia ter dado atenção à Sra. Tibbit – ele disse.

– Você não podia saber.

– Mas eu devia ter confiado em você. É só que... – Ele olhou para a porta fechada da entrada de serviço, comprimiu os lábios, suspirou. – Eu estava com a cabeça cheia, Grace. Tinha uma coisa importante para conversar com você. Para perguntar a você. Eu estava muito nervoso aquele dia. – Ele sacudiu a cabeça. – Quando achei que você tinha me dado o bolo, fiquei tão aborrecido que não pude mais aguentar. Saí de lá o mais rápido que pude. Entrei na primeira rua e continuei andando.

– Mas e Lucy... – eu disse baixinho, com os olhos nos dedos das minhas luvas. Vendo os flocos de neve desaparecer em contato com eles. – Lucy Starling...

Ele suspirou, olhou por cima do meu ombro.

– Eu levei Lucy Starling para lhe causar ciúmes, Grace. Isso eu confesso. – Ele sacudiu a cabeça. – Foi injusto fazer isso, eu sei, injusto para você e para Lucy. – Ele estendeu a mão e ergueu o meu queixo para me olhar nos olhos. – Foi a decepção que me fez fazer isso, Grace. Durante todo o caminho de Saffron até lá, eu imaginei o nosso encontro, ensaiei o que ia dizer quando nos encontrássemos.

Seus olhos me olhavam com ansiedade. Um nervo tremia em seu rosto.

– O que você ia dizer? – perguntei.

Ele sorriu nervosamente.

Um barulho e a porta da entrada de serviço foi aberta. A Sra. Townsend, seu corpanzil iluminado por trás, seu rosto corado do fogo da lareira.

– O que vocês estão fazendo aí fora no frio? – Ela se virou para falar com os outros. – Eles estão lá fora no frio! Eu não disse que eram eles? – Ela olhou para nós. – Eu disse para o Sr. Hamilton: “Sr. Hamilton, eu sei que estou ouvindo vozes lá fora.” “A senhora está imaginando coisas, Sra. Townsend”, ele disse. “Por que eles

ficariam lá fora no frio quando poderiam estar aqui no conforto?” “Eu não sei, Sr. Hamilton”, eu disse, “mas, a menos que meus ouvidos estejam enganados, eles estão lá fora.” E eu tinha razão. – Ela gritou lá para dentro: – Eu tinha razão, Sr. Hamilton. – Ela estendeu o braço e fez sinal para nós entrarmos. – Bem, entrem, vocês vão morrer de frio aí fora.

A escolha

Eu tinha esquecido o quanto era escuro no andar de baixo de Riverton. Como o teto era baixo e o chão de mármore frio. Também tinha esquecido como o vento entrava pela lareira, assobiando através do reboco das paredes de pedra. Não como o número dezessete, onde tínhamos o mais moderno sistema de isolamento e aquecimento.

– Pobrezinha – a Sra. Townsend disse, puxando-me para junto dela, apertando minha cabeça contra o seu peito quente do fogo. (Que perda para qualquer criança ficar sem esse tipo de consolo. Mas na época era assim, como mamãe sabia muito bem: a família era a primeira coisa que um empregado doméstico tinha que sacrificar.) – Sente-se aqui – ela falou. – Nancy? Uma xícara de chá para Grace.

Eu fiquei surpresa.

– Onde está Katie?

Eles trocaram olhares.

– O que foi? – perguntei. Nada de terrível, com certeza. Alfred teria dito...

– Ela se casou – Nancy disse, com um ar de censura, antes de entrar na cozinha.

Meu queixo caiu.

A Sra. Townsend baixou a voz e falou rapidamente:

– Um sujeito do norte que trabalha nas minas. Conheceu-o na aldeia, quando foi fazer uma compra para mim, aquela garota tola. Aconteceu muito depressa. Você não vai ficar surpresa em saber que ela está esperando. – Ela ajeitou o avental, satisfeita com o efeito que a notícia me causou, e olhou na direção da cozinha. – Mas não fale sobre isso com Nancy. Ela está verde de inveja, por mais que diga que não!

Eu concordo, estarrecida. A pequena Katie, casada? E esperando bebê?

Enquanto eu tentava digerir esta notícia espantosa, a Sra. Townsend continuava a me cercar de atenções, insistindo para eu me sentar mais perto do fogo, dizendo que eu estava magra e pálida demais e que ia precisar do seu pudim de Natal para melhorar. Quando ela foi buscar um prato para mim, eu senti o peso da atenção que ela estava me dando. Tirei Katie da cabeça e perguntei sobre as coisas em Riverton.

Todos ficaram calados, trocaram olhares entre si, até que o Sr. Hamilton finalmente falou.

– Bem, Grace, as coisas não estão como eram no seu tempo.

Eu perguntei o que ele queria dizer com isso, e ele endireitou o paletó.

– Está muito mais calmo atualmente. O ritmo é mais lento.

– Uma cidade fantasma – disse Alfred, que estava parado perto da porta. Ele parecia agitado desde que tínhamos entrado. – O homem lá de cima vagando pela propriedade como se fosse um morto-vivo.

– Alfred! – o Sr. Hamilton ralhou, embora com menos vigor do que eu teria esperado. – Você está exagerando.

– Não estou, não – disse Alfred. – Ora, Sr. Hamilton, Grace é uma de nós. Ela pode saber a verdade. – Ele olhou para mim. – É como eu disse a você em Londres. Depois que a Srta. Hannah partiu daquele jeito, milorde nunca mais foi o mesmo.

– Ele ficou nervoso, sim, mas não só por causa da partida da Srta. Hannah, com os dois brigados daquele jeito – disse Nancy. – Teve também a perda da fábrica, naquelas circunstâncias. E a morte da mãe. – Ela se inclinou para mim. – Se você pudesse ver o andar de cima. Nós fazemos o possível, mas não é fácil. Ele não deixa chamar ninguém para fazer consertos, diz que o barulho dos martelos e das escadas sendo arrastadas pelo chão o deixa maluco. Tivemos que fechar mais cômodos ainda. Ele disse que não ia mais

receber, então não valia a pena gastar dinheiro e energia para mantê-los. Uma vez ele me pegou tentando tirar o pó da biblioteca e quase me matou. – Ela olhou para o Sr. Hamilton e continuou: – Nós nem limpamos mais os livros.

– É porque não tem uma patroa para dirigir a casa – disse a Sra. Townsend, voltando com um prato de pudim, lambendo uma pontinha de creme do dedo. – Isso sempre acontece quando não há uma patroa.

– Ele passa a maior parte do tempo vagando pela propriedade, perseguindo ladrões imaginários – Nancy continuou – e, quando está dentro de casa, fica na sala de armas, limpando seus rifles. É assustador, se quer saber.

– Ora, Nancy – disse o Sr. Hamilton, um tanto derrotado. – Não cabe a nós questionar o patrão. – Ele tirou os óculos para esfregar os olhos.

– Sim, Sr. Hamilton – ela concordou. Então, olhou para mim e disse depressa: – Você precisava vê-lo, Grace. Você não iria reconhecê-lo. Ele está tão velho.

– Eu o vi – eu disse então.

– Onde? – o Sr. Hamilton perguntou, um tanto alarmado. Ele tornou a colocar os óculos. – Não no terreno, eu espero? Ele não estava andando perto demais do lago, estava?

– Ah, não, Sr. Hamilton – eu disse. – Nada disso. Eu o vi na aldeia. No cemitério. No enterro de mamãe.

– Ele foi ao enterro? – Nancy disse, com os olhos arregalados.

– Ele estava no alto da colina – eu disse –, mas estava olhando para nós.

O Sr. Hamilton buscou confirmação. Alfred ergueu os ombros, sacudiu a cabeça.

– Eu não notei.

– Bem, ele estava lá – eu disse com firmeza. – Eu sei o que vi.

– Acho que ele devia estar dando um passeio – o Sr. Hamilton disse, sem convicção. – Tomando um pouco de ar.

– Ele não estava andando – eu disse, em dúvida. – Estava ali parado, olhando para o túmulo.

O Sr. Hamilton trocou um olhar com a Sra. Townsend.

– Bem, ele sempre gostou da sua mãe, quando ela trabalhava aqui.

– Gostou – a Sra. Townsend disse, erguendo as sobrancelhas. – É assim que você chama isso?

Eu olhei para eles. Havia algo em suas expressões que não consegui compreender. Um conhecimento que eu não compartilhava.

– E quanto a você, Grace? – o Sr. Hamilton disse de repente. – Chega de falar em nós. Conte-nos sobre Londres. Como vai o jovem Sr. Luxton?

Eu mal ouvi as perguntas dele. Algo estava sendo construído em minha mente. Cochichos, olhares, insinuações que pairavam soltas agora estavam se juntando. Formando um quadro. Quase.

– Bem, Grace? – a Sra. Townsend disse, impaciente. – O gato comeu a sua língua? E quanto à Srta. Hannah?

– Desculpe, Sra. Townsend. Eu estava distraída.

Eles todos estavam olhando ansiosamente para mim, então eu contei a eles que Hannah estava bem. Pareceu a coisa certa a dizer. Por onde eu começaria se dissesse outra coisa? Pelas discussões com Teddy, a visita à médium, aquela história assustadora de já estar morta? Então eu falei da bela casa, e dos vestidos de Hannah, e dos convidados elegantes que eles recebiam.

– E quanto às suas obrigações? – o Sr. Hamilton perguntou. – O ritmo em Londres é bem diferente. Muitas festas? Suponho que haja uma criadagem numerosa.

Eu disse a ele que a criadagem era numerosa, mas não tão competente quanto a de Riverton, e ele pareceu satisfeito. E também contei a eles sobre a tentativa de Lady Pemberton-Brown de me contratar.

– Imagino que você tenha respondido à altura – disse o Sr. Hamilton. – Com educação, mas com firmeza, como eu sempre ensinei, não?

– Sim, Sr. Hamilton – respondi. – É claro que sim.

– Muito bem – ele disse, radiante como um pai orgulhoso. – Glenfield Hall, hein? Você deve estar famosa se gente de Glenfield Hall está tentando roubar você. Mesmo assim, você fez a coisa certa. Na nossa área de trabalho, o mais importante é a lealdade.

Todos nós concordamos. Todos, menos Alfred, eu notei.

O Sr. Hamilton também notou.

– Alfred já contou os planos dele para você? – ele disse, erguendo uma sobrancelha cor de prata.

– Que planos? – Eu olhei para Alfred.

– Eu estava tentando contar – ele disse, indo sentar-se ao meu lado. – Eu estou indo embora, Grace. Chega de sim senhor para mim.

Minha primeira impressão foi de que ele ia deixar a Inglaterra de novo. Logo quando estávamos nos acertando.

Ele riu da minha expressão.

– Eu não vou para longe. Só estou deixando o emprego. Um amigo meu, da guerra; nós vamos abrir um negócio juntos.

– Alfred... – Eu não sabia o que dizer. Estava aliviada, mas também preocupada por ele. Largar o emprego? A segurança de Riverton? – Que tipo de negócio?

– Elétrico. Meu amigo é muito jeitoso. Ele vai me ensinar a instalar campainhas e coisas assim. Enquanto isso, eu vou ficar gerenciando a loja. Vou trabalhar duro e guardar dinheiro, Grace, eu já tenho um pouco guardado. Um dia vou ter o meu próprio negócio, vou ser o meu próprio patrão. Você vai ver.

Depois, Alfred me levou de volta à aldeia. A noite estava caindo rapidamente e nós andamos depressa para não congelar. Embora

eu estivesse feliz com a sua companhia, aliviada por termos nos entendido, eu falei pouco.

Eu estava pensando em mamãe. Na amargura que ela sempre carregou consigo; sua convicção, expectativa quase, de que a vida dela era uma vida azarada. Essa era a mãe de quem eu me lembrava. Entretanto, já fazia tempo que eu sabia que ela nem sempre fora assim. A Sra. Townsend se lembrava dela com afeto; o Sr. Frederick, tão difícil de agradar, tinha gostado dela.

Mas o que tinha acontecido para transformar a jovem arrumadeira com seu sorriso secreto? A resposta, eu estava começando a suspeitar, era a chave para revelar os muitos mistérios de mamãe. E a solução estava próxima. Ela estava escondida nos recantos da minha mente. Eu sabia que estava lá, podia senti-la, vislumbrar seu contorno, mas toda vez que me aproximava, que tentava agarrá-la, ela escapava.

Que isso tinha a ver com meu nascimento eu tinha certeza: mamãe tinha sido clara quanto a isso. E eu tinha certeza de que aquele pai fantasma tinha o seu papel: o homem de quem ela falou com Alfred, mas nunca comigo. O homem que ela amou, mas perdeu. Que motivos Alfred tinha dado? A família dele? Seus compromissos?

– Grace.

Minha tia sabia quem ele era, mas seus lábios estavam tão selados quanto os de mamãe. Mesmo assim, eu sabia muito bem o que ela pensava dele. Discussões em voz baixa entre elas marcaram a minha infância: tia Dee censurando mamãe por suas escolhas erradas, dizendo que ela havia feito a própria cama e agora ia ter que se deitar nela; mamãe chorando e tia Dee batendo no ombro dela para confortá-la: “foi melhor assim”, “não poderia dar certo”, “você está livre daquele lugar”. Aquele lugar, eu sabia, mesmo sendo muito pequena, era a imponente casa na colina. E eu também sabia que o desprezo que tia Dee sentia por meu pai era

igual ao que ela sentia por Riverton. As duas grandes catástrofes na vida de mamãe, ela gostava de dizer.

– Grace.

Um desprezo que tinha se estendido ao Sr. Frederick, ao que parecia. “Que ousadia a dele”, ela dissera quando o viu no enterro, “mostrar a cara agora.” Eu imaginei como minha tia sabia quem ele era, e o que o Sr. Frederick podia ter feito para deixá-la tão zangada.

Eu também imaginei o que ele estaria fazendo ali. Gostar de uma criada era uma coisa, mas aparecer no cemitério. Assistir ao enterro de uma de suas antigas arrumadeiras...

– Grace. – A voz de Alfred chegou de longe, de fora do emaranhado de pensamentos que enchiam minha cabeça. Eu olhei distraidamente para ele. – Eu estou querendo perguntar uma coisa para você o dia inteiro – ele disse. – Tenho medo de perder a coragem se não perguntar agora.

E mamãe também gostava do Sr. Frederick. “Pobre, pobre Frederick.” Ela havia dito quando o pai e o irmão dele morreram. Não pobre Lady Violet ou pobre Jemima. Sua simpatia tinha ido direta e exclusivamente para Frederick.

Mas isto era compreensível, não era? O Sr. Frederick devia ser jovem quando mamãe trabalhava na casa; era natural que sua simpatia fosse para o membro da família mais próximo dela em idade. Assim como minha simpatia ia para Hannah. Além disso, mamãe parecia gostar da esposa de Frederick, Penélope. “Frederick não se casaria de novo”, ela havia dito quando eu contei que Fanny estava atrás dele. Sua certeza, seu desânimo quando insisti que era verdade: sem dúvida isso só podia ser explicado por sua proximidade com a antiga patroa.

– Eu não sou bom com as palavras, Grace, você sabe disso tão bem quanto eu – Alfred estava dizendo. – Então vou falar francamente com você. Você sabe que eu vou abrir um negócio em breve...

Eu balançava a cabeça, mas minha mente estava longe dali. Eu estava quase agarrando aquela forma esquiva. Eu podia vislumbrar o seu contorno, saindo das sombras...

– Mas isso é só o primeiro passo. Eu vou economizar muito e, um dia, não muito distante, vou ter um negócio com o nome “Alfred Steeple” gravado na porta, você vai ver.

... E entrando na luz. Seria possível que a tristeza de mamãe não fosse resultado da sua afeição pela antiga patroa? Mas porque o homem que ela havia amado – que ainda amava – estava planejando casar-se de novo? Então mamãe e o Sr. Frederick...? Tantos anos atrás, quando ela trabalhava em Riverton...?

– Eu esperei muito, Grace, porque queria ter algo a lhe oferecer. Algo mais do que tenho agora...

Não era possível. Teria sido um escândalo. As pessoas teriam sabido. Eu teria sabido. Não teria?

Lembranças, trechos de conversas voltaram à minha mente. Foi a isso que Lady Violet se referiu quando falou com Lady Clementine daquele “episódio lamentável”? As pessoas souberam? Houve um escândalo em Saffron, vinte e dois anos atrás, quando uma mulher local foi mandada embora da mansão, desonrada, engravidada pelo filho da patroa?

Mas, nesse caso, por que Lady Violet tinha me contratado para trabalhar lá? Eu só poderia trazer lembranças desagradáveis do que tinha acontecido.

A menos que o meu emprego fosse uma espécie de recompensa. O preço pelo silêncio de mamãe. Era por isso que mamãe tinha tanta certeza de que eu seria contratada?

E então, de repente, eu soube. O quadro se formou diante dos meus olhos. Como eu não tinha visto antes? A amargura de mamãe, o fato do Sr. Frederick não se casar de novo. Tudo fazia sentido. Ele também tinha amado mamãe. Por isso é que tinha ido ao enterro. Por isso é que tinha olhado para mim com uma expressão tão estranha: como se tivesse visto um fantasma. Por isso é que tinha

ficado contente de se ver livre de mim, tinha dito a Hannah que não me queria lá.

– Grace, eu não sei... – Alfred segurou minha mão.

Hannah. Eu tive outra revelação.

Fiquei sem ar. Isso explicava tanta coisa: o sentimento de solidariedade – de fraternidade, sem dúvida? – que tínhamos uma pela outra.

As mãos de Alfred apertaram as minhas, impedindo-me de cair.

– O que é isso, Gracie – ele disse, sorrindo nervosamente. – Não vá desmaiar.

Minhas pernas cederam: eu tive a sensação de estar me dissolvendo em um milhão de partículas, de estar caindo como areia de um balde.

Será que Hannah sabia? Era por isso que ela insistira que eu fosse com ela para Londres? Que tinha se voltado para mim quando se sentiu abandonada por todos? Que tinha implorado para eu não deixá-la nunca? Que tinha me feito prometer?

– Grace? – Alfred disse, sustentando-me com o braço. – Você está bem?

Eu assenti, tentei falar. Não consegui.

– Ótimo – disse Alfred. – Porque eu não disse tudo ainda. Mas acho que você já adivinhou.

Adivinhei? Sobre mamãe e Frederick? Sobre Hannah? Não: Alfred estava dizendo alguma coisa? O que era mesmo? Seu negócio, o amigo do tempo da guerra...

– Gracie – Alfred disse, juntando minhas mãos entre as dele. Ele sorriu para mim, engoliu em seco. – Você me daria a honra de ser minha esposa?

Um clarão. Eu pisquei os olhos. Não consegui responder. Um turbilhão de pensamentos, de sentimentos. Alfred tinha me pedido para casar com ele. Alfred, que eu adorava, estava parado diante de mim, esperando minha resposta. Minha língua formou palavras, mas meus lábios não obedeceram.

– Grace? – Alfred disse, os olhos muito abertos, cheios de apreensão.

Eu sorri, depois comecei a rir. Não conseguia parar. Estava chorando também, lágrimas frias escorriam pelo meu rosto. Acho que era histeria: tanta coisa tinha acontecido nos últimos minutos, tanta coisa que eu precisava digerir. O choque de compreender que eu tinha um parentesco com o Sr. Frederick, com Hannah. A surpresa e o prazer do pedido de Alfred.

– Gracie? – Alfred estava olhando para mim, inseguro. – Isso quer dizer que você aceita casar comigo?

Casar com ele. Eu. Este era o meu sonho secreto, mas, agora que estava acontecendo, eu me sentia despreparada. Já fazia muito tempo que eu havia considerado isso como sendo uma fantasia. Que deixara de imaginar que pudesse acontecer, de verdade. Que alguém me pedisse em casamento um dia. Que Alfred me pedisse em casamento.

Consegui parar de rir e balançar a cabeça afirmativamente. Eu disse:

– Sim. – Pouco mais que um sussurro. Fechei os olhos, minha cabeça rodou. Um pouco mais alto: – Sim.

Alfred respirou aliviado e eu abri os olhos. Ele estava sorrindo, radiante. Um homem e uma mulher que estavam andando do outro lado da rua se viraram para olhar para nós, e Alfred gritou para eles:

– Ela disse sim! – E então tornou a se virar para mim, tentou parar de sorrir para poder falar. Agarrou-me pelos braços. Ele estava tremendo. – Eu tinha esperança de que você dissesse sim.

Eu balancei a cabeça, sorri. Tanta coisa estava acontecendo.

– Grace – ele disse baixinho. – Será... Será que eu posso beijar você?

Eu devo ter consentido, porque ele segurou minha cabeça com uma das mãos e se inclinou para me beijar.

O tempo parou.

Então ele me deu o braço, era a primeira vez que fazia isso, e nós caminhamos juntos pela rua. Não falamos nada, apenas caminhamos juntos, em silêncio. O braço dele, apertando o tecido da minha blusa contra a minha pele, me fez estremecer. Seu calor, seu peso, uma promessa.

Alfred acariciou o meu pulso com os dedos enluvados e eu fiquei arrepiada. Eu estava com os nervos à flor da pele: como se alguém tivesse removido uma camada de minha pele, permitindo que eu sentisse as coisas mais profundamente, mais livremente. Eu me aproximei mais dele. Pensar que em um dia tanta coisa tinha mudado. Eu descobrira o segredo de mamãe, tinha compreendido qual era o meu elo com Hannah, Alfred tinha me pedido em casamento. Eu quase contei a ele o que tinha deduzido sobre mamãe e o Sr. Frederick, mas as palavras não saíram dos meus lábios. Tinha tempo de sobra para isso. A ideia ainda era nova: eu queria saborear mais um pouco o segredo de mamãe. E queria saborear minha própria felicidade. Então fiquei calada e nós continuamos andando, de braços dados, pela rua de mamãe.

Momentos preciosos, perfeitos, que eu rememorei muitas vezes no decorrer da vida. Às vezes, na minha mente, nós alcançamos a casa. Entramos e fazemos um brinde à nossa saúde, e nos casamos logo depois. E vivemos felizes para sempre, até ficarmos bem velhinhos.

Mas não foi isso que aconteceu, como você bem sabe.

Vamos voltar a fita. Estávamos na metade do caminho, na frente da casa do Sr. Connelly – uma flauta tocando – quando Alfred disse:

– Você pode pedir demissão assim que chegar a Londres.

Eu olhei espantada para ele.

– Pedir demissão?

– Para a Sra. Luxton. – Ele sorriu para mim. – Você não vai precisar continuar a vesti-la depois que nos casarmos. Nós vamos nos mudar para Ipswich imediatamente. Você pode trabalhar para mim, se quiser. Nos livros. Ou pode costurar, se preferir.

Pedir demissão? Deixar Hannah?

– Mas, Alfred – eu disse –, eu não posso largar o meu emprego.

– É claro que pode – ele disse. E sorriu. – Eu estou largando.

– Mas é diferente... – Eu procurei palavras que pudessem explicar. – Eu sou uma criada particular. Hannah precisa de mim.

– Ela não precisa de você, ela precisa de uma escrava para cuidar das luvas dela. – Sua voz suavizou-se. – Você é boa demais para isso, Grace. Merece coisa melhor. Ser dona da sua própria vida.

Eu quis explicar a ele. Que Hannah iria achar outra criada, com certeza, mas que eu era mais do que uma criada. Que nós tínhamos um elo. Uma ligação. Desde aquele dia no quarto das crianças, quando eu tinha catorze anos e imaginei como seria ter uma irmã. Quando menti para a Srta. Prince por Hannah, tão instintivamente que aquilo me assustou.

Que eu tinha feito uma promessa a ela. Quando ela pediu que eu nunca a deixasse, eu tinha dado a minha palavra.

Que nós éramos irmãs. Irmãs secretas.

– Além disso – ele disse –, nós vamos morar em Ipswich. Você não pode continuar trabalhando em Londres, pode? – Ele deu um tapinha bem-humorado no meu braço.

Eu olhei para ele. Um rosto tão sincero. Tão seguro. Sem ambivalência alguma. E senti meus argumentos se desintegrando, desmoronando, antes mesmo de apresentá-los. Não havia palavras que pudessem fazê-lo entender em um momento o que eu tinha levado anos para perceber.

E eu soube que nunca poderia ter os dois, Alfred e Hannah. Que teria de fazer uma escolha.

Eu retirei o meu braço, disse a ele que sentia muito. Disse que tinha cometido um erro. Um erro terrível.

E então fugi dele. Saí correndo e não olhei para trás, embora eu soubesse que ele estava parado, imóvel, sob a luz amarela da rua. Que ele ficou me olhando descer a rua, esperar minha tia abrir a

porta e entrar, desesperada, em casa. E fechar a porta entre nós para o que poderia ter sido.

A viagem de volta a Londres foi terrível. Foi longa e fria e as estradas estavam escorregadias por causa da neve. Mas o pior de tudo foi a companhia. Eu estava presa comigo mesma dentro do carro, travando uma discussão inútil. Passei a viagem inteira dizendo a mim mesma que tinha feito a escolha certa, a única escolha possível, ficar ao lado de Hannah como tinha prometido. E quando o carro parou na frente do número dezessete, eu já tinha convencido a mim mesma disso.

Também estava convencida de que Hannah sabia da nossa ligação. Que tinha adivinhado, tinha ouvido as pessoas comentando ou tinha sido informada. Pois, certamente, isso explicava por que ela sempre recorrera a mim, sempre me tratara como sua confidente. Desde aquela manhã em que dei com ela no hall gelado da Escola de Secretariado da Sra. Dove.

Então, agora, nós duas sabíamos.

E o segredo ia permanecer, não dito, entre nós.

Um elo silencioso de dedicação e devoção.

Fiquei aliviada por não ter contado a Alfred. Ele não teria entendido minha decisão de não dizer nada. Teria insistido para eu contar a Hannah: teria até exigido algum tipo de compensação financeira. Embora bondoso e atencioso, ele não teria percebido a importância de manter o *status quo*. Não teria entendido que ninguém mais podia saber. Pois, e se Teddy descobrisse? Ou a família dele? Hannah iria sofrer, eu poderia ser mandada embora.

Não, era melhor assim. Não havia outra escolha.

PARTE 4

A história de Hannah

Agora está na hora de falar de coisas que eu não vi. Deixar de lado Grace e seus problemas e pôr o foco em Hannah. Pois, enquanto eu estive fora, alguma coisa tinha acontecido. Hannah estava diferente. Mais alegre. Misteriosa. Satisfeita consigo mesma.

Aos poucos, fiquei sabendo o ocorrido no número dezessete, assim como muito do que aconteceu naquele último ano. Eu tinha minhas suspeitas, é claro, mas não vi nem ouvi nada. Só Hannah sabia exatamente o que acontecera, e ela nunca foi de fazer confissões. Esse não era o seu estilo; ela sempre preferiu os segredos. Mas, depois dos terríveis acontecimentos de 1924, quando nós ficamos trancadas, juntas, em Riverton, ela se tornou mais sociável. E eu sempre fui uma boa ouvinte. Foi isso que ela me contou.

I

Foi na segunda-feira seguinte à morte de minha mãe. Eu tinha partido para Saffron Green, Teddy e Deborah estavam no trabalho, e Emmeline almoçava com amigos. Hannah estava sozinha na sala. Ela pretendia escrever cartas, mas sua caixa de papéis de carta estava esquecida no sofá. Ela não sentia disposição para escrever cartas de agradecimento para as esposas dos clientes de Teddy, por isso contemplava a rua, tentando adivinhar a vida dos transeuntes. Bastante envolvida neste jogo, ela não o viu dirigir-se à porta da frente. Não o ouviu tocar a campainha. Só soube quando Boyle apareceu na porta da sala.

– Tem um cavalheiro querendo falar com a senhora, madame.

– Um cavalheiro, Boyle? – ela disse distraidamente, observando uma garotinha se soltar da babá e correr para o parque gelado. Há quanto tempo ela não corria? Que não corria tão depressa que o vento batia em seu rosto, o coração disparado, quase sem conseguir respirar?

– Ele disse que veio devolver uma coisa que pertence à senhora, madame.

Que coisa mais cansativa.

– Ele não pode deixar com você, Boyle?

– Ele diz que não, madame. Diz que tem que entregar pessoalmente.

– Eu não dei por falta de nada. – Hannah desviou os olhos relutantemente da garotinha e saiu da janela. – É melhor mandá-lo entrar.

O Sr. Boyle hesitou. Pareceu estar prestes a dizer alguma coisa.

– Mais alguma coisa? – quis saber Hannah.

– Não, madame. Só que esse cavalheiro... Eu não acho que ele seja um cavalheiro, madame.

– Como assim?

– Ele não parece muito respeitável.

Hannah ergueu as sobrancelhas.

– Ele não está despido, está?

– Não, madame, ele está vestido.

– Ele está dizendo coisas obscenas?

– Não, madame. Ele é educado.

Hannah não entendeu.

– Não é um francês; baixo e de bigode?

– Não, madame, de jeito algum.

– Então me diga, Boyle. Em que consiste esta falta de respeitabilidade?

Boyle franziu a testa.

– Não sei dizer, madame. Foi só uma sensação que eu tive.

Hannah fingiu levar em consideração a opinião de Boyle, mas seu interesse fora despertado.

– Se o cavalheiro diz que tem algo que me pertence, é melhor que ele devolva. Se ele mostrar algum sinal de falta de respeitabilidade, Boyle, eu toco a campainha para chamar você.

Ela não o reconheceu imediatamente. Afinal, só estivera com ele por pouco tempo; um inverno, quase dez anos atrás. E ele tinha mudado. Quando ela o conheceu, em Riverton, ele era um garoto. Pele clara e lisa, grandes olhos castanhos e modos gentis. E era calmo, ela se lembrava. Aquela era uma das coisas que a tinham enfurecido. O autocontrole dele. O modo como entrou na vida deles, sem avisar, levou-a a dizer coisas que ela não deveria, e conseguiu, com tanta facilidade, afastar delas o irmão.

O homem parado diante dela na sala íntima era alto, usava um terno preto e uma camisa branca. Suas roupas eram bastante comuns, mas ele as usava de um jeito diferente de Teddy e dos outros homens de negócios que Hannah conhecia. O rosto dele era marcante, mas magro: ossos salientes e olheiras escuras. Ela podia ver a falta de respeitabilidade a que Boyle se referiu, mas tampouco conseguia explicá-la.

– Bom-dia – ela disse.

Ele olhou para ela, dando a impressão de olhar dentro dela. Ela já tinha visto homens encarando-a antes, mas algo no olhar dele a fez ficar vermelha. E quando ela ficou vermelha, ele sorriu.

– Você não mudou.

Foi então que ela o reconheceu. Reconheceu a sua voz.

– Robbie Hunter – disse, espantada. Ela tornou a examiná-lo, sabendo quem ele era. O mesmo cabelo preto, os mesmos olhos escuros. A mesma boca sensual, sempre um tanto irônica. Como ela não vira tudo isso antes? Ela se controlou e acrescentou: – Foi muita gentileza sua ter vindo aqui. – Assim que disse isso, arrependeu-se da formalidade das palavras.

Ele sorriu, um sorriso um tanto irônico, Hannah achou.

– Não quer sentar-se? – Ela indicou a poltrona de Teddy, e Robby sentou-se educadamente, como um colegial obedecendo a uma ordem que não valia a pena discutir. Mais uma vez ela teve uma sensação incômoda da sua própria superficialidade.

Ele continuava olhando para ela.

Ela ajeitou o cabelo com as palmas das mãos, para ver se os grampos estavam no lugar, alisou as pontas junto ao pescoço e sorriu educadamente.

– Tem alguma coisa errada em mim, Sr. Hunter? Algo que eu precise consertar?

– Não – respondeu. – Eu carreguei uma imagem comigo, este tempo todo... Você não mudou.

– Eu não sou a mesma, Sr. Hunter, pode ter certeza – ela disse, com delicadeza. – Eu tinha quinze anos quando nos vimos pela última vez.

– Você era mesmo tão jovem?

Lá estava a falta de respeitabilidade de novo. E não vinha das suas palavras – afinal, ele tinha feito uma observação perfeitamente natural. Estava no modo de expressá-las. Como se ele lhes conferisse um duplo sentido que Hannah não conseguia entender.

– Vou pedir um chá, sim? – ela disse, e se arrependeu imediatamente. Agora ele ia ficar.

Ela se levantou e apertou o botão da campainha, depois foi até a lareira, arrumando os objetos e se acalmando, até Boyle aparecer na porta.

– O Sr. Hunter vai tomar um chá comigo – disse Hannah.

Boyle olhou desconfiado para Robbie.

– Ele foi amigo do meu irmão – acrescentou Hannah – durante a guerra.

– Ah – disse Boyle. – Sim, madame. Vou dizer à Sra. Tibbit para preparar chá para dois. – Como ele era respeitoso. Como a sua deferência a fazia parecer convencional.

Robbie estava olhando ao redor, examinando a sala. A mobília *art déco* que Elsie de Wolfe tinha escolhido (“a última moda”) e que Hannah sempre tinha apenas tolerado. Seu olhar foi do espelho octogonal sobre a lareira até as cortinas de losangos dourados e marrons.

– Moderno, não? – Hannah disse, tentando ser irreverente. – Eu nunca sei se gosto, mas acho que a modernidade é para isso mesmo.

Robbie não pareceu ter ouvido.

– David falava muito em você – ele disse. – Eu tenho a sensação de conhecê-la. Você, Emmeline e Riverton.

Hannah afundou numa cadeira ao ouvir o nome de David. Ela aprendera a não pensar nele, a não abrir a caixa das lembranças dolorosas. Entretanto, ali estava a única pessoa com quem ela poderia falar sobre ele.

– Sim, conte-me sobre David, Sr. Hunter. – Ela se preparou. – Ele... ele... – Ela comprimiu os lábios, olhou para Robbie. – Eu sempre esperei que ele tivesse me perdoado.

– Perdoado?

– Eu fui tão impertinente naquele último inverno, antes de ele partir. Nós não estávamos esperando pelo senhor. Estávamos acostumadas a ter David só para nós. Acho que eu era muito teimosa. Passei o tempo todo ignorando o senhor, desejando que não estivesse lá.

Ele ergueu os ombros.

– Eu não notei.

A porta abriu e Boyle apareceu com a bandeja de chá. Ele a colocou na mesa ao lado de Hannah e recuou.

– Sr. Hunter – Hannah disse, sabendo que Boyle estava ali, vigiando Robbie. – Boyle disse que o senhor queria me devolver uma coisa.

– Sim – Robbie confirmou, enfiando a mão no bolso. Hannah fez um sinal para Boyle, para indicar que estava tudo bem, que sua

presença não era necessária. Depois que ele saiu, Robbie tirou do bolso um pedaço de pano. Estava rasgado, esfiapado, e Hannah imaginou como ele podia achar que aquilo lhe pertencia. Quando olhou bem, ela viu que era um velho pedaço de fita, outrora branca, agora marrom. Ele desdobrou a fita, com os dedos trêmulos, e estendeu-a para ela.

Ela ficou sem ar. Lá dentro havia um livrinho.

Ela o tirou de sua mortalha. Virou-o ao contrário para ver a capa, embora soubesse muito bem o título: *Viagem através do Rubicon*.

– Eu dei isto a David. Para dar sorte.

Ele assentiu.

Ela olhou para ele.

– Por que você pegou isto?

– Eu não peguei.

– David jamais o teria dado a ninguém.

– Não, ele não me deu, eu fui apenas o mensageiro. Ele queria que fosse devolvido; a última coisa que ele disse foi “Leve isto para Nefertite”. E eu trouxe.

Hannah não olhou para ele. O nome. Seu nome secreto. Ele não a conhecia tão bem. Ela apertou o livrinho entre os dedos, fechou a tampa das lembranças de quando era corajosa, selvagem e cheia de planos, ergueu a cabeça e olhou para ele.

– Vamos falar de outras coisas.

Robbie concordou com um leve movimento de cabeça e tornou a guardar a fita no bolso.

– Do que as pessoas falam quando se encontram de novo deste jeito?

– Elas perguntam como a outra tem passado – disse Hannah, guardando o livrinho na escrivaninha. – Para onde a vida as levou.

– Bem, então – disse Robbie. – O que você tem feito, Hannah? Posso ver muito bem para onde a vida a levou.

Hannah encheu uma xícara de chá e ofereceu a ele. A xícara oscilou no pires em sua mão.

– Eu me casei. Com um cavalheiro chamado Theodore Luxton, talvez o senhor já tenha ouvido falar nele. Ele e o pai são banqueiros. Trabalham na City.

Robbie estava olhando para ela, mas não deu indicação alguma de conhecer Teddy.

– Eu moro em Londres, como o senhor sabe – Hannah continuou, tentando sorrir. – Uma cidade maravilhosa, o senhor não acha? Tanta coisa para ver e para fazer. Tanta gente interessante...

– Ela parou. Robbie a estava perturbando, olhando para ela com a mesma intensidade desconcertante com que a tinha olhado tantos anos atrás, na biblioteca. – Sr. Hunter – ela disse com uma certa impaciência. – Eu gostaria que o senhor parasse com isso. É impossível...

– Você tem razão – ele disse baixinho. – Você mudou. Seu rosto está triste.

Ela quis responder, dizer que estava enganado. Que a tristeza que ele via era uma consequência das lembranças despertadas sobre o irmão morto. Mas algo na voz dele a impediu. Algo que a fez sentir-se transparente, insegura, vulnerável. Como se ele a conhecesse melhor do que ela conhecia a si mesma. Ela não gostou disso, mas soube que não adiantaria negar.

– Bem, Sr. Hunter – ela disse, levantando-se. – Agradeço por ter vindo aqui. Por ter me procurado para devolver o livro.

Robbie entendeu e se levantou também.

– Eu disse que o devolveria.

– Vou chamar Boyle para acompanhá-lo até a porta.

– Não é preciso. Eu conheço o caminho.

Ele abriu a porta e Emmeline entrou, um turbilhão de seda cor-de-rosa e cabelos louros. Seu rosto brilhava com a alegria de ser jovem e bem relacionada numa cidade e numa época que pertencia aos jovens e bem relacionados. Ela se atirou no sofá e cruzou as pernas. Hannah sentiu-se velha de repente, e estranhamente desbotada.

– Nossa, estou exausta – Emmeline disse. – Sobrou algum chá? Ela ergueu os olhos e viu Robbie.

– Você se lembra do Sr. Hunter, não é, Emmeline? – perguntou Hannah.

Emmeline pensou um pouco. Ela se inclinou para a frente e apoiou o queixo na palma da mão, piscando os olhos azuis enquanto examinava o rosto dele.

– O amigo de David – Hannah disse. – De Riverton.

– Robbie Hunter – Emmeline disse, sorrindo devagar, encantada, descansando a mão no colo. – É claro que sim. Segundo me lembro, você me deve um vestido.

Por insistência de Emmeline, Robbie ficou para jantar. Era impensável, ela disse, que ele fosse embora quando mal acabara de chegar. Então Robbie juntou-se a Teddy, Emmeline e Hannah na sala de jantar do número dezessete, naquela noite.

Hannah sentou-se de um lado da mesa, Deborah e Emmeline do outro, Teddy numa cabeceira e Robbie na outra. Eles formam um par bem engraçado, Hannah pensou: Robbie, o jovem boêmio, e Teddy, depois de quatro anos trabalhando com o pai, uma caricatura da riqueza e da influência. Ele ainda era um homem bonito – Hannah tinha visto algumas esposas de colegas dele lançando-lhe olhares, totalmente inúteis –, mas seu rosto estava mais cheio e o cabelo mais grisalho. Suas bochechas também tinham adquirido o tom da vida abastada. Ele se recostou na cadeira.

– Então. O que o senhor faz para ganhar a vida, Sr. Hunter? Minha esposa disse que o senhor não é empresário. – A existência de uma alternativa não lhe passava mais pela cabeça.

– Eu sou escritor – disse Robbie.

– Escritor? – perguntou Teddy. – O senhor escreve para *The Times*?

– Já escrevi – Robbie respondeu –, dentre outros. Agora eu escrevo para mim mesmo. – Ele sorriu. – Eu pensei tolamente que

seria mais fácil de agradar.

– Que sorte – disse Deborah – ter tempo para se dedicar ao lazer. Eu não me reconheceria se não estivesse correndo de um lado para outro. – Ela iniciou um monólogo sobre o trabalho que tivera com a organização de um recente desfile de modas, e sorriu para Robbie com um ar conquistador.

Deborah estava flertando, Hannah percebeu. Ela olhou para Robbie. Sim, ele era bonito, de um jeito lânguido, sensual: de forma alguma o tipo habitual de Deborah.

– Livros, não é? – Teddy disse.

– Poesia – explicou Robbie.

Teddy ergueu teatralmente as sobrancelhas.

– “Que tédio parar, enferrujar por falta de polimento em vez de brilhar de uso.”

Hannah estremeceu ao ouvir a citação malfeita de Tennyson.

Robbie olhou para ela e sorriu.

– “Como se respirar fosse viver.”

– Eu sempre gostei de Shakespeare – Teddy disse. – Suas rimas são iguais às dele?

– Creio que a comparação não me é favorável – disse Robbie. – Mas insisto mesmo assim. É melhor morrer em combate do que murchar em desespero.

– Isso mesmo – disse Teddy.

Enquanto Hannah observava Robbie, algo que ela vislumbrara entrou em foco. De repente, ela soube quem ele era.

– O senhor é R. S. Hunter.

– Quem? – perguntou Teddy. Ele olhou de Hannah para Robbie, depois para Deborah, buscando um esclarecimento. Deborah ergueu os ombros, afetadamente.

– R. S. Hunter – Hannah disse, ainda olhando para Robbie. Ela riu. Não conseguiu evitar. – Eu tenho os seus poemas reunidos.

– Primeiro ou segundo volume? – quis saber Robbie.

– *Progresso e desintegração* – informou Hannah. Ela não sabia que havia outro.

– Ah – disse Deborah, arregalando os olhos. – Sim, eu vi um artigo no jornal. O senhor ganhou aquele prêmio.

– *Progresso* é o segundo – disse Robbie, olhando para Hannah.

– Eu gostaria de ler o primeiro – Hannah disse. – Diga-me o nome, Sr. Hunter, para eu poder comprá-lo.

– Pode ficar com o meu exemplar – disse Robbie. – Eu já li. Cá entre nós, eu acho o autor um chato.

Deborah deu um sorriso e surgiu em seus olhos um brilho familiar. Estava calculando o valor de Robbie, catalogando a lista de pessoas que poderia impressionar se o fizesse comparecer a uma de suas *soirées*. Pelo modo como ela esfregou os lábios vermelhos, o valor dele era alto. Hannah sentiu um estranho sentimento de posse.

– *Progresso e desintegração?* – disse Teddy, piscando para Robbie. – O senhor não é um socialista, é, Sr. Hunter?

Robbie sorriu.

– Não, senhor. Não tenho posses para redistribuir, nem o desejo de adquiri-las.

Teddy riu.

– Ora, Sr. Hunter – disse Deborah. – Desconfio que o senhor esteja se divertindo às nossas custas.

– Eu estou me divertindo. Espero que não seja às suas custas.

Deborah sorriu de um jeito que ela considerava sedutor.

– Um passarinho me diz que o senhor não é o pobretão que está dizendo.

Hannah olhou para Emmeline, dando uma risadinha; não foi difícil deduzir a identidade do passarinho de Deborah.

– O que é que você está dizendo, Deborah? – perguntou Teddy. – Diz de uma vez.

– Nosso convidado está brincando conosco – disse Deborah, com uma voz triunfante. – Porque ele não é *Senhor* Hunter, ele é

Lord Hunter.

Teddy ergueu as sobrancelhas.

– É mesmo?

Robbie girou a taça de vinho entre os dedos.

– É verdade que o meu pai era Lord Hunter. Mas eu não costumo usar o título.

Teddy lançou um olhar a Robbie por cima do prato de rosbife. Negar um título era algo que ele não podia entender. Ele e o pai tinham se esforçado muito para conseguir que Lloyd George lhes desse um título de nobreza.

– O senhor tem certeza de que não é socialista? – ele perguntou.

– Chega de política – Emmeline interrompeu de repente, revirando os olhos. – É claro que ele não é socialista. Robbie é um de nós, e não o convidamos para fazê-lo morrer de tédio. – Ela olhou para ele, apoiou o queixo na mão. – Conte-nos onde você esteve, Robbie.

– Mais recentemente? – disse Robbie. – Na Espanha.

Espanha. Hannah repetiu para si mesma. Que maravilha.

– Que coisa primitiva – Deborah disse, rindo. – E o que o senhor foi fazer lá?

– Cumprir uma promessa feita há muito tempo.

– Madri, não é? – disse Teddy.

– Por um tempo – disse Robbie. – A caminho de Segóvia.

Teddy franziu a testa.

– O que uma pessoa faz em Segóvia?

– Eu visitei o Alcazar.

Hannah ficou arrepiada.

– Aquele velho forte empoeirado? – Deborah disse, rindo. – Não conheço nada pior.

– Ah, não – disse Robbie. – É extraordinário. Mágico. É como entrar num mundo diferente.

– Então, conte.

Robbie hesitou, procurando as palavras certas.

– Às vezes eu sentia que podia enxergar o passado. Quando chegava a noite, e eu ficava sozinho, quase conseguia ouvir os sussurros dos mortos. Velhos segredos pairando no ar.

– Que coisa detestável – disse Deborah.

– Por que o senhor voltou? – quis saber Hannah.

– Sim – insistiu Teddy. – O que o trouxe de volta a Londres, Sr. Hunter?

Robbie olhou para Hannah. Ele sorriu, virou-se para Teddy.

– A providência, eu acho.

– Tantas viagens – disse Deborah, retomando o flerte. – O senhor deve ter sangue de cigano.

Robbie sorriu, mas não respondeu.

– Ou então nosso convidado tem a consciência culpada – arriscou Deborah, inclinando-se na direção de Robbie e baixando a voz. – É isso, Sr. Hunter? O senhor está fugindo?

– Só de mim mesmo, Srta. Luxton – ele respondeu.

– O senhor vai sossegar – disse Teddy – quando ficar mais velho. Eu também tinha mania de viajar. Queria conhecer o mundo, colecionar objetos e experiências. – Pelo modo como ele passou as palmas da mão sobre a toalha da mesa, dos dois lados do prato, Hannah percebeu que ia começar um sermão. – Um homem acumula responsabilidades à medida que envelhece. Fica mais acomodado. Diferenças que costumavam despertar entusiasmo quando ele era mais jovem começam a irritar. Veja Paris, por exemplo; eu estive lá recentemente. Eu adorava Paris, mas a cidade está decadente. Não tem respeito pelas tradições. O modo como as mulheres se vestem!

– Teddy querido. – Deborah riu. – Tão pouco chique.

– Eu sei que você gosta dos franceses e seus tecidos, Deb – disse Teddy –, e para vocês, mulheres solteiras, tudo é muito divertido. Mas eu jamais permitiria que minha esposa se vestisse daquele jeito!

Hannah não conseguiu olhar para Robbie. Ela ficou olhando para o prato, mexeu na comida e depois largou o garfo.

– Viajar, sem dúvida, abre nossos olhos para culturas diferentes – Robbie estava dizendo. – Eu encontrei uma tribo no Extremo Oriente em que os homens gravavam desenhos nos rostos de suas esposas.

Emmeline quase engasgou.

– Com uma faca?

Teddy engoliu um pedaço de carne sem mastigar, fascinado.

– Mas por quê?

– Esposas são consideradas meros objetos de diversão e exibição – disse Robbie. – Os maridos acham que têm o direito divino de enfeitá-las como quiserem.

– Bárbaros – disse Teddy, sacudindo a cabeça, fazendo sinal para Boyle servir-lhe mais vinho. – E eles não sabem por que precisam de nós para civilizá-los.

Hannah não tornou a ver Robbie por várias semanas. Ela achou que ele tivesse esquecido sua promessa de emprestar-lhe seu livro de poesia. Ela suspeitou que fosse da natureza dele usar seu encanto para ser convidado para jantar, fazer promessas vazias e depois desaparecer sem cumpri-las. Ela não estava ofendida, apenas desapontada por ter se deixado enganar. Ela não ia mais pensar nisso.

Entretanto, quinze dias depois, quando ela passou pelo corredor H-J da pequena livraria em Drury Lane e seus olhos avistaram, por acaso, um exemplar do primeiro livro de poemas dele, ela o comprou. Tinha apreciado os poemas, afinal, muito antes de perceber que ele era um homem que não cumpria o que prometia.

Então, seu pai morreu e ela não pensou mais em Robbie Hunter. Quando soube de sua morte, Hannah sentiu como se tivesse perdido sua âncora, como se tivesse sido arrastada das águas calmas e estivesse à mercê de correntezas desconhecidas e

perigosas. Fazia muito tempo que ela não via o pai: ele se recusara a vê-la depois do casamento, e ela não tinha conseguido convencê-lo do contrário. Entretanto, apesar de tudo, enquanto o pai ainda vivia, ela estava ligada a alguma coisa, a alguém grande e forte. Agora, não mais. Sentiu-se abandonada por ele: eles costumavam brigar, isto fazia parte do relacionamento peculiar entre eles, mas ela sempre soube que ele nutria um carinho especial por ela. E agora, sem uma palavra, ele partira. Ela começou a sonhar à noite com águas escuras, navios naufragando, ondas enormes. E, de dia, pensava cada vez mais na visão da médium de escuridão e morte.

Talvez as coisas mudassem quando a irmã fosse morar definitivamente no número dezessete, ela disse a si mesma. Porque ficou decidido que, depois da morte do pai, Hannah seria uma espécie de tutora de Emmeline. Era melhor ficarem de olho nela, Teddy disse, depois daquele episódio infeliz com o cineasta. Quanto mais Hannah pensava nisso, mais se entusiasmava com a ideia. Ela teria uma aliada na casa. Alguém que a compreendia. Elas ficariam acordadas até tarde, rindo e conversando, dividindo segredos, como costumavam fazer quando eram mais jovens.

Mas, quando Emmeline chegou a Londres, eram outras as suas ideias. Londres sempre combinara com Emmeline, e ela se atirou na vida social que adorava. Ia a festas todas as noites – “Festas brancas”, “Festas no circo”, “Festas debaixo d’água” –, Hannah perdia a conta. Ela bebia e fumava demais, e considerava a noite um fracasso quando não via seu nome nas colunas sociais no dia seguinte.

Uma tarde, Hannah encontrou Emmeline recebendo um grupo de amigos na sala íntima. Eles tinham empurrado a mobília para junto das paredes e o caro tapete Berlin estava enrolado perto da lareira. Uma moça com um vestido de gaze verde, que Hannah nunca tinha visto, estava sentada em cima do rolo de tapete fumando de forma indolente, deixando a cinza cair no chão, e observando Emmeline tentar ensinar a um rapaz com cara de bebê os passos do foxtrote.

– Não, não – Emmeline disse, rindo. – Você tem que contar quatro movimentos, Harry querido. Não três. Aqui, segure minha mão, eu vou mostrar. – Ela tornou a pôr o disco na vitrola. – Pronto?

Hannah avançou pela extremidade da sala. Ela estava tão surpresa com a naturalidade com que Emmeline e os amigos tinham tomado posse da sala (sua sala, afinal de contas) que esqueceu o que tinha ido fazer lá. Ela foi até a escrivaninha e fingiu estar procurando alguma coisa quando Harry se atirou no sofá e disse:

– Chega. Você vai me matar, Emme.

Emmeline atirou-se ao seu lado, colocando o braço ao redor dos ombros dele.

– Faça como quiser, Harry querido, mas você não vai querer que eu dance com você na festa de Clarissa se não aprender os passos. O foxtrote está na última moda, e eu pretendo dançá-lo a noite inteira!

A noite inteira mesmo, pensou Hannah. Cada vez mais, as noites de Emmeline só estavam terminando de manhã. Não contentes em passar a noite dançando no Claridge's, bebendo uma mistura de conhaque e Cointreau que era chamada de *Side-cars*, ela e os amigos deram para continuar a festa na casa de alguém. Quase sempre, alguém que eles não conheciam. Chamavam isso de “invasão”: rodavam Mayfair vestidos a rigor até encontrar uma festa para ir. Até os criados estavam começando a falar. A nova arrumadeira limpava o hall quando Emmeline entrou às cinco e meia da manhã. Emmeline teve sorte de Teddy não ficar sabendo. De Hannah não deixar que ele soubesse.

– Jane disse que Clarissa está falando sério desta vez – disse a moça de vestido cor de jade.

– Você acha que ela vai mesmo fazer isso? – perguntou Harry.

– Nós vamos ver hoje à noite – disse Emmeline. – Clarissa está ameaçando encrespar o cabelo há meses. – Ela riu. – Vai ser uma tola se fizer isso: com aqueles ossos, ela vai parecer um sargento alemão.

– Você vai tomar gim? – perguntou Harry.

Emmeline sacudiu os ombros.

– Ou vinho. Não importa. Clarissa pretende juntar tudo para as pessoas poderem mergulhar os copos.

Uma festa da garrafa, pensou Hannah. Ela já ouvira falar nessas festas. Teddy gostava de ler notícias de jornal para ela quando estavam tomando café. Ele baixava o jornal para chamar-lhe a atenção, sacudia a cabeça com um ar de censura e dizia:

– Ouça só isto. Mais uma daquelas festas. Desta vez em Mayfair.

– Então, ele lia o artigo, palavra por palavra, sentindo um enorme prazer, Hannah achava, em descrever os penetras, a decoração indecente, as batidas policiais. Por que os jovens não podiam se comportar como eles se comportavam quando eram jovens, ele questionava. Dar bailes com ceias, criados servindo vinho, cartões de dança.

Hannah ficou tão horrorizada com a insinuação de Teddy de que ela não era mais jovem que, embora achasse o comportamento de Emmeline um pouco como o de quem dança sobre o túmulo dos mortos, nunca disse nada a ela.

E passou a cuidar para que Teddy não soubesse que Emmeline frequentava essas festas. E, muito menos, que ajudava a organizá-las. Hannah se aperfeiçoou em inventar desculpas para as atividades noturnas da irmã.

Mas naquela noite, quando subiu a escada para o escritório de Teddy, munida de uma desculpa engenhosa sobre a dedicação de Emmeline à sua amiga Lady Clarissa, ele não estava sozinho. Hannah ouviu vozes. As vozes de Teddy e de Simion. Ela já ia dar meia-volta, deixar para voltar mais tarde, quando ouviu o nome do pai. Prendeu a respiração, e, pé ante pé, foi até a porta.

– Não se pode deixar de ter pena dele – disse Teddy. – Não importa o que você pense do homem. Morrer daquele jeito, num acidente de caça, um homem do campo como ele.

Simion pigarreou.

– Bem, Teddy, cá entre nós, parece que não foi bem assim. –
Uma pausa significativa. Uma voz abafada, palavras que Hannah não conseguiu entender.

Teddy levou um susto.

– Suicídio?

Mentiras, Hannah pensou, nervosa. Mentiras deslavadas.

– Parece que sim – disse Simion. – Lord Gifford me disse que um dos criados, aquele sujeito idoso, Hamilton, encontrou-o na propriedade. A criadagem fez o que pôde para encobrir os detalhes, como eu já disse antes, nenhum criado se compara a um criado inglês em matéria de descrição, mas Lord Gifford disse que cabia a ele proteger a reputação da família e que precisava conhecer os fatos para fazer isso.

Hannah ouviu barulho de copos, do *sherry* sendo servido.

– E o que foi que Gifford disse? – Teddy perguntou. – O que o fez pensar que a coisa foi... intencional?

Simion suspirou filosoficamente.

– O homem andava deprimido. Nem todos os homens são feitos para aguentar as agruras do mundo dos negócios. Ele tinha se tornado rabugento, estava sempre mexendo em armas. Os criados tinham passado a segui-lo quando ele saía de casa, só por precaução... – Ele riscou um fósforo e o cheiro do charuto chegou até Hannah. – Vamos dizer que, do meu ponto de vista, este “acidente” já era esperado.

Houve uma pausa na conversa enquanto os dois homens refletiam sobre o assunto. Hannah prendeu a respiração, atenta ao barulho de passos.

Depois de alguns momentos de silêncio, Simion prosseguiu com energia renovada.

– Mas Lord Gifford deu um jeito, ninguém vai saber a diferença, e não há motivos para não tirar proveito disso. – A cadeira rangeu quando ele se ajeitou nela. – Eu estive pensando, já está na hora de você fazer outra tentativa na política. Os negócios nunca estiveram

melhores, você não se meteu em encrencas, ganhou reputação entre os conservadores de ser um homem sensato. Por que não buscar uma indicação para o assento de Saffron?

A voz de Teddy ganhou o brilho da esperança.

– Você quer dizer ir morar em Riverton?

– A casa é sua agora, e as pessoas do campo adoram o senhor do castelo.

– Papai – Teddy disse, ofegante –, você é um gênio. Vou ligar imediatamente para Lord Gifford. Vou ver se ele fala com os outros em meu favor. – Ele pegou o telefone. – Não está muito tarde, está?

– Nunca é muito tarde para tratar de negócios – disse Simion. – Ou de política.

Então Hannah se afastou. Ela já tinha ouvido o bastante.

II

Robbie voltou. Ele não deu explicação alguma para a sua ausência, simplesmente sentou-se na poltrona de Teddy, como se não tivesse passado tempo algum, e presenteou Hannah com seu primeiro livro de poesia. Ela ia dizer que já tinha um exemplar quando ele tirou outro livro do bolso do paletó.

– Para você – ele disse, entregando a ela.

O coração de Hannah deu um pulso quando ela viu o título. Era *Ulisses*, de James Joyce, e estava proibido em toda parte.

– Mas onde você...?

– Um amigo em Paris.

Hannah passou as pontas dos dedos sobre a palavra *Ulisses*. O livro era sobre um casal, ela sabia, e seu relacionamento físico, moribundo. Ela havia lido, ou melhor, Teddy havia lido para ela – trechos publicados no jornal. Ele os julgara nojentos, e ela havia concordado. Na verdade, ela os tinha achado estranhamente comoventes. Mas podia imaginar o que Teddy diria se ela

confessasse isso. Teria achado que ela estava doente, teria mandado que consultasse um médico. E talvez ela estivesse mesmo doente.

Mas, embora excitada com a possibilidade de ler o romance, ela não sabia o que pensar do fato de Robbie tê-la presenteado. Será que ele achava que ela era o tipo de mulher para quem estes assuntos eram normais? Pior: será que ele estava fazendo uma piada? Será que ele a achava uma mulher pudica? Ela já ia perguntar-lhe, quando ele disse, com muita simplicidade e delicadeza:

– Sinto muito pelo que houve com seu pai.

E, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa sobre *Ulisses*, percebeu que estava chorando.

Ninguém deu importância às visitas de Robbie. No início. Com certeza não houve insinuação alguma de que houvesse algo impróprio entre ele e Hannah. Hannah teria sido a primeira a negar, se houvesse. Todo mundo sabia que Robbie tinha sido amigo do irmão dela, tinha estado com ele na hora da sua morte. Se ele parecia um tanto diferente, não muito respeitável, como ela sabia que Boyle continuava afirmando, isto era atribuído facilmente ao terrível mistério da guerra.

As visitas de Robbie não tinham regularidade alguma, sua chegada nunca era planejada, mas Hannah começou a esperar por elas com ansiedade. Às vezes estava sozinha, às vezes Emmeline ou Deborah estava com ela; não fazia diferença. Para Hannah, Robbie tornou-se um rumo na vida. Eles falavam de livros e de viagens. Ideias absurdas e lugares longínquos. Ele parecia saber muito sobre ela. Era quase como ter David de volta.

Talvez, se Hannah estivesse menos preocupada, ela tivesse notado que não era a única que gostava das visitas de Robbie. Ou tivesse observado que Deborah estava passando mais tempo em casa. Mas não notou.

Foi uma surpresa quando, uma manhã, na sala de visitas, Deborah largou suas palavras cruzadas e disse:

– Vou dar uma festa para lançar um novo perfume Chanel na semana que vem, Sr. Hunter, e sabe de uma coisa? Estive tão ocupada organizando a festa que não tive tempo de pensar num par para mim. – Ela sorriu, dentes muito brancos e lábios vermelhos.

– Duvido que isto seja uma dificuldade – disse Robbie. – Deve haver um monte de sujeitos querendo navegar nas ondas douradas da sociedade.

– É claro – disse Deborah, entendendo mal a ironia de Robbie. – Mesmo assim, está muito em cima da hora.

– Lord Woodall certamente iria com você – disse Hannah.

– Lord Woodall está viajando – Deborah disse depressa. Ela sorriu para Robbie. – E eu não posso ir sozinha.

– Ir desacompanhada é mais divertido, segundo Emmeline – disse Hannah.

Deborah não pareceu ter ouvido. Ela piscou os olhos para Robbie.

– A menos... – Ela sacudiu a cabeça com uma timidez que não combinava com ela. – Não, é claro que não.

Robbie não disse nada.

Deborah comprimiu os lábios.

– A menos que o senhor me acompanhe, Sr. Hunter?

Hannah prendeu a respiração.

– Eu? – Robbie disse, rindo. – Acho que não.

– Por que não? – disse Deborah. – Nós nos divertiríamos muito.

– Eu não entendo nada de moda – disse Robbie. – Seria um peixe fora d'água.

– Eu sou uma ótima nadadora – disse Deborah. – Vou mantê-lo flutuando.

– Mesmo assim – disse Robbie. – Não.

Não pela primeira vez, Hannah ficou com o ar preso na garganta. Ele tinha uma falta de cerimônia completamente diferente da

vulgaridade afetada dos amigos de Emmeline. A dele era autêntica e, Hannah pensou, maravilhosa.

Devidamente rejeitada, Deborah pegou o jornal e pareceu retomar as palavras cruzadas.

Robbie sorriu para Hannah, um sorriso que a fez sentir-se culpada de alguma forma, cúmplice. Uma cumplicidade deliciosa. Ela não pôde evitar e retribuiu-lhe o sorriso.

Deborah ergueu os olhos e olhou para eles. Hannah reconheceu aquela expressão: Deborah a tinha herdado, juntamente com a paixão da conquista, de Simion. Ela apertou os lábios, sentindo o gosto amargo da derrota.

– O senhor é um forjador de palavras, Sr. Hunter – ela disse com frieza. – Qual é a palavra de nove letras começada por “g” que significa um erro de julgamento?

No jantar, alguns dias depois, Deborah vingou-se da grosseria de Robbie.

– Eu notei que o Sr. Hunter esteve aqui hoje, de novo – ela disse, cortando uma fatia de doce.

– Ele trouxe um livro que achou que iria me interessar – Hannah disse.

Deborah olhou para Teddy, que estava sentado na cabeceira, dissecando seu peixe.

– Acho que as visitas do Sr. Hunter podem estar deixando a criadagem preocupada.

Hannah largou os talheres.

– Não sei por que a criadagem acharia preocupantes as visitas do Sr. Hunter.

– Não – disse Deborah, levantando-se. – Eu achei que você não entenderia. Você nunca assumiu responsabilidade alguma com relação à criadagem. – Ela falou devagar, pronunciando bem cada palavra. – Os criados são como crianças, Hannah, querida. Eles gostam de uma boa rotina, acham quase impossível funcionar sem

isso. Cabe a nós, seus superiores, dar uma rotina a eles. – Ela inclinou a cabeça de lado. – Como você sabe, as visitas do Sr. Hunter são imprevisíveis. Como ele mesmo admite, ele não entende nada acerca de convenções sociais. E nem mesmo telefona antes para você poder avisar. A Sra. Tibbit tem um trabalhão para preparar chá para dois quando preparou só para um. Não é justo. Você não concorda, Teddy?

– O quê? – Ele ergueu os olhos do peixe.

– Eu só estava dizendo – Deborah enfatizou – como é lamentável que a criadagem esteja tão agitada ultimamente.

– A criadagem está agitada? – espantou-se Teddy. Ele tinha um pavor herdado do pai de que a classe trabalhadora um dia se revoltasse.

– Eu vou falar com o Sr. Hunter – Hannah disse depressa. – Vou pedir a ele para telefonar antes, no futuro.

Deborah pareceu refletir.

– Não – ela disse, sacudindo a cabeça. – Acho que está um pouco tarde para isso. Talvez fosse melhor que ele parasse com essas visitas.

– Um tanto radical isso, não acha, Deb? – Teddy disse, e Hannah sentiu uma onda de afeição por ele. – O Sr. Hunter sempre me pareceu bastante inofensivo. Boêmio, é verdade, mas inofensivo. Se ele avisar antes, tenho certeza de que a criadagem...

– Há outras questões a considerar – Deborah insistiu. – Não vamos querer que as pessoas julguem erroneamente, vamos, Teddy?

– Julguem erroneamente? – Teddy disse, franzindo a testa. Ele começou a rir. – Ora, Deb, você está dizendo que alguém pode achar que Hannah e o Sr. Hunter... Que a minha esposa é um sujeito como ele...?

Hannah fechou os olhos devagar.

– É claro que não – Deborah disse. – Mas as pessoas adoram falar, e isso não é bom para os negócios. Nem para a política.

– Política? – Teddy disse.

– Mamãe me contou que você vai fazer outra tentativa – disse Deborah. – Como as pessoas podem confiar que você vai controlar seu eleitorado se acharem que você não consegue controlar sua própria esposa? – Ela enfiou uma garfada de comida na boca, evitando tocar os cantos dos lábios pintados de batom.

Teddy ficou nervoso.

– Eu não tinha pensado nisso.

– Nem deveria pensar – retrucou Hannah. – O Sr. Hunter era muito amigo do meu irmão. Ele vem aqui para conversarmos sobre David.

– Eu sei disso, minha querida – Teddy disse com um sorriso sem jeito. Ele ergueu os ombros. – Mesmo assim, Deb tem razão. Você entende, não é mesmo? Não podemos dar às pessoas uma ideia errada.

Deborah grudou em Hannah depois disso. Tendo sido rejeitada por Robbie, ela queria ter certeza de que ele recebesse a ordem; e o que era mais importante, que soubesse de onde ela viera. Assim, quando Robbie apareceu de novo, tornou a encontrar Deborah no sofá da sala de visitas ao lado de Hannah.

– Boa-tarde, Sr. Hunter – Deborah disse, sorrindo enquanto desfazia os nós do pelo do seu cãozinho maltês, Bunty. – Que prazer em vê-lo. O senhor vai bem?

Robbie assentiu.

– E a senhorita?

– Ah, eu vou muito bem – respondeu Deborah.

Robbie sorriu para Hannah.

– O que a senhora achou?

Hannah comprimiu os lábios. O exemplar de *The Waste Land* estava ao lado dela. Ela o devolveu para ele.

– Gostei muito, Sr. Hunter. Fiquei muito comovida.

Ele sorriu.

– Eu sabia que a senhora ficaria.

Hannah olhou para Deborah, que arregalou os olhos sutilmente.

– Sr. Hunter – Hannah disse, comprimindo os lábios –, preciso discutir uma coisa com o senhor. – Ela apontou para a poltrona de Teddy.

Robbie sentou-se, fitou-a com seus olhos escuros.

– Meu marido – Hannah começou, mas não soube como prosseguir. – Meu marido...

Ela olhou para Deborah, que pigarreou e fingiu estar prestando atenção no pelo sedoso de Bunty. Hannah fitou-a por alguns instantes, hipnotizada pelos dedos longos e finos de Deborah, suas unhas pontudas...

Robbie acompanhou o olhar dela.

– Seu marido, Sra. Luxton?

Hannah falou baixinho.

– Meu marido preferiria que o senhor não viesse mais aqui sem um motivo.

Deborah tirou Bunty do colo, limpou o vestido.

– O senhor entende, não é, Sr. Hunter?

Boyle entrou carregando a bandeja do chá. Ele a depositou na mesa, acenou para Deborah e saiu.

– O senhor vai ficar para o chá, não é? – Deborah disse com uma voz doce que deixou Hannah arrepiada. – Uma última vez?

Com Deborah conduzindo a conversa, eles conseguiram falar sobre o colapso do governo de coalizão e sobre o assassinato de Michael Collins. Hannah mal conseguia ouvir. Tudo o que queria eram alguns minutos a sós com Robbie para explicar. Ela também sabia que Deborah jamais permitiria isso.

Ela estava pensando nisso, se teria a oportunidade de falar de novo com ele, percebendo o quanto tinha passado a contar com a companhia dele, quando a porta se abriu e Emmeline entrou, chegando de um almoço com amigos.

Emmeline estava particularmente bonita esse dia: tinha penteado o cabelo louro em ondas e usava uma echarpe nova de um tom moderno – amarelo queimado – que fazia sua pele brilhar. Ela entrou voando pela porta, como era seu hábito, fazendo Bunty correr para se esconder debaixo da poltrona, e se atirou num canto do sofá, pondo as duas mãos dramaticamente sobre o estômago.

– Puxa – ela disse, sem reparar na tensão que havia na sala. – Estou tão empanturrada quanto um ganso de Natal. Acho que nunca mais vou conseguir comer nada. – Ela inclinou a cabeça de lado. – Quais são as novidades, Robbie? – Ela não esperou a resposta. Arregalou os olhos de repente e disse: – Ah, você nunca vai adivinhar quem foi que eu encontrei outro dia na festa de Lady Sybil Colefax. Eu estava sentada lá, conversando com o querido Lord Berners, ele estava me contando sobre o pequeno piano que tinha instalado em seu Rolls-Royce, quando entraram os Sitwell! Todos os três Sitwell. Eles são muito mais engraçados pessoalmente. O querido Sachy com suas brincadeiras interessantes, e Osbert com aqueles poeminhas com finais engraçados...

– Epigramas – Robbie resmungou.

– Ele é tão inteligente quanto Oscar Wilde – Emmeline continuou. – Mas foi Edith quem mais me impressionou. Ela recitou um de seus poemas e provocou lágrimas em todos nós. Bem, você sabe como Lady Colefax é, completamente esnobe em relação a gente inteligente, e eu não pude evitar, Robbie querido, disse que conhecia você, e eles quase morreram. Acho que não acreditaram em mim, pensam que eu tenho um talento para inventar coisas, não sei por quê, mas você entende? Você tem que ir à festa hoje à noite para provar que eles estavam errados.

Ela voltou a respirar e, com um movimento rápido, tirou um cigarro da bolsa e acendeu-o. Soltou uma nuvem de fumaça.

– Diga que você irá, Robbie. Uma coisa é as pessoas duvidarem de você quando você está mentindo, outra coisa é elas duvidarem quando você está dizendo a verdade.

Robbie pensou um pouco.

– A que horas você quer que eu venha buscá-la? – ele perguntou.

Hannah levou um susto. Ela esperava que ele fosse recusar, como sempre fazia quando Emmeline o convidava para alguma coisa. Julgara que Robbie tivesse a mesma opinião que ela sobre os amigos de Emmeline. Talvez o seu desprezo não se estendesse a Lord Berners e a Lady Sybil. Talvez o fascínio dos Sitwell fosse irresistível.

Durante algum tempo as coisas continuaram assim: Hannah via Robbie quando ele vinha buscar Emmeline, e Deborah não podia fazer nada para mudar isso. Uma vez, quando ela tentou de novo proibir a vinda dele, Teddy sacudiu os ombros e disse que era correto a dona da casa receber as pessoas que vinham visitar sua irmã mais moça. Ela queria que o sujeito ficasse sentado sozinho na sala de visitas?

Hannah tentou contentar-se com aqueles poucos momentos preciosos, mas se viu pensando em Robbie nos intervalos. Ele nunca tinha dito nada sobre o que fazia quando não estavam juntos. Ela não sabia nem onde ele morava. Então começou a imaginar; ela sempre fora boa em jogos imaginários.

Ela conseguiu, convenientemente, ignorar o fato de que ele estava passando muito tempo com Emmeline. Que importância isso tinha? Emmeline tinha um grupo enorme de amigos. Robbie era apenas mais um.

Então, uma manhã, quando ela estava sentada à mesa, tomando café com Teddy, ele bateu com a mão no jornal aberto à sua frente e disse:

– O que você acha dessa sua irmã, hein?

Hannah se preparou, imaginando qual a confusão que Emmeline tinha arrumado dessa vez. Pegou o jornal que Teddy lhe entregou.

Era só uma pequena foto. Robbie e Emmeline saindo de uma boate. Uma boa foto de Emmeline, Hannah teve de admitir, o queixo erguido, rindo enquanto puxava Robbie pelo braço. O rosto dele estava menos visível. Ele estava na sombra, tinha desviado o rosto no momento crítico.

Teddy pegou de volta o jornal e leu o texto que acompanhava a foto:

– “A Srta. E. Hartford, uma das jovens mais charmosas da sociedade, retratada com um homem moreno, desconhecido. O homem misterioso parece ser o poeta R. S. Hunter. Uma fonte diz que a Srta. Hartford mencionou que um anúncio de noivado é esperado para breve.” – Ele largou o jornal, enfiou uma garfada de ovos na boca.

– Bem dissimulada ela, não acha? Não achei que Emmeline fosse capaz de guardar um segredo – ele disse. – Acho que podia ser pior. Podia ter escolhido aquele Harry Bentley. – Ele passou o polegar num canto do bigode, limpou um pedacinho de ovo que tinha ficado preso. – Você vai conversar com ele, não é? Para ter certeza de que está tudo certo. Eu não quero escândalos.

Quando Robbie chegou para buscar Emmeline na noite seguinte, Hannah recebeu-o como sempre fazia. Eles conversaram um pouco, até que Hannah não pôde mais aguentar.

– Sr. Hunter – ela disse, indo até a lareira. – Eu preciso perguntar. O senhor tem alguma coisa para me dizer?

Ele sorriu para ela.

– Tenho. E achei que estava dizendo.

– Alguma outra coisa, Sr. Hunter?

O sorriso dele murchou.

– Acho que não estou entendendo.

– Alguma coisa que o senhor queira me perguntar?

– Talvez fosse melhor a senhora me dizer o que acha que eu deveria estar dizendo – disse Robbie.

Hannah suspirou. Ela pegou o jornal que estava em cima da mesa e entregou a ele.

Ele leu e devolveu a ela.

– E daí?

– Sr. Hunter – Hannah disse num tom de voz baixo. Ela não queria que os criados ouvissem, caso estivessem no hall de entrada. – Eu sou a tutora da minha irmã. Se o senhor quiser ficar noivo dela, seria mais apropriado discutir suas intenções primeiro comigo.

Robbie sorriu, viu que Hannah não estava achando graça e ficou sério de novo.

– Vou me lembrar disso, Sra. Luxton.

Ela olhou para ele.

– E então, Sr. Hunter?

– E então, Sra. Luxton?

– O senhor gostaria de me perguntar alguma coisa?

– Não – Robbie disse, rindo. – Eu não tenho intenção alguma de me casar com Emmeline. Nem agora nem nunca. Mas obrigado por perguntar.

– Ah – Hannah disse simplesmente. – Emmeline sabe disso?

Robbie sacudiu os ombros.

– Não sei por que ela não saberia. Eu nunca dei motivo algum a ela para imaginar o contrário.

– Minha irmã é romântica – disse Hannah. – Ela se afeiçoa com facilidade às pessoas.

– Então ela vai ter que se desafeiçoar.

Hannah sentiu pena de Emmeline, mas sentiu uma outra coisa também. Ela odiou a si mesma quando percebeu que estava aliviada.

– O que foi? – Robbie disse. Ele estava muito perto dela. Ela não tinha percebido que ele se aproximara.

– Eu estou preocupada com Emmeline – Hannah disse, afastando-se um pouco, batendo com a perna no sofá. – Ela

imagina que seus sentimentos sejam diferentes do que são na realidade.

– O que eu posso fazer? – Robbie perguntou. – Eu já disse a ela que eles não são.

– O senhor tem que parar de vê-la – Hannah disse baixinho. – Diga a ela que não está interessado em festas. Isso não deve ser muito difícil. Afinal, o senhor mesmo disse que não tem muito o que conversar com os amigos dela.

– Não tenho mesmo.

– Então, se o senhor não sente nada por Emmeline, seja honesto com ela. Por favor, Sr. Hunter. Pare com isso. Senão ela vai sofrer, e eu não posso deixar que isso aconteça.

Robbie olhou para ela. Estendeu a mão e ajeitou muito delicadamente uma mecha do cabelo dela que tinha se soltado. Ela ficou paralisada, não conseguia ver mais nada a não ser ele. Seus olhos escuros, o calor que vinha de sua pele, seus lábios macios.

– Eu faria isso – ele disse. – Agora mesmo. – Ele estava muito perto dela. Ela sentiu o seu hálito em seu pescoço. Ele falou baixinho. – Mas como eu poderia ver você?

As coisas mudaram depois disso. É claro que sim. Tinham que mudar. Algo implícito tinha se tornado explícito. Para Hannah, a escuridão tinha começado a desaparecer. Ela estava se apaixonando por ele, é claro, embora não percebesse logo. Ela nunca tinha estado apaixonada antes, não tinha termo algum de comparação. Sentira-se atraída por algumas pessoas, tinha sentido aquele impulso súbito, inexplicável, como acontecera um dia com Teddy. Mas havia uma diferença entre apreciar a companhia de alguém, achar a pessoa atraente, e se apaixonar perdidamente.

Os encontros ocasionais pelos quais ela antes ansiava, roubados enquanto Robbie esperava por Emmeline, não eram mais suficientes. Hannah queria vê-lo em outro lugar, a sós, em um lugar

onde pudessem conversar livremente. Onde não houvesse o risco constante de que outra pessoa pudesse aparecer.

A oportunidade chegou numa noite no início de 1923. Teddy estava na América a negócios, Deborah tinha ido passar o fim de semana no campo, e Emmeline tinha ido com amigos a uma das leituras da poesia de Robbie. Hannah tomou uma decisão.

Ela jantou sozinha na sala de jantar, em seguida foi para a sala íntima tomar o café, depois retirou-se para o quarto. Quando fui ajudá-la a se vestir para dormir, ela estava no banheiro, sentada na beirada da elegante banheira com pés em formato de garras. Usava uma delicada combinação de cetim; Teddy a havia trazido de uma de suas viagens ao continente. Nas mãos, ela segurava alguma coisa preta.

– A senhora quer tomar um banho, madame? – perguntei. Era incomum, mas não seria a primeira vez em que ela tomava um banho depois do jantar.

– Não – disse Hannah.

– Quer que eu traga a sua camisola?

– Não – ela disse. – Eu não vou me deitar, Grace. Vou sair.

Eu fiquei confusa.

– Madame?

– Eu vou sair. E preciso da sua ajuda.

Ela não queria que os outros criados soubessem. Eles eram espiões, ela disse, e não queria que Teddy nem Deborah – e tampouco Emmeline, aliás – soubessem que ela saía de casa aquela noite.

Fiquei preocupada pelo fato de ela sair sozinha à noite, escondendo isso de Teddy. E imaginei aonde ela iria, se me contaria. Apesar de preocupada, concordei em ajudar. É claro que sim. Era um pedido dela.

Nenhuma de nós disse nada enquanto eu a ajudei a vestir o vestido que ela já tinha escolhido: azul-claro com uma franja que chegava aos joelhos. Ela se sentou defronte ao espelho, enquanto

eu prendia seu cabelo. Mexendo no vestido, torcendo a corrente do pescoço, mordendo o lábio. Então ela me entregou uma peruca: preta e curta, que Emmeline tinha usado meses antes numa festa à fantasia. Eu fiquei surpresa – ela não tinha o hábito de usar perucas –, mas a preendi em sua cabeça, depois dei um passo para trás para observar. Ela parecia outra pessoa. Parecia Louise Brooks.

Ela pegou um frasco de perfume – outro presente de Teddy –, Chanel Número 5, trazido de Paris no ano anterior, mas mudou de ideia. Largou o frasco e se olhou no espelho. Foi então que eu vi o pedaço de papel na sua escrivaninha: *Leitura de Robbie*, estava escrito. *The Stray Cat, Soho, sábado, 10 p.m.* Ela pegou o papel e o guardou na bolsa. Então, pelo espelho, nossos olhos se encontraram. Ela não disse nada; nem precisava. Imaginei como não tinha adivinhado. Quem mais poderia deixá-la tão alerta? Tão nervosa? Tão cheia de expectativa?

Eu fui na frente, para me certificar de que os criados estivessem todos no andar de baixo. Então disse ao Sr. Boyle que tinha notado uma mancha na vidraça do vestíbulo. Não era verdade, mas não podia deixar que algum criado me ouvisse abrir a porta da frente à toa.

Tornei a subir e fiz sinal a Hannah de que o caminho estava livre. Abri a porta da frente e ela saiu. Do outro lado, nós paramos. Ela se virou para mim e sorriu.

– Tome cuidado, madame – eu disse, controlando o nervosismo.

Ela balançou a cabeça.

– Obrigada, Grace. Por tudo.

E desapareceu na escuridão, silenciosamente, com os sapatos na mão para não fazer o menor ruído.

Hannah achou um táxi na esquina e deu ao motorista o endereço do clube onde Robbie estava fazendo a leitura. Ela estava tão excitada que mal conseguia respirar. Precisou bater com os pés no chão do

táxi para convencer a si mesma de que aquilo estava mesmo acontecendo.

O endereço fora fácil de conseguir. Emmeline tinha um diário onde prendia panfletos, anúncios e convites, e Hannah não demorou muito a encontrá-lo. Ela nem precisava ter tido esse trabalho. Assim que disse o nome do clube para o motorista, ele não precisou de mais informação alguma. O Stray Cat era um dos clubes mais conhecidos do Soho, um lugar de encontro de artistas, traficantes de drogas, magnatas e jovens membros da aristocracia, entediados e desocupados, querendo libertar-se das algemas de seu nascimento.

Ele parou o táxi e disse a ela para ter cuidado, sacudiu a cabeça enquanto ela pagava. Ela se virou para agradecer, e ficou vendo o nome do clube refletido no táxi preto desaparecer na noite.

Hannah nunca tinha ido a um lugar desses antes. Ela ficou parada, contemplou a fachada de tijolos, o letreiro iluminado e a multidão de gente alegre reunida na rua. Então era a isto que Emmeline se referia quando falava dos clubes. Era aqui que ela e os amigos vinham se divertir à noite. Hannah estremeceu sob a echarpe, baixou a cabeça e entrou, recusando a oferta do empregado de guardar seu agasalho.

Lá dentro era pequeno, do tamanho de uma sala, e estava quente, apinhado de gente. O ar enfumaçado cheirava a gim. Ela ficou perto da entrada, ao lado de uma coluna, e examinou a sala, procurando Robbie.

Ele já estava no palco, se aquilo podia ser chamado de palco. Um lugar vazio entre o piano e o bar. Ele estava sentado num banquinho, com um cigarro na boca, fumando preguiçosamente. Seu paletó estava pendurado nas costas de uma cadeira próxima e ele estava só com a calça preta do terno e uma camisa branca. O colarinho estava aberto e o cabelo despenteado. Ele folheava um caderno. Na frente dele, a plateia estava espalhada em mesas.

Outros estavam sentados nos banquinhos do bar ou agrupados nos cantos da sala.

Então Hannah avistou Emmeline, sentada a uma mesa, rodeada de amigos. Fanny estava com ela, a matrona do grupo. (A vida de casada tinha se mostrado uma decepção para Fanny. Com os filhos nas mãos de uma governanta chata e um marido que passava o tempo todo imaginando novas doenças, não havia muito o que fazer. Quem poderia culpá-la por buscar diversão ao lado de amigos mais jovens?) Eles a toleravam, Emmeline tinha dito a Hannah, porque ela era tão autêntica na sua busca de diversão e, além disso, era mais velha e podia tirá-los de todo tipo de encrencas. Era especialmente boa em conversar com a polícia quando eles eram apanhados em batidas de madrugada. Todos estavam tomando coquetéis em taças de martíni, e um deles espalhou uma carreira de pó branco sobre a mesa. Normalmente, Hannah teria ficado preocupada com Emmeline, mas esta noite ela estava de bem com o mundo.

Hannah se aproximou mais da coluna, mas não precisava ter se preocupado. Eles estavam tão distraídos uns com os outros que nem tinham tempo de olhar para ninguém. O sujeito com o pó branco cochichou alguma coisa para Emmeline e ela riu alto, atirando a cabeça para trás.

As mãos de Robbie estavam tremendo. Hannah podia ver o caderno balançando. Ele pôs o cigarro num cinzeiro em cima do bar e começou, sem introdução alguma. Um poema sobre história, mistério e memória: “A névoa mutante”. Era um dos favoritos dela.

Hannah observou-o; era a primeira oportunidade que tinha de olhar direito para ele, de deixar seus olhos percorrerem o rosto dele, o corpo dele, sem que ele soubesse. E ela escutou. As palavras a tinham tocado quando ela leu o poema, mas ouvi-lo falar era olhar para dentro do próprio coração.

Ele terminou e a plateia aplaudiu, e alguém riu e ele ergueu os olhos. Para ela. O rosto dele não o traiu, mas ela soube que ele a

tinha visto e reconhecido, apesar do disfarce.

Por um momento eles ficaram sozinhos.

Ele olhou de volta para o caderno, virou algumas páginas, hesitou um pouco, começou a ler o poema seguinte.

E então falou só para ela. Um poema atrás do outro. Sobre saber e não saber, verdade e sofrimento, amor e desejo. Ela fechou os olhos e, a cada palavra que ele dizia, sentia a escuridão desaparecendo.

Então ele terminou e a plateia aplaudiu. A equipe do bar entrou em ação, preparando coquetéis e servindo bebidas, e os músicos tomaram seus lugares e começaram a tocar jazz. Algumas das pessoas sorridentes e embriagadas improvisaram uma pista de dança entre as mesas. Hannah viu Emmeline acenar para Robbie, fazer um sinal para ele se juntar a eles na mesa. Robbie acenou de volta e apontou para o relógio. Emmeline fez um beicinho, um gesto exagerado, depois acenou quando um dos amigos a puxou para dançar.

Robbie acendeu outro cigarro, vestiu o paletó e guardou o caderno no bolso interno do paletó. Ele disse alguma coisa para um homem que estava atrás do bar e atravessou a sala na direção de Hannah.

Nesse momento, quando o tempo desacelerou e ela o viu se aproximando, Hannah ficou tonta. Sentiu uma vertigem. Como se estivesse parada no topo de um rochedo enorme, sob um vento muito forte, sem poder fazer nada a não ser cair.

Sem uma palavra, ele pegou a mão dela e a levou para fora.

Eram três da manhã quando Hannah desceu silenciosamente a escada de serviço do número dezessete. Eu estava esperando por ela, como tinha prometido, com um nó no estômago de nervoso. Ela chegou mais tarde do que eu previra, e a escuridão e a inquietação tinham enchido a minha cabeça de cenas tenebrosas.

– Graças a Deus – Hannah disse, passando pela porta que eu tinha aberto. – Eu estava com medo que você tivesse esquecido.

– É claro que não, madame – eu disse, ofendida.

Hannah entrou e caminhou pé ante pé pelo hall, com os sapatos na mão. Ela começou a subir a escada para o segundo andar quando percebeu que eu estava atrás dela.

– Não precisa me ajudar a trocar de roupa, Grace. Já está muito tarde. Além disso, quero ficar sozinha.

Eu parei onde estava, com minha camisola branca, parecendo uma criança perdida.

– Madame...

Hannah se virou.

– Sim?

– A senhora se divertiu, madame?

Hannah sorriu.

– Ah, Grace. Esta noite a minha vida começou.

III

Eles sempre se encontravam na casa dele. Ela sempre imaginara onde ele morava, mas nunca se aproximara da verdade. Ele era dono de um barco chamado *Sweet Dulcie*, que ficava atracado na beira do Tâmis, geralmente perto da ponte de Chelsea. Ele o tinha comprado de um amigo, contou a ela, na França, depois da guerra, e velejara de volta a Londres. Era um barquinho robusto e, apesar das aparências, perfeitamente capaz de uma viagem em alto-mar.

O interior era surpreendentemente arrumado: paredes forradas de madeira, uma quitinete com painéis de cobre e uma área de estar com uma cama de armar sob janelas cobertas por cortinas. Havia até um banheiro e um chuveiro. O fato de ele morar num lugar tão fora do comum, tão diferente de tudo o que ela já tinha visto, só

fazia a aventura mais excitante. Havia algo de delicioso nestes momentos de intimidade em um lugar tão secreto.

Era fácil combinar os encontros. Robbie ia buscar Emmeline e, enquanto esperava, passava um bilhete para Hannah com uma data e um horário e a ponte onde ele estaria atracado. Hannah lia o bilhete, concordava, e eles se encontravam. Às vezes era impossível – Teddy precisava da presença dela num evento ou Estella a indicava como voluntária em algum comitê. Nessas ocasiões, ela não tinha como avisá-lo. E ficava triste ao pensar que ele a tinha esperado em vão.

Na maioria das vezes, porém, ela conseguia ir. Dizia que ia se encontrar com uma amiga para almoçar, ou ia fazer compras, e desaparecia. Nunca ficava fora muito tempo. Era muito cuidadosa quanto a isso. Qualquer coisa mais longa que uma manhã ou uma tarde podia despertar suspeitas. O amor ilícito torna as pessoas dissimuladas, e ela logo se acostumou: passou a raciocinar rapidamente quando era vista em algum lugar inesperado por alguém inesperado. Um dia ela deu com Lady Clementine em Oxford Circus. Lady Clementine perguntou onde estava o motorista dela. Hannah disse que tinha ido a pé. O tempo estava tão bonito que ela sentiu vontade de dar um passeio. Mas Lady Clementine não tinha nascido ontem. Ela apertou os olhos e balançou a cabeça, disse a Hannah para tomar cuidado, que a rua tinha olhos e ouvidos.

A rua, talvez, mas não o rio. Pelo menos, não o tipo de olhos e ouvidos que Hannah precisava temer. O Tâmesa era diferente nessa época. Um rio agitado, cheio de barulho e de tráfego: barcos de carvão a caminho das fábricas, barcas transportando mercadorias, barcos de pesca levando peixes para o mercado; e, ao longo dos canais, enormes e dóceis cavalos Clydesdales puxando chalupas pintadas, tentando ignorar o voo rasante das gaivotas.

Hannah adorava o rio. Ela não podia acreditar que, estando em Londres tanto tempo, nunca tinha descoberto o coração da cidade.

Ela já tinha passado pelas pontes, é claro, pelo menos por algumas; tinha atravessado as pontes no carro com motorista muitas vezes. Mas não tinha prestado atenção na agitação lá embaixo.

Assim eles se encontravam. Ela saía do número dezessete e ia para a ponte que ele indicara no bilhete. Às vezes era numa região que ela conhecia, outras vezes ele a levava a uma parte desconhecida de Londres. Ela encontrava a ponte, descia até a margem e procurava o barquinho azul no rio.

Ele estava sempre esperando. Quando ela se aproximava, ele estendia a mão e a ajudava a subir a bordo. Eles iam para a cabine, longe do mundo agitado e barulhento, entravam no seu próprio mundo.

Às vezes, depois, eles ficavam deitados juntos, embalados pelo balanço do barco. Contando suas vidas um ao outro. Eles falavam, como amantes costumam fazer, de poesia, música e dos lugares onde Robbie tinha estado e que ela ansiava por conhecer.

Numa tarde de inverno, quando o sol já estava se pondo no céu, eles subiram a escadinha estreita até o convés e entraram na cabine de comando. Tinha baixado um nevoeiro e, junto com ele, a dádiva da privacidade. Ao longe, do outro lado do rio, alguma coisa estava queimando. Eles podiam sentir o cheiro da fumaça de onde estavam e, enquanto olhavam, as chamas foram ficando cada vez mais altas e fortes.

– Deve ser uma barca – disse Robbie. Quando ele falou, algo explodiu e ele se encolheu. Uma chuva de fagulhas encheu o ar.

Hannah ficou olhando uma nuvem de luz dourada penetrando no nevoeiro.

– Que horror – ela disse. – Mas que lindo. – Era como uma das pinturas de Turner, ela pensou.

Robbie pareceu ler seu pensamento.

– Whistler costumava morar no Tâmis – ele disse. – Ele adorava pintar o nevoeiro mutante, os efeitos de luz. Monet também, ele

esteve aqui por algum tempo.

– Então você está em boa companhia – Hannah disse, sorrindo.

– Meu amigo, o antigo dono de *Dulcie* era um pintor – disse Robbie.

– É mesmo? Como é o nome dele? Eu poderia conhecer seu trabalho?

– O nome dela é Marie Seurat.

Hannah sentiu uma pontinha de ciúme, pensando nessa mulher que tinha morado no próprio barco, ganhado a vida como pintora, conhecido Robbie quando ela, Hannah, não o conhecia.

– Você a amava? – ela perguntou, preparando-se para a resposta.

– Eu gostava muito dela – ele disse –, mas infelizmente ela era muito ligada à sua amante, Georgette. – Ele riu ao ver a cara de Hannah. – Paris é um lugar muito diferente.

– Eu adoraria voltar lá – disse Hannah.

– Nós voltaremos – disse Robbie, segurando sua mão. – Um dia, nós voltaremos lá.

Num dia chuvoso de abril, eles estavam deitados juntos, abraçados, ouvindo a água bater suavemente contra o casco do barco. Hannah observava o relógio da parede, controlando as horas para não se atrasar. Finalmente, quando o ponteiro dos minutos alcançou a hora, ela se levantou. Apanhou o par de meias que estava no pé da cama e começou a calçar o pé esquerdo. Robbie passou os dedos pela base da sua espinha.

– Não vá – ele disse.

Ela começou a calçar a meia direita.

– Fique.

Ela já estava de pé. Enfiando a combinação pela cabeça, ajeitando-a ao redor dos quadris.

– Você sabe que eu ficaria. Ficaria para sempre, se pudesse.

– No nosso mundo secreto.

– Sim. – Ela sorriu, ajoelhou-se na beira da cama e acariciou o rosto dele. – Eu gosto disso. Do nosso mundo. Um mundo secreto. Eu amo segredos. – Ela suspirou, já vinha pensando nisso havia algum tempo. Não sabia por que queria tanto compartilhar isto com ele. – Quando éramos crianças – ela disse –, nós costumávamos jogar um jogo.

– Eu sei – disse Robbie. – David me contou sobre O Jogo.

– Ele contou?

Robbie assentiu.

– Mas O Jogo é secreto – Hannah disse automaticamente. – Por que ele contou a você?

– Você também estava prestes a me contar.

– Sim, mas é diferente. Você e eu... É diferente.

– Então conte-me sobre O Jogo – ele disse. – Esqueça que eu já sei.

Ela olhou para o relógio.

– Eu preciso mesmo ir.

– Fale bem depressa – ele disse.

– Está certo. Bem depressa.

E ela contou. Contou a ele sobre Nefertite e Charles Darwin, e a rainha Vitória de Emmeline, e sobre as aventuras que eles tiveram, cada uma mais extraordinária do que a outra.

– Você devia ter sido escritora – ele disse, acariciando-lhe o braço.

– Sim – ela disse com seriedade. – Eu poderia ter realizado minhas fugas e minhas aventuras por meio da escrita.

– Não é tarde para isso – ele disse. – Você podia começar a escrever agora.

Ela sorriu.

– Agora eu não preciso mais. Você é a minha fuga.

Às vezes ele comprava vinho e eles bebiam em velhos copos de vidro. Comiam pão e queijo, e ouviam música romântica no pequeno

gramofone que ele tinha trazido da França. Às vezes, quando as cortinas de renda estavam fechadas, eles dançavam. Sem se importar com o espaço apertado do barco.

Numa dessas tardes ele adormeceu. Ela tomou o resto do vinho, ficou um tempo deitada ao lado dele, tentando combinar sua respiração com a dele, e entrando finalmente no ritmo. Mas ela não conseguia dormir, a novidade de estar deitada ao lado dele era muito grande. A novidade que ele representava era muito grande. Ela se ajoelhou no chão e observou o rosto dele. Nunca o tinha visto dormindo antes.

Ele estava sonhando. Ela podia ver os músculos ao redor dos seus olhos ficando tensos com o que ele via por trás das pálpebras fechadas. Suas pálpebras começaram a tremer. Ela achou que devia acordá-lo. Não gostava de vê-lo assim, com o rosto bonito todo contorcido.

Então ele começou a gritar, e ela ficou com medo que alguém ouvisse na margem do rio. Que viessem socorrê-lo. Poderiam chamar alguém. A polícia, ou pior.

Ela pôs a mão no braço dele, passou os dedos de leve por cima da cicatriz familiar. Ele continuou dormindo, continuou gritando. Ela o sacudiu de leve, chamou o nome dele.

– Robbie? Você está sonhando, meu amor.

Ele abriu os olhos, escuros e arregalados, e, quando ela deu por si, estava deitada no chão, ele estava montado nela, com as mãos ao redor do seu pescoço. Ele a estava estrangulando, ela mal podia respirar. Tentou dizer o nome dele, dizer a ele para parar, mas não conseguiu. Isto só durou um instante, então ele voltou a si e viu que era ela. Viu o que estava fazendo. Ficou em pé de um salto.

Então ela se levantou, ficou sentada no chão e recuou até encostar as costas na parede. Olhou para ele, chocada, imaginando o que lhe havia acontecido. Quem ele tinha pensado que ela fosse.

Ele estava parado do outro lado, com o rosto entre as mãos, os ombros curvados.

– Você está bem? – ele quis saber, sem olhar para ela.

Ela assentiu, imaginando se estava mesmo bem.

– Sim – ela disse finalmente.

Então ele se aproximou e se ajoelhou ao lado dela. Ela deve ter estremecido, porque ele pôs as mãos dela nos ombros dele e disse:

– Eu não vou machucá-la. – Ele ergueu o queixo dela para ver sua garganta. – Jesus – disse.

– Está tudo bem – ela disse, com mais firmeza dessa vez. – Você está...?

Ele encostou um dedo em seus lábios. Ele ainda respirava muito depressa. Sacudiu a cabeça, e ela percebeu que ele queria explicar. Mas não podia.

Ele encostou a mão no rosto dela. Ela descansou o rosto na mão dele, olhando-o nos olhos. Olhos tão escuros, cheios de segredos que ele não compartilhava. Ela queria conhecer todos, fazer com que ele confiasse todos a ela. E quando ele beijou sua garganta, bem de leve, ela gemeu, como sempre fazia.

Ela precisou usar cachecóis durante uma semana. Mas não se importou. De certa forma, ficou contente de carregar sua marca. Isto tornava os intervalos entre os encontros mais suportáveis. Era um lembrete secreto de que ele realmente existia, de que *e/les* existiam. Do seu mundo secreto. Às vezes ela olhava a marca, no espelho, como uma noiva olha para o seu anel de noivado. Para lembrar. Ela sabia que ele ficaria horrorizado se ela lhe contasse isso.

Casos de amor, no início, só se ocupam do presente. Mas existe uma hora em que – um evento, uma troca, algum outro fator desconhecido – trazem o passado e o futuro de volta à cena. Para Hannah, foi isso. Havia outras facetas nele. Coisas que ela não sabia antes. Ela estivera tão maravilhada com ele que não tinha podido enxergar além da sua felicidade imediata. Quanto mais pensava sobre este aspecto dele, do qual conhecia tão pouco, mais frustrada ficava. E mais determinada a saber tudo.

Numa tarde fria de setembro, estavam sentados juntos na cama, olhando para a margem do rio. Havia pessoas andando de um lado para outro, e eles estavam dando a elas nomes e vidas imaginárias. Ficaram silenciosos por algum tempo, apenas observando as pessoas de seu lugar secreto, quando Robbie pulou da cama.

Ela ficou onde estava, virou-se para olhar para ele, sentado na cadeira da cozinha, com uma perna encolhida sob o corpo, a cabeça inclinada sobre o caderno. Ele estava tentando escrever um poema. Tinha tentado o dia todo. Estava distraído, não tinha conseguido jogar o jogo deles com entusiasmo. Ela não se importou. De certa forma que ela não conseguia explicar, a distração dele o tornava ainda mais atraente. Ela ficou deitada na cama, vendo os dedos dele segurando o lápis, desenhando as letras, parando, hesitando, riscando e recomeçando. Ele atirou o caderno e o lápis na mesa e esfregou os olhos.

Ela não disse nada. Já estava acostumada. Não era a primeira vez que o via assim. Ela sabia que ele estava frustrado por não conseguir encontrar as palavras certas. Pior, estava assustado. Ele não lhe dissera, mas ela sabia. Ela o tinha observado, e também lido a respeito: na biblioteca e em jornais e revistas. Era um traço do que os médicos chamavam de choque pós-traumático. A inconfiabilidade da memória, o amortecimento do cérebro devido a experiências traumáticas.

Ele tirou a mão dos olhos e tornou a pegar o papel e o lápis. Recomeçou a escrever, parou, riscou o que tinha escrito.

Ela queria muito ajudar, fazê-lo esquecer. Faria qualquer coisa para acabar com aquele medo que ele tinha de estar enlouquecendo.

E então o inverno tornou a chegar. Ele encostou a pequena lareira do barco na parede da cozinha. Eles se sentaram no chão, vendo as chamas tremulando e assobiando na lareira. A pele deles estava

quente e eles estavam embriagados de vinho e do calor do corpo um do outro.

Hannah tomou um gole de vinho e disse:

– Por que você não conversa sobre a guerra?

Ele não respondeu e acendeu um cigarro.

Ela havia lido textos de Freud sobre recalque e tinha ideia de que, se conseguisse que Robbie falasse sobre o assunto, talvez ficasse curado. Ela prendeu a respiração, imaginando se teria coragem de perguntar. – É porque você matou alguém?

Ele olhou para o perfil dela, deu uma tragada no cigarro, soltou a fumaça e sacudiu a cabeça. Então começou a rir baixinho, sem humor algum. Estendeu a mão e tocou-lhe delicadamente o rosto.

– É isso? – ela murmurou, ainda sem olhar para ele.

Ele não respondeu, e ela tomou outro rumo.

– Com quem é que você sonha?

Ele tirou a mão.

– Você sabe a resposta – ele disse. – Eu só sonho com você.

– Espero que não – disse Hannah. – Seus sonhos não são muito agradáveis.

Ele deu outra tragada no cigarro, soltou a fumaça.

– Não me pergunte.

– É choque pós-traumático, não é? – ela disse, virando-se para ele. – Tenho lido sobre isso.

Seus olhos se encontraram. Os dele tão escuros. Como tinta fresca; cheios de segredos.

– Choque pós-traumático – ele disse. – Eu sempre imaginei quem teria inventado isso. Acho que precisam de um nome bonito para descrever o indizível para as belas damas que ficaram em casa.

– Belas damas como eu, você quer dizer – disse Hannah. Ela ficou desconcertada. Não estava com disposição para ser enrolada. E começou a vestir a combinação e calçar as meias.

Ele suspirou. Ela sabia que ele não queria que ela fosse embora assim. Zangada com ele.

– Você já leu Darwin? – ele perguntou.

– Charles Darwin? – ela disse, virando-se para ele. – É claro.

Mas o que Charles Darwin tem a ver com...

– Adaptação. Sobrevivência é uma questão de adaptação.

Alguns são melhores nisso do que outros.

– Adaptação a quê?

– À guerra. A pensar rápido. Às novas regras do jogo.

Hannah refletiu sobre o que ele tinha dito. Um barco grande passou, fazendo o barquinho balançar.

– Eu estou vivo – Robbie disse, com as chamas se refletindo em seu rosto – porque outro infeliz não está.

Então agora ela sabia.

Ela examinou seus sentimentos.

– Eu estou feliz por você estar vivo – ela disse, mas sentiu um arrepio que veio lá do fundo. E quando os dedos dele acariciaram seu pulso, ela retirou a mão, inconscientemente.

– É por isso que ninguém fala a respeito disso – ele disse. – As pessoas sabem que, se falarem, os outros irão vê-las como elas são na realidade. Membros do partido do demônio movimentando-se no meio de gente comum, como se ainda pertencessem a este mundo. Como se não fossem monstros assassinos que voltaram de uma carnificina.

– Não diga isso. Você não é um assassino.

– Eu sou um matador.

– É diferente. Havia uma guerra. Você agiu em defesa própria.

Em defesa de outros.

Ele sacudiu os ombros.

– Ainda assim foi uma bala enfiada no cérebro de algum sujeito.

– Pare com isso – ela murmurou. – Eu não gosto quando você fala desse jeito.

– Então não devia ter perguntado.

Ela não gostava disso. Não gostava de pensar nele assim, mas viu que não conseguiu deixar de fazê-lo. Que alguém que ela conhecia – alguém que conhecia intimamente, cujas mãos tinham percorrido carinhosamente o seu corpo, alguém em quem confiava implicitamente – tinha matado... Bem, isso mudava as coisas. Isso o mudava. Não para pior. Ela não o amava menos. Mas o via de outra forma. Ele tinha matado um homem. Homens. Inúmeros homens, anônimos.

Ela pensava nisso uma tarde, ao vê-lo andar pela embarcação. Ele estava de calças, mas sua camisa estava pendurada numa cadeira. Ela olhava seus braços magros e musculosos, seus ombros nus, suas mãos belas e brutais, quando aconteceu.

Passos no convés.

Os dois ficaram paralisados, olharam um para o outro; Robbie ergueu os ombros.

Alguém bateu à porta. Ouviu-se uma voz:

– Olá, Robbie? Abra. Sou eu.

A voz de Emmeline.

Hannah saiu da cama e juntou rapidamente suas roupas.

Robbie pôs um dedo nos lábios e foi pé ante pé até a porta.

– Eu sei que você está aí – disse Emmeline. – Um velho simpático me disse que viu você chegar e que você não saiu a tarde inteira. Deixe-me entrar, está gelado aqui fora.

Robbie fez sinal para Hannah se esconder no banheiro.

Hannah fez sinal que sim, atravessou a cabine na ponta dos pés, fechou a porta rapidamente atrás dela. Seu coração estava disparado. Ela conseguiu enfiar o vestido e se ajoelhou para espiar pelo buraco da fechadura.

Robbie abriu a porta.

– Como você soube onde me encontrar?

– Encantado, tenho certeza – disse Emmeline, baixando a cabeça e pulando para o meio da cabine. Hannah notou que ela estava usando seu vestido novo amarelo. – Desmond contou a

Freddy, Freddy contou a Jane. Você sabe como esses garotos são.
– Ela fez uma pausa e examinou tudo. – Isto aqui é divino, Robbie querido! Que esconderijo adorável. Você precisa dar uma festa... Uma festa muito *íntima*. – Ela ergueu as sobrancelhas quando viu os lençóis desarrumados e se voltou para Robbie, sorrindo enquanto avaliava o seu grau de nudez. – Interrompi alguma coisa?

Hannah prendeu a respiração.

– Eu estava dormindo – disse Robbie.

– Às quinze para as quatro?

Ele sacudiu os ombros, vestiu a camisa.

– Eu sempre imaginei o que você faria o dia inteiro. Pensei que estivesse ocupado escrevendo poemas.

– Eu estava. Estou. – Ele esfregou o pescoço, bufou zangado. – O que você quer?

Hannah encolheu-se ao ouvir o tom severo da voz dele. Foi a menção que Emmeline fez à poesia: fazia semanas que Robbie não escrevia. Emmeline não pareceu notar a indelicadeza.

– Eu queria saber se você ia hoje. À casa de Desmond.

– Eu disse a você que não ia.

– Eu sei o que você disse, mas achei que poderia ter mudado de ideia.

– Não mudei.

Houve um silêncio e Robbie olhou para a porta e Emmeline olhou esperançosa para a cabine.

– Talvez eu pudesse...

– Você tem que ir – Robbie disse depressa. – Eu estou trabalhando.

– Mas eu podia ajudar – ela usou a bolsa para erguer a ponta de um prato sujo – a lavar a louça ou...

– Eu disse que não. – Robbie abriu a porta.

Hannah viu Emmeline forçar um sorriso.

– Eu estava brincando, querido. Você não achou que eu não tinha nada melhor a fazer numa tarde tão bonita do que limpar a

casa, achou?

Robbie não disse nada.

Emmeline se dirigiu para a porta. Endireitou a gola do vestido.

– Você vai amanhã à casa de Freddy?

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

– Você me apanha às seis?

– Sim – disse Robbie, e ele fechou a porta atrás dela.

Então Hannah saiu do banheiro. Ela se sentia suja. Como um rato saindo do buraco.

– Talvez a gente devesse dar um tempo? – ela disse. – Uma semana mais ou menos?

– Não – disse Robbie. – Eu já disse a Emmeline para não aparecer por aqui. Vou dizer de novo. Vou fazer com que ela entenda.

Hannah concordou com a cabeça, imaginou por que estava se sentindo tão culpada. Ela tornou a lembrar a si mesma que tinha que ser assim. Que Emmeline não ia ser magoada. Robbie tinha explicado a ela que seus sentimentos não eram românticos. Ele disse que ela havia rido e perguntado por que ele imaginara que ela pensasse outra coisa. Mesmo assim. Alguma coisa na voz de Emmeline, um nervosismo por baixo da falsa naturalidade. E o vestido amarelo. O favorito de Emmeline...

Hannah olhou para o relógio da parede. Ainda faltava meia hora para ela ir embora.

– É melhor eu ir – ela disse.

– Não – ele disse. – Fica.

– Eu tenho...

– Pelo menos alguns minutos. Dê tempo para Emmeline se afastar.

Hannah concordou e Robbie se aproximou dela. Passou a mão pelos dois lados do seu rosto, segurou o seu pescoço e a puxou para si.

Um beijo súbito, violento, que a fez perder o equilíbrio e que afastou completamente todas as dúvidas.

Uma tarde úmida de dezembro; eles estavam sentados na cabine de comando. O barco estava atracado perto de Battersea Bridge, onde os salgueiros se debruçavam sobre o Tâmesa.

Hannah soltou o ar devagar. Ela aguardava o momento certo para contar a ele.

– Não vou poder encontrar você por duas semanas – ela disse. – É o Teddy. Ele vai receber hóspedes da América nas próximas duas semanas e eu vou ter que bancar a boa esposa. Passear com as pessoas, distraí-las.

– Eu odeio imaginar você fazendo isso – ele disse. – Bajulando-o.

– Eu não vou bajulá-lo. Teddy não saberia o que estava acontecendo se eu fizesse isso.

– Você sabe o que eu quero dizer – disse Robbie.

Ela concordou. É claro que ela sabia o que ele queria dizer.

– Eu também odeio. Eu faria qualquer coisa para não ter que deixar você.

– Qualquer coisa?

– Quase tudo. – Ela estremeceu quando uma rajada de chuva entrou na cabine. – Combine de visitar Emmeline na semana que vem; diga-me quando e onde poderemos nos encontrar depois do Ano-novo.

Robbie estendeu a mão para fechar a janela.

– Eu quero terminar com Emmeline.

– Não – disse Hannah. – Ainda não. Como vamos nos ver? Como eu vou saber onde encontrá-lo?

– Isto não seria um problema se você morasse comigo. Nós sempre saberíamos onde nos encontrar. Nunca nos perderíamos um do outro.

– Eu sei, eu sei. – Ela segurou a mão dele. – Mas até então...
Como você pode pensar em terminar a amizade com Emmeline?

Ele tirou a mão, a janela estava emperrada, não se mexia.

– Você tinha razão – ele disse. – Ela está ficando muito apegada.

– Deixe isso – disse Hannah –, você está se molhando.

Finalmente, a janela cedeu e fechou com um estrondo. Robbie tornou a sentar-se, o cabelo pingando.

– Apegada demais.

– Emmeline é arrebatada – disse Hannah, tirando uma toalha do armário, secando o rosto dele. – É o jeito dela. Por quê? O que o faz dizer isso?

Robbie sacudiu a cabeça com impaciência.

– O que foi? – disse Hannah.

– Nada – disse Robbie. – Você tem razão. Não deve ser nada.

– Eu sei que não é nada – Hannah disse com firmeza. E ela acreditava mesmo nisso naquele momento. Mas teria dito mesmo se não acreditasse. O amor é assim: insistente, seguro, persuasivo. Ele faz calar todas as dúvidas.

A chuva estava forte.

– Você está com frio – disse Hannah, cobrindo os ombros dele com a toalha. Ela se ajoelhou e enxugou os braços dele. – Você vai pegar um resfriado. – Ela não olhou para ele quando falou: – Teddy quer que nos mudemos de volta para Riverton.

– Quando?

– Em março. Ele vai restaurar a casa, construir uma nova casa de verão. Ele só fala nisso ultimamente – ela falou friamente. – Ele se imagina o próprio cavalheiro rural.

– Por que você não me contou isso antes?

– Eu não queria pensar nisso – ela disse, infeliz. – Fico torcendo para ele mudar de ideia. – Ela o abraçou com violência. – Você precisa manter contato com Emmeline. Eu não posso convidar você para ficar lá, mas ela pode. Na certa, ela vai levar amigos para os fins de semana, para festas.

Ele concordou, mas não a encarou.

– Por favor – disse Hannah. – Faça isso por mim. Eu preciso saber que você vai lá.

– E nós vamos nos tornar um desses casais que se encontram no campo?

– Sim – ela disse.

– Vamos jogar os mesmos jogos que inúmeros casais antes de nós. Encontros furtivos durante a noite, fingir que mal nos conhecemos durante o dia?

– Sim – ela disse baixinho.

– Esse não é o nosso jogo.

– Eu sei.

– Não é o bastante – ele disse.

– Eu sei – ela tornou a dizer.

O ano de 1924 chegou e, certa noite, quando Teddy viajava a negócios e Deborah e Emmeline estavam ocupadas com seus amigos, eles combinaram de se encontrar. O barco estava atracado numa parte de Londres em que Hannah jamais tinha entrado. Quando o táxi se embrenhou pelo East End, ela olhou pela janela. A noite tinha caído e não havia muito o que ver: prédios cinzentos; charretes com lanternas penduradas no alto; uma ou outra criança de rosto vermelho e roupa de lã correndo, jogando bola de gude, apontando para o táxi. Então, ao descer uma rua, o choque de luzes coloridas, gente, música.

Hannah inclinou-se para a frente e perguntou ao motorista:

– O que é isso? O que está acontecendo aqui?

– Festa de Ano-novo – ele disse, com um acentuado sotaque *cockney*. – Uns arruaceiros, todos eles. Estamos no meio do inverno; eles deviam estar dentro de casa.

Hannah observou, fascinada, enquanto o táxi se arrastava pela rua na direção do rio. As lâmpadas tinham sido penduradas entre os edifícios, e ziguezagueavam pelo caminho. Um grupo de homens

tocando violino e acordeão tinha atraído uma multidão que batia palmas e ria. Crianças se misturavam aos adultos, arrastando serpentinas e soprando apitos; homens e mulheres rodeavam enormes tambores de metal, comendo castanhas e bebendo cerveja. O motorista de táxi teve que tocar a buzina e gritar para eles saírem da frente.

– São todos uns loucos – ele disse quando o táxi chegou ao final da rua e virou a esquina. – Completamente doidos.

Hannah teve a impressão de ter passado por uma espécie de terra encantada. Quando o táxi finalmente parou no cais, ela correu à procura de Robbie, que estava esperando por ela.

Robbie resistiu, mas Hannah implorou, e finalmente o convenceu de acompanhá-la à festa. Eles saíam tão pouco, ela disse, e quando teriam outra oportunidade de ir a uma festa juntos? Ninguém iria conhecê-los ali. Era seguro.

Ela o guiou de memória, achando que não ia acertar o caminho. Achando que a festa tinha desaparecido como um anel encantado num conto de fadas. Mas logo ouviu o som dos violinos, os apitos das crianças, os gritos joviais, e viu que a festa era logo adiante.

Momentos depois eles entraram na terra da fantasia, começaram a passear pela rua. O vento frio trouxe com ele o cheiro das castanhas assadas, do suor e da animação. Havia gente debruçada nas janelas, chamando quem estava embaixo, cantando, brindando o novo ano, se despedindo do velho. Hannah olhava de olhos arregalados, agarrada no braço de Robbie, apontando para uma coisa e outra, rindo, encantada com as pessoas que tinham começado a dançar numa pista improvisada.

Eles pararam para assistir, juntaram-se à multidão cada vez maior, encontraram lugar para sentar numa prancha de madeira apoiada em latas. Uma mulher gorda de rosto vermelho e uma massa de cabelo escuro e cacheado sentou-se num banquinho ao lado dos violinistas, cantando e batendo com um pandeiro nas

coxas robustas. Vivas da plateia, gritos de entusiasmo, saias girando.

Hannah estava fascinada. Ela nunca tinha visto uma orgia daquelas. Já fora a muitas festas, mas, em comparação com aquilo, elas pareciam tão orquestradas. Tão comportadas. Ela batia palmas, ria, apertava a mão de Robbie.

– Eles são maravilhosos – ela disse, sem conseguir tirar os olhos dos casais. Homens e mulheres de todos os tipos e tamanhos, de braços dados, dançando. – Eles não são maravilhosos?

Então Robbie disse em seu ouvido:

– Eu estou com sede. Vamos achar algo para beber.

Ela mal escutou, sacudiu a cabeça. Viu que estava prendendo a respiração.

– Não. Não, vai você. Eu quero assistir.

Ele hesitou.

– Eu não quero deixar você sozinha.

– Eu vou ficar bem aqui. – Mal percebeu quando ele soltou a mão dela. Não teve tempo de vê-lo sair, tinha muita coisa para ver. Ouvir. Sentir.

Depois ela se perguntou se deveria ter notado alguma coisa na voz dele. Se deveria ter percebido que o barulho, a confusão, a multidão em volta dele o estavam deixando sem ar. Mas ela não percebeu. Estava fascinada.

O lugar de Robbie foi logo tomado, outra coxa encostou na dela. Ela olhou para o lado. Um homem baixo e forte, de costeletas vermelhas, chapéu de feltro marrom.

O homem olhou para ela, inclinou-se e apontou para a pista de dança.

– Vamos dançar?

O hálito dele cheirava a fumo. Seus olhos eram claros, azuis, grudados nela.

– Ah... não. – Ela sorriu para ele. – Obrigada. Eu estou com alguém. – Ela olhou por cima do ombro, procurando por Robbie.

Achou tê-lo visto do outro lado da rua. Parado ao lado de um barril de assar castanhas. – Ele não vai demorar.

O homem inclinou o rosto.

– Vamos. Só uma dança. Isso vai nos aquecer.

Hannah tornou a olhar para trás. Nem sinal de Robbie. Ele tinha dito para onde ia? Quanto tempo iria demorar?

– E então? – o homem disse. Ela se virou para ele. Havia música em toda parte. Isso a fez se lembrar de uma rua que tinha visto em Paris anos antes. Durante sua lua de mel. Ela mordeu o lábio. Que mal faria uma dança? Por que não aproveitar a oportunidade?

– Está bem – ela aceitou, segurando a mão dele. Sorrindo nervosamente. – Só não tenho certeza se vou saber dançar.

O homem riu. Puxou-a pela mão e a levou até o meio da multidão.

E ela estava dançando. De algum modo, conduzida por ele, ela acertou os passos. Eles dançaram e giraram, arrastados na corrente dos outros casais. Violinos tocavam, botas batiam no chão, mãos batiam palmas. O homem deu o braço a ela, cotovelo com cotovelo, e eles giraram. Ela riu. Ela nunca tinha sentido tanta liberdade. Ergueu o rosto para o céu; fechou os olhos, sentiu o ar frio da noite beijando suas pálpebras quentes, seu rosto quente. Tornou a abrir os olhos, procurou Robbie. Queria dançar com ele. Ser abraçada por ele. Ela contemplou o mar de rostos – será que eram tantos assim antes? –, mas estava rodando depressa demais. Havia um borrão de olhos e bocas e palavras.

– Eu... – Ela estava sem fôlego, pôs a mão na garganta. – Tenho que parar agora. Meu amigo vai voltar. – Ela bateu no ombro do homem, mas ele continuou rodando. Ela disse: – Chega. Obrigada.

Por um momento ela achou que ele não ia parar, que ia continuar a rodar, sem soltá-la nunca. Mas, então, ela sentiu o impulso diminuir, uma tontura, e eles estavam perto do banco outra vez.

Ele agora estava cheio de outros espectadores. Ainda nenhum sinal de Robbie.

– Onde está o seu amigo? – perguntou o homem. Ele tinha perdido o chapéu na dança, passou a mão pela cabeleira ruiva.

– Ele já vem – disse Hannah, examinando os rostos desconhecidos. Piscando os olhos para ver se a tonteira passava.

– Não vale a pena ficar sentada esperando – disse o homem. – Você vai se resfriar.

– Não – disse Hannah. – Obrigada, mas eu vou esperar aqui.

O homem a agarrou pelo pulso.

– Vamos. Vem me fazer companhia.

– Não – disse Hannah, desta vez com firmeza. – Já chega.

O homem soltou a mão dela. Sacudiu os ombros, passou os dedos pelas costeletas, o pescoço. Virou-se para ir embora.

De repente, um vulto na escuridão. Uma sombra. Em cima deles. Robbie.

Um cotovelo em seu ombro e ela estava caindo.

Um grito. Dele? Do homem? Dela?

Hannah caiu sobre uma muralha de espectadores.

A banda continuou a tocar; as palmas e as botas batendo no chão.

De onde caiu, ela olhou para cima. Robbie estava sobre o homem. Primeiro batendo. Batendo. Sem parar.

Pânico. Calor. Medo.

– Robbie! – ela gritou. – Robbie, para!

Ela abriu caminho no meio da multidão, agarrando-se onde podia.

A música tinha parado e as pessoas tinham se amontoado para ver a briga. Ela passou de qualquer jeito no meio delas, foi até a frente. Agarrou a camisa de Robbie.

– Robbie!

Ele a empurrou. Virou-se brevemente para ela. Olhos vazios, que não a estavam vendo.

O homem deu um soco no rosto de Robbie. E pulou sobre ele. Sangue.

Hannah gritou:

– Não! Solte-o. Por favor, solte-o. – Ela estava chorando. –

Alguém ajude, por favor.

Ela nunca soube direito como terminou. Nunca soube o nome do homem que veio ajudá-la, que veio ajudar Robbie. Que tirou o homem de cima dele; que arrastou Robbie até o muro. Foi buscar copos de água, depois de uísque. Disse a ela para levar seu velho para casa e colocá-lo na cama.

Quem quer que ele fosse, não tinha ficado surpreso com os acontecimentos. Tinha rido e dito a eles que não seria uma noite de sábado – nem de sexta-feira ou de quinta, aliás – se não houvesse alguma briga. Aí ele tinha erguido os ombros, tinha dito a eles que Red Wycliffe não era um mau sujeito – ele tinha estado na guerra, só isso, e não era o mesmo desde então. Então ele os mandou para casa, Robbie apoiado em Hannah.

Eles não atraíram um único olhar quando se afastaram, deixando a festa, a alegria, as palmas para trás.

Mais tarde, de volta ao barco, ela lavou o rosto dele. Ele se sentou no banco e ela se ajoelhou na frente dele. Ele não tinha dito quase nada depois que saíram da festa e ela não tinha querido perguntar. O que lhe acontecera, por que ele tinha atacado, onde tinha estado. Ela adivinhou que ele estava fazendo essas mesmas perguntas a si mesmo, e tinha razão.

– O que será que aconteceu? – ele disse por fim. – O que será que aconteceu?

– Shh – ela disse, apertando a toalha molhada contra o rosto dele. – Já acabou.

Robbie sacudiu a cabeça. Fechou os olhos. Por baixo das pálpebras cerradas, seus pensamentos voavam. Hannah mal escutou quando ele falou:

– Eu o teria matado – ele murmurou. – Que Deus me ajude, eu o teria matado.

Eles não tornaram a sair. Não depois disso. Hannah culpava a si mesma; repreendia-se por não ter dado ouvidos a ele, por ter insistido que fossem. As luzes, o barulho, a multidão. Ela havia lido sobre choque pós-traumático: devia ter sabido. Resolveu cuidar melhor dele no futuro. Lembrar-se de tudo por que ele tinha passado. Tratá-lo com carinho. E nunca mais mencionar o fato. Estava terminado. Não ia acontecer de novo. Ela se encarregaria disso.

Uma semana depois, eles estavam deitados juntos, jogando seu jogo, imaginando que moravam numa cidadezinha isolada no topo do Himalaia, quando Robbie disse:

– Estou cansado disto.

Hannah virou-se para ele.

– O que você gostaria de fazer?

– Eu quero que isto seja real.

– Eu também – Hannah disse. – Imagine se...

– Não – Robbie disse. – Por que não podemos tornar isto real?

– Querido – Hannah disse carinhosamente, passando um dedo pelo rosto dele, pela cicatriz recente. – Não sei se você se esqueceu, mas eu já sou casada. – Ela tentava tratar o assunto com leveza. Fazê-lo rir, mas ele não riu.

– As pessoas se divorciam.

Ela imaginou quem seriam essas pessoas.

– Sim, mas...

– Nós podíamos velejar para algum lugar, bem longe daqui, longe de todo mundo que conhecemos. Você não quer?

– Você sabe que eu quero – Hannah disse.

– Com a nova lei, você só terá que provar adultério.

Hannah balançou a cabeça.

– Mas Teddy não cometeu adultério.

– Certamente – Robbie disse – neste tempo todo que nós...

– Ele não é assim – disse Hannah. – Nunca foi muito interessado. – Ela passou um dedo pelos lábios dele. – Nem logo

quando nos casamos. Só depois que encontrei você foi que percebi... – Ela parou e se inclinou para beijá-lo. – Foi que eu percebi.

– Ele é um tolo – disse Robbie. Ele olhou intensamente para ela e passou a mão de leve pelo braço dela, do ombro até o pulso. – Deixe-o.

– O quê?

– Não vá para Riverton – ele disse. Ele estava sentado agora, tinha segurado os pulsos dela. Meu Deus, como ele era bonito. – Fuja comigo.

– Você não está falando sério – ela disse, incerta. – Você está brincando.

– Nunca falei mais sério.

– Simplesmente desaparecer?

– Simplesmente desaparecer.

Ela ficou calada por alguns instantes, refletindo.

– Eu não posso. Você sabe disso.

– Por quê? – Ele largou os pulsos dela, saiu da cama e acendeu um cigarro.

– Por diversas razões... – Ela pensou um pouco. – Emmeline...

– Foda-se Emmeline.

Hannah levou um susto.

– Ela precisa de mim.

– Eu preciso de você.

E precisava mesmo. Ela sabia disso. Uma necessidade ao mesmo tempo assustadora e embriagadora.

– Ela vai ficar bem – disse Robbie. – Ela é mais forte do que você pensa.

Ele estava sentado à mesa, fumando. Parecia mais magro do que antes. Ele estava mesmo mais magro. Ela imaginou como não tinha notado antes.

– Teddy me encontraria – ela disse. – A família dele me encontraria.

- Eu não deixaria.
- Você não os conhece. Eles não suportariam o escândalo.
- Nós iríamos para algum lugar onde eles não pudessem nos encontrar. O mundo é muito grande.

Ele parecia tão frágil ali sentado. Sozinho. Ela era tudo o que ele tinha. Ela se aproximou dele, abraçou-o de modo que ele descansasse a cabeça em seu estômago.

- Eu não posso viver sem você – ele disse. – Prefiro morrer. –

Ele falou isso com tanta naturalidade que ela estremeceu, ficou zangada consigo mesma pelo prazer que sentiu ao ouvir aquelas palavras.

- Não diga isso – ela disse.

- Eu preciso estar com você – ele disse com simplicidade.

E assim, ela deixou que ele planejasse. A grande fuga. Ele tinha parado de escrever poesia, só usava o caderno para rabiscar planos de fuga. Ela até ajudava às vezes. Era um jogo, ela dizia a si mesma, como os outros que eles costumavam jogar. Isso o deixava feliz e, além disso, ela mesma às vezes se empolgava com os planos. Com os lugares distantes onde eles poderiam viver, que poderiam conhecer, com as aventuras que iriam realizar. Um jogo. O jogo deles em seu mundo secreto.

Ela não sabia, não podia saber, aonde tudo isso iria levar.

Se soubesse, me disse mais tarde, ela o teria beijado pela última vez, e fugido dali o mais depressa possível.

O começo do fim

Nem precisa dizer: mais cedo ou mais tarde os segredos acabam sendo revelados. Hannah e Robbie conseguiram guardar o deles por muito tempo: durante todo o ano de 1923 e início de 1924. Mas, como acontece com todos os casos de amor impossíveis, este estava destinado a acabar.

No andar de baixo, os criados tinham começado a comentar. Foi a criada nova de Deborah, Caroline, quem acendeu o pavio. Ela era uma garota bisbilhoteira, vinda da casa da notória Lady Pentthrop (que tinha a fama de ter-se envolvido com metade dos lordes solteiros de Londres). Tinha sido dispensada com ótimas referências, conseguidas, junto com uma bela soma, depois de ter apanhado a patroa em atitudes bastante comprometedoras. Ironicamente, ela não precisaria ter tido este trabalho: ela não precisava de referências para ser contratada por nós. Sua reputação a precedeu, e foi o fato de ela ser bisbilhoteira e não de ser uma boa arrumadeira que fez Deborah contratá-la.

Sempre existem sinais se a pessoa sabe onde procurá-los, e ela sabia muito bem onde fazê-lo. Pedacinhos de papel com endereços desconhecidos retirados do fogo antes de queimar, marcas de bilhetes ardentes deixadas em blocos, sacolas de compras que continham pouco mais do que velhas notas amassadas. E não foi difícil conseguir que os outros criados falassem. Depois que ela invocou o fantasma do Divórcio, que lembrou a eles que se houvesse um escândalo eles provavelmente ficariam desempregados, todos se tornaram muito solícitos.

Ela não teve a ousadia de me procurar, mas, no fim, isso não foi preciso. Ela soube do segredo de Hannah. Eu culpo a mim mesma por isso: eu devia ter sido mais atenta. Se não estivesse com a cabeça em outras coisas, teria notado o que Caroline estava

tramando, teria avisado a Hannah. Mas nessa época eu não estava sendo uma boa criada, descuidei muito das minhas responsabilidades para com Hannah. Eu estava desatenta, tinha sofrido uma grande decepção. Tinha recebido notícias de Riverton sobre Alfred.

Então, a primeira vez que ouvimos falar do assunto foi na noite da ópera, quando Deborah foi ao quarto de Hannah. Eu tinha ajudado Hannah a vestir um vestido claro de seda francesa, nem branco nem cor-de-rosa, e estava arrumando o cabelo dela em cachos ao redor do seu rosto quando alguém bateu à porta.

– Estou quase pronta, Teddy – disse Hannah, revirando os olhos para mim pelo espelho. Teddy era religiosamente pontual. Eu enfiei um grampo num cacho particularmente rebelde.

A porta abriu e Deborah deslizou para dentro do quarto, dramática num vestido vermelho. Ela se sentou na beira da cama de Hannah e cruzou as pernas, num farfalhar de seda vermelha.

Hannah olhou para mim. Uma visita de Deborah era um acontecimento raro.

– Ansiosa para ver *Tosca*? – Hannah perguntou.

– Imensamente – disse Deborah. – Eu adoro Puccini. – Ela tirou um estojo de pó compacto da bolsa, fez um oito com os lábios e limpou as manchas de batom dos cantos. – Mas é tão triste, os amantes separados daquele jeito.

– Não há muitos finais felizes na ópera – disse Hannah.

– Não – disse Deborah. – Nem na vida, eu acho.

Hannah comprimiu os lábios. Esperou.

– Você entende, não é – disse Deborah, alisando as sobrancelhas no espelhinho –, que não me interessa saber com quem você está dormindo quando o idiota do meu irmão vira as costas.

Hannah tornou a olhar para mim. O choque me fez deixar cair o grampo no chão.

– O que me preocupa são os negócios do meu pai.

– Eu não sabia que os negócios dele tinham alguma coisa a ver comigo – disse Hannah. Apesar do tom casual, eu percebi que sua respiração tinha ficado rápida e superficial.

– Não banque a tola – Deborah disse, fechando o estojo de pó compacto. – Você sabe o papel que representa em tudo isso. As pessoas confiam em nós porque representamos o melhor de dois mundos. Uma forma moderna de fazer negócios com a segurança de um antigo nome de família por trás. Progresso e tradição, lado a lado.

– Tradição progressista? Eu sempre suspeitei que eu e Teddy formássemos um casal um tanto paradoxal – disse Hannah.

– Não banque a esperta – Deborah disse. – Você e os seus tiram proveito da união de nossas famílias tanto quanto nós. Depois da bagunça que o seu pai fez com a herança dele...

– Meu pai fez o melhor que pôde. – O rosto de Hannah ficou vermelho.

Deborah ergueu as sobrancelhas.

– É assim que você chama o que ele fez? Levando sua empresa à falência?

– Papai perdeu a empresa por causa da guerra. Ele teve azar.

– É claro – Deborah disse –, uma coisa terrível, a guerra. Tanta gente azarada. E o seu pai, um homem tão decente. Tão determinado a insistir, a dar outro rumo ao seu negócio. Ele era um sonhador. Não um realista, como você. – Ela riu, veio ficar atrás de Hannah, obrigando-me a me afastar. Ela se inclinou sobre o ombro de Hannah e se dirigiu ao reflexo dela no espelho. – Não é segredo que ele não queria que você se casasse com Teddy. Você sabe que ele procurou o meu pai uma noite? Ah, sim. Disse a ele que sabia o que ele estava tramando e que ele podia desistir, que você jamais concordaria. – Ela endireitou o corpo, sorriu triunfante quando Hannah desviou os olhos. – Mas você concordou. Porque você é uma garota esperta. Partiu o coração do seu pai, mas sabia tão bem quanto ele que não tinha escolha. E você tinha razão. Onde você

estaria agora se não tivesse se casado com o meu irmão? – Ela fez uma pausa, ergueu uma sobrancelha. – Com aquele seu poeta?

Parada perto do guarda-roupa, sem poder chegar à porta, eu queria estar em outro lugar. Vi que Hannah tinha empalidecido. Seu corpo estava rígido, preparado para receber um golpe.

– E quanto à sua irmã? – disse Deborah. – E quanto à pequena Emmeline?

– Emmeline não tem nada a ver com isto – Hannah disse, com a voz trêmula.

– Eu não concordo – disse Deborah. – Onde ela estaria se não fosse pela minha família? Uma órfã cujo pai perdeu a fortuna da família e enfiou uma bala na cabeça. Cujas irmãs estão tendo um caso com um dos seus namorados. Ora, e seria ainda pior se um daqueles filmes indecentes reaparecessem!

Hannah ficou com as costas tensas.

– Ah, sim – disse Deborah. – Eu sei tudo sobre eles. Você não acha que meu irmão guarda segredos de mim, acha? – Ela sorriu e suas narinas tremeram. – Ele não faria isso. Nós somos uma família.

– O que você quer, Deborah?

Deborah sorriu levemente.

– Eu só queria que você entendesse o quanto nós todos temos a perder com um escândalo. Que isso tem que parar.

– E se não parar?

Deborah suspirou, pegou a bolsa de Hannah que estava em cima da cama.

– Se você não parar de se encontrar com ele por vontade própria, eu vou tomar providências para que isso aconteça. – Ela fechou a bolsa e a entregou a Hannah. – Homens como ele, de temperamento artístico, afetados pela guerra, desaparecem o tempo todo, pobrezinhos. Ninguém dá importância a isso. – Ela endireitou o vestido e se encaminhou para a porta. – Você se livra dele. Ou eu me livro.

E, com isso, *Sweet Dulcie* deixou de ser um lugar seguro. Robbie, é claro, não sabia, só ficou sabendo quando Hannah me mandou entregar uma carta a ele: uma explicação e um local onde eles poderiam se encontrar, pela última vez.

Ele ficou desapontado ao me ver em lugar de Hannah, e não ficou nada satisfeito. Pegou a carta, olhou em volta para ver se eu estava sozinha, então começou a ler. O cabelo dele estava despenteado e a barba por fazer. Seu rosto estava pálido, bem como a pele ao redor dos lábios, que se moviam devagar, lendo as palavras de Hannah. O cheiro dele era de quem não tinha tomado banho.

Eu nunca tinha visto um homem num estado tão natural, não sabia para onde olhar. Eu me concentrei no rio atrás dele. Quando terminou de ler a carta, ele olhou para mim e eu vi como os olhos dele eram escuros, e como estavam desesperados. Eu pisquei, desviei os olhos, saí assim que ele disse que estaria lá.

Eles se encontraram pela última vez naquele inverno no salão egípcio do Museu Britânico. Foi uma manhã chuvosa de março de 1924. E enquanto eu fingia ler artigos sobre Howard Carter, Hannah e Robbie sentaram-se em extremidades opostas de um banco diante da exposição de Tutâncomon. Falando de vez em quando – embora eu só viesse a saber mais tarde o que eles tinham dito um ao outro – e parecendo dois estranhos cujo único interesse em comum era a egiptologia.

Alguns dias depois, a pedido de Hannah, eu estava ajudando Emmeline a fazer as malas para se mudar para a casa de Fanny. Emmeline tinha ocupado dois quartos no número dezessete, e, sem ajuda, ela não ia conseguir ficar pronta na hora. Eu estava tirando os acessórios de inverno de Emmeline das prateleiras de brinquedos dados a ela por seus admiradores quando Hannah entrou para ver como estávamos progredindo.

– Você devia estar ajudando, Emmeline – disse Hannah. – E não deixando tudo para Grace fazer.

O tom de voz de Hannah era tenso, como estava desde aquele dia no Museu Britânico, mas Emmeline não notou. Ela estava ocupada demais folheando o seu diário. Passara a tarde inteira fazendo isso, sentada no chão de pernas cruzadas, examinando velhos tíquetes e desenhos, retratos e anotações.

– Ouça só isto – ela disse – de Harry. “Venha à casa de Desmond, senão seremos só nós três: Dessy, este seu criado e Clarissa.” Ele não é um escândalo? Pobre Clarissa, ela não devia ter encrespado o cabelo.

Hannah sentou-se na beirada da cama.

– Vou sentir saudades suas.

– Eu sei – disse Emmeline, alisando uma página amassada do diário. – Mas você entende que não posso ir para Riverton com vocês. Eu morreria de tédio.

– Eu sei.

– Não que vá ser chato para você, querida – Emmeline disse de repente, percebendo que poderia ter sido indelicada. – Você sabe que não foi isso que eu quis dizer. – Ela sorriu. – É engraçado, não é, como as coisas mudam?

Hannah ergueu as sobrancelhas.

– O que eu quero dizer é que quando nós éramos pequenas, você estava sempre querendo ir embora. Você se lembra de que queria trabalhar num escritório? – Emmeline riu. – Eu já esqueci, você chegou a pedir permissão ao papai para isso?

Hannah sacudiu negativamente a cabeça.

– Imagino o que ele teria achado – disse Emmeline. – Pobre papai. Eu me lembro de como ele ficou zangado quando você se casou com Teddy e me deixou com ele. Não consigo me lembrar por quê. – Ela suspirou, contente. – Mas tudo deu certo, não foi?

Hannah comprimiu os lábios, buscando as palavras certas.

– Você está feliz em Londres, não está?

– E precisa perguntar? – disse Emmeline. – Aqui é maravilhoso.
– Ótimo. – Hannah se levantou para sair, hesitou, tornou a sentar.
– E você sabe que se acontecer alguma coisa comigo...
– Ser abduzida por marcianos do planeta vermelho? – zombou Emmeline.
– Eu não estou brincando, Emme.
Emmeline ergueu os olhos para o céu.
– E eu não sei. Você passou a semana toda com cara de enterro.
– Lady Clementine e Fanny irão sempre ajudá-la. Você sabe disso, não sabe?
– Sim, sim – disse Emmeline. – Você já disse tudo isso antes.
– Eu sei. É só que, deixar você sozinha em Londres...
– Você não está me deixando – disse Emmeline. – Eu estou ficando. E não vou ficar sozinha, vou morar com Fanny. – Ela abanou a mão. – Vou ficar muito bem.
– Eu sei – disse Hannah. Ela olhou para mim, desviou depressa os olhos. – Então vou deixar vocês trabalhando, certo?
Hannah já estava quase na porta quando Emmeline disse:
– Não tenho visto Robbie ultimamente.
Hannah ficou tensa, mas não olhou para trás.
– Não – ela disse –, agora que você mencionou isso, faz vários dias que ele não aparece.
– Eu fui procurá-lo, mas o barquinho dele não está mais lá. Deborah disse que ele tinha partido.
– Ela disse? – Hannah falou, com as costas rígidas. – Para onde ela disse que ele tinha ido?
– Ela não disse. – Emmeline franziu a testa. – Ela disse que talvez você soubesse.
– Como eu poderia saber? – disse Hannah, virando-se. Ela evitou meus olhos. – Eu não me preocuparia com isso. Ele deve estar escrevendo poemas em algum lugar.
– Ele não teria partido assim. Teria me contado.

– Não necessariamente – disse Hannah. – Ele é assim mesmo, você não acha? Imprevisível. Pouco confiável. – Ela ergueu os ombros, tornou a baixá-los. – Aliás, que importância tem isso?

– Pode não ter importância para você, mas tem para mim. Eu o amo.

– Ah, Emme, não – Hannah disse baixinho. – Não, você não o ama.

– Amo, sim – disse Emmeline. – Eu sempre o amei. Desde que ele esteve em Riverton pela primeira vez e cuidou do meu braço.

– Você tinha onze anos – disse Hannah.

– É claro, e na época era só uma paixonite de adolescente – disse Emmeline. – Mas foi o começo. Desde então eu passei a comparar com Robbie todos os homens que conheci.

Hannah comprimiu os lábios.

– E quanto ao cineasta? E quanto a Harry Bentley ou a outra meia dúzia de rapazes pelo quais você esteve apaixonada só este ano? Você namorou pelo menos dois deles.

– Robbie é diferente – Emmeline disse calmamente.

– E o que ele acha disso? – Hannah perguntou, sem ousar olhar para a irmã. – Ele já lhe deu motivos para acreditar que sinta o mesmo por você?

– Tenho certeza de que ele sente – Emmeline disse. – Ele nunca perdeu uma única oportunidade de sair comigo. Eu sei que não é porque ele gosta dos meus amigos. Ele nunca escondeu que acha todos eles um bando de garotos mimados e ociosos. – Ela balançou a cabeça, com firmeza. – Tenho certeza que sim. E eu o amo.

– Não – Hannah disse, com uma firmeza que surpreendeu Emmeline. – Ele não serve para você.

– Como você sabe? Você mal o conhece.

– Conheço o tipo dele – disse Hannah. – A culpa é da guerra. Ela mudou os rapazes. Destruiu-os. – Eu pensei em Alfred, na noite sob as estrelas nas escadas em Riverton, quando tinha visto os

fantasmas que o assombravam. Então obriguei-me a tirá-lo da cabeça.

– Eu não me importo – Emmeline disse, teimosa. – Acho isso romântico. Eu gostaria de cuidar dele. De consertá-lo.

– Homens como Robbie são perigosos – disse Hannah. – Eles não podem ser consertados. Eles são como são. – Ela suspirou, frustrada. – Você tem tantos outros pretendentes. Será que não pode amar qualquer um deles?

Emmeline sacudiu a cabeça teimosamente.

– Eu sei que você pode. Promete que vai tentar?

– Eu não quero.

– Mas você precisa.

Emmeline desviou os olhos, e então eu vi algo em sua expressão: algo mais duro, mais firme.

– Isso não interessa a você, Hannah. Eu não preciso da sua ajuda para tomar decisões. Você se casou na minha idade, e Deus sabe que você não consultou ninguém a respeito da sua decisão.

– Não é a mesma coisa.

– Eu não preciso de uma irmã mais velha me vigiando o tempo todo. Não preciso mais. – Emmeline suspirou e se virou para olhar para Hannah. A voz dela ficou mais suave. – Vamos combinar que de agora em diante vamos deixar cada uma viver sua vida como quiser? O que você diz?

Hannah não teve muito o que dizer. Ela balançou a cabeça, concordando, e fechou a porta atrás de si.

Na véspera da nossa partida para Riverton, eu empacotei os últimos vestidos de Hannah. Ela estava sentada no parapeito da janela, observando o parque enquanto a luz do dia ia desaparecendo. As luzes da rua estavam se acendendo quando ela se virou para mim e disse:

– Você já esteve apaixonada, Grace?

A pergunta me surpreendeu. No momento em que foi feita.

– Eu... eu não sei dizer, madame. – Arrumei seu casaco de cauda de raposa ao longo da base do baú.

– Ah, você saberia se já tivesse estado.

Eu evitei seu olhar. Tentei fingir indiferença; torci para que ela mudasse de assunto.

– Nesse caso, acho que não, madame.

– Provavelmente uma sorte. – Ela se virou de volta para a janela.

– O verdadeiro amor é como uma doença.

– Uma doença, madame? – Eu me sentia mesmo doente de vez em quando.

– Eu nunca entendi isso antes. Em livros e peças. Poemas. Nunca entendi o que levava pessoas inteligentes, racionais, a fazer coisas tão extravagantes e irracionais.

– E agora, madame?

– Sim – ela disse baixinho. – Agora eu entendo. É uma doença. Você a apanha quando menos espera. Não se conhece a cura. E, às vezes, em casos mais graves, ela é fatal.

Eu fechei os olhos. Fiquei tonta.

– Fatal não, com certeza, madame?

– Não, você deve ter razão, Grace. Eu exagerei. – Ela se virou para mim e sorriu. – Está vendo? Eu sou um desses casos. Estou me comportando como a heroína de um romance barato. – Ela ficou calada, mas deve ter continuado a pensar sobre o assunto, porque, após algum tempo, inclinou a cabeça e disse: – Sabe, Grace, eu sempre achei que você e o Alfred...?

– Ah, não, madame – eu disse depressa. Depressa demais. – Alfred e eu nunca fomos mais do que amigos. – Mil alfinetes quentes espetando minha pele.

– É mesmo? – Ela ficou pensando. – Não sei o que me fez pensar que sim.

– Não sei dizer, madame.

Ela me observou, dobrando suas sedas, e sorriu.

– Eu deixei você envergonhada.

– De jeito algum, madame. É só que... – Eu procurei alguma coisa para mudar de assunto. – Eu estava pensando numa carta recente que recebi. Notícias de Riverton. É uma coincidência que a senhora tenha falado no Alfred.

– Ah, é?

– Sim, madame. – Eu não conseguia parar. – A senhora se lembra da Srta. Starling, que trabalhou para o seu pai?

Hannah franziu a testa.

– Aquela moça magra, de cabelo castanho? Que costumava andar pela casa na ponta dos pés com uma pasta de couro?

– Sim, madame, ela mesma. – Eu estava fora de mim então, observando e escutando enquanto fingia uma completa naturalidade. – Ela e Alfred se casaram, madame. No mês passado. Estão morando em Ipswich agora, trabalhando com eletricidade. – Eu fechei o baú e balancei a cabeça, mantendo os olhos baixos. – Agora, se a senhora me der licença, madame, acho que o Sr. Boyle precisa de mim lá embaixo.

Eu fechei a porta e fiquei sozinha. Tapei a boca com a mão. Fechei os olhos. Senti meus ombros se sacudindo, soluços em minha garganta.

Eu me encostei na parede, desejando ser tragada pelo chão, pelas paredes, desaparecer no ar. E não senti nada. Não senti vergonha. Não senti obrigação. Pois de que adiantava aquilo tudo? Nada mais importava para mim.

Então um barulho lá embaixo. Pratos e talheres caindo.

Respirei fundo. Abri os olhos. O presente tomou conta de mim.

É claro que importava. Hannah importava. Agora, mais do que nunca, ela precisava de mim. A mudança de volta a Riverton, o fato de ter perdido Robbie.

Eu me afastei da parede, alisei a saia e ajeitei os punhos. Enxuguei os olhos.

Eu era uma criada particular. Não uma arrumadeira qualquer. Confiavam em mim. Não podia me deixar tomar por sentimentos

desta natureza.

Respirei fundo. Bem fundo. Endireitei o corpo e caminhei com passos largos e decididos pelo corredor.

Quando subi a escada para o meu quarto, fechei a porta tenebrosa da minha mente, através da qual eu tinha vislumbrado brevemente o marido, o lar, os filhos que poderia ter tido.

Riverton revisitada

Ursula tinha vindo como prometera. Nós estamos percorrendo a estrada sinuosa em direção à aldeia de Saffron Green. A qualquer momento agora vamos fazer uma curva e haverá uma placa nos dando as boas-vindas a Riverton. Eu olho para o rosto de Ursula enquanto ela dirige; ela sorri para mim, depois torna a prestar atenção na estrada. As dúvidas que tinha quanto à sensatez do nosso passeio ela deixou de lado. Sylvia não ficou satisfeita, mas concordou em não contar à superiora, a despistar Ruth se fosse preciso. Acho que estou demonstrando que estas são as minhas últimas oportunidades.

Os portões de metal estão abertos. Ursula entra com o carro e nós subimos até a casa. Está escuro, o túnel de árvores está estranhamente parado, estranhamente silencioso, como sempre foi, esperando alguma coisa acontecer. Nós entramos na última curva e a casa aparece diante de nós. Exatamente como era tantos anos atrás: meu primeiro dia em Riverton, catorze anos de idade e completamente imatura; o dia do recital, voltando correndo da casa de mamãe, cheia de expectativa; a noite do pedido de casamento de Alfred; a manhã em 1924 em que nós voltamos de Londres para Riverton. Hoje é uma volta para casa, de certa forma.

Agora tem um espaço de cimento para estacionar, entre a entrada e a fonte de Eros e Psique. Ursula abaixa o vidro quando nos aproximamos da cabine. Ela conversa com o guarda, que faz sinal para entrarmos. Por causa da minha óbvia fragilidade, ela recebe uma licença especial para me deixar sair antes de procurar uma vaga no estacionamento. Ela faz o contorno – de asfalto agora, não mais de cascalho – e para o carro na porta. Há um portãozinho de ferro ao lado do pórtico e Ursula me leva até lá, me deixa instalada e volta para o estacionamento.

Eu fico ali sentada, pensando no Sr. Hamilton, imaginando quantas vezes ele atendeu a porta em Riverton antes do seu ataque cardíaco na primavera de 1934, quando aconteceu.

– Que bom ver você de volta, jovem Grace.

Eu olhei para o sol aguido (ou são os meus olhos que estão aguidos?) e lá está ele, no último degrau.

– Sr. Hamilton – digo. Estou tendo uma alucinação, é claro, mas não posso ignorar um antigo colega, mesmo que ele esteja morto há sessenta anos.

– Estávamos imaginando quando a veríamos de novo, a Sra. Townsend e eu.

– É mesmo? – A Sra. Townsend morreu logo depois dele: teve um derrame enquanto dormia.

– Ah, sim. Sempre ficamos felizes quando os jovens voltam. Nós nos sentimos um pouco solitários, só nós dois. Nenhuma família para servir. Só barulho, marteladas e botas sujas. – Ele sacudiu a cabeça e virou os olhos para cima para contemplar o arco do pórtico. – Ah, este velho lugar assistiu a muitas mudanças. Espere só até ver o que fizeram com a minha saleta. – Ele sorri para mim. – E diga-me, Grace – ele disse amavelmente. – Como estão as coisas com você?

– Eu estou cansada – digo. – Estou cansada, Sr. Hamilton.

– Eu sei que está, menina – ele diz. – Agora não falta muito.

– O que foi? – Ursula está ao meu lado, guardando o tíquete do estacionamento na bolsa. – Você está cansada? – Ela franze a testa, preocupada. – Vou tentar alugar uma cadeira de rodas. Eles instalaram elevadores durante a reforma.

Eu digo a ela que talvez seja melhor, e então torno a olhar para o Sr. Hamilton. Ele não está mais lá.

No hall, uma mulher alegre vestida como uma esposa de proprietário rural dos anos 1940 nos recebe e anuncia que o preço da entrada inclui o tour que ela vai iniciar. Antes de podermos

recusar, somos levados até um grupo de sete outros visitantes: um casal de londrinos que foram passar o dia lá, um estudante pesquisando para um trabalho de história e uma família de quatro turistas americanos – os adultos e o filho com tênis de corrida iguais e camisetas que dizem *Eu escapei da torre!*, a filha adolescente, pálida e circunspecta, toda vestida de preto. Nossa guia – Beryl, ela diz, olhando para o crachá para verificar o fato – morou a vida inteira em Saffron Green e nós podemos perguntar a ela o que quisermos.

O tour começa no andar de baixo. O centro de qualquer casa de campo inglesa, diz Beryl com um sorriso e uma piscadela. Ursula e eu tomamos o elevador instalado onde costumava ficar o armário de casacos. Quando chegamos embaixo, o grupo já está reunido em volta da mesa de cozinha da Sra. Townsend, rindo enquanto Beryl lê uma lista de pratos ingleses tradicionais do século XIX.

A sala dos criados está bem-parecida com o que era, mas tem algo de diferente. É a luz, eu percebo. A eletricidade emudeceu os espaços sombrios, murmurantes. Nós ficamos muito tempo sem eletricidade em Riverton. Mesmo quando Teddy instalou eletricidade na casa em meados dos anos 1920, a luz não era assim. Eu sinto falta do escuro, mas acho que não teriam podido manter a iluminação como ela era, mesmo para efeito histórico. Existem leis sobre esse tipo de coisa, agora. Saúde e segurança. Risco de acidentes. Ninguém quer ser processado porque um visitante tropeça numa escada mal iluminada.

– Sigam-me – diz Beryl. – Vamos usar a saída de serviço para o terraço dos fundos, mas não se preocupem, não vou fazer vocês vestirem uniformes!

Estamos no gramado que fica acima do roseiral de Lady Ashbury. Ele está muito parecido com o que era, embora tenham sido construídas rampas entre os platôs. Eles agora têm uma equipe de jardineiros, diz Beryl, encarregados de manter o jardim. Há muito o

que fazer: os jardins, os gramados, as fontes, outros prédios da propriedade. A casa de verão.

A casa de verão foi uma das primeiras mudanças que Teddy fez quando Riverton ficou para ele em 1923. Era um crime, ele disse, que um lago tão lindo, a joia da propriedade, tivesse sido tão abandonado. Ele imaginava passeios de barco no verão, festas de observação planetária à noite. Ele pôs seus planos em ação imediatamente e, quando nós chegamos de Londres em abril de 1924, estava quase tudo pronto, e os únicos problemas que atrasaram um pouco a obra foram um carregamento de pedra italiana e um pouco de chuva de primavera.

Estava chovendo na manhã em que chegamos. Uma chuva forte e renitente que começou quando nos aproximamos de Essex e que não parou mais. Os brejos estavam cheios, a floresta alagada, e quando os carros subiram o caminho enlameado de Riverton, a casa não estava lá. Pelo menos à primeira vista. Ela estava tão encoberta pelo nevoeiro que só foi aparecendo aos poucos, como se fosse um fantasma. Quando nos aproximamos, eu limpei o vidro do carro com a palma da mão e olhei através da neblina para a janela do quarto de criança. Tive uma sensação estranha de que dentro daquela casa escura a Grace de cinco anos atrás estava ocupada arrumando a sala de jantar, vestindo Hannah e Emmeline, recebendo as últimas instruções de Nancy. Aqui e lá, agora e então, simultaneamente, ao capricho do tempo.

O primeiro automóvel parou e o Sr. Hamilton apareceu no pórtico da frente, guarda-chuva preto na mão, para ajudar Hannah e Teddy a saltar. O segundo carro foi até a entrada de serviço e parou. Eu preendi minha capa no chapéu, me despedi do motorista e corri até a entrada.

Talvez a culpa fosse da chuva. Talvez, se o dia estivesse claro, o céu estivesse azul e o sol entrasse sorrindo pelas janelas, o declínio da casa não fosse tão chocante. Pois, embora o Sr. Hamilton e sua equipe tivessem feito o máximo – tinham passado vinte e quatro

horas limpando –, a casa estava em péssimas condições. Era impossível consertar em tão pouco tempo o que anos de abandono por parte do Sr. Frederick tinham causado.

Foi Hannah quem ficou mais abalada. Naturalmente, eu acho. Vendo a casa naquele estado, ela pensou na solidão dos últimos anos de vida do pai. Acho que também reavivou a velha culpa: seu fracasso em restabelecer as relações entre eles.

– Pensar que ele viveu assim – ela me disse naquela primeira noite, enquanto eu a ajudava a se preparar para dormir. – Eu em Londres sem saber. Ah, Emmeline fazia piadas sobre isso, mas eu não imaginei nem por um minuto... – Ela sacudiu a cabeça. – Pensar que o pobre papai estava tão infeliz, Grace. – Ela ficou calada por alguns momentos, depois disse: – Isso mostra o que acontece quando uma pessoa não é fiel à sua natureza, não é?

– Sim, madame – eu disse, sem saber que não estávamos mais falando do pai.

Teddy, embora surpreso com a extensão do declínio de Riverton, não ficou aflito. Ele já tinha mesmo planejado uma reforma completa.

– Vai ser bom trazer esta velha casa para o século XX, hein? – ele disse, sorrindo com benevolência para Hannah.

Eles já estavam de volta havia uma semana. A chuva tinha passado e ele estava em pé numa extremidade do quarto dela, examinando o cômodo banhado de sol. Hannah e eu estávamos sentadas na *chaise-longue*, examinando seus vestidos.

– Como você quiser – foi sua resposta lacônica.

Teddy olhou para ela, seu rosto o retrato da perplexidade: não era excitante restaurar a propriedade da família dela? Não era verdade que todas as mulheres adoravam a oportunidade de estampar seu toque feminino em uma casa?

– Eu não vou poupar despesas – ele completou.

Hannah ergueu os olhos e sorriu pacientemente, como se estivesse tratando com um vendedor ansioso em agradar.

– O que você achar melhor.

Teddy, tenho certeza, teria gostado que ela partilhasse do entusiasmo dele pelo projeto de reforma: recebendo decoradores, discutindo as vantagens de um tecido sobre outro, deliciando-se com a aquisição de uma réplica idêntica à que o rei tinha em seu próprio hall. Mas ele não insistiu. Já estava acostumado a se equivocar em relação à esposa. Ele sacudiu a cabeça, passou a mão na cabeça dela e abandonou o assunto.

Hannah, embora não estivesse interessada na reforma, mostrou-se bem mais animada depois que voltamos para Riverton. Eu tinha imaginado que fosse ficar devastada com o fato de deixar Londres e Robbie, tinha me preparado para o pior. Mas estava enganada. Ela estava mais alegre do que habitualmente. Enquanto a reforma da casa ia sendo feita, ela passava muito tempo do lado de fora. Passeava pela propriedade, dando longas caminhadas e voltando para o almoço com grama na saia e bochechas rosadas.

Eu achei que ela havia desistido de Robbie. Que resolvera viver sem seu amor. Você vai me achar ingênua, mas foi o que pensei. Eu só tinha a minha própria experiência para me guiar. Eu havia desistido de Alfred, voltado para Riverton e me acostumado à ausência dele, e supus que Hannah tivesse feito o mesmo. Que ela também tivesse decidido que seu dever era outro.

Um dia eu fui procurá-la; Teddy tinha obtido a indicação dos conservadores para o assento de Saffron, e Lord Gifford tinha organizado um almoço. Ele ia chegar em trinta minutos e Hannah ainda estava dando um de seus passeios. Eu a encontrei, finalmente, no jardim das roseiras. Estava sentada na escada de pedra sob o caramanchão – a mesma em que Alfred sentou naquela noite, tantos anos atrás.

– Ainda bem, madame – eu disse, sem fôlego, me aproximando.
– Lord Gifford vai chegar a qualquer momento e a senhora não está vestida.

Hannah sorriu por cima do ombro.

– Eu podia jurar que estava usando meu vestido verde.

– A senhora sabe o que eu quero dizer, madame. A senhora não está vestida para o almoço.

– Eu sei. – Ela esticou os braços e girou os punhos. – Está um dia tão bonito. É uma pena sentar lá dentro. Será que conseguimos convencer o Teddy a almoçar no terraço?

– Não sei, madame. Não acho que o Sr. Luxton vá gostar disso. A senhora sabe como ele é com insetos.

Ela riu.

– Você tem razão, é claro. Bem, foi só uma ideia. – Ela se levantou, pegou o bloco e a caneta. Em cima, havia um envelope sem selo.

– A senhora quer que eu peça ao Sr. Hamilton para pôr essa carta no correio, madame?

– Não – ela disse, sorrindo e apertando o bloco de encontro ao peito. – Não, obrigada, Grace. Eu vou até a cidade esta tarde e eu mesma vou colocá-la no correio.

Então você entende por que eu achei que ela estava feliz. E ela estava. Estava sim. Mas não porque tinha desistido de Robbie. Eu estava enganada quanto a isso. E com certeza não porque tivesse redescoberto seu velho sentimento por Teddy. E não por estar de volta à casa da sua família. Ela estava feliz por outro motivo. Hannah tinha um segredo.

Beryl nos conduz pelo Long Walk. A cadeira de rodas vai sacudindo, mas Ursula é cuidadosa. Quando alcançamos o segundo portão, há uma placa pendurada. Beryl explica que aquele trecho do jardim está fechado para reforma. Estão trabalhando na casa de verão, então não vamos poder vê-lo de perto hoje. Podemos ir até a fonte

de Ícaro, mas não podemos seguir adiante. Ela abre o portão, e entramos em fila.

A festa foi ideia de Deborah. Era bom lembrar às pessoas que, só porque Teddy e Hannah não estavam mais em Londres, eles não tinham se retirado do cenário social. Teddy achou a ideia esplêndida. As reformas principais estavam quase prontas, e era uma excelente oportunidade de mostrá-las. Hannah, surpreendentemente, concordou. Não só concordou como ajudou a organizá-la. Teddy, surpreso mas feliz, teve a sensatez de não fazer perguntas. Deborah, que não estava acostumada a dividir o planejamento, ficou menos impressionada.

– Mas você não vai querer se incomodar com todos os detalhes – ela disse, quando se sentaram uma manhã para tomar chá.

Hannah sorriu.

– Pelo contrário. Tenho várias ideias. O que você acha de lanternas chinesas?

Foi por sugestão de Hannah que a festa deixou de ser uma reunião para poucos convidados e passou a ser uma festança espetacular. Ela fez a lista de convidados e sugeriu que montassem uma pista de dança para a ocasião. O baile do meio do verão tinha sido uma tradição em Riverton, ela disse a Teddy: por que não ressuscitá-lo?

Teddy ficou encantado. Ver sua esposa e sua irmã trabalhando juntas era o seu maior sonho. Ele deu carta branca à mulher, e ela aceitou. Hannah tinha suas razões. Agora eu sei. É muito mais fácil passar despercebida no meio de uma multidão animada do que numa reunião para poucas pessoas.

Ursula me empurra vagorosamente ao redor da fonte de Ícaro. Ela foi limpa. Os ladrilhos azuis e o mármore estão brilhando como nunca, mas Ícaro e suas três sereias ainda estão congelados em sua cena de resgate da água. Eu pisco os olhos e os dois

fantasmas, vestindo combinações brancas, deitados na beirada da fonte, desaparecem.

– Eu sou o rei do mundo! – O menino americano subiu na cabeça da sereia com a harpa e está parado com os braços abertos.

Beryl força um sorriso.

– Desça daí agora, rapaz. A fonte foi feita para olhar, não para escalar. – Ela aponta para o caminho que vai dar no lago. – Dê um passeio até lá. Você não vai poder passar do bloqueio, mas vai poder avistar nosso famoso lago.

O rapaz pula da fonte e aterrissa com um estrondo a meus pés. Ele me lança um olhar de desprezo e desafio, depois sai correndo. Seus pais e sua irmã vão atrás.

O caminho é estreito demais para a cadeira de rodas, mas eu preciso ver. É o mesmo caminho que eu percorri aquela noite. Peço a Ursula para me ajudar a ir caminhando. Ela olha para mim com uma certa dúvida.

– Tem certeza?

Eu balanço a cabeça afirmativamente.

Ela empurra a cadeira até o início do caminho e eu me apoio nela quando ela me puxa para cima. Ficamos um instante paradas enquanto Ursula recobra o equilíbrio, depois começamos a andar devagarzinho. Pedrinhas sob meus sapatos, longas hastes de capim roçando a minha saia, libélulas esvoaçando no ar quente.

Nós paramos quando a família americana volta em fila na direção da fonte. Eles estão lamentando o processo de restauração.

– Tudo na Europa está debaixo de andaimes – diz a mãe.

– Eles deviam nos devolver o dinheiro – diz o pai.

– Eu só fiz esta viagem para ver onde ele morreu – diz a garota de botas pretas.

Ursula sorri ironicamente para mim e nós prosseguimos. O som dos martelos vai ficando mais alto. Finalmente, depois de várias pausas, chegamos à barricada onde o caminho termina. Ela está no mesmo lugar da outra barricada, tantos anos atrás.

Eu me apoio nela e contemplo o lago. Lá está ele, ligeiramente encrespado, ao longe. A casa de verão está oculta, mas o barulho da construção é bem claro. Ele me faz lembrar de 1924, quando os construtores se apressavam para terminá-la para a festa. Em vão, afinal. As pedras tinham sido retidas por causa de uma disputa no embarque em Calais e, para tristeza de Teddy, não chegaram a tempo. Ele queria que o seu novo telescópio estivesse colocado para que os convidados pudessem ir até o lago para contemplar as estrelas. Foi Hannah quem o consolou.

– Não faz mal – disse ela. – É melhor esperar até a casa estar pronta. Você pode dar outra festa, então. Uma festa de observação. – Você deve ter notado que ela disse “você” e não “nós”. Ela já tinha deixado de ver a si mesma no futuro de Teddy. – Talvez seja melhor assim – Hannah continuou. Ela inclinou a cabeça de lado. – De fato, talvez não seja má ideia colocar uma barricada no caminho que vai dar no lago. Para impedir que as pessoas se aproximem. Pode ser perigoso.

Teddy franziu a testa.

– Perigoso?

– Você sabe como são os operários – disse Hannah. – Eles podem ter deixado alguma parte inacabada. É melhor esperar até você ter tempo de dar uma boa olhada.

Ah, sim, o amor pode tornar a pessoa dissimulada. Ela convenceu Teddy com muita facilidade. Levantou o fantasma de processos legais e péssima publicidade. Teddy e o Sr. Boyle providenciaram tabuletas e barricadas para evitar que os convidados fossem até o lago. Ele daria outra festa em agosto, para comemorar seu aniversário. Um almoço na casa de verão, com barcos e jogos e toldos de lona listrada. Igual ao quadro daquele pintor francês, ele disse; como era mesmo o nome dele?

Ele nunca deu essa festa, é claro. Em agosto de 1924, a última coisa que passava pela cabeça das pessoas, exceto pela de Emmeline, era dar uma festa. Mas a dela estava em plena

exuberância social nessa época, creio que numa reação a todo aquele horror e aquele sangue.

O sangue. Tanto sangue. Quem poderia imaginar que haveria tanto sangue? Eu posso avistar daqui o lugar na margem do lago. Onde eles estavam. Onde ele estava logo antes de...

Sinto uma tonteira, minhas pernas dobram. Ursula me segura, me mantém firme.

– Você está bem? – pergunta, com um olhar de preocupação. – Você está muito pálida.

Meus pensamentos estão flutuando. Eu estou com calor. Tonta.

– Quer entrar um pouco?

Concordo com um movimento de cabeça.

Ursula me leva de volta, me ajuda a sentar na cadeira de rodas e explica a Beryl que precisa me levar para dentro da casa.

É o calor, diz Beryl, a mãe dela é igual. Um calor tão fora de época. Ela se inclina para mim e sorri de modo que seus olhos desaparecem.

– É isso, não é, meu bem, é o calor.

Eu concordo. Não adianta discutir. Como explicar que não é o calor que me oprime e, sim, o peso da velha culpa?

Ursula me leva para a sala de visitas. Nós não vamos até lá dentro, não podemos. Amarraram uma corda vermelha a um metro da porta. Acho que não querem que as pessoas fiquem andando por lá, passando os dedos sujos nas costas do sofá. Ursula estaciona a cadeira encostada na parede e se senta ao lado, num banco instalado para visitantes.

Os turistas passam, apontando para a elegante arrumação da mesa, soltando exclamações de admiração para a pele de tigre atrás do sofá. Nenhum deles parece notar que a sala está cheia de fantasmas.

Foi na sala de visitas que a polícia fez suas entrevistas. Pobre Teddy. Ele estava tão abalado.

– Ele era um poeta – ele disse à polícia, com um cobertor em volta dos ombros, ainda usando seu smoking. – Ele conheceu minha mulher quando eram jovens. Um cara simpático: artista, mas inofensivo. Ele andava mais com minha cunhada e o grupo dela.

A polícia entrevistou todo o mundo aquela noite. Todo o mundo, exceto Hannah e Emmeline. Teddy cuidou disso. Já era horrível demais elas terem visto uma coisa dessas, ele disse aos policiais; não precisam reviver tudo de novo. A influência da família Luxton era tanta, eu acho, que os policiais concordaram.

Para eles, isso não fazia diferença. Já era muito tarde e eles estavam loucos para voltar para suas esposas e para suas camas quentes. Já tinham ouvido tudo de que precisavam. Não era uma história incomum. A própria Deborah tinha dito isso, havia rapazes por toda Londres, no mundo todo, com dificuldade para se ajustar a uma vida normal depois de tudo o que tinham visto e feito na guerra.

Nosso grupo nos achou. Beryl nos chamou para nos reunirmos de novo ao grupo e nos levou para a biblioteca.

– Um dos poucos cômodos que não foram destruídos no incêndio de 1938 – ela diz, caminhando decididamente pelo corredor. – Uma bênção, podem ter certeza. A família Hartford tinha uma coleção inestimável de livros antigos. Mais de nove mil volumes.

Eu posso garantir que isso é verdade.

Nosso grupo disparatado entra na sala atrás de Beryl e se espalha. Todos entortam os pescoços para olhar para o teto abobadado de vidro e para as estantes de livros que vão até o andar de cima. O Picasso de Robbie não está mais lá. Deve estar em alguma galeria. Já se foram os dias em que cada mansão inglesa tinha obras dos grandes mestres penduradas livremente nas paredes.

Foi aqui que Hannah passou a maior parte do seu tempo depois que Robbie morreu: dias inteiros enroscada numa cadeira na sala silenciosa. Revivendo o passado recente. Durante algum tempo, eu era a única pessoa que ela concordava em ver. Ela falava obsessiva, compulsivamente, de Robbie, repetindo para mim os detalhes do seu caso de amor. Cada relato terminava com o mesmo lamento.

– Eu o amava, sabe, Grace – ela dizia. Numa voz tão baixa que eu quase não ouvia.

– Eu sei que sim, madame.

– Eu só não pude... – Ela então olhava para mim com os olhos esgazeados. – Mas não foi o bastante.

Teddy no começo aceitou o seu isolamento – parecia uma consequência natural de ter visto o que ela viu –, mas, à medida que as semanas se passaram, ele não entendia por que ela não reagia com a fleuma característica dos ingleses.

Todo o mundo tinha uma opinião sobre como ela deveria se comportar, sobre o que deveria ser feito para restaurar o seu ânimo. Uma noite, houve uma mesa-redonda para discutir o assunto, depois do jantar.

– Ela precisa de um novo hobby – disse Deborah, acendendo um cigarro. – Não duvido que seja um choque ver um homem se matar, mas a vida continua.

– Que tipo de hobby? – Teddy perguntou, franzindo a testa.

– Eu estava pensando em mah-jong – disse Deborah, jogando cinza dentro de um prato. – Um bom jogo de mah-jong tem a capacidade de tirar da cabeça qualquer outra coisa.

Estella, que tinha ficado em Riverton para “cumprir sua obrigação”, concordou que Hannah precisava de distração, mas tinha ideias próprias quanto a isso: ela precisava de um bebê. Que mulher não precisava? Teddy não poderia tomar providências quanto a isso?

Teddy disse que ia fazer o que pudesse. E, confundindo a apatia de Hannah com consentimento, ele fez.

Para alegria de Estella, três meses depois o médico declarou que Hannah estava grávida. Longe de tirar as coisas da cabeça, entretanto, ela ficou ainda mais alheia a tudo. Ela me falava cada vez menos do seu caso com Robbie, e no fim parou de me chamar na biblioteca. Eu fiquei desapontada e, mais do que isso, preocupada: eu tinha esperado que a confissão fosse livrá-la daquele exílio autoimposto. Que ao me contar tudo sobre o seu romance, ela pudesse encontrar o caminho de volta para nós. Mas isso não aconteceu.

Pelo contrário, ela se afastou cada vez mais de mim; passou a se vestir sozinha, olhando para mim de uma forma estranha, quase zangada, quando eu me oferecia para ajudar. Tentei convencê-la, lembrar a ela que não tinha sido sua culpa, que ela não poderia tê-lo salvo, mas ela apenas olhava para mim, com uma expressão confusa no rosto. Como se não soubesse do que eu estava falando ou, pior, como se duvidasse das minhas razões para estar dizendo aquilo.

Ela vagava pela casa naqueles últimos meses como se fosse um fantasma. Nancy dizia que era como se o Sr. Frederick tivesse voltado. Teddy ficou ainda mais preocupado. Afinal de contas, não era apenas Hannah que estava em perigo agora. Seu bebê, seu filho, o herdeiro do Luxton merecia mais do que isso. Ele chamou um médico atrás do outro, e todos eles, recordando a guerra, diagnosticaram choque e disseram que aquilo era natural depois do que ela vira.

Um deles chamou Teddy depois da consulta e disse:

– É choque mesmo. Um caso muito interessante; ela perdeu completamente o contato com a realidade.

– E como podemos consertar isso? – perguntou Teddy.

O médico sacudiu a cabeça, desanimado.

- O que eu não pagaria para saber.
- Dinheiro não é problema – disse Teddy.
- O médico franziu a testa.
- Houve alguma outra testemunha?
- A irmã da minha esposa – disse Teddy.
- Irmã – disse o médico, anotando isso em seu bloco. – Ótimo.

Elas são muito ligadas?

- Muito – disse Teddy.

O médico apontou o dedo para Teddy.

– Chame-a aqui. Conversar: é assim que se trata deste tipo de histeria. Sua esposa precisa passar algum tempo com alguém que tenha experimentado o mesmo choque.

Teddy aceitou o conselho do médico e convidou Emmeline diversas vezes, mas ela não veio. Não podia. Estava muito ocupada.

Era verdade: Emmeline tinha voltado à sua frenética atividade social em Londres. Ela se tornou a rainha das festas, estrelou diversos filmes – filmes de amor, filmes de horror; encontrou o seu nicho desempenhando o papel de mulher fatal.

Era uma pena, as pessoas da sociedade cochichavam, que Hannah não pudesse reagir do mesmo jeito. Estranho que ela tivesse sentido muito mais o golpe do que a irmã. Afinal, era Emmeline quem andava com o sujeito.

Mas Emmeline também sentiu muito o golpe. Só que ela tinha outra maneira de reagir. Ela ria mais alto e bebia mais. Dizem que no dia em que ela morreu na Braintree Road, a polícia encontrou garrafas abertas de conhaque no carro. Os Luxton abafaram o caso. Se havia uma coisa que o dinheiro podia comprar, naquela época, era a lei. Talvez ainda possa; eu não sei.

Eles não contaram a Hannah na hora. Estella achou que era arriscado e Teddy concordou, já que estava quase na hora de o

bebê nascer. Lord Gifford prestou declarações em nome de Teddy e Hannah.

Teddy desceu na noite seguinte ao acidente. Ele parecia deslocado na sala simples dos criados, como um ator que tivesse entrado no cenário errado. Ele era tão alto que tinha que abaixar a cabeça para não bater na trave do teto acima do último degrau.

– Sr. Luxton – disse o Sr. Hamilton. – Nós não esperávamos. – Ele parou e se pôs em ação, virando-se para nós, batendo palmas silenciosamente, depois erguendo as mãos e fazendo sinais como se estivesse conduzindo uma orquestra numa peça muito ligeira. Nós fizemos uma fila e ficamos parados, com as mãos para trás, esperando para ver o que Teddy tinha a dizer.

O que ele disse foi simples. Emmeline tinha se envolvido num acidente grave que lhe havia tirado a vida. Nancy agarrou minha mão atrás das costas.

A Sra. Townsend deu um grito e desabou na cadeira, com a mão no coração.

– Pobre queridinha – ela disse. – Estou tremendo.

– Foi um choque terrível para todos nós, Sra. Townsend – disse Teddy, olhando para os criados, um por um. – Mas preciso pedir uma coisa a vocês.

– Se me permite falar em nome da criadagem – disse o Sr. Hamilton, com o rosto cinzento –, estamos prontos para ajudar no que for possível nesta hora terrível.

– Obrigado, Sr. Hamilton – disse Teddy, balançando a cabeça gravemente. – Como todos sabem, a Sra. Luxton sofreu horrivelmente com o caso do lago. Acho que seria mais gentil se escondêssemos esta outra tragédia dela, por enquanto. Não vale a pena deixá-la ainda mais nervosa. Não no estado dela. Tenho certeza de que vocês concordam.

A criadagem ficou em silêncio e Teddy continuou:

– Eu pediria então que vocês não mencionassem a Srta. Emmeline nem o acidente. Que se esforçassem para não deixar

nenhum jornal largado em um lugar onde ela pudesse vê-lo.

Ele parou, olhou para cada um de nós.

– Entenderam?

O Sr. Hamilton piscou os olhos e respondeu:

– Ah, sim. Sim, senhor.

– Ótimo – disse Teddy. Ele balançou diversas vezes a cabeça, viu que não havia mais nada a dizer, e saiu com um sorriso amargo.

Depois que Teddy foi embora, a Sra. Townsend se virou, com os olhos arregalados, para o Sr. Hamilton.

– Mas... ele está dizendo que não vai contar à Srta. Hannah?

– Parece que sim, Sra. Townsend – disse o Sr. Hamilton. – Por enquanto.

– Mas a morte da própria irmã...

– Essas foram as instruções dele, Sra. Townsend. – O Sr. Hamilton suspirou e beliscou o nariz. – O Sr. Luxton é o patrão desta casa, assim como o Sr. Frederick foi antes dele.

A Sra. Townsend abriu a boca para discutir este ponto, mas o Sr. Hamilton interrompeu-a.

– A senhora sabe tão bem quanto eu que as instruções do patrão precisam ser seguidas. – Ele tirou os óculos e os limpou furiosamente. – Não importa o que pensemos delas. Ou dele.

Mais tarde, quando o Sr. Hamilton estava no andar de cima servindo a ceia, a Sra. Townsend e Nancy se aproximaram de mim na sala de jantar dos empregados. Eu estava na mesa consertando o vestido prateado de Hannah. A Sra. Townsend sentou-se de um lado, Nancy do outro. Como dois guardas que tivessem chegado para me levar para o cadafalso.

Com um olhar na direção da escada, Nancy disse:

– Você tem que contar a ela.

A Sra. Townsend sacudiu a cabeça.

– Isso não está certo. Sua própria irmã. Ela tem que saber.

Eu preendi a agulha no carretel de linha prateada e larguei a costura.

– Você é a criada dela – disse Nancy. – Ela gosta de você. Você tem que contar a ela.

– Eu sei – eu disse baixinho. – Eu vou contar.

Na manhã seguinte, eu a encontrei, como esperava, na biblioteca. Numa poltrona, olhando através das enormes portas de vidro para o cemitério. Ela estava prestando atenção em alguma coisa e não ouviu quando me aproximei. Eu cheguei bem perto dela e fiquei calada, parada perto da outra poltrona. O sol entrava pelo vidro e iluminava seu perfil, dando-lhe uma aparência quase etérea.

– Madame? – eu disse baixinho.

Sem desviar o olhar, ela disse:

– Você veio me contar sobre Emmeline.

Eu parei, surpresa, imaginando como ela sabia.

– Sim, madame.

– Eu sabia que você viria. Embora ele tenha dito para você não me contar. Eu conheço bem você, depois de tanto tempo, Grace. – O tom de voz dela era difícil de interpretar.

– Sinto muito, madame. Sobre a Srta. Emmeline.

Ela balançou de leve a cabeça, mas não tirou os olhos daquele ponto distante no cemitério. Eu esperei um pouco e, quando ficou claro que ela não queria companhia, perguntei se podia trazer alguma coisa para ela. Chá, talvez? Um livro? Ela não respondeu logo, pareceu não ter ouvido. E então, aparentemente sem motivo algum, ela disse:

– Você não sabe ler estenografia.

Era uma afirmação e não uma pergunta, então eu não respondi.

Mais tarde eu descobri o que ela quis dizer, por que ela falou comigo em estenografia naquele momento. Mas só muitos anos depois. Naquela manhã, eu ainda não sabia o papel que a minha mentira tinha desempenhado.

Ela mudou de posição, puxou as longas pernas para mais perto da cadeira. Ainda sem olhar para mim.

– Você pode ir, Grace – ela disse, com uma frieza na voz que fez meus olhos arderem.

Beryl nos leva para o quarto que pertenceu a Hannah no fim. A princípio, eu me pergunto se vou conseguir continuar. Mas ele está diferente agora. Foi repintado e mobiliado com um conjunto vitoriano que não fazia parte da mobília original de Riverton. Aquela não é a mesma cama em que nasceu o bebê de Hannah.

A maioria das pessoas achou que foi o bebê que a matou. Assim como o nascimento de Emmeline tinha causado a morte da mãe dela. Tão súbito, disseram, sacudindo as cabeças. Tão triste. Mas eu sabia que não. Era uma desculpa conveniente. Uma oportunidade. É verdade que não foi um parto fácil, mas ela não tinha mais vontade alguma de viver. O que aconteceu no lago, a morte de Robbie e a de Emmeline logo depois, tudo isso a matou muito antes de o bebê ficar preso em sua pélvis.

Eu estava no quarto com ela, mas à medida que as contrações ficaram mais fortes e mais rápidas e o bebê começou a forçar a passagem ela foi ficando cada vez mais delirante. Tinha olhado para mim, com medo e raiva no rosto, tinha gritado para eu sair, que a culpa era toda minha. Não era incomum uma mulher perder o controle durante o parto, fantasiar as coisas, o médico explicou quando mandou que eu obedecesse.

Mas eu não podia abandoná-la daquele jeito. Saí de perto da cama, mas não saí do quarto. Quando o médico começou a cortar, eu fiquei olhando da porta e vi o rosto dela. Quando descansou a cabeça, ela deu um suspiro de alívio. De libertação. Ela sabia que, se não lutasse, partiria. Estaria tudo acabado.

Não, não foi uma morte súbita; ela estava morrendo havia meses.

Depois, fiquei arrasada. Desesperada. De certa forma, eu tinha perdido a mim mesma. É isso que acontece quando você dedica a

sua vida a outra pessoa. Você fica ligada a ela. Sem Hannah, eu não tinha mais função.

Eu perdi a capacidade de sentir. Estava vazia, como se alguém tivesse me aberto ao meio como se eu fosse um peixe e arrancado minhas entranhas. Eu realizava tarefas esparsas, porém, com Hannah morta, não tinha muito a fazer. Fiquei assim por um mês, arrastando-me de um lugar para outro. Até que um dia eu disse a Teddy que ia embora.

Ele queria que eu ficasse; quando me recusei, ele me pediu para reconsiderar, por Hannah, pela memória dela. Ela gostava de mim, eu não sabia disso? Ela ia querer que eu fizesse parte da vida da filha dela, da vida de Florence.

Mas eu não podia. Não tinha coragem. Não tinha ânimo. Fiquei cega à reprovação do Sr. Hamilton, às lágrimas da Sra. Townsend. Não tinha ideia do meu futuro, só sabia que ele não era em Riverton.

Como teria sido assustador deixar Riverton, deixar meu emprego, se eu conseguisse sentir alguma coisa. Foi melhor para mim não conseguir; o medo poderia ter triunfado sobre o sofrimento e me amarrado para sempre à casa da colina. Pois eu não conhecia nada da vida fora do trabalho de doméstica. Tinha pavor da independência. Tinha medo de ir a lugares, de fazer as coisas mais simples, de tomar minhas próprias decisões.

Mas encontrei um pequeno apartamento em Marble Arch e toquei a vida. Aceitei todos os empregos que consegui – limpar, servir mesa, costurar –, resisti a qualquer tentativa de intimidade, saía quando as pessoas começavam a fazer muitas perguntas, quando queriam mais do que eu podia dar. Passei uma década assim. Esperando, embora não soubesse disso, pela guerra seguinte. E por Marcus, cujo nascimento iria fazer o que o nascimento da minha própria filha não conseguiu fazer. Preencher o que tinha ficado vazio com a morte de Hannah.

Enquanto isso, eu pensava pouco em Riverton. Em tudo o que tinha perdido.

Deixe-me refazer a frase: eu me recusava a pensar em Riverton. Quando me via, num momento de inatividade, percorrendo o quarto das crianças, parada na escada que ia dar no jardim das roseiras de Lady Ashbury, equilibrando-me na beirada da fonte de Ícaro, eu buscava rapidamente o que fazer.

Mas eu pensava no bebezinho, Florence. Minha sobrinha, eu acho. Ela era uma coisinha linda. Tinha o cabelo louro de Hannah, mas não os seus olhos. Olhos grandes e escuros, os seus. Talvez mudassem quando ela crescesse. Isso acontece. Mas acho que eles continuaram escuros, como os do pai. Pois ela era filha de Robbie, não era?

Eu tenho pensado nisso ao longo dos anos. É possível, é claro, que apesar de Hannah não ter engravidado de Teddy durante todos aqueles anos, ela tenha ficado grávida tão depressa e tão inesperadamente em 1924. Coisas mais estranhas acontecem. Mas, ao mesmo tempo, esta não é uma explicação conveniente demais? Teddy e Hannah raramente dividiam a cama nos últimos anos do seu casamento, mas Teddy tinha querido muito um filho no começo. O fato de Hannah não ter engravidado não sugere que houvesse um problema com um deles? E, como ficou provado com Florence, Hannah podia ter filhos.

Não é mais provável que o pai de Florence não fosse Teddy? Que ela tenha sido concebida no lago? Que depois de tantos meses de separação, quando Hannah e Robbie se encontraram naquela noite, na casa de verão inacabada, eles não tenham conseguido resistir? O tempo, afinal, estava certo. Deborah com certeza achou que sim. Ela olhou pela primeira vez para aqueles olhos grandes e escuros e seus lábios se comprimiram. Ela soube.

Se foi ela quem contou a Teddy eu não sei. Talvez ele mesmo tenha percebido. O fato é que Florence não ficou muito tempo em

Riverton. Teddy não poderia ficar com ela: um lembrete constante da traição de que ele fora vítima. Todos os Luxton concordaram que era melhor que ele esquecesse tudo aquilo. Que se dedicasse a dirigir Riverton Manor, preparando o retorno da sua carreira política.

Soube que eles mandaram Florence para a América, que Jemima concordou em recebê-la como irmã de Gytha. Ela sempre quis ter mais um filho. Hannah teria ficado contente, eu acho; teria preferido imaginar sua filha crescendo como uma Hartford e não uma Luxton.

O tour termina e nós somos deixados no hall de entrada. Apesar do incentivo de Beryl, Ursula e eu não entramos na loja de presentes.

Eu fico esperando de novo na cadeira de ferro enquanto Ursula vai buscar o carro.

– Não vou demorar – ela promete. Eu digo a ela para não se preocupar, que minhas lembranças me farão companhia.

– Vai voltar em breve? – o Sr. Hamilton diz da porta.

– Não – digo. – Acho que não, Sr. Hamilton.

Ele parece entender, sorri brevemente.

– Vou dizer à Sra. Townsend que você disse até logo.

Eu balanço a cabeça e ele desaparece, se dissolve como aquarela num raio empoeirado de sol.

Ursula me ajuda a entrar no carro. Ela trouxe uma garrafa de água e a abre para mim depois que estou com o cinto afivelado.

– Pronto – ela diz, enfiando um canudo na garrafa e apertando minhas mãos ao redor da garrafa fria.

Ela liga o motor e saímos lentamente do estacionamento. Eu tomo consciência, vagamente, quando entramos no túnel escuro de árvores da entrada, que esta é a última vez que faço esta viagem, mas não olho para trás.

Nós viajamos em silêncio por algum tempo, até Ursula dizer:

– Você sabe, tem uma coisa que sempre me intrigou.

– Humm?

– As irmãs Hartford o viram fazer aquilo, não foi? – Ela olha de lado para mim. – Mas o que elas estavam fazendo no lago quando deveriam estar na festa?

Eu não respondo e ela torna a olhar para mim, imaginando que eu não tenha ouvido.

– O que foi que você decidiu? – digo. – O que é que acontece no filme?

– Elas o veem sair, vão até o lago atrás dele e tentam impedi-lo. – Ela encolhe os ombros. – Eu procurei em toda parte, mas não encontrei os depoimentos de Emmeline e de Hannah, então tive que adivinhar. Era o que fazia mais sentido.

Eu concordo.

– Além disso, os produtores acharam que era mais emocionante do que se elas o tivessem encontrado por acaso.

Eu concordo.

– Você vai poder julgar por si mesma quando vir o filme – ela diz. Eu tinha pensado em ir à estreia do filme, mas sei que isso não será mais possível. Ursula também parece saber.

– Vou levar uma cópia para você assim que puder – ela diz.

– Eu gostaria muito.

Ela entra com o carro em Heathview.

– Ora, ora – ela diz, arregalando os olhos. Ela põe a mão sobre a minha. – Está pronta para enfrentar a situação?

Ruth está lá parada, aguardando. Eu fico esperando ver sua boca contraída numa censura. Mas não. Ela está sorrindo.

Cinquenta anos desaparecem e eu a vejo menina de novo. Antes que a vida tivesse a chance de desapontá-la. Ela está segurando alguma coisa; sacudindo-a. Eu vejo que é uma carta. E sei de quem é.

Escorregando para fora do tempo

Ele está aqui. Marcus voltou para casa. Na última semana ele veio me ver todos os dias. Às vezes Ruth vem com ele; às vezes somos só nós dois. Nós nem sempre conversamos. Frequentemente ele fica sentado do meu lado e segura minha mão enquanto cochilo. Eu gosto que ele segure a minha mão. É o gesto que mais faz companhia: um conforto desde a infância até a velhice.

Eu estou começando a morrer. Ninguém me contou, mas posso ver no rosto deles. As expressões simpáticas, suaves, os olhos tristes, sorridentes, os cochichos e olhares que eles trocam. E eu mesma estou sentindo isso.

Uma aceleração.

Eu estou escorregando para fora do tempo. As marcações que observei durante a vida inteira estão subitamente perdendo o sentido: segundos, minutos, horas, dias. Meras palavras. Tudo o que tenho são momentos.

Marcus traz um retrato. Ele me entrega e eu sei antes dos meus olhos o fitarem que retrato é. Era um dos meus favoritos, é um dos meus favoritos, tirado num sítio arqueológico muitos anos antes.

– Onde foi que você encontrou isto? – pergunto.

– Ele estava comigo – ele diz, envergonhado, passando a mão pelo cabelo um tanto longo, banhado pelo sol. – O tempo todo que estive fora. Espero que você não se importe.

– Eu fico feliz – digo.

– Eu queria um retrato seu – ele diz. – E sempre gostei deste, quando era pequeno. Você parece tão feliz.

– Eu estava. Muito feliz. – Eu olho de novo para a foto, depois a devolvo. Ele a coloca na minha mesinha de cabeceira para eu poder ver sempre que quiser.

Eu acordo e Marcus está na janela, olhando para fora. Primeiro eu acho que Ruth está no quarto conosco, mas ela não está. É outra pessoa. Outra coisa. Ela apareceu há pouco tempo. Esteve aqui desde então. Ninguém mais consegue vê-la. Ela está esperando por mim, eu sei, e eu estou quase pronta. Bem cedinho, hoje de manhã, gravei a última fita para Marcus. Ela está pronta e tudo foi contado. A promessa que eu fiz foi quebrada, e ele vai conhecer o meu segredo.

Marcus percebe que eu estou acordada. Ele se vira. Sorri. Seu sorriso glorioso.

– Grace. – Ele sai da janela e fica do meu lado. – Você quer alguma coisa? Um copo d’água?

– Sim – digo.

Eu o observo: seu corpo magro vestido com roupas folgadas. Jeans e uma camiseta, o uniforme da juventude de hoje. Em seu rosto, eu vejo o menino que ele foi, a criança que me seguia de cômodo em cômodo, fazendo perguntas, exigindo histórias: sobre os lugares que visitei, os artefatos que desenterrei, a casa grande da colina e as crianças e seu jogo. Vejo o rapaz que me encantava quando dizia que queria ser escritor. Que me pedia para ler o seu trabalho, para dizer o que achava. Vejo o homem adulto, preso numa teia de sofrimento, indefeso. Sem querer ajuda.

Eu me mexo, limpo a garganta. Tenho que perguntar uma coisa a ele.

– Marcus – digo.

Ele olha para mim de lado, sob um cacho de cabelo castanho.

– Grace?

Eu estudo os olhos dele, esperando, acho, encontrar a verdade.

– Como você está?

Ele não me ignora. Senta, se encosta no meu travesseiro, alisa o meu cabelo e me entrega um copo d’água.

– Acho que eu vou ficar bem – ele diz.

Ursula vem. Ela me beija no rosto. Eu quero abrir os olhos; agradecer a ela por gostar dos Hartford, por lembrá-los, mas não consigo. Marcus se encarrega dela. Eu o escuto, aceitando o videoteipe, agradecendo a ela, dizendo que eu estou feliz em vê-la. Que falei muito bem dela. Ele pergunta se a estreia correu bem.

– Foi ótima – ela diz. – Eu estava uma pilha de nervos, mas foi tudo perfeito. Tive até uma ou duas resenhas boas.

– Eu vi – Marcus diz. – Uma resenha *muito* boa no *Guardian*. “Inesquecível”, não foi o que disseram, “de uma beleza sutil”? Parabéns.

– Obrigada – diz Ursula, e eu posso imaginar seu sorriso tímido, contente.

– Grace sentiu muito não poder ir.

– Eu sei – diz Ursula. – Eu também. Adoraria que ela estivesse lá. – A voz dela fica vibrante. – Minha avó veio. Ela veio da América.

– Uau – diz Marcus. – Isso é que é dedicação.

– Poética, na verdade – diz Ursula. – Foi ela quem fez com que eu me interessasse pela história. Ela é parenta distante das irmãs Hartford. Prima em segundo grau, eu acho. Ela nasceu na Inglaterra, mas sua mãe se mudou para os Estados Unidos quando ela era pequena, depois que o pai dela morreu na Primeira Guerra Mundial.

– Foi ótimo ela ter podido vir ver o que inspirou.

– Eu não teria conseguido impedi-la de vir, mesmo que quisesse – Ursula diz, rindo. – Vovó Florence nunca aceitou um não como resposta.

Ursula se aproxima. Eu sinto a presença dela. Ela pega a fotografia que está na minha mesinha de cabeceira.

– Eu não tinha visto esta foto. Grace não está linda? Quem é este aqui com ela?

Marcus sorri; percebo em sua voz.

– Esse é o Alfred.

– Minha avó não é uma mulher convencional – diz Marcus, com ternura na voz. – Contra a vontade da minha mãe, aos sessenta e cinco anos, ela arranjou um amante. Evidentemente, ela o tinha conhecido anos antes. Ele conseguiu encontrá-la.

– Um romântico – diz Ursula.

– Sim – diz Marcus. – Alfred era fantástico. Eles não se casaram, mas ficaram juntos por quase vinte anos. Grace costumava dizer que o tinha deixado ir embora uma vez e que não iria cometer duas vezes o mesmo erro.

– Isso é a cara de Grace – diz Ursula.

– Alfred costumava implicar com ela: ele dizia que ainda bem que ela era arqueóloga. Quanto mais velho ele ficava, mais ela gostava dele.

Ursula ri.

– O que houve com ele?

– Ele morreu dormindo – Marcus diz. – Nove anos atrás. Foi quando Grace se mudou para cá.

Uma brisa morna entra pela janela aberta, passa por minhas pálpebras fechadas. É de tarde, eu acho.

Marcus está aqui. Ele já está aqui há algum tempo. Posso ouvi-lo escrevendo. Suspirando de vez em quando. Levantando-se, caminhando até a janela, até o banheiro, até a porta.

Agora já é mais tarde. Ruth chega. Ela está ao meu lado, acaricia o meu rosto, beija a minha testa. Posso sentir o perfume floral do seu pó de arroz Coty. Ela se senta.

– Você está escrevendo alguma coisa? – ela pergunta a Marcus. Ela fala de um jeito inseguro, com a voz tensa.

Seja generoso, Marcus; ela está se esforçando.

– Não sei ao certo – ele diz. Há uma pausa. – Estou pensando a respeito.

Eu posso ouvi-los respirando. Diga alguma coisa, um de vocês.

– Inspetor Adams?

– Não – Marcus diz depressa. – Estou pensando em fazer algo novo.

– Ah, é?

– Grace me mandou algumas fitas.

– Fitas?

– Tipo cartas, só que gravadas.

– Ela não me contou – Ruth diz. – O que ela diz?

– Todo tipo de coisas.

– Ela... ela fala em mim?

– Às vezes. Ela conta o que faz todo dia, mas também fala sobre o passado. Ela teve uma vida incrível, não teve?

– Sim – diz Ruth.

– Um século inteiro, de empregada doméstica a um doutorado em arqueologia. Eu gostaria de escrever sobre ela. – Uma pausa. – Você não se importa, não é?

– Por que eu me importaria? – diz Ruth. – É claro que não. Por que eu me importaria?

– Não sei... – Posso ouvir Marcus encolhendo os ombros. – Só tive a impressão de que talvez você se importasse.

– Eu gostaria de ler – Ruth diz com firmeza. – Você deve escrever.

– Vai ser uma mudança – diz Marcus. – Uma coisa diferente.

– Não um mistério.

Marcus ri.

– Não. Não um mistério. Só uma história simples.

Ah, meu querido. Mas isso não existe.

Eu estou acordada. Marcus está ao meu lado na cadeira, escrevendo num bloco. Ele ergue os olhos.

– Olá, Grace – diz e sorri. Ele larga o bloco. – Que bom que você acordou. Eu queria agradecer-lhe.

Agradecer-me? Eu levanto as sobrancelhas.

– Pelas fitas. – Ele está segurando minha mão agora. – Pelas histórias que você mandou. Eu tinha esquecido o quanto gostava de histórias. De ler, de ouvir histórias. De escrevê-las. Desde que Rebecca... Foi um choque tão grande... Eu simplesmente não conseguia... – Ele respira fundo, sorri. Começa de novo. – Eu tinha esquecido o quanto precisava de histórias.

Alegria – ou será esperança? – aquece o meu peito. Eu quero incentivá-lo. Fazê-lo entender que o tempo é o senhor da perspectiva. Um senhor desapaixonado, extremamente eficiente. Devo ter feito uma tentativa, porque ele diz baixinho:

– Não fale. – Ele levanta a mão, acaricia delicadamente a minha testa com o polegar. – Descanse, Grace.

Eu fecho os olhos. Quanto tempo fico assim? Será que durmo?

Quando torno a abrir os olhos, eu digo:

– Tem mais uma. – Minha voz está rouca de falta de uso. – Mais uma fita. – Eu aponto para a cômoda e ele vai olhar.

Ele acha o cassete ao lado das fotos.

– Esta aqui?

Eu balanço a cabeça.

– Onde está o seu toca-fitas? – ele pergunta.

– Não – digo depressa. – Agora não. Mais tarde.

Ele fica surpreso.

– Depois – digo.

Ele não pergunta depois de quê. Não tem necessidade de perguntar. Ele guarda a fita no bolso da camisa e dá um tapinha nela. Sorri para mim e vem acariciar o meu rosto.

– Obrigado, Grace – ele diz baixinho. – O que eu vou fazer sem você?

– Você vai ficar bem.

– Você promete?

Eu não faço mais promessas. Mas uso toda a minha energia para apertar a mão dele.

Está caindo a tarde: eu sei por causa da luz violeta. Ruth está na porta do meu quarto, com uma bolsa debaixo do braço, os olhos cheios de preocupação.

– Não cheguei muito tarde, cheguei?

Marcus se levanta e pega a bolsa, dá um abraço nela.

– Não – ele diz. – Não muito tarde.

Nós vamos assistir ao filme, o filme de Ursula, todos juntos. Uma reunião de família. Ruth e Marcus organizaram tudo e, vendo-os juntos, fazendo planos, não quero interferir.

Ruth me dá um beijo, pega uma cadeira e se senta ao lado da minha cama.

Outra batida à porta. Ursula.

Outro beijo no rosto.

– Você conseguiu vir – Marcus diz, satisfeito.

– Eu não perderia isto – diz Ursula. – Obrigada por me convidar.

Ela se senta do outro lado da cama.

– Vou fechar a persiana – diz Marcus. – Prontas?

A luz diminui. Marcus arrasta uma cadeira para se sentar ao lado de Ursula. Cochicha alguma coisa e ela ri. Eu sou envolvida por uma sensação bem-vinda de conclusão.

A música toca e o filme começa. Ruth aperta minha mão. Estamos vendo um carro, de uma grande distância, avançando por uma estrada no campo. Um homem e uma mulher lado a lado no banco da frente, fumando. A mulher usa lantejoulas e um boá de penas. Eles chegam a Riverton e o carro sobe a ladeira até em cima. Lá está ela. A casa. Grande e fria. Ela capturou perfeitamente sua enorme e melancólica glória. Um criado vem recebê-los e estamos na sala dos empregados. Eu sei por causa do assoalho. O barulho. Taças de champanhe. Excitação nervosa. Subindo a escada. A porta se abre. Atravessando o hall, saindo para o terraço.

É estranho. A cena da festa. As lanternas chinesas de Hannah piscando no escuro. O conjunto de jazz, a clarineta gritando. Gente alegre dançando o *charleston*...

Há um estrondo horrível e eu estou acordada. É o filme, o tiro. Eu dormi e perdi o momento crucial. Não faz mal. Eu sei como este filme termina: no lago de Riverton Manor, tendo por testemunhas duas lindas irmãs, Robbie Hunter, veterano de guerra e poeta, se mata.

E eu sei, é claro, que não foi isso que realmente aconteceu.

O fim

Finalmente, depois de noventa e nove anos, eu cheguei ao fim. O último fio que me prendia partiu-se e o vento norte está me levando. Estou finalmente desaparecendo.

Eu ainda posso ouvi-los. Estou vagamente consciente de que eles estão aqui. Ruth está segurando a minha mão. Marcus está deitado no pé da cama. Esquentando meus pés.

Há mais alguém na janela. Ela se aproxima, finalmente, e eu estou olhando para o mais lindo dos rostos. É mamãe, e é Hannah, e no entanto não é.

Ela sorri. Estende a mão. Cheia de misericórdia e perdão e paz.

Eu seguro a mão dela.

Estou perto da janela. Vejo a mim mesma na cama: velha e frágil e branca. Esfregando os dedos, movendo os lábios, sem encontrar as palavras.

Meu peito sobe e desce.

Um ruído.

Libertação.

Ruth dá um soluço.

Marcus ergue os olhos.

Mas eu já parti.

Viro as costas e não olho para trás.

Meu fim chegou. E isso não me incomoda nem um pouco.

A fita

Testando. Um. Dois. Três. Fita para Marcus. Número quatro. Esta é a última fita que eu vou gravar. Estou quase no fim e não há como ir além.

Vinte e um de junho de 1924. Solstício de verão e dia da festa de meio de verão de Riverton.

No andar de baixo, a cozinha estava uma loucura. A Sra. Townsend estava com o fogão aceso no máximo e berrava ordens para três mulheres da aldeia que tinham sido contratadas para ajudar. Ela alisou o avental sobre a barriga avantajada e supervisionou suas pupilas, que limpavam centenas de codornas.

– Uma festa – ela disse, sorrindo para mim quando passei apressada. – Já não era sem tempo. – Ela empurrou com o pulso uma mecha de cabelo que tinha escapado do lenço. – Lord Frederick, que sua alma descanse em paz, não gostava de festas, e tinha seus motivos. Mas, na minha humilde opinião, uma casa precisa de uma boa festa de vez em quando; as pessoas se lembram de que ela existe.

– É verdade – disse a mulher mais magra das que tinham vindo da aldeia. – O príncipe Edward virá?

– Todo o mundo que é alguém vai estar aqui – disse a Sra. Townsend, tirando um fio de cabelo de um pastelão, com um ar zangado. – As pessoas que vivem nesta casa convivem com a nata da sociedade.

Às dez horas, Dudley tinha aparado o gramado e os decoradores tinham chegado. O Sr. Hamilton se posicionou no meio do terraço, balançando os braços como um maestro.

– Não, não, Sr. Brown – ele disse, acenando para a esquerda. – A pista de dança tem que ser colocada no lado oeste. De noite sobe

um nevoeiro frio do lago e no lado leste não há proteção alguma. – Ele ficou observando, depois bufou: – Não, não, não. Aí não. Aí vai ficar a escultura de gelo. Eu deixei isso muito claro para o seu outro empregado.

O outro homem, empoleirado no alto de uma escada, pendurando lanternas chinesas do caramanchão de rosas até a casa, não estava em condições de se defender.

Eu passei a manhã recebendo os convidados que iam ficar para o fim de semana, e não pude deixar de notar a excitação deles. Jemima, que tinha vindo da América, de férias, chegou cedo com o novo marido e o bebê, Gytha. A vida nos Estados Unidos fez bem a ela: sua pele estava dourada e seu corpo rechonchudo. Lady Clementine e Fanny chegaram juntas de Londres, a primeira tristemente resignada com uma festa ao ar livre em junho que, certamente, lhe causaria uma artrite.

Emmeline chegou depois do almoço com um grupo grande de amigos e causou grande sensação. Eles tinham vindo em comboio de Londres e tocaram as buzinas desde o portão até a casa, dando diversas voltas ao redor de Eros e Psique. Sobre um dos capôs estava sentada uma mulher com um vestido de gaze de um rosa vibrante. Sua echarpe marfim esvoaçava atrás do pescoço. Nancy, a caminho da cozinha com as bandejas de almoço, ficou parada, horrorizada, quando percebeu que era Emmeline.

Mas havia muito pouco tempo para ser desperdiçado cochichando a respeito da decadência da juventude. A escultura de gelo tinha vindo de Ipswich, o florista de Saffron, e Lady Clementine estava insistindo em tomar chá na sala íntima, para relembrar os velhos tempos.

No final da tarde, a orquestra chegou, e Nancy os levou para o terraço através da sala dos empregados. Seis homens altos, magros, com instrumentos pendurados nos ombros e rostos que a Sra. Townsend declarou tão negros quanto a aldrava de Newsgate.

– E pensar – ela disse, com os olhos arregalados de excitação – que teríamos esse tipo de gente em Riverton Manor. Lady Ashbury deve estar se revirando no túmulo.

– Qual Lady Ashbury? – disse o Sr. Hamilton, inspecionando a criada contratada.

– Todas elas, eu imagino – disse a Sra. Townsend.

Finalmente, a noite começou a cair. O ar ficou mais frio e denso, e as lanternas começaram a brilhar, verdes, vermelhas e amarelas, na luz do crepúsculo.

Eu encontrei Hannah na janela do quarto cor de vinho. Ela estava ajoelhada no sofá, espiando para o gramado do sul, observando os preparativos da festa, foi o que supus.

– Está na hora de se vestir, madame.

Ela levou um susto. Soltou o ar nervosamente. Passara assim o dia inteiro: assustada como um gatinho. Fazendo uma coisa, depois outra, sem terminar nada.

– Só um minuto, Grace. – Ela demorou um pouco, com o sol batendo de um lado do seu rosto. – Acho que nunca notei o quanto a vista daqui é bonita – ela disse. – Você não acha?

– Acho sim, madame.

– Não sei por que nunca notei isso antes.

No quarto dela, coloquei rolos em seu cabelo, uma tarefa que foi bem difícil, porque ela não parava quieta, e gastei um bom tempo desenrolando-os e recomeçando.

Depois que os rolos estavam mais ou menos no lugar, eu a ajudei a se vestir. Seda prateada, alças finas formando um decote em V atrás. O vestido era ajustado no corpo e ia até quase três centímetros abaixo dos seus joelhos.

Enquanto ela ajeitava a bainha, fui buscar o sapato. A última moda de Paris: um presente de Teddy. De cetim prateado com tiras finas.

– Não – ela disse. – Esse não. Eu vou usar o preto.

– Mas, madame, este é o seu sapato favorito.

– O preto é mais confortável – ela disse, inclinando-se para calçar as meias.

– Mas, com o seu vestido, é uma pena...

– Eu disse preto, pelo amor de Deus; não me faça dizer de novo, Grace.

Eu calei a boca. Guardei o sapato prateado e peguei o preto.

Hannah pediu desculpas imediatamente.

– Eu estou nervosa. Não devia descontar em você. Desculpe.

– Não faz mal, madame. É natural estar excitada.

Eu tirei os rolos e seu cabelo caiu em ondas louras sobre os ombros. Eu o reparti de lado e o escovei por cima da testa, prendendo-o com uma fivela de diamante.

Hannah inclinou-se para a frente para colocar os brincos de pérola, gritou quando espetou o dedo no fecho.

– A senhora está muito apressada, madame – eu disse delicadamente. – Tem que tomar cuidado com isso.

Ela me entregou os brincos.

– Estou muito desajeitada hoje.

Eu estava enfeitando seu pescoço com fios de pérolas quando o primeiro carro chegou, fazendo ranger o cascalho da entrada. Endireitei as pérolas para elas caírem entre as suas omoplatas, descansando logo abaixo da nuca.

– Muito bem. A senhora está pronta.

– Espero que sim, Grace. – Ela ergueu as sobrancelhas, examinou-se no espelho. – Espero não ter esquecido algo.

Ela passou as pontas dos dedos nas sobrancelhas, endireitou um dos fios de pérolas e deu um suspiro.

De repente, o toque de uma clarineta.

Hannah levou um susto, pôs a mão no peito.

– Nossa!

– Deve ser excitante, madame – eu disse cautelosamente. – Ver a realização dos seus planos.

Ela olhou para mim, espantada. Pareceu que ia dizer alguma coisa, mas não disse. Comprimiu os lábios pintados de vermelho.

– Eu tenho uma coisa para você, Grace. Um presente.

Fiquei atônita.

– Mas não é meu aniversário, madame.

Ela sorriu, abriu rapidamente a gavetinha da sua penteadeira. Virou-se para mim, com a mão fechada. Ergueu-o pela corrente acima da minha mão, deixou-o cair na minha palma.

– Mas, madame. É o seu medalhão.

– Era. Era o meu medalhão. Agora ele é seu.

Eu tentei devolvê-lo. Presentes inesperados me deixavam nervosa.

– Não, madame. Não, obrigada.

Ela afastou minha mão com firmeza.

– Eu insisto. Para agradecer por tudo o que você fez por mim.

Será que percebi um tom de despedida naquele momento?

– Só faço a minha obrigação, madame – eu disse depressa.

– Aceite o medalhão, Grace. Por favor.

Antes que eu pudesse argumentar mais, Teddy apareceu na porta. Alto e elegante no seu smoking preto; marcas de pente na brilhantina do cabelo, a testa franzida de nervosismo.

– Pronta? – ele disse para Hannah, revirando as pontas do bigode. – Aquele amigo de Deborah está lá embaixo, Cecil não sei o quê, o fotógrafo. Ele quer tirar retratos da família antes da chegada dos convidados. – Ele bateu duas vezes no batente da porta com a mão aberta e saiu andando pelo corredor, dizendo: – Onde foi que Emmeline se meteu?

Hannah alisou o vestido na altura da cintura. Eu notei que suas mãos estavam tremendo. Ela sorriu nervosamente.

– Deseje-me sorte.

– Boa sorte, madame.

Ela então me surpreendeu, se aproximando e me dando um beijo no rosto.

– E boa sorte para você, Grace.

Ela apertou minhas mãos em volta do medalhão e saiu apressada atrás de Teddy.

Olhei um instante pela janela do andar de cima. Damas e cavalheiros – de verde, amarelo e rosa – chegam ao terraço descendo a escadaria de pedra em direção ao gramado. O som do jazz paira no ar, lanternas chinesas balançam ao vento, os garçons contratados pelo Sr. Hamilton carregam enormes bandejas de prata com borbulhantes taças de champanhe com as mãos levantadas driblando a crescente multidão; Emmeline, reluzente em cor-de-rosa, conduz um sorridente rapaz à pista de dança.

Repetidamente, eu virava o medalhão nas mãos, sem deixar de olhar para ele. Poderia ter percebido um leve chacoalhar dentro dele? Ou estaria extremamente preocupada com o nervosismo de Hannah? Fazia muito tempo que não a via daquele jeito, talvez desde os seus primeiros dias em Londres, após a visita ao médium.

– Aqui está você. – Nancy estava parada na porta, com as bochechas enrubescidas e sem fôlego. – Uma das criadas da Sra. Townsend desmaiou de cansaço e não tem ninguém para polvilhar os *strudels*.

Eu só subi para o meu quarto à meia-noite. A festa ainda estava animada no terraço, mas a Sra. Townsend tinha me liberado assim que não precisou mais de mim. Parece que o nervosismo de Hannah era contagioso, e uma cozinha agitada não é lugar para gente desajeitada.

Subi a escada devagar, com os pés doendo: anos de trabalho doméstico os tinham deixado sensíveis. Bastava uma noite na cozinha para eles ficarem com bolhas. A Sra. Townsend tinha me dado um pacotinho de bicarbonato e eu pretendia colocá-los de molho em água quente.

Não havia como escapar da música aquela noite: ela permeava o ar, impregnando as paredes de pedra da casa. Ela tinha ficado mais rouquenha com o passar das horas, combinando com o espírito dos convidados. Eu podia sentir a batida da percussão no estômago quando cheguei ao sótão. Até hoje, o jazz deixa o meu sangue gelado.

No último patamar da escada, eu pensei em ir direto para o banheiro e deixar a banheira enchendo, mas resolvi pegar minha camisola e meus artigos de toalete primeiro.

O ar quente, concentrado do dia, bateu no meu rosto quando abri a porta do quarto. Acendi a luz e fui mancando até a janela, abrindo as venezianas.

Fiquei ali por um momento, saboreando o ar fresco e o leve aroma de fumaça de cigarro e perfume. Respirei devagar. Um banho quente, bem longo, e depois um sono profundo. Peguei o sabonete na penteadeira, depois fui mancando até a cama para pegar minha camisola.

Foi então que vi as cartas. Duas. Encostadas no meu travesseiro.

Uma dirigida a mim; a outra com o nome de Emmeline na frente do envelope.

A letra era de Hannah.

Então eu tive um pressentimento. Um raro momento de clarividência.

Soube instantaneamente que a resposta para o seu estranho comportamento estava ali.

Larguei minha camisola e peguei o envelope endereçado a *Grace*. Com os dedos tremendo, eu o abri. Alisei a folha de papel. Meus olhos a examinaram e meu coração quase parou.

Estava escrita em estenografia.

Eu me sentei na beirada da cama, olhando para o papel, como se, por simples força de vontade, a mensagem fosse ficar clara.

O fato de ser indecifrável só me fez ter mais certeza de que seu conteúdo era importante.

Eu peguei o segundo envelope. Endereçado a Emmeline. Passei a mão por ele.

Só hesitei um segundo. Que escolha eu tinha?

Então, que Deus me ajude, eu o abri.

Eu estava correndo: esqueci a dor nos pés, meu sangue pulsava, meu coração batia na minha cabeça, eu respirava no ritmo da música, desci a escada, atravessei a casa, entrei no terraço.

Fiquei ali parada, o peito ofegante, procurando Teddy. Mas ele não estava à vista. Estava perdido no meio das sombras e dos rostos embaçados.

Não havia tempo. Eu teria que ir sozinha.

Mergulhei na multidão, rostos deslizantes – lábios vermelhos, olhos pintados, bocas gargalhando. Desviei de cigarros e taças de champanhe, passei por baixo das lanternas coloridas, rodeei a escultura de gelo e corri na direção da pista de dança. Cotovelos, joelhos, sapatos, pulsos girando ao redor de mim. Cor. Movimento. Sangue pulsando em minha cabeça. O ar preso em minha garganta.

Então, Emmeline. No alto da escadaria de pedra. Coquetel na mão, a cabeça inclinada para trás, rindo, fios de pérola pendurados em seu pescoço laçando o pescoço do seu acompanhante. O paletó dele pendurado nos ombros dela.

Duas teriam mais chance do que uma.

Eu parei. Tentei recuperar o fôlego.

Ela me olhou por baixo das pálpebras pesadas.

– Ora, Grace – ela disse, pronunciando cuidadosamente as palavras –, esse foi o vestido mais bonito que você conseguiu achar? – Ela atirou a cabeça para trás e riu.

– Preciso falar com a senhorita...

Seu acompanhante cochichou alguma coisa; ela apertou o nariz dele de brincadeira.

Eu tentei respirar.

– ... um assunto urgente...

– Estou curiosa.

– ... por favor... – eu disse. – Em particular...

Ela suspirou dramaticamente, tirou as pérolas do pescoço do sujeito, apertou as bochechas dele e fez um beicinho.

– Não vá muito longe, Harry querido.

Ela tropeçou no salto, deu um grito, depois riu, descendo a escada aos tropeções.

– Pode falar, Gracie – ela disse com uma voz arrastada quando chegamos ao final da escada.

– É Hannah, senhorita... ela vai fazer alguma coisa... alguma coisa horrível, no lago...

– Não! – disse Emmeline, chegando tão perto que eu pude sentir o cheiro de gim. – Ela não vai dar um mergulho noturno, vai? Que coisa escandalosa!

– ... eu acho que ela vai se matar, senhorita, isto é, eu sei que é o que ela pretende...

Seu sorriso murchou, seus olhos se arregalaram.

– Hein?

– ... eu encontrei um bilhete, senhorita. – Entreguei a carta para ela.

Ela engoliu em seco, oscilou, sua voz subiu uma oitava.

– Mas... Você... Teddy?

– Não há tempo, senhorita.

Então eu a agarrei pelo pulso e a arrastei pelo Long Walk.

Os arbustos tinham crescido tanto que se encontravam no alto e a escuridão era total. Nós corremos, aos tropeções, afastando as folhas para achar o caminho. Quanto mais nos afastávamos, mais o som da festa parecia um sonho.

Estávamos no Jardim Egeskov quando o salto do sapato de Emmeline quebrou e ela caiu. Eu quase tropecei nela, parei, tentei ajudá-la a se levantar.

Ela afastou minha mão, se levantou e continuou correndo.

Então ouvimos um ruído no jardim e pareceu que uma das esculturas estava se movendo. Ela riu, gemeu: mas não era uma escultura e, sim, um casal namorando. Eles nos ignoraram e nós os ignoramos.

O segundo portão estava aberto e nós entramos na clareira da fonte. A lua cheia estava alta no céu e Ícaro e suas sereias brilhavam sob a luz branca do luar. Sem os arbustos, a música e o ruído da festa estavam altos de novo. Estranhamente próximos.

Com a ajuda do luar, andamos mais depressa ao longo do caminho, em direção ao lago. Chegamos à barricada, na placa de entrada proibida e, finalmente, na beirada da água.

Paramos no final do caminho, ofegantes, e observamos o cenário à nossa frente. O lago brilhava ao luar. A casa de verão e a margem rochosa estavam banhadas com uma luz prateada.

Emmeline respirou forte.

Eu acompanhei seu olhar.

Os sapatos de Hannah estavam sobre as pedras. Os mesmos que eu a tinha ajudado a calçar horas antes.

Emmeline correu na direção deles. Ela estava muito pálida, seu corpo magro ainda menor por causa do paletó de homem que estava usando.

Um barulho vindo da casa de verão. Uma porta se abrindo.

Emmeline e eu olhamos naquela direção.

Uma pessoa. Hannah. Viva.

Emmeline engoliu em seco.

– Hannah – ela chamou, sua voz uma mistura rouca de álcool e pânico, ecoando no lago.

Hannah parou, hesitou; com um olhar na direção da casa de verão, ela se virou para Emmeline.

– O que você está fazendo aqui? – ela disse, com uma voz tensa.

– Salvando você – Emmeline disse, começando a rir nervosamente. De alívio, claro.

– Volte – Hannah disse depressa. – Você tem que voltar.
– E deixar você aqui para se afogar?
– Eu não vou me afogar – disse Hannah. Ela tornou a olhar para a casa de verão.
– Então o que é que você está fazendo? Arejando os sapatos? – Emmeline ergueu-os e depois tornou a colocá-los no chão. – Eu vi a sua carta.
– A carta era uma... brincadeira. – Hannah engoliu em seco. – Um jogo.
– Um jogo?
– Você só deveria vê-la depois. – A voz de Hannah ficou mais segura. – Eu tinha planejado uma brincadeira. Para amanhã. Para nos divertirmos.
– Como uma caça ao tesouro?
– Mais ou menos.
Eu fiquei sem ar. O bilhete não era a sério. Era parte de um jogo. E o que estava endereçado a mim? Será que Hannah queria que eu ajudasse? Será que isso explicava o seu comportamento agitado? Não era a festa, mas o jogo que ela queria que corresse bem?
– É isso que eu estou fazendo agora – disse Hannah. – Escondendo pistas.
Emmeline ficou parada, piscando os olhos. Seu corpo tremeu quando ela soluçou.
– Um jogo – ela disse devagar.
– Sim.
Emmeline começou a rir.
– Por que você não me contou? Eu adoro jogos! Que esperteza a sua, minha querida.
– Volte para a festa – disse Hannah. – E não conte a ninguém que você me viu.
Emmeline torceu um botão imaginário nos lábios. Ela deu meia-volta e foi andando sobre as pedras em direção à trilha. Lançou-me

um olhar zangado quando chegou perto do meu esconderijo. Sua maquiagem estava borrada.

– Desculpe, senhorita – sussurrei. – Eu pensei que fosse verdade.

– Você tem sorte de não ter estragado tudo. – Ela se sentou numa pedra, apertou o paletó contra o corpo. – Agora eu estou com o tornozelo inchado e vou perder mais tempo da festa enquanto descanso. É melhor que eu não perca os fogos.

– Vou esperar aqui com a senhorita. Vou ajudá-la a voltar.

– Acho melhor – disse Emmeline.

Ficamos ali sentadas, com a música da festa soando ao longe, entremeada de gritos animados. Emmeline esfregou o tornozelo, pisando de vez em quando com o pé machucado.

O nevoeiro da madrugada tinha começado a cair sobre o lago. Outro dia quente estava chegando, mas a noite estava fria. O nevoeiro garantia isso.

Emmeline estremeceu, abriu o paletó do amigo, enfiou a mão no bolso de dentro. Sob o luar, alguma coisa faiscou, preta e brilhante. Presa no forro do paletó. Eu levei um susto: era uma arma.

Emmeline percebeu minha reação, virou-se para mim, de olhos arregalados.

– Não me diga: é o primeiro revólver que você vê na vida. Você é uma bobona, Grace. – Ela o tirou do paletó, revirou-o nas mãos, estendeu-o para mim. – Tome. Quer segurar?

Eu sacudi a cabeça enquanto ela ria, desejando nunca ter achado as cartas. Desejando, pela primeira vez, que Hannah não tivesse me incluído nisso.

– Talvez seja melhor – Emmeline disse, soluçando. – Revólveres e festas. Não é uma boa mistura.

Ela tornou a guardar o revólver no bolso, continuou procurando, achando finalmente uma garrafa prateada. Ela abriu a tampa e atirou a cabeça para trás, bebendo uma boa quantidade.

– Querido Harry – ela disse, estalando os lábios. – Está sempre preparado para tudo. – Ela tomou mais um gole e guardou a garrafa no bolso. – Vamos. Já tomei o meu analgésico.

Eu a ajudei a se levantar, baixando a cabeça para ela se apoiar nos meus ombros.

– Assim está bom – ela disse. – Basta você...

Eu esperei.

– Madame?

Ela emitiu um som de espanto e eu levantei a cabeça, acompanhando o seu olhar. Hannah estava na casa de verão e não estava sozinha. Havia um homem com ela, com um cigarro na boca. Carregando uma valise.

Emmeline reconheceu-o antes de mim.

– Robbie – ela disse, esquecendo o tornozelo. – Meu Deus. É o Robbie.

Emmeline foi mancando até a beira do lago; eu fiquei atrás, nas sombras.

– Robbie! – ela gritou, acenando com a mão. – Robbie, aqui.

Hannah e Robbie ficaram imóveis. Olharam um para o outro.

– O que você está fazendo aqui? – Emmeline disse, animadamente. – E por que veio pelos fundos?

Robbie deu uma tragada no cigarro.

– Venha para a festa – Emmeline disse. – Vou providenciar um drinque para você.

Robbie olhou para o lago. Eu segui o olhar dele e vi alguma coisa metálica brilhando do outro lado. Uma motocicleta, parada na parte em que o lago dava para os campos externos à propriedade.

– Eu sei o que está acontecendo – Emmeline disse de repente. – Você está ajudando Hannah com o jogo.

Hannah avançou para a claridade da lua.

– Emme...

– Vamos – Emmeline disse depressa. – Vamos voltar para a casa e arrumar um quarto para o Robbie. Encontrar um lugar para você guardar sua mala.

– Robbie não vai para a casa – disse Hannah.

– É claro que vai. Ele não vai passar a noite inteira aqui embaixo, com certeza – Emmeline disse, com uma risada. – Podemos estar em junho, mas está fazendo frio, meus queridos.

Hannah olhou para Robbie e houve alguma troca entre eles.

Emmeline também viu. Naquele momento, com a lua brilhando no rosto dela, eu vi sua animação se transformar em perplexidade, e a perplexidade se transformar em compreensão. Os meses em Londres, Robbie chegando mais cedo no número dezessete, o modo como ela tinha sido usada.

– Não tem jogo algum, tem? – ela disse baixinho.

– Não.

– A carta?

– Um erro – disse Hannah.

– Por que você a escreveu? – quis saber Emmeline.

– Eu não queria que você ficasse imaginando para onde eu tinha ido – disse Hannah. Ela olhou para Robbie. Ele assentiu com um leve movimento de cabeça. – Para onde nós tínhamos ido.

Emmeline ficou calada.

– Vamos – Robbie disse com cuidado, erguendo a mala e se dirigindo para o lago. – Está ficando tarde.

– Por favor, entenda, Emmeline – disse Hannah. – É como você disse, cada uma de nós deixando a outra viver a vida que quer. – Ela hesitou: Robbie estava fazendo sinal para ela se apressar. Ela começou a andar para trás. – Não posso explicar agora, não há tempo. Eu vou escrever: vou dizer onde estamos. Você pode nos visitar. – Ela se virou e, com um último olhar para Emmeline, seguiu Robbie pela margem do lago, coberta de neblina.

Emmeline ficou onde estava, com as mãos enfiadas nos bolsos do paletó. Ela oscilou, estremeceu como se alguém tivesse

caminhado sobre o seu túmulo.

E então.

– Não. – A voz de Emmeline estava tão baixa que eu mal consegui escutar. – Não – ela berrou. – Parem.

Hannah se virou, Robbie puxou sua mão, tentou mantê-la com ele. Ela disse alguma coisa, veio voltando.

– Eu não vou deixar você ir – disse Emmeline.

Hannah agora estava perto. Ela respondeu em voz baixa, mas firme.

– Você tem que deixar.

A mão de Emmeline moveu-se no bolso do paletó. Ela engoliu em seco.

– Eu não vou deixar.

Ela tirou a mão do bolso. Um clarão. O revólver.

Hannah ficou sem ar.

Robbie começou a correr na direção de Hannah.

O sangue martelava na minha cabeça.

– Eu não vou deixar que você fique com ele – Emmeline disse, com a mão tremendo.

Hannah estava ofegante. Pálida sob o luar.

– Não seja estúpida, largue isso.

– Eu não sou estúpida.

– Largue isso.

– Não.

– Você não vai usar isso.

– Vou sim.

– Qual de nós dois você vai matar? – disse Hannah.

Robbie estava ao lado de Hannah e Emmeline olhou de um para outro, com os lábios tremendo.

– Você não vai atirar em nenhum dos dois, vai? – disse Hannah.

O rosto de Emmeline contorceu-se e ela começou a chorar.

– Não.

– Então largue o revólver.

– Não.

Eu vi Emmeline levantar a mão trêmula e apontar o revólver para a própria cabeça.

– Emmeline! – disse Hannah.

Emmeline estava soluçando. Grandes soluços engasgados.

– Me dê isso – disse Hannah. – Vamos conversar. Vamos resolver isto.

– Como? – A voz de Emmeline estava embargada de lágrimas. – Você vai me dar ele de volta? Ou vai ficar com ele como ficou com todos? Papai, David, Teddy.

– Não é assim – disse Hannah.

– Agora é a minha vez – disse Emmeline.

De repente, houve uma explosão. Um fogo de artifício. Emmeline deu um pulo. Um clarão vermelho iluminou os rostos deles. Milhões de partículas vermelhas derramaram-se no lago.

Robbie cobriu o rosto com as mãos.

Hannah deu um pulo para a frente, tirou o revólver das mãos de Emmeline.

Emmeline correu na direção dela, com o rosto todo borrado de lágrimas e batom.

– Me dá o revólver. Me dá senão eu vou gritar. Não vá embora. Eu vou contar a todo mundo. Vou contar a todo mundo e Teddy vai achar você e...

Bang! Um fogo de artifício verde explodiu.

– Teddy não vai deixar você fugir, vai fazer você ficar e você nunca mais vai ver Robbie...

Bang! Prateado.

Hannah subiu numa parte mais alta da margem. Emmeline foi atrás, chorando. Fogos de artifício explodiram.

A música da festa ecoava nas árvores, no lago, nas paredes da casa de verão.

Os ombros de Robbie estavam curvados, ele estava tapando os ouvidos com as mãos. Olhos arregalados, rosto pálido.

Eu não o ouvi logo, mas pude ver seus lábios. Ele estava apontando para Emmeline, gritando alguma coisa para Hannah.

Bang! Vermelho.

Robbie encolheu-se. O rosto contorcido de pânico. Continuou a gritar.

Hannah hesitou, olhou para ele, indecisa. Ela ouvira o que ele estava dizendo. Ela pareceu desabar.

Os fogos pararam; fagulhas choviam do céu.

E então eu também ouvi o que ele estava dizendo.

– Atire nela! – ele berrava. – Atire nela!

Meu sangue gelou.

Emmeline parou, apavorada.

– Hannah? – A voz dela era a de uma garotinha assustada. – Hannah?

– Atire nela – ele repetiu. – Ela vai estragar tudo. – Ele estava correndo na direção de Hannah.

Hannah estava olhando. Sem compreender.

– Atire nela! – Ele estava histérico.

As mãos dela tremiam.

– Não posso – ela disse finalmente.

– Então me dê a arma. – Ele estava se aproximando, mais depressa. – Eu atiro.

E ele ia atirar. Eu soube que sim. Desespero e determinação estavam estampados em seu rosto.

Emmeline vacilou. Compreendeu. Começou a correr na direção de Hannah.

– Não posso – disse Hannah.

Robbie tentou pegar o revólver; Hannah puxou o braço, caiu para trás, engatinhou para cima da margem.

– Atire! – disse Robbie. – Ou eu vou atirar.

Hannah chegou ao alto da encosta. Robbie e Emmeline a estavam alcançando. Não havia mais para onde fugir. Ela olhou de um para outro.

E o tempo parou.

Dois pontos de um triângulo, sem um terceiro que os sustentasse, tinham se afastado cada vez mais. O elástico, esticado demais, tinha chegado ao seu limite.

Eu preendi a respiração, mas o elástico não arrebentou.

Naquele instante, ele se retraiu.

Dois pontos tornaram a se juntar, numa colisão de lealdade, sangue e ruína.

Hannah apontou o revólver e puxou o gatilho.

O desenlace. Porque sempre há um desenlace. As pessoas se esquecem disso. Sangue, muito sangue. Sobre os vestidos das duas, em seus rostos, seus cabelos.

O revólver caiu. Bateu nas pedras com um estrondo e ficou imóvel.

Hannah ficou tremendo na margem do lago.

O corpo de Robbie estava caído no chão. Onde era a sua cabeça, havia apenas uma mistura de sangue, cérebro e osso.

Eu fiquei paralisada, o coração batendo nos ouvidos, a pele quente e fria ao mesmo tempo. De repente, uma ânsia de vômito.

Emmeline ficou parada, com os olhos fechados. Ela não estava chorando mais. Emitia um som terrível, que eu nunca mais esqueci. Era uma espécie de ronco, cada vez que ela respirava. O ar preso na garganta a cada respiração.

Passaram-se alguns segundos, não sei quantos, e ao longe, atrás de mim, eu ouvi vozes. Risos.

– É logo ali na frente. – O vento trouxe a voz. – Espere só até ver, Lord Gifford. As escadas não estão terminadas, malditos franceses e suas greves, mas o resto, eu acho que o senhor vai concordar, é impressionante.

Eu limpei a boca, corri até a beira do lago.

– Teddy está vindo – eu disse para ninguém em particular. Eu estava em choque, é claro. Nós todas estávamos em choque. –

Teddy está vindo.

– Você chegou tarde demais – Hannah disse, batendo histericamente no rosto, no pescoço, na cabeça. – Você chegou tarde demais.

– Teddy está vindo, madame. – Eu tremia.

Emmeline abriu os olhos. Um clarão de sombra azul prateada no luar. Ela estremeceu, se recompôs, apontou para a mala de Hannah.

– Leve isso de volta para casa – ela disse com uma voz rouca. – Vá pelo caminho mais longo.

Eu hesitei.

– Corra.

Eu assenti, peguei a mala e corri na direção do bosque. Não conseguia pensar com clareza. Parei quando estava escondida e virei para trás. Meus dentes estavam batendo.

Teddy e Lord Gifford tinham chegado ao final do atalho e se aproximado da margem do lago.

– Meu Deus – Teddy disse, parando abruptamente. – O que foi...?

– Teddy, querido – disse Emmeline. – Graças a Deus. – Ela se virou para olhar para Teddy e controlou a voz. – O Sr. Hunter se matou.

A carta de Hannah

Esta noite eu morro e minha vida começa.

Estou contando para você, só para você. Você me acompanha há muito tempo nesta aventura, e eu quero que saiba que nos próximos dias, quando estiverem vasculhando o lago atrás de um corpo que jamais encontrarão, eu estarei a salvo.

Vamos para a França primeiro, depois eu não sei. Tenho esperança de ver a máscara de Nefertite!

Deixei com você um segundo bilhete endereçado a Emmeline. É um bilhete suicida, de um suicídio que não ocorrerá. Ela deve encontrá-lo amanhã. Não antes. Cuide dela, Grace. Ela vai ficar bem. Ela tem muitos amigos.

Preciso pedir-lhe um último favor. É de vital importância. Não importa o que acontecer, não deixe que Emmeline se aproxime do lago esta noite. Robbie e eu partimos de lá. Não posso arriscar que ela descubra. Ela não vai entender. Por enquanto.

Vou entrar em contato com ela depois. Quando for seguro.

E agora uma última coisa. Talvez você já tenha descoberto que o medalhão que eu dei para você não está vazio. Tem uma chave escondida lá dentro, uma chave secreta para um cofre no Drummonds, em Charing Cross. O cofre está em seu nome, Grace, e tudo que está lá dentro é para você. Eu sei como você se sente a respeito de presentes, mas, por favor, aceite e não olhe para trás. Será que estou sendo presunçosa demais ao dizer que ele é a sua passagem para uma vida nova?

Adeus, Grace. Desejo-lhe uma vida longa, cheia de aventuras e amor. Deseje-me o mesmo...

Eu sei que você sabe guardar segredos.

Agradecimentos

Eu gostaria de agradecer às seguintes pessoas:

Em primeiro lugar, à minha melhor amiga, Kim Wilkins. Sem seu incentivo eu nunca teria começado, quanto mais acabado.

A Davin, por sua paciência, empatia e fé inabalável.

A Oliver, por alargar as fronteiras emocionais da minha vida e por me curar do bloqueio de escritor.

À minha família: Warren, Jenny, Julia e, em especial, a minha mãe, Diane, cuja coragem, graça e beleza me servem de inspiração.

A Herbert e Rita Davies, queridos amigos, por contarem as melhores histórias. Vocês são brilhantes!

À minha fantástica agente literária, Selwa Anthony, cuja dedicação, cuidado e competência são incomparáveis.

A Selena Hanet-Hutchins, por seus esforços a meu favor.

Às sf-sassies, pelo apoio profissional.

A todo mundo de Allen & Unwin, especialmente Annette Barlow, Catherine Milne, Christa Munns, Christen Cornell, Julia Lee e Angela Namoi.

A todos na Pan Macmillan UK, especialmente Maria Rejt, por sua competente visão editorial.

A Julia Stiles, por ser tudo o que eu esperava que fosse uma editora.

A Dalerie e Lainie, por sua ajuda com Oliver (algum outro menininho já foi tão amado?), e por me darem o presente precioso do tempo.

Às pessoas encantadoras de Mary Ryan's, por adorarem livros e fazerem um ótimo café.

Por questões práticas: agradeço a Mirko Ruckels por responder a perguntas sobre música e ópera, a Drew Whitehead por me contar a história de Miriam e Aaron, a Elaine Rutherford por me dar

informações de natureza médica, e a Diane Morton por seus conselhos inestimáveis a respeito de hábitos e objetos antigos, e por ser um árbitro do bom gosto.

Finalmente, eu gostaria de mencionar Beryl Popp e Dulcie Connelly. Duas avós muito amadas, que deixaram muitas saudades. Espero que Grace tenha herdado um pouco de cada uma de vocês.

Nota da autora

Embora os personagens de *A casa das lembranças perdidas* sejam fictícios, o cenário em que eles se movem não é. A localização social e histórica do romance sempre me fascinou: o século XX apenas surgira, e o mundo que nós conhecemos hoje estava começando a ganhar forma. A rainha Vitória morreu e, com ela, velhas certezas foram atiradas no túmulo; o sistema aristocrático começou a desmoronar, a humanidade enfrentou guerras numa escala nunca antes sonhada, e as mulheres foram até certo ponto libertadas das rígidas expectativas preexistentes em termos de função social.

Quando um escritor busca evocar um período histórico do qual não tem experiência pessoal alguma, ele precisa, é claro, fazer uma pesquisa. É impossível para mim listar aqui cada fonte que consultei; entretanto, gostaria de mencionar algumas, sem as quais o livro teria ficado mais pobre. *The Rare and the Beautiful*, de Cressida Connolly; *1939: The Last Season* e *The Viceroy's Daughters*, de Anne de Courcy; *Vita*, de Victoria Glendinning; *The Mitford Girls*, de Mary S. Lovell; *Life in a Cold Climate*, de Laura Thompson; e *The Edwardian Country House*, série televisiva do Canal 4, que mostra a vida no campo no início do século XX.

De forma mais ampla, *The Brontë Myth*, de Lucasta Miller; *Voices from the Trenches: Letters to Home*, de Noel Carthew; *The Theory of the Leisure Class*, de Thorstein Veblen; *Paris 1919*, de Margaret Macmillan; *Forgotten Voices of the Great War*, de Max Arthur; *A History of London*, de Stephen Inwood; *A Punch History of Manners and Modes*, de Alison Adburgham; *Yesterday's Britain*, do Reader's Digest; "The Repression of War Experience" de W. H. River; "Flapper Jane" de Bruce Bliven; "Moving Frontiers and the Fortunes

of the Aristocratic Townhouse” de F. M. L. Thompson; e de Michael Duffy o website firstworldwar.com, foram todos muito úteis.

Junto com essas fontes secundárias, *Sweet and Twenties*, de Beverley Nichols; *Child of the Twenties*, de Frances Donaldson; *Myself When Young*, de Daphne de Maurier; revista *Punch* e *The Letters of Nancy Mitford and Evelyn Waugh* editados por Charlotte Mosley, forneceram ricas histórias em primeira mão da vida literária nos anos 1920. Eu também gostaria de mencionar o artigo de Esther Wesley, “Life Below Stairs at Gayhurst House”, que aparece no website da Stoke Goldington Association. Para obter informações sobre etiqueta eduardiana, eu recorri, como inúmeras jovens antes de mim, ao *The Essential Handbook of Victorian Etiquette* do professor Thomas E. Hill e a *Manners and Rules of Good Society or Solecisms to be Avoided*, publicado por um membro da aristocracia em 1924.

Também devo muito às preciosas informações históricas contidas e preservadas em romances e peças escritas durante o período. Especialmente, gostaria de mencionar os seguintes autores: Nancy Mitford, Evelyn Waugh, Daphne du Maurier, F. Scott Fitzgerald, Michael Arlen, Noël Coward e H. V. Morton. Gostaria de mencionar, ainda, alguns contadores de histórias contemporâneos, cujas obras alimentaram minha fascinação pelo período social e histórico: *Vestígios do dia*, de Kazuo Ishiguro, *Gosford Park* de Robert Altman e, é claro, a produção televisiva inglesa *Upstairs Downstairs*.

Eu me interesse há muito tempo, como leitora e pesquisadora, por romances, como *A casa das lembranças perdidas*, que utilizam recursos da literatura gótica: o passado assombrando o presente; a insistência em segredos de família; a volta do que foi reprimido; a centralidade da herança (material, psicológica e física); casas mal-assombradas (especialmente assombrações metafóricas); desconfiança em relação a novas tecnologias e a novos métodos; mulheres aprisionadas (seja física ou socialmente) e a claustrofobia decorrente; duplicação de personagens; a inconfiabilidade da

memória e a natureza parcial da história; mistérios e o desconhecido; narrativa confessional; e textos embutidos. Eu incluí aqui alguns exemplos, caso haja leitores que compartilhem desses interesses e queiram ler mais: *The Chatham School Affair* de Thomas H. Cook, *Possession* de A. S. Byatt, *O assassino cego* de Margaret Atwood, *Half Broken Things* de Morag Joss e *A Dark-Adapted Eye* de Barbara Vine.

Finalmente, tendo tomado a liberdade de mencionar tantas referências e interesses, afirmo que todas as inverdades e erros são meus.

Título Original
THE SHIFTING FOG

Primeira publicação em 2006 pela Allen & Unwin, Austrália
Copyright © Kate Morton, 2006

O direito de Kate Morton a ser identificada como autora desta obra foi assegurado por ela em concordância com o Copyright, Designs and Patents Act, 1988.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Edição Digital: agosto 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M864c

Morton, Kate, 1976-

A casa das lembranças perdidas [recurso eletrônico] / Kate Morton ; tradução Léa Viveiros de Castro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.
recurso digital

Tradução de: The shifting fog

ISBN 978-85-8122-426-8 (recurso eletrônico)

1. Romance australiano. 2. Livros eletrônicos. I. Castro, Léa Viveiros de. II. Título.
14-13622

CDD: 828.99343

CDU: 821.111 (94)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

Sobre a autora

KATE MORTON é formada em artes dramáticas e literatura inglesa. *A casa das lembranças perdidas* é seu primeiro romance, foi best-seller absoluto na Inglaterra e traduzido em 31 países. Vive em Brisbane, na Austrália, com o marido e os dois filhos.